

Josemar Valdir Modes

**A Convenção Batista Independente de Língua Alemã  
(CIBILA) e a reprodução cultural do tradicionalismo  
pentecostal (1989-2009)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Doutor em História, sob a orientação da Professora e Doutora Gizele Zanotto.

Passo Fundo  
2020

### Catlogação na Publicação

M691c      Modes, Josemar Valdir.  
              A Convenção Batista Independente de Língua Alemã (CIBILA)  
              e a representação cultural do tradicionalismo pentecostal (1989-  
              2009) / Josemar Valdir Modes. – Passo Fundo, 2020.

293 f.: il.; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade de Passo Fundo. Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em  
História.

“Orientação: Dra. Gizele Zanotto”.

1. CIBILA. 2. Convenção Batista. 3. Cultura. 4. Igreja Batista. 5.  
Tradicionalismo Pentecostal. I. Zanotto, Gizele. II. Título.

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10 / 1879

## RESUMO

Esta tese analisou a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA), que se manifesta num espaço cultural singular, originador de uma região cultural, mas que pela mobilidade populacional da pós-modernidade está imersa em trocas constantes, diluentes das fronteiras estabelecidas, transformando o espaço em uma zona/faixa de fronteira cultural. A tese orientadora da pesquisa foi: A CIBILA, fundada em 1989, é propagadora de uma cultura específica oriunda do entrelaçamento das culturas alemã, russa e sueca, com requintes de adaptação à realidade brasileira, cultura esta que foi elemento constituinte da Convenção e que já foi manifesta pelas igrejas fundadoras inclusive no período em que a Convenção não existia de forma oficial, mas se fazia presente pela integração de igrejas com práticas semelhantes, perpetuando-se nas igrejas que constituem a Convenção na atualidade e que foi denominada de *tradicionalismo pentecostal*. Para esta análise foi feito um estudo dos imigrantes teuto-russos que chegaram ao noroeste do Rio Grande do Sul e estabeleceram as primeiras comunidades, que fomentaram a CIBILA como também serviram de experimento para a prática convencional. As igrejas que compõem o organismo convencional estão situadas na atualidade nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso. Para um discurso hegemônico em meio a tantas trocas e para a manutenção desta cultura vetorizada, a CIBILA se valeu de um veículo de imprensa, o *Boletim Informativo*, fundado em 1989, capaz de divulgar e consolidar a cultura singular destas comunidades, e que funcionava como caixa de ressonância dos seus pensamentos. Seu jornal foi de fundamental importância para a manutenção dos vínculos e a propagação das novas formas de pensar. A cultura propagada por esta Convenção foi denominada no trabalho de *Tradicionalismo Pentecostal* devido ao hibridismo cultural experimentado e manifesto pela CIBILA, que tem traços das teologias batista alemã tradicional, da teologia pentecostal sueca, adaptados a dois grandes momentos de mobilização social: a migração para a Rússia e a migração para o Brasil.

**Palavras-chave:** CIBILA. Convenção Batista. Cultura. Igreja Batista. Tradicionalismo Pentecostal.

## ABSTRACT

This thesis analyzed the Convention of the German-Speaking Independent Baptist Churches (CIBILA), which manifests itself in a unique cultural space, originating in a cultural region, but which, due to the population mobility of post-modernity, is immersed in constant exchanges because of the established borders, transforming space into a cultural border zone. The guiding thesis of this research was: CIBILA, founded in 1989, is a propagator of a specific culture originated from the interlacement of German, Russian and Swedish cultures, with some adaptation to the Brazilian reality, a culture that was a constituent element of the Convention and that was manifest by the founding churches even in the period when the Convention did not exist officially, but it was present through the integration of churches with similar practices, perpetuating itself in the churches that constitute the Convention today and which was called Pentecostal Traditionalism. For this analysis, a study was conducted about the German – Russian immigrants who arrived in the northwest of Rio Grande do Sul and established the first communities, which fostered CIBILA as well as served as an experiment for conventional practice. The churches that make up the conventional body are currently located in the states of Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso. For a hegemonic discourse in the midst of so many exchanges and maintenance of this vectorized culture, CIBILA relied on the press, *O Boletim Informativo*. The *Boletim Informativo* was founded in 1989 and was capable of disseminating and consolidating the unique culture of these communities, working also as a sounding board of thoughts. This newspaper was of fundamental importance for maintaining the links and propagating new ways of thinking. The culture propagated by this Convention was named as Pentecostal Traditionalism due to the cultural hybridism experienced and manifested by CIBILA, which has traces of traditional German Baptist theology, of Swedish Pentecostal theology, with all the refinements of adaptation to two great moments of social mobilization: migration to Russia and migration to Brazil.

**Keywords:** CIBILA. Baptist Convention. Culture. Baptist church. Pentecostal Tradicionalism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 01 – Volínia no final, na Rússia, no final do século XIX, para onde muitos “alemães” migraram.....	22
ILUSTRAÇÃO 02 – Regiões ocupadas por alemães na Volínia (Rússia), no ano de 1900.....	24
ILUSTRAÇÃO 03 – Localização da Colônia Guarany numa área de povoamento misto no noroeste do RS, que em 1900 recebeu o maior grupo de (i)migrantes volinianos no Brasil....	30
ILUSTRAÇÃO 04 – Imagem da Igreja Batista de Sorotschin, na Volínia (Rússia), em 1924, na Festa dos Instrumentos de Sopro.....	40
ILUSTRAÇÃO 05 – Batismo em um rio nos arredores da vila Guarany, em 1914, pelo missionário Erik Jansson .....	46
ILUSTRAÇÃO 06 – Organograma da estrutura administrativa da Igreja Batista Bethel em sua organização, em 1918.....	55
ILUSTRAÇÃO 07 – Imagem do Primeiro Congresso de Jovens, organizado pela União de Jovens das Igrejas Batistas de Língua Alemã no Rio Grande do Sul, em 1938, na Igreja Batista Bethel da Linha 8 de Agosto, RS .....	72
ILUSTRAÇÃO 08 – Banda de sopro, uma tradição preservada pelos (i)migrantes. Os instrumentos vieram da Volínia. Na imagem está a Banda de Sopro da Igreja Batista Bethel, em 1930.....	73
ILUSTRAÇÃO 09 – O Coral Instrumental era um espaço de desenvolvimento das habilidades musicais e de inserção das mulheres nos trabalhos da igreja. A imagem é da capela da Igreja Batista Bethel na Linha 8 de Agosto, em 1934.....	75
ILUSTRAÇÃO 10 – Os três primeiros missionários suecos que vieram ao Brasil: Jansson, Anna e Svensson .....	107
ILUSTRAÇÃO 11 – Cabeçalho do primeiro jornal publicado pela Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense, em 1927 .....	109
ILUSTRAÇÃO 12 – Comemoração do Jubileu de Ouro da Missão Sueca no Brasil. Na imagem estão os missionários da Missão, na Igreja Batista Bethel, na Linha Doutor Pederneiras/RS, em 1962.....	116
ILUSTRAÇÃO 13 – Culto de organização da CIBILA, durante a quinquagésima Conferência de Fé, na Igreja Batista Independente Betel (antiga Igreja Batista Bethel), na Linha Doutor Pederneiras/RS, em 1989 .....	120
ILUSTRAÇÃO 14 – Quadro das igrejas originadoras da CIBILA com seu número de membros em 1989.....	121
ILUSTRAÇÃO 15 – Localização das igrejas que originaram a CIBILA .....	122
ILUSTRAÇÃO 16 – Batismo de 72 convertidos, realizado na Igreja Batista Bethel, em 1953, pelo pastor Ernst Gestberger .....	126

<b>ILUSTRAÇÃO 17 – Primeiro Congresso Feminino, realizado na cidade de Nova Santa Rosa/PR, em 1989.....</b>	<b>129</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 18 – Cabeçalhos do <i>Boletim Informativo</i> mostrando a posterior supressão da língua alemã e a utilização da língua portuguesa nas publicações .....</b>	<b>131</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 19 – Cabeçalho do novo periódico produzido pela CIBILA, a partir de 2010, em língua alemã.....</b>	<b>132</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 20 – Igrejas Batistas Independentes e membresia por regional .....</b>	<b>170</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 21 – Igrejas e membros das igrejas pertencentes à CIBILA em 2018.....</b>	<b>171</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 22 – Gráfico do crescimento da CIBILA ao longo dos anos .....</b>	<b>172</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 23 – Localização das igrejas filiadas a CIBILA .....</b>	<b>173</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 24 – Membros das igrejas batistas de linhagem tradicional no Brasil.....</b>	<b>174</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 25 – Batistas Independentes no mundo, segundo estatísticas de 1992 .....</b>	<b>175</b>
<b>ILUSTRAÇÃO 26 – Transformação de palavras portuguesas em expressões “alemãs” .....</b>	<b>183</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

BI – *Boletim Informativo*

CEBS - Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense

CIBI – Convenção das Igrejas Batistas Independentes

CIBILA – Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã

CIEBIB - Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil

DILA – Departamento das Igrejas de Língua Alemã

INTERMOBI – Mocidade Batista Independente Interestadual

MOBILA – Mocidade Batista Independente de Língua Alemã

ÖM - Organização Missionária de Örebro (*Örebromissionen*)

UMBILA - União dos Ministros Batistas Independentes de Língua Alemã

UMBI – União dos Ministros Batistas Independentes

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 UM CONTINGENTE POPULACIONAL EM (I)MIGRAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 O processo histórico de emigração da Europa para o Brasil .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 A vinda ao Brasil.....</b>	<b>28</b>
<b>1.3 A vida religiosa adaptada à nova realidade.....</b>	<b>38</b>
<b>2 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO BRASIL .....</b>	<b>48</b>
<b>2.1 Liderança religiosa.....</b>	<b>67</b>
<b>2.2 Atividades de sociabilidade e de divulgação cultural.....</b>	<b>69</b>
<b>2.3 Cultura religiosa teuto-russo-sueca: uma teia de significados .....</b>	<b>78</b>
<b>3 A CONVENÇÃO BATISTA INDEPENDENTE DE LÍNGUA ALEMÃ EM ANÁLISE (1989-2009) .....</b>	<b>87</b>
<b>3.1 Fatores fomentadores da organização da CIBILA .....</b>	<b>88</b>
<b>3.2 Os diferentes começos para a estruturação da CIBILA.....</b>	<b>98</b>
3.2.1 Conferências da Convenção e as Conferências de Fé.....	104
3.2.2 A Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã – CIBILA.....	120
<b>4 AS AÇÕES RESPONSÁVEIS PELA MANUTENÇÃO DA CIBILA .....</b>	<b>143</b>
<b>4.1 A CIBILA como região cultural .....</b>	<b>143</b>
<b>4.2 A CIBILA como fronteira ou faixa/zona de fronteira cultural.....</b>	<b>151</b>
<b>4.3 A inserção da CIBILA no campo religioso brasileiro.....</b>	<b>162</b>
4.3.1 Os batistas independentes no movimento pentecostal brasileiro .....	162
4.3.2 Dados estatísticos sobre os batistas independentes.....	167
<b>5 A CONVENÇÃO BATISTA INDEPENDENTE E A VETORIZAÇÃO DE SUA CULTURA .....</b>	<b>176</b>
<b>5.1 Os filtros determinantes para o tradicionalismo pentecostal.....</b>	<b>177</b>
5.1.1 A germanidade imaginada na Convenção .....	178
5.1.2 A idealização do missionário sueco e sua perspectiva teológica .....	185
<b>5.2 A cultura religiosa da CIBILA: o Tradicionalismo Pentecostal.....</b>	<b>195</b>
<b>5.3 A CIBILA no espectro do pentecostalismo brasileiro .....</b>	<b>213</b>
<b>5.4 A centralidade da organização convencional para a difusão cultural.....</b>	<b>226</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>236</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>240</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>248</b>
<b>ANEXO A – PRIMEIRO ESTATUTO DA CONVENÇÃO .....</b>	<b>265</b>
<b>ANEXO B – ATAS DA ORGANIZAÇÃO DA DILA.....</b>	<b>267</b>
<b>ANEXO C – CARTA DO LÍDER DA DILA .....</b>	<b>268</b>



<b>ANEXO D – ATA DE ORGANIZAÇÃO DA CIBILA.....</b>	<b>270</b>
<b>ANEXO E – PRIMEIRO <i>BOLETIM INFORMATIVO</i> .....</b>	<b>282</b>
<b>ANEXO F – PASTORES E MISSIONÁRIOS DA CIBILA .....</b>	<b>294</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como propósito analisar a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA) no período de seu surgimento, entre 1989 a 2009. Este agrupamento de igrejas é uma Convenção Regional, filiada à Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI) em nível de organização nacional, que abarca diversas convenções batistas independentes regionais e estaduais. A CIBILA foi fundada no dia 13 de janeiro de 1989, na Linha Doutor Pederneiras do município de Cândido Godói/RS. Os Batistas Independentes no Brasil são originários da Missão de Örebro – Suécia, organização fundada por John Ongman em 1892. Como grupo étnico, são majoritariamente alemães oriundos da Rússia. Em termos culturais percebe-se estas três vertentes de forma bem presente: a cultura alemã, a russa e a sueca, que darão base ao estudo desta manifestação cultural a partir do conceito de *teia de significados*, proposta por Clifford Geertz<sup>1</sup>.

O recorte temporal adotado nesta pesquisa – 1989 a 2009 – tem como propósito analisar as duas primeiras décadas de organização desta instituição convencional e se justifica pelas práticas comuns manifestas durante este período, representando certa homogeneidade de pensamento e de reprodução de práticas e crenças. Nos últimos anos a CIBILA vem vivenciando mudanças no contexto brasileiro, e por ser uma história recente não seria prudente tecer argumentos sobre esta estrutura em transformação. O recorte não limitará a inserção de informações do passado, desde a organização das primeiras comunidades e o caminho para a estruturação convencional, necessárias para que se tenha uma compreensão da forma de pensar teuto-russa-sueca; ao mesmo tempo, algumas práticas que seguem até a atualidade também serão indicadas, mesmo quando excedem o recorte temporal estabelecido neste estudo.

O grupo de (i)migrantes que se deslocou para a Rússia, objeto de estudo desta tese, serão designados no trabalho como alemães, mas é “importante destacar que até 1870 a Alemanha não existia como um país, e sim como um agrupamento de pequenos reinos”<sup>2</sup>. Por isso, tratar como alemães os (i)migrantes que chegaram à Rússia antes deste período e que posteriormente se deslocaram para o Brasil seria um anacronismo histórico. Porém será usada a expressão “alemães” para se referir ao grupo em deslocamento por ser a forma como eles próprios se denominam.

O entrelaçamento cultural do grupo vai além deste deslocamento entre reinos da Europa, da Rússia e do Brasil. Depois de instalados no país, nos anos de 1900, por meio de

---

<sup>1</sup> GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p. 21.

<sup>2</sup> RADÚNZ, Roberto. **Do poder de Deus depende**. Santa Cruz: UNISC, 1996, p. 31.

correspondências escritas por (i)migrantes suecos da Vila Guarany (hoje Guarani das Missões), interior do Rio Grande do Sul, foi feito um pedido e um missionário sueco foi enviado pela missão de Örebro para trabalhar com este grupo. Na região da Vila Guarani encontravam-se também outros (i)migrantes, vindos de diferentes lugares. Estes também necessitavam de atendimento religioso e ao saber da vinda de um missionário sueco eles o procuraram. Estima-se que cerca de 80% da população estrangeira que veio para a região Noroeste do Rio Grande do Sul, onde a CIBILA foi fundada, era classificada como de origem alemã, enquanto os 20% restantes eram atribuídos a outras etnias, como polonesa, portuguesa, italiana e pomerana. A maioria destes imigrantes, na verdade, é oriunda da Rússia, numa região denominada na época de Volínia. Nesta área atualmente se encontram a Polônia e a Ucrânia<sup>3</sup>.

Destes (i)migrantes não suecos que procuraram o missionário Jansson têm predominância os de origem teuto-russa. O missionário passou a atender a todos, mas em 1918 os imigrantes suecos não aceitaram mais este trabalho conjunto com os teuto-russos e se separaram do grupo. A partir deste momento, o missionário passou a fundar igrejas de teologia sueca, mas de imigrantes alemães. Uma das primeiras igrejas fundadas é a Igreja Batista Independente Betel<sup>4</sup>. Estabeleceu-se assim um hibridismo cultural religioso, resultado deste contato com os diferentes.

A partir de 1988 estas comunidades teuto-russas-suecas passaram a se organizar em Convenções Regionais. No dia 13 de janeiro de 1989 foi organizada a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA), com igrejas no Rio Grande do Sul (Igreja Batista Independente Betel, Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva e Igreja Batista Zoar) e no Paraná (Igreja Batista Independente Filadélfia e Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa). Esta organização em Convenção dinamizou a expansão de igrejas com estas características e na atualidade a CIBILA tem igrejas nos Estados do Rio Grande do Sul, de

---

<sup>3</sup> SUDHAUS, Paul W. L. *Nochmals im Westens, Sonntagsblatt*, 13(47): 186, 1900. In. WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e Colonização**. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 87.

<sup>4</sup> IGREJA BATISTA INDEPENDENTE BETEL é o nome atual da comunidade em estudo. Desde a sua organização a comunidade adota em seu nome a expressão *Bethel*, que com o tempo passa a ter a grafia *Betel*, dando continuidade ao nome que tinha quando ainda estava ligada aos imigrantes suecos. Na primeira ata, fala-se da igreja como Igreja Batista Alemã Bethel, mas nas demais atas menciona-se apenas o nome Igreja Batista Bethel. Na década de 60, quando a Convenção das Igrejas Batistas Independentes passou a exigir das novas igrejas a incorporação do nome *Independente*, esta comunidade assume este nome também, embora a igreja de Pederneiras fosse uma das mais antigas da Convenção e, por isso, não se enquadrasse na obrigatoriedade da utilização do nome. Ela passou a se denominar Igreja Batista Independente Betel como forma de manifestar a sua clara relação com a CIBI. In. MODES, Josemar Valdir. **Igreja Batista Independente Betel – 1918-2018: a casa de Deus para aqueles que buscaram abrigo**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018, p. 9; 60.

Santa Catarina, no Paraná e em Mato Grosso. A organização convencional entre os batistas foi “fator de convergência e de união”<sup>5</sup>.

A CIBILA, constituída pelas igrejas batistas que se agruparam para sua formação, é uma associação religiosa pautada nos procedimentos cooperativos de reunião de esforços e providências que autorizam o surgimento de entidades e órgãos que, pela iniciativa e com o apoio e controle das igrejas, se tornem instrumentos para a realização dos propósitos que têm em comum. A Convenção aparece, na experiência batista, como um instrumento para canalizar e dar expressão concreta ao desejo das igrejas. Ela não está acima das igrejas e por isso esta expansão voluntária de uma cultura singular chama a atenção. Os batistas também adotam, como forma de governo da igreja, o sistema congregacional, que carrega consigo a ideia da participação igualitária em todos os segmentos e trabalhos da igreja. Teoricamente não existe hierarquia e as decisões são tomadas pela assembleia dos membros, que se submetem individual e voluntariamente a esta cultura eclesiástica adotada pela comunidade<sup>6</sup>.

Embora a história da CIBILA seja recente, com apenas 31 anos, ela tem em seu grupo cooperante algumas igrejas prestes a comemorar seu centenário e algumas já centenárias. Estas igrejas já se reuniam antes da existência da Convenção como organização oficial. Nesta pesquisa será necessária a análise do surgimento das igrejas fundadoras e a descrição dos seus momentos de integração, como um germe da Convenção a ser formada já em fins do século XX. Este estudo é importante porque nos primórdios não oficiais é que se estabeleceram as bases do relacionamento e cooperação que foram adotados no período posterior, em que a Convenção se torna esta organização oficial.

Chama a atenção e merece destaque na pesquisa o fato de como, em meio à “democracia defendida e praticada” e em meio a diferentes correntes (i)migratórias, a CIBILA conseguiu e consegue manter muitos de seus costumes, como as suas festividades, a constituição familiar e a importância do casamento, a relação dos pais para com os filhos e dos filhos entre si, destacando principalmente o uso e a perpetuação da língua alemã em seu contexto. Depois de cem anos, os traços de germanidade estão presentes em todas as igrejas da CIBILA, não importa o Estado no qual se localizam. Imagina-se que este fator seja motivado exatamente pelo princípio da cooperação voluntária, e aqueles que se identificam acabam se juntando ao grupo, auxiliando na manutenção destas marcas e ressignificando-as ao seu contexto contemporâneo.

---

<sup>5</sup> SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). **Pacto e comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010, p. 65.

<sup>6</sup> SOUZA, 2010, p. 71.

Em meio a uma sociedade com aproximações culturais e, ao mesmo tempo miscigenada, sem contar o contexto inicial, que colocava estes (i)migrantes em contato com diferentes correntes migratórias, cercados por costumes e hábitos distintos e com a pressão do governo, em alguns períodos, obrigando a comunidade a se abrigar, apesar de todos estes fatores limitadores, a CIBILA mantém uma bagagem cultural característica pelo interior de vários Estados brasileiros. A principal ligação entre os que compõem estas comunidades é a sua religião, praticada semanalmente, e que deve ser o vetor desta corrente cultural. Este quadro intenso leva à tese norteadora desta pesquisa: A Convenção das Igrejas Batista Independente de Língua Alemã (CIBILA), fundada em 1989, é propagadora de uma cultura específica oriunda do entrelaçamento das culturas alemã, russa e sueca, com requintes de adaptação à realidade brasileira, originando esta cultura que foi elemento constituinte da Convenção e que já foi manifesta pelas igrejas fundadoras inclusive no período em que a CIBILA não existia de forma oficial, mas se fazia presente pela integração de igrejas com práticas semelhantes, perpetuando-se nas instituições que constituem a Convenção na atualidade. Ao longo do trabalho serão apresentadas algumas imagens de cunho meramente ilustrativo, buscando dar uma visão do texto que as cerca e dos principais momentos de aglomeração vivenciados pelas comunidades e pela CIBILA.

Na tese defende-se que a preservação dos traços culturais manifestos pelas igrejas da CIBILA passou essencialmente pela dimensão religiosa. Os principais lugares em que estas características são demonstradas são nas reuniões das igrejas que compõem a Convenção. Os estatutos eclesiásticos e mesmo a tradição oral reproduzida por estes grupos levou a um estilo de vida característico, que será denominado de *tradicionalismo pentecostal*, que é uma junção das práticas batistas tradicionais das igrejas alemãs com o movimento pentecostal de primeira onda advindo da Suécia, além de requintes de hibridização com outras crenças e práticas comuns ao cenário brasileiro, uma singular herança cultural manifesta pelo grupo.

A historiografia sobre o grupo em questão, bem como das comunidades de forma particular, não é muito ampla. Poucos estudos foram elaborados sobre a CIBILA e menos ainda sobre as igrejas que compõem o grupo. Por causa desta deficiência, será preciso recorrer às fontes produzidas pelo próprio grupo, respeitando as particularidades deste tipo de literatura. Ao se realizar uma pesquisa histórica com atas deve-se considerar três importantes aspectos: “seu caráter de fonte oficial; a necessidade de utilizar uma metodologia de análise baseada no cruzamento de informações com outras fontes; e, a necessidade de uma análise que apreenda

não somente o conteúdo explícito, mas também o implícito”<sup>7</sup>. Estas fontes precisarão ser comentadas e analisadas constantemente, observando seu contexto de formulação.

Existem silêncios e lacunas no tocante ao espaço da mulher na teologia e no ambiente eclesial, o que faz com que elas não apareçam tanto quanto deveriam, mas há na pesquisa em questão uma preocupação de retratar a participação feminina na constituição das comunidades e da Convenção<sup>8</sup>. Mas é preciso levar em conta que dentro do contexto teológico este silêncio acerca das mulheres é perceptível, evidenciando a preponderância do masculino sobre o feminino<sup>9</sup>, apontando em seu bojo teológico, dentro de sua prática institucional e histórica, uma visão específica que estabelece e delimita os papéis femininos e masculinos<sup>10</sup>.

A religião é parte de uma cultura que retrata a sociedade em que seus membros estão inseridos. As dificuldades encontradas pelas mulheres no meio eclesial provêm da cultura patriarcal que vêm sendo sustentada pela própria estrutura social, que prevalece há séculos<sup>11</sup>. Os discursos e as práticas religiosas carregam as marcas dessa segregação. Para Nunes, "normas, regras, doutrinas, são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas, inclusive no cristianismo"<sup>12</sup>, relegando as mulheres a uma postura de silêncio. Lamentavelmente as fontes se reportam pouco às mulheres.

Também se nota um vazio de escrita sobre outras manifestações culturais e grupos de colonização no entorno das comunidades originadoras da Convenção. O silêncio é proposital, uma vez que havia clara ideia de retratar uma convenção com traços étnicos: a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de **Língua Alemã**.

Nesta pesquisa dois conceitos recebem destaque: cultura e religião/crenças. Portanto, é necessário elucidar de forma breve estes dois conceitos e a forma como nortearão a pesquisa. Sobre cultura, será utilizado o conceito de Geertz, que a define como

Um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio das quais

<sup>7</sup> BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos: fontes documentais. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.

<sup>8</sup> MACHADO, Alzira. **Basta de violência contra as mulheres**. São Leopoldo: CEB, 2016, p. 9.

<sup>9</sup> SANCHES, M. A. (org.). Mulher, sociedade e religião. **Congresso de Teologia da PUCPR**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteologia/2009/139>. Acesso em: 25 jun. 2018. Curitiba, n. 9, 2009, p. 139.

<sup>10</sup> MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes. **Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a Assembleia de Deus e a Bola de Neve Church**, em Campina Grande – PB. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais). Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2015, p. 42.

<sup>11</sup> MARINHO, Diane Marcy de Brito. **Atuação de mulheres em ministérios pastorais: realidade presente em textos bíblicos**. Goiânia: PUC Goiânia, Departamento de Filosofia e Teologia, 2004, p. 9.

<sup>12</sup> NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 13, n. 2, 2005, p. 362.

os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem conhecimento e suas atividades em relação à vida<sup>13</sup>.

A definição é bem pertinente ao grupo religioso que está sendo estudado, uma vez que sua manifestação cultural tem raízes antigas entrelaçadas com aspectos do presente, que se expressam de forma simbólica na religião praticada pelo grupo. Elementos simbólicos são as bases visíveis das crenças religiosas que atuam na vida das pessoas e que, segundo Durkheim

são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas<sup>14</sup>.

Para Durkheim, a religião se torna a base que orienta a forma de viver das pessoas que se submetem aos seus sistemas organizados e perpetuados por meio de discursos seletivos e legitimadores. Já Certeau afirma que a crença evoca “não o objeto do crer (um dogma, um programa, etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-las considerando-a verdadeira – noutros termos, uma modalidade da afirmação e não o seu conteúdo”<sup>15</sup>.

A nova crença surgida devido à aproximação destes teuto-russos com os missionários suecos é o grande objetivo desta pesquisa, que mostra uma forma de pensar criada pelo grupo e difundida em solo brasileiro. Este conteúdo diferente separou famílias e dividiu comunidades religiosas, tornando-se a principal expressão de vida de seus defensores e propagadores.

Tendo como objetivo analisar a Convenção das Igrejas Batista Independente de Língua Alemã (CIBILA) como articuladora de igrejas e como vetor cultural, será apresentado, no primeiro capítulo, a dinâmica (i)migratória dos europeus para a Rússia e posteriormente ao Brasil, avaliando o surgimento das primeiras comunidades. Serão apontados os principais motivos que levaram ao deslocamento para a Rússia e de lá para o Brasil, com destaque aos aspectos culturais e religiosos hibridizados nestas mudanças para o estabelecimento das primeiras igrejas batistas de teuto-russos no Rio Grande do Sul. A formação religiosa deste grupo esteve intimamente ligada com as colônias estabelecidas na Rússia, principalmente na região da Volínia, cujo agrupamento contribuiu para a formação de um modo singular de ser batista, que foi adaptado no Brasil pelo contato com os missionários suecos e o surgimento da primeira comunidade teuto-russa-sueca, a Igreja Batista Bethel. Será dado destaque ao

---

<sup>13</sup> GEERTZ, 2008, p. 103.

<sup>14</sup> DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 72.

<sup>15</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 278.

surgimento desta comunidade, pois a partir dela surgem as demais que posteriormente formam a CIBILA. Também foi esta a igreja que tomou iniciativa nas decisões em torno da formação da estrutura convencional.

Ocorreram intensas trocas culturais nestas mobilidades sociais, deslocamentos e contatos com o outro, conforme já apontado pelo historiador Stuart Hall ao falar sobre as características da pós-modernidade, período em que a CIBILA foi estruturada. A cultura religiosa que se formou é semelhante a uma grande teia, na qual os significados estão interligados às diferentes pessoas e vivências<sup>16</sup>. Esta forma de orientar a vida se tornou a identidade do grupo, que serviu de base para determinar as práticas, mas que também foi estruturando o grupo ao longo do tempo, definindo o que se pode ou não fazer<sup>17</sup>, criando representações que se tornaram a parte visível desta forma de crer. As representações são sempre uma forma de dominação do grupo que as origina e usa como forma de demonstração da sua cultura e apresentação do que considera como sendo verdadeiro<sup>18</sup>.

Estas novas formas de ser, muitas vezes conflitantes com a forma de pensar que os indivíduos tinham antes de sua incorporação ao grupo, são fruto da aceitação de múltiplas identidades presentes no sujeito pós-moderno. Este fenômeno social também valoriza a manutenção do diferente, e culturas de menor expressão acabam buscando formas de se perpetuarem e sobreviverem em meio ao contexto de globalização<sup>19</sup>. Desta forma, as igrejas da CIBILA, mesmo sem grande expressão no cenário religioso brasileiro, conseguiram manter a sua linha de pensamento, trazendo outras pessoas a esta mesma expressão religiosa, adotadas por elas como sendo sua, e manifestando-a em diferentes Estados.

Na sequência se fará a descrição e análise do surgimento da CIBILA, em 1989, buscando compreender os motivos que provocaram a criação da Convenção e a filiação voluntária a esta organização. Este processo de estabelecimento convencional foi longo e lento: iniciou-se em 1920 e somente 69 anos depois é que se concretizou com os ideais pretendidos. Serão analisados esta construção histórica e os agrupamentos iniciais que fortaleceram os vínculos e deram os direcionamentos singulares para a criação da CIBILA. Um elemento importante nesta conjuntura é o órgão de imprensa oficial criado pela CIBILA no ano de sua organização: O *Boletim Informativo*. Será necessário entender o papel da imprensa na consolidação deste agrupamento. Ao final desta parte se mostrará a projeção dos Batistas

---

<sup>16</sup> GEERTZ, 2008, p. 4.

<sup>17</sup> BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Zouk, 1979, p. 191.

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, s/d, p. 17.

<sup>19</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 10.



Independentes no Brasil e sua proliferação no mundo. Esta identidade denominacional surgiu na Igreja Batista Bethel (a primeira comunidade do grupo, apontada no primeiro capítulo) e se espalhou pelo Brasil inteiro.

A formação convencional tornou a CIBILA um espaço regional cultural, com delimitações claras e procedimentos aceitos como legítimos e necessários por todos aqueles que participam desta região. As fronteiras culturais estabelecidas são para a CIBILA o poder simbólico necessário para a sua organização e a orientação de seus membros<sup>20</sup>. Ao mesmo tempo, em seus procedimentos e práticas, a CIBILA se assemelha a um espaço cultural fronteiro, com intensas trocas culturais e também com a incorporação de novos indivíduos e práticas<sup>21</sup>.

O veículo de imprensa oficial da CIBILA, o *Boletim Informativo*, foi o jornal responsável pela organização do espaço regional cultural e também pela manutenção da Convenção como zona de fronteira cultural, estabelecendo limites e demarcando o pertencimento entre os integrantes do grupo, como também trazendo novas práticas e pessoas, tidas como legítimas pelo mecanismo de imprensa, para serem incorporadas pelas comunidades posteriormente, por serem vistas como autorizadas pela liderança convencional<sup>22</sup>.

Na parte final da pesquisa se buscará abranger os aspectos culturais preservados pelos (i)migrantes que vieram ao Brasil e originaram as igrejas da CIBILA, relacionando a cultura oficial do agrupamento religioso com aspectos culturais próprios, criados a partir da interação entre a cultura anterior e a dos demais (i)migrantes. Também serão analisadas as possibilidades e limites das ações das comunidades religiosas em seu trabalho de transmissão cultural. Será observado, com destaque, a cultura religiosa do grupo e a agregação de elementos religiosos tradicionais, advindos das igrejas batistas alemãs, em consonância com elementos batistas tradicionais vindos da sociedade missionária de Örebro, da Suécia. Estas duas maneiras de pensar teologia, permeadas pelas duas primeiras ondas do pentecostalismo no Brasil, produziram uma nova forma de ser igreja, com uma cultura religiosa denominada de *Pentecostalismo de Imigração*.

---

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa e Rio de Janeiro: Difel e Bertrand Brasil, 1989, p. 118.

<sup>21</sup> HEREDIA, Edmundo. Cono Sur: el fin de las regiones de fronteira. **Cadernos do CHDD**, Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, ano 6, edição especial, 2007, p. 201-204.

<sup>22</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** – os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 2, p. 119.

## 1 UM CONTINGENTE POPULACIONAL EM (I)MIGRAÇÃO

Neste primeiro capítulo será estudada a movimentação dos (i)migrantes que saíram da atual Alemanha, passaram pela Rússia e se estabeleceram no Noroeste do Rio Grande do Sul, constituindo a principal igreja da CIBILA: a Igreja Batista Independente Betel, da Linha Doutor Pederneiras, no atual município de Cândido Godói/RS, em 1918. Desta comunidade se originaram todas as demais e ela estabeleceu o padrão de “ser” *Batista Independente de Língua Alemã*. Esta comunidade será o foco de estudo neste capítulo para que se tenha informações para os próximos, que abordarão a junção destas igrejas que surgiram a partir da Igreja Batista Bethel (atual Igreja Batista Independente Betel).

Para que se compreenda alguns aspectos singulares do grupo em estudo, há a necessidade de voltar muito no tempo, uma vez que as comunidades que compõem a CIBILA tiveram em sua constituição maciça maioria de (i)migrantes de cultura alemã, que vieram da Rússia, em 1900, de uma região conhecida como Volínia. Buscar-se-á compreender como estes (i)migrantes chegaram até a Rússia, sob quais circunstâncias, e o que fez com que emigrassem ao Brasil depois de estabelecidos naquele lugar.

Interessante destacar que saíram de uma região da Rússia e se estabeleceram como grupo colonizador no Noroeste do Rio Grande do Sul, aproximação que ajudou na preservação de seus traços culturais distintos, fruto já do hibridismo cultural, mas que no processo (i)migratório foi desacelerado. Sobre *hibridismo cultural*<sup>23</sup> passa-se a observar as definições do historiador Peter Burke que, em seus estudos, destaca diversos termos a ele associados que ajudam a compreender seu significado: empréstimo, caldeirão cultural, ensopadinho cultural, tradução cultural e crioulização. Todos estes termos apontam para um processo cultural em que ocorre a apropriação e reprodução de determinadas práticas, que aos poucos são acomodadas dentro de um contexto específico, negociando pela sua legitimidade de reprodução, gerando a mistura, o sincretismo e a hibridização, para serem, no futuro, traduzidas pelo grupo em que são manifestas<sup>24</sup>. Para Burke a “troca é uma consequência dos encontros”<sup>25</sup>. Os membros constituintes das primeiras comunidades Batistas Independentes de Língua Alemã manifestaram uma cultura híbrida, fruto deste contato, reprodução, acomodação e posterior tradução, sendo diferente do que era em seu princípio, e estabelecendo a sua forma própria de ser igreja.

---

<sup>23</sup> O HIBRIDISMO CULTURAL é um conceito discutido com mais profundidade no final deste capítulo.

<sup>24</sup> BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 39-54.

<sup>25</sup> BURKE, 2006, p. 77.

Um dos traços culturais característicos do grupo foi a sua denominação religiosa. Muitos deles eram batistas e o assentamento em solo sul-rio-grandense aproximou as famílias de tradição religiosa semelhante. Adotaram para si um missionário batista, porém de linhagem pentecostal e não tradicional, como eles estavam acostumados na Europa. Esta teia de significados que se estabeleceu por meio da comunidade religiosa moldou um perfil religioso característico: o *tradicionalismo pentecostal*, um dos traços culturais marcantes e únicos do grupo em estudo.

A teologia batista tradicional, mencionada em muitos momentos nesta tese, tem característica próprias, vinculadas aos imigrantes que estabeleceram comunidades batistas alemãs, pastoreadas por missionários e pastores desta mesma etnia, e que divergem em pequenos aspectos teológicos das demais comunidades batistas que tiveram vínculo com missionários norte-americanos. Precisa-se ter em mente a perspectiva teológica manifesta por estas comunidades teutas, até porque elas foram organizadas na Volínia por pastores e missionários de fala alemã.

Ao longo do trabalho irá se expor o tradicionalismo pentecostal com as suas manifestações. De forma sintética e para compreensão das abordagens que seguem, pode-se afirmar que ele é uma junção das práticas batistas tradicionais das igrejas alemãs permeadas pelo movimento pentecostal de Primeira Onda advindo da Suécia, com requintes de hibridização com outras crenças e práticas comuns ao cenário brasileiro.

Neste primeiro capítulo será descrito o deslocamento deste contingente populacional de diferentes regiões para a Rússia e o posterior deslocamento ao Brasil. Serão destacadas as primeiras comunidades religiosas organizadas por estes (i)migrantes, apontando para o hibridismo cultural em processo, originador de uma identidade cultural por meio do contato com o outro/diferente e da ressignificação da própria bagagem cultural pela experiência do indivíduo inserido no grupo, numa visão de cultura como uma teia de significados.

## 1.1 O processo histórico de emigração da Europa para o Brasil

Em um estudo anterior sobre a Convenção Batista Independente de Língua Alemã (CIBILA)<sup>26</sup>, já se apresentou a necessidade de se fazer uma retrospectiva histórica, por envolver (i)migrantes de dupla nacionalidade<sup>27</sup>. É preciso voltar um pouco mais no tempo para se

<sup>26</sup> MODES, Josemar Valdir. Hegemonia cultural batista independente e mídia: contribuições contextuais e midiáticas para a formação da hegemonia cultural. **Revista Batista Pioneira**, v. 5, n. 2, dezembro/2016, p. 253-273.

<sup>27</sup> A DUPLA NACIONALIDADE não foi oficial, em termos de registros, mas manifesta-se principalmente pelos aspectos culturais carregados pelo grupo em estudo.

compreender como ocorreu a colonização da região Noroeste do Rio Grande do Sul, por se ter em mente um grupo de (i)migrantes teuto-russos que originaram a CIBILA. Teresa Christensen<sup>28</sup> explica que estes (i)migrantes eram marcados por duas nacionalidades designatórias porque vieram da Rússia ao Brasil, mas mantiveram traços culturais da sua terra natal, a Alemanha, de onde emigraram primeiramente. Esta dupla nacionalidade e mobilidade pode ser a explicação para a assimilação de elementos culturais diferentes, o que foi importante para o estabelecimento da CIBILA<sup>29</sup>.

René E. Gertz destaca a importância de se estudar estes (i)migrantes, chamados por ele de *teuto-russos*, pelas peculiaridades que o contingente populacional em imigração apresentou. Segundo ele as especificidades seriam:

1º) vivências em país diferente daquele de origem, antes de chegar ao Brasil, isto é, migrantes que fizeram uma migração anterior àquela de chegada ao Brasil; 2º) certa peculiaridade no próprio tipo de pessoas que saiu da Alemanha para a Rússia, significando que a migração para aquele país incluiu contingentes com alguma peculiaridade [...] peculiaridades religiosas; 3º) diferentes levas vindas para o Brasil tiveram diferentes motivações para migrar para cá, as quais os distinguem dos “alemães” em geral, mas também os distinguem entre si; aqui se trata de mostrar que a motivação de sair da Alemanha para a Rússia pode ter sido uma, mas a saída da Rússia para o Brasil pode ter sido bem outra, dependendo da época dessa migração, diferenciando esses imigrantes pela cronologia<sup>30</sup>.

Irá se analisar como ocorreu esta imigração de alemães para a Rússia, para então se verificar a vinda destes ao Brasil. Os que deixaram a Europa no século XIX<sup>31</sup> o fizeram, em sua maioria, porque buscavam melhores condições de vida. A reorganização da Europa após o período de Napoleão (1814), com a restauração de antigas fronteiras e de muito que foi destruído na guerra napoleônica<sup>32</sup>, fez surgir a Confederação Alemã (*Deutscher Bund*)<sup>33</sup>, marcada por pequenos estados que falavam o mesmo idioma numa ideia de unificação, que não foi tão presente diante das constantes disputas pelo domínio territorial entre estes estados. As disputas associadas à falta de terras cultiváveis – havia muitas pessoas e pouca terra em

<sup>28</sup> ANETE ROSANE KREBS GUIMARÃES E HOLDI KREBS organizam uma obra com vários pesquisadores sobre a ocupação da Colônia Guarani, enfatizando os núcleos de colonização decorrentes da expansão da Colônia Guarani: Santa Rosa. Eles coletam diversas entrevistas e relatam a história dos imigrantes volinianos, que são o grupo mais expressivo que chega ao local entre o século XIX e XX.

<sup>29</sup> CHRISTENSEN, Teresa. Os caminhos percorridos pelos alemães da Rússia na Colônia Santa Rosa. In: GUIMARÃES, Anete Rosane Krebs; KREBS, Holdi (org.). **Caminhos percorridos pelos alemães da Rússia:** na Colônia Guarani/Santa Rosa. Santa Rosa: Fundo Municipal de Cultura, 2015, p. 34.

<sup>30</sup> GERTZ, René E. Existem teuto-russos no Brasil? In: DREHER, Martin N. (org.). **Migrações:** mobilidade social e espacial. São Leopoldo: Oikos, 2010, p. 58.

<sup>31</sup> EMIGRAÇÃO ALEMÃ DE 1820 a 1870: “1821-30 – 50 mil emigrantes; de 1831-40 – 210 mil emigrantes; de 1841-50 – 480 mil emigrantes; de 1851-60 – mais de um milhão de emigrantes; 1861-70 – 782 mil emigrantes.” In: DREYFUS, François. **História Universal:** o tempo das revoluções - 1787-1870. Lisboa: D. Quixote, 1981, p. 190.

<sup>32</sup> MÜLLER, Telmo Lauro. **Nacionalização e imigração alemã.** São Leopoldo: Unisinos, 1994, p. 5.

<sup>33</sup> CUNHA, Jorge Luiz (Org.). **Cultura Alemã 180 anos.** Porto Alegre: Bilingue, 2004, p. 17.

condições devido ao terreno acidentado – aumentava a situação de miséria da população camponesa<sup>34</sup>.

Algumas iniciativas trouxeram mais complicações para os camponeses, com destaque à “reforma agrária” realizada entre os anos de 1810 e 1816 por Karl August von Hardenberg<sup>35</sup>. Ela atingiu o pequeno camponês também, levando-o a ter de entregar parte das suas terras, tornando-se inviável seu sustento no campo, a não ser que conseguisse trabalhar como funcionário nas grandes propriedades que permaneceram<sup>36</sup>, limitando as oportunidades de trabalho e forçando os pequenos camponeses a migrarem para as cidades<sup>37</sup>.

Associado a este cenário de (i)migração estão algumas calamidades relacionadas ao clima:

A partir de 1842, há em todo o sudeste alemão uma enorme carência de alimentos, devida principalmente aos sucessivos fracassos das safras de batata, que causavam várias centenas de milhares de mortos pela fome entre 1842 e 1850 e provocam o início do surto emigratório nesta região<sup>38</sup>.

Os ideais de expansão territorial, associados à fome e à falta de oportunidades, incentivados por recrutadores estrangeiros, fizeram com que milhares de alemães (i)migrassem para outros lugares<sup>39</sup>. É provável que uma prática cultural alemã também tenha incentivado o processo (i)migratório para a Rússia. Era comum entre os alemães a prática da unigenitura, na qual apenas um de seus filhos, responsável pelo cuidado dos pais no futuro, era o receptor de toda a herança da família, forçando os demais filhos a deixarem a propriedade em busca de novas oportunidades<sup>40</sup>.

Wilson Wutzke<sup>41</sup> mostra que estes imigrantes alemães buscavam terras e, por meio delas, a possibilidade de terem uma vida melhor. Também não tinham muito a perder, pois viviam numa situação de miséria. Dentre os vários países que receberam estes imigrantes, destaca-se a Rússia, com suas terras propícias para a agricultura. Estas terras passaram a ser o

---

<sup>34</sup> BUSSE, Valdino. **A práxis pastoral entre os imigrantes alemães e seus descendentes na região noroeste do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: EST, 2009, p. 8.

<sup>35</sup> Sobre a reorganização agrária feita por August von Hardenber confira: RADÜNZ, 1996, p. 32-34.

<sup>36</sup> VERLANG, William. **Colônia Santo Ângelo – 1857-1890**. Santa Maria: [s.n.], 1991, p. 23.

<sup>37</sup> **MOSTRA Comemorativa do 83º Aniversário de Ijuí**. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1973, p. 11.

<sup>38</sup> CUNHA, Jorge Luiz da. **Os colonos alemães de Santa Cruz e a fomicultura**: Santa Cruz do Sul; Rio Grande do Sul, 1849-1881. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 1988, p. 28.

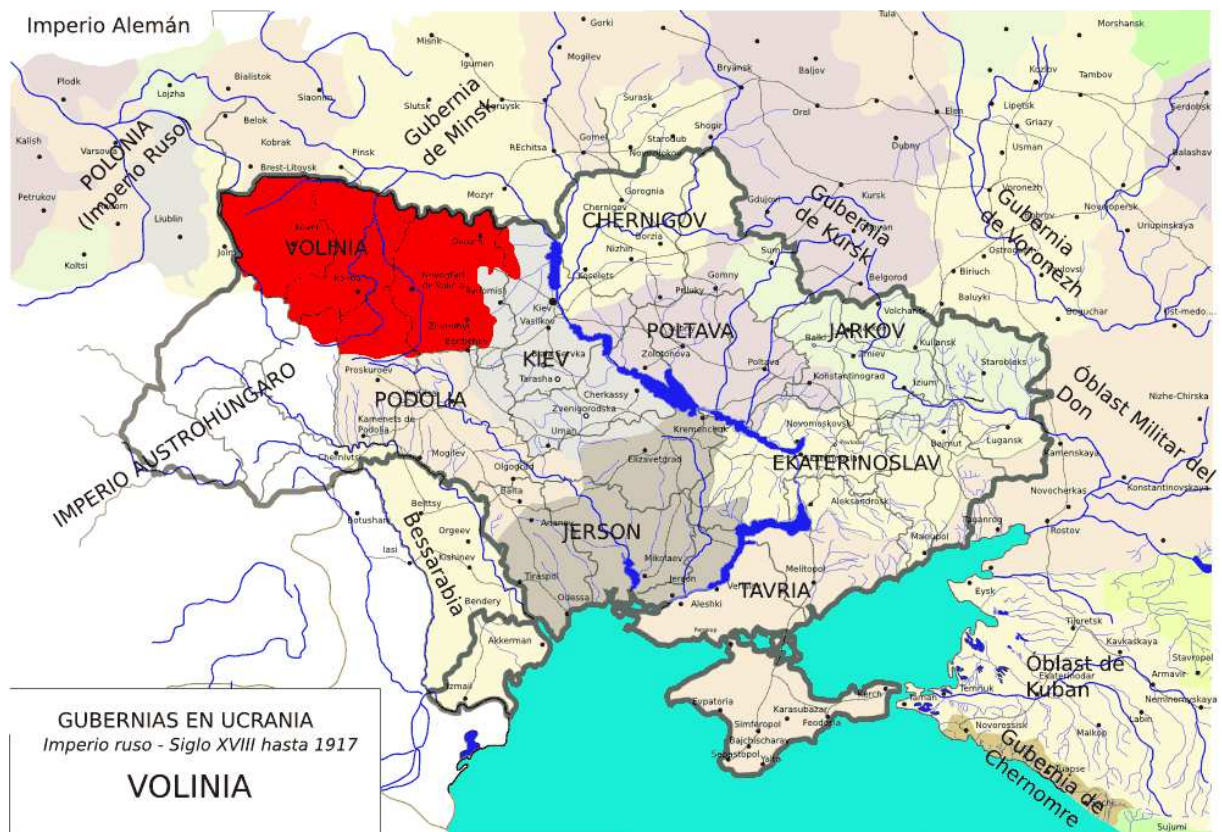
<sup>39</sup> VERLANG, 1991, p. 23.

<sup>40</sup> WOLF, E. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974, p. 16.

<sup>41</sup> VILSON WUTZKE é um pesquisador e escritor da comunidade que é objeto de estudo neste trabalho. Ele é um dos pastores da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã e um dos redatores do jornal da comunidade, o *Boletim Informativo*, no qual faz diversos relatos sobre este processo imigratório e o estabelecimento das comunidades. O pesquisador visitou também a região de onde vieram os imigrantes, realizando entrevistas e pesquisas no local.

local de residência de muitos deles por décadas. A grande maioria dos que (i)migraram para a Rússia era formada por pequenos comerciantes, artesãos e agricultores<sup>42</sup>.

ILUSTRAÇÃO 01 – Volínia no final, na Rússia, no final do século XIX, para onde muitos “alemães” migraram



Fonte: Imagem da Internet. Disponível em: <http://mapsof.net/ukraine/gubernia-de-volinia--imperio-ruso>

A principal região que recebeu estes imigrantes que são objeto deste estudo era conhecida como Volínia<sup>43</sup>, um território de aproximadamente 70 mil quilômetros quadrados, dominados pela Rússia desde 1795 até a Primeira Guerra Mundial, com mais de 400 vilas de alemães e população alemã estimada em 230 mil pessoas<sup>44</sup>. Estudar esta região, por mais que

<sup>42</sup> WUTZKE, Vilson. *ZUR GESCHICHTE DER RUSSLANDDEUTSCHEN. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo* (a partir de agora **BI**), n. 3, jul./dez. 1990, p. 11.

<sup>43</sup> A VOLÍNIA “que para muitos hoje é praticamente desconhecida, era um estado na Rússia, cuja sede de governo se situava em Zhitomir. O estado teve 17 distritos: Novograd-Volynsk, Labunsk, Volodymersk, Kovel, Zaslavsk, Ostrog, Rovno, Dombrovyts, Ovruch, Zhitomir, Chudniv, Lutsk, Dubno, Kremenetsk, Yampilsk, Bazalivsk e Starokanstantinovka Radomyshl. Do ano de 1795 até a Primeira Guerra Mundial todo o estado da Volínia pertencia à Rússia. Em 1920, no Tratado de Versalhes, a Volínia foi dividida entre a Rússia e a Polónia. O oeste foi anexado pela Polónia e o leste pela Rússia. Atualmente, a maior parte da antiga Volínia pertence à República da Ucrânia e uma parte menor à Bielorrússia. A Volínia foi uma terra com solos férteis, para a agricultura, lindas pastagens, enormes florestas com uma grande variedade de madeira. Ali, viviam muitos animais principalmente cervos, alces, cabritos montanhese e javalis selvagens. Também vários tipos de pássaros e os rios ricos em peixes. Tinha excelente clima com muita neve durante o inverno, verões quentes e prolongados e uma atmosfera seca e saudável. Tudo que se cultivava produzia bem.” *In*. WUTZKE, Vilson. *História do Imigrante Friedrich Wutzke – 100 anos. In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 25-34

<sup>44</sup> WUTZKE, Vilson. *ZUR GESCHICHTE DER RUSSLANDDEUTSCHEN. BI*, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11.

esteja deslocada temporalmente da Convenção da Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã, é de fundamental importância, porque nos registros das atas e nos discursos publicados no Jornal *Boletim Informativo* fica evidente o destaque à região da Volínia. Esses se denominam *Deutsche Russen aus Wolynia* (Alemães russos da Volínia).

Os que (i)migraram para a Rússia encontraram novas oportunidades de trabalho, bem como terras cultiváveis propícias para o seu sustento e crescimento econômico. Alguns enfrentavam dificuldades porque as terras nas quais trabalhavam eram arrendadas<sup>45</sup>, pagando altas taxas de arrendamento, o que provocava constantes migrações para diferentes regiões da Rússia. Além disso, as taxas de arrendamento obrigavam os pais a permanecerem sozinhos nas propriedades para que os seus filhos pudessem atuar como diaristas em outras áreas cultiváveis, buscando na soma dos esforços de todos levantar o seu sustento<sup>46</sup>.

Para a ocupação de grande parte do território da Rússia se encontraram algumas explicações plausíveis na política do país, que beneficiou a entrada de imigrantes. Houve um plano de ocupação estabelecido pela Czarina Catarina II (1762-1796)<sup>47</sup>. Era a junção perfeita: pessoas querendo oportunidades de um lado; de outro, uma nação oferecendo estas oportunidades<sup>48</sup>. “A imperatriz prometeu que eles ficariam isentos de impostos por 10 anos, do serviço militar para sempre, incluindo seus descendentes; gozariam de liberdade religiosa, de autonomia cultural, de liberdade de locomoção, de facilidades para a aquisição de terras”<sup>49</sup>.

---

<sup>45</sup> BESSEL, Nelson. A saga do imigrante Gustavo Bessel. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 49.

<sup>46</sup> WUTZKE, In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>47</sup> CRHISTENSEN, Teresa. As raízes missionárias. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 34.

<sup>48</sup> RADÚNZ, Roberto. **Do poder de Deus depende:** pregação religiosa e constituição de um modo de vida nas colônias alemãs da vila Germânica e Picada Ferraz (1850-1920). Dissertação de Mestrado: Porto Alegre: PUC, 1994, p. 30.

<sup>49</sup> GERTZ. In. DREHER, 2010, p. 59.

Um grande contingente de imigrantes se deslocou para a Rússia<sup>50</sup>, mais especificamente para a região da Volínia, em torno do ano de 1862<sup>51</sup>. Estes estabeleceram vilas coletivas, denominadas de colônias alemãs, num país estrangeiro. Essas colônias recebiam costumeiramente nomes derivados dos proprietários que as fundavam, como Juljanowka, Marianowka, Antonowka, Mosejewka, etc<sup>52</sup>.

ILUSTRAÇÃO 02 – Regiões ocupadas por alemães na Volínia (Rússia), no ano de 1900



Fonte: Imagem da Internet. Disponível em: <http://www.conflicts.rem33.com/images/Ukraine/MAP%2026.jpg>

As terras da Volínia eram baratas e várias famílias alemãs tiveram a oportunidade de adquirir a sua propriedade, mas ainda assim muitos não tinham os recursos necessários para a compra e acabavam apenas arrendando as propriedades, com contratos de 12 ou até 36 meses<sup>53</sup>. Precisa-se destacar que a (i)migração para a região da Volínia, especificamente, tinha justificativas diferentes em comparação com as outras regiões da Rússia. A alocação nesta região

<sup>50</sup> NÚMERO DE EMIGRANTES PARA A VOLÍNIA: “alguns números ilustram o aumento da população alemã na região – de cerca de 6.000, em 1863, aumentaram para 28.000, em 1871, para 102.000, em 1889, 124.000, em 1904, atingindo 200.000, em 1914.” In. GERTZ. In. DREHER, 2010, p. 61.

<sup>51</sup> GERTZ. In. DREHER, 2010, p. 61; WUTZKE, Wilson. *Deutsche Baptistengemeinden in Wolhynien*. **BI**, n.31, ano 16, julho a dezembro de 2004, p. 3.

<sup>52</sup> WUTZKE. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>53</sup> WUTZKE. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.



Foi favorecida pela abolição do regime de servidão na Rússia no ano de 1861. Com isso, os grandes proprietários de terras na Volínia perderam a mão de obra barata e foram obrigados a entregar partes de suas terras como arrendamento aos camponeses. Outro motivo foi a falta de terras para seus filhos; já outros emigraram por motivos religiosos<sup>54</sup>.

É interessante destacar também o fator religioso como motivador deste processo emigratório. Na Europa a perseguição aos grupos separatistas<sup>55</sup> era constante. Havia nestes lugares a igreja oficial estabelecida, e os discordantes eram obrigados a se retirar. Dentre estes grupos perseguidos estavam os batistas, que derivam do movimento separatista na Igreja Anglicana e no período já estavam difusos pela Europa<sup>56</sup>. Estes grupos religiosos minoritários buscavam um local onde pudessem praticar as suas crenças com liberdade, e a liberdade religiosa garantida pela política de ocupação da Rússia forneceu este espaço. “Tendo em vista que sua doutrina e prática religiosa se caracterizavam por certa tendência em evidenciar seu caráter peculiar”, estes grupos preferiam o interior para não precisarem se expor às outras culturas que os cercavam<sup>57</sup>.

Como estes emigrantes eram religiosos e visavam a manutenção das suas crenças, viam o deslocamento como opção para sua religiosidade. Para eles “a igreja era a instituição central” responsável pela organização moral e preservação da língua e da tradição. Esta percepção religiosa pode representar o principal motivo para o estabelecimento de algumas igrejas na Rússia, com destaque para a Igreja Luterana estabelecida na Volínia em 1801 na cidade de Zhitomir, e a Igreja Batista<sup>58</sup> organizada em 22 de maio de 1864, em Horstschick, com 203

<sup>54</sup> WUTZKE. *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>55</sup> OS SEPARATISTAS foram radicais da reforma protestante na Inglaterra. “A religião oficial era a Anglicana, mas dentro da Igreja Anglicana havia também um grupo dissidente, os Puritanos, que aceitavam a doutrina oficial da Igreja, mas não toleravam as pompas cerimoniais e o relaxamento dos costumes. Adotavam uma forma rígida de cristianismo que a alegre corte de Londres não podia suportar. Porém, os puritanos não queriam se separar da Igreja, apenas modificá-la. Movidos pelos ideais puritanos, surge um grupo radical, numeroso e espalhado, que, pela falta de outro nome, recebia a designação de Separatistas. Estes eram evangélicos na doutrina, mas repudiavam o anglicanismo. Queriam ter igrejas independentes do Estado. Não era um grupo organizado e se espalhava pela Inglaterra, e posteriormente por toda a Europa, devido à perseguição.” *In*. PEREIRA, J. Reis. **Breve história dos batistas**. 4. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994, p. 72.

<sup>56</sup> WUTZKE, Vilson; LANGE, Jair. **100 anos da Igreja Batista Independente de Linha Timbaúva**. [S.l.]: DEPARTAMENTO DE IMPRENSA DA CIBILA, 2015, DVD.

<sup>57</sup> GERTZ. *In*. DREHER, 2010, p. 59-60.

<sup>58</sup> GOTTFRIED F. ALF (1831-1898) foi o primeiro pastor desta comunidade batista. Era “um professor luterano convicto; foi o primeiro batista a ser batizado na Polônia e o primeiro missionário na Rússia. No início da década de 1850 ele entrou em desacordo com a igreja luterana. Como resultado, Alf foi demitido de seu cargo de professor e banido de sua casa. Alguns anos depois, Alf entrou em contato com alguns batistas alemães na Prússia Oriental, e em 1858 foi batizado por imersão por Wilhelm Weist, um reavivador prussiano. Em 1862, um grupo de 40 batistas, liderados por Mathias Kelm, um dos colaboradores de Alf, migrou para a Volhynia. Eles se estabeleceram em Sorotschin, perto de Zhitomir. Naquele mesmo outono Alf fez sua primeira viagem missionária à Volhynia. Em 1863, a maioria dos 300 membros da igreja de Alf, em Adamowo, fizeram (sic) o mesmo percurso de 800 quilômetros até a Volhynia.” *In*. MILLER, Donald N. **The German Baptist Movement in Volhynia**. Disponível em: [www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf](http://www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf). Acesso em: 08 mai. 2018. Artigo em PDF, p. 01-02.

membros<sup>59</sup>. Estima-se que até o ano de 1914 havia 20 igrejas e centenas de congregações<sup>60</sup> batistas na Volínia<sup>61</sup>.

Verificando os registros históricos dos que colonizaram a região da Volínia, pode-se perceber que entre os imigrantes alemães preservou-se o seu idioma. Em algumas regiões falava-se o “*Hochdeutsch*” (alto alemão); já em outras, um dialeto denominado “*Plattdeutsch*” (alemão baixo), além de um dialeto suábico (*Schwäbisch*)<sup>62</sup>. As escolas ensinavam o *Hochdeutsch* e os cultos religiosos eram realizados nesta língua. Como o contingente imigratório incluía pessoas de diferentes nacionalidades, usava-se expressões vindas de termos russos, poloneses e judaicos<sup>63</sup>. Para Gertz,

as promessas feitas aos imigrantes de isenção do serviço militar enquanto “alemães”, mesmo para as gerações nascidas em território russo, a garantia de liberdade e de autonomia cultural e religiosa, mais essas frequentes hostilidades vindas dos citados grupos das vizinhanças fizeram com que a unidade e a identidade dessa população se mantivessem por muitos anos, até a primeira crise, cerca de 110 anos após o estabelecimento inicial – isto é, no intervalo entre as décadas de 1760 e 1870. A consequência foi a consolidação de colônias homogêneas, tanto do ponto de vista étnico quanto também do ponto de vista religioso<sup>64</sup>.

Mas o ambiente favorável à imigração na Rússia mudou quando o Czar Alexandre II (1855-1881), “em nome do nacionalismo, no ano de 1871, anulou todos os privilégios dados aos colonos imigrantes pelos líderes russos que o antecederam”<sup>65</sup>. Alexandre instituiu o serviço militar obrigatório<sup>66</sup> para os jovens imigrantes alemães estabelecidos na Rússia.

O processo de russificação, instituído a partir de 1881<sup>67</sup>, também trouxe mudanças na vida dos colonos: o ensino nas escolas tinha de ser em russo, não podiam mais falar o alemão; a administração das vilas não podia ser feita pelos imigrantes mas somente por pessoas nascidas na Rússia; e a aquisição de novas terras era vetada aos imigrantes.

<sup>59</sup> MILLER. Disponível em: [www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf](http://www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf). Acesso em: 08 mai. 2018. Artigo em PDF, p. 01.

<sup>60</sup> AS CONGREGAÇÕES são trabalhos vinculados a igrejas organizadas que sustentam e orientam o trabalho nestes lugares, ficando sujeitas às regras de sua igreja originadora, devendo-lhes relatórios e permitindo a sua interferência em todos os segmentos da comunidade religiosa vinculada. A congregação não tem autonomia fiscal nem financeira. É como se fosse uma filial.

<sup>61</sup> WUTZKE. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 25-34.

<sup>62</sup> WUTZKE. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 25-34.

<sup>63</sup> GERTZ. In. DREHER, 2010, p. 62.

<sup>64</sup> GERTZ. In. DREHER, 2010, p. 59.

<sup>65</sup> BUSSE, 2009, p. 11.

<sup>66</sup> O SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO AOS IMIGRANTES também é confirmado no relato do imigrante Friedrich Wutzke, que durante seis anos prestou serviço militar no exército russo. Este envolvimento militar lhe concedeu alguns benefícios: ele exerceu o cargo de “Shulze” por alguns anos em sua aldeia e tinha um relacionamento amistoso com as autoridades russas. WUTZKE, 2015, p. 55-63; WUTZKE, Vilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002, p. 2.

<sup>67</sup> GERTZ. In. DREHER, 2010, p. 62.

Este cenário trouxe muitas complicações para os alemães que habitavam a Rússia, e não havia perspectiva de mudanças. Abandonar a Rússia neste momento não era uma decisão fácil de ser tomada, uma vez que não conheciam os novos destinos propostos pelos propagandistas, que eram países distantes e demandavam uma longa viagem. Muitos deles, possivelmente, jamais teriam condições de retornar para rever seus familiares. Era uma viagem de ida apenas. Por isso, muitos decidiram ficar na Rússia com a esperança de que o cenário mudasse<sup>68</sup>, o que não aconteceu em decorrência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Durante a guerra estes russos-germânicos foram acusados pelo governo russo de serem traidores e obrigados a se retirarem do país. Tentaram fazer a colheita do que plantaram no ano de 1915, mas foram expulsos e tiveram que deixar tudo o que haviam construído e plantado<sup>69</sup>. Os que insistiam em permanecer eram isolados no interior da Rússia e alguns levados para a Sibéria; “muitos foram forçados a enfrentar longas viagens de trem e carroças, algumas com seis meses de duração. Milhares morreram de doenças, fome e frio, especialmente crianças e idosos”<sup>70</sup>. Ainda salienta Wutzke,

em fevereiro de 1917 a revolução obrigou o Czar Nicolau II a renunciar. O socialista Kerenski, chefe dos revolucionários, queria fazer da Rússia uma democracia, mas antes de conseguir, foi destituído do poder em novembro de 1917 pela revolução que implantou no país o comunismo. Em dezembro de 1917 as famílias que conseguiram sobreviver ao exílio receberam autorização para retornar a Volínia. No início de 1918 em plena época de Guerra Civil, com dificuldades e por conta própria enfrentando perigos no caminho, conseguiram retornar, embora encontrassem a maioria das propriedades ocupadas por invasores e uma grande devastação. Plantações, gado, ferramentas, móveis e tudo que foram obrigados a deixar foram roubados. Muitas famílias não conseguiram recuperar suas propriedades, mas aos poucos conseguiram superar as dificuldades e reconstruir suas casas<sup>71</sup>.

A Primeira Guerra Mundial fez cair consideravelmente o número de alemães residentes na região da Volínia, de 230 mil para 100 mil pessoas, que emigraram para diferentes lugares. Na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) os alemães foram obrigados a se retirar da região, restando apenas os vestígios de construção dos (i)migrantes que ocuparam aquelas terras. Dentre estas construções estão “algumas igrejas Luteranas e casas pastorais, uma igreja Batista e casa pastoral em Rozysce, uma igreja Batista de alvenaria em Neudorf, outra de madeira em Sorotschin, e os escombros de uma escola em Heimthal<sup>72</sup>”.

<sup>68</sup> WUTZKE, n. 31, ano 16, jul./dez.2004, p. 5.

<sup>69</sup> WUTZKE, *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>70</sup> BUSSE, 2009, p. 12.

<sup>71</sup> WUTZKE, *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>72</sup> WUTZKE, *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

## 1.2 A vinda ao Brasil

Em sua maioria, os (i)migrantes que vieram da Rússia ao Brasil no período de 1900, mais especificamente para a região noroeste do Rio Grande do Sul, passaram pelo mesmo processo emigratório. O primeiro passo era o cadastramento, pois havia uma lista de espera. Enquanto aguardavam, preparavam os documentos necessários até que fossem chamados para o embarque.

Antes do embarque passavam também por uma avaliação médica que autorizava a viagem. Os pontos mais comuns de saída da Europa era o Porto de Bremen<sup>73</sup> ou então o porto de Hamburgo<sup>74</sup>. A viagem até o Brasil demorava cerca de 60 dias. Muitas pessoas adoeciam a bordo e, pela falta de tratamento, faleciam. Diante da morte acontecia um fato curioso, em alto-mar: o recasamento. Embarcavam com um cônjuge e desembarcavam com outro, assimilando duas famílias conjuntas<sup>75</sup>. Como não havia acondicionamento para os corpos, os mortos eram lançados ao mar. Estima-se que os navios da época levavam entre 1000 e 4000 passageiros por viagem<sup>76</sup>. O ponto de chegada no Brasil era o Porto do Rio de Janeiro<sup>77</sup>. De lá, eram levados até a hospedaria dos imigrantes, onde passavam por exames médicos e “aguardavam o centro de imigração liberar a sua ida para as regiões de colonização”<sup>78</sup>.

Os (i)migrantes que vinham para o Rio Grande do Sul<sup>79</sup>, após liberados pelo centro de imigração, seguiam até a cidade de Porto Alegre em navio cargueiro que, durante a viagem,

<sup>73</sup> O PORTO DE BREMEN E BREMERHAVEN “foram o ponto de partida de mais de sete milhões de imigrantes entre o século XIX e XX. Essas duas cidades portuárias chegaram a ser mais importantes do que Hamburgo, de onde saíram cinco milhões de pessoas. Bremen tinha uma boa fama junto aos imigrantes pelas leis que datam de 1832, obrigando as companhias de navegação a garantir espaço e provisões suficientes nos navios. E foi a primeira cidade portuária a introduzir a obrigatoriedade de listas de passageiros dos barcos.” *In. ALEMÃES à procura de uma nova pátria no Brasil*, 15 out. 2012. Disponível em: <http://marusasaki.blogspot.com.br/search/label/Hist%C3%B3rico%20da%20Alemanha>. Acesso em: 11 dez. 2017.

<sup>74</sup> VETORATO, Helga Krüger. Os alemães da Rússia na Linha 1º de Março, município de Porto Lucena e Campina das Missões, 1913/14 a 2013/14 – centenário da imigração. *In. GUIMARÃES; KREBS (org.)*, 2015, p. 87.

<sup>75</sup> WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. *Horizontes antropológicos*, v. 6, n. 14, Porto Alegre, nov. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832000001400009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400009). Acesso em: 27 mar. 2018.

<sup>76</sup> WUTZKE. *In. GUIMARÃES; KREBS (org.)*, 2015, p. 55-63.

<sup>77</sup> VETORATO. *In. GUIMARÃES; KREBS (org.)*, 2015, p. 87.

<sup>78</sup> WUTZKE. *In. GUIMARÃES; KREBS (org.)*, 2015, p. 53.

<sup>79</sup> O NÚMERO DE IMIGRANTES NO RIO GRANDE DO SUL “apresenta percentuais interessantes. Jean Roche, ao referir-se a alemães e descendentes, apresenta conclusões de pesquisa que sugerem números superiores aos 400.000 imigrantes, chegando a trabalhar com a hipótese de que, 20 anos depois, em 1950, 21% da população gaúcha eram de origem alemã.” *In. ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969, p. 169-170. Loraine Slomp Giron e Vania Herédia calculam que, já em 1920, o conjunto da “população colonial” teria representado 41,5% do total. *In. GIRON, Loraine Slomp; HEREDIA, Vania. História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 2007, p. 25.

costumava atracar em vários portos na costa<sup>80</sup>. De Porto Alegre eles se deslocavam aos municípios de Ijuí ou Cruz Alta, geralmente de trem<sup>81</sup>, seguindo para as colônias novas<sup>82</sup> em carroças contratadas pelo governo, dentre as quais havia as que levavam até a Colônia de Guarani (o nome da Colônia é descrito em muitos documentos como *Guarany*). Este percurso todo podia demorar meses. Da Colônia Guarani em diante não havia caminhos abertos. Os próprios imigrantes abriam picadas no meio da floresta para poderem passar com os seus pertences, chegando à propriedade por eles adquirida<sup>83</sup>.

Em muitos lugares havia hospedarias construídas pelo governo para abrigar provisoriamente os colonos que chegavam. Estes rústicos barracões abrigavam os imigrantes até que o engenheiro da Comissão de Terras e Colonização fizesse a medição e demarcação da propriedade de cada um deles. A espera podia durar meses e, para adiantar o trabalho, os próprios colonos abriam picadas e derrubavam as árvores em mutirões<sup>84</sup>. As mulheres e crianças geralmente ficavam na hospedaria e os homens adentravam na mata para derrubar as árvores, construir um abrigo para morar e estabelecer sua nova residência no Brasil<sup>85</sup>.

Estes lotes eram distribuídos sem um estudo aprofundado que avaliasse a presença de habitantes no lugar, gerando conflitos e a expulsão dos nativos pelos (i)migrantes, muitas vezes sob o uso da força. Além de ignorar quem habitava nestes lugares, o processo de loteamento não observava algumas necessidades básicas para o estabelecimento de pequenas propriedades rurais, como a existência de água para o consumo da família e dos animais no local. Em alguns lotes a água só era encontrada nos fundos da colônia, o que gerava o isolamento da família. Em situação pior estavam aqueles que nem mesmo tinham água em seus lotes<sup>86</sup>. Os lotes eram organizados em faixas de terra com 2000 metros de largura por vários quilômetros de extensão. “Cada faixa de terra constituía uma ‘Linha’ e possuía designação própria”<sup>87</sup>.

Estes (i)migrantes teuto-russos, junto com outros de diferentes países europeus, chegaram à região de *Guarany*<sup>88</sup> em 1900, uma região composta por amplo território que

<sup>80</sup> WUTZKE. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>81</sup> VETORATO. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 92.

<sup>82</sup> COLÔNIAS NOVAS “é uma designação utilizada para as regiões que ficavam mais para o interior do Rio Grande do Sul e que passam a receber imigrantes a partir de 1880. A fundação de Ijuí em 19 de outubro de 1890 é o marco para o início de ocupação destas áreas.” LAZZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 2002, p. 61.

<sup>83</sup> WUTZKE. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>84</sup> CRHISTENSEN. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 36.

<sup>85</sup> WUTZKE. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

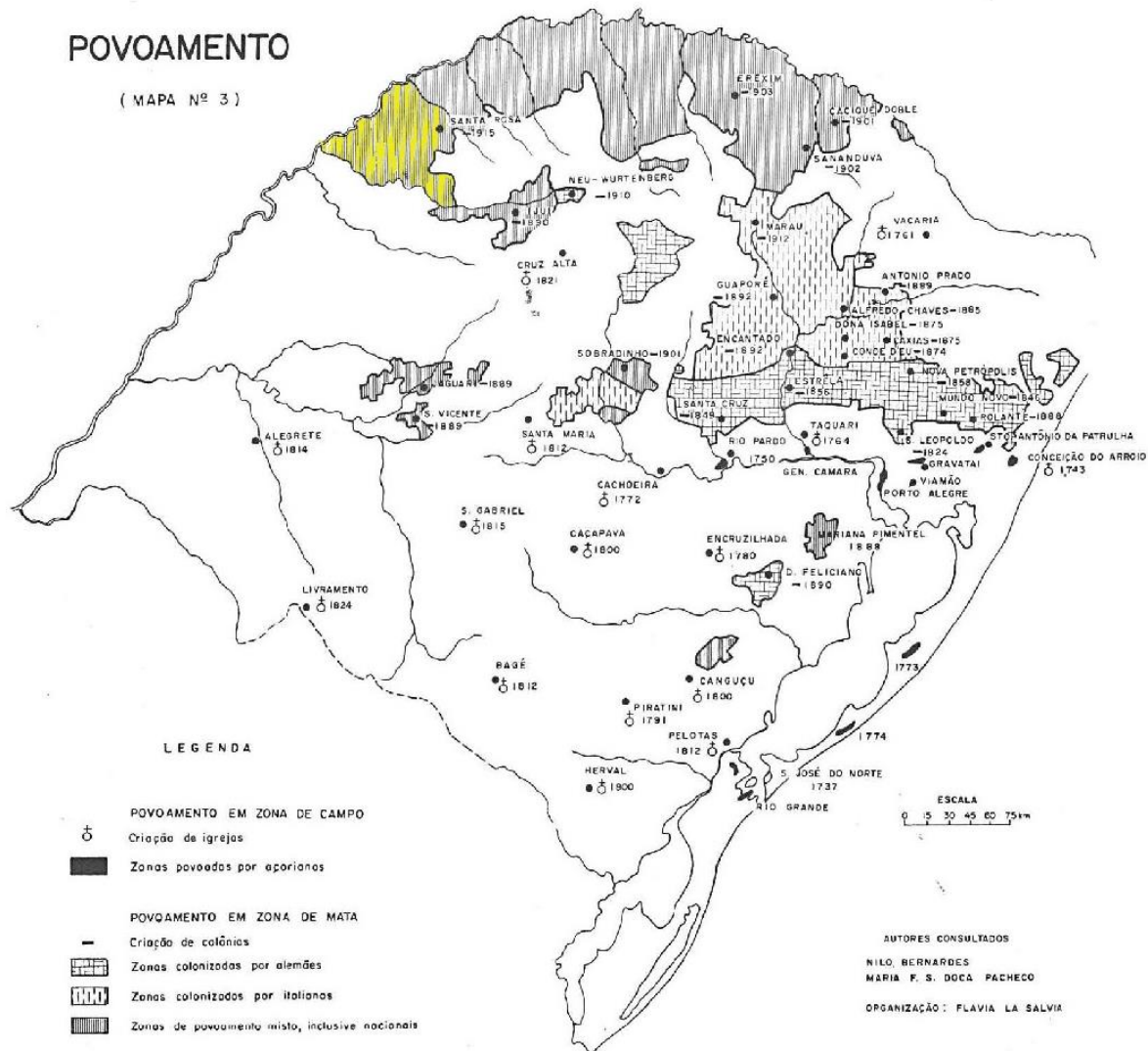
<sup>86</sup> VETORATO. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 92.

<sup>87</sup> VETORATO. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 90.

<sup>88</sup> MODES, Josemar Valdir. **Da Volínia para Guarany**: a saga dos imigrantes alemães vindos da Rússia para o Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. III Semana do Conhecimento promovida pela UPF, 2016.

abrangia uma área que se estendia da atual cidade de Guarani das Missões até Santa Rosa. Havia duas colônias nesta região: a Colônia Guarani e a Colônia Santa Rosa. Estas duas colônias receberam 2000 famílias volinianas, sendo a região do Brasil a receber o maior contingente imigratório de teuto-russos<sup>89</sup>.

ILUSTRAÇÃO 03 – Localização da Colônia Guarany numa área de povoamento misto no noroeste do RS, que em 1900 recebeu o maior grupo de (i)migrantes volinianos no Brasil



Fonte: THOMAS, Carmem. Conquista e povoamento do Rio Grande do Sul. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, n. 19. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs/article/view/3323/3395>. Acesso em: 19 jan. 2019.

A região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul tinha os contornos de uma zona/faixa de fronteira, trazendo diversos desafios para o governo brasileiro, principalmente na questão da segurança. Por isso, o governo fazia questão de ocupar a região<sup>90</sup>. Havia também

<sup>89</sup> GUIMARÃES, Anete Rosane Krebs. Apresentação. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 10.

<sup>90</sup> WEIBEL, Leo. *Die Europäische Kolonization Südbrasilien*. Bonn: Ferd. Dümlers Verlag, 1955, p. 36.

uma enorme preocupação de que o extremo sul brasileiro se emancipasse, tornando-se um país autônomo. Colonizar a região evitaria a apropriação indevida e minimizaria conflitos com o governo<sup>91</sup>.

A ocupação da região também tinha um aspecto estratégico, que visava reorganizar o espaço regional do Rio Grande do Sul. Neste processo de ocupação não se levou em conta os indígenas e caboclos que já habitavam o local. Agiu-se com motivações políticas para “atender os interesses políticos da oligarquia hegemônica do Estado, conduzida pelo Partido Republicano Rio-Grandense, que ampliava seu colégio eleitoral” e ainda se teve em mente a necessidade do aumento da arrecadação de impostos<sup>92</sup>.

Dreher ainda destaca outro plano do governo, chamado por ele de *diabólico*: o branqueamento da raça. O (i)migrante seria o instrumento do governo para a expulsão e eliminação dos grupos indígenas pela ocupação das suas terras com uma família numerosa. O uso dos (i)migrantes também se deu na dimensão da valorização fundiária, uma vez que eles receberiam terras de menor valor de mercado, que com o trabalho, limpeza e cultivo, se tornariam rentáveis e valorizadas no mercado interno. Havia ainda o interesse pela abertura de estradas, e por isso os (i)migrantes eram enviados aos locais mais distantes. O autor finaliza a sua análise dizendo que o interesse principal do governo foi a criação de uma classe média brasileira<sup>93</sup>.

Witt concorda com as afirmações de Dreher e destaca como motivos governamentais para a colonização o fornecimento de produtos originários da agricultura familiar, visando abastecer as cidades e o exército; criar uma camada populacional intermediária, entre o latifundiário e o escravo; ocupar as terras de matas densas, uma vez que o sistema de criação de gado no Rio Grande do Sul não valorizava áreas de vegetação fechada; e a expulsão dos indígenas<sup>94</sup>.

A ocupação da região pode ser entendida pelos conceitos *frente de expansão* e *frente pioneira* abordados pelo historiador Tau Golin. Na frente de expansão ocorre o

deslocamento da população para o território indígena, repondo o modo de produzir e viver (no caso, as estâncias, etc.), e o de frente pioneira, que igualmente transfere a situação espacial e social, porém tensiona uma “nova sociabilidade”, fundada em novas formas de produzir, em alterações no mercado e nas relações sociais<sup>95</sup>.

<sup>91</sup> FLORES, Moacyr. **Cultura Sul-Riograndense**. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1981, p. 59.

<sup>92</sup> CHRISTENSEN. *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 20.

<sup>93</sup> DREHER, 1998, p. 250.

<sup>94</sup> WITT, 1996, p. 17-20.

<sup>95</sup> GOLIN, Tau. **A fronteira**: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre: L&PM, 2002, p. 31.

Percebe-se claramente na ocupação do território que houve pessoas deslocadas às regiões inicialmente visando o ajuntamento dos nativos para criação do espaço para a colonização mais efetiva (frente de fronteira) entre os séculos XVII e XVIII, para uma posterior ocupação maciça e transformação da realidade social do ambiente (ocupação pioneira) no século XIX<sup>96</sup>.

Cabe aqui mostrar que esta região já era ocupada. A formação desta região tem consigo um histórico muito antigo e que sempre despertou o interesse e a preocupação dos governos colonial, imperial e republicano. Os jesuítas foram os “primeiros agentes da ocupação do território do Rio Grande do Sul, [imbuídos] de uma dupla missão, a um só tempo ‘divina’ (catequese) e ‘humana’ (expansão política espanhola)”<sup>97</sup>, estabelecendo desta forma uma espécie de “fronteira viva”<sup>98</sup> para o Império Espanhol, inibindo o avanço do Império Português sobre a Colônia de Sacramento, fixando o povoamento assegurado pelos princípios do ‘*Utī Possidetis*’<sup>99</sup>.

Sob o comando dos jesuítas, esta região passou a contar com um exército organizado, chamado de exército missionário, que protegia a região contra os portugueses (período de 1700). Desenvolveram construções, cultura e economia próprias. “Possuíam uma sólida organização agropastoril”, na qual as “trocas comerciais ocorriam através do sistema de permutas”. A erva-mate (caá-ivirá) era o principal produto comercializado. Toda a “estrutura jurídica era baseada na propriedade coletiva, em princípios de solidariedade e igualdade econômica, numa estrutura política que lembra as Câmaras Municipais atuais, chamadas na estrutura espanhola de *Cabildo*”<sup>100</sup>.

Devido à sua importância econômica, os Sete Povos foram assunto de destaque no Tratado de Madri, firmado entre Portugal e Espanha em 1750, que previa a remoção de “todos os bens móveis, semoventes e população para a Colônia Sacramento.” Os indígenas não aceitaram a decisão e se rebelaram contra os portugueses, dando origem à Guerra Guaranítica (1754-1756). Os indígenas foram dizimados e boa parte dos territórios ficaram despovoados<sup>101</sup>.

<sup>96</sup> GOLIN, 2002, p. 31.

<sup>97</sup> CUNHA, 1988, p. 37.

<sup>98</sup> LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 5. ed. Revista e atualizada. Porto Alegre: Sulina, 1986, p. 48.

<sup>99</sup> CRHISTENSEN. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 11.

<sup>100</sup> CRHISTENSEN. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 11-12.

<sup>101</sup> GIORIGIS, Luiz Eniani Caminha. **O Tratado de Madri**, de 1750. Disponível em: [http://www.terra gaucha.com.br/tratdo\\_de\\_madrihtm](http://www.terra gaucha.com.br/tratdo_de_madrihtm). Acesso em: 07 jul. 2009.



Em 1801 os territórios foram oficialmente incorporados ao Império Português<sup>102</sup>, e quando o governo passou a ver a possibilidade de trazer imigrantes europeus ao país, deslocou-os para as terras indígenas, reduzindo seu espaço a pequenas regiões marginais. A colonização demorou para ser efetivada. O ano de 1827 marca o seu avanço efetivo<sup>103</sup>. Esta demora se explica pela localização da região, a densidade de suas matas, a ocupação indígena e pelas escassas informações que se tinha sobre o lugar. As poucas citações, em 1840, descrevem a região noroeste do “como bosques montanhosos do Rio Uruguai”<sup>104</sup>. Mais informações foram divulgadas a partir da expedição de exploração do tenente-coronel José Maria Pereira de Campos, em 1860.

O território colonizado pelos volinianos pertencia inicialmente ao distrito de Santo Ângelo (1873), que mais tarde foi dividido e originou o distrito de Santa Rosa (1876). Pelo seu afastamento dos grandes centros, a região em seu início distrital passou a abrigar muitos contrabandistas, que levavam produtos para a Argentina, e outros contraventores<sup>105</sup>. Um adágio popular comum nas Colônias Antigas se reportava ao tipo de pessoa que habitava o lugar: “Santa Rosa-Buricá, quem não presta vai prá lá”<sup>106</sup>. Os índices de criminalidade na região eram muito altos em seu início de organização. Não era um bom lugar para morar. Além disso, o território era composto basicamente por terras devolutas<sup>107</sup> sem o reconhecimento da ocupação indígena.

---

<sup>102</sup> A COLONIZAÇÃO “DE REGIÕES DO BRASIL POR ESTRANGEIROS NÃO LUSOS data deste período. A partir de 1808, com a chegada da família real portuguesa no Brasil, oferece-se a doação de sesmarias aos estrangeiros residentes no Brasil. No que confere à imigração de estrangeiros não lusos, estava sendo promovida para se fazer povoar e valorizar terras onde ‘não havia habitantes’, pois os nativos da terra não eram relevados como habitantes pelas políticas imigratórias, para formar uma agricultura diversificada de subsistência que suprisse a escassez de alimentos nas cidades, já que os grandes produtores escravistas estavam voltados para o mercado externo e a produção de subsistência não era suficiente para a população que estava crescendo, ademais, conflitos no Império levavam as mãos trabalhadoras para a guerra e não para a lavoura, por isso a necessidade da imigração. Bem como estabelecer uma ‘classe social intermediária entre os latifundiários e escravos’ organizando um controle dentro da hierarquia da sociedade imperial.” *In*. PETRONE, Maria Theresa. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 259-260.

<sup>103</sup> O INCENTIVO À (I)MIGRAÇÃO ESPONTÂNEA ocorreu durante o período da Regência, quando distúrbios políticos reduziram os financiamentos dados às empresas colonizadoras. Incentiva-se então a (i)migração espontânea por meio de benefícios, como a lei da naturalização de 23 de outubro de 1832 e a garantia de isenção de impostos de ancoragem para embarcações com mais de 100 colonos em 1835. *In*. ROCHE, 1969, p. 101.

<sup>104</sup> CRHISTENSEN. *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 13.

<sup>105</sup> CRHISTENSEN. *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 11-18.

<sup>106</sup> CRHISTENSEN. *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 19.

<sup>107</sup> SOBRE AS TERRAS DEVOLUTAS, a “Lei nº 601/1850 (Lei de Terras) estabeleceu nos termos do art. 3º o que são terras devolutas: § 1º As que não se acharem aplicadas a algum uso público nacional, provincial ou municipal. § 2º As que não se acharem no domínio particular por qualquer título legítimo, nem forem havidas por sesmarias e outras concessões do Governo Geral ou Provincial, não incursas em com isso por falta do cumprimento das condições de medição, confirmação e cultura. § 3º As que não se acharem dadas por sesmarias, ou outras concessões do Governo, que, apesar de incursas em com isso, forem revalidadas por esta Lei. § 4º As que não se acharem ocupadas por posses, que, apesar de não se fundarem em título legal, forem legitimadas por esta Lei.” *In*. Lei nº. 601, de 18 de setembro de 1850.

Foi a partir da independência do Brasil, em 1822, que se acelerou o processo de colonização e estabeleceu-se um ideal colonizador (influenciado pela Imperatriz Dona Leopoldina, descendente de alemães<sup>108</sup>, que conhecia a história do assentamento de emigrantes na Rússia<sup>109</sup>) orientando os colonos a: “não criar gado de corte, não concorrer com os grandes latifundiários, não possuir escravos, e deveriam empregar mão de obra familiar” para a realização de suas atividades<sup>110</sup>. O benefício dado aos colonos era a sua propriedade.

O propósito era de que fossem pequenos agricultores. Percebe-se isso na faixa de terra destinada aos colonizadores: “inicialmente em 1824, as propriedades eram de 77 ha (hectares), em 1848 diminuiu para 48 ha e mais tarde para 24 a 25” hectares<sup>111</sup>, determinando o futuro de muitos destes que as receberam do governo. A Lei das Terras, de 1850, oficializou esta distribuição de pequenas propriedades<sup>112</sup>.

Consegue-se perceber o claro interesse do Império em subsidiar os imigrantes não lusos para a colonização do sul do Brasil “como meio de diversificar a economia alimentar com a pequena propriedade com mão de obra familiar para produção de policulturas e criação de animais de pequeno porte”<sup>113</sup>. Houve mudanças nas políticas (i)migratórias e o deslocamento de representantes do governo brasileiro aos portos de Hamburgo e Bremen para convencer imigrantes a virem ao país com a intenção de servirem no exército brasileiro, com vistas à defesa da soberania da independência do Brasil (1822), envolvimento militar que não foi bem recebido pelos europeus, gerando descrédito para a imigração à América Latina<sup>114</sup>.

---

<sup>108</sup> BUSSE, 2009, p. 19.

<sup>109</sup> WOORTMANN, nov. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832000001400009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400009). Acesso em: 27 mar. 2018.

<sup>110</sup> WERLANG, 1991, p. 29.

<sup>111</sup> BUSSE, 2009, p. 19-20.

<sup>112</sup> CRHISTENSEN. In. GUIMARÃES; KREBS, 2015, p. 22.

<sup>113</sup> AVELLO, Adriano Sequeira. A Colônia do Pinhal (1850-57): os imigrantes. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial, 2014, p. 1875.

<sup>114</sup> AVELLO, 2014, p. 1875.

O governo também enviou recrutadores aos países europeus com a responsabilidade de fazer propaganda<sup>115</sup> das colônias<sup>116</sup> no Rio Grande do Sul e demais Estados, buscando convencer (i)migrantes a colonizar estas regiões. A propaganda enfatizava a abundância de terras cultiváveis, que cada família receberia seu pedaço de chão, falava de auxílios do governo facilitando a entrada no país, enfatizava a quantidade de madeira para construção, e dava noção acerca das condições climáticas. “Uma grande leva de imigrantes foi assentada depois da Revolução Farroupilha, em 1845, mas diminuiu muito depois da lei de Von der Heydt<sup>117</sup>, de 1859, com a qual o governo da Confederação Alemã (Alemanha) proibiu a vinda de alemães para o Brasil”<sup>118</sup>. Durante o período da proibição do governo alemão, os recrutadores se deslocaram aos demais países europeus<sup>119</sup>.

É provável que a situação econômica associada à propaganda e incentivos do governo brasileiro, que oferecia uma pequena propriedade rural, passagem gratuita para alguns deles<sup>120</sup>, incluindo as refeições durante a viagem, a concessão de cidadania brasileira (o que teoricamente dava aos colonos todos os direitos concernentes a qualquer outro brasileiro), a não cobrança de

<sup>115</sup> A PROPAGANDA ACERCA DO BRASIL indicava a existência de terras baratas e cultiváveis. August Jerke, um imigrante que veio com a família da Volínia, relatou o seguinte: “*Es gab damals auch Propaganda in Wolhynien, das man in Brasilien zu eignem Landbesitz kommen kann und der Boden sehr fruchtbar für die Landwirtschaft is.*” Tradução do autor: “Existia naquela época uma propaganda na Volínia de que no Brasil era possível adquirir propriedades e que o solo era muito fértil para a agricultura.” In. WUTZKE, Vilson. *Ein Wolhyniendeutscher erzählt seine Lebensgeschichte*. **BI**, n. 18, ano 10, jan./jun. 1998, p. 3. Essa publicação foi difundida pelo governo brasileiro nos jornais e panfletos na Suécia, declarando: “O Brasil é um país livre, totalmente livre. O emigrante europeu, oprimido pela canga militar e religiosa, encontra, quando desembarca, as ideias de liberdade modernas já plenamente realizadas, ao mesmo tempo em que é calorosamente recebido na nova pátria. No Brasil ele pode viver de acordo com a própria vontade sob as proteções de leis tolerantes e costumes agradáveis, independentemente se ele quer manter a nacionalidade original ou preferir se naturalizar brasileiro. Ninguém se surpreenda quando um filho de emigrantes pobres ascenderem aos cargos mais altos na nova pátria.” In. EKSTRÖM, Leif Arthur. **Bön, Sinnrock & Kaffekvarn** (A oração, a roca e o moedor de café): os vikings descobrem a América do Sul. Monografia (Centro de Linguagem e Comunicação) Faculdade de Jornalismo – PUC CAMP, Campinas, 2005, p. 47.

<sup>116</sup> A SINGULARIDADE DA EXPRESSÃO “COLÔNIA”: algo que merece ser destacado na caracterização dessa sociedade camponesa é o termo “colônia”. Seyferth explica que o termo “designa tanto uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas, como também é sinônimo de rural. A área rural de um município é chamada de colônia e seus habitantes são colonos, categoria que sobreviveu ao longo do tempo e que designa o camponês. Por outro lado, o termo “colônia” também é utilizado para designar a propriedade agrícola do colono. Seyferth ressalta que o fato de existir a mesma denominação para a propriedade rural e para a área rural como um todo é carregado de significado. A “colônia” – pequena propriedade é concebida como um microcosmo autossuficiente na visão dos imigrantes e seus descendentes. Algo que precisa evidentemente ser relativizado se consideradas as leis de mercado. Quanto à demarcação dos espaços dentro do lote colonial, Seyferth destaca que estes espaços refletem a atividade múltipla da família camponesa.” In. VANDERLINDE, Tarcísio. Imigração alemã e campesinato no sul do Brasil: uma discussão preambular. **Varia Scientia**, v. 5, n. 9, p. 196.

<sup>117</sup> A LEI DE VON DER HEYDT auxiliou na concentração de imigrantes alemães nos três Estados do Sul do Brasil, uma vez que permitia a imigração para estes Estados apenas. A lei foi revogada em 1896. In. SCOTTI, Zelinda Rosa. Imigrantes alemães: por uma contextualização para internamentos no Hospício São Pedro. **Historiæ**, Rio Grande, 2011, p. 243-256.

<sup>118</sup> SCOTTI, 2011, p. 243-256.

<sup>119</sup> BUSSE, 2009, p. 20.

<sup>120</sup> FLODELL, Sven Arne. **Verano Eterno**: sueño de inmigrante. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2004, p. 32.

impostos por um período de seis anos e ainda o subsídio para a compra de ferramentas, sementes e animais nos primeiros meses de instalação no Brasil, tenham sido elementos atrativos para a troca da situação que experimentavam na Rússia pela nova realidade desenhada sobre o Brasil na segunda metade do século XIX<sup>121</sup>.

É importante ressaltar que o governo brasileiro tinha em mente um grupo específico de trabalhadores. Por mais que soasse que todos eram bem-vindos, os recrutadores buscavam famílias de pequenos agricultores ou então operários solteiros, preferencialmente com idade entre os 18 e 50 anos, e que tivessem “ficha limpa” com as autoridades. Almejava-se pessoas que tivessem facilidade em se inserir no contexto de colonização pretendido para os Estados sulinos e que não causassem contravenções<sup>122</sup>.

Depois que chegavam ao lugar, os (i)migrantes passavam a se ambientar com o novo clima e espaço geográfico. Era um local desconhecido, com matas fechadas<sup>123</sup>. Geralmente o primeiro empreendimento era a construção de um abrigo, precário e improvisado, para se proteger durante a noite<sup>124</sup>. Depois passavam a derrubar a floresta com o propósito de abrir clareiras, para então poderem plantar a terra e fazer a primeira colheita. Dentre os primeiros produtos plantados estavam o milho, feijão, arroz, mandioca, batata-doce, amendoim e abóbora<sup>125</sup>.

O que eles conheciam como mundo, antes de vir ao Brasil, também revelou seus desafios, mas nada se comparava à realidade na qual se encontravam no momento<sup>126</sup>. Antes de virem ao Brasil muitos sofreram pela “falta de emprego ou exploração no trabalho, mas ao menos existiam as coisas básicas, como escolas, igrejas, hospitais, estradas com pontes, um mundo civilizado”<sup>127</sup>. Era um processo de reconstrução cultural, que na maioria das

<sup>121</sup> WOORTMANN, nov. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832000001400009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400009). Acesso em: 27 mar. 2018.

<sup>122</sup> KAPPAUN, Marciano. **A práxis social da Igreja**: análise das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião - curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2007, p. 72.

<sup>123</sup> SCOTTI, 2011, p. 243-256.

<sup>124</sup> CLAUSS, Romualdo J. **Evolução Histórico-Geográfico de Tucunduva**. Tucunduva: s.e., 1982, p. 35-46.

<sup>125</sup> LEHMANN, Milton. A Colônia Guarani em 1909. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 46.

<sup>126</sup> A AGRICULTURA ERA UM MISTÉRIO A SER DESVENDADO, pois muitos dos que vieram à região noroeste tinham como profissão a agricultura, mas muitas coisas eram diferentes: não conheciam várias sementes, era um solo diferente com clima diversificado. Demorou um tempo até que pegassem a prática do plantio. Havia também aqueles que não estavam acostumadas com a vida rural, uma vez que haviam crescido num contexto urbano. Estes imigrantes geralmente desejavam as Colônias Antigas, por já terem alguma estrutura comercial e política, mas ao serem impedidos de lá permanecerem, viram-se no desafio de aprender uma nova profissão. In. BUBLITZ, Juliana. História ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul: o avanço na mata, o significado da floresta e as mudanças no ecossistema. **Tempos Históricos**, v. 15, 2º Semestre de 2011, p. 239-267.

<sup>127</sup> BUSSE, 2009, p. 31.

comunidades iniciava com três iniciativas básicas em 1900: “escolarização para os filhos, atendimento religioso, e busca de vida associativa”<sup>128</sup>.

Um dos pontos de comércio no interior da Colônia Guarany localizava-se em Ubiretama, a cerca de 13 quilômetros da Linha Doutor Pederneiras onde surgiu a Igreja Batista Bethel. Era neste lugar onde os colonos compravam seus mantimentos<sup>129</sup>.

Houve ajudas pontuais do governo aos imigrantes. Eles recebiam a quantia de 35 mil réis pela abertura das estradas, que eram mantidas por um grupo de pessoas escolhidas em cada comunidade. O custo da terra também era subsidiado. Cada colônia (uma área de 1 quilômetro de comprimento por 250 metros de largura) era vendida por um valor que variava entre 250 a 500 mil réis, dependendo do quão acidentado era o terreno. Mas, apesar da inclinação, a terra era agricultável e fértil<sup>130</sup>. Havia ainda o auxílio do governo por meio do pagamento de um vale trimestral, por meio do qual recebiam auxílio financeiro para se estabelecerem no começo. Também havia a doação de 120 mil réis para a construção da casa e mais 35 réis para comprar sementes e ferramentas. Uma vez construída a casa, seu valor era acrescido à colônia de terra, ou seja, ela recebia esta valorização monetária. O pagamento destes empréstimos ao governo se dava num período de 10 anos, tempo suficiente para os colonos produzirem e venderem seus produtos<sup>131</sup>.

Já na questão educacional não havia incentivo do governo. As escolas criadas vieram à existência pela iniciativa e incentivo dos próprios imigrantes.<sup>132</sup> As primeiras escolas surgiram alfabetizando os alunos na língua alemã, língua dos próprios colonos, logo no começo do assentamento na região, em 1900. “A primeira escola foi construída junto ao pátio da Igreja na

<sup>128</sup> FLORES, Hilda. **A canção dos imigrantes**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983, p. 256.

<sup>129</sup> BERG, Olavo. **Entrevista com Henrique Koch e participação especial de Lisa e Alfredo Winderlich**. Pelotas, 18 fev. 1960. 9ª Assembleia das Igrejas Batistas Independentes do Brasil. Áudio.

<sup>130</sup> LEHMANN. In. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 46.

<sup>131</sup> BERG, 18 fev. 1960, Áudio.

<sup>132</sup> O MISSIONÁRIO JANSSON E O SONHO DE ESTABELECEER UMA ESCOLA: apenas uma semana depois da sua chegada, o missionário Erik Jansson, ao ver a situação educacional precária dos (i)migrantes, começou uma escola em sua própria casa. No final do ano letivo, em 1913, convidou o Secretário de Educação do município, que ficou muito impressionado e prometeu uma verba mensal para a escola. Já que Erik não tinha sustento suficiente, resolveu tornar-se professor reconhecido pelas autoridades brasileiras. Assim, podia conseguir o sustento por aqui mesmo. Por isso começou a estudar a língua portuguesa. Mas seu ânimo logo terminou, pois o Secretário de Educação nunca cumpriu aquela sua promessa. Duas semanas depois da chegada, ganhou três terrenos: um seria para a construção do templo, outro para a escola e outro para sua moradia. A condição era que deveria construir dentro de um ano. Por isso, Erik começou a enviar artigos para o “Jornal Batista”, para a “Tribuna Sueca” e outros jornais evangélicos na Suécia, pedindo verbas para essas construções. Passou-se quase um ano e não chegou nada. Mesmo assim, começou as construções, contraindo dívidas. Na caixa da igreja Filadélfia em Örebro entrou muito dinheiro para esse fim, mas Ongman nunca repassou essas verbas. Não sabemos o porquê. Depois de um tempo, a situação de Erik ficou bem difícil, pois tinha muitas dívidas em Guarany. In. JONSSON, Lars-Erik; LIMA, José Tomaz R.; ORESTE, Mário A.; SCHIERZ, Ulrich; BLOCH, Cleo Harison. **História dos Batistas Independentes**. Esteio: STBISUL, 2018, p. 19.

Linha Timbaúva/RS. Inicialmente, as atividades escolares eram modestas, curtas e muitas vezes interrompidas em razão dos trabalhos agrícolas”<sup>133</sup>.

A perspectiva comparativa entre o que os (i)migrantes tinham e conheciam na Europa com a realidade brasileira é natural àqueles que se aventuraram pelo mar e chegaram a uma terra desconhecida, mas é parcial e não leva em conta a situação em que estavam os caboclos e indígenas expropriados das suas terras e que não tinham o apoio do governo. Os nativos estavam em pior situação, uma vez que o governo não queria acordo com eles, desejando expulsá-los de suas terras<sup>134</sup>.

### 1.3 A vida religiosa adaptada à nova realidade

Já havia batistas na região, alguns oriundos da Alemanha, de teologia batista tradicional, segundo os princípios estabelecidos pelo originador do movimento, João Geraldo Oncken<sup>135</sup>. Outros grupos batistas surgiram a partir de 1912, principalmente ligados à imigração sueca, sendo de linhagem pentecostal<sup>136</sup>.

Na Volínia, o trabalho batista tradicional era expressivo em termos de membros participantes como também em termos de relevância social. Vivenciavam o lema de seu fundador na Alemanha: *cada batista um missionário*<sup>137</sup>, e tinham como apoio o auxílio de vários pastores da Alemanha e da Polônia. Entre os pastores que realizaram estas visitas estavam Severin Lehmann e Gottfried Alf. Estima-se que havia pelo menos 20 igrejas batistas na

<sup>133</sup> WUTZKE. *In*. GUIMARÃES; KREBS (org.), 2015, p. 55-63.

<sup>134</sup> DALL’ALBA, J. L. **O Vale do Braço do Norte**. Coleção Museu do Imigrante, 1973, p. 293.

<sup>135</sup> JOÃO GERALDO ONCKEN “nasceu na Alemanha em 1800. Mudando-se para Londres, entrou em contato com outros grupos evangélicos independentes, filiando-se ao grupo. Após sua conversão, em 1823, foi enviado à Alemanha por uma Sociedade Missionária Inglesa. Começou a pregar em Hamburgo através de uma livraria que achou prudente estabelecer, em face da intolerância das autoridades eclesiásticas locais. Estudando as Escrituras, passou a questionar o batismo infantil. Então decidiu não levar à pia batismal seu filho primogênito. Entrou também em dúvidas acerca do seu próprio batismo, ocorrido na infância. Como não havia nenhum batista na Alemanha para quem Oncken pudesse apelar, foi aconselhado a repetir João Smith, batizando-se a si mesmo, ou a voltar à Inglaterra a fim de ser batizado por um pastor batista. Oncken não estava disposto a seguir nenhuma das sugestões. Mas as notícias de seu trabalho e de seu problema chegaram aos Estados Unidos e, em consequência, o professor batista norte-americano Sears visitou a Alemanha e batizou, em 22 de abril de 1834, nas águas do Rio Elba, a Oncken, sua esposa e mais cinco. No dia seguinte, o grupo organizou a Primeira Igreja Batista na Alemanha. Logo depois os batistas norte-americanos nomearam Oncken seu missionário oficial na Alemanha e através dele a visão batista de igreja, quer direta ou indiretamente, chegou a vários países da Europa: a Dinamarca; a Suécia; a Noruega; a Holanda; a Suíça; a Letônia; a Lituânia; e a Hungria.” *In*. PEREIRA, 1994, p. 74-75.

<sup>136</sup> WUTZKE, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004, p. 3.

<sup>137</sup> WUTZKE; LANGE, 2015, DVD.

Volínia, todas com várias congregações<sup>138</sup>, organizadas numa espécie de convenção<sup>139</sup>. Esta convenção chegou a ter o seu próprio jornal, gerador de identidade cultural no grupo<sup>140</sup>.

O agrupamento religioso na Rússia e posteriormente no Brasil é significativo para a análise que se quer fazer neste trabalho. As comunidades são essenciais na questão da construção e renovação cultural deste grupo em formação, fazendo com que a cultura seja concebida considerando

não mais indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além de numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades<sup>141</sup>.

Quando se olha o rol de membros da Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva, no município de Cândido Godói, que é a mais antiga igreja da CIBILA, percebe-se que os membros fundadores provêm de três igrejas batistas na Volínia<sup>142</sup>: a Igreja Batista de Sorotschin<sup>143</sup>, a Igreja Batista de Moisejewka<sup>144</sup> e a Igreja Batista de Neudorf<sup>145</sup>. Estima-se que

<sup>138</sup> WUTZKE, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004, p. 3.

<sup>139</sup> A ASSOCIAÇÃO DE IGREJAS é comum no meio batista. Em setembro de 1887, foi organizada a União das Igrejas Batistas na Rússia, em Neudorf. Alf estava presente e foi escolhido como presidente. *In.* MILLER. Disponível em: [www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf](http://www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf). Acesso em: 08 maio 2018. Artigo em PDF, p. 06.

<sup>140</sup> DER HAUSFREUND foi um periódico batista para os imigrantes alemães na Rússia. Foi fundado por Julius Hermann em 1890.

<sup>141</sup> WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. Os temas da Geografia Cultural. *In.* CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 28.

<sup>142</sup> MODES, 2016, p. 253-273.

<sup>143</sup> A IGREJA BATISTA DE SOROTSCHIN iniciou na casa de uma família que veio da Polônia para a Volínia em 1860. Foi visitada pelo pastor Gottfried Alf. A comunidade foi fundada em 22 de maio 1864, com 250 membros. No ano de 1881 esta igreja já tinha 323 membros e realizava trabalhos em 24 congregações. Em 20 anos alcançou 700 membros. *In.* WUTZKE, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004, p. 3-4.

<sup>144</sup> A IGREJA BATISTA DE MOISEJEWKA foi fundada em julho de 1888, sob a liderança do pastor Gottfried K., com 240 membros. Em 1908 tinha 2200 membros com um templo para 1200 pessoas. Tinha também nesta época mais de 20 congregações. *In.* WUTZKE, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004, p. 4-5.

<sup>145</sup> A IGREJA BATISTA DE NEUDORF era a maior das três. Seu templo acomodava 2000 pessoas e era o segundo maior na Volínia. Inaugurado em 16 de setembro 1907, era utilizado uma vez por mês, quando os membros das congregações se reuniam num mesmo lugar. Esta construção era inovadora em todos os aspectos: ela já tinha um batistério. No ano de 1904 a igreja tinha 18 congregações com 9 templos construídos e 1003 membros. A igreja foi fundada em 31 de outubro de 1866, sendo uma das congregações da igreja de Sorotschin. *In.* MILLER. Disponível em: [www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf](http://www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf). Acesso em: 08 maio 2018. Artigo em PDF, p. 04.

em 1914 havia 10 mil batistas na Volínia, dado estatístico produzido pelo próprio grupo, visando destacar a sua influência nesta região<sup>146</sup>.

ILUSTRAÇÃO 04 – Imagem da Igreja Batista de Sorotschin, na Volínia (Rússia), em 1924, na Festa dos Instrumentos de Sopro



Fonte: Imagem do Boletim Informativo, ano 16, n. 31.

Estes que chegaram à região de Guarani trouxeram a sua religião consigo. O primeiro culto realizado foi na casa de um batista de nome Julio Eichelt, em 1912. Os participantes estavam ligados à Igreja Batista da Linha República, que tinha como pastor Friedrich Leimann<sup>147</sup>, que aconselhou o grupo a se organizar como igreja. No dia 18 de maio de 1915, na casa de Julio Eichelt, foi organizada a Igreja Batista de Linha Timbaúva. Neste momento, ela

<sup>146</sup> WUTZKE, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004, p. 5.

<sup>147</sup> FRIEDRICH LEIMANN “estudou na Escola Missionária idealizada pelo pastor Karl Roth, escola esta que providenciou líderes para as igrejas da Convenção das Igrejas Alemãs do Rio Grande do Sul. Ele se tornou o primeiro presidente desta Convenção. Friedrich e seu irmão Willy foram os idealizadores desta Convenção, sendo liderança expressiva em seu meio. Ele era um dos 4 (quatro) pastores itinerantes que atendiam a 6 (seis) igrejas e outras 13 (treze) congregações da Convenção na qual era o presidente. Estas igrejas estavam espalhadas pelos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. A falta de pastores e missionários é uma justificativa interessante para o crescimento da Missão Sueca, que passou a absorver algumas das igrejas fundadas por estes pastores, mas que não eram atendidas a contento, não por falta de iniciativa ou vontade, mas por falta de trabalhadores.” *In*. CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. **Os pioneiros: 1910-2010: 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil**. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010, p. 29-37.



ainda é uma igreja de linhagem batista tradicional, pois os pastores e missionários que atendiam o grupo eram desta denominação.

É interessante destacar a contribuição dos batistas tradicionais para o estabelecimento das igrejas da Convenção Batista Independente de Língua Alemã, de linhagem pentecostal. De início eram tradicionais e trabalhavam em conjunto. A transição do meio batista tradicional para o pentecostal se deveu principalmente pelo envolvimento dos missionários pentecostais na obra batista no interior do Rio Grande do Sul<sup>148</sup>.

O direcionamento do movimento missionário protestante para a América Latina e, conseqüentemente, para o Brasil, pode ser localizado historicamente a partir do início do século XX, impulsionado pelas ideias do Congresso Mundial de Missões, em Edimburgo, Escócia, em 1910, quando se olha para outros países do globo que poderiam se tornar alvo da expansão religiosa protestante. As missões suecas estão intimamente ligadas com esta nova visão missionária protestante<sup>149</sup>.

Dentre estes missionários, precisa-se destacar Erik Jansson, que foi o segundo missionário batista pentecostal enviado da Suécia para o Brasil, com o propósito de trabalhar entre os suecos, inicialmente. Os imigrantes suecos<sup>150</sup> mantinham ainda contato com a terra natal, por meio de cartas e jornais que assinavam e que chegavam com 2 a 3 meses de atraso. Em um deles, “Svenska Tribunen” (a Tribuna Sueca), Anders Gustav Andersson<sup>151</sup>, um dos colonos em Guarani das Missões<sup>152</sup>, leu sobre o trabalho da Missão de Örebro que, apesar do “fracasso” de Adolf Larsson, continuava a enviar pastores para outros países. Andersson escreveu uma carta para o jornal, que foi publicada em 29 de março de 1911, com a manchete: “Um Clamor Macedônio”, pedindo o envio de missionários:

Brasil, 10 de fevereiro de 1911. Querido irmão Edhelberg! Primeiro quero em nosso nome agradecer pelas boas notícias nos jornais. Certamente muitos exemplares foram perdidos, mas muitos chegaram. Pedimos que continue nos mandando o jornal. É muito bom ver como a palavra de Deus é vitoriosa em outros países e na nossa velha terra. Muitos suecos chegaram estes dias aqui. São mais de trezentos, todos com saúde e felizes pela chegada. Contam que muitos outros virão. Eles são de Kiruna e tomarão posse de terras aqui no Brasil. Aqui tem isso, que é suficiente para milhares de pessoas, e os colonos recebem ajuda, até a colheita e até poderem trabalhar independentes... agora outra coisa. Vários suecos saúdam e perguntam se vocês aí em

<sup>148</sup> WUTZKE; LANGE, 2015, DVD.

<sup>149</sup> KAPPAUN, 2007, p. 68.

<sup>150</sup> NÚMERO DE IMIGRANTES SUECOS NO BRASIL: “Göran Friberg dá números da imigração sueca ao Brasil em seu livro, indicando que entre os anos de 1819 e 1970 cerca de 8.335 mil suecos desembarcaram aqui.” *In*. FRIBORG, Göran, **Brasiliensvenskarna**, Emigrantinstitutets Skriftserie, n. 5, 1988, p. 132.

<sup>151</sup> ANDERS GUSTAF ANDERSSON “nasceu na Suécia em 29 de julho de 1855 e veio para o Brasil em 1891. Ele acompanhou o missionário em suas viagens pelo interior. Apesar da dificuldade da língua, fazia o possível para participar do ministério e sua principal contribuição foram as orações.” *In*. SOUZA, Eliézer Corrêa de. **Os batistas independentes: uma trajetória missionária**. Londrina: s.n., 1998, p. 25-26.

<sup>152</sup> SOUZA, 1998, p. 25.

Örebro não poderiam mandar um missionário até nós. Nós não temos nenhum líder, ninguém que fale do evangelho. Quando viajamos para cá, há dezenove anos, muitos eram crentes, mas agora não são nada. Com isso as crianças aqui são criadas numa grande escuridão e paganismo. Nós cremos que se viesse alguém aqui e começasse um movimento espiritual, o Senhor levantaria e o povo voltaria a ele novamente. Nós vimos no jornal que vocês mandam missionários para lugares muito mais selvagens que o Brasil, como a Índia e a África... Queridos amigos, quando forem mandar pregadores do evangelho, não esqueçam do Brasil. Há três anos, completados em dezembro último, recebemos a visita do missionário Fransson, e que há poucos dias recebemos a notícia de sua morte por meio do jornal. Ele gostava muito desse lugar e dizia que ia tentar mandar um pregador para cá. Ele prometeu que escreveria para nós, mas então veio a morte. Se Fransson tivesse vivido, teríamos com certeza um pregador do evangelho aqui e agora. Amigos, peçam a Deus por nós, que estamos aqui na escuridão e na sombra da morte. Que Deus possa nos iluminar. Tenho orado a Deus, que Ele logo possa vir com a sua ajuda, para que todos nós possamos estar preparados para o Seu encontro, como diz: Vede, Eu logo voltarei<sup>153</sup>.

A carta redigida pelo (i)migrante sueco refletia a sua teologia batista, e é um tanto tendenciosa por considerar pagãos todos aqueles que não eram batistas, mas este argumento foi forte para a reivindicação que ele fez: precisavam de um missionário. Mesmo com as dificuldades de comunicação com os (i)migrantes suecos no período, os colonos ficaram sabendo das decisões da Junta de Örebro e questionaram o envio de missionários a outros lugares. A carta era pessoal, mas refletia um sentimento de injustiça praticado contra um grupo inteiro<sup>154</sup>.

Os suecos foram apenas um dos grupos minoritários que chegaram até a cidade de Guarani. O grupo mais expressivo a povoar a região foram os poloneses<sup>155</sup>, que trouxeram consigo a sua religião e estabeleceram a Igreja Católica no município<sup>156</sup>. O estranhamento entre católicos e protestantes era comum, a ponto de os protestantes não se sentirem parte da vida comunitária, principalmente nas festas com conotação religiosa católica. A expectativa por um missionário trazia consigo a perspectiva da construção do sentimento identitário de comunidade e um fortalecimento da frente de oposição ao catolicismo implantado<sup>157</sup>.

A organização das colônias, principalmente as de financiamento particular, estava vinculada à vida religiosa de forma muito intensa. A religião era o mecanismo de orientação da vida particular e pública, por isso tão requisitada pelos colonos e as próprias divergências

<sup>153</sup> MAGNUSSON, John. *John Ongman, en levnadsteckning*. Örebro: Örebro Missionsförenings Förlag, 1932, p. 22.

<sup>154</sup> SVENSKA TRIBUNEN, 29 mar. 1911.

<sup>155</sup> WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Montanhas que furam as nuvens: Imigração Polonesa em Áurea – RS – (1910-1945)**. Passo Fundo: UPF, 2002, p. 54.

<sup>156</sup> O CATOLICISMO EM GUARANI se mostra presente nas representações construídas em toda a cidade. Há diversos santuários representando a religiosidade católica. In: SLODKOWSKI, Aline Carlise; HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidade polonesa em Guarani das Missões/RS. **GEOMAE**, Campo Mourão, v. 2, n. 1, 2º Sem. 2011, p. 44-45.

<sup>157</sup> SLODKOWSKI, Aline Carlise. A cultura polonesa em Guarani das Missões/RS: uma proposta para a práxis educacional interativa em sala de aula. **Revista Percurso**. Maringá, v. 3, n. 1, 2011, p. 63-87.

religiosas eram formas de exercer poder e de subjugar os demais, por isso os suecos queriam uma igreja própria estabelecida. Estes núcleos de povoamento com referência à vida religiosa eram chamados de *Stadplätze*. “O qualificativo *Stadplätze* é expressivo na medida em que se caracteriza uma distribuição do espaço nas colônias em geral e traduz a importância destes locais como pontos de concentração das atividades sociais, religiosas e econômicas”<sup>158</sup>.

Poder expressar a sua religião, com os contornos aos quais estavam acostumados, era também uma forma de fugir da realidade desafiadora que cercava os colonos. “A religião inclui o constituído num mundo mais abrangente – sagrado – que legitima, justifica e explica as mazelas do cosmos constituído”<sup>159</sup>.

Atendendo ao pedido da carta, em 1912, Erik Jansson<sup>160</sup> iniciou sua viagem sem a garantia de sustento, diante das dificuldades financeiras que a Organização Missionária passava no momento<sup>161</sup>. Seu interesse era ir para a China, mas John Ongman o fez pensar no Brasil. Jansson mesmo relata:

Quando voltei das férias, fui visitar o diretor, o Pr. John Ongman, para lhe comunicar que após a conclusão dos meus estudos iria para a China como missionário. Ele levantou-se, pôs a mão no meu ombro e disse: “Irmão Jansson – você vai para o Brasil.” Respondi que não poderia ir para um lugar para o qual Deus não havia me chamado. Ele tirou da gaveta uma carta do Brasil escrita por Anders Gustav Andersson que morava no interior do Brasil em Guarani-RS. “Toma esta carta, leia e ore a Deus.” Aceitei a carta, li e orei a Deus. A grande surpresa foi que o Pr. Ongman não sabia da conversa que tive com a jovem que hoje é minha esposa. Fiquei um tanto surpreendido quando disse que iria ao Brasil<sup>162</sup>.

<sup>158</sup> SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990, p. 24.

<sup>159</sup> BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 7.

<sup>160</sup> ERIK JANSSON “nasceu na Suécia em 12 de fevereiro de 1885. Foi batizado em 19 de julho de 1903. Estudou no seminário onde John Ongman era diretor e desejava ir para a China. Terminou seus estudos em 1912 e foi o próprio diretor que lhe apresentou a carta vinda do Brasil, solicitando missionários. Jansson insiste em ir para a China, mas neste tempo conhece Anna Malm, que mais tarde se torna sua esposa e que tem o desejo de ser missionária no Brasil. Em 23 de novembro de 1911 Jansson se convence de que o Brasil seria seu campo missionário. Em 28 de abril de 1912 ele é ordenado ao ministério e enviado ao Brasil.” *In*. SOUZA, 1998, p. 25-28. Somente em 1953 Erik e Anna voltam à Suécia para sua aposentadoria. Ele faleceu em 15 de abril de 1971, com 86 anos, e ela em 29 de julho de 1982, com 86 anos também. ANNA UND ERIK JANSSON, UNSERE PIONIERE. **BI**, n.14, ano 8, janeiro a julho de 1996, p. 7.

<sup>161</sup> JANSSON NÃO RECEBEU SUSTENTO FINANCEIRO da missão, que lhe designou ao Brasil e se comprometeu em “apenas” orar por ele. O próprio diretor lhe dirigiu as seguintes palavras: “Irmão, tu terás que ir pela fé (...) tudo o que estiver ao nosso alcance faremos e oraremos por ti”. *In*. KAPPAUN, 2007, p. 84. Mesmo sem sustento, o missionário Jansson estava convicto de que deveria vir ao Brasil, e seu registro deixa isso muito claro: “Vou de todos os modos porque seguramente haverá outras pessoas a que se possa pregar o evangelho. Se um dia escutais que já não estou entre vocês os vivos, não fiquéis tristes, mas sim alegres, porque então já estarei com Deus. Sou escolhido e designado pela missão a ser um dos muitos obreiros de Cristo.” *In*. Relatos extraídos do Livro “Verano Eterno”, de Sven Arne Flodell e publicados por: PERSON, Vilmar, 07 jan. 2012. **Imigração Sueca em Guarani das Missões, Região Noroeste do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://vilmarperson.blogspot.com.br/2012/01/100-anos-da-igreja-batista-independente.html>. Acesso em: 10 abr. 2018.

<sup>162</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n.56, ano 22, out./dez. 2011, p. 12.

Jansson saiu da Suécia no dia 04 de maio de 1912<sup>163</sup>, chegando à cidade de Ijuí no dia 3 de setembro<sup>164</sup>. Em Ijuí, Jansson encontrou um menino sueco de nome Otto Hammarström que lhe levou até uma família sueca, os Persson, pertencentes à igreja luterana. Estas duas famílias suecas deram início ao trabalho batista independente em Ijuí<sup>165</sup>. Alguns dias depois, em 12 de setembro de 1912, chegou ao seu destino final: Guarani, na casa de Anders Gustav Andersson, autor da carta que deu origem à sua vinda para o Brasil. Anders e sua esposa, Blenda, antes de virem ao Brasil, pertenciam a uma Igreja Batista em Estocolmo, e foram os primeiros a serem recebidos por meio de carta de transferência na igreja fundada por Jansson, sua esposa Anna, o casal Beckman e a senhora Person em Guarani das Missões.<sup>166</sup>

As reuniões começaram com a chegada do missionário. Conforme seus próprios registros, “meu primeiro culto para os suecos em Guarani aconteceu em 15 de setembro, sob a sombra de uma árvore de mate no quintal de A. G. Andersson”<sup>167</sup>. Havia na motivação da vinda do missionário e no desejo dos colonos a necessidade de amparo espiritual e de condução moral da vida daqueles que se encontravam no Brasil, uma vez que, para alguns, o modo de vida dos colonos sem a presença da igreja era considerado imoral, necessitando de uma intervenção eclesiástica<sup>168</sup>. Mas o trabalho de Jansson foi muito além: ele se tornou o elemento central da vida da comunidade, fazendo com que ela passasse a existir e a se reunir periodicamente. Com a sua vinda surgem os cultos e todas as festividades do grupo<sup>169</sup>. É também no ano da sua chegada que a comunidade comemorou pela primeira vez o Natal em solo brasileiro, e durante a comemoração foi hasteada a bandeira sueca na Colônia. Em seus registros<sup>170</sup>, Jansson menciona que o trabalho foi muito frutífero, tendo como efeito batismos mensais. Na prática percebe-se que não foi tão efetivo, pois a igreja não cresceu muito entre os suecos e só se expandiu em solo brasileiro com a entrada dos teuto-russos.

---

<sup>163</sup> SOUZA, 1998, p. 26-28.

<sup>164</sup> FLODELL, 2004, p. 93.

<sup>165</sup> SOUZA, 1998, p. 28.

<sup>166</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. *Zur Geschichte Unserer Deutschen Konferenz*. Porto Alegre: Esperança, 1989, p. 1.

<sup>167</sup> JANSSON, Erik. *Under Söders Kors I*. Örebro: Örebro Missionsförenings Förlag, 1941, p. 48.

<sup>168</sup> O REGRAMENTO MORAL está associado principalmente aos vícios, tidos como afronta pela igreja batista sueca, conforme se verá no terceiro capítulo deste estudo. Havia a necessidade de um pastor para proibir a ingestão de bebida alcoólica. IGREJA BATISTA ALEMÃ BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 14.

<sup>169</sup> JANSSON CELEBROU FESTAS TRADICIONAIS SUECAS ao reunir a comunidade em Guarany. Ele trouxe consigo a bandeira sueca, que foi hasteada no lugar. Com o grupo, Jansson estabeleceu as principais celebrações de seu país de origem. In. JONSSON, *et al.*, 2018, p. 18.

<sup>170</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n.56, ano 22, out. a dez. 2011, p. 12.

A noiva de Jansson veio ao Brasil apenas dois anos depois. Em 26 de junho de 1914 Anna Malm<sup>171</sup> chegou ao Brasil para se casar com o missionário Jansson e auxiliar no campo missionário<sup>172</sup>. Anna era também formada em Teologia pela Escola de Örebro e ainda era enfermeira e parteira. Embora os registros oficiais destaquem a figura do pastor Jansson, sua esposa Anna foi importante no desenvolvimento do trabalho. Ela teve, inclusive, influência na decisão de Jansson vir ao Brasil<sup>173</sup>:

Após o período de primavera na Örebromissionsskola, em 1911, Jansson viajou para Gagnef para visitar os pais e, durante a viagem, visitou quem posteriormente se tornaria sua esposa, Anna Malm. Ele estava em Amsberg e Malm lhe perguntou se havia lido o artigo do jornal "*Svenska Tribunen*", que mencionava a necessidade de missionários no Brasil. A resposta que Jansson lhe deu, certamente, não foi a que ela desejava escutar. Anna pegou o jornal e, colocando-o sobre a mesa, leram juntos a matéria. Anna disse: "Vamos para o Brasil? Eu me sinto muito tocada por este pedido e quero ir ao Brasil". Jansson lhe respondeu que ele se sentia chamado para servir como missionário na China. Ainda segundo a narrativa de Jansson: "Ajoelhamo-nos juntos e, orando, deixamos este assunto nas mãos de Deus"<sup>174</sup>.

---

<sup>171</sup> OUTRO MISSIONÁRIO SUECO VEIO AO BRASIL – Junto com Anna Malm chegou ao Brasil o pastor Carl Svensson, que passou a trabalhar na cidade de Ijuí, onde em janeiro de 1915 batizou sete suecos e fundou mais uma igreja batista sueca. *In*. Relatos extraídos do Livro "Verano Eterno", de Sven Arne Flodell e publicados por: PERSON, Vilmar, 07 jan. 2012. **Imigração Sueca em Guarani das Missões, Região Noroeste do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://vilmarperson.blogspot.com.br/2012/01/100-anos-da-igreja-batista-independente.html>. Acesso em: 10 abr. 2018.

<sup>172</sup> ANNA UND ERIK JANSSON, UNSERE PIONIÈRE. **BI**, n. 14, ano 8, jan./jul. 1996, p. 7.

<sup>173</sup> EKSTRÖM, Leif. **Estudo sobre a História dos Batistas Independentes**. Campinas: Batista Independente, 2008, p. 49-50.

<sup>174</sup> VALÉRIO, Samuel Pereira. **Pentecostalismo brasileiro de migração: contexto, cotidiano e institucionalização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo – Tese Doutorado em Ciências da Religião, 2019, p. 42.

Os frutos de seus esforços missionário foram medidos pelos batismos realizados<sup>175</sup>. O primeiro realizado em Guarani, de três suecos, data de 7 de janeiro de 1914. Naquele mesmo ano, no mês de setembro, o grupo que se reunia periodicamente com o missionário Jansson organizou efetivamente uma igreja nesta cidade e concretizou o marco inicial do trabalho batista sueco no Brasil. Um mês depois da fundação da igreja é construída a capela, contando já com a ajuda dos imigrantes teuto-russos que também se juntaram a esta comunidade, como se verá na sequência<sup>176</sup>.

**ILUSTRAÇÃO 05 – Batismo em um rio nos arredores da vila Guarany, em 1914, pelo missionário Erik Jansson**



Fonte: imagem retirada da Apostila Módulo 12 sobre a História dos Batistas Independentes

Os imigrantes suecos foram os pioneiros a chegar à vila de Guarani, junto com os poloneses (que se tornaram com o passar do tempo o grupo majoritário), russos e alemães, sendo que entre os anos de 1906 e 1913 um grande contingente de imigrantes teuto-russos chegou e, como já foi destacado, em sua maioria eram da região da Volínia. Jansson fundou inicialmente uma igreja batista sueca, mas depois voltou seu trabalho para os imigrantes teuto-russos, a convite destes, estabelecendo as igrejas que constituem a CIBILA<sup>177</sup>. Esta igreja

<sup>175</sup> RESULTADOS DO TRABALHO: durante a primeira década de trabalho os missionários suecos estabeleceram 14 congregações e 3 escolas. In. JONSSON, *et al.*, 2018, p. 19.

<sup>176</sup> PERSSON, Alfredo M. Papai me disse que naquele tempo era assim. **Luz nas Trevas**. Santa Maria, Ano XXXV, n. 12, dez. 1961. Edição Comemorativa, p. 4.

<sup>177</sup> JANSSON, 1941, p. 122.

batista sueca na cidade de Guarany desapareceu com o tempo, sendo reorganizada novamente na história recente, com a ajuda da Igreja Batista Independente Betel<sup>178</sup>.

---

<sup>178</sup> A REORGANIZAÇÃO DA IGREJA BATISTA SUECA EM GUARANI se deu próximo às comemorações do centenário do trabalho sueco no país. Neste momento a Convenção das Igrejas Batistas Independentes tomou a iniciativa pelo trabalho. Para reativar a igreja, foi convidado o pastor Fabio Luciano Birk e se fez a locação de um espaço para a realização dos cultos. Muitas pessoas das igrejas da região (principalmente da Igreja Batista Independente Betel e da Igreja Batista Independente da Linha 8 de Agosto) se envolveram nos mutirões de limpeza e pintura do espaço locado para os cultos. No dia 30 de novembro de 2008 foi realizado o culto de posse do pastor e o reinício oficial dos trabalhos nesta cidade. O evento é histórico para os batistas independentes no Brasil e contou com a presença de representantes da CIBI, CIBILA, CIBIERGS e da InterAct na América Latina, o pastor Ruben Johansson. Registros no final do ano de 2008 em um texto no Boletim Informativo mostraram os trabalhos realizados na cidade e a frequência crescente de pessoas da comunidade. Em janeiro de 2009 realizou-se um trabalho voltado para as crianças que estavam de férias na cidade e a nova igreja reuniu 115 crianças nesta programação especial. *In.* BIRK, Fabio Luciano. Novo campo missionário: Guarani das Missões/RS. **BI**, n.45, ano 19, janeiro a março de 2009, p. 16. Estas ações e investimentos representam a crescente valorização dos batistas independentes pela sua história e também mostram que em algum momento a visão da Convenção esteve voltada para novos campos, esquecendo das comunidades antigas, a ponto de deixar morrer trabalhos onde toda a estrutura iniciou. Além da revitalização deste espaço religioso na cidade de Guarani, as comemorações do centenário da missão sueca no Brasil foram significativas para as comunidades alemãs, uma vez que as programações ocorreram na região noroeste do Rio Grande do Sul, onde todo trabalho começou. As comemorações ocorreram entre os dias 24 e 28 de janeiro de 2012, na cidade de Santa Rosa. Batistas Independentes de todo Brasil se reuniram nesta festividade de comemoração e de valorização das igrejas da região pelo seu empenho e difusão desta denominação em solo brasileiro. *In.* SCHÖNWALD, Edegar. Centenário da CIBI. **BI**, n. 45, ano 23, jan./mar. 2012, capa e p. 11-14.

## 2 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL NO BRASIL

Já se fez menção do primeiro grupo organizado como igreja pertencente à CIBILA, que é a Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva. Esta igreja foi mais limitada em seu escopo e, embora ainda exista na atualidade, nota-se que não foi a grande propulsora para os trabalhos convencionais e nem mesmo para a disseminação de novas igrejas.

O número de imigrantes volinianos na Linha Timbaúva cresceu consideravelmente nos anos de 1900. Havia cerca de cinquenta e cinco pessoas que se reuniam nas casas, num sistema de rodízio entre os participantes, funcionando como uma espécie de congregação da Igreja Batista Alemã da Linha República. O primeiro culto foi realizado na casa de Julio Eichelt no ano de 1912.<sup>179</sup> Em 18 de maio de 1915, sob a orientação do pastor Friedrich Leimann e atendendo ao pedido da comunidade de se tornarem uma igreja autônoma ligada à missão sueca (que tinha uma igreja em Guarani das Missões), foi oficialmente organizada a Igreja Batista da Linha Timbaúva. Esta é a primeira igreja de teuto-russos vinculada à missão sueca no Brasil.

Depois de organizada, esta comunidade foi inicialmente conduzida de forma itinerante por Erik Jansson, Gunnar e John Sjöberg e Alfred Winderlich. Teve Robert Busch como pastor efetivo na comunidade. Como tinha poucos membros, em muitos momentos da história a Igreja Batista da Linha Timbaúva compartilhou pastores de outras comunidades, que realizavam aos trabalhos na localidade em momentos específicos<sup>180</sup>.

É a partir da segunda igreja teuto-russa da CIBILA que o processo de proliferação de comunidades com teologia *pentecostal de imigração*, advindas do hibridismo cultural, se torna uma realidade. Esta identidade construída, que é “um significado cultural e socialmente atribuído”<sup>181</sup> (nem todas as diferenças existentes no grupo foram pensadas para serem contrastantes), faz com que as comunidades se caracterizem pelo contato com semelhantes e ao mesmo tempo pelo distanciamento dos estranhos, fazendo oposição a eles em muitos momentos. É desta segunda igreja que partem as iniciativas convencionais e também o padrão de organização institucional de práticas das comunidades. Trata-se da Igreja Batista Independente Betel da Linha Doutor Pederneiras, chamada no início de Igreja Batista Bethel. Ela se tornou o modelo padrão para a criação de outras igrejas. Aprofundar o estudo sobre esta igreja faz conhecer os traços culturais da CIBILA e também seu início.

---

<sup>179</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. *Zum gedenken na die 50 jahre*. Porto Alegre: Esperança, 1989?, p. 3.

<sup>180</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 3.

<sup>181</sup> SILVA, Tomás Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 89.



Em 1911 houve iniciativas de doutrinação entre os imigrantes vindos da Europa e da Rússia que se estabeleceram na região da Linha Doutor Pederneiras, por meio da pregação de Willi Leimann<sup>182</sup> e outros envolvidos neste trabalho. Os convertidos inicialmente se filiaram à Igreja Batista da Linha República, uma igreja pertencente à Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul<sup>183</sup>. A partir de 1912 alguns destes convertidos passaram a manifestar insatisfações com relação a igreja a qual estavam filiados. Heinrich Koch liderou os descontentes, que queriam abandonar algumas práticas que consideravam contraditórias com a sua interpretação bíblica. As discussões surgiram dentro da Igreja Batista da Linha República e estavam relacionadas a diferentes compreensões sobre o uso do fumo e da bebida alcoólica. Houve várias reuniões buscando equacionar a questão, mas os críticos que não concordavam com a plantação de tabaco e o consumo do fumo e da bebida alcoólica não se contentaram com as explicações dadas e buscaram uma oportunidade para romper com aquela igreja. O rompimento tinha um preço elevado, pois havia famílias divididas nas discussões<sup>184</sup>.

Esta vontade de ruptura fez com que o colono Heinrich Koch estabelecesse contato com o missionário Jansson, para que ele liderasse o grupo de batistas que estava descontente com a Igreja Batista da Linha República,<sup>185</sup> que no início era formado por cerca de 20 pessoas. Heinrich Koch (que se comunicava bem na língua portuguesa) e Friedrich Oswald<sup>186</sup> foram visitar o missionário Jansson, que estava na casa da família Carlson, em Ijuí. Na conversa com o missionário perceberam que o grande desafio seria a comunicação. Jansson não falava alemão e nem mesmo português neste primeiro encontro, mas por meio de poucas palavras e gestos entenderam que deveriam trabalhar juntos. Ele foi convidado para visitar o grupo em 1912, período em que os convertidos ainda se reuniam nas casas em Pederneiras, principalmente na casa da família Fiedler<sup>187</sup>, passando a acompanhar o grupo com certa regularidade. Sem esta

---

<sup>182</sup> WILLI LEIMANN “nasceu no dia 3 de abril de 1888 na Letônia e faleceu no dia 9 de novembro de 1962. Em 1894, seus pais emigraram para o Brasil. Depois de um breve curso teológico, dedicou-se ao trabalho missionário. De 1908 até 1921 foi pastor da Igreja Batista Leta da Linha 11, em Ijuí. De lá ele fez muitas visitas a outros grupos de batistas alemães em Ijuí e em todo o Estado. Teve parte ativa na organização da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul, de linhagem tradicional, e foi seu primeiro secretário de 1910 a 1916. Antes do tempo, ele se retirou da ativa. Cedo surgiram algumas complicações corporais, a tal ponto dele ficar cada vez mais quieto. Mesmo assim, acompanhou com muito interesse o desenvolvimento da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul.” *In. Jornal Missionsbote*, n. 1, jan. 1963, ano 37.

<sup>183</sup> A CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS ALEMÃS DO RIO GRANDE DO SUL representa na atualidade o grupo de igrejas que compõe a Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, de linhagem tradicional e de traços culturais germânicos.

<sup>184</sup> BERG, 18 fev. 1960, Áudio.

<sup>185</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 12-13.

<sup>186</sup> FRIEDRICH OSWALD é eleito como ancião da igreja em 1922 e permanece no cargo por 32 anos ininterruptos. *In. IGREJA BATISTA BETHEL. Livro de Atas 03*, ata de 20 de fevereiro de 1954, p. 35.

<sup>187</sup> BERG, 18 fev. 1960, Áudio.

aproximação do missionário com os descontentes, a divisão da Igreja Batista da Linha República não teria acontecido ou seria em proporções muito menores do que foi. O missionário se valeu da oportunidade para organizar o seu grupo de trabalho e expandir os interesses da missão sueca<sup>188</sup>.

Em 1917, as discussões internas na Igreja Batista da Linha República se tornam mais intensas. Foi organizada uma conferência das igrejas batistas alemãs para discutir diversos temas, dentre eles a questão do tabaco. Um comitê foi formado para discutir o assunto e, Jansson, que estava hospedado na casa onde ocorreram as discussões, foi convidado a participar. Aqueles que queriam ter liberdade para plantar o tabaco pediam que seus opositores lhes fornecessem uma referência bíblica específica que proibisse seu cultivo. Obviamente ela não existe, por isso foi fácil para o comitê decidir que cada um teria liberdade para agir como quisesse, tendo em vista que os opositores eram a minoria. Para Jansson, o comitê era tendencioso, pois a maior parte dos componentes estava interessada no plantio do tabaco<sup>189</sup>.

Jansson afirma em seus escritos que evitou visitar membros da Igreja Batista da Linha República (mas os contatos aconteceram constantemente), mas que após vários convites se propôs a ajudá-los a se organizarem como igreja novamente, baseados nos princípios que acreditavam ser os corretos e que coincidentemente convergiam com a sua proposta de trabalho<sup>190</sup>. Esta saída da Igreja Batista da Linha República deixou marcas no relacionamento destes conhecidos. Por muitos anos houve a decisão de afastamento entre as igrejas<sup>191</sup>, embora estivessem separadas por poucos quilômetros de distância e fossem compostas por pessoas que eram parentes entre si. Foram os membros da Igreja Batista da Linha República que tomaram a iniciativa de aproximação, ao convidarem aqueles que saíram da igreja em 1917 para uma Festa de Ação de Graças, em 1931<sup>192</sup>.

Após o afastamento da Igreja Batista da Linha República, os dissidentes se juntaram à Igreja sueca Bethel, na cidade de Guarani, e ficaram sob a direção de Jansson. Em 1918, os membros fundadores da Igreja Bethel, de origem sueca, exigiram que os alemães que haviam se tornado membros deixassem a igreja. A nova discussão envolvendo os dissidentes da Igreja Batista da Linha República foi ocasionada porque os teuto-russos se tornaram maioria na igreja sueca e, dentro do sistema de governo batista, pelo número passaram a tomar as decisões, principalmente de ordem cultural. Os suecos se sentiram prejudicados em sua própria igreja,

---

<sup>188</sup> JANSSON, 1941, p. 123.

<sup>189</sup> JANSSON, 1941, p. 123-124.

<sup>190</sup> JANSSON, 1941, p. 123-124.

<sup>191</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 29 de novembro de 1919, p. 33-34.

<sup>192</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 03 de maio de 1931, p. 172.

exigindo a retirada dos que haviam se aproximado posteriormente. Os alemães saíram e receberam 800 mil réis pelo trabalho empenhado na construção da capela, o que eles aceitaram para evitar mais brigas<sup>193</sup>. Nas duas rupturas manifestam-se claras relações de poder. É um poder simbólico, conforme apontado por Bourdieu, legitimado pela posição social de quem fala<sup>194</sup>. No grupo, o missionário era a pessoa com maior capital simbólico – conhecimento da Bíblia – e, por isso, estava certo em suas considerações. A democracia teorizada pelo grupo era praticável enquanto todos pensavam de forma parecida. Fora isso, o grupo majoritário e detentor do poder simbólico impunha a sua vontade<sup>195</sup>.

Jansson acompanhou o grupo de alemães e, em 14 de dezembro de 1918, ajudou-os na elaboração dos planos para a reorganização da Igreja Batista Bethel<sup>196</sup> da Linha Doutor Pederneiras<sup>197</sup>, oficialmente fundada em 15 de dezembro de 1918 e constituída de 163 membros<sup>198</sup>. Este número é a soma dos que se tornaram membros nas assembleias realizadas

<sup>193</sup> JANSSON, 1941, p. 128.

<sup>194</sup> BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In. BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89.

<sup>195</sup> ZANELLA, Andréa Vieira; PRADO FILHO, Kléber; ABELLA, Sandra Iris Sobrera. Relações sociais e poder em um contexto grupal: reflexões a partir de uma atividade específica. **Estudos de Psicologia**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003, 8(1), p. 85-91.

<sup>196</sup> A IGREJA ADOTA O NOME “BETEL” desde o seu início, dando continuidade ao nome que tinha quando ainda estava ligada aos imigrantes suecos. Na primeira ata fala-se da igreja como Igreja Batista Alemã Bethel, mas nas demais atas menciona-se apenas o nome Igreja Batista Betel, retirando a expressão “alemã” e o “h” do nome Betel. In. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 14.

<sup>197</sup> O NOME DA IGREJA ESTÁ SEMPRE ASSOCIADO À LOCALIDADE – o lugar/terra tem importância singular para os imigrantes que colonizaram a região, a ponto de incorporarem o nome da localidade num dos seus principais elementos identitários: a comunidade religiosa. Todas as igrejas da Convenção Batista Independente de Língua Alemã carregam em seu nome alguma identificação com o lugar onde estão inseridas. É como se o lugar ocupasse posição central na construção destas identidades, e de fato era. “O lugar é tido como a base da vida cotidiana e da sociabilidade entre as pessoas. O sentimento de pertencimento ao lugar está relacionado ao trabalho acessório, às formas de solidariedade, às atividades lúdico-religiosas, às relações de parentesco e vizinhança e à perspectiva dos filhos em continuar na propriedade e na agricultura.” Nesta perspectiva, o lugar ganha a dimensão da segurança da continuidade da própria comunidade, pois é ele o espaço determinante de sua existência e funcionamento. In. MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, n.14, v.2, p. 58. Sobre esta relação entre o território e a identidade, Haesbaert escreve que “o território envolve sempre, ao mesmo tempo [...] uma dimensão simbólica, cultural, por meio de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.” In. HAESBAERT, Rogério. A noção de rede regional a partir da migração gaúcha no Brasil. **Território**, ano 3, n. 4, jan.-jun., 1998, p. 42.

<sup>198</sup> NO SOMATÓRIO DE MEMBROS, em dois dias, a Igreja recém organizada tem 163 ou 164 membros em seu rol (147 ou 148 da primeira assembleia mais os 16 da segunda). O secretário da assembleia faz uma soma na ata, após a listagem dos membros fundadores, e chega ao número de 92 pessoas, mas contagens posteriores mostram que foram apenas 91 membros fundadores. Segundo os dados apresentados pelo missionário Jansson, o número é de 163 membros, o que aponta para um erro no somatório da primeira ata e está de acordo com as somas realidades posteriormente. IGREJA BATISTA BETHEL **Livro de atas 01**, ata de 16 de dezembro de 1918, p. 15-16. 101 dos 147 membros citados na primeira assembleia são alemães-russos, vindo em sua maioria da Volínia, o que equivale a cerca de 70% dos membros da igreja originários desta mesma região.

em dois dias consecutivos<sup>199</sup>: 15 e 16 de dezembro de 1918<sup>200</sup>. Como a ruptura com a igreja da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul se deveu, sobretudo, às diferenças no entendimento acerca da plantação de fumo e da ingestão de bebida alcoólica, na assembleia de fundação os presentes prometeram solenemente ao missionário que jamais plantariam fumo ou fariam ingestão de bebida alcoólica, e as pessoas que o fizessem seriam excluídas do rol de membros da igreja<sup>201</sup>. Criou-se a Igreja Batista Bethel, segundo os princípios abordados por Durkheim quando ele descreve as crenças religiosas, dizendo que

São comuns a determinada coletividade que faz profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. São sempre pessoas admitidas a título individual, por todos os membros desta coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade. Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas, é o que se chama de igreja<sup>202</sup>.

A criação de comunidades independentes, como a Igreja Batista Bethel, seguia normalmente dois caminhos basilares: a estruturação física da nova comunidade e a sua organização simbólica do credo e do comportamento ritual, muitas vezes assimilando elementos de outros contextos religiosos, destoando do grupo do qual saíram<sup>203</sup>. A fé se tornou a principal manifestação cultural deste grupo e passou a exprimir a identidade essencial dos Batistas Independentes. Nesta relação de cultura e identidade é importante notar que

A cultura pode existir sem consciência da identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. A identidade existe em função da cultura e exprime suas características distintivas mais marcantes, atribuindo vínculos simbólicos que permitem estabelecer classificações de pertencimento, de inclusão ou de exclusão. A oposição referida é simbólica, centrada em códigos culturais particulares, que caracterizam cada grupo social e, dessa forma, “excludente” no sentido de identificação e de pertencimento a tal grupo<sup>204</sup>.

<sup>199</sup> A ATA DE ORGANIZAÇÃO traz no final da parte 08, parte que corresponde aos fundadores da igreja, um somatório de 92 pessoas. Mas há apenas 84 nomes na lista. Quando se considera o nome de pessoas que receberam cargos e são listados no decorrer da ata, sem estarem na lista de membros fundadores, a constar Erik Jansson, Carl Welander, Josef Zimmermann, Gustaf Fischer, Julius Bloch, Rudolf Tonn, Hermann Vogel, chega-se à soma de 91 pessoas. Há a possibilidade de se incluir no somatório o nome de Johann Konrad, que era da igreja sueca e estava presente na reunião, mas é pouco provável que tenha sido membro da igreja. *In*. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 02-08.

<sup>200</sup> JANSSON, 1941, p. 129.

<sup>201</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 01.

<sup>202</sup> DURKHEIM, 1989, p. 75.

<sup>203</sup> A respeito da fundação das comunidades livres: DREHER, Martin. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 55.

<sup>204</sup> CUCHE, Denys. **La noción de cultura em Las ciencias sociales**. Tradução: Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002, p. 176.

Reconhecendo o trabalho do missionário Erik Jansson, a Igreja Batista Bethel o convidou para ser o seu pastor em 02 de agosto de 1919. A votação, contudo, não foi unânime, por causa do posicionamento firme de Jansson naquilo que acreditava. A Igreja Batista Bethel não tinha um ano de fundação quando alguns membros passaram a questionar a legitimidade da proibição da ingestão de bebida alcoólica e da plantação de tabaco, elementos decisivos na organização deste grupo<sup>205</sup>.

A organização da Igreja Batista Bethel foi significativa para seus membros. Seyferth, em seus estudos sobre a cultura e a imigração, destacou a naturalidade destas aproximações ao dizer que

um dos efeitos mais importantes dessa situação é a aglutinação de pessoas da mesma origem (étnica ou regional) em grupos étnicos mais ou menos identificados com valores culturais próprios. Os elementos culturais valorizados são praticamente os mesmos, tanto para os colonos, como para os imigrantes, que permaneceram em áreas urbanas: entre eles destacam-se a conservação do idioma e dos costumes, sendo que a diferenciação se afirma sobre valores religiosos, morais, familiares, associativos, culturais<sup>206</sup>.

Como não tinham um templo, inicialmente passaram a se reunir debaixo de árvores, isso quando não chovia. Em assembleia decidiram que a casa do ancião da igreja<sup>207</sup> seria considerada como o endereço oficial da comunidade até que se construísse uma capela para as reuniões<sup>208</sup>. Em sua segunda assembleia ordinária, em fevereiro de 1919, menos de dois meses após a sua organização, a comunidade decidiu pela construção da capela<sup>209</sup> na Linha Doutor

<sup>205</sup> O PRIMEIRO PASTOR DA IGREJA foi Erik Jansson, escolhido por votação, que tinha em sua assembleia 62 votantes e destes 31 votam a favor, 2 contra e 30 não se posicionam. *In.* IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 02 de agosto de 1919, p. 30.

<sup>206</sup> SEYFERTH, 1990, p. 83.

<sup>207</sup> ANCIÃO, PRESBITERO OU PRESIDENTE: as três designações foram usadas dentro da comunidade da Igreja Bethel para se referir ao principal líder da igreja e que não era o pastor. A expressão corresponde ao substantivo alemão *Ältester*, que carrega consigo a ideia de alguém experiente primeiramente. Com a institucionalização da igreja, passou-se a chamar o ancião de presidente. Em alguns momentos a Igreja teve um ancião para cuidar das questões espirituais e um presidente para os assuntos administrativos.

<sup>208</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 10.

<sup>209</sup> PARA A CONSTRUÇÃO DA CAPELA decidiu-se que cada família deveria doar 3 mil réis para a aquisição do material para a construção e o pagamento de eventuais despesas com mão de obra. Mas, apesar de toda esta organização, as questões teológicas relacionadas às proibições da igreja geraram muito desgaste e investimento de tempo, atrasando a construção da capela. Outro motivo para a demora estava relacionado a dificuldade de se conseguir tábuas para a construção. *In.* IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 26 de março de 1969, p. 230; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 02 de agosto de 1919, p. 30.

Pederneiras. Todos os membros deveriam ajudar no empreendimento, que seria dirigido por um comitê de construção<sup>210</sup> eleito em assembleia<sup>211</sup>.

Em 4 de outubro de 1919, a Igreja Batista Bethel passou a usar a sua nova capela na Linha Doutor Pederneiras<sup>212</sup>. A inauguração oficial da capela ocorreu no dia seguinte e foi presidida pelo pastor Jansson<sup>213</sup>. Esta capela foi ampliada em 1930<sup>214</sup>. A comunidade em estudo ainda teve outras duas capelas. A primeira foi destruída por um incêndio acidental, ocorrido em 17 de março de 1942 e causado por uma fagulha levada pelo vento dos tocos de árvores queimados nas proximidades. Toda a construção, com seu imobilizado, foi perdida. Ela foi substituída por outra maior e mais moderna.<sup>215</sup>

A construção de um cemitério foi significativa para a fidelização de seus membros. Ao lado da capela da Linha Pederneiras já havia um imenso espaço destinado ao cemitério, cuja construção foi concluída em 1927. O cemitério era destinado aos membros, mas quem não era membro poderia ser enterrado ali mediante o pagamento de uma taxa. Pertencer à igreja representava ter a segurança de um enterro “digno”, o que era uma forma de dominação e sujeição dos membros, que faziam de tudo para permanecer na Igreja para serem enterrados em seu cemitério<sup>216</sup>.

O espaço físico é significativo para as comunidades batistas. Ele é um marco na sociedade e, em muitos contextos, fazia frente ao catolicismo<sup>217</sup>. A construção cria um ambiente por meio do qual se persuade pela aparência. É um capital simbólico usado pela religião em termos de convencimento dos fiéis. Desta forma os elementos não verbais comunicam tanto quanto a pregação ou, em outra perspectiva, a pregação é empoderada pela marca visível na sociedade<sup>218</sup>.

Logo em seu início, percebe-se uma estrutura básica de funcionamento na Igreja Batista Bethel, com cargos definidos. Na ata de organização estabelece-se que a liderança desta

---

<sup>210</sup> O COMITÊ DE CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA CAPELA era composto pelos seguintes membros, representando as diferentes Linhas: da linha Pederneiras, os irmãos Rudolf Fischer e Gottfried Kelm; da linha Abrantes, o irmão W. Steinbremer; da linha 23 de Julho, o irmão Julius Bloch; da linha 8 de Agosto, o irmão Heinrich Koch e da linha 7 de Setembro, A. Schulz. *In. IGREJA BATISTA BETHEL. Livro de atas 01*, ata de 8 de fevereiro de 1919, p. 17.

<sup>211</sup> OS COMITÊS são uma característica dos batistas para a realização de trabalhos maiores. *In. IGREJA BATISTA BETHEL. Livro de atas 01*, ata de 8 de fevereiro de 1919, p. 17.

<sup>212</sup> JANSSON, 1941, p. 132.

<sup>213</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 04 de outubro de 1919, p. 32-33.

<sup>214</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 06 de setembro de 1930, p. 163.

<sup>215</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 08 de outubro de 1927, p. 138.

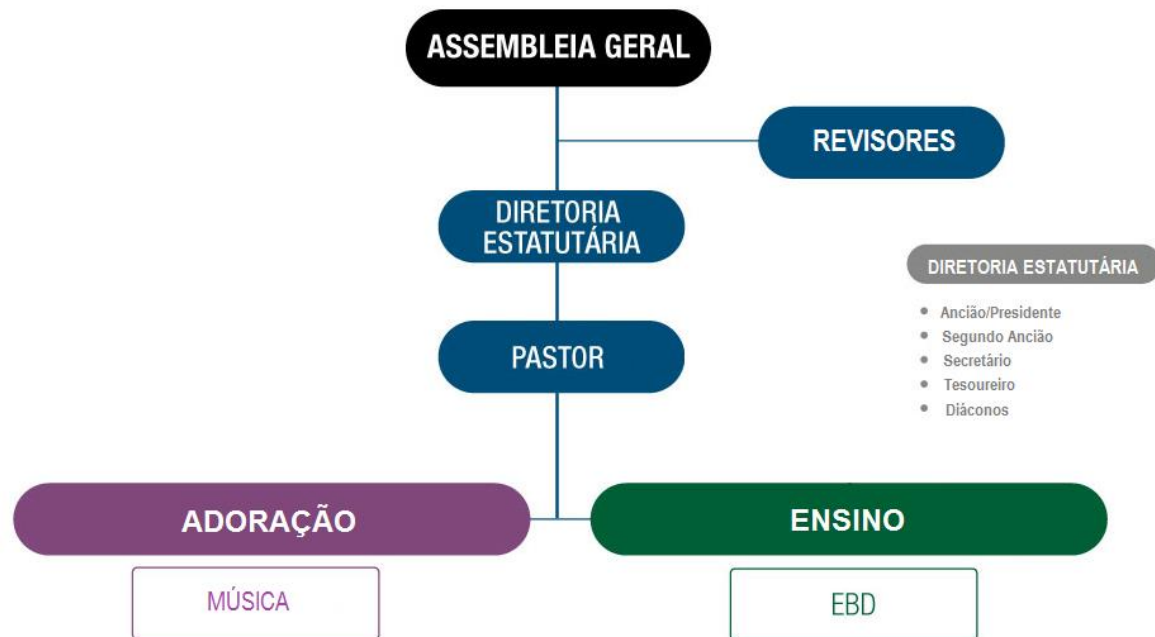
<sup>216</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 08 de outubro de 1927, p. 138.

<sup>217</sup> SEYFERTH, 1990, p. 51.

<sup>218</sup> STORTO, L. J. *Discurso religioso midiático: argumentação e língua falada em pregações evangélicas*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015, p. 50.

comunidade será feita pelo ancião/presidente que, junto com o segundo ancião, o secretário, o tesoureiro, os diáconos e os revisores de caixa compõem a diretoria. Além destas funções, a comunidade escolhe os regentes dos corais e professores para a Escola Bíblica Dominical. Esta é a estrutura básica da Igreja Batista Bethel que se mantém até a atualidade<sup>219</sup>.

ILUSTRAÇÃO 06 – Organograma da estrutura administrativa da Igreja Batista Bethel em sua organização, em 1918



Fonte: imagem elaborada pelo autor com base na Ata de Fundação da Igreja Batista Bethel

Também se evidencia a estrutura congregacional de governo na Igreja Batista Bethel<sup>220</sup>, em que a assembleia<sup>221</sup> é o fórum oficial das decisões e todos os membros têm o

<sup>219</sup> ELEITOS para os cargos na primeira assembleia: Daniel Bieler como ancião e presidente; Johann Schulz como secretário; Johann Oswald como tesoureiro; Fridrich Oswald como segundo ancião e vice-presidente; Rudolf Fischer como vice-secretário. A igreja elegeu também os seguintes diáconos: Ludwig Weiss para a linha Abrantes; Stefan Wolter para a linha Pederneiras e 13 de Maio; Josef Zimmermann para a linha 23 de Julho; Gustaf Fischer para a linha 8 de Agosto; Eduard Lechner para a linha 7 de Setembro. Ludwig Arndt foi escolhido como dirigente do coral e da orquestra de sopro da Linha Pederneiras e Gustaf Fischer como dirigente do coral da Linha 8 de Agosto. Como dirigente da escola dominical foi escolhido Daniel Bieler, auxiliado pelos professores: Andreas Schulz na Linha 7 de Setembro; Julius Bloch com o auxiliar Rudolf Tonn para a Linha 23 de Julho; e Hermann Vogel para a Linha Pederneiras. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 08-09.

<sup>220</sup> O GOVERNO CONGREGACIONAL DA IGREJA é a designação de seu sistema de tomadas de decisões, baseado no princípio da democracia, exercido pela congregação local. A democracia se exprime pelo voto: cada membro tem direito a um voto, e o vencido aprende que deve cooperar com a maioria vencedora. *In*. SOUZA, 2010, p. 71.

<sup>221</sup> A SERIEDADE DAS DISCUSSÕES DAS ASSEMBLEIAS é evidenciada pela frequência de seus membros e também pelos assuntos tratados. Elas regem a vida da comunidade e também a vida pessoal. Estabelece-se, para um bom andamento das assembleias, algumas regras parlamentares, dentre as quais se destaca que cada membro tinha direito a três manifestações apenas. Se quisesse se pronunciar mais uma vez, dependia de autorização especial da assembleia. As regras são formuladas devido aos excessos. Todos os assuntos polêmicos (alguns constrangedores, como embriaguez e adultério), eram apresentados abertamente na assembleia, expondo as pessoas. Este tipo de exposição gerava grandes discussões e polarizações, pois as

direito de expressar a sua opinião e o de votar quando uma questão é debatida. No início as assembleias eram bem frequentes, ocorrendo de dois em dois meses, no domingo que antecedia a lua cheia. Mais tarde, passaram a ocorrer de três em três meses e, a partir da década de 80, deixaram de ter uma regularidade fixa, ocorrendo quando necessário, ao final do culto de ceia, além de uma assembleia anual na qual as pessoas eram escolhidas para os cargos.

Além de ampliações na estrutura física, ocorreu a estruturação legal da Igreja Batista Bethel. O missionário Jansson apresentou à assembleia da comunidade o primeiro texto do que se tornaria o estatuto<sup>222</sup> da Igreja.<sup>223</sup> Este material escrito foi lido em uma reunião e aprovado pela maioria<sup>224</sup>. No ano de 1935, a igreja foi registrada com o nome “Betel”, embora este nome já fosse usado desde seu início e aparecesse em documentos desde 1924<sup>225</sup>. A nova concepção estatutária reflete o processo de reterritorialização<sup>226</sup> oficial do grupo. Ocorre no processo uma modificação, com a necessidade de adaptação e transformação dos códigos, para que a mudança seja efetiva<sup>227</sup>.

Todos os investimentos estruturais foram realizados com a ajuda e a contribuição voluntária dos membros da igreja. Todos puderam participar, mas nem todos se envolveram. Em 1973, a igreja chega a cogitar a possibilidade de mencionar em assembleia o nome dos membros que não contribuía financeiramente com os trabalhos<sup>228</sup>. Estabelece-se na década de 80 um valor de contribuição por membro, para que a igreja consiga atender as diferentes demandas: a escola, o cemitério, a compra de um carro, o sustento pastoral. Mas a contribuição

---

peças mais próximas tendiam a defender o acusado e os mais distantes desejavam punir com a exclusão. Algumas assembleias foram marcadas por xingamentos. *In. IGREJA BATISTA BETHEL. Livro de atas 01, ata de 04 de fevereiro de 1922, p. 78.*

<sup>222</sup> OS ESTATUTOS EXERCEREM DOMÍNIO. Eles são enquadrados por Weber como *dominação legal*, apontando para leis e orientações estabelecidas por um grupo de indivíduos, que são aceitas e obedecidas formalmente pelos demais. Estas regras podem definir a conduta das pessoas em seu âmbito particular como também coletivo. Neste princípio não se obedece a uma pessoa, mas à regra instituída, que é usada pela classe dirigente para reger a vida comum. *In. WEBER, M. Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft. Wirtschaft und Gesellschaft*. 4. ed. organizada e revista por Johannes Winkelmann. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1956, v. 2. p. 551-558.

<sup>223</sup> O PRIMEIRO ESTATUTO foi redigido nos bastidores. Não se sabe ao certo quais pessoas estavam envolvidas na redação ou se ele foi elaborado apenas pelo missionário. Ele é instrumento de regimento da comunidade e tem papel oficial na organização deste grupo religioso. Um pormenor interessante é que o escrito foi redigido na língua alemã e depois traduzido para o português, visando através dele fazer o registro oficial da instituição. *In. IGREJA BATISTA BETHEL. Livro de atas 01, ata de 17 de novembro de 1934, p. 231-241.*

<sup>224</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01, ata de 17 de novembro de 1934, p. 231-241.*

<sup>225</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04, ata de 14 de janeiro de 1978, p. 69.*

<sup>226</sup> RETERRITORIALIZAÇÃO é um conceito que provém da geografia e é trabalhado principalmente por HAESBAERT, R., na obra *Identidades territoriais*. *In. ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190. Para mais informações sugere-se a leitura da obra.

<sup>227</sup> CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999, p. 159.

<sup>228</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 04, ata de 27 de janeiro de 1973, p. 32.*



voluntária é o marco desta comunidade, como também das outras que surgem a partir dela. As divergências internas alteravam as entradas, pois os descontentes paravam de contribuir financeiramente com a comunidade. A insatisfação com os pastores foi o principal elemento de discórdia na Igreja Batista Bethel<sup>229</sup>.

Um dos trabalhos sociais sustentados pela Igreja Batista Bethel foi a sociedade escolar por ela organizada. Em 1919 há registros de comentários de membros mais idosos que destacaram a importância do estudo para os filhos dos colonos<sup>230</sup>. Na assembleia de 29 de novembro de 1919, um membro foi drástico ao dizer que a falta de uma escola para os filhos fazia com que eles “crescessem como bois”, o que foi extremamente ofensivo para os demais. Este membro se retratou na assembleia seguinte, pedindo desculpas pela infeliz expressão, mas o seu pensamento surtiu efeito<sup>231</sup>.

Diante da necessidade do ensino formal, a Igreja Batista Bethel decidiu contratar um professor. Não há o registro do seu nome nas atas, mas sabe-se que seu sobrenome era Steinbrenner. Este senhor foi escolhido como professor das crianças, com salário de 50 mil réis. Cada família deveria contribuir com 10 mil réis por ano, tendo ou não filhos na escola. Quem tivesse filhos matriculados, deveria acrescentar ao valor mais mil réis por mês. Motivações religiosas podem ser percebidas na criação da escola para os filhos dos membros da Igreja Batista Bethel. Havia o interesse de que não estudassem com católicos e luteranos<sup>232</sup>. As escolas confessionais eram um reforço na transmissão dos conceitos religiosos pretendidos pelas comunidades<sup>233</sup>.

Com o crescimento da escola, criou-se uma Sociedade Escolar. Esta sociedade pediu autorização da igreja para a construção de uma escola em alguma propriedade da Igreja Batista Bethel (este local não pôde ser identificado), e a assembleia autorizou a construção<sup>234</sup>. Com o passar dos anos, esta escola desapareceu dos registros e é provável que tenha sido assimilada pela iniciativa pública, uma vez que uma escola estadual surgiu na região em que estava situada esta escola confessional. Também é possível que esta falta de citação esteja vinculada ao

<sup>229</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 14 de janeiro de 1978, p. 69.

<sup>230</sup> SOBRE AS ESCOLAS RURAIS, Seyferth destaca que elas não surgiram por motivos étnicos apenas, mas, sobretudo, “porque o governo brasileiro não deu atenção à questão do ensino e, o que é mais grave, ao ensino primário, nas regiões povoadas com imigrantes. *In.* SEYFERTH, 1990, p. 28.

<sup>231</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 29 de novembro de 1919, p. 33-34.

<sup>232</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 29 de novembro de 1919, p. 33-34.

<sup>233</sup> GARDOLINSKI, Edmund. **Escolas e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1977, p. 13.

<sup>234</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 04 de abril de 1925, p. 123.

período da Nacionalização (1937-1945)<sup>235</sup> e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)<sup>236</sup>, que praticamente extinguiu as assembleias e trouxe implicações sobre a escola na qual se lecionava em alemão.

A proibição do uso da língua alemã e de materiais neste idioma, que era predominante nestas comunidades, fez com que boa parte das reuniões da Igreja Batista Bethel fossem canceladas ou realizadas em segredo, para não despertar o olhar das autoridades. O que se preservou em toda a história é o registro das assembleias anuais, que tinham como objetivo relatar o que ocorreu no período e eleger a diretoria, bem como outros cargos<sup>237</sup>. A suspensão de atividades não se dá meramente pelo aspecto proibitivo, mas porque a supressão linguística descaracterizava a manifestação cultural do grupo, uma vez que eles compreendiam a língua como principal código de transmissão e manifestação cultural.<sup>238</sup>

A atitude de silêncio em meio ao período de Nacionalização não foi uma ação inesperada. “Enquanto igreja, os batistas têm pugnado por absoluta separação do Estado”<sup>239</sup>. Percebe-se que a ideologia batista, com seus dogmas religiosos, favorece a existência de um ambiente que não suscita interesse por “problemas que existam fora das paredes de uma igreja”<sup>240</sup>, voltando a sua atenção para a “salvação dos não crentes”. Evidencia-se que “os

---

<sup>235</sup> A NACIONALIZAÇÃO E A PROIBIÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: “Pelo Decreto-Lei nº 406 de 04 de maio de 1938, nos Artigos 85, 86 e 87, o Presidente Getúlio Vargas proibiu o uso de línguas estrangeiras no ensino escolar e censurou a publicação de obras em línguas estrangeiras *In*. BRASIL. **Decreto-lei n.º 406 de 4 de maio de 1938**. LEX: Coletânea de legislação com notas coordenadas e índices sistemáticos, organizada pelo plano de autoria do advogado Dr. Pedro Vicente Bobbio. Legislação Federal. São Paulo: Lex, Ano II, p. 172, 1938. Seção 1.

<sup>236</sup> A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL trouxe desafios para as igrejas com imigrantes alemães. Com a entrada do Brasil na Guerra, em 1942, um movimento popular fez com que estabelecimentos comerciais de alemães fossem depredados. “Foi promulgado um decreto-lei contra os estrangeiros oriundos dos países do Eixo. Com esta lei tornou-se quase impossível a realização dos cultos nestas comunidades de imigrantes.” *In*. CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL, 2010, p. 59.

<sup>237</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 10.

<sup>238</sup> OS CÓDIGOS DE MANIFESTAÇÃO CULTURAL “constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções. Neste processo de codificação cultural, salienta-se a comunicação, oral e escrita, como um dos códigos essenciais para transmissão e projeção da cultura no tempo e no espaço.” *In*. BRUM NETO, Helena. **Região cultural: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007, p. 44.

<sup>239</sup> AZEVEDO, Israel Belo. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 226.

<sup>240</sup> LOPES, José Eduardo. Bases históricas do “Manifesto dos Ministros Batistas”. *In*. PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo (Orgs.). **Os batistas: controvérsias e vocação para a intransigência**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 227.

batistas não se integraram no processo histórico da nacionalidade. Apenas declinaram do convite”<sup>241</sup>.

O ano de 1942 marca o início desta instabilidade. Não há muitos registros do período nas atas, inclusive momentos marcantes, como o incêndio da primeira capela em 17 de março de 1942, não foram transcritos. As atas deste período (1942 a 1949) foram redigidas somente na língua portuguesa, num livro de atas separado, chamado de *O LIVRO DE ATAS PERDIDO* (é registrado na pesquisa desta forma porque não tem numeração sequencial e não estava com os demais livros). O Livro de Atas 02 foi abruptamente encerrado, depois de poucas páginas preenchidas, e o Livro de Atas 03 trazia apenas as atas depois do ano de 1949. Por causa da Segunda Guerra e da Nacionalização, a Igreja Batista Bethel foi obrigada a se “abrasileirar” e o registro neste livro, de língua portuguesa, aponta para esta necessidade do período. Este Livro de Atas não estava com os demais e foi difícil localizá-lo, sendo que a comunidade atual desconhecia sua existência.

As mudanças nas leis do país obrigaram a Igreja Batista Bethel a fazer uma nova eleição em maio de 1942. As autoridades civis e as leis brasileiras não permitiam que um estrangeiro exercesse algum cargo na diretoria da igreja. Não se registra nada além da eleição no ano de 1942. Em 1943 o registro é menor ainda, e apenas se fala da exclusão de duas pessoas. Foi um período complicado para os membros desta comunidade majoritariamente alemã<sup>242</sup>. Após o período de repressão, a igreja voltou a sua rotina normal. Os cultos voltaram a ser em alemão e todos os registros de suas assembleias também ocorreram neste formato. Somente a partir de 1970 é que se faz a tradução das atas para a língua portuguesa, mas elas continuam sendo redigidas em alemão.

A língua é fator decisivo de identificação interna e de expressão das crenças. “Religião se expressa, entre outros modos, por meio da língua. O caráter da língua influencia a forma da expressão religiosa; às vezes, também o conteúdo. Palavras perdem e ganham os seus significados no processo de tradução”<sup>243</sup>. Como identificadora de um determinado grupo social, a língua adquire o papel de “um código essencial em virtude do seu caráter relacional, responsável pela inter-relação, comunicação e difusão cultural”, ou seja, “é o conjunto de hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e se fazer compreender”<sup>244</sup>. Além

<sup>241</sup> BURITY, Joanildo. A redenção total: a reconstrução protestante da realidade brasileira. In. HALLIDAY, Tereza Lúcia (Org.). **Atos retóricos: mensagens estratégicas de políticos e igrejas**. São Paulo: Summus, 1988, p. 45.

<sup>242</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas Perdido**, ata de 09 de maio de 1942, p. 01.

<sup>243</sup> DROOGERS, André. **Religiosidade Popular Luterana**. São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 29.

<sup>244</sup> SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969, p. 92.

de ser um elemento estruturado no contexto cultural das comunidades Batistas Independentes de Língua Alemã, a língua é elemento estruturante, transmitindo os valores e preceitos a serem seguidos pelos novos grupos que foram originados.

O Período de Nacionalização teve reflexos importantes no país. É no governo de Getúlio Vargas, em meio a um regime autoritário (chamado de ditatorial) que se estabelece o Estado Novo (1937-1945) e se tomam algumas iniciativas com reflexo direto sobre os (i)migrantes, que deveriam incorporar a então estabelecida cultura brasileira<sup>245</sup>. Por isso estabeleceu-se que

nas escolas, os professores deveriam ser brasileiros natos ou naturalizados, as aulas deveriam ser ministradas em português e era proibido o ensino de outras línguas estrangeiras. Em 1939, medidas mais drásticas foram adotadas: houve a proibição de falar uma língua estrangeira em público – inclusive durante celebrações religiosas – e o fechamento de diversas instituições de caráter étnico dirigidas pelos imigrantes alemães e seus descendentes (ginástica, corais, tiro ao alvo, bolão e outras agremiações consideradas perigosas). Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as repressões ficaram ainda mais violentas, pessoas que não falassem português eram presas e parte da memória dos imigrantes foi destruída (jornais, revistas, livros, documentos, etc.). O isolamento relegado aos descendentes alemães em suas colônias passou a ser visto como um problema a ser amplamente discutido. Por não dominarem o português, por manterem escolas, cultos e missas em língua alemã e por normalmente casarem-se entre si, os descendentes alemães eram acusados de serem resistentes à integração nacional. Nesta época, intensificaram-se pelo país notícias de que o “perigo alemão” ameaçava o domínio brasileiro nas terras do sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). Tais veiculações davam conta de que a Alemanha possuía um plano estrategicamente traçado para a criação de uma Alemanha sul-americana<sup>246</sup>.

René Gertz esclarece que tais posições eram exageradas e devem ser vistas com reservas. “A ação governamental contra o ‘perigo alemão’ constituía-se em dois níveis: o educativo, exigindo o ensino do português nas escolas; e o repressivo, proibindo o uso cotidiano da língua alemã”<sup>247</sup>.

A Igreja Batista Bethel, por meio das suas assembleias, tentava regulamentar a vida das pessoas. Casamentos, questões de propriedade, o envolvimento ou não das autoridades civis em determinados assuntos, moralidade e outras questões eram decididas pela assembleia. Dentre os assuntos abordados pela assembleia com repercussões sobre a vida particular dos membros estava a questão dos casamentos. Noivados com pessoas de fora da comunidade dependiam de autorização. Várias pessoas foram excluídas por se casarem com quem não era da Igreja Batista Bethel. O pastor da igreja não tinha autorização para realizar casamentos

<sup>245</sup> GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1991, p. 53; MOMBACH, Clarissa. O governo Vargas e suas implicações na produção literária teuto-brasileira. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo** – Dossiê n. 10, set. 2012, p. 32-34.

<sup>246</sup> GERTZ, 1991, p. 32-34.

<sup>247</sup> GERTZ, 1991, p. 32-34.

“mistos”<sup>248</sup>. Somente a partir de 1945 é que se percebe uma postura de diálogo mais presente na igreja e em assembleia decidiu-se não excluir automaticamente aqueles que casavam com não membros<sup>249</sup>. Para a preservação e a manutenção cultural, o efeito de regular sobre a formação das famílias foi de fundamental importância, inibindo a entrada de pessoas de cultura diferente, recurso usado pela igreja com o assentimento das famílias. Esta atividade reguladora das assembleias e a exclusão sumária de membros que transgredissem as leis impostas pela liderança limitava muito o conceito de democracia defendido pelo grupo.

O conjunto das instituições étnicas se completa com a família, reduto íntimo da etnicidade, pois cabe a ela socializar os filhos como membros do grupo. A família é concebida nestes termos na maior parte dos grupos aqui focalizados: no contexto étnico o papel principal é o controle familiar sobre os casamentos, o que supõe o controle sobre a endogamia<sup>250</sup>.

A assembleia e os cultos eram vistos como os dispositivos reguladores da vida diária dos membros da comunidade. A autoridade utilizada nesta orientação provém do “sagrado que lhe empresta este caráter de objetividade, necessário nestes dispositivos”<sup>251</sup>. Como provém de uma dimensão superior, teoricamente livres de opiniões pessoais e transmitidos por um representante legal reconhecido pela comunidade e denominado de *pastor*, geralmente os posicionamentos estão acima de qualquer crítica ou de discussões<sup>252</sup>.

Esta visão superior também se manifestava no sentido da vigilância. Mesmo sem o pastor presente em todos os lugares, os diferentes diáconos representando cada uma das Linhas onde os membros moravam, eram os “olhos” do principal líder da igreja. A própria teologia batista fala de um Deus onipresente e onisciente que está presente em todas as esferas da vida humana e conhece todos os seus caminhos. Isso aponta para um claro sistema de vigilância, trabalhado por Foucault a partir do termo *panóptico*<sup>253</sup>.

<sup>248</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 08 de abril de 1922, p. 82; ata de 09 de setembro de 1922, p. 85.

<sup>249</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas Perdido**, ata de 20 de outubro de 1945, p. 10.

<sup>250</sup> SEYFERTH, 1990, p. 84.

<sup>251</sup> RADÜNZ, 1996, p. 88.

<sup>252</sup> RADÜNZ, 1996, p. 88.

<sup>253</sup> O PANÓPTICO “foi um projeto de construção arquitetônica idealizado por Jeremy Bentham, no final do século 18, como forma ideal para as prisões inglesas. O projeto previa a construção de celas individuais, dispostas num círculo (preferencialmente, mas não necessariamente), em cujo centro ficaria uma torre de vigilância. A partir desse centro, seria emitida uma luz para cada uma das celas, fazendo com que os presos não vissem o guarda (a quem Bentham chama de inspetor) nem soubessem se, efetivamente, havia ali alguém os vigiando (como citado acima, caso não pudesse estar sendo observado de fato, o detento deveria pensar que estava sendo). Cada cela abrigaria apenas um detento, impedindo, assim, sua comunicação com os demais.” *In*. ZIMMER, Marco Vinício. **O panóptico está superado?** Estudo etnográfico sobre a vigilância eletrônica. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009, p. 26.

Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, aborda o tema *Sociedade Disciplinar* e percebe que há, na modernidade, com o nascimento das novas tecnologias, uma preocupação nos mecanismos de poder em normatizar a população, evitando os desvios às normas estabelecidas. Se a pessoa se sente vigiada o tempo todo, ela tende a viver segundo a regra imposta. Foucault chama esta normatização de adestramento<sup>254</sup>.

O Panóptico [...] permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido [...] Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído [...] Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é [...] que as pessoas se encontrem presas numa situação de poder de que elas mesmas são as portadoras [...] o essencial é que elas se saibam vigiadas<sup>255</sup>.

O modelo de construção lança luz sobre diferentes formas de controle exercidas na vida pública. A Igreja Batista Bethel manteve o controle de seus membros por meio de seus líderes (a escolha de líderes era uma forma de empoderamento de alguns membros que se submetiam primeiramente às regras e delatavam os que não agiam da mesma forma), das assembleias, do estatuto e do discurso teológico, punindo os transgressores e recompensando com cargos e reconhecimento os que se submetiam às doutrinas estabelecidas. Nesta linha, já argumentava Foucault, lido por Marinho, que

a “sanção normalizadora” – a qual funciona através de sanções medidas e de punições que se colocam como medidas de correção para os comportamentos desviantes, e que surge do exercício da disciplina a qual “traz consigo uma forma específica de punir e que é apenas um modelo reduzido do tribunal”. O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios e, portanto, deve ser essencialmente corretivo. A punição funciona como uma gratificação-sanção, e é esse sistema que vai incidir no processo de treinamento e de correção<sup>256</sup>.

As reuniões nas casas evidenciam uma característica da Igreja Batista Bethel preservada em toda a sua história e que é usada para a construção do ideal convencional: é uma igreja só que se reúne em diferentes lugares. Os membros se encontravam na sua localidade aos domingos e, uma vez por mês, deslocavam-se para celebrar um culto onde todos se agrupavam no mesmo lugar, sendo num mês na Linha Doutor Pederneiras; no outro, na Linha 8 de Agosto; no outro; na Linha 7 de Setembro e ainda no outro, na Linha 23 de Julho. Estas reuniões nas

<sup>254</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 132.

<sup>255</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 170.

<sup>256</sup> MARINHO, Maykon dos Santos; REIS, Luciana Araújo dos. O panoptismo como dispositivo de controle social: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. **Pergaminho**, Centro Universitário de Patos de Minas, dez. 2014, p. 73.

localidades originam as congregações. Os diáconos<sup>257</sup>, escolhidos pela comunidade, eram representantes de todas as Linhas onde moravam os membros, sendo os responsáveis por organizarem os cultos de oração<sup>258</sup> nas casas nestas localidades<sup>259</sup>.

Os cultos eram o ponto alto da celebração em comunidade. Eles eram semanais, além de outras reuniões menores. Para que se entenda a importância dos cultos pode-se mencionar a repreensão pública em assembleia de um membro que saiu do culto antes de seu término, indo para a casa de um vizinho. Ao ser repreendido, o membro da igreja se justificou dizendo que durante o culto ele teve uma dor de cabeça e decidiu ir para casa, mas no caminho ele melhorou e por isso foi para a casa de um amigo, pois não dava tempo de voltar ao culto. A não participação nos cultos gerava questionamentos e tensões que apareciam nas discussões das assembleias. Havia um temor significativo de ser apanhado em uma falta, pois o assunto era exposto em público. Novamente o controle panóptico se manifesta na vida em comunidade<sup>260</sup>. “Quem quiser tomar parte no culto da comunidade é obrigado a portar-se como homem devoto e civilizado. Nenhuma pessoa poderá perturbar a devoção da comunidade durante a pregação, o Batismo e a Santa Ceia com saídas desnecessárias”<sup>261</sup>.

Dos cultos, o mais importante e mais frequentado era o de ceia, que acontecia mensalmente. Ele representava o ponto alto da comunhão dos membros, bem como servia de termômetro do nível de envolvimento do membro com a sua comunidade. Em assembleia estabeleceu-se que a pessoa que não participasse por três vezes consecutivas dos cultos de ceia, teria que responder à assembleia os motivos da sua ausência. Não se encontrou nenhum livro de presenças na comunidade e nem mesmo pessoas responsáveis por este trabalho. Também não há registros de exclusões por falta nos cultos de ceia. Provavelmente este regramento buscou intimidar e obrigar os membros a participarem dos encontros mensais, e pelo registro mostra que surtiu efeito. A dificuldade está na assimilação do próprio conceito por alguns dos

---

<sup>257</sup> OS DIÁCONOS eram as pessoas responsáveis pelo acompanhamento mais próximo dos membros. Eles sempre foram designados por Linhas, estando desta forma ao lado daqueles sobre os quais eram responsáveis. Eles atuavam como uma espécie de juiz, cuidando de diversas áreas da vida das pessoas, principalmente da questão da moralidade. Nas suas atribuições, a assembleia estabeleceu que os Diáconos: 1) devem servir nos cultos de ceia; 2) auxiliar os presidentes a verificar se os membros vivenciam a vida cristã no seu dia a dia; 3) visitar os enfermos; 4) fazer o recolhimento das ofertas e 5) cuidar da sua própria vida e ser um bom exemplo. *In*. IGREJA BATISTA ALEMÃ BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 09.

<sup>258</sup> OS CULTOS DE ORAÇÃO existem na igreja desde a sua fundação. Em alguns momentos despertavam a preocupação dos pastores e dos membros devido à pouca frequência. Eles representam a reunião da igreja durante a semana. *In*. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 29 de maio de 1937, p. 269.

<sup>259</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 09.

<sup>260</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 31 de dezembro de 1920, p. 77.

<sup>261</sup> GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, p. 27.

membros, que passaram a entender que participar do culto de ceia era suficiente para pertencer à comunidade<sup>262</sup>.

Nos cultos, a centralidade da programação girava em torno da leitura da Bíblia. Havia profunda reverência pela leitura do Texto Sagrado, tanto que as pessoas que chegavam atrasadas aos cultos, bem na hora da leitura da Palavra de Deus, não podiam entrar no templo. Elas deveriam esperar fora deste até que a leitura fosse finalizada. Esta ação de repreensão aos membros atrasados esteve presente nas duas primeiras décadas de atividades da Igreja Batista Bethel.<sup>263</sup>

A participação dos ritos litúrgicos era uma obrigatoriedade aos membros, uma vez que neles

os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular. Essas condições de vida impostas, ou seja, a demarcação do que é lícito e do que não é lícito, é sistematizada pela religião, fundamentando-se, desta forma, a moral da convivência.<sup>264</sup>

Toda a programação dos cultos era em língua alemã<sup>265</sup>, comum aos membros da igreja. Não há nas primeiras décadas de trabalho uma preocupação em atingir pessoas que não falassem o alemão. Em 1940, durante o período da Nacionalização, a igreja até comprou duas Bíblias na língua portuguesa, o que pode parecer algo insignificante, mas já aponta para pequenas mudanças, com o hibridismo cultural se manifestando, impulsionado pelas repreensões<sup>266</sup>.

Os ideais pentecostais se fazem presentes em toda a história da Igreja Batista Bethel, bem como elementos do contexto batista tradicional<sup>267</sup>. Um exemplo dos traços do pentecostalismo clássico europeu é a aversão à ingestão de bebida alcoólica, que não era refutada no meio batista tradicional<sup>268</sup>. Na sua segunda assembleia ordinária, em 1919, os

<sup>262</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 04 de fevereiro de 1922, p. 78.

<sup>263</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 10 de março de 1934, p. 221.

<sup>264</sup> GEERTZ, 2008, p. 133-134.

<sup>265</sup> OS CULTOS EM LÍNGUA ALEMÃ perpassam a história da igreja. Mesmo no ano de 2018, cem anos após a fundação, os principais cultos da Igreja Batista Independente Betel são em língua alemã. Mesmo no período da Nacionalização a igreja não aderiu à prática dos cultos em língua portuguesa. A partir da década de 80 algumas programações, como o culto dos jovens e a EBD, deixam de ser em língua alemã.

<sup>266</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 03 de fevereiro de 1940, p. 298.

<sup>267</sup> ELEMENTOS batistas tradicionais permanecem arraigados na nova igreja que surge. Um exemplo é a utilização nos cultos do Hinário alemão "*Glaubensstimme*". Este hinário é característico da denominação batista tradicional. Na assembleia de organização canta-se o Hino de número 394. In. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 01. O *Glaubensstimme* era utilizado nos cultos públicos na Volínia. In. MILLER. Disponível em: [www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf](http://www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf). Acesso em: 08 maio 2018. Artigo em PDF, p. 09.

<sup>268</sup> A INGESTÃO DE BEBIDA ALCOÓLICA NO MEIO BATISTA TRADICIONAL não é tida como um desvio doutrinário. As igrejas que seguem esta forma de pensar não condenam a ingestão de bebida alcoólica, mas sim a embriaguez e o vício.



membros da igreja tiveram uma séria discussão acerca da produção de vinho de um dos membros e excluíram outro que havia se embriagado em uma festa de batismo<sup>269</sup>. Qualquer ação dos membros que se aproximasse da ingestão de bebida alcoólica ou da utilização de tabaco era rapidamente reprimida pela igreja com medidas severas. Os membros foram proibidos de todas as atividades análogas, como fazer frete de bebida alcoólica e de tabaco em suas carroças<sup>270</sup>.

As décadas de 50 e 60 foram marcadas pela intensificação dos ideais pentecostais na igreja e uma aproximação com o pentecostalismo brasileiro<sup>271</sup>, representado principalmente pela Igreja Assembleia de Deus. Muitas proibições foram instituídas pela assembleia, em sua maioria relacionadas a usos e costumes<sup>272</sup>, sendo as mulheres o alvo principal<sup>273</sup> das ações disciplinadoras: elas foram proibidas de cortar os cabelos<sup>274</sup>; os membros não podiam assistir a

<sup>269</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 01**, ata de 8 de fevereiro de 1919, p. 17.

<sup>270</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 12 de abril de 1919, p. 20.

<sup>271</sup> O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO será abordado com mais profundidade no quarto capítulo desta Tese. Neste momento cabe ressaltar a dificuldade que se tem em classificar as igrejas pentecostais por causa da sua “diversidade interna”. In. GIUMBELLI, Emerson. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 21, 2001, p. 90. “As igrejas pentecostais enquanto instituições em evolução dinâmica (...) não são organizações estáticas que incham numericamente; estão em constante adaptação, e as mudanças são frequentemente objeto de lutas. Ademais, o pentecostalismo possui grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito de o ‘pentecostalismo’”. In. FRESTON, Paul C. **Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Mimeo, 1993, p. 64. Freston defende que o pentecostalismo no Brasil pode ser identificado a partir de três “ondas”: a primeira no início do século XX, em 1910; a segunda, a partir de 1950 e a terceira onda a partir de 1980. “Enquanto na primeira onda a ênfase cai sobre as ‘línguas’, na segunda onda a ênfase estava na ‘cura’, e na terceira se enfatiza a ‘batalha espiritual’”. FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1993, p. 95.

<sup>272</sup> OS USOS E COSTUMES foram o foco do debate em todas as igrejas batistas independentes nas décadas de 60 e 70. No livro *Princípios da Nossa Fé* há a nota de que a Convenção nacional não realizou nenhuma atualização doutrinária na década de 70 por causa destas discussões envolvendo os usos e costumes. In. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Princípios da nossa fé**. 19. ed. Campinas: Batista Independente, 2014, p. 5.

<sup>273</sup> AS AÇÕES DISCIPLINADORAS RECAEM SOBRE AS MULHERES. É interessante verificar que no contexto mundial há um movimento de valorização e reconhecimento da mulher. “O movimento feminista organizado teve origem nos Estados Unidos na década de 60 (sessenta), e logo depois, alastrou-se pelos países do Ocidente. Sua principal proposição era a libertação da mulher e não apenas a sua emancipação [...] Nos primeiros anos da década de 60, lança-se a pílula anticoncepcional, num contexto em que o movimento feminista no mundo vai se configurando como uma luta não só por espaço político e social, mas como uma luta por uma nova forma de relacionamento entre homem e mulher. Fica a dúvida se esta ‘correção’ da mulher no meio eclesástico se deu por questões doutrinárias ou se foi uma resposta a um movimento social de repreensão da mulher, considerada agitadora da sociedade ao reclamar por seus direitos.” In. ALVES, Ana; ALVES, Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **IV Seminário CETROS**. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, 29 a 31 maio 2013, Fortaleza, p. 113-117.

<sup>274</sup> AS QUESTÕES RELACIONADAS À MODA se tornam assuntos das assembleias. Na década de 70 as regras relacionadas às mulheres se tornam mais rígidas. Elas são instadas a não seguirem a moda da época, que incentivava o uso de vestidos curtos e a pintura das unhas e do rosto. As restrições voltadas aos cortes de cabelo e jogos de futebol são novamente mencionadas em 1979. In. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 12 de outubro de 1970, p. 10; **Livro de Atas 04**, ata de 09 de junho de 1979, p. 83.

espetáculos de circo; brigas físicas seriam punidas com exclusão; não eram autorizados a vender cigarros em seus estabelecimentos comerciais; não podiam participar de cooperativas (esta decisão foi anulada na assembleia de 1959); foram proibidos de jogar futebol<sup>275</sup>; não deveriam colher sua plantação nos feriados e domingos<sup>276</sup> e nem passear nestes dias<sup>277</sup>.

Mas as proibições não solucionaram as demandas que surgiram em torno destes assuntos. Em praticamente todas as assembleias pessoas foram disciplinadas por desvios de conduta relacionados aos temas. Em uma das assembleias, no ano de 1929, buscou-se inclusive voltar atrás na decisão de proibir o consumo de bebida alcoólica e a plantação de fumo. Nesta assembleia o ancião da Igreja Batista Bethel questionou sobre o que se deveria fazer com os membros que plantavam uvas e fabricavam o vinho<sup>278</sup>. O pregador Jansson respondeu que vinho sem álcool poderia ser ingerido. Também esclareceu que para fins medicinais e para a ceia o vinho (de preferência sem álcool) poderia ser utilizado, mas, segundo o missionário, o vinho não tem muitas propriedades benéficas. Jansson explicou ainda que o apóstolo Paulo, na Bíblia, recomendou a seu discípulo Timóteo a ingestão de vinho por causa dos seus problemas estomacais, evidenciando que este vinho era, com absoluta certeza, sem álcool, porque o álcool faz mal para o estômago. Vários membros participaram com seus comentários sobre a questão<sup>279</sup>, alguns defendendo a não exclusão dos membros que ingeriam bebida alcoólica. Uma

<sup>275</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 20 de fevereiro de 1954, p. 34; ata de 10 de abril de 1955, p. 43; ata de 25 de junho de 1955, p. 44; ata de 15 de outubro de 1955, p. 46; ata de 01 de dezembro de 1956, p. 57; ata de 30 de abril de 1960, p. 102.

<sup>276</sup> TRABALHAR NOS FERIADOS SANTOS E NO DOMINGO foi motivo para repreensão em assembleia. Na década de 70 alguns membros foram exortados publicamente por colher num domingo. Para esclarecer em quais dias os membros não podem trabalhar, o assunto foi discutido em assembleia. Decidiu-se que os dias santos seriam: primeiro dia de Natal, dia 1º de janeiro, Sexta-feira Santa, Páscoa, Ascensão de Jesus, Primeiro dia de Pentecostes e Finados. Mas ficou a dúvida sobre a questão dos horários em que não se poderia fazer as atividades. O pastor Ahlert sugeriu que da meia-noite de sábado a meia-noite de domingo nada se fizesse; já a assembleia, em sua maioria, decidiu que não se podia trabalhar do nascer do sol ao pôr do sol de domingo, mas na assembleia seguinte decidiu-se pela proposta do pastor, ou seja, não se poderia trabalhar nas 24 horas do domingo. *In.* IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 29 de janeiro de 1972, p. 24; ata de 09 de dezembro de 1972, p. 29.

<sup>277</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 01 de julho de 1961, p. 123.

<sup>278</sup> AS DISCUSSÕES SOBRE O VINHO E O TABACO foram tão intensas que em assembleia o ancião Daniel Bieler desabafou, colocando seu cargo à disposição. Ele se sentia “pequeno demais” (palavras do ancião) para um trabalho tão grande. Mas a igreja o apoiou e incentivou a permanecer no cargo. *In.* IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 07 de junho de 1919, p. 28. Mesmo 10 anos depois da organização da igreja, o assunto relacionado ao vinho e ao tabaco continuava ocupando espaço nas assembleias. Em 1929 houve um longo debate sobre a exclusão ou não de um membro por prestar serviço de transporte de tabaco para um comerciante. Fez-se uma votação que teve como resultado: 10x9 contra a exclusão. O pastor temia as consequências e se eximiu de responsabilidade. *In.* IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 03 de junho de 1929, p. 153.

<sup>279</sup> KARL OSKAR WELLANDER, acerca da produção de vinho e ingestão de bebida alcoólica, se posicionou contra os dois e em assembleia citando diversos textos para mostrar que o testemunho cristão era mais eficiente sem a bebida. Ele sugeriu que os membros deveriam pedir a orientação de Deus sobre a questão do vinho, para encontrarem a resposta se deveriam ou não comercializá-lo. Em sua fala mais enfática relembrou a igreja da sua primeira assembleia para defender que os membros não poderiam fabricar vinho e nem ingerir bebida

justificativa levantada para a fabricação de vinho foi a renda que ele geraria para as famílias e, conseqüentemente, para o caixa da comunidade e para o trabalho missionário. Também como defesa da questão mencionou-se o fato de Jesus ter se referido a Si mesmo como sendo a videira verdadeira. Como resposta, Jansson disse que o pecado não está na videira, mas na utilização do produto para bebidas alcoólicas. O ancião chegou a pôr a questão em votação, dizendo que a igreja deveria decidir: ou abandonar o vinho ou a missão sueca, mas o missionário Jansson enfatizou que a questão não está na missão, mas em fazer o que é certo! Então, para preservar a seu doutrinamento pentecostal, a Igreja continuou a se posicionar de forma firme e incisiva, excluindo automaticamente qualquer membro que infringisse as regras e não se retratasse imediatamente após o ocorrido<sup>280</sup>.

Havia na igreja o desejo de ser um marco para a sociedade na qual ela estava inserida. O rigor disciplinar mostra esta preocupação. Além disso, toda a estrutura física e organizacional enfatizava a existência da igreja<sup>281</sup>.

## 2.1 Liderança religiosa

O destaque aos pastores se dá pela sua influência religiosa, sua atuação no estabelecimento das comunidades, a geração do sentimento de pertencimento solidificada em seus discursos, bem como a sua ligação com a Suécia e a Alemanha, o que manteve nestas comunidades em formação a bagagem cultural de seus países de origem. Eles são reconhecidos como autoridade à frente dos trabalhos da Igreja Batista Bethel e percebe-se clara hierarquia religiosa em funcionamento, embora se praticasse um governo congregacional de igreja.

Havia respeito/temor pela figura do pastor e dificilmente a sua autoridade era questionada. O pastor corporificava a crença e era o padrão a ser seguido por todos.

A aceitação da autoridade que enfatiza a perspectiva religiosa corporificada decorre da encenação do próprio ritual. Induzindo um conjunto de disposições e motivações – um *ethos* – e definindo uma imagem de ordem cósmica – uma visão de mundo – por meio de um único conjunto de símbolos, a representação faz do modelo *para* e do modelo *de* aspectos da crença religiosa<sup>282</sup>.

O sustento destes pastores vinha do exterior e era repassado pela missão. A igreja ou completava o sustento ou enviava um valor para a missão que efetuava os pagamentos. Estas

---

alcoólica. Ele mencionou que todos (47 pessoas) votaram a favor disso, encerrando a discussão no momento. In. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 21 de maio de 1919, p. 24-26.

<sup>280</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 21 de maio de 1919, p. 24-26.

<sup>281</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 02**, ata de 30 de dezembro de 1941, p. 12.

<sup>282</sup> GEERTZ, 2008, p. 134.

ofertas eram valores fixos cobrados pela igreja de cada um de seus membros<sup>283</sup>. Somente em 1927 a igreja muda um pouco a forma de contribuições e decide-se por coletas de ofertas em todos os domingos de culto. Os valores arrecadados seriam administrados pela Igreja Batista Bethel segundo os interesses da assembleia. Para o recolhimento das ofertas encarregou-se pessoas específicas que deveriam ser eleitas em assembleia anual<sup>284</sup>.

Em 1926 o casal de missionários Alfred e Ema Winderlich<sup>285</sup>, da Suécia, veio para auxiliar neste trabalho na Linha Doutor Pederneiras<sup>286</sup>. Neste período, a Igreja Batista Bethel também recebia constantemente ajuda dos missionários Gunnar e John Sjöberg<sup>287</sup>, da igreja de Ijuí, a pedido do missionário Winderlich<sup>288</sup>.

A década de 50 foi marcada por uma constante troca de pastores e a dificuldade em se conseguir alguém para realizar o trabalho. Não havia nenhum lugar de preparação de pastores nacionais com as ênfases doutrinárias deste grupo religioso, e por isso as expectativas eram sempre por alguém que viesse da Europa. Momentaneamente a igreja encontrou a solução em seu próprio meio. No ano de 1933 o membro Heinrich Koch foi ordenado como pastor da Igreja Batista Bethel e esteve por muitos anos à frente do trabalho que ele havia iniciado. Durante a Segunda Guerra (1939-1945) praticamente todo o trabalho foi atendido apenas pelo pastor Koch, uma vez que os missionários tinham limitações impostas pelo governo<sup>289</sup>.

Em 1957 o missionário Heinz Voss<sup>290</sup>, da Alemanha, assumiu o pastorado da Igreja Batista Bethel. O pastor Voss também atendeu a Igreja Batista da Linha Timbaúva, que auxiliava no pagamento do salário pastoral. Este missionário recebeu da igreja um carro para o atendimento pastoral<sup>291</sup>. Na saída do pastor Voss, o pastor Koch assumiu a Igreja até a vinda de seu substituto<sup>292</sup>. Em 1966, da Suécia, veio outro casal de missionários para atender os trabalhos: Gregor e Marie Allerth<sup>293</sup>. Um pormenor significativo para o período foi o pagamento de salário à esposa do pastor<sup>294</sup>. A senhora Marie Allerth, que trabalhou com aulas de

<sup>283</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 23 de junho de 1923, p. 95.

<sup>284</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 19 de fevereiro de 1927, p. 135.

<sup>285</sup> WUTZKE, Vilson. *Pr. Heinrich Koch treu im Werk des Herrn*. **BI**, n. 16, ano 9, jan./jul. 1997, p. 4.

<sup>286</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 04 de abril de 1925, p. 120.

<sup>287</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 15.

<sup>288</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 17 de novembro de 1934, p. 242.

<sup>289</sup> BERG, 18 fev. 1960, Áudio.

<sup>290</sup> WUTZKE, Vilson. *Heinz Voss Missionar in Brasilien*. **BI**, n. 17, ano 9, jul./dez. 1997, p. 4.

<sup>291</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 18 de janeiro de 1958, p. 70.

<sup>292</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 30 de maio de 1964, p. 170.

<sup>293</sup> WUTZKE, Vilson. Há 40 anos os missionários Gregor e Marie Allerth chegaram ao Brasil.” **BI**, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004, p. 19-20.

<sup>294</sup> A CONSAGRAÇÃO FEMININA gera diferentes controvérsias entre os batistas na atualidade ainda, principalmente os de linha tradicional. Por consagração entende-se o “ato que tornaria uma pessoa sagrada ou ‘consagrada’, para o exercício do Ministério Pastoral.” É o ato que torna o ministro apto ao exercício do trabalho e lhe garante os direitos e benefícios da função. Como as mulheres não eram e em alguns contextos

alfabetização e de música na igreja, passou a receber uma remuneração mensal junto com o esposo<sup>295</sup>. Neste meio-tempo, o pastor Sam Högberg também serviu na igreja. Foi o pastor Ernst Gerstberger, convidado em 1969 para o cargo, que encerrou um ciclo de pastores estrangeiros que trabalharam na Igreja Batista Bethel<sup>296</sup>.

## 2.2 Atividades de sociabilidade e de divulgação cultural

As ações comunitárias apresentadas na sequência deste estudo destacam os principais trabalhos desenvolvidos pelos pastores com os membros da Igreja Batista Bethel, que se tornam uma espécie de padrão para as ações desenvolvidos por outras comunidades dirigidas pela missão sueca. A Igreja Batista Bethel foi uma espécie de espelho que refletia um padrão básico e singular de ser comunidade. A prática cultural esteve vinculada à “necessidade da criação de uma vida social de caráter oficial”, por isso diversas ações práticas foram vivenciadas e reproduzidas pelo grupo de forma rotineira. Estas ações foram fundamentais para a unidade do grupo<sup>297</sup>.

A **Escola Bíblica Dominical**<sup>298</sup> foi uma atividade característica que acompanhou a Igreja Batista Bethel desde a sua fundação. Na primeira assembleia, em 1918, dentre os cargos eleitos, definiu-se professores para o ensino das crianças na Linha Doutor Pederneiras, como

---

não são consagradas, estes direitos e benefícios não se aplicam a elas, restringindo sua área de atuação e muitas vezes obrigando-as a trabalhos voluntários ou com salários muito inferiores aos dos homens. In. OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Imposição de mãos... mulheres pastoras?** Recife: STBNB, 2001, p.16. “Nas igrejas evangélicas, a primeira proposta de ordenação de mulheres aconteceu na constituinte da Igreja Metodista, em 1930, e em 1955 foi criada a Ordem das Diaconisas. Mas foi apenas em 1970 que o Concílio Geral decidiu canonicamente acolher ‘as mulheres que reconhece vocacionadas para a plenitude do ministério ordenado.’ Em 1974, Zeni Lima Soares foi a primeira mulher a ser ordenada diaconisa e presbítera, no mesmo ano.” In. IGREJA METODISTA. **Atas e Documentos do Concílio regional da Terceira Região Eclesiástica**, 1974, p. 25-26. No meio batista, há convenções que não consagram mulheres ao exercício do ministério pastoral, entendendo que se trata de uma função masculina apenas. “A primeira pastora batista de uma igreja da Convenção Batista Brasileira, foi a Pr<sup>a</sup> Sílvia da Silva Nogueira, tendo passado por um concílio bastante tumultuado, no dia 10 de julho de 1999, na Primeira Igreja Batista Campo Limpo, em São Paulo. In. OLIVEIRA, 2001, p. 35. A remuneração mencionada no texto é significativa, pois rompe com visões batistas tradicionais e incorpora elementos do pentecostalismo que valoriza a inserção feminina no ministério.

<sup>295</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 05 de janeiro de 1974, p. 40.

<sup>296</sup> WUTZKE, Vilson. *Pastor Ernst Gerstberger bis in hohen alter treu im Werk des Herrn*. **BI**, n. 18, ano 10, jan./jun. 1998, p. 6.

<sup>297</sup> RADÜNZ, 1996, p. 109.

<sup>298</sup> A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL nos formatos em que é conhecida na atualidade teve início no Brasil “em 19 de agosto de 1855 em Petrópolis. O reverendo Roberto Kalley e sua esposa, dona Sara, missionários escoceses da Igreja Congregacional, foram os organizadores desta Escola Dominical. No primeiro domingo compareceram cinco crianças. Com o desenvolvimento do trabalho, organizaram-se classes, em português, alemão e inglês, em razão dos colonos estrangeiros que chegavam a essa região do estado do Rio de Janeiro”. Com o passar do tempo, outras denominações protestantes se valeram desta ferramenta de ensino para crianças inicialmente, mas que também passou a ser utilizada para o doutrinamento dos adultos. In. D’ALMEIDA, Solange Cardoso de Abreu. Um pouco da história da Escola Dominical no Brasil. **O Jornal Batista**, Ano CXIV, ed.17, domingo, 26 abr. 2015, p. 2.

também para as outras localidades<sup>299</sup>. Estas classes aconteciam nos lares onde se realizavam os cultos da igreja. As classes da Igreja Batista Bethel foram as primeiras Escolas Bíblicas Dominicais na história da missão batista sueca no Brasil.

A Escola Bíblica Dominical foi um instrumento efetivo na doutrinação dos filhos dos membros e também das crianças de outras famílias que não frequentavam a comunidade, auxiliando-as a se decidirem pela adesão a um grupo batista<sup>300</sup>. Como a vinculação religiosa a uma igreja batista depende da decisão voluntária do indivíduo (compreende-se aqui uma criança ou adulto em condições de escolher), que precisa ser batizado por imersão após a sua decisão, não havia uma vinculação direta entre as crianças e a igreja, diferente de outras denominações que praticam o pedobatismo. Nestas circunstâncias, a Escola Bíblica Dominical veio preencher esta lacuna, doutrinando as crianças em classes, que possuíam lista de chamada, gerando nelas um sentimento de pertencimento ao grupo<sup>301</sup>.

Ginsburg, discorrendo sobre a importância estratégica da Escola Bíblica Dominical para o crescimento dos batistas, destaca:

Cada Classe de Escola Bíblica Dominical no Brasil é uma agência de evangelismo. Não somente treinamos nelas os crentes, como há classes especiais para os interessados. Como é na América, assim é nos campos estrangeiros: a Escola Bíblica Dominical fornece à Igreja a maioria dos seus candidatos para o batismo<sup>302</sup>.

A importância dada pela Igreja Batista Bethel a este trabalho com crianças é demonstrada pela sua duração. Desde o surgimento da igreja até a data do seu centenário, de forma ininterrupta, foram realizadas classes de Escola Bíblica Dominical. No ano de 1919 as classes adquiriram um aspecto mais formal, pois na assembleia de 02 de agosto de 1919 decidiu-se que elas funcionariam no novo templo que estava em construção na Linha Doutor Pederneiras, isso porque eram muitas crianças e as casas não eram tidas como um ambiente propício para o estudo<sup>303</sup>. Estas classes passaram a ser realizadas aos domingos e visavam aos filhos dos membros, primeiramente<sup>304</sup>.

<sup>299</sup> PROFESSORES DA ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: Daniel Bieler foi eleito como o primeiro diretor e professor da Escola Bíblica Dominical da Linha Doutor Pederneiras, auxiliado pelo membro Hermann Vogel. Foram eleitos também professores para as demais localidades: na Linha 7 de Setembro, o professor Andreas Schulz e na Linha 23 de Julho, os professores Julius Bloch e Rudolf Tonn. *In*. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 11.

<sup>300</sup> FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e sociedade**. 4.ed. São Paulo: Moraes, 1980, p. 46- 47.

<sup>301</sup> ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL: um programa eficiente e eficaz. **O Jornal Batista**, Ano CXIV, ed.16, domingo, 20 abr. 2014, p. 2.

<sup>302</sup> GINSBURG, Salomão L. **Um judeu errante no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970, p. 225-226.

<sup>303</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 02 de agosto de 1919, p. 30.

<sup>304</sup> SCHÖNWALD, Edemar. Gemeinde Bethel in L. Dr. Pederneiras Unter Gottes Segen. **BI**, n.26, ano 14, janeiro a junho de 2002, p. 7.

O **trabalho com jovens** foi outra atividade da Igreja Batista Bethel. Em assembleia, houve discussões entre os pais sobre as necessidades que os jovens tinham nesta fase da sua vida. Evidenciava-se também nas discussões uma clara preocupação com a manutenção da igreja em seu futuro. A partir das problemáticas levantadas é que se estabeleceu como trabalho prioritário as ações voltadas para os jovens. Na assembleia do dia 02 de agosto de 1919 escolheu-se o membro Wittig para ser o líder dos jovens e conduzir este trabalho<sup>305</sup>. Ao que parece, mesmo com a eleição de um líder, o trabalho teve dificuldades em sua continuidade. Em 07 de janeiro de 1920 falou-se em assembleia sobre a necessidade de ter um trabalho regular com jovens<sup>306</sup>. Novamente em 1921, o assunto foi levantado em assembleia<sup>307</sup>.

A preocupação dos membros da Igreja Batista Bethel com os jovens se deveu muito pela pressão que sofriam da sociedade à sua volta, sendo vistos como os mais propensos a abrir mão de seus costumes e tradições, abandonando a igreja. Estas percepções foram levantadas pelos pais dos jovens, que entendiam que a igreja tinha a responsabilidade de auxiliá-los na tarefa de condução de seus filhos dentro das crenças da família<sup>308</sup>.

Em termos sociais, os jovens eram visados por diferentes grupos, e havia uma clara possibilidade de deixarem a igreja, quebrando com as tradições familiares estabelecidas. Por si só, os jovens não representavam uma força de mudança, mas por serem indivíduos que ainda estavam construindo a sua identidade, com alta propensão a serem influenciados, poderiam aderir a novas causas se fossem devidamente instruídos e recrutados. Havia interesse pelos jovens nos mais diferentes segmentos da sociedade, e a Igreja Batista Bethel se preocupou com este aspecto de doutrinação<sup>309</sup>.

Os jovens também eram o grupo que muitas vezes “agitava” a vida da Igreja Batista Bethel, mostrando seu contrassenso com algumas estruturas e seu ímpeto pelo novo. Faziam as suas “peripécias” que acabavam sendo tratadas nas assembleias. Em 1970, por exemplo, os jovens foram exortados pela assembleia a não brincarem na calçada da Igreja e nem sobre os bancos, pois eles ficavam imundos depois dos programas de jovens<sup>310</sup>. Alguns jovens iam a casamentos sem serem convidados. O pastor os advertiu de que a conduta era passível de prisão e a igreja recomendava que se chamasse a polícia nestes casos<sup>311</sup>. Havia estas ações não

<sup>305</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 02 de agosto de 1919, p. 30.

<sup>306</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 07 de janeiro de 1920, p. 39.

<sup>307</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de outubro de 1921, p. 69.

<sup>308</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 03 de junho de 1922, p. 83.

<sup>309</sup> ZANOTTO, Gizele. **Tradição, família e propriedade (TFP): as idiossincrasias de um movimento católico (1960-1995)**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, p. 161.

<sup>310</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 12 de outubro de 1970, p. 08.

<sup>311</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 09 de junho de 1979, p. 83.

convencionais para a ala mais velha da Igreja que evocava a necessidade de um trabalho específico e intenso com aquela faixa etária, pelo menos era a necessidade vista pelos mais idosos. Os registros da Igreja Batista Bethel mostram os idosos da igreja preocupados com o comportamento dos jovens, desejando um doutrinamento específico para uma conduta adequada.

Foi o pastor Hieronimus Krapp que deu ao trabalho com jovens um caráter fixo e permanente<sup>312</sup>. Suas atividades se expandiram a ponto de, em 1925, eles discutirem a possibilidade de realizar um encontro regional. Este encontro ocorreu em maio de 1926 e foi repetido em 1927, representando a reunião de diversos grupos das congregações, fruto do trabalho iniciado pela Igreja Batista Bethel<sup>313</sup>.

Os grupos de jovens não surgiram apenas nas congregações. Acompanhando o surgimento das outras igrejas teuto-russas-suecas, os grupos de jovens iam se estabelecendo como primeiro trabalho organizado destas comunidades. Cada igreja tinha seu grupo de jovens e com frequência realizavam encontros em conjunto. O primeiro congresso de jovens registrado em atas data de 25 a 29 de abril de 1934. O congresso foi realizado na capela da Linha 8 de

**ILUSTRAÇÃO 07 – Imagem do Primeiro Congresso de Jovens, organizado pela União de Jovens das Igrejas Batistas de Língua Alemã no Rio Grande do Sul, em 1938, na Igreja Batista Bethel da Linha 8 de Agosto, RS**



Fonte: imagem do Boletim Informativo

<sup>312</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 28 de abril de 1923, p. 94.

<sup>313</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 04 de abril de 1925, p. 127.



Agosto. Em sua programação, foram realizados estudos bíblicos na parte da tarde e à noite cultos públicos<sup>314</sup>.

**Atividades musicais** se fazem presentes na história da Igreja Batista Bethel também. Os anos iniciais foram marcados pelas Bandas de Sopro. A primeira banda surgiu na Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva, logo após a organização desta comunidade<sup>315</sup>.

**ILUSTRAÇÃO 08 – Banda de sopro, uma tradição preservada pelos (i)migrantes. Os instrumentos vieram da Volínia. Na imagem está a Banda de Sopro da Igreja Batista Bethel, em 1930**



Fonte: imagem do arquivo pessoal do pastor Vilson Wutzke.

Além do aspecto lúdico e da formação intelectual, a música dentro do contexto religioso era usada como instrumento singular para formação de seu perfil identitário: “a verdadeira adoração impõe um compromisso ético”<sup>316</sup>. Não se fazia uso da música de forma aleatória, mas ela era empregada conscientemente, com funcionalidades éticas, doutrinárias e litúrgicas bem específicas. Para Câmara,

em geral, na prática litúrgica protestante espera-se que no momento de culto o membro de sua comunidade faça, constantemente, a ligação das verdades de fé ao seu cotidiano. Ele estaria num exercício contínuo de inserção do conteúdo de fé à sua memória individual e, por conseguinte, reatualizando a memória coletiva de seu grupo. Uma análise superficial sobre o uso de hinos sacros (hinos tradicionais) e novos cânticos nas igrejas batistas permite a suspeição de que tanto a Instituição como a comunidade batista se apropriam da música para manter a tradição fundante ou modificá-la a partir de determinados códigos teológicos/éticos. Inicialmente essa

<sup>314</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 04 de fevereiro de 1934, p. 219.

<sup>315</sup> LANGE, Efrom. Nossa história. **BI**, n. 53, ano 22, jan./mar. 2011, p. 3.

<sup>316</sup> BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música sacra evangélica no Brasil** – contribuição à sua história. Porto Alegre: Kosmos, s/d, p. 102.

suspeita pode ser observada no próprio ambiente litúrgico em que a música ocupa o lugar de reforçadora do rito<sup>317</sup>.

Na primeira assembleia da Igreja Batista Bethel se estabeleceram regentes para os corais da Linha Doutor Pederneiras e da Linha 8, o que mostra o valor da música para o grupo<sup>318</sup>. Alguns corais eram acompanhados de diferentes instrumentos musicais<sup>319</sup>. A prática do canto tinha um significado importante para as comunidades teuto-russas, usados “como meio, como instrumento hábil para a formação de bons hábitos através da sadia recreação dos indivíduos”<sup>320</sup>. A parte recreativa é visível nas celebrações que tinham como motivação a própria música, como as Festas da Música<sup>321</sup> e os aniversários dos corais e dos grupos instrumentais<sup>322</sup>. Comemorar datas e eventos relacionados com a música era uma forma de promover encontros e gerar movimentação comunitária.

---

<sup>317</sup> CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. O canto que encanta: o ideal Batista de identidade doutrinária. **Via Teológica**, Curitiba, v. 13, n. 26, Curitiba, dez. 2012, p. 96, 100.

<sup>318</sup> REGENTES PARA OS CORAIS: Ludwig Arndt foi escolhido como dirigente do coral e da orquestra de sopro da linha Pederneiras e Gustaf Fischer como dirigente do coral da linha 8 de Agosto. *In*. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 11.

<sup>319</sup> CORAL ACOMPANHADO COM VIOLINO E VIOLÕES. **BI**, n. 36, ano 17, maio/ago. 2006, p. 10.

<sup>320</sup> FLORES, 1983, p. 187.

<sup>321</sup> FESTA DA MÚSICA era um evento comum entre as igrejas teuto-russas, com a participação de outras denominações inclusive. No dia 10 de novembro de 1935 a Igreja Batista Bethel participou de uma Festa da Música em Tucunduva. *In*. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 12 de outubro de 1935, p. 252.

<sup>322</sup> A BANDA DE SOPRO DA IGREJA BATISTA BETEL surgiu antes mesmo da igreja de Pederneiras. Há o registro da preparação de uma grande festa por parte da igreja para a comemoração dos 25 anos da sua Orquestra de Sopro, no terceiro domingo de novembro de 1939. Em 23 de agosto de 1964 comemorou-se os cinquenta anos da Orquestra. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 16 de setembro de 1939, p. 291; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 30 de maio de 1964, p. 170.

**ILUSTRAÇÃO 09 – O Coral Instrumental era um espaço de desenvolvimento das habilidades musicais e de inserção das mulheres nos trabalhos da igreja. A imagem é da capela da Igreja Batista Bethel na Linha 8 de Agosto, em 1934**



Fonte: imagem do arquivo pessoal do pastor Wilson Wutzke

**Os cultos em diferentes congregações** são um marco da organização eclesiástica da Igreja Batista Bethel. Em sua história antiga, a igreja teve uma congregação na Linha 8 de Agosto<sup>323</sup>, na Linha 7 de Setembro Norte<sup>324</sup>, em Campina das Missões<sup>325</sup>, em Novo Machado<sup>326</sup>, na Linha Flores<sup>327</sup>, na Linha 23 de Julho<sup>328</sup>, na Linha Abrantes<sup>329</sup>, na Linha 13 de Maio<sup>330</sup> e na Linha Giruá<sup>331</sup>.

Evidencia-se por meio da expansão não apenas um cuidado com os (i)migrantes isolados, mas uma perspectiva de missão e das doutrinas batistas, por exemplo: a declaração doutrinária batista prevê o *sacerdócio de todos os crentes*, atribuindo as funções e responsabilidades eclesiásticas a todos os membros das igrejas, tornando-os cooperantes com o trabalho de expansão denominacional. A *visão de alcance de prosélitos*, externada em suas bases doutrinárias, também impele os membros a um trabalho de recrutamento de pessoas

<sup>323</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-20.

<sup>324</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 11.

<sup>325</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 12 de abril de 1919, p. 19.

<sup>326</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 03 de outubro de 1931, p. 173-175.

<sup>327</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 07 de abril de 1980, p. 92.

<sup>328</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 10.

<sup>329</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 10.

<sup>330</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 10.

<sup>331</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 30 de junho de 1956, p. 54.

advindas de outras religiões para o cristianismo de expressão denominacional batista. Estas bases doutrinárias justificam a criação de diversas comunidades onde há espaço para o trabalho denominacional<sup>332</sup>, como também apontam para o crescimento desta primeira comunidade entre os (i)migrantes teuto-russos, principalmente.

Não é um propósito deste trabalho mostrar as atividades de todas estas congregações, até porque há enormes semelhanças de liturgia e pensamento teológico em todas elas por serem congregações vinculadas a uma mesma igreja. Destaca-se aqui a congregação de Novo Machado, porque ela deu origem à terceira igreja da CIBILA, e a congregação de Campina das Missões, pela sua especificidade cultural.

A Congregação de Novo Machado surgiu a partir de um trabalho religioso nesta região em decorrência da (i)migração, no período em que pertencia ao município de Santa Rosa, em 1930. O local era de mata fechada e por isso falava-se da região como sendo "*Urwald*" (Selva)<sup>333</sup>. Logo na fundação da Congregação elegeu-se um secretário, um tesoureiro, um superintendente de Escola Bíblica Dominical e um presidente da mocidade para a congregação<sup>334</sup>, uma reprodução dos trabalhos realizados na Igreja Batista Bethel.

Após fundada a Congregação, (i)migrantes da Igreja Batista da Linha Timbaúva solicitaram membresia para a Congregação de Novo Machado<sup>335</sup>. Com este acréscimo de membros, os trabalhos nesta região avançaram rapidamente. Foi formada uma comissão para verificar um terreno e construir uma capela para a Congregação, que deveria se tornar igreja autônoma em poucos meses<sup>336</sup>. A construção da primeira capela de Novo Machado contou com o auxílio financeiro dos membros da Igreja Batista Bethel<sup>337</sup>. Em 27 de dezembro de 1931 foi organizada a Igreja Batista Zoar em Novo Machado, com a direção do pastor Alfredo Winderlich, tendo 26 membros e três candidatos a batismo<sup>338</sup>.

Outra congregação que se destaca neste estudo é a de Campina das Missões, que ficava a cerca de 30 quilômetros da Igreja Batista Bethel (metade da distância que existia entre a Igreja Batista Bethel e a Congregação em Novo Machado). Este grupo tem nuances diferentes de todas as demais congregações. Ele era composto por um grupo de imigrantes russos que se

---

<sup>332</sup> SOUZA, 2010, p. 28, 40.

<sup>333</sup> URWALD – “palavra que se tornaria uma constante nas cartas e diários desses homens e mulheres. Era a ‘floresta virgem’, feita de imensos exemplares de cedros, cabriúvas, angicos e canafistulas e de emaranhados de cipós e trepadeiras. Uma paisagem ambígua, que despertou medo e, ao mesmo tempo, fascínio.” *In*. BUBLITZ, 2011, p. 239-267.

<sup>334</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 03 de outubro de 1931, p. 173-175.

<sup>335</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 28 de junho de 1931, p. 181.

<sup>336</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 26 de dezembro de 1931, p. 185.

<sup>337</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 16 de abril de 1932, p. 192.

<sup>338</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 27 de dezembro de 1931, p. 186-188.

aproximaram da Igreja Batista Bethel logo após a sua organização. Nas primeiras assembleias a Igreja Batista Bethel decidiu que os seus diáconos e o pregador Erik Jansson deveriam distribuir a ceia toda vez que fossem até Campina das Missões. Este trabalho foi apoiado pela igreja até 1938, quando a congregação foi passada aos cuidados da Missão Russa. Houve uma aproximação com os diferentes, e neste contexto de hibridismo cultural houve trocas entre as comunidades e seus membros. A aproximação teve uma percepção de amparo entre as minorias, já que estes teuto-russos e os russos eram apenas pequenos grupos em meio a um grande contingente (i)migrante<sup>339</sup>.

Ao mesmo tempo em que há uma aproximação entre diferentes correntes migratórias e minorias residentes no interior do Rio Grande do Sul, pode-se destacar uma certa tentativa de imposição cultural pelos teuto-russos aos russos e a não assimilação desta bagagem cultural imposta. Enquanto a Congregação de Novo Machado se organiza em igreja num curto espaço de tempo (cerca de um ano apenas), reproduzindo os mesmos valores e padrões culturais, na Congregação de Campina das Missões o trabalho se estende por longo período (cerca de 20 anos), havendo a desistência da sua manutenção por parte dos teuto-russos, já que seus valores não eram assimilados por esta Congregação<sup>340</sup>.

Algumas destas congregações permaneceram vinculadas à Igreja Batista Bethel. Outras se emanciparam, originando novas igrejas. Também saíram destas congregações pessoas que se deslocaram pelos estados de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, e para os países vizinhos, principalmente o Paraguai, onde fundaram novas igrejas. Estas novas igrejas organizadas manifestavam prática cultural semelhante à vivenciada na igreja de origem destes (i)migrantes.

**As ações de cunho social** são práticas relevantes para a Igreja Batista Bethel, vivenciadas com certa frequência pela igreja e suas congregações. Em seus documentos pode-se comprovar o interesse de se inserir socialmente, envolvendo-se com outros trabalhos, tendo-os como abertura para a expansão e o alcance de novos fiéis. A Igreja Batista Bethel demonstrou preocupação em cuidar dos seus sem deixar de investir fora da sua área de alcance direto.

Em 1930, por exemplo, a Igreja Batista de Porto Alegre solicitou ajuda da Igreja Batista Bethel para a fundação de um orfanato. Começou neste tempo o trabalho de auxílio à esta instituição de abrigo<sup>341</sup>. No ano de 1933, foram recolhidas duas ofertas destinadas ao

---

<sup>339</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 12 de abril de 1919, p. 19.

<sup>340</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 29 de março de 1938, p. 279.

<sup>341</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 11 de janeiro de 1930, p. 158.

Orfanato Betel, com o propósito de se comprar gêneros alimentícios para os abrigados<sup>342</sup>, e em 1935 uma doação de carne frita na banha foi enviada ao orfanato também<sup>343</sup>.

Famílias em situação de risco, vivenciando enfermidades ou com dificuldades financeiras, receberam auxílio da igreja também. Esta ajuda se dava em algumas situações por meio de recolhimento de ofertas específicas<sup>344</sup> ou de empréstimos de dinheiro do caixa da igreja<sup>345</sup>.

Nem todas as ações eram realizadas de forma isolada. As congregações que surgiram da Igreja Batista Bethel se juntavam para auxiliar o grupo ou a instituição em questão. Estas ações conjuntas apontam para a elaboração de um cenário em que estas diferentes igrejas e congregações que surgiram ao longo dos anos se juntassem de forma voluntária, em uma agremiação chamada de Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA), que será o foco de estudo do próximo capítulo, após a análise teórica deste hibridismo cultural efervescente que deu sustentação e base para a Convenção.

O envolvimento social nem sempre foi movido pela mera visão de ajudar. Há nas entrelinhas a percepção da intensificação do proselitismo religioso mediante o assistencialismo, vendo a ação prática da igreja como instrumento para o reconhecimento social e a aproximação dos que estavam à sua volta<sup>346</sup>.

### 2.3 Cultura religiosa teuto-russo-sueca: uma teia de significados

É interessante observar como a Igreja Batista Bethel, com suas congregações, a Igreja Batista da Linha Timbaúva e a Igreja Batista de Tucunduva (posteriormente de Novo Machado), compostas por (i)migrantes de tradições distintas, unem-se posteriormente em uma Convenção que é caracterizada por traços culturais. Enquanto as outras Convenções Batistas Independentes se organizaram a partir do local em que estavam inseridas, ou seja, elas são estaduais, a CIBILA não respeitou os limites geográficos e se ateve aos costumes, hábitos e a língua de um grupo de pessoas. A cultura foi o fator determinante para o que se chama Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (o próprio nome da Convenção enfatiza esta perspectiva).

É preciso aqui entender esta dimensão cultural que dá à CIBILA os contornos que tem e o destaque em meio a tantas manifestações culturais em solo brasileiro. Qual a relação entre a religião e a cultura e por quais motivos a religião pode se tornar elemento característico

<sup>342</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de julho de 1933, p. 206.

<sup>343</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 07 de setembro de 1935, p. 249.

<sup>344</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 12 de abril de 1919, p. 20.

<sup>345</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 04 de outubro de 1919, p. 32.

<sup>346</sup> ROCHA, Calvino. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003, p. 38.

constituente de determinado grupo? Este entendimento passa pela compreensão de três estudiosos: Clifford Geertz, Pierre Bourdieu e Roger Chartier, cujos trabalhos são importantes para que se compreenda os fenômenos culturais na esfera religiosa. O foco dos seus estudos não foi a religião diretamente falando, mas suas produções elucidam “a dinâmica relação entre a produção social do mundo e a interpretação desse mundo e seu sentido para determinada sociedade ou grupo social que compartilha uma cultura”<sup>347</sup>. Irá se analisar a cultura da CIBILA a partir dos conceitos-chaves dos estudos destes autores: o conceito de “cultura” que Clifford Geertz trabalhou na obra *A Interpretação das Culturas* (1989); o conceito de “habitus”, que Bourdieu abordou efetivamente na obra *A distinção: crítica social do julgamento* (1979), e “representações”, que Chartier discutiu em seu texto *O mundo como representação* (2002).

Gertz apontou alguns benefícios experimentados pelos imigrantes, com destaque ao Rio Grande do Sul, que auxiliaram a manutenção cultural dos grupos, como também permitiram que outros participassem de sua cultura. Segundo o autor,

havia uma acusação comum a praticamente todos eles [os imigrantes] – a de terem formado os “quistos étnicos”. Todos os países que se constituíram a partir de processos de colonização cultivam algum grau de expectativa em relação a imigrantes no sentido de que, tão logo se estabeleçam, se desfaçam de suas características culturais específicas e adotem aquelas características que são vistas como típicas do país que os acolheu. Mas o fato de que, no Rio Grande do Sul, tal prática não foi seguida à risca, por causa do estabelecimento da maioria das “colônias” em áreas em que havia relativamente poucos habitantes “tradicionais”, fez com que os processos que os sociólogos de determinada época chamavam de “assimilação” ou “aculturação” fossem mais lentos. Muitas vezes, preservou-se a língua, os casamentos se deram entre membros do mesmo grupo, até houve casos em que os já estabelecidos foram “assimilados” ou “aculturados” aos recém-chegados – o caso mais folclórico é o de negros que passaram a falar a língua dos imigrantes e até a identificar-se como pertencentes à respectiva etnia<sup>348</sup>.

Percebe-se que os imigrantes vivenciaram, segundo as palavras do próprio estudioso, uma espécie de “retnização”, alcançando liberdade do governo para cultivarem a sua cultura, com expressões públicas características. Já desde o início se preocuparam em manter traços muitas vezes mais intensos do que aqueles que haviam experimentado anteriormente. As festas populares são o claro indício desta realidade<sup>349</sup>. Segundo Seyferth,

Os imigrantes em geral mantiveram alguma ligação com a cultura e sociedade de origem, por maiores que fossem as pressões no sentido da assimilação. Guardaram sempre alguma forma de identificação étnica, por mais que os laços com seus países de origem estivessem diluídos. Os fenômenos chamados pelos especialistas de

<sup>347</sup> RIVERA, Paulo Barrera. Estruturas e teias de significado: “Habitus” e “cultura” nas Ciências da Religião, *Estudos de Religião*, v. 28, n. 1, jan./jun. 2014, p. 210.

<sup>348</sup> GERTZ, René E. Colonização – segunda fase. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (org.). *Releituras da história do Rio Grande do Sul*. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre: CORAG, 2011, p. 258-259.

<sup>349</sup> GERTZ. In: CARELI; KNIERIM (org.), 2011, p. 260.

“absorção”, “assimilação” e “aculturação” não impediam a persistência do componente étnico da identidade social dos descendentes de imigrantes, por mais que estes estivessem integrados à nova sociedade. Para a maioria deles, a identidade étnica é relevante, e indivíduos com a mesma origem tendiam a formar grupos étnicos mais ou menos organizados. Pode-se, no entanto, falar em assimilação e aculturação, no sentido de que as culturas originais dos imigrantes iam se transformando no contato com a sociedade brasileira ou que certos valores ideológicos iam desaparecendo<sup>350</sup>.

Geertz define a cultura como um “sistema simbólico” que tem um funcionamento similar aos símbolos empregados pela religião. Ainda afirma que: “O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise”<sup>351</sup>.

A ênfase no signo e na sua tradução aparece no discurso de Geertz. Não basta conhecer os aspectos visíveis de um grupo, mas também todo o significado presente em cada manifestação visível para que se conheça a sua cultura. Num processo de transmissão cultural há a necessidade de se compreender qual o significado simbólico de determinado gesto para que ele seja interpretado e apreendido corretamente. A compreensão se torna complexa, uma vez que analisa o ser humano que está envolto numa teia de significados e que, a partir destes múltiplos significados, irá expressar o seu entendimento sobre determinado traço cultural. “A cultura é, então, uma noção de comportamento apreendido. É através do fluxo do comportamento que as formas culturais encontram articulação, mas também em várias espécies de artefatos e vários estados de consciência”<sup>352</sup>.

Esta percepção individual na concepção da cultura é um dos destaques que Geertz dá em seu conceito sobre cultura. O entendimento dos significados que cada cultura manifesta deve ter como ponto de partida o indivíduo. Estes significados, que são múltiplos, são fruto de conhecimento e são interpretados e reinterpretados constantemente, fazendo sentido dentro de uma teia de significados, ou seja, eles não se apresentam isoladamente e levam em consideração outros aspectos de seu entorno para a sua elucidação<sup>353</sup>. “Na ideia de teias de significados está implícita a compreensão de que se trata de construções discursivas contingentes, provisórias e produzidas em processos de negociação e tradução”<sup>354</sup>, decorrentes das ligações, e que produzem um hibridismo cultural, que será explicitado na sequência.

<sup>350</sup> SEYFERTH, 1990, p. 79.

<sup>351</sup> GEERTZ, 2008, p. 04.

<sup>352</sup> PINTO, Suely Lima de Assis. A cultura e as diferentes concepções apreendidas nas determinações históricas. **Revista de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás**, v. 1, n. 3, jan./jul. 2007, p. 14.

<sup>353</sup> GEERTZ, 2008, p. 21.

<sup>354</sup> PEREIRA, Talita Vidal. Currículo como teia de significados. **Revista Teias**, v. 13, n. 27, p. 161-176, jan./abr. 2012 p. 164.



Assim como a cultura nos modelou como uma espécie única – e sem dúvida ainda nos está modelando – assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum – nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido<sup>355</sup>.

Esta perspectiva que recai sobre o indivíduo na sua formação por meio da cultura e da cultura que ele manifesta é muito importante neste estudo. Cada pessoa carrega a sua própria bagagem cultural, fruto desta teia de significados, que faz com que ela assimile, incorpore, traduza e reproduza, de forma única, a cultura de um grupo específico. Para o estudo em questão, olhando de forma superficial, pode-se ter a impressão de que todos têm o mesmo comportamento, mas a leitura das atas leva a percepção de que a assimilação dos valores morais e a própria interpretação da Bíblia é diferente para as diferentes pessoas. Como exemplo, pode-se citar a questão da bebida alcoólica: era proibida (o que, teoricamente, é um dos traços característicos do grupo) mas na prática as visões eram múltiplas e a ingestão proibida era uma prática constante mediante diferentes explicações.

É importante também destacar que o conceito de cultura vai além daquilo que está ligado a tradições ou àquilo que é culto. Geertz destaca que cultura é algo que deve ser percebido e não algo a ser definido. Ela não pode ser definida como coisas, propriedades ou algo que se pode apontar; ela não é plenamente localizável, mas é uma grande fábrica, um grande mecanismo de produção de significados que são compartilhados publicamente, e aí sim pode ser material ou imaterial. A cultura está muito mais ligada ao campo da linguagem e da forma como os homens nomeiam e significam as coisas do mundo, coisas com as quais eles convivem. É tudo aquilo que é transmitido e recebido, compartilhado no espaço. Aqui a teia assume as suas proporções máximas e faz com que a cultura tenha um sentido bem mais amplo.

Olhando para a CIBILA, que é estabelecida pela cultura incorporada e manifesta, consegue-se perceber este conceito de Geertz aplicado. A cultura destas comunidades as define e faz com que sejam o que são. A manifestação cultural do grupo se estabeleceu principalmente pela oralidade, ligada ao contexto e aos contatos estabelecidos entre as pessoas e entre as comunidades. Sua cultura religiosa é determinante sobre a sua forma de ver o mundo, indicando como as pessoas devem se comportar ao entrar em contato com esta cultura manifesta. As pessoas que vêm de fora acabam internalizando e reinterpretando a cultura, tanto teoricamente como em termos práticos, gerando cultura a partir da cultura.

A segunda percepção do autor em seu conceito está em afirmar que a cultura acaba marcando o padrão de conduta do ser humano. Quando se olha para a religião, principalmente,

---

<sup>355</sup> *Apud*, NASCIMENTO, Mayk Andreele do. Indivíduo e cultura: perspectivas da antropologia contemporânea. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 7, set. 2004, p. 36.

pode-se ver nela um poder de motivar e gerar disposições no ser humano que lhe são comuns ou até mesmo possíveis em determinadas circunstâncias, movidas por um sistema que o leva a agir e crer antes mesmo do fato se consumir. Na síntese de Rivera, “uma pessoa religiosa crê não porque acontece, e sim acontece porque crê. O acontecer confirma o que já se conhecia”<sup>356</sup>.

O autor destaca que o homem é movido pela cultura a ponto de dizer que é impossível falar do ser humano sem mencionar a cultura. Sem ela o homem deixa de existir, mas a recíproca é também verdadeira, uma vez que a cultura é uma construção humana. É impossível desassociar o homem da cultura e todas as suas ações têm íntima ligação com ela. É a cultura que governa a mente do ser humano e o leva a agir e seguir segundo determinados valores/conhecimentos que ele recebeu, num processo histórico, por meio de símbolos que se tornam reais e manifestos pelos comportamentos<sup>357</sup>.

Quando se olha para a religião, pela perspectiva de Geertz, percebe-se que a manifestação religiosa de um grupo se constitui num sistema capaz de sintetizar a essência deste povo, sua visão de mundo, chamada pelo autor de “*ethos*”<sup>358</sup>, que faz com que este grupo encontre em si explicações para o que existe ao seu redor, a partir de critérios de interpretações advindos do próprios membros, mas reinterpretados por aqueles que olham para o mesmo povo de um outro ponto de vista. Nesta perspectiva, a religião aparece como um sistema cultural que para Geertz é

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas<sup>359</sup>.

Este sistema cultural influencia profundamente na forma do ser humano “olhar” o mundo e a realidade ao seu redor. Como as religiões se constituem de sistemas fechados e excludentes, cada uma delas irá representar uma forma única de ver o mundo, compreender a realidade do ser humano e estabelecer critérios claros para uma ação aceitável por parte deste.

---

<sup>356</sup> RIVERA, 2014, p. 216.

<sup>357</sup> GEERTZ, 2008, p. 37-38.

<sup>358</sup> O ETHOS DE UM POVO, na perspectiva da religião, “representa o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.” In. GEERTZ, 2008, p. 66-67.

<sup>359</sup> GEERTZ, 2008, p. 67.

A força da religião está relacionada aos seus símbolos e à capacidade que eles têm de explicar o mundo e se traduzir em valores que refletem e orientam, de forma prática e explicável, a conduta do ser humano em seu dia a dia. São pensamentos que originam um ideal de vida a ser seguido e perseguido por todos. "Os acontecimentos não estão apenas lá e acontecem, mas têm um significado e acontecem por causa desse significado"<sup>360</sup> que orienta a vida de todos.

Olhando novamente para as comunidades religiosas, pode-se avaliar, a partir de Geertz, que a religião tenta determinar as ações das pessoas e lhes dá a sua visão de mundo, que foi estabelecida por inúmeros relacionamentos humanos. As perspectivas apresentadas pela religião como sistema cultural são oficializadas como sendo as únicas corretas e que definem a conduta do ser humano, sendo provenientes de outras ligações anteriores que estão vinculadas a outras relações e assim sucessivamente. A cultura manifesta pelas comunidades religiosas da CIBILA é fruto de ligações com outras denominações e aspectos culturais que extrapolam o campo religioso, mas que encontram em toda esta relação a significação para o direcionamento daqueles que fazem parte da comunidade. A religião é para estes (i)migrantes o centro de toda a sua atividade cultural e a forma pela qual explicam o mundo e fundamentam as suas decisões.

Acrescentando à discussão os estudos de Bourdieu, que trabalha o conceito de “*habitus*”, têm-se um entendimento mais amplo da cultura manifesta por estas comunidades religiosas. O “*habitus*” para Bourdieu é a “expressão simbólica de diferenças objetivas”<sup>361</sup>. Este é o seu conceito sintético do tema. Para elucidá-lo mais, o autor explica que o “*habitus*” é um sistema de disposições que caracterizam um grupo ou classe social, e este sistema tem como premissa básica o fato de ser *permanente*, ou seja, que não passa rapidamente; é *transmissível* de pessoa para pessoa como também de grupo para grupo e por isso apresenta o outro lado, que é a sua capacidade de *apropriação*, ou seja, a pessoa que entra em contato pode acabar internalizando a realidade apresentada pelo grupo ou classe.

Fica evidente no estudo de Bourdieu que este “*habitus*” não é natural ao ser humano, mas é produzido nele por meio de uma transmissão intencional e da apropriação voluntária, formando a identidade da pessoa, tornando-a parte deste ou daquele grupo. Este processo leva tempo e nem sempre é tão perceptível. Um exemplo que se pode citar é o aprendizado do sotaque de uma língua. “É mais fácil ter ciência de qual é a língua que se fala, a língua materna,

---

<sup>360</sup> GEERTZ, 2008, p. 96.

<sup>361</sup> BOURDIEU, 1979, p. 191.

do que ter ciência do sotaque com que se fala essa língua. Este último só vem à tona perante outros sotaques. Perante a diferença. Assim, é uma questão de identidade”<sup>362</sup>.

Sobre estes sistemas de disposições Bourdieu destaca que “não designam simplesmente um condicionamento, designam, simultaneamente, um princípio de ação. Eles são estruturas (disposições interiorizadas duráveis) e são estruturantes (geradoras de práticas e representações)”<sup>363</sup>. São ao mesmo tempo “estrutura estruturada” que funciona como “estrutura estruturante”. Há a parte sólida incorporada que define e classifica as demais ações.

Quando se pensa no sistema de disposições como estrutura estruturada, leva-se em conta o aspecto ativo do conhecimento – o indivíduo utiliza-se das estruturas para a construção da realidade (*modus operandi*) – e a estrutura estruturada não é vista como resultado de algo, mas como geradora da causa que se investiga e, por ser a causa, estabelece-se como princípio inquestionável e natural. Os gostos são um exemplo desta estrutura estruturada. Não se questiona porque tal pessoa ou grupo gosta ou não gosta de determinada coisa, porque entende-se que são estes os gostos da pessoa ou do grupo. Porém, estes mesmos sistemas funcionam como estrutura estruturante, ou seja, produzem e organizam as práticas e as representações, e o que parecia ser conclusivo pode ser alterado e adaptado à realidade presente. Em outras palavras, as práticas do dia a dia são analisadas e avaliadas se são pertencentes ou não ao grupo ou classe, e a pessoa acaba se submetendo (sendo estruturada) a determinados padrões sem que tenha consciência desta submissão.

Nesta linha de pensamento ainda é importante destacar que o “*habitus*” se torna para o grupo o padrão correto de responder às questões da vida e a melhor prática de vida entre os grupos. Para os integrantes do grupo o “*habitus*” pode se tornar a única forma de viver, tendo a falsa percepção de que é um sistema geral, seguido por todos, e quando se percebe que não é assim, os demais são vistos como inferiores pelo “*habitus*” por eles adotado. A diferenciação entre os diversos “*habitus*” se dá por meio de premissas gerais, mas difere ainda a partir do ponto de partida pelo qual se observa este sistema de disposições.

A partir do conceito de “*habitus*”

Apresenta-se para os estudiosos das religiões a possibilidade de estudar grupos religiosos como grupos sociais que cultivam determinado “*habitus*”, servindo o sistema religioso como mecanismo de produção e reprodução desse “*habitus*” e sua

<sup>362</sup> RIVERA, 2014, p. 211.

<sup>363</sup> THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, Rio de Janeiro, jan./fev. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0034-76122006000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0034-76122006000100003) Acesso em: 10 abr. 2018.

correspondente relação com a identidade que distingue esse grupo religioso de outros<sup>364</sup>.

Aplicando o conceito de “*habitus*” às igrejas originadoras da CIBILA pode-se notar nelas esta construção cultural, uma vez que as pessoas não nascem fazendo parte de determinada denominação religiosa. Pela convivência diária com os pais e os membros da comunidade, alguns hábitos foram internalizados, muitas vezes sem que se tenha uma explicação plausível, e eles se tornaram restritivos em termos de definir quem faz parte ou não do grupo, sendo incorporados como o único jeito de se viver, em oposição aos demais sistemas. Fazer parte da igreja tornou-se a forma certa de viver os princípios e valores. As demais práticas são avaliadas a partir da estrutura fixa que se tem e que molda as práticas dos participantes para que se tornem semelhantes entre si.

Há uma clara aproximação entre o conceito de *habitus* de Bourdieu e as ideias sobre *representações* apresentadas por Chartier, até porque este se vale dos estudos apresentados por Bourdieu. O diálogo entre os “instrumentos de conhecimento criados no exercício da liberdade (filosofia do sujeito)”<sup>365</sup>, que estruturam a cultura e a tornam manifesta a ponto de se tornar passível o seu estudo e a compreensão de certa ordem lógica a partir de um sistema simbólico e “os instrumentos de dominação que aprisionam os homens (estruturalismo)”<sup>366</sup>, que visualizam o poder de dominação destes sistemas culturais, formato de análise apresentada por Bourdieu, é utilizado por Chartier em suas discussões. Ele apenas retira esta conotação de dominação/tiranía do social e do simbólico (universalização e sistematização cultural) e se aproxima um pouco de Geertz em sua definição cultural que a apresenta “como um sistema entrelaçado de signos interpretáveis; ou seja, nessa perspectiva semiótica, cultura é ‘sistema simbólico’”<sup>367</sup> que vai numa direção de consenso e não de dominação, ao dizer que

a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade<sup>368</sup>.

Para Chartier, a representação exhibe o que não está presente, reportando à memória, sendo ao mesmo tempo a apresentação pública de algo ou alguém. Há o caminho do velho apresentado pelo novo. Há uma estrutura que se mantém e se modifica por aqueles que

<sup>364</sup> RIVERA, 2014, p. 212.

<sup>365</sup> CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier, **Diálogos**, v. 9, n. 1, 2005, p. 146.

<sup>366</sup> CARVALHO, 2005, p. 146.

<sup>367</sup> CARVALHO, 2005, p. 147.

<sup>368</sup> GEERTZ, 2008, p. 24.

participam daquela sociedade<sup>369</sup>. O autor destaca a importância das representações ao dizer que

[a] noção de “representação coletiva” autoriza a articular, sem dúvida melhor do que o conceito de mentalidades, três modalidades da relação com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação e de recorte que produz as configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais representantes (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpetuado a existência do grupo, da comunidade ou da classe<sup>370</sup>.

A representação, no pensamento de Chartier, está intimamente ligada com a prática. O grupo passa a ter determinada prática, que se constitui de sua identidade social, manifesta por meio de códigos, práticas e pessoas que são as representações da sua realidade coletiva e individual. Entender o significado das representações e a associação com o conceito de *habitus* é importante nesta pesquisa por considerar como objeto de análise comunidades religiosas construídas a partir de representações, que provém de um modo de ser. A aproximação do conceito de *representações* de Chartier com o conceito de *habitus* de Bourdieu não se dá apenas pela influência de um autor sobre o outro, mas pela continuidade da argumentação, uma vez que o *habitus* representa um conjunto de “disposições estáveis e partilhadas que são próprias do grupo [...] capazes de criar figuras ou representações que possibilitariam um sentido ao presente, uma inteligibilidade ao outro, bem como a decifração de um espaço”<sup>371</sup>.

Quando se olha para as igrejas que compõem a CIBILA, percebe-se um modo de pensar característico, permeando as comunidades, como elemento estruturante, e que se manifesta principalmente por meio das representações que carregam o “poder sagrado” delegado aos fiéis para manifestação no tempo presente e orientação de todas as esferas da vida.

A partir destas análises feitas sobre os deslocamentos populacionais, o estabelecimento das primeiras comunidades, especialmente a Igreja Batista Bethel, e a estrutura estruturante da CIBILA por meio da cultura religiosa manifesta pelo grupo, se passará a observar nos próximos capítulos a organização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã e a cultura vetorizada pelo grupo.

<sup>369</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 20.

<sup>370</sup> CHARTIER, Roger. **À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p. 73.

<sup>371</sup> PACHECO, Alexandre. **As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de *habitus* e campo em Pierre Bourdieu**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005, p. 3.

### **3 A CONVENÇÃO BATISTA INDEPENDENTE DE LÍNGUA ALEMÃ EM ANÁLISE (1989-2009)**

Nesta parte da pesquisa se fará uma descrição pormenorizada das diferentes iniciativas que culminaram na estruturação convencional em 1989. A expressão “Convenção” é singular nesta abordagem e se defende que tanto a manutenção cultural como a vetorização desta cultura pode estar relacionada a esta iniciativa que nasceu com as primeiras comunidades, a Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva (1915), a Igreja Batista Bethel (1918) e a Igreja Batista Independente Zoar de Novo Machado (1931), mas que atingiu seu propósito organizacional apenas na década de 80: o agrupamento das igrejas com traços étnicos e teológicos semelhantes em uma convenção de igrejas.

Sobre uma convenção de igrejas batistas, precisa-se entender que ela é

uma entidade religiosa, sem fins lucrativos, composta de igrejas batistas que decidem voluntariamente se unir para viverem juntas a mesma fé [...] e assumirem o compromisso de fidelidade doutrinária, cooperação e empenho na execução dos programas convencionais<sup>372</sup>.

As convenções batistas, por mais que aparentem estar acima das igrejas regulamentando seu funcionamento, são, na verdade, veículos de canalização de esforços conjuntos e elementos de agrupamentos identitário em nível regional e nacional. As igrejas têm o poder na Convenção e não o contrário.

A Convenção criada com o propósito de agrupar as igrejas teuto-russas de teologia sueca foi denominada Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA). Ela é o objeto de estudo desta pesquisa e o propósito dos próximos capítulos é elucidar sua organização e seus traços constituintes para que se entenda a sua importância na questão da cultura que é organizada, preservada e transformada. Fazer um estudo voltado apenas para as comunidades de forma isolada não levaria à compreensão deste elemento de ligação importante e que provavelmente é crucial para a própria existência das comunidades na atualidade, como defendemos nesta tese.

A CIBILA se organiza como uma espécie de espaço regional de fronteira simbólica/cultural – ela, inclusive, é denominada de Convenção Regional inclusive – e, ao mesmo tempo, pelas trocas existentes pode ser denominada como uma zona/faixa de fronteira cultural. A Convenção definiu muitas questões, mas também foi influenciada pelo meio e pelos grupos que a cercam e lhe pertencem. Ela foi organizada oficialmente em 13 de janeiro de 1989,

---

<sup>372</sup> SOUZA, 2010, p. 75.

durante a quinquagésima Conferência de Fé, realizada entre as igrejas batistas independentes de fala alemã, na Igreja Batista Bethel (denominada no período de Igreja Batista Independente Betel), com o propósito de aproximar as igrejas da missão sueca e fala alemã.

A criação de um discurso homogeneizante por meio de seus principais veículos de imprensa pode ter contribuído para a expansão do grupo e a manutenção de seus traços característicos. Esta estratégia de manutenção/expansão pode ser vista nos diferentes trabalhos batistas no mundo, sendo também adotada pela CIBILA. Não há como estudar a Convenção sem mencionar o seu jornal oficial, o *Boletim Informativo* (1989), como elemento estruturado e estruturante.

Serão abordados neste terceiro capítulo elementos que fomentaram a necessidade de um agrupamento convencional, com destaque: 1) ao processo de migração no Brasil e “espalhamento” dos que participaram das primeiras comunidades organizadas e 2) à mentalidade de celebração coletiva presente nas festividades rotineiras nas comunidades que serviram de base para os encontros convencionais. Após este apontamento das necessidades, será feito um resumo histórico de diferentes agrupamentos que surgiram até a organização oficial da CIBILA, com suas frentes de trabalho inspiradas nas atividades das primeiras comunidades.

### **3.1 Fatores fomentadores da organização da CIBILA**

As festividades das igrejas constituintes da CIBILA forneceram a base estrutural a partir da qual as Conferências foram organizadas e, a partir das Conferências, cria-se o organismo convencional. Mencionou-se nos capítulos anteriores que a chegada do missionário Erik Jansson a Guarani, em 1912, provocou a comemoração da festividade do Natal pela primeira vez nesta comunidade religiosa. A ligação entre a igreja e as comemorações se tornou constante e rotineira. Para estes (i)migrantes a igreja era o centro das festividades, sendo fomentadora, organizadora e também a idealizadora do espaço/pensamento festivo.

Ferreira destaca em seu texto a excepcionalidade como elemento presente nas festas religiosas, nas quais as pessoas envolvidas vivenciavam um tempo-espço diferente do habitual e corriqueiro. Era um momento em que a rotina diária e semanal era transposta por um evento de celebração, que tinha efeitos no presente, mas também alimentava o futuro pela aproximação existente e pelos elementos memoráveis constituintes<sup>373</sup>.

---

<sup>373</sup> FERREIRA, L. D. M. **Festas religiosas**: uma manifestação cultural de Mariana. Ouro Preto: ETFOP, 2009, p. 17.



Em sua análise, Durkheim destacou algumas características das festas religiosas ao dizer que as elas têm “por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência”<sup>374</sup>. Estas características promoviam e promovem a identificação cultural responsável pela criação da própria identidade do grupo<sup>375</sup>. Percebe-se aqui a importância das festas religiosas e a sua contribuição para a formação da CIBILA, que é um mecanismo identificador e identificado.

Durkheim também destaca que existe uma relação muito próxima entre a religião e as festas, uma vez que “nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”<sup>376</sup>, apontando para uma experiência profunda em termos de espiritualidade, que colabora na distinção por parte da comunidade dos dias profanos e dos dias sagrados, dando aos dias sagrados o caráter de descanso religioso: “o caráter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões conhecidas à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada na medida em que estas não apresentam objetivo religioso”<sup>377</sup>.

Em muitos momentos é difícil distinguir o rito religioso do divertimento, mostrando que o momento de culto pode ser considerado como uma grande festa, assim como toda festa pode ter semelhança com um momento de culto:

a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa ..., apresenta determinadas características de cerimônia religiosa [...]. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas<sup>378</sup>.

As festas são o espaço para a rememoração dos fatos do passado por meio da oralidade, principalmente, que é um campo de pesquisa bem abrangente. Sendo assim, “a memória não é só um fenômeno de interiorização individual, ela é, também e, sobretudo, uma construção social e um fenômeno coletivo”<sup>379</sup>. É nas festas que “a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens, símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica”<sup>380</sup>.

<sup>374</sup> DURKHEIM, 1989, p. 547.

<sup>375</sup> MARTINS, J. C. de O.; LEITE, L. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: MARTINS, C. (Org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006, p. 105-119.

<sup>376</sup> DURKHEIM, 1989, p. 372.

<sup>377</sup> DURKHEIM, 1989, p. 372-273.

<sup>378</sup> DURKHEIM, 1989, p. 456.

<sup>379</sup> SILVA, H. R. da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ano 22, n. 44, 2002, p. 427.

<sup>380</sup> BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980, p. 107.

A sociabilização das festas reafirma os laços de solidariedade pela aproximação entre as pessoas. Costumam ser momentos de harmonia, união e que têm como consequência a construção social do grupo. Muitas das experiências vivenciadas no coletivo das festas remontam ao passado, trazendo ao presente significados que transpassam o tempo. As práticas festivas carregam “diversidades nacionais, regionais e locais, de significados, de referências e de desdobramentos em processos culturais de apropriações e incorporações de novos valores simbólicos que vão construindo outras identidades<sup>381</sup>.

No âmbito da religião, a memória coletiva adquire papel de destaque.

Toda religião implica uma mobilização específica da memória coletiva. Nas sociedades tradicionais, onde o universo simbólico religioso é totalmente estruturado por um mito de origem, contemplando ao mesmo tempo a origem do mundo e a origem do grupo, a memória coletiva é determinada: ela se encontra embutida realmente nas estruturas, na organização, na linguagem, nas práticas cotidianas das sociedades totalmente governadas pela tradição. No caso das sociedades diferenciadas, onde prevalecem as religiões fundadas que provocam a emergência de comunidade de fé, sendo elas mesmas consideradas como tal, a memória religiosa coletiva torna-se o desafio de uma construção indefinidamente recomeçada, como se o passado inaugurado pelo acontecimento histórico da fundação pudesse ser assumido em todos os momentos como uma totalidade de significados. Na medida em que se aceita a suposição de que todo o significado da experiência do presente possa estar contido, de maneira pelo menos potencial, no acontecimento fundado, o passado fica sendo aceito simbolicamente como um todo imutável e situado "fora do tempo", isto é, fora da história. Ligado constantemente a esse passado, o grupo religioso define-se objetiva e subjetivamente como uma "descendência de fé". Isto quer dizer que o grupo se organiza e se reproduz totalmente a partir do trabalho da memória que alimenta essa autodefinição. Na base de toda crença religiosa existe efetivamente a crença na continuidade da descendência de fé<sup>382</sup>.

A memória coletiva acaba não apenas revelando o passado, mas empodera e dá autoridade à liderança do grupo para estabelecer os princípios de funcionamento da denominação religiosa no presente e também no futuro, num padrão normativo claro, transmitido de diferentes formas, nas diferentes instituições<sup>383</sup>.

Para Danièle Hervieu-Léger, ser religioso na modernidade implica uma participação efetiva na construção da memória identitária coletiva. Os agentes não apenas reproduzem o passado, mas o moldam a ponto de se inserirem nesta construção. Para a autora

Ser religioso na modernidade não é tanto ser engendrado, mas também estar engendrado. Esse remanejamento fundamental da relação com a tradição, que caracteriza a religiosidade moderna [...] é amplamente confirmado pelos trabalhos

<sup>381</sup> TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Festas Populares. In: GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs.). **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007, p. 107.

<sup>382</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo - A Configuração da Memória. Tradução de Maria Ruth de Souza Alves. **Revista de Estudos da Religião – REVER**. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/t\\_leger.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_leger.htm). Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>383</sup> HERVIEU-LÉGER. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/t\\_leger.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_leger.htm)>. Acesso em: 10 ago. 2018.

empíricos que colocam em evidência os processos de invenção, de reparos e de manipulação dos dispositivos do sentido suscetíveis de "fazer tradição", mesmo dentro de religiões históricas. É bem verdade que essa operação de recomposição individual e comunitária da religião prescrita pelas instituições religiosas não acontece de maneira inteiramente ilimitada e sem controle<sup>384</sup>.

Foram muitas as festas promovidas nas comunidades originadoras da CIBILA. Uma destas celebrações era a tradicional *Festa do Natal*, um rito religioso comum às comunidades cristãs e que se faz presente na Igreja Batista Bethel desde o seu surgimento, em 1918. Muitas pessoas das comunidades batistas independentes mencionam os cultos festivos de Natal como sua memória mais marcante das reuniões da igreja. Apesar desta marca positiva, as comemorações do Natal<sup>385</sup> também geravam as suas controvérsias, como a utilização do pinheiro, por exemplo, que é uma tradição antiga no cristianismo, mas que perdeu seu destaque no meio pentecostal constituinte da CIBILA.<sup>386</sup> Esta é uma de tantas tensões teológicas/comportamentais existentes na Convenção, pois ela carrega traços tradicionais mesclados com elementos pentecostais.

Tradicionalmente entre os batistas celebra-se o Natal em comunidade no dia 25 de dezembro, reservando o dia anterior ao Natal para um momento especial em família. Mas entre as Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã a celebração do culto de Natal foi adiantada para a véspera, no dia 24 de dezembro, o que gerava estranheza por parte dos missionários que vinham liderar as igrejas no Brasil.<sup>387</sup> Esta mudança transportou o sentimento de família para a comunidade maior e foi uma necessidade no começo do processo de colonização, gerando

---

<sup>384</sup> HERVIEU-LÉGER. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/t\\_leger.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_leger.htm). Acesso em: 10 ago. 2018.

<sup>385</sup> DAR CHOCOLATES NO NATAL é uma tradição em diferentes contextos. Nas comunidades que formam a CIBILA havia um costume interessante quanto a entrega de chocolates no Natal: desde 1988 fez-se a compra de “pacotes” para as crianças que eram entregues na noite da celebração. Os pacotes eram uma seleção de doces comprados pelos professores da Escola Bíblica Dominical com o valor pago pelos pais. Em Assembleia decidia-se pelos valores anuais dos pacotes e cada família encomendava os seus. O primeiro valor estipulado pela assembleia foi de 2000,00 cruzados. Por serem comprados em grande quantidade e no comércio atacadista por meio do CNPJ das comunidades, havia redução de valores dos chocolates, beneficiando as crianças que recebiam mais doces do que se as famílias comprassem os chocolates individualmente. *In*. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 19 de novembro de 1988, p. 192.

<sup>386</sup> DISCUSSÕES ACERCA DO PINHEIRO: Não havia consenso sobre a aceitação de uma árvore de Natal dentro do templo. Para solucionar o impasse, fez-se uma votação em assembleia, que teve números curiosos: 60 membros se posicionam a favor, 31 contra e 106 se abstiveram das duas votações, permanecendo neutros. *In*. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 04 de fevereiro de 1922, p. 79; ata de 11 de março de 1922, p. 80.

<sup>387</sup> A CELEBRAÇÃO DO NATAL NO DIA 24 DE DEZEMBRO não era uma prática comum entre os batistas. O missionário Allertth registrou um depoimento no qual afirma: “algumas festividades da igreja eram diferentes das que estávamos acostumados. Para a nossa surpresa, a festa principal de Natal era na noite do dia 24 de dezembro. Essa data para nós era dedicada à família, mas em Pederneiras as crianças e famílias vieram para a grande festa na igreja.” GREGOR ALLERTH. **Um ótimo começo de ministério**. *In*. MODES, 2018, p. 201.

aproximação entre aqueles que haviam (i)migrado e estavam distantes das suas famílias de sangue<sup>388</sup>.

*As comemorações dos aniversários das comunidades* são também significativas nesta análise. Os aniversários constituem-se de momentos nos quais a história das comunidades era compartilhada e vivenciada em grupo<sup>389</sup>. É o espaço da história oral sobre as memórias preservadas<sup>390</sup>. Em cada oportunidade de compartilhar a história, novos personagens importantes surgiam e novas histórias eram registradas<sup>391</sup>. Estes dias especiais de contar a história em conjunto foram muito importantes para a constituição das igrejas<sup>392</sup>, e as comemorações constantes (em algumas só se comemoravam datas “cheias”, como décadas, por exemplo) foram ritos que mantiveram a memória viva<sup>393</sup>.

Outra comemoração significativa para os membros das comunidades Batistas Independentes de Língua Alemã foram as *Festas da Colheita*, também chamadas de *Festas da*

---

<sup>388</sup> MODES, 2018, p. 201.

<sup>389</sup> OS ANIVERSÁRIOS COMO MARCOS PARA AS COMUNIDADES – pode-se notar o quanto as comunidades fizeram uso dos aniversários para a promoção da sua memória e a concretização de marcos históricos. Seguem alguns exemplos de realizações nos aniversários da Igreja Betel: no aniversário de 25 anos de organização a Igreja evidenciou-se seu crescimento através do seu aumento estrutural. Em sua assembleia a igreja elegeu pessoas para os seguintes cargos: ancião e segundo ancião, primeiro e segundo secretário, primeiro e segundo tesoureiro, diáconos para as localidades, os assessores, cuidadores das capelas, professores da EBD, líderes de jovens, coletores, porteiros, regente do Coro e do Coral de Cordas, regente da orquestra de sopro, revisores de caixa e cuidadores do cemitério. Já nas comemorações do cinquentenário, o destaque foi dado ao crescimento numérico da igreja, que atingiu seus 401 membros. No ano em que a igreja comemorou seus 70 anos fez-se muitas atividades: Campanhas de Evangelização, a apresentação do grupo musical Maranata e no dia 17 de dezembro realizou-se um batismo. As mulheres ganham destaque nestas festividades por estarem envolvidas com o trabalho de visitação aos idosos e doentes. A Orquestra de Sopro e o Coral Instrumental também foram citados nas comemorações. Na ocasião dos seus 70 anos a igreja tinha em seu rol de membros 500 pessoas, que se reuniam na sede ou então nas suas três congregações: uma na Linha Oito de Agosto, outra na Linha Sete de Setembro e mais uma na Linha Flores. Nas comemorações dos 75 anos as mulheres assumiram boa parte do evento, conduzindo os momentos de cânticos congregacionais e por meio da encenação de uma peça teatral com o título “*Ein Gefäss der Ehre*” (um vaso de honra). Nas comemorações do 87 anos foi realizada a primeira apresentação da Banda de Sopro em sua nova formatação. Depois de vários anos sem a banda, muitos novos componentes foram inseridos ao grupo e participaram das festividades. In. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 06 de janeiro de 1968, p. 211; WUTZKE, Aldino. *Gemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 7; DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. *Baptistengemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras - RS*. Porto Alegre: Esperança, 1989, p. 3; GÖRTZ, Alfredo Erico. *Die Gemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras feierte ihr 75 Jähriges Jubiläum*. **BI**, n. 9, ano 5, jul./dez. 1993, p. 5; JESKE, Nadir. *80 Jahre Gemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras – RS*. **BI**, n. 20, ano 11, jan./jun. 1999, p. 4.

<sup>390</sup> RELATOS SOBRE AS HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES NAS FESTIVIDADES: nas comemorações do octogésimo aniversário da Igreja Batista Independente Betel, comemorado entre os dias 17 a 20 de dezembro, fez-se uma retrospectiva com a apresentação de números da história da igreja que ao longo dos anos batizou cerca de 2000 novos membros. In. JESKE, Nadir. *80 Jahre Gemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras – RS*. **BI**, n. 20, ano 11, jan./jun. 1999, p. 4.

<sup>391</sup> THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2.ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 22.

<sup>392</sup> THOMPSON, 1992, p. 26.

<sup>393</sup> OLIVEN, Ruben George. Modernidade e identidade nacional. In. KERN, Alvarez (org.). **Sociedades ibero-americanas**. Reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 160.

*Gratidão*, iniciadas em 1957 na Igreja Batista Bethel.<sup>394</sup> Comum entre os agricultores, estimulava-se os membros a trazerem de suas casas produtos que eles haviam plantado e colhido, ou artigos por eles produzidos. A festa era para agradecer pelo ano que passou e pelos frutos produzidos pelo campo. Levantavam-se também ofertas especiais na ocasião, sendo em alguns momentos da história destas igrejas o dia com maior arrecadação de recursos, isso porque as famílias doavam um percentual dos rendimentos da colheita para o caixa da comunidade, o que explica a origem do nome desta festividade.

A *Páscoa*, comum ao meio cristão, era outro momento significativo para estas instituições religiosas, sendo comemorada a partir da organização de cada comunidade. Este feriado<sup>395</sup> era adotado por todas as famílias que, com profundo respeito, mantinham uma tradição de silêncio e de descanso. Na madrugada do domingo de Páscoa, pessoas da comunidade se reuniam para a realização de uma serenata na casa dos membros e também de outras pessoas simpatizantes com o cristianismo. Percorriam as mais diferentes residências cantando uma música e desejando uma feliz Páscoa aos moradores daquela casa. Como forma de gratidão, as famílias presenteavam o grupo com doces e também com doações financeiras, que geralmente eram revertidas para os trabalhos missionários das comunidades e posteriormente da Convenção<sup>396</sup>.

Toda festa incluía comida, isso desde o início das primeiras comunidades. É claro que não havia toda a elaboração e requinte das festas atuais. Durante as primeiras décadas em que surgiram as comunidades suas festividades eram muito simples. As famílias levavam cucas e em assembleia o grupo escolhia alguém para preparar o café no tacho – este era o cardápio da festa. Com o passar dos anos outros ingredientes foram acrescentados. Em 1967 fala-se de um almoço com salada de batata acompanhando o churrasco<sup>397</sup>. A inauguração da segunda capela da Linha 8 de Agosto, no dia 14 de dezembro de 1969, trouxe outra inovação na forma de organizar as festas: as pessoas pagaram pelo almoço e a Igreja providenciou os itens. Houve inclusive a venda de refrigerantes neste evento<sup>398</sup>. Na assembleia da DILA (Departamento das Igrejas de Língua Alemã), por ocasião da comemoração dos 60 anos da organização das

<sup>394</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 30 de março de 1957, p. 63.

<sup>395</sup> FERIADOS ADICIONAIS eram comuns na vivência da Igreja. Além daqueles instituídos pelas autoridades, na tradição da igreja observa-se o segundo dia de Natal e o segundo dia de Páscoa, como uma espécie de feriado de menor importância, mas nos quais não se trabalhava com o mesmo afincamento quando comparados aos demais dias úteis.

<sup>396</sup> AS SERENATAS DE PÁSCOA eram geralmente encabeçadas pelos jovens. Eles formavam grupos instrumentais e vocais para anunciarem a ressurreição de Cristo na casa das pessoas que residiam na localidade, arrecadando fundos para o investimento nos campos missionários da Convenção. *In*. HARTFEIL, Alfredo. Serenata de Páscoa. **BI**, n. 62, ano 24, abr./jun. 2013, p. 06.

<sup>397</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 06 de janeiro de 1968, p. 211.

<sup>398</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas 03*, ata de 22 de novembro de 1969, p. 238-239.

Conferências de Fé, houve a venda de cachorro-quente<sup>399</sup>. Os cardápios mudaram, mas a essência continuou a mesma: as festas foram momentos de encontro das famílias e conseqüentemente da igreja com a comunidade ao seu redor.

Cardápios, estruturas e percepções destas festas não foram apenas incorporados pela CIBILA, mas foram também seus elementos constituintes. Embora tivesse toda a estrutura organizacional, carregava consigo o tom de uma celebração maior. Este fato foi tão presente na estrutura convencional que não há na história um evento de agrupamento que não tivesse os contornos de uma grande festa entre os membros das comunidades pertencentes à Convenção<sup>400</sup>.

As festividades se configuram “como um evento de sociabilidade que é capital para aqueles que estão nas comunidades onde elas ocorrem”<sup>401</sup>. Nelas os participantes encontravam motivação para as atividades mas, principalmente, entravam em contato com o outro, e este contato fornecia as bases para as realizações posteriores.

Possibilita-nos refletir sobre o papel da festa como um momento de articulação e propagação de ideias que [...] extrapolam o cenário religioso ali presente, abarcando também instantes de lazer desarticulado com a face religiosa da festa. As diversas instâncias do cotidiano dos indivíduos se inter cruzam no momento da festa, levando a comunidade a lidar com discussões, ideias e práticas variadas e, por vezes, inusuais no seu cotidiano<sup>402</sup>.

As festas passaram a ser o espaço que refletia as ações práticas convencionais e o local onde se pensava sobre a necessidade de organização de uma instituição que abrangesse outras comunidades para a difusão deste sentimento de pertencimento que se manifestava nas festividades. Elas demonstram ser o protótipo da Convenção e foram o modelo convencional adotado, acrescido da dimensão organizacional e cooperativa.

Além das festas como fator de movimentação social para a criação da CIBILA, precisa-se destacar neste estudo o formato organizacional destas primeiras igrejas constituídas e o processo de (i)migração. Estes dois fatores contribuíram para a organização convencional, pois trazem consigo a visão de uma igreja que se faz presente formalmente em diferentes lugares – este era o formato das primeiras comunidades da CIBILA – e que se preocupou com a

<sup>399</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 10 de dezembro de 1977, p. 66.

<sup>400</sup> O ESPÍRITO FESTIVO DAS ASSEMBLEIAS E CONFERÊNCIAS foi registrado pelo missionário Heinz Voss em um vídeo de uma destas festividades que ocorreu na década de 60. O vídeo retratava os elementos presentes nos agrupamentos das igrejas alemãs organizadas pelos missionários suecos. Para preservação desta memória visual, o autor deste trabalho salvou o vídeo em sua página pessoal, no seguinte endereço: [https://www.youtube.com/watch?v=xhu6NQ60n\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=xhu6NQ60n_s).

<sup>401</sup> CORCINIO JUNIOR, Givaldo Ferreira. **Festa religiosa, sujeito e imagem: a construção de um imaginário**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2014, p. 64.

<sup>402</sup> CORCINIO JUNIOR, 2014, p. 64.

expansão para as diferentes regiões, acompanhando aqueles que dela saíram, e pela ação prosélita.

Quando se estudou sobre a Igreja Batista Bethel mencionou-se que esta comunidade estava presente em diferentes Linhas, com programações e líderes constituídos em cada um destes lugares, mas com a visão de que era uma igreja só e, por isso, os principais cultos (como o de ceia, de batismo e as assembleias) eram realizados em conjunto, num único lugar, perpetuando a visão de ser um grupo que se reúne em lugares diferentes nas demais ocasiões. Esta foi também a visão da Convenção, incorporada de uma de suas primeiras igrejas.

O processo de (i)migração destes agricultores para outros Estados do Brasil aumentou ainda mais a necessidade de continuarem a preservar esta visão de que são um grupo só. O crescimento das famílias<sup>403</sup> na região colonizada do Noroeste do Rio Grande do Sul, as restrições de povoamento dos (i)migrantes a algumas regiões florestais e a necessidade de novas terras para estes herdeiros foram fatores que levaram as novas gerações de teuto-russo-suecos a emigrarem. Rippel ainda destaca que

Por volta de meados da década de 1930, iniciaram-se no Rio Grande do Sul dois movimentos distintos: de um lado, um intenso processo de minifundização decorrente do sistema de subdivisão das terras por herança familiar e, de outro, a ampliação de grandes propriedades dedicadas à pecuária, notadamente no noroeste daquele Estado. Tais acontecimentos geraram um excedente populacional rural que se deslocou em busca de novas oportunidades de inserção econômica e social<sup>404</sup>.

Os primeiros Estados que receberam estes imigrantes foram Santa Catarina e Paraná. Este fluxo migratório começou já em 1920. Outro fluxo ocorreu nas décadas de 60 e 70. Muitos rumaram para as regiões Centro-oeste e Norte do país, com destaque ao Estado do Mato Grosso<sup>405</sup>.

Outro aspecto a se considerar é o fato de que imigraram alemães para os núcleos urbanos das colônias e para centros urbanos maiores das cidades brasileiras, atuando no comércio, na indústria e nos serviços. A partir do desenvolvimento de regiões coloniais e do crescimento demográfico, além das migrações para novas colônias e frentes de colonização, ocorreu continuamente o êxodo rural, que se intensificou a partir da modernização agrícola dos anos sessenta do século XX. Em algumas cidades coloniais, há o predomínio de população germânica, que mantém fortes marcas culturais da sua germanidade. Em diversas localidades, as marcas da presença de

<sup>403</sup> AUMENTO DAS FAMÍLIAS: “a taxa de fecundidade dos alemães era de 8 a 9 filhos para as mulheres que casavam entre 15 e 19 anos e de 7 filhos para as mulheres que casavam entre 20 e 24 anos. Pode-se, assim, observar que tal crescimento, junto a condições socioeconômicas, foi responsável pelo aumento do número de colônias, bem como pelos deslocamentos para diversas localidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e para outras regiões brasileiras.” In. GREGORY, Valdir. *Imigração alemã no Brasil. Cadernos ADENAUER XIV*, edição especial, 2013, p. 18.

<sup>404</sup> RIPPEL, Ricardo. *Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: uma análise de 1950 a 2000*. Campinas: [s.n.], 2005, p. 77.

<sup>405</sup> GREGORY, Valdir. *Os euro-brasileiros e o espaço colonial: migrações e identidades no Oeste do Paraná*. Cascavel, Edunioeste, 2002, p. 6.

descendentes de imigrantes alemães são enaltecidas. São preservados e reforçados estilos arquitetônicos germânicos, adaptados e modificados nas casas e prédios privados e públicos. A língua continua sendo falada em ambientes familiares e de encontros comunitários e festivos. Festas populares tornaram-se manifestações étnico-turísticas da imigração alemã em algumas localidades<sup>406</sup>.

A migração para as cidades se mostra nos números das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã. Das 23 igrejas que compõem a CIBILA, apenas 3 têm suas sedes no interior dos municípios, a certa distância dos centros urbanos. Esta foi uma mudança significativa e propiciou o crescimento do número de membros nas igrejas da Convenção, bem como auxiliou na propagação desta cultura do tradicionalismo pentecostal. Mesmo nos centros urbanos, as igrejas mantiveram seus traços característicos.

Um dos atrativos para este fluxo migratório de teuto-russo-suecos aos outros Estados brasileiros foi a oferta de terra disponível e acessível a preços inferiores daqueles cobrados nas antigas colônias. Desta forma, os colonos conseguiram comprar áreas duas ou até três vezes maiores do que as que tinham anteriormente. Além das medidas, a terra era de boa qualidade e produzia à altura das propriedades negociadas no Rio Grande do Sul<sup>407</sup>.

Alguns dados sobre a imigração ajudam a entender as dimensões deste processo e a importância do surgimento da Convenção. No ano de 1970, a população sul-rio-grandense era de 6.664.891 habitantes e o número de pessoas que migraram do Rio Grande do Sul para outros estados era de 696.963, um somatório de 10,46% de nativos morando em outros lugares. Os Estados de Santa Catarina e Paraná até o ano de 1970 receberam 85,91% destes emigrantes, que totalizaram 598.809 nativos residindo fora do Estado. Até o ano de 1960, o Estado de Santa Catarina recebia mais emigrantes do que o Estado do Paraná. É a partir de 1970 que esta situação se inverteu<sup>408</sup>.

Os dados apontam para este fluxo migratório que tem importância na vida destas comunidades. O estabelecimento destes colonos em diferentes regiões vem acompanhado da organização da sua igreja, uma espécie de dominação do espaço novo como também um mecanismo de identificação e aproximação para aqueles que, momentaneamente, se encontravam isolados. Depois de fundadas as comunidades, surgia o desejo de aproximação com outras igrejas de pensamento e prática similar. Esta forma de propagação das igrejas teuto-russas mostra que seu trabalho missionário não teve, pelo menos no início, uma ação prosélita

---

<sup>406</sup> GREGORY, 2013, p. 20.

<sup>407</sup> RIPPEL, 2005, p. 82.

<sup>408</sup> OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 135-140.



agressiva. Eles queriam perpetuar sua cultura religiosa entre as famílias que se estabeleciam nos diferentes lugares<sup>409</sup>.

Por meio do processo migratório se estabeleceram as seguintes comunidades batistas independentes. No *Rio Grande do Sul* foi organizada a Igreja Batista Zoar de Novo Machado, em 26 de dezembro de 1931, que iniciou outras duas frentes de trabalho: uma igreja na Vila Pratos e outra na cidade de Tuparendi. No *Paraná* foi organizada, em 17 de julho de 1951, a Igreja Batista Philadelphia na cidade de Tupinambá<sup>410</sup>. Outra igreja do Paraná vinculada à CIBI mas originada entre os batistas teuto-russos que migraram para a região, foi a Igreja Batista Philadelphia de Novo Sarandi, organizada em 1958. Esta comunidade iniciou outro trabalho em Maripá. Uma das igrejas batistas independentes vinculadas à CIBILA que surgiram no Paraná foi a Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa. Organizada em 27 de novembro de 1960, esta igreja iniciou outros trabalhos na região, expandindo o trabalho da CIBILA no Oeste do Paraná. Foi organizada também a Igreja Batista Independente Salém na Vila Planalto, em 25 de setembro de 1966; a Igreja Batista Independente de Santa Rita, congregação da Vila Planalto; a Igreja Batista Independente Bethel da Vila Cristal, congregação de Nova Santa Rosa, organizada em 04 de julho de 1976; a Igreja Batista Independente Zoar na Linha Arapongas, na cidade de Toledo, organizada em 05 de janeiro de 1969; a Igreja Batista Independente de Ipiranga organizada em 31 de maio de 1981 e a Igreja Batista Independente da Vila Brasileira, organizada em 13 de junho de 1976.

A migração levou muitos destes colonos ao Paraguai e, conseqüentemente, a cultura religiosa atravessou a fronteira para o país vizinho. A primeira igreja batista independente organizada no Paraguai foi fruto do trabalho da Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa. Em maio de 1975, com a visita dos pastores Alfonso Knispel, Luiz Wall, Samuel Högberg e Paulo Mendes à cidade de Santa Rosa del Monday para a realização de um culto em meio aos que emigraram para este país, fomentou-se a expectativa em torno da realização de um trabalho mais efetivo neste lugar<sup>411</sup>. No dia 04 de dezembro de 1977 foi organizada a Iglesia Bautista Independente de Santa Rosa Del Monday. Depois surgiram outras congregações e igrejas, como a de Curupaity, a de Katueté e Naranjal<sup>412</sup>.

<sup>409</sup> OLIVEN, 2006, p. 135-140.

<sup>410</sup> A IGREJA BATISTA PHILADELPHIA NA CIDADE DE TUPINAMBÁ deixou de integrar o grupo de igrejas batistas independentes alemãs e se vinculou diretamente à Convenção nacional, sendo a primeira igreja da CIBI no Estado do Paraná. In. DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. *Zum gedenken an die 50 Jahre*. Porto Alegre: Esperança, 1989?, p. 3-11.

<sup>411</sup> WUTZKE, Vilson. *Geschichte der Deutschen Konferenz*. **BI**, n. 19, ano 10, jul. a dez. 1998, p. 7.

<sup>412</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 3-11.

A organização de igrejas nos Estados de Santa Catarina e Mato Grosso foi o foco do trabalho da Convenção após a sua organização em 1989. Já havia famílias de (i)migrantes nestas regiões, mas estavam espalhados e eram insuficientes para o início de um trabalho mais efetivo.

O processo migratório para diferentes lugares não era visto de forma muito positiva. Fica claro um sentimento de perda e de distanciamento da própria manifestação cultural do grupo. Era tido como um “mal necessário”, mas não o ideal para as igrejas. O sentimento de perda se tornava maior ainda quando a mudança era realizada por um líder mais experiente. É o que transparece nas fontes acerca do ancião da Igreja Batista Bethel (forma de designar o líder da igreja), Friedrich Oswald, quando ele se mudou com sua família para o Paraná<sup>413</sup>. Quando se registrou a expansão das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã no *Boletim Informativo*, que surgiu apenas em 1989 e já se tinha clara percepção dos resultados benéficos desta (i)migração, as histórias foram contadas como sagas que tinham como propósito a expansão, não mostrando as dúvidas e temores do afastamento religioso que permeava as comunidades das quais estas pessoas saíam<sup>414</sup>.

As festividades, o modelo de igreja idealizado e perpetuado, e o processo migratório que afastou os semelhantes tiveram, provavelmente, grande importância na organização convencional, despertando a necessidade desta aproximação e estabelecendo as bases teóricas para a denominação<sup>415</sup>.

### 3.2 Os diferentes começos para a estruturação da CIBILA

Foi a partir de 1988 que, em nível nacional, ocorreu um agrupamento das Igrejas Batistas Independentes por meio da criação das Convenções Regionais e Étnicas. Este foi um passo significativo da Convenção nacional, a Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI), pois possibilitou uma descentralização dos trabalhos e a organização de instituições menores com maior índice identitário semelhante em suas igrejas constituintes. Surgem nesta fase as Convenções estaduais, identificando as igrejas de determinado espaço geográfico, e as Convenções regionais, identificando as igrejas num espaço cultural.

No dia 13 de janeiro de 1989 foi organizada a Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (CIBILA) que na atualidade têm igrejas nos estados do Rio

---

<sup>413</sup> JESKE, Nadir. *80 Jahre Gemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras – RS*. **BI**, n. 20, ano 11, jan./jun. 1999, p. 4.

<sup>414</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 3-11.

<sup>415</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 3-11.

Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso. A CIBILA é chamada de Convenção Regional<sup>416</sup>, mas em termos práticos é uma Convenção Regional/Étnica, por abarcar Igrejas Batistas Independentes de imigração teuto-russa e estabelecer um espaço regional determinado pelas suas particularidades culturais.

Em sua organização, a CIBILA estabeleceu princípios de trabalho e, ao se olhar para a filosofia da Convenção e a forma de ligação com as igrejas, percebe-se o quanto é complexa esta estruturação convencional e difícil a própria manutenção desta identidade cultural. A filosofia da Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI) é semelhante aos demais grupos batistas, que tem percepções semelhantes acerca da organização e funcionamento dos mecanismos convencionais.

O entendimento que os batistas têm sobre as igrejas é de que elas são entidades autônomas<sup>417</sup>, mas que podem, de forma voluntária, cooperar entre si, o que corresponde ao agrupamento convencional manifesto<sup>418</sup>. Em seus documentos oficiais as Convenções batistas, como entidades, são descritas como mantenedoras dos seguintes propósitos:

- a. Promover o inter-relacionamento fraterno e cooperativo das igrejas a ela associadas;
- b. Apoiar o fortalecimento e a multiplicação das igrejas;
- c. Se interessar pelo progresso e crescimento espiritual e social dos membros das igrejas;
- d. Respeitar a autonomia das igrejas cooperantes;
- e. Administrar zelosamente as entidades e instituições que cria, às quais atribui a execução de seus objetivos, programas e determinações;
- f. Obedecer aos padrões bíblicos de relacionamento com a sociedade, o Estado e outras igrejas<sup>419</sup>.

A autonomia das igrejas leva os batistas a organizarem o princípio de cooperação, para terem maior poder de ação nos contextos em que as comunidades estão inseridas, bem como maior apoio para as ações missionárias em lugares considerados como um alvo a ser alcançado, onde ainda não há o trabalho batista<sup>420</sup>. A autonomia se torna o próprio desafio de aproximação e de cooperação entre as igrejas, tanto é que algumas fazem parte das convenções em termos oficiais, mas não se envolvem em nenhum projeto convencional, uma vez que a adesão é

<sup>416</sup> AS CONVENÇÕES REGIONAIS são regulamentadas pelo Regimento Interno da CIBI, que no Capítulo XIV fala acerca das suas atividades. No censo divulgado pela Convenção nacional, as igrejas da CIBILA foram denominadas de Convenção Regional, um dado importante para este estudo.

<sup>417</sup> IGREJAS AUTÔNOMAS corresponde à visão de que cada uma delas “governa-se a si mesma. Ela escolhe seu próprio pastor e outros líderes, planeja seu programa e calendário. A maioria das outras igrejas segue o ‘ano litúrgico’, determinado pela tradição secular. A ordem de culto varia de domingo para domingo, de acordo com o calendário litúrgico; a tradição estabelece a leitura bíblica e o sermão de cada domingo. As igrejas batistas, ao contrário, apresentam grande diversidade, porque cada uma delas zela por sua autonomia neste e em outros pontos. In. LANDERS, John. **Teologia dos princípios batistas**. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 125.

<sup>418</sup> LANDERS, 1987, p. 125.

<sup>419</sup> SOUZA, 2010, p. 67-68.

<sup>420</sup> AZEVEDO, 1996, p. 194.

voluntária e a comunidade maior, que é a Convenção, é “imaginária”<sup>421</sup>. Por ser imaginária, nem todos os membros se veem, mas acreditam que não estão sós e compartilham ideais e valores no mínimo semelhantes, apesar das fronteiras geográficas. Esta idealização dos membros da comunidade em seu nível convencional se estende às comunidades locais, uma vez que a adesão se dá por meio da aceitação dos princípios e das práticas batistas, mas que podem não ser adquiridos pelo indivíduo em sua integralidade, criando uma igreja “imaginária”<sup>422</sup>.

Neste ideal batista, a Convenção, constituída pelas igrejas que livremente se associam para sua formação, é uma associação religiosa pautada nos procedimentos cooperativos, de reunião de esforços e providências que autorizam o surgimento de entidades e órgãos que, pela iniciativa, com o apoio e controle das igrejas, se tornem instrumentos para a realização dos propósitos que têm em comum. “A Convenção aparece, na experiência batista, como instrumento para canalizar e dar expressão concreta ao desejo das igrejas batistas.” Ela não está sobre as igrejas; é apenas um mecanismo de trabalho conjunto<sup>423</sup>. Estes são os princípios estatutários que regem a Convenção.

A Convenção [...] não substitui a igreja local, mas aglutina recursos, analisa e sugere métodos, planos e proporciona às igrejas condições melhores para o cumprimento de suas funções. A Convenção é caudatária das igrejas, quando recebe delas condições e motivações para existir e operar; é também cadinho e foro, quando em suas Assembleias, constituídas por mensageiros enviados pelas igrejas cooperantes, aprecia doutrinas e práticas, relatórios das atividades dos seus órgãos e entidades, debate ideias e aprova diretrizes gerais; é ainda coordenadora, quando recebe planos e programas como atividades que deve implementar, visando à concretização das aspirações comuns às igrejas cooperantes. Assim, a Convenção incentiva e coordena a obra cooperativa das igrejas, buscando sempre fortalecer a visão e ação de igrejas e crentes, regida sempre pelos princípios da voluntariedade, da fraternidade, da solidariedade, do incentivo e presidida pelo respeito à autonomia da igreja participante. A partir da compreensão de sua natureza, a Convenção tem como finalidade estimular a criação de condições para abrir canais de cooperação, de conagração, de intercâmbio entre as igrejas da mesma fé e ordem, para que

<sup>421</sup> COMUNIDADE IMAGINÁRIA é um conceito trabalhado por Benedict Anderson para se reportar à identidade de determinado grupo por meio das “suas ‘conexões imaginadas’, ou seja, as formas como os sujeitos se relacionam, se identificam na história e nas mais diversas experiências cotidianas, valores culturais, religiosos, narrativas em comum (também pensado por Stuart Hall) e etc. [...] A identidade é entendida sempre como um ‘processo’, nunca pronta ou imutável, mas sempre uma autoconsciência do ‘eu-nós’ necessariamente construída nas ‘redes de interdependência social’ entre o ‘eu, eles e nós’. Neste sentido, os indivíduos são conectados por um equilíbrio de poder relativamente instável que cria interdependências ético-morais, psico-afetivas, funcionais, etc.” O autor destaca que a construção da identidade batista no Brasil teve ligação intensa e estrita com o universo católico, fazendo uma espécie de diferenciação e oposição. *In*. ROCHA, Márcio José de Oliveira. Identidade batista, poder e interdependência social. **Anais do XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores**. 2007. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos\\_Completos/Marcio\\_Rocha.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Marcio_Rocha.pdf). Acesso em: 17 jan. 2019.

<sup>422</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Colección popular 498. Mexico: Fondo de cultura económica, 1993, p. 57.

<sup>423</sup> SOUZA, 2010, p. 67-70.

cumpram seus ideais e a missão [...]; da construção de uma sociedade justa, onde cada cidadão encontre seu bem-estar e o desenvolvimento pleno de suas potencialidades<sup>424</sup>.

Precisa-se destacar que, mesmo que nos documentos a CIBILA se disponha apenas a auxiliar na cooperação de igrejas, na prática há uma percepção de hierarquia à qual as igrejas estão sujeitas. Os próprios membros das comunidades manifestam em seus discursos esta visão. Além disso, as igrejas locais são orientadas pelas Convenções a colocarem a sua Convenção como balizadora em termos de conflitos doutrinários, sendo a responsável por dizer quem está com razão em meio às divergências e, em caso de cisão, é a Convenção que determina qual grupo é batista e será o detentor do nome e do patrimônio adquirido ao longo dos anos<sup>425</sup>.

Esta estrutura convencional é dirigida pela assembleia que recebe anualmente os representantes das igrejas, chamados de delegados e imbuídos de poder pelas igrejas locais para esta representatividade oficial. Todas as decisões tomadas pela diretoria, eleita pela assembleia, atendem aos desejos manifestos pelos delegados que representam as comunidades. A indicação de delegados se torna um contrassenso ao se olhar a perspectiva da responsabilidade de todos e o princípio democrático defendido pelos batistas, pois é só um grupo que participa e escolhe os dirigentes da Convenção.

Estruturalmente, a Convenção está organizada para funcionar:

a) Através da Assembleia Convencional, que é o seu poder soberano, composta por [delegados] credenciados e enviados pelas igrejas cooperantes que a constituem. A voz e o voto em cada Assembleia é direito inerente aos [delegados] da igrejas; b) Através de um órgão de Planejamento e Coordenação que, no interregno das Assembleias, representa de fato e de direito a Convenção, planejando, coordenando, administrando e executando os seus programas ou encaminhando as determinações da Assembleia Convencional às entidades e órgãos competentes; c) Através de entidades e órgãos que cria e que, em suas áreas de atuação, a representam, conforme definido em estatutos aprovados em Assembleias Convencionais<sup>426</sup>.

É importante ainda destacar que o movimento convencional está atrelado ao movimento denominacional, que é uma autoidentificação dos protestantes surgida dentro do

<sup>424</sup> SOUZA, 2010, p. 75-76.

<sup>425</sup> A CONVENÇÃO COMO ÁRBITRA ENTRE AS DISPUTAS. No modelo de estatuto proposto pela Convenção às igrejas, ela se torna balizadora entre os conflitos, conforme: Art. 39. No caso de cisão, os bens móveis e imóveis pertencerão ao grupo que ficar fiel às doutrinas da Convenção das Igrejas Batistas Independentes. Parágrafo único. Caso os dois grupos permaneçam fiéis à Denominação, o patrimônio permanecerá com o grupo que tiver maior número de membros. Art. 40. Em caso de completa inatividade da Igreja, será competente para intervir a Convenção Regional das Igrejas Batistas Independentes onde a Igreja tenha seu domicílio; e, em não existindo esta, a referida competência será da Convenção Regional das Igrejas Batistas Independentes (CIBI). Art. 41. Em caso de conflito interno, envolvendo lideranças e membros da Igreja, serão competentes para intervir como órgãos conciliatórios, e até para dar diretrizes, a UMBI (Seccional) e a Convenção Regional responsáveis pela região onde a Igreja se situe, em primeira instância, e a UMBI Nacional e a CIBI, em segunda instância. CIBI. Disponível em: <http://www.cibi.org.br/wp-content/downloads/MODELO%20ESTATUTO%20PARA%20IGREJAS%20CIBI.pdf>. Acesso em: 24 out. 2018, p. 8.

<sup>426</sup> SOUZA, 2010, p. 76-77.

puritanismo inglês<sup>427</sup>. A denominação é alimentada pelo agrupamento de Convenções que são originadas pela junção de igrejas locais. É uma espécie de formação identitária maior que dá respaldo e características para as Convenções e, conseqüentemente, para as igrejas.

As denominações são associações de congregações embora às vezes se possa dizer que as congregações são subdivisões localizadas de denominações – que têm uma tradição em comum. Além disso, uma denominação não alega ser a única expressão legítima da igreja. (...) a designação tradicionalmente se aplica tanto a movimentos dentro do protestantismo, tais como os batistas e os metodistas, como também aos numerosos ramos independentes dos movimentos que se têm desenvolvido no decurso dos anos, principalmente por causa da expansão geográfica e da controvérsia teológica<sup>428</sup>.

Têm-se desta forma o modelo de organização batista: as igrejas, agrupadas em Convenções que compõem a estrutura denominacional. As Convenções nacionais são subdivididas em Associações, chamadas de Convenções estaduais ou regionais. Em Londres, berço do movimento batista mundial, em 1644, surgiu o primeiro conglomerado de igrejas, que se uniram de forma voluntária, para serviços em comum. Nos EUA, em 1821, é que foram criadas as Associações/Convenções estaduais, vinculadas à Convenção nacional, que se torna padrão para o trabalho batista no mundo. Três motivos são elencados pelos batistas como basilares para o movimento de aproximação das suas igrejas autônomas: 1) o relacionamento com seus pares; 2) a possibilidade de soluções para os problemas enfrentados pelas comunidades por meio de consultas aos semelhantes e 3) o engajamento em obras de interesse coletivo, principalmente de expansão denominacional<sup>429</sup>.

Os movimentos criadores de identidades denominacionais se assemelham ao movimento de criação de uma identidade/cultura nacional. Esta identidade denominacional é fruto da manifestação e interpretação das representações externadas pelo grupo, um material simbólico que exerce dominação. Por serem representações, as denominações são, acima de tudo, um discurso que gera identificação e constrói identidade.

Os discursos formadores de uma cultura/identidade oficial contêm os seguintes elementos: 1) narra-se por meio dos veículos de comunicação disponíveis as histórias e fatos importantes na constituição do grupo, numa espécie de “representação das experiências partilhadas, estabelecendo desta forma uma ‘comunidade imaginada’”; 2) na narrativa a tradição é valorizada, dando-se a ela o papel identitário do grupo; 3) a narrativa da tradição é

<sup>427</sup> CERVEIRA, Sandro Amadeu. Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo. *Revista de Estudos da Religião – REVER*. mar. 2008, p. 41. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2008/t\\_cerveira.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_cerveira.htm). Acesso em: 07 ago. 2018.

<sup>428</sup> ELWELL, Walter A. (edit). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo, Vida Nova, 1988, p. 409-410.

<sup>429</sup> LANDERS, 1987, p. 126-127.

idealizada e fomenta a criação e difusão de valores e normas que irão nortear a conduta dos membros das comunidades; 4) na narrativa valoriza-se a origem do grupo e os seus personagens originários, numa descrição localizada num passado distante que se perde no tempo e que supervaloriza aspectos, numa descrição que se torna um mito e 5) a identidade se manifesta numa perspectiva de ser pura e original<sup>430</sup>.

O jornal oficial da CIBILA, o *Boletim Informativo*, que será estudado de forma mais profunda na sequência, foi o instrumento usado pela Convenção para a elaboração de discursos identitários. Percebe-se em seus discursos a intencionalidade de provar que, os volinianos que (i)migraram ao Brasil deveriam ser considerados alemães, mesmo num período que antecedia a organização da Alemanha como nação. *A história dos teuto-russos*, uma coluna publicada pelo Jornal regularmente destacava: “Os primeiros **alemães** a se mudar da Alemanha para a Rússia foram principalmente comerciantes...”<sup>431</sup>. Na sequência o mesmo relato associava as pessoas organizadoras da Convenção ao grupo que saiu da Rússia: “A maioria dos nossos antepassados na Rússia”<sup>432</sup>.

O *Boletim Informativo* também foi utilizado na narração das representações religiosas que foram incorporadas pelos membros, construindo o acervo ideológico e identitário do grupo e gerando o sentimento de agrupamento com outras igrejas que caracterizam uma *comunidade imaginada*. Os jornais que circularam criaram as *conexões imaginadas* necessárias para este sentimento de pertencimento. As *percepções temporais* foram o mecanismo de identificação entre estes que nunca se viram, sendo os materiais impressos os criadores destas percepções, gerando identificação no relato de “fatos e experiências uns dos outros, mesmo quando acontecidos em localidades e situações diferentes, e assim, criando uma consciência de compartilhamento e simultaneidade temporal das experiências”<sup>433</sup>.

A identidade do grupo é entendida por alguns estudiosos por meio das *relações de interdependência*. Ela deve ser vista como um “processo, nunca pronta ou imutável, mas sempre uma autoconsciência do *eu-nós* necessariamente construída nas redes de interdependência social entre o *eu*, *eles* e *nós*”<sup>434</sup>. “Neste sentido, os indivíduos são conectados por um equilíbrio

<sup>430</sup> HALL, 2003, p. 52-57.

<sup>431</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Die ersten Deutschen die von Deutschland nach Russland gesiedelt sind waren meist Kaufleute...*” In: WUTZKE, Vilson. *ZUR GESCHICHTE DER RUSSLANDDEUTSCHEN*. **BI**, ano 2, n. 3, jul./dez.1990, p. 11. Tradução e grifo do autor.

<sup>432</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Die meisten von unseren Vorfahren in Russland*”. In: WUTZKE, Vilson. *ZUR GESCHICHTE DER RUSSLANDDEUTSCHEN*. **BI**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990, p. 12. Tradução do autor.

<sup>433</sup> ANDERSON, 1993, p. 43-57.

<sup>434</sup> ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 129.

de poder relativamente instável que cria interdependências ético-morais, psico-afetivas, funcionais...”<sup>435</sup>.

Embora a história da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã seja recente, com apenas 31 anos, ela tem em seu grupo cooperante algumas igrejas centenárias. Chama a atenção como, em meio a toda esta autonomia permitida e a diferentes correntes migratórias, esta Convenção conseguiu manter alguns de seus traços culturais distintivos. Isso não significa que a Convenção não tenha aderido a diferentes expressões culturais que existiam à sua volta, mas apesar desta adesão provocada pela sociedade do entorno, pelas pressões governamentais e pelo processo (i)migratório, a Convenção conseguiu perpetuar uma bagagem cultural essencial pelo interior de vários estados brasileiros, e a principal ligação dos que manifestam esta forma de pensar é a sua religião, praticada semanalmente, e que deve ser o vetor desta corrente cultural<sup>436</sup>.

Mas esta história convencional é apenas oficialmente recente. Ela surgiu nas primeiras comunidades, impulsionada principalmente pela Igreja Batista Bethel, já em 1919, com o propósito de agrupamento de igrejas semelhantes no Estado do Rio Grande do Sul, história formadora da CIBILA que se quer retratar na sequência.

### 3.2.1 Conferências da Convenção e as Conferências de Fé

Mesmo antes da organização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã, eram múltiplas as iniciativas de aproximação dos membros das diferentes igrejas com o propósito de gerar comunhão, troca de experiências, bem como para a manutenção da identidade cultural do grupo<sup>437</sup>. Primeiramente irá se destacar as aproximações por meio de um agrupamento convencional inicial. Esta primeira *Convenção embrionária* que, segundo seu estatuto, surgiu com este propósito de ligação, como também as ações personalizadas das igrejas em promover os encontros dos semelhantes, segundo a sua perspectiva, foram importantes no sentido de gerar experiência convencional nas igrejas.

Durante a primeira década todos os investimentos do trabalho no Brasil eram custeados pela Missão de Örebro e deram origem a 6 diferentes igrejas, responsáveis pela fundação da Convenção mais tarde: Guarani (1914), Ijuí (1915), Ramada (1915), Timbaúva (1915), Santo

<sup>435</sup> DUNNING, E. **A busca de excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 86.

<sup>436</sup> MODES, dezembro/2016, p. 253-273.

<sup>437</sup> *50 Jahriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel In La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989. Reportagem da capa do jornal.



Cristo (1917) e Pederneiras (1918)<sup>438</sup>. Esta multiplicidade de trabalhos em locais consideravelmente distantes deve ter mobilizado as igrejas para a formação de uma Convenção.

Foi Karl Persson, da Igreja Batista de Ijuí, quem tomou a iniciativa e enviou cartas à Igreja Batista Bethel e para as outras igrejas batistas suecas. Em uma destas cartas ele convidou as igrejas para um grande culto no final do mês de junho de 1919; na outra carta ele explicou que a missão sueca desejava organizar uma Conferência<sup>439</sup>. O culto ocorreu entre os dias 31 de maio e 2 de junho de 1919. Na segunda-feira das festividades (dia 02), houve um encontro de diáconos e presidentes<sup>440</sup> das igrejas presentes no evento, para se pensar na organização da Conferência. Estas Conferências foram o protótipo da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã e das suas Assembleias, sendo também a manifestação visível da então chamada Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense (CEBS), em 1919, a Convenção embrionária ou primeira manifestação convencional das igrejas teuto-russo-suecas<sup>441</sup>.

As primeiras igrejas da CIBILA (a Igreja Batista da Linha Timbaúva e a Igreja Batista Bethel) ajudaram a originar e se filiaram à Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense (CEBS). A designação *Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense* parece ter sido atribuída à Convenção posteriormente ou foi fruto de uma interpretação equivocada do termo *Westen*, que aparece no estatuto prévio em alemão, e que indicava que o nome pensado para a Convenção era na verdade Conferência (Convenção) Batista do Oeste no Rio Grande do Sul<sup>442</sup>.

Esta Convenção foi fundada logo no início do trabalho batista sueco no país, mais especificamente em 1919, com o objetivo de aproximar as igrejas criadas e manter vínculos com igrejas semelhantes. Ela não era amparada por um Estatuto e nem mesmo dispunha de uma estrutura administrativa complexa. Ela tinha em sua liderança um missionário sueco, que era apoiado por membros eleitos das igrejas filiadas. Em um documento que registra a origem desta Convenção destaca-se que ela visava

promover em harmonia com a Sociedade Missionária de Örebro, Suécia, os interesses gerais do trabalho evangélico no Rio Grande do Sul, ligar as igrejas Batistas a um trabalho ativo, estimular a prosperidade das igrejas em particular, orientar quanto à fé

<sup>438</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES, 2014, p. 6.

<sup>439</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 21 de maio de 1919, p. 23-24.

<sup>440</sup> OS DIÁCONOS E PRESIDENTES constituem aqui o primeiro grupo de delegados imbuídos de poder pelas comunidades locais para representarem os interesses das igrejas nas discussões em grupo. É o modelo que se perpetua na organização das demais Conferências e Assembleias.

<sup>441</sup> A CONVENÇÃO EVANGÉLICA BATISTA SUL-RIO-GRANDENSE foi organizada no dia 2 de junho de 1919, durante o primeiro encontro das igrejas, realizado em Guarany. Estavam presentes 7 (sete) igrejas, com 22 representantes. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 12 de abril de 1919, p. 19.

<sup>442</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 6 de março de 1920, p. 43-45.

e à doutrina Batista, dar aconselhamento e orientar quanto à boa comunhão de uma igreja para com a outra<sup>443</sup>.

Nota-se que o surgimento desta primeira Convenção (CEBS) esteve relacionado ao trabalho missionário sueco na cidade de Ijuí. Em Ijuí, a pedido do missionário Jansson, e por possíveis desentendimentos, trabalhava o missionário Karl Elof Svensson, que em 03 de janeiro de 1915, com mais 7 (sete) suecos, organizou a Igreja Batista Independente na Vila Ijuhy<sup>444</sup>. Destaca-se aqui um aspecto importante que faz com que as Igrejas da Linha Doutor Pederneiras e da Linha Timbaúva saíssem mais tarde desta primeira organização convencional: são duas etnias diferentes – alemães e suecos – que procuram conviver, mas as diferenças de pensamento geraram a separação. Muitos anos depois, houve uma nova aproximação, baseada em políticas internas de respeito às diferenças. Além deste aspecto étnico, houve a questão da luta pelo poder, que gerou desentendimentos entre os missionários, contribuindo para as lutas internas entre obreiros nacionais e suecos ao longo da história, bem como entre as igrejas dirigidas por Jansson e Svensson.

Os conflitos entre Jansson e Svensson transparecem em alguns documentos e são a possível causa da separação em regiões de atuação de trabalho entre os dois missionários e as igrejas por eles organizadas<sup>445</sup>. As dificuldades de relacionamento podem até mesmo ser uma causa implícita no não seguimento das igrejas alemãs de Jansson da Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense. Não se sabe ao certo se esta falta de receptividade calorosa do

---

<sup>443</sup> **E Deus fez crescer:** Jubileu de Prata da Convenção das Igrejas Batistas Independentes. Campinas: Departamento de Imprensa da Convenção das Igrejas Batistas Independentes, 1977, p. 21.

<sup>444</sup> KAPPAUN, 2007, p. 99.

<sup>445</sup> AS DISPUTAS ENTRE OS OBREIROS NACIONAIS E OS MISSIONÁRIOS SUECOS podem ser uma possível consequência da divisão entre os missionários. Na Conferência/Assembleia de 1938 houve um forte movimento para que a Convenção passasse para o controle dos obreiros nacionais, isso na questão da direção dos trabalhos, mantendo seus vínculos financeiros, conforme relatado em ata: “Conforme foi deliberado na Convenção realizada em Ijuí, na Igreja Batista Salém, nos dias 20-21 de fevereiro de 1938, reuniu-se em Porto Alegre, no novo e majestoso templo da Igreja Evangélica Batista Betel, um regular número de delegados unidos de diversas partes do interior (...) Como sempre, todos buscavam reunir-se nessas assembleias, desejosos de receberem uma nova visão da obra de Deus e nesta ocasião crescia a expectativa, pelo motivo de que alguns missionários acharam prudente nesta época entregar a direção da Convenção aos nacionais e deste modo o nosso trabalho começaria a ter outra fase de experiências, porque a grande conflagração recém iniciada tendia a envolver todo mundo e estava criando em todos os setores da atividade nacional um acentuado movimento nacionalista. Porém, outros missionários não viram isto com bons olhos e resolveram promover uma reação, por sua vez alguns nacionais se prevaleceram da oportunidade para defenderem seus pontos de vista, deste modo os negócios para o bem do trabalho foram esquecidos e as assembleias se transformaram num campo de batalha numa luta inglória. Portanto, diante deste desentendimento entre alguns missionários e alguns obreiros nacionais, resolvi encerrar [o Presidente] os trabalhos da Convenção Batista Rio-grandense, para que não resultassem as calorosas discussões em funestas consequências para o destino das igrejas. Porque nenhuma das partes litigantes quis se humilhar.” *In. Ata da Convenção Baptista Evangélica Sul-Rio-grandense*. Porto Alegre, 18-21 de fevereiro de 1939, p. 1-2. Neste momento os missionários suecos retomaram o poder sobre a Convenção, pois a Missão pagava o salário de todos os pastores. Alguns pastores nacionais até deixaram a Convenção, mas este ideal permaneceu vivo até o ano de 1952 quando foi aprovada a fundação da Convenção das Igrejas Batistas Independentes do Brasil (CIEBIB). *In. VALÉRIO*, 2019, p. 109.

recém-chegado missionário Svensson se deu por ciúmes, já que Anna Malm, noiva de Jansson, viajou com Svensson até o Brasil, ou se foi motivada pelo receio que Jansson tinha em dividir o poder sobre as igrejas fundadas. Na organização da Convenção (CEBS) Svensson não é nem sequer mencionado. Transparece uma clara disputa pelo poder que envolve as representações simbólicas.

ILUSTRAÇÃO 10 – Os três primeiros missionários suecos que vieram ao Brasil: Jansson, Anna e Svensson



Fonte: imagem do Boletim Informativo

Valério menciona as tensões decorrentes da legitimação do poder em torno das representações, dizendo que elas

tratam do ‘absoluto’, do ‘cósmico’, do ‘sobrenatural’ ou ‘transcendente’, e reproduzem por formas etéreas relações sociais ‘terrenas’, relacionadas com as alianças ou antagonismo entre grupos, definindo sua posição hierárquica. Na concepção de Oliveira a prática religiosa tem o poder de ser unificadora e, ao mesmo tempo, exercer desejo pela busca de ascensão religiosa através do poder. Esta característica está explícita na IBS [Igreja Batista Sueca] quando observamos as relações e práticas religiosas. Encontramos os dois missionários da ÕM que ao se relacionarem bem com a comunidade da qual fazem parte, adquirem poder institucional e logo se destacam entre os demais e, ao mesmo tempo, não conseguem conviver harmoniosamente, seguindo cada um para seu próprio caminho, enquanto Jansson permanece em Guarani, Svensson muda-se para Ijuí<sup>446</sup>.

<sup>446</sup> VALÉRIO, 2019, p. 102.

Há possibilidades de que a animosidade entre Jansson e Svensson fosse fruto da assimilação da desconfiança de Ongmann por Jansson. Nos documentos fica evidente que o fundador da Sociedade Missionária de Örebro não confiava plenamente em seu missionário:

Quando Erik Jansson viajou pela primeira vez, foi uma decisão pessoal dele e de John Ongman, sem a participação da Igreja Filadélfia ou da Sociedade Missionária. Após a viagem de Erik, a igreja decidiu oferecer 100 coroas (kr) por mês para o sustento dele. Parece que Ongman não tinha plena confiança em Erik, pois, quando Svensson viajou para o Brasil, pediu-lhe que verificasse o andamento do trabalho, podendo inclusive promover correções. Erik começou a construir, e Ongman solicitou que enviasse nota fiscal de todo o material que comprasse. Erik respondeu que não tinha condições de fazê-lo, pois aumentaria mais os custos. Ongman, por sua vez, não repassou as verbas recolhidas para o trabalho, o que dá a impressão de que abrigava alguma dúvida<sup>447</sup>.

Mesmo com as tensões entre os missionários, houve ações de aproximação entre as igrejas. A primeira Conferência oficial organizada pela CEBS foi realizada por intermédio da missão sueca. Sete igrejas diferentes, dentre as quais estava a Igreja Batista Bethel, participaram do evento<sup>448</sup>. Em assembleia anterior à Conferência, a Igreja Batista Bethel designou cinco pessoas como representantes para a primeira Conferência Batista do Oeste, que foi realizada nos dias 01, 02 e 03 de maio de 1920, na cidade de Ijuí. Os delegados da Igreja Batista Bethel incumbidos de representá-la na Conferência foram: Friedrich Oswald, Gustaf Fischer, Heinrich Koch, Rudolf Fischer e Steffann Wolter<sup>449</sup>. Dois destes representantes foram eleitos para a diretoria da Conferência: Friedrich Oswald e Heinrich Koch<sup>450</sup>.

As Conferências foram espaços de convívio, de conhecimento mútuo e da compreensão das realidades diferentes das igrejas que participavam delas<sup>451</sup>, como também davam espaço para alguns interesses particulares das comunidades<sup>452</sup>. Foi numa Conferência que os delegados da Igreja Batista Bethel conheceram e consultaram Hironimus Krapp para ser o pastor da Igreja<sup>453</sup>.

---

<sup>447</sup> JONSSON, *et al.*, 2018, p. 19.

<sup>448</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 07 de junho de 1919, p. 28.

<sup>449</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 06 de março de 1920, p. 41.

<sup>450</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 26 de junho de 1920, p. 51.

<sup>451</sup> PARTICIPAÇÃO DE BATISTAS TRADICIONAIS NAS CONFERÊNCIAS BATISTAS PENTECOSTAIS: pode-se notar o envolvimento dos originadores das igrejas alemãs que passaram para a Missão Sueca, como o pastor Leimann (tudo indica que foi o Willy), ajudando nas decisões da diretoria da Convenção Evangélica Batista Sul-rio-grandense, sendo também membro fundador da Convenção Batista Alemã. Numa das reuniões da diretoria em 1926 ele foi convidado a ler um texto bíblico, citado como responsável por uma atividade específica: “foi combinado mandar-se imprimir imediatamente uma Estatística de todas as nossas Igrejas. E para este trabalho foram nomeados os pastores Leimann, Silva e os irmãos Heinrich Koch e Ephraim Lenz.” *In.* CONVENÇÃO BAPTISTA RIOGRANDENSE. **Ata da sessão da Diretoria**, Ijuí, mar. 1926, p. 1.

<sup>452</sup> O ESTATUTO DA CONVENÇÃO está em anexo, conforme aprovado por uma das igrejas fundadoras da organização.

<sup>453</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 24 de abril de 1920, p. 46.

A Sociedade Missionária de Örebro, na Suécia, temia que seu investimento não desse resultados e incentivou a organização da Convenção (CEBS), pois era uma forma de aproximar e solidificar as iniciativas isoladas dos missionários. Se as comunidades *comprassem* a ideia de que eram um grupo só, o trabalho se multiplicaria pelo interior do Brasil.<sup>454</sup>

Na formação da Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense, houve claras estratégias para que esta aproximação entre as igrejas da Convenção embrionária se tornasse real e não apenas documental. Na Convenção (CEBS) foram tomadas decisões para a formação da coesão entre as igrejas. Uma das principais ferramentas utilizadas para esta aproximação foi a criação de um jornal. Em correspondências datadas dos anos de 1920 a 1921 os missionários evidenciaram seu interesse pela publicação de um periódico que funcionasse como ligação entre as comunidades. Somente em 1927, ainda dentro da então chamada Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense, foi publicado o primeiro número do jornal *Luz nas Trevas*, com uma tiragem de 1000 exemplares ao mês custeados pelos missionários, tendo como redatores Carlos Wellander e Erik Jansson<sup>455</sup>. Os meios de comunicação foram fortes instrumentos para a criação de coesão de ideias e de laços de pertencimento.

ILUSTRAÇÃO 11 – Cabeçalho do primeiro jornal publicado pela Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense, em 1927



Fonte: imagem do Boletim Informativo

Mas as próprias iniciativas de aproximação se mostraram falhas. As primeiras questões étnicas que contribuíram para a saída das igrejas teuto-russas do meio das suecas surgiram no ano de 1929. Nesta ocasião a Igreja Batista Bethel solicitou à Convenção (CEBS) a publicação de um informativo na língua alemã, ou a publicação de páginas em língua alemã no periódico oficial, uma vez que seus membros liam e compreendiam melhor esta língua. Não houve uma

<sup>454</sup> E Deus fez crescer, 1977, p. 21.

<sup>455</sup> EKSTRÖM, Leif Arthur. Editora Batista Independente e a Escola Dominical. In. KAPPAUN, 2012, p. 238.

resposta da Convenção<sup>456</sup>. Este interesse pela literatura veio da compreensão dos membros da Igreja Batista Bethel de que os jornais e informativos eram fontes de informação, elementos formadores de identidade e de aproximação entre os distantes<sup>457</sup>. As constantes contribuições financeiras enviadas pela Igreja Batista Bethel ao *Jornal Luz nas Trevas*, mesmo sem o atendimento do seu pedido, comprovam o interesse deste grupo teuto-russo com o trabalho convencional e a importância dada ao jornalismo impresso, apesar de não conter artigos na língua alemã<sup>458</sup>.

A Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense (CEBS) não foi organizada com o propósito de reger a vida das comunidades religiosas, o que se comprova pelos seus encontros denominados de *Conferências*, nos quais o propósito maior era a formação de líderes por meio das Escolas Bíblicas que visavam a identificação e formação de pastores/missionários nacionais. É importante frisar que esta Convenção era dirigida pelos missionários suecos<sup>459</sup> até o momento em que se torna, em 1952, a Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil (CIEBIB)<sup>460</sup>, por iniciativa dos obreiros nacionais, que passam a dirigir a organização. Numa estatística publicada pelo jornal *Luz nas Trevas*, em 1937 a Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense tinha 10 igrejas afiliadas e 1682 membros arrolados como pertencentes às suas igrejas<sup>461</sup>.

A mudança de Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense (CEBS) para Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil (CIEBIB) se deu em um cenário de disputa de poder, no qual os pastores e missionários nacionais assumiram o controle da organização. Esta mudança de mentalidade e liderança é refletida na mudança de nome.

As principais motivações elencadas pelos envolvidos na mudança da CEBS em CIEBIB estavam organizadas em três grandes questões: 1) a liderança – os missionários suecos

<sup>456</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 10 de fevereiro de 1929, p. 148.

<sup>457</sup> ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural**. O Jornal Batista (1901-1922). Tese - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2008, p. 62.

<sup>458</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 8 de outubro de 1932, p. 196.

<sup>459</sup> O NÚMERO DE MISSIONÁRIOS SUECOS cresceu consideravelmente, crescimento provocado provavelmente pela constante comunicação entre o campo missionário no Brasil e a organização missionária na Suécia. Onze anos depois da vinda de Jansson havia outros 23 missionários trabalhando no Brasil. Entre os anos de 1925 a 1938, o número cresceu para 37 missionários e até o ano de 1949 chegou a 51 envolvidos nos trabalhos. In. KAPPAUN, Marciano. A consolidação do trabalho. In. KAPPAUN, Marciano (org.). **Da Suécia ao Brasil: uma história missionária**. Campinas: Batista Independente, 2012, p. 54.

<sup>460</sup> A IGREJA BATISTA INDEPENDENTE BETEL E A CONVENÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS BATISTAS INDEPENDENTES DO BRASIL: pela listagem das igrejas pode-se perceber que na organização CIEBIB as igrejas teuto-russo-suecas não foram contabilizadas. In. CINQUENTA anos de Missão no Brasil (...) e dez anos de Evangelização Pátria (...). **Luz nas Trevas**. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

<sup>461</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES, 2014, p. 6.

lideravam totalmente o trabalho, dispondo dos recursos financeiros e por meio dele exercendo o poder. Os pastores nacionais também queriam exercer influência; 2) *a visão missionária* – os pastores nacionais entendiam que as igrejas deveriam se unir para sustentar obreiros pioneiros, formados no Brasil e 3) *sustento financeiro* – até aqui, os pastores brasileiros vinham sendo sustentados com recursos da Missão na Suécia. A partir de 1950 a Missão queria cortar verbas, entendendo que as igrejas brasileiras deviam sustentar os seus próprios pastores, mas isso sem deixar de dar o direcionamento do trabalho no Brasil. Aproveitando a retirada da Missão no sustento dos pastores e missionários, a liderança brasileira se posicionou por um afastamento maior. Alguns pastores, em igrejas pequenas, propuseram que as igrejas com melhores condições deveriam ajudar as igrejas que não podiam pagar o salário do seu pastor e uma Convenção poderia coordenar este trabalho<sup>462</sup>.

Em 1952, quando a Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense se tornou a CIEBIB<sup>463</sup>, o número de membros pertencentes às igrejas que compunham esta nova organização convencional chegou a 3000. A liderança e visão nacional, buscada desde os anos 40 pelos pastores e missionários brasileiros, foi efetivada e tinha como propósito principal expandir o trabalho no Brasil<sup>464</sup>, uma vez que já havia princípios de igrejas nas cidades de “São Paulo, Sorocaba e Jundiáí, liderados pelos missionários: Alfredo Winderlich, John Waldemar Sjöberg, Olavo Berg e também pela missionária Ester Danielsson.” O cenário de mudança também se manifestou na questão da liderança da Convenção (CIEBIB) que passou para “o pastor Pedro Falcão [um pastor brasileiro]. Nesta ocasião é enviado pela recém-organizada Convenção, o primeiro casal de missionários, Alcides e Annie Orrigo, para a cidade de Santa Rosa”<sup>465</sup>. Esta mudança estrutural foi assim mencionada pelo presidente da Convenção, omitindo as tensões do período:

(...) os assuntos [foram discutidos] num verdadeiro espírito de democracia. Foi num ambiente assim que, por proposta final do irmão Alcides G. dos Santos e por grande maioria de votos foi criada a Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil. Nesta mesma tarde tratou-se da abertura imediata de um trabalho, em Santa Rosa, primeiro campo de atividades da Convenção. Resolveu-se ainda sobre a reabertura do trabalho em Jaguarão. E como uma das grandes resoluções dessa magna assembleia foi votada a criação do Instituto Bíblico para o preparo de futuros obreiros, sendo escolhido como reitor o missionário Nils M. Angelin, o qual com grande eficiência vem dirigindo a nossa “escola de profetas”<sup>466</sup>.

Mas a Sociedade Missionária de Örebro não ficou tão contente com esta decisão, muito menos os missionários suecos envolvidos com os trabalhos no Brasil. Este registro foi uma clara

<sup>462</sup> JONSSON, *et al.*, 2018, p. 21.

<sup>463</sup> JONSSON, *et al.*, 2018, p. 21.

<sup>464</sup> **E Deus fez crescer**, 1977, p. 21.

<sup>465</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DA BAHIA (CIBIBA). **Quem somos**, 2018. Disponível em: <http://cibiba.org/quem-somos/>. Acesso em: 24 abr. 2018.

<sup>466</sup> FALCÃO, Pedro. Como foi a primeira Assembleia Geral da CIEBIB. **Luz nas Trevas**. Santa Maria, n. 12, Ano XXXV, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 7.

manifestação parcial do grupo vencedor com o propósito de gerar a assimilação da nova condição convencional nas igrejas e nos seus membros a partir da notícia veiculada.

Com a organização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIEBIB) em 1952, frentes missionárias foram abertas em todos os estados do Brasil. Além disso, o trabalho foi difundido para outros países, dentre eles Paraguai, Peru e Portugal, além do sustento de missionários na Espanha, na Índia, em Israel, no Japão e na Tunísia<sup>467</sup>. Esta mudança de direção alterou a estrutura convencional, provocada possivelmente por desentendimentos entre os missionários, mas principalmente pelo fato das comunidades teuto-russas, organizadas por Jansson, não desejarem esta nacionalização. O evento se dá em meio ao período de nacionalização que permeia diversos segmentos da sociedade.

As controvérsias registradas nas atas com relação à criação da CIEBIB auxiliaram na formação das características estruturais de todas as Convenções regionais batistas independentes. Na ata de fundação, o missionário Nils Angelin mencionou o receio de que a estrutura convencional poderia ser centralizadora e, desta forma, levar as igrejas a um rumo não desejado por elas. Outro missionário, Stig Johansson, manifestou temor com relação ao domínio que a Convenção (CIEBIB) poderia exercer sobre as igrejas, retirando delas a sua autonomia. As respostas aos questionamentos vieram enfatizando a autonomia das igrejas e a possibilidade de cooperação no trabalho missionário pelo Brasil, um interesse de todas as igrejas cooperantes<sup>468</sup>.

Por meio destas discussões estabeleceram-se os princípios basilares dos trabalhos Batistas Independentes no Brasil. Na Convenção (CIEBIB) houve um profundo respeito pela autonomia da igreja local, tornando-se assim um mero mecanismo de aproximação das igrejas.

As explicações mencionadas pelos historiadores batistas independentes em defesa do processo de controle da instituição pelos obreiros nacionais e pela inserção de elementos da cultura brasileira nas comunidades estão, em sua maioria, relacionadas ao destaque dado à cidade de Ijuí – o centro formador do pensamento dos obreiros nacionais para a CIEBIB. O destaque desta cidade é justificado pelo aparente crescimento de igrejas nesta região<sup>469</sup>. A escolha da cidade, e o destaque dado a ela, foi uma decisão da CIEBIB que teve como propósito

---

<sup>467</sup> WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11.

<sup>468</sup> TABORDA, José Aldoir. Estrutura organizacional da CIBI. In. KAPPAUN (org), 2012, p. 89-90.

<sup>469</sup> O CRESCIMENTO DAS IGREJAS BATISTAS SUECAS EM IJUÍ foi uma informação parcial e tendenciosa, pois quando se olha os registros de membros pode-se notar que a Igreja Batista Independente na Vila Ijuhly tinha, em 1920, 53 membros, três vezes menos do que o número de membros da Igreja Batista Bethel, sem considerar a Igreja da Linha Timbaúva, a de Santo Cristo e a de Tucunduva, que ficavam nesta mesma região e tinham mais membros em seu rol. In. WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11.



legitimar o processo de incorporação de elementos “brasileiros” na liturgia, movimento crescente nas comunidades batistas independentes suecas<sup>470</sup>.

Já as igrejas compostas pelos imigrantes teuto-russos, originadas pelo missionário Jansson, tomaram a decisão de ir contra a estruturação convencional do momento, deixando de participar desta organização. Não há relatos dizendo que a ruptura ocorreu de forma oficial, mas fica evidente nos textos que estas igrejas não se envolveram com esta estrutura convencional por um longo período de tempo. Este distanciamento foi interessante, pois auxiliou o grupo teuto-russo a manter a sua identidade cultural.

Esta separação e diferenciação entre os batistas independentes e os batistas independentes teuto-russos é atestada por outros grupos:

ultimamente, confiados nas 800 igrejas e cerca de 80 mil adeptos (só na Convenção Batista Brasileira, sem contar os batistas independentes, os **batistas teuto-brasileiros do R.G.S.** – grifo nosso) têm levantado a voz para reprovar práticas e doutrinas de outras seitas protestantes, no Brasil<sup>471</sup>.

Como as igrejas teuto-russas admitiam pastores que vinham de diferentes países e com formação teológica diversa, não viram problema neste afastamento. Elas não dependiam tanto da Missão Sueca, e nem mesmo se sentiram na obrigação de responder à entidade missionária que os havia auxiliado em seu início organizacional<sup>472</sup>.

O valor dado à sua própria cultura, que era diferente das igrejas suecas, já estava presente nas comunidades teuto-russas há décadas e nos registros pode-se perceber iniciativas sutis de afastamento. Já em 1936 as igrejas teuto-russas passaram a discutir sobre a organização de uma Conferência entre as igrejas de língua alemã apenas<sup>473</sup>. A primeira Conferência de Fé (*Glaubenskonferenz*) deveria acontecer em março de 1938. Não há explicações exatas para o seu adiamento nas atas, mas só ocorreu no ano seguinte<sup>474</sup>.

A língua alemã e sua utilização nestas comunidades teuto-russas foi usada como pretexto para esta aproximação entre três igrejas – a Igreja Batista Bethel, a Igreja Batista da Linha Timbaúva e a Igreja Batista Zoar de Novo Machado – que em 29 de janeiro de 1939 se reuniram para a realização da primeira Conferência de Fé, um passo significativo para a organização da CIBILA, 50 anos depois. Os avanços foram lentos nesta organização, porque

---

<sup>470</sup> KAPPAUN, 2007, p. 99.

<sup>471</sup> ROSSI, Pe. Agnelo. O Protestantismo no momento atual brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 5, mar. 1945, fasc.1, p. 30.

<sup>472</sup> WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11.

<sup>473</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 30 de dezembro de 1936, p. 264-265.

<sup>474</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 11 de dezembro de 1937, p. 274.

havia dúvidas nas comunidades sobre o distanciamento da CIEBIB e seu efeito sobre as igrejas<sup>475</sup>.

Esta primeira Conferência de Fé ocorreu na Igreja Batista Bethel. Mais tarde as igrejas teuto-russas do Paraná e do Paraguai passaram a participar destas Conferências de Fé também<sup>476</sup>. Este foi o segundo passo importante para a criação da CIBILA. Primeiro houve a experiência convencional; depois passou-se a valorizar os aspectos culturais das igrejas teuto-russas.

As Conferências de Fé, iniciadas em 1939<sup>477</sup>, eram repetidas anualmente, geralmente no início de cada ano. Num sistema de rodízio, eram sediadas pelas próprias igrejas. Nelas eram realizados estudos bíblicos, apresentados relatórios das igrejas e à noite se faziam cultos para todos os presentes, com foco em pessoas que ainda não eram das comunidades<sup>478</sup>.

A participação nestas Conferências de Fé não foi motivo de reclusão ou de não participação na Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense (CEBS). As igrejas alemãs continuaram a participar ativamente nas assembleias da Convenção até o seu período de nacionalização e mudança de nome para Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil (CIEBIB), em 1952, na cidade de Ijuí. Mas é importante notar que esta organização étnica dos teuto-russos ocorreu exatamente no momento em que se intensificaram as disputas dos obreiros nacionais pelo controle da CEBS, em 1939. Os alemães não concordavam com a perspectiva de uma cultura e liderança nacional, diminuindo as perspectivas étnicas da Convenção. As Conferências de Fé foram uma reação ao movimento de controle dos obreiros nacionais.

Uma nova mudança, em 1966, contribuiu para o retorno das igrejas teuto-russas ao círculo convencional por elas criado. “Em 1966, também na cidade de Ijuí, a Convenção (CIEBIB) teve seu nome alterado para: CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES - CIBI, que permanece até hoje”<sup>479</sup>. Neste período a Convenção nacional (CIBI) passou a reconhecer a importância das igrejas teuto-russas pastoreadas pelos

<sup>475</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989, p. 1.

<sup>476</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989, p. 1.

<sup>477</sup> OS LÍDERES DAS CONFERÊNCIAS DE FÉ que estiveram à frente destes trabalhos convencionais citados pelo jornal da CIBILA na comemoração dos 60 anos das Conferências de Fé são os seguintes: Crístian Wutzke (1939 a 1943); pastor Erns Gestberger (1943 a 1963) e o pastor José Lima (1963 a 1970). No ano de 1970 as Conferências passam a ser um Departamento da CIBI, a DILA, e o missionário Gregor Allerth assumiu a direção dos trabalhos de 1971 a 1998. Na organização do Departamento em Convenção, em 1989, o pastor Vilson Wutzke se tornou o líder deste trabalho. In. WUTZKE, Vilson. *Geschichte der Deuteschen Konferenz*. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 8.

<sup>478</sup> WUTZKE, Vilson. As igrejas de língua alemã. In. KAPPAUN, 2012, p. 85.

<sup>479</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DA BAHIA (CIBIBA). **Quem somos**, 2018. Disponível em: < <http://cibiba.org/quem-somos/>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

missionários suecos, uma vez que o trabalho batista independente iniciou nelas. Em todo o período da CIEBIB até a mudança de nome para CIBI, houve um distanciamento das igrejas de cultura e língua alemã da Convenção por elas criada, que durou quase 20 anos.

Apesar do distanciamento, a estrutura funcional da CIBI, criada e organizada neste período, foi assimilada pelas igrejas teuto-russas antes mesmo de seu retorno oficial. Em 1961, a Convenção nacional (CIBI) passou a exigir que as igrejas fundadas a partir daquela data adotassem o nome “Batista Independente”, buscando uma identificação nacional. Muitas igrejas teuto-russas passaram a adotar este nome como sua designação, embora não fossem obrigadas a isso. A primeira comunidade, a Igreja Batista Bethel, também inseriu em seu nome a designação *Independente*. Em 1963, foram criadas as Convenções regionais ou estaduais, num processo de descentramento, quando em cada estado as igrejas batistas independentes organizaram a sua própria Convenção, ligada à CIBI. Na área dos departamentos<sup>480</sup>, ao invés de Associações estaduais, passaram a aparecer trabalhos com grupos específicos, como o departamento de Assistência Social, o de União de Senhoras e Moças, o das Escolas Dominicais e o das Uniões de Jovens<sup>481</sup>.

Apesar das igrejas teuto-russas se manterem inoperantes na Convenção nacional (CIBI), houve um momento de aproximação entre os grupos. No ano de 1962, a Igreja Batista Bethel recebeu a Convenção das Igrejas Batistas Independentes, na qual se comemorou o Jubileu de ouro da Missão Sueca no Brasil, bem como os 10 anos de organização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes - CIBI<sup>482</sup>. A decisão pelas comemorações no interior do Rio Grande do Sul mostra que apesar do distanciamento no período, a ruptura nunca foi definitiva e completa.

Este evento mobilizou a Igreja Batista Bethel como um todo. A comunidade se preocupou com ele, como se pode notar pelas descrições nas atas da Igreja, que um ano antes da celebração passou a se programar para a convenção<sup>483</sup>. A primeira assembleia da Igreja

---

<sup>480</sup> DEPARTAMENTOS é a nomenclatura utilizada para os diversos trabalhos convencionais entre os batistas. O termo é controverso, embora boa parte do contexto eclesiástico o utilize. É comum se encontrar nas igrejas o departamento das crianças, o dos adolescentes, o dos jovens, etc. No seu sentido mais amplo, a palavra refere-se a cada uma das partes em que se divide um território, um edifício, uma empresa, uma instituição ou uma entidade. *In*. MODES, Josemar Valdir. Ministérios específicos. KUNZ, Claiton André (org.). **Manual de capacitação ministerial**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2015, p. 244-245.

<sup>481</sup> TABORDA. *In*. KAPPAUN (org), 2012, p. 89-99.

<sup>482</sup> REGISTRO HISTÓRICO. **BI**, n. 43, ano 19, jul./set. 2008, p. 03.

<sup>483</sup> ORGANIZAÇÃO DO JUBILEU DE OURO DA MISSÃO SUECA NO BRASIL – a Igreja Batista Bethel se organiza para receber o evento. Na assembleia de 07 de janeiro de 1961, um ano antes da grande assembleia, a Igreja Batista Bethel decidiu sediá-lo. Várias comissões foram formadas e investimentos estruturais programados: a igreja constrói um local para oferecer refeições aos participantes da Convenção e elabora a mobília necessária, como bancos e mesas para as refeições. Incentivou-se também a doação, por parte dos

Batista Bethel no ano do evento, datada em 01 de janeiro de 1962, voltou-se inteiramente para esta festividade, envolvendo os membros nas mais diversas atividades e buscando organizar os detalhes necessários para a recepção aos participantes da assembleia nacional, que fariam todas as refeições na igreja e seriam alojados nas casas dos membros. Como se tratava de um evento nacional, pessoas dos mais diferentes lugares do Brasil se deslocariam para o interior do Rio Grande do Sul, e por isso necessitariam de hospedagem durante a semana de atividades<sup>484</sup>.

**ILUSTRAÇÃO 12 – Comemoração do Jubileu de Ouro da Missão Sueca no Brasil. Na imagem estão os missionários da Missão, na Igreja Batista Bethel, na Linha Doutor Pederneiras/RS, em 1962**



Fonte: imagem do Boletim Informativo

Esta festividade parece apontar para duas realidades significativas: o envolvimento dos teuto-russos com o trabalho nacional e, conseqüentemente, um início de abertura para um trabalho fora dos seus limites culturais (esta mudança de visão se faz presente nas igrejas e na CIBILA); mas também aponta para o reconhecimento por parte da Convenção nacional (CIBI) da importância destas igrejas étnicas para o surgimento deste organismo convencional e difusão do trabalho no país.

---

membros, de madeira e carne para o evento. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 07 de janeiro de 1961, p. 115

<sup>484</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 09 de dezembro de 1961, p. 127.

Aparentemente este evento não foi planejado visando a aproximação das igrejas teuto-russas do trabalho nacional. Foi apenas um evento a ser organizado no local onde o trabalho começou. Mas em termos de efeito foi transformador e gerou uma aproximação e valorização singular. Os membros das igrejas alemãs se sentiram valorizados, ao mesmo tempo que a Convenção nacional conheceu a sua própria história que começou com estas igrejas.

No dia 13 de março de 1970, na Vila Machado, na cidade de Tucunduva/RS<sup>485</sup>, foi organizado o Departamento das Igrejas de Língua Alemã (DILA)<sup>486</sup>, uma seção da CIBI considerada como uma Convenção regional, mas designada como departamento, o que foi uma estratégia de aproximação dos teuto-russos à CIBI<sup>487</sup>. A criação deste Departamento (DILA) reconheceu a questão particular deste grupo de igrejas teuto-russas, pois embora historicamente e teoricamente estivesse ligado ao trabalho nacional, e apesar das próprias distinções culturais existentes entre as Convenções regionais, os teuto-russos divergiam dos demais, pois tinham características culturais próprias. Esta iniciativa contribuiu muito para a organização da CIBILA posteriormente, e apontou para um interesse da CIBI pelo trabalho em meio a este grupo étnico originador do trabalho Batista Independente no Brasil. Na DILA foram inseridas todas as igrejas teuto-russas e as que foram fundadas por elas<sup>488</sup>.

Num documento publicado pela CIBI transpareceu este interesse de aproximação e de respeito aos diferentes traços culturais:

Com o passar dos anos houve a necessidade de maior integração denominacional, ao mesmo tempo em que se procura preservar o já consagrado intercâmbio das igrejas da mesma língua. Organiza-se portanto o Departamento das Igrejas de Língua Alemã, isto em 1970, por ocasião do encontro anual das referidas igrejas em Machado, município de Tucunduva, RS, e o fato recebe sua ratificação e oficialização da CIBI, em Porto Alegre, no ano de 1971<sup>489</sup>.

Esta decisão incorporou as igrejas teuto-russas à Convenção das Igrejas Batistas Independentes, não lhes dando autonomia de funcionamento. Era um departamento subordinado, assim como o Departamento dos Jovens, Mulheres e Missões. Mas ainda assim foi um passo significativo de reconhecimento, de organização e de preparação para a ceitação deste grupo como convenção organizada e filiada ao órgão nacional. Esta data também se tornou o marco para a inserção obrigatória do nome *Batista Independente* às igrejas deste grupo étnico,

<sup>485</sup> ATA DA REUNIÃO DOS REPRESENTANTES DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Livro de atas do Departamento das Igrejas de Língua Alemã – DILA**. Documento avulso, sem numeração de página. O documento está em anexo.

<sup>486</sup> LÍDERES NESTE DEPARTAMENTO: Cristian Wutzke, Ernesto Gerstberger, José Lima, Heinz Voss, Samuel Högberg, Gregor Allerth e Vilson Wutzke.

<sup>487</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 25 de abril de 1970, p. 06-07.

<sup>488</sup> WUTZKE. *In*. KAPPAUN (org), 2012, p. 85.

<sup>489</sup> **E Deus fez crescer**, 1977, p. 75.

como forma de identificação com a Convenção. Pelo que se consegue ver, a iniciativa de identificação foi efetiva e todas as igrejas teuto-russas incorporam em sua designação a expressão *Independente*<sup>490</sup>.

A ata de organização da DILA destaca que o presidente da CIBI se fez presente na assembleia de organização deste Departamento, que iniciou com as seguintes igrejas: do Rio Grande do Sul: a Igreja Batista Zoar da Vila Machado, a Igreja Batista da Linha Timbaúva, a Igreja Batista Betel da Linha Doutor Pederneiras e da Linha Oito de Agosto; do Paraná: a Igreja Batista de Planalto e a Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa. Interessante perceber que apenas uma delas carrega neste momento a designação *Independente*, e a base originadora da DILA é a que forma em 1919 a Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense (CEBS). Houve apenas o acréscimo das igrejas que surgiram mediante a migração dos membros das primeiras igrejas teuto-russas<sup>491</sup>.

O discurso favorável à criação deste Departamento foi dirigido pelo pastor Gerhard Rosenbaum, que viu nesta estrutura um meio de aproximação das igrejas teuto-russas com as demais igrejas organizadas pela Missão Sueca. Além disso, o pastor destacou que o Departamento despertaria o sentimento de pertencimento entre as próprias igrejas alemãs. Estes fundamentos foram aprovados e o Departamento foi organizado e aceito pelas comunidades. Mudou-se nesta data o nome das Conferências de Fé, que passaram a ser designadas como Encontro das Igrejas de Língua Alemã.

Esta departamentalização comprometeu as igrejas alemãs com a CIBI, fazendo com que elas, de forma voluntária, se submetessem às deliberações da Convenção (CIBI) e repassassem o dízimo de suas entradas para a manutenção dos trabalhos convencionais em nível nacional. A liderança do Departamento também foi escolhida pela CIBI, com exceção dos primeiros líderes, por ocasião da organização do Departamento, como uma espécie de contrapartida pela aceitação dos termos solicitados pela Convenção (CIBI). Foram eleitos o missionário Heinz Voss como líder, o pastor José Lima como secretário e Bertoldo Henschel como leigo. É nítida a interferência da CIBI na organização da DILA<sup>492</sup>.

---

<sup>490</sup> ATA DA REUNIÃO DOS REPRESENTANTES DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Livro de atas do Departamento das Igrejas de Língua Alemã – DILA.** Documento avulso, sem numeração de página.

<sup>491</sup> ATA DA REUNIÃO DOS REPRESENTANTES DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Livro de atas do Departamento das Igrejas de Língua Alemã – DILA.** Documento avulso, sem numeração de página.

<sup>492</sup> A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA DILA era composta por um líder, que deveria ser um missionário preferencialmente, um secretário pastor e mais um representante das igrejas, que não tivesse um cargo de liderança, denominado como leigo. *In.* ATA DA REUNIÃO DOS REPRESENTANTES DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Livro de atas do Departamento das Igrejas de Língua Alemã – DILA.** Documento avulso, sem numeração de página. O documento está em anexo.

Como houve nesta assembleia de fundação apenas representantes das igrejas, o líder eleito da DILA, o missionário Heinz Voss, escreveu uma carta a todas as igrejas alemãs informando sobre as decisões. Em sua carta o missionário enfatizou que novamente as igrejas teuto-russas estavam organizadas como grupo e eram reconhecidas como tal. O missionário não foi idôneo em seu discurso, uma vez que ele esteve envolvido com trabalhos da CIBI e compartilhava da visão de nacionalização<sup>493</sup>. Ele faz a apresentação na carta soar como uma necessidade, ignorando a aproximação das igrejas teuto-russas já existentes. Elas não precisavam da CIBI para se organizarem; a CIBI estava interessada nelas, pois representavam o começo da sua história e eram um grupo considerável de igrejas que geraria recursos e força missionária para a Convenção<sup>494</sup>.

Esta organização em Departamento foi um protótipo para a organização da CIBILA posteriormente. Como houve um afastamento das igrejas de língua alemã do restante do trabalho sueco, percebeu-se nesta iniciativa uma subordinação direta ao órgão nacional e, diante do sucesso desta primeira etapa, 19 (dezenove) anos depois, a autonomia convencional foi outorgada ao grupo. Estas etapas foram importantes para as igrejas também, pois auxiliaram na organização prévia do grupo e incorporação dos ideais batistas independentes, num prisma de nacionalização.

A CIBILA (Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã)<sup>495</sup> foi organizada num evento muito especial que ocorreu entre os dias 10 a 15 de janeiro de 1989<sup>496</sup>. Era realizada a quinquagésima Conferência de Fé, denominada “Encontro das Igrejas Batistas Alemãs”. Ela ocorreu na Igreja Batista Independente Betel, que comemorava seu septuagésimo

<sup>493</sup> VOSS, Heinz. **GEMEINDEMITTEILUNGEN** (Compartilhar com as Igrejas). Carta do líder da DILA. Porto Alegre, 03 abr. 1970. O documento está em anexo.

<sup>494</sup> VOSS, 03 abr. 1970.

<sup>495</sup> CIBILA foi organizada com 11 igreja filiações. A primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente: Pr. Wilson Wutzke, 1º vice-presidente: Pr. Eduino Ikert; 2º vice-presidente: Pr. Aldino Wutzke; 1º secretário: Pr. Alfredo Erico Görz; 2º secretário Pr. Willi Schmit; 1º tesoureiro: Arnaldo Bloch e 2º tesoureiro: Evaldo Fipke. In. GÖRTZ, Alfredo E. *50 Jahriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum rer Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez 1989. Reportagem da capa do jornal.

<sup>496</sup> A DURAÇÃO DAS ASSEMBLEIAS nos primeiros anos da CIBILA era de 6 dias. Iniciavam-se as sessões na noite da terça-feira e o encerramento era na tarde de domingo. Os delegados que representavam as comunidades eram acolhidos nas casas dos membros da igreja anfitriã. No ano de 1996, reduziu-se um dia na duração das assembleias, que passaram a iniciar nas noites de quarta-feira. A partir de 2013 a assembleia passou a ser realizada em 4 dias apenas, iniciando na noite de quinta-feira. Neste mesmo ano outra mudança estrutural significativa foi implementada: até 2013 as assembleias eram sempre no mês de janeiro, coincidindo com as férias escolares (as famílias aproveitavam o tempo para viajar e acabavam não participando das assembleias); a partir desta data as assembleias passaram a ser realizadas no mês de maio a cada ano. In. CIBILA. **Livro de atas 02**. Ata 08, de 25 janeiro de 1996, p. 72; **Livro de atas 03**. Ata 24, de 04 maio de 2013, p. 21.

aniversário<sup>497</sup>. A programação tinha como tema “*FRUCHT BRINGEN – DAZU SIND WIR BERUFEN*” (Produzir Frutos – para isso fomos chamados)<sup>498</sup>.

**ILUSTRAÇÃO 13 – Culto de organização da CIBILA, durante a quinquagésima Conferência de Fé, na Igreja Batista Independente Betel (antiga Igreja Batista Bethel), na Linha Doutor Pederneiras/RS, em 1989**



Fonte: imagem do Boletim Informativo

### **3.2.2 A Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã – CIBILA**

Uma prática comum nas Conferências de Fé e também nos Encontros das Igrejas de Língua Alemã era a apresentação, pelos delegados e pastores, de estatísticas das igrejas filiadas. Estas estatísticas eram minuciosas, expondo ao grupo inclusive as receitas financeiras de cada uma das comunidades ao longo daquele ano. Graças a estas estatísticas que se pode ter noção do grupo que originou a CIBILA:

<sup>497</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 19 de novembro de 1988, p. 190.

<sup>498</sup> GÖRTZ, Alfredo E. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez 1989. Reportagem da capa do jornal.



## ILUSTRAÇÃO 14 – Quadro das igrejas originadoras da CIBILA com seu número de membros em 1989

<b>IGREJAS</b>	<b>MEMBROS</b>
<b>IGREJAS NO PARANÁ</b>	
Igreja Batista Independente <sup>499</sup> de Ipiranga	131
Igreja Batista Independente de Vila Brasiliana	77
Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa	331
Igreja Batista Independente de Vila Cristal	158
Igreja Batista Independente Salém de Vila Planalto	194
Igreja Batista Independente de Tupinambá	63
<b>IGREJAS NO RIO GRANDE DO SUL</b>	
Igreja Batista Independente de Timbaúva	106
Igreja Batista Independente Betel	506
Igreja Batista Zoar de Novo Machado	402
<b>IGREJAS NO PARAGUAI<sup>500</sup></b>	
Igreja Batista Independente de Santa Rosa del Monday e Formosa	167
Igreja Batista Independente de Naranjal	78
Igreja Batista Betel de Katuetê	44
<b>Total de membros</b>	<b>2257</b>

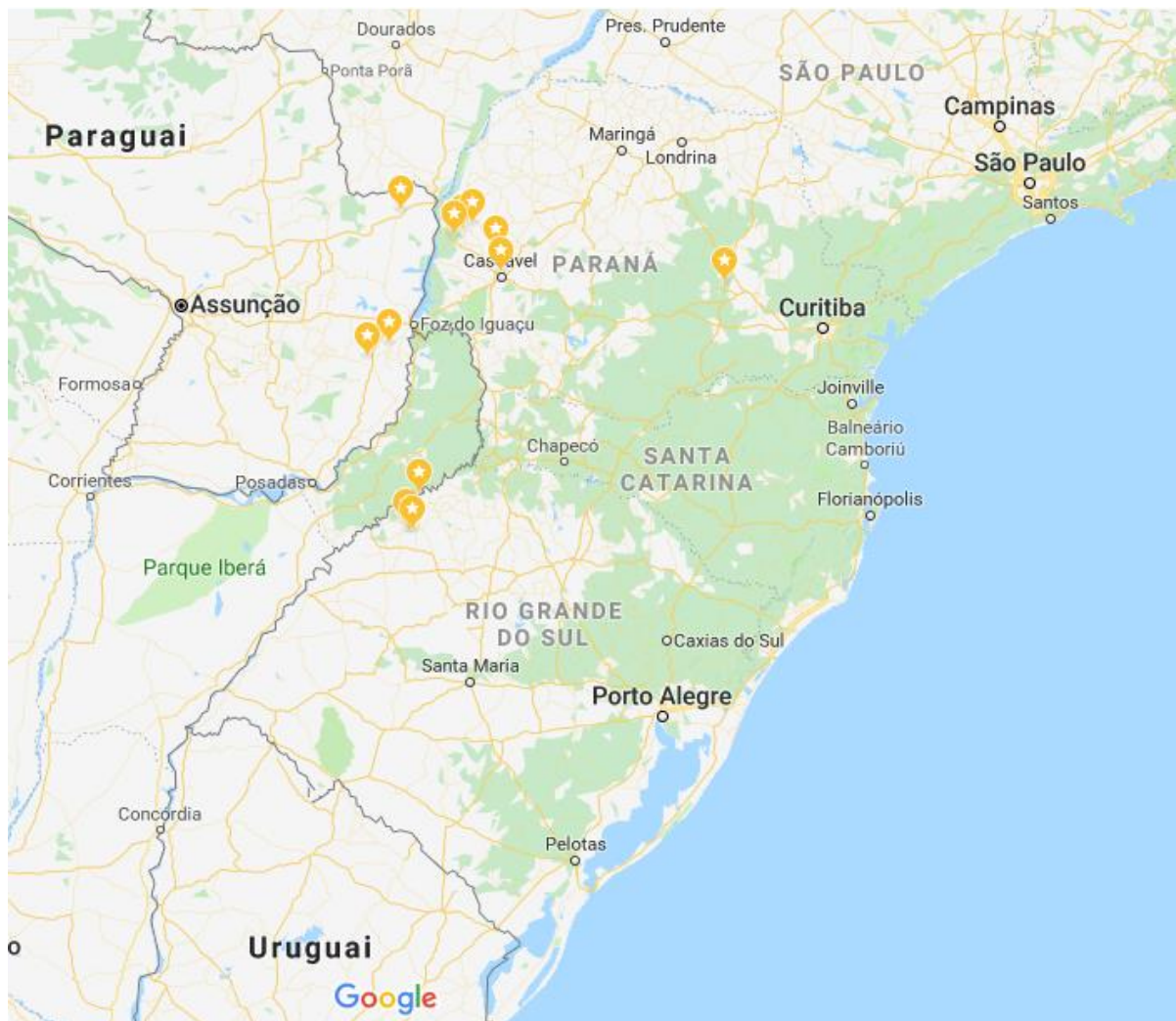
Fonte: tabela elaborada pelo autor com base na Ata de Fundação da CIBILA

<sup>499</sup> A ADOÇÃO DO NOME “INDEPENDENTE” não foi uma imposição para as igrejas mais antigas da DILA, mas percebe-se pela lista que todas aceitaram a designação, alterando seu nome. É uma subordinação manifesta de forma explícita, sendo mais efetiva do que entre as outras igrejas da CIBI, pois muitas não adotaram esta terminologia.

<sup>500</sup> ORGANIZAÇÃO DA CONVENCION DAS IGLESIAS BAUTISTAS BETEL (CIBB) – As igrejas do Paraguai permaneceram vinculadas à CIBILA até o ano de 1992, quando então elas organizam a Convención das Iglesias Bautistas Betel (CIBB), sob a direção do missionário Gerhard Rosenbaum. Junto com a organização paraguaia foi criada uma creche para acolhimento das crianças na cidade de Coronel Oviedo e mais tarde, em 1998, foi organizado o Seminário Teológico desta Convenção (CIBB) junto à creche, apontando para a estruturação da CIBB no país vizinho. In. WUTZKE, Wilson. *Geschichte der Deuteschen Konferenz*. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 7.

A CIBILA surgiu com a aproximação de 12 igrejas de 02 estados brasileiros e outras 03 igrejas do Paraguai. Estas últimas foram organizadas por meio do processo (i)migratório para aquele país<sup>501</sup>.

#### ILUSTRAÇÃO 15 – Localização das igrejas que originaram a CIBILA



Fonte: imagem editada pelo autor

Na ocasião da sua organização, os delegados presentes aprovaram o estatuto da CIBILA, que lhe deu as diretrizes básicas de funcionamento. Segundo o estatuto, a Convenção teria a sua sede na cidade de Nova Santa Rosa, mas faria as suas assembleias nas diferentes igrejas, conforme o calendário estipulado pela diretoria, com o cuidado de não conflitar com a agenda da Convenção nacional, a CIBI. O sistema de rodízio entre as igrejas receptoras das assembleias, iniciado com as Conferências de Fé, continuariam sendo o formato de organização dos eventos da CIBILA.

<sup>501</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Livro de atas 01:** ata de organização da CIBILA. Linha Doutor Pederneras, 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 01-12.

As assembleias eram os encontros mais importantes da Convenção. Em seu estatuto a CIBILA estabeleceu que:

Art. 11º. A Assembleia Geral é o órgão máximo da CIBILA. [...]

Art. 13º. Compete à Assembleia Geral:

I – Eleger e dar posse à Diretoria da CIBILA e ao Conselho Fiscal; II – indicar comissões; III – apreciar e aprovar os relatórios de atividades da Presidência e do Secretário de Missões; IV – apreciar e aprovar os relatórios financeiros da administração; V – decidir sobre a criação e/ou extinção de departamentos e instituições ligadas à CIBILA; VI – aprovar o planejamento de atividades da CIBILA, visando à expansão de missões e a execução dos objetivos definidos neste Estatuto; VII – admitir igrejas, mediante expediente por escrito onde conste cópia do Estatuto social da igreja e compromisso de fidelidade na contribuição para manutenção dos fins a que se propõe a CIBILA; VIII – demitir igrejas, no caso de desvio doutrinário tipificado na exposição doutrinária contida no “Livreto Princípios da Nossa Fé” e na “Declaração de Fé” da Convenção das Igrejas Batistas Independentes, observado o disposto no Artigo 38º; É assegurado a qualquer Igreja que for desligada da CIBILA, o direito de defesa, o recurso deverá ser encaminhado, por escrito no prazo de 60 dias. IX – proceder o desligamento de Igrejas, do rol de Igrejas Filiadas, mediante pedido por escrito da parte interessada; encaminhando à Diretoria da CIBILA com 60 dias de antecedência à data da Assembleia, observado o quórum qualificado previsto no Artigo 38º; X – mudar o nome da CIBILA; observado o quórum qualificado previsto no Artigo 38º e XI – destituir os seus administradores, observado o quórum qualificado previsto no Artigo 38º;

Art. 14º. A Assembleia Geral será constituída de igrejas filiadas à CIBILA.

§ 1º Cada igreja com até 100 membros poderá credenciar um representante para cada dez membros e as que tiverem mais que 100 membros poderão credenciar além destes, mais um representante para cada 100 membros<sup>502</sup>.

O número de delegados<sup>503</sup> a representar cada comunidade na assembleia foi definido no surgimento da CIBILA. A função dos delegados era de representar cada comunidade local nas reuniões, tendo direito a voz e voto. Isso já era uma responsabilidade singular. Mas, além deste fato, era dentre os delegados que se escolhia a liderança convencional, o que aumentava ainda mais o prestígio dos escolhidos pelas igrejas, que geralmente enviavam líderes proeminentes para a representação oficial.

O fato de o estatuto ter sido elaborado por poucas pessoas, assim como a designação de um grupo restrito para tomar as decisões e também exercer a liderança da Convenção, são mecanismos de domínio e controle. Nem todos teriam acesso às informações e a participação seria restrita a um grupo previamente selecionado.

<sup>502</sup> CIBILA. **Estatuto da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã**. Nova Santa Rosa, 04 mai. 2018, p. 3-4.

<sup>503</sup> O NÚMERO DE DELEGADOS foi estipulado na primeira assembleia da CIBILA, e ele não mudou ao longo dos anos. Cada igreja poderia enviar 1 (um) representante para cada 10 (dez) membros para igrejas com até 100 (cem) membros; igrejas com mais de 100 (cem) membros poderiam acrescentar 1 (um) delegado a cada 100 (cem) membros. *In*. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Livro de atas 01:** ata de organização da CIBILA. Ata 01 de 15 de janeiro de 1989, p. 12.

Mais tarde, incorpora-se aos órgãos de planejamento convencional o *Bruderrat* (irmãos conselheiros), chamado oficialmente de Conselho Deliberativo<sup>504</sup> nos Estatutos convencionais. Por meio deste Conselho a CIBILA passou a ter um grupo menor de trabalho, representado pelos principais líderes convencionais, para preparar os assuntos que seriam discutidos nas assembleias, evitando algumas proposições indevidas e apressadas, e também limitando o diálogo. Esta ação, apresentada como solução para a agilidade das assembleias, foi um contrassenso em termos de prática, uma vez que as ações batistas são deliberadas pela assembleia, na qual todos os membros têm voz ativa nas considerações e decisões<sup>505</sup>.

Mencionou-se na ata de organização que foram quatro os principais motivos para a criação da estrutura convencional: a) promover um convívio fraternal entre as igrejas; b) planejar e realizar ações missionárias; c) trabalhar e ter como interesse comum promover entre as igrejas filiadas os projetos missionários da CIBI e d) decidir sobre a criação de departamentos e comissões para a realização de seus projetos. Ficou evidente uma ligação voluntária com o trabalho nacional, mas com plena autonomia da condução interna dos trabalhos. Houve inclusive no seu estatuto a menção de que a Convenção nacional (CIBI) não teria poder de decisão sobre a CIBILA, sendo ela a responsável pelas decisões das suas assembleias, voltadas para as ações conjuntas com a CIBI e a eleição de sua diretoria. Ao mesmo tempo, fala-se da aproximação e o discurso parte de pastores envolvidos com o trabalho nacional. É uma forma velada de realizar a subordinação<sup>506</sup>.

As motivações iniciais permaneceram ao longo da história da Convenção. Pode-se vê-las na última edição de seu Estatuto, no qual se diz que a

Art. 4º. A CIBILA terá por finalidades:

I – Promover o Reino de Deus em todos os seus aspectos, tendo ainda caráter filantrópico e assistencial; II – editar folhetos, livros, jornais e revistas; III – promover a obra de evangelização e missões; IV – Estimular a fraternidade entre as igrejas que com ela cooperam; V – Coordenar o esforço missionário das igrejas, sugerindo a maneira pela qual poderão fazê-lo; VI – Desenvolver a cooperação entre as igrejas filiadas para os projetos missionários da CIBI, bem como estabelecer parcerias

<sup>504</sup> CONSELHO DELIBERATIVO: pelo Estatuto da CIBILA estabelece-se: Art. 26º. O Conselho Deliberativo da CIBILA compõe-se dos seguintes membros: I – Da Diretoria da CIBILA; II – O Pastor – titular, pastores auxiliares filiados a UMBILA e missionários efetivos da CIBILA. III – do Presidente da União dos Ministros Batistas Independentes de Língua Alemã – UMBILA; IV – de um membro da Diretoria ou do Conselho Eclesial de cada Igreja Filiada; V – dos Diretores dos Departamentos da CIBILA, e VI – do Secretário de Missões; Art. 27º. Compete ao Conselho Deliberativo: I – planejar as atividades gerais da CIBILA; II – Apreciar e dar parecer sobre os projetos missionários elaborados pela Diretoria e encaminhá-los à Assembleia Geral; III – indicar comissões. *In. CIBILA. Estatuto da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã.* Nova Santa Rosa, 04 maio 2018, p. 7.

<sup>505</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Livro de atas 01:** ata de organização da CIBILA. Ata 01 de 15 de janeiro de 1989, p. 12.

<sup>506</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Livro de atas 01:** ata de organização da CIBILA. Linha Doutor Pederneiras, 10 a 15 jan. 1989, p. 01-12.

missionárias com outras Convenções Regionais; VII) criar e manter departamentos e/ou comissões para executar suas atividades; VIII) funcionar como Órgão Orientador para as igrejas filiadas, nas questões atinentes à iminência de divisão, e outros assuntos que, eventualmente, lhes sejam apresentados pela UMBI ou sua Seccional; IX) zelar pela unidade Batista Independente no âmbito de sua jurisdição<sup>507</sup>.

Aos moldes das Conferências de Fé, além das reuniões deliberativas que ocorriam anualmente, num sistema de rodízio entre as igrejas, junto às assembleias promovia-se momentos de confraternização e de crescimento pessoal por meio de palestras apresentadas por pastores (muitos deles de fora da Convenção), com o objetivo de desenvolver a troca de ideias e a agregação de novas visões aos trabalhos convencionais<sup>508</sup>.

É interessante destacar o valor que se dá ao jornal impresso e o reconhecimento do poder de coesão criado por este meio de comunicação. A CIBILA reconheceu em seu início de trabalho o jornal *Luz nas Trevas*, instrumento oficial de comunicação da CIBI, como seu jornal também, enfatizando que poderia criar um jornal próprio<sup>509</sup> a qualquer momento, o que ocorreu pouco tempo depois<sup>510</sup>. Talvez fosse uma resposta ao fato de não terem sido incorporadas suas matérias em alemão exigidas décadas atrás e que culminaram no afastamento dos teuto-russos dos suecos e nacionais.

Pode-se perceber nos relatórios da assembleia de organização da CIBILA uma uniformização do trabalho das igrejas pertencentes à Convenção, mesmo antes deste ajuntamento oficial, até porque elas já estavam organizadas desta forma. As igrejas apresentaram relatórios de suas atividades na assembleia e pode-se notar um formato semelhante, em termos de trabalho, o que aponta para uma origem em comum e também para a influência das Conferências de Fé na formação desta liturgia e missão similar.

Nos relatórios<sup>511</sup> apresentados na assembleia de organização da CIBILA<sup>512</sup>, as igrejas mencionaram ter classes de Escola Bíblica Dominical, o departamento de jovens, de mulheres,

<sup>507</sup> CIBILA. **Estatuto da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã**. Nova Santa Rosa, 04 maio 2018, p. 1-2.

<sup>508</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Livro de atas 01**: ata de organização da CIBILA. Linha Doutor Pederneiras, 10 a 15 jan. 1989, p. 01-12.

<sup>509</sup> O BOLETIM INFORMATIVO foi o jornal criado pela CIBILA. A primeira edição encontra-se em anexo.

<sup>510</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Livro de atas 01**: ata de organização da CIBILA. Linha Doutor Pederneiras, 10 a 15 jan. 1989, p. 01-12.

<sup>511</sup> OS RELATÓRIOS APRESENTADOS NAS ASSEMBLEIAS eram minuciosos em seus detalhes e mostravam as dimensões e o funcionamento de cada igreja pertencente à Convenção. Em certo sentido, os relatórios instigavam as igrejas a realizar as mesmas ações, por se assumirem o papel de modelo de igreja. Ao mesmo tempo poderiam provocar certa rivalidade e pretensionismo, uma vez que apontavam para o crescimento das comunidades na dimensão de membros, estrutura e finanças. Somente a partir do ano de 1995 é que os relatórios são mais sucintos e as estatísticas das igrejas não são mais mencionadas de forma pública. *In*. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata da assembleia geral ordinária dos dias 17 a 22 jan. 1995, p. 1-2.

<sup>512</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata da organização da Convenção, p. 4, nos anexos.

corais instrumentais e vocais. Algumas possuíam congregações. Todas realizam batismos<sup>513</sup> anuais, e organizam diversas campanhas evangelísticas<sup>514</sup>.

ILUSTRAÇÃO 16 – Batismo de 72 convertidos, realizado na Igreja Batista Bethel, em 1953, pelo pastor Ernst Gestberger



Fonte: imagem do Boletim Informativo

<sup>513</sup> OS BATISMOS REALIZADOS PELAS IGREJAS BATISTAS seguem o padrão estabelecido pela sua declaração doutrinária, que em seu IX artigo especifica: “O Batismo e a Ceia do Senhor - O batismo [é uma ordenança estabelecida pelo próprio Jesus Cristo, de natureza simbólica]. O batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal. O batismo é condição para ser membro de uma igreja.” *In.* CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15&Itemid=15&showall=1](http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15&showall=1). Acesso em: 27 jun. 2018.

<sup>514</sup> CAMPANHAS EVANGELÍSTICAS foram ferramentas importantes para o alcance dos de fora. Nas campanhas, trazia-se um pastor de outra cidade e preparava-se o ambiente para a pregação e conversão daqueles que não faziam parte do grupo religioso promotor. Músicas especiais e mensagem apelativas estavam sempre presentes nesta abordagem e visam atingir o ouvinte em sua dimensão emocional, principalmente. Todas estas campanhas tiveram como resultado o crescimento das igrejas com o acréscimo de membros mediante batismo. Uma das primeiras campanhas realizadas nas comunidades teuto-russo-suecas foi a que ocorreu entre os dias 20 a 30 de setembro de 1926. O pastor Johannes Borkowske foi convidado para ser o preletor desta campanha. Estas campanhas evangelísticas, além dos resultados pessoais, tiveram impacto sobre a comunidade e deram início às festas missionárias, em 1928. *In.* IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 30 de dezembro de 1932, p. 199; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas Perdido**, ata de 16 de fevereiro de 1946, p. 14; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 20 de outubro de 1962, p. 144; WUTZKE, Vilson. Nossa história. **BI**, n. 34, ano 16, set./dez. 2005, p. 7. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 28 de setembro de 1926, p. 130. AS FESTAS MISSIONÁRIAS tinham por objetivo aproximar as pessoas, promover momentos de comunhão, gerar novos convertidos e levantar fundos para missões. As festas eram realizadas com alimentos trazidos pelos membros, que eram compartilhados. Na festa de 1932, cada família teve que trazer 6 (seis) cucas como doação. *In.* IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 30 de dezembro de 1932, p. 199; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 24 de junho de 1928, p. 144; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de reunião extraordinária de 30 de janeiro de 1936, p. 255; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas Perdido**, ata de 14 de abril de 1945, p. 08.

Como efeito, a organização da CIBILA gerou a criação de seus diferentes departamentos, muitos dos quais já funcionavam há anos, mas que a partir de 1989 passaram a ser reconhecidos como trabalhos oficiais da Convenção, tendo o seu acompanhamento constante e vinculação com os trabalhos batistas independentes em nível nacional.

A organização convencional também possibilitou o incentivo para algumas áreas artísticas identitárias destes imigrantes, com destaque à música. A CIBILA é organizada com um coral convencional e uma banda de sopro, grupos musicais tradicionais bem presentes em todas as igrejas do grupo<sup>515</sup>. Estes dois grupos musicais participavam ativamente das programações das assembleias, principalmente nos momentos de cultos. Fez-se vários levantamentos de pessoas com habilidades musicais na Convenção, com o propósito de convocá-las a participar das programações<sup>516</sup>. Outra área artística, recuperada da década de 30, por meio da organização da CIBILA, foi a realização de um evento musical denominado *Encontro de Bandas*, que remonta às antigas festas da música realizadas pelas igrejas teuto-russas<sup>517</sup>.

Além das assembleias, a CIBILA se manifesta de forma presente e grupal por meio de seus departamentos. Eles ocupam lugar de destaque na vida e nas ações convencionais, e são a expressão direta do envolvimento dos membros das comunidades em trabalhos específicos voltados para eles. Serão mencionados na sequência a organização oficial dos departamentos da CIBILA, por ordem de criação de cada um deles, mostrando a abrangência destes ministérios e o propósito de seus trabalhos:

a) *O Departamento Feminino* - a organização dos grupos de mulheres já era uma prática comum nas comunidades locais. Em todas as igrejas pode-se notar a comemoração de décadas de trabalho com mulheres, expressas em reportagens no *Boletim Informativo*. Mas de forma oficial, formal e dirigida por representantes reconhecidas pela Convenção, o Departamento Feminino é originado oficialmente no dia da organização da CIBILA, em 13 de janeiro de 1989. As mulheres são precursoras e formaram o primeiro departamento da Convenção. A grande idealizadora deste departamento foi Alsira Littmann Görz, esposa de um

---

<sup>515</sup> REGENTES DO CORO CONVENCIONAL E DA BANDA DE SOPRO foram eleitos na primeira assembleia. Para o Coro Convencional elegeu-se Nair Lima e para a Banda de Sopro, Paul Makus. *In. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. Livro de Atas 01. Ata 01, de 13 janeiro de 1989, p. 10.*

<sup>516</sup> LEVANTAMENTO DO NÚMERO DE INSTRUMENTISTAS NA CIBILA: No ano de 1991 fez-se um relatório do número de pessoas que tocavam instrumentos de sopro nas igrejas da Convenção e chegou-se aos seguintes números: 107 instrumentistas num universo de 2480 membros, representando 5% dos membros. Estes dados animaram a liderança convencional para projetarem um coral com 100 integrantes para a assembleia de 1992. *In. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. Livro de Atas 01. Ata 03, de 27 janeiro de 1991, p. 36.*

<sup>517</sup> SCHULZ, Doriano. Encontro de Bandas. **BI**, n. 52, ano 21, out./dez. 2010, p. 11.

dos pastores da CIBILA, e que trabalhou por muitos anos na Igreja Batista Independente Betel<sup>518</sup>.

É interessante esta projeção feminina no espaço eclesiológico batista independente. As oportunidades são restritas e a história foi escrita retratando a figura masculina. Todavia, percebe-se o crescimento, embora gradual e lento, do reconhecimento do trabalho feminino nas igrejas. Comprova-se a percepção de Linda Woodhead ao dizer que “a participação das mulheres na religião será influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis para elas”, e a disponibilidade tem sido negociada pelas próprias mulheres<sup>519</sup>.

A organização deste departamento tem contornos anteriores, no período em que a CIBILA era DILA, pois no ano em que se organiza oficialmente o Departamento Feminino da CIBILA se realiza o terceiro Congresso das Mulheres, na cidade de Ipiranga/PR, entre os dias 17 e 20 de agosto de 1989. Este pormenor é significativo, pois mostra o funcionamento do departamento pelo menos dois anos antes da sua organização oficial dentro da Convenção, uma vez que os Congressos são a expressão mais significativa deste Departamento<sup>520</sup>.

Em termos de ações, o Departamento Feminino da CIBILA organizou seu primeiro congresso de mulheres na cidade de Nova Santa Rosa, entre os dias 08 e 11 de outubro. Participaram deste congresso 134 mulheres, que foram arroladas como fundadoras do Departamento<sup>521</sup>.

---

<sup>518</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de 13 de janeiro de 1989, p. 10. Na organização do Departamento foram eleitas também as responsáveis pelos principais cargos desta organização: presidente: Alsira Littmann Görz; vice-presidente: Mayde B. Wutzke; secretária: Rosalina Welke; tesoureira: Darcila Schulz.

<sup>519</sup> WOODHEAD, L. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. **Revista de Estudos da Religião – Rever**, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 1-11, 2002. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/outronum.htm>. Acesso em: 24 jun. 2016, p. 2.

<sup>520</sup> GÖRZ, Alzira L. “Jesus betet für uns” – *Schwesternkongress in Ipiranga, PR*. **BI**, n. 01, ano 01, jan./dez. 1989, p. 6.

<sup>521</sup> A DIRETORIA DO DEPARTAMENTO FEMININO foi composta pela presidente, Alzira Littmann Görz e as assistentes Marie Allerth, Iloni Fidler Littmann, Darcila Schulz e Erika Neumann. *In*. WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 24.



**ILUSTRAÇÃO 17 – Primeiro Congresso Feminino, realizado na cidade de Nova Santa Rosa/PR, em 1989**

Fonte: imagem do Boletim Informativo

Entre os dias 01 e 03 de novembro de 1996 as mulheres batistas independentes deram mais um passo significativo, buscando uma aproximação das envolvidas nos diversos trabalhos convencionais regionais, realizando o Primeiro Congresso Nacional Feminino Batista Independente na cidade de Jundiaí/SP, com 435 participantes, três da CIBILA<sup>522</sup>.

O Departamento Feminino da CIBILA, além de organizar os Congressos de Mulheres, foi o responsável por fomentar os departamentos nas igrejas, buscando o envolvimento feminino nestes trabalhos e, por meio dos ministérios, o envolvimento ativo nas igrejas onde elas congregavam, mudando a própria mentalidade sobre o trabalho das mulheres. Elas estão inseridas de forma maciça na Escola Bíblica Dominical. Quando se olha o quadro de professores da Igreja Batista Bethel em seu começo e os envolvidos com o ensino nas igrejas na atualidade, irá se notar esta conquista de um espaço significativo: o de educar as novas gerações. Em 1918 todos os professores da Escola Bíblica Dominical eram homens; em 2018 são todas mulheres<sup>523</sup>.

<sup>522</sup> WELKE, Margarida. I Congresso Nacional Feminino Batista Independente. **BI**, n. 15, ano 8, jul./dez.1996, p. 21.

<sup>523</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 11; MODES, 2018, p. 173.

b) *Departamento de Imprensa* – fundado em 20 de novembro de 1989, passou a produzir inicialmente o *Boletim Informativo*<sup>524</sup>, principal jornal da CIBILA, com tiragem de 600 exemplares em sua primeira edição, tendo de início apenas uma publicação anual<sup>525</sup>. Este jornal cresceu em importância no meio batista e na atualidade publica quatro edições impressas ao longo do ano, padrão adotado desde 2008<sup>526</sup>, com tiragens de 12000 exemplares em cada uma das edições, com distribuição gratuita de um exemplar por família dos membros das igrejas da Convenção.

Na comemoração dos 15 anos do periódico, após 30 edições publicadas, o jornal tinha leitores no Brasil, Paraguai, Argentina, Alemanha, Finlândia, Suécia, Canadá e EUA<sup>527</sup>. Foi a partir deste aniversário que, em 2005, decidiu-se pela publicação de três edições anuais, uma a mais do que se publicava até o momento<sup>528</sup>. Citou-se nas comemorações dos vinte anos do *Boletim Informativo* as motivações que levaram a Convenção à criação do seu próprio jornal:

Este periódico foi fundado com o objetivo de servir as igrejas com informação, edificação e de fortalecer o sentimento de união. Com o coração agradecido, podemos afirmar que alcançamos nosso objetivo, pois hoje ele é uma ponte ligando uma igreja a outra, trazendo informação dos principais acontecimentos, edificando e fortalecendo a união<sup>529</sup>.

O discurso legitimador da página impressa, produzido pelo principal redator do Jornal e também presidente da CIBILA, o pastor Vilson Wutzke, apontou para a necessidade de coesão entre as igrejas cooperantes e reconheceu o veículo de imprensa como instrumento para a aproximação e propagação da essência cultural Batista Independente de Língua Alemã.

<sup>524</sup> O JORNAL *BOLETIM INFORMATIVO* teve as primeiras edições montadas e diagramadas com os recursos técnicos oferecidos por uma máquina de datilografar, o que limitava a produção. Mais tarde foi adquirida uma máquina de escrever elétrica, o que facilitou um pouco o trabalho. Somente a partir da décima sétima edição é que as diagramações passaram a ser realizadas com a utilização de um software de computador. A partir da vigésima quinta edição as publicações passaram a ter a capa e algumas páginas coloridas, além de serem impressas num papel de melhor qualidade. Até o ano de 2004 a diagramação final era realizada por uma gráfica, para a qual as fotos eram enviadas separadamente dos artigos escritos. A partir de trigésima primeira edição a diagramação passou a ser totalmente finalizada pela equipe de redatores e diagramadores do jornal. *In*. LANGE, Jair. *Boletim Informativo completa 20 anos*. **BI**, n. 48, ano 20, out./dez. 2009, capa e contracapa.

<sup>525</sup> REDATORES DO JORNAL – os pastores Vilson Wutzke e José Lima são escolhidos pela assembleia como redatores do *Boletim Informativo*. *In*. *CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. Livro de Atas 01*. Ata 02, de 25 de janeiro de 1990, p. 19.

<sup>526</sup> CIBILA. Alterações no *Boletim Informativo*. **BI**, n.40, ano 18, setembro a dezembro de 2007, p. 19.

<sup>527</sup> WUTZKE, Vilson. *Fünfzehn Jahre Mitteilungsblatt*. **BI**, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004, p. 2.

<sup>528</sup> CIBILA. Três edições ao ano. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 2.

<sup>529</sup> WUTZKE, Vilson. *Boletim Informativo completa 20 anos*. **BI**, n. 48, ano 20, out./dez. 2009, p. 2.

Mudanças no jornal também ocorreram, no que se refere à língua oficial utilizada nas reportagens. O jornal surgiu com uma página na língua portuguesa, geralmente destinada aos jovens ou aos campos missionários do Mato Grosso ou do Paraguai. A partir de seu nono ano de publicações, em seu 16º número, o *Boletim Informativo* recebeu outro formato em termos de tamanho e as notícias passaram a ser difundidas em português e em alemão ao longo de todo jornal, dependendo da habilidade linguística do redator da notícia. Em 2008, no décimo nono ano de publicações, em seu 41º número, houve uma inversão na disposição dos nomes do *Boletim Informativo*: aparece primeiro seu nome em português e abaixo o nome em alemão. Esta mudança não é apenas de nome, mas representa que a maior parte dos artigos publicados eram na língua vernácula.

ILUSTRAÇÃO 18 – Cabeçalhos do *Boletim Informativo* mostrando a posterior supressão da língua alemã e a utilização da língua portuguesa nas publicações



Fonte: imagens do Boletim Informativo

A partir de seu vigésimo primeiro ano de circulação, na edição de número 51, retirou-se da capa do jornal o seu nome em alemão, permanecendo apenas o nome em português. Para atender os leitores alemães, o departamento de imprensa da CIBILA criou, em 2010, o periódico *Der Freund* (O Amigo), escrito inteiramente na língua alemã, trazendo experiências de vida dos membros das igrejas, biografias, entrevistas, artigos, notícias e mensagens bíblicas no idioma que era predominante nas igrejas em sua origem, e que ainda se fazia presente nestas comunidades<sup>530</sup>.

ILUSTRAÇÃO 19 – Cabeçalho do novo periódico produzido pela CIBILA, a partir de 2010, em língua alemã



Fonte: imagem do periódico *Der Freund*

A importância deste meio de comunicação para a formação destas comunidades será discutida mais à frente, em outro capítulo, mas cabe aqui ressaltar que na casa da maioria dos membros de comunidades Batistas Independentes de Língua Alemã havia pelo menos um exemplar do *Boletim Informativo*, que chegava até os membros por meio das próprias igrejas. Não são poucas as famílias que mantêm um arquivo com todas as publicações, como o conjunto de jornais manuseados pelo autor deste trabalho, que conseguiu os jornais de um dos membros da Igreja Batista Independente Bethel. Pode-se afirmar que a identidade batista independente deste grupo de teuto-russos, pastoreados por missionários suecos, passou e passa diretamente pela sua página impressa.

A criação do *Boletim Informativo* carregou consigo a intenção do estabelecimento de um “lugar próprio” a partir do qual a CIBILA passou a reproduzir uma maneira de ser Batista Independente de Língua Alemã. O jornal ajudou a gerar o sentimento de pertencimento entre as comunidades que eram anunciadas e, com isso, aproximadas, além de “estabelecer um domínio do lugar pela vista numa prática panóptica de vigilância das práticas religiosas; e, um lugar de ‘produção de poder’ pelo consumo das representações” do jornal da Convenção<sup>531</sup>.

<sup>530</sup> WUTZKE, Wilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 26.

<sup>531</sup> CERTEAU, 2002, p. 91s.

c) *Campos Missionários*: a CIBILA foi originada com alguns trabalhos missionários em andamento, mas a organização convencional contribuiu para um trabalho efetivo e coordenado em termos de organização de novas igrejas. A estrutura convencional, por meio de sua diretoria, fazia o levantamento de necessidades e oportunidades e, em assembleia, decidia-se pela abertura de novas frentes de trabalho, bem como a forma de levantar os recursos para a manutenção dos campos.

A cidade de Sinop, no estado do Mato Grosso, foi onde a CIBILA iniciou seu primeiro trabalho missionário como Convenção. As atividades naquela cidade foram mencionadas no primeiro *Boletim Informativo*, que passou a ser o divulgador dos trabalhos missionários convencionais. Em algumas edições as páginas destinadas aos chamados “campos missionários” foram predominantes quando comparadas ao restante do conteúdo apresentado<sup>532</sup>.

Na segunda assembleia da CIBILA decidiu-se pela abertura de outro trabalho, na cidade de Jaraguá do Sul/SC, organizado oficialmente em 04 de fevereiro de 1990<sup>533</sup>. Em 1993 foi organizado o terceiro campo missionário da Convenção, na cidade de Maravilha/SC<sup>534</sup>. Em Alta Floresta/MT os trabalhos iniciaram em 1996<sup>535</sup>.

A organização convencional criou oportunidades de expansão pela arrecadação de recursos conjuntos, vindos de várias igrejas, para o início de atividades em lugares distantes, com destaque ao estado de Santa Catarina e ao estado do Mato Grosso, acompanhando o fluxo migratório dos descendentes teuto-russos para estas regiões. Nem sempre houve concordância com as decisões acerca dos lugares nos quais os recursos deveriam ser investidos. Pode-se perceber uma mudança de postura quanto aos investimentos em locais remotos, pois a partir do ano 2000, com uma mudança da diretoria, passou-se a fazer investimentos em cidades e locais com maior contingente populacional. Em certo sentido, esta postura favorece a política de inserção no contexto brasileiro defendida pela CIBI<sup>536</sup>.

d) *Departamento de Mocidade*: os encontros dos jovens já ocorriam há décadas. É interessante observar que o trabalho com esta faixa etária acompanhou o surgimento das igrejas teuto-russas, ou seja, os grupos de jovens se estabeleciam entre os primeiros trabalhos organizados nas novas igrejas e congregações. Cada igreja tinha seu grupo de jovens e com

<sup>532</sup> WUTZKE, Vilson. Campo de missões em Sinop/MT. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 18-19.

<sup>533</sup> WUTZKE, Vilson. *Jaraguá do Sul – Neues Missionsfeld der CIBILA*. **BI**, n. 2, ano 2, jan./jul. de 1990, p. 01-02.

<sup>534</sup> IKERT, Eduino. *Maravilha/SC – Neues Missionsfeld der CIBILA*. **BI**, n. 8, ano 5, jan./jul. 1993, p. 6.

<sup>535</sup> KRÜGER, Valdemiro. Missões em Alta Floresta/MT é realidade. **BI**, n.14, ano 8, jan./jul. 1996, p. 16-17.

<sup>536</sup> CIBILA. **Livro de Atas 02**. Ata 20, de 09 de janeiro de 2009, p. 50.

frequência eram realizados encontros em conjunto com as outras igrejas da região. Estes encontros fomentaram a organização de um congresso voltado para esta faixa etária, entre os dias 25 e 29 de abril de 1934, na capela da Linha 8 de Agosto, com jovens de muitas igrejas da região e da Convenção<sup>537</sup>.

Assim como o trabalho com os jovens nas igrejas foi precursor, também na organização em Departamento eles foram pioneiros. O Departamento surge junto com a Convenção, quando em 1989 os jovens se unem e fundam o Departamento de Mocidade da CIBILA. Este departamento foi oficialmente criado no dia 19 de julho de 1989, quando ocorreu sua primeira sessão<sup>538</sup>, realizada em meio a um Congresso de Jovens<sup>539</sup>, entre os dias 18 a 23 de julho, na Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa. Neste congresso reuniram-se 293 jovens dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além do Paraguai<sup>540</sup>.

Na organização do Departamento de Mocidade<sup>541</sup> decidiu-se pela realização de eventos em nível nacional, de forma bianual, buscando alcançar os jovens de todas as igrejas da Convenção. Haveria alternância do local entre as igrejas do Paraná e as do Rio Grande do Sul, aos moldes das Conferências da Convenção<sup>542</sup>. Em 1995, os encontros dos jovens passaram a ser anuais<sup>543</sup>.

Na organização da CIBILA os congressos eram chamados de “Congresso Nacional de Jovens das Igrejas de Língua Alemã”<sup>544</sup>. Dois anos depois da criação do Departamento de Mocidade, seu nome foi alterado e ele passou a ser chamado de MOBILA – Mocidade Batista Independente de Língua Alemã – nome que foi usado até 1998, quando o trabalho foi designado como INTERMOBI – Mocidade Batista Independente Interestadual – carregando consigo as marcas da Convenção que não se restringem a um estado apenas.

<sup>537</sup> WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 24.

<sup>538</sup> 15 ANOS INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 13.

<sup>539</sup> SOBRE OS CONGRESSOS DE JOVENS, registrou-se nas comemorações dos 15 anos do Departamento que os quatro primeiros congressos (1989, 1991, 1993 e 1995) foram de dois em dois anos. A partir de 1995 os congressos passaram a ser anuais. Até 2004 foram realizados 13 congressos: 07 no Paraná e 06 no Rio Grande do Sul, assim divididos: em Nova Santa Rosa/PR (03); em Planalto do Oeste/PR (03); em Ipiranga/PR (01); na Linha Doutor Pederneiras/RS (03); em Novo Machado/RS (02) e na Vila Pratos/RS (01). Na numeração dos congressos, foi contado erroneamente o congresso que antecedeu a fundação da INTERMOBI realizado no Rio Grande do Sul, tido como 1º Congresso da INTERMOBI. *In.* LANGE, Jair. 15 anos de INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 13-14.

<sup>540</sup> LANGE, Jair. 15 anos de INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 13-14.

<sup>541</sup> DIRETORES DA INTERMOBI entre os anos de 1989 a 2015: Pr. Eduíno Ikert (1989-1993); Pr. Armino Hein (1993-1995); Pr. Valdir Biller (1995-1996); Pr. Leotir Popp (1996-1999); Pr. Vilson Weiss (1999-2001); Pr. Irineu Sander (2001-2004). *In.* 15 ANOS INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 14. Também estiveram à frente dos trabalhos como diretores o Pr. Lineu Buchholz (2005-2007) e o Pr. Paulo Ricardo Schulz (2007 a 2009). *In.* LANGE, Jair. 20 anos de INTERMOBI. **BI**, n. 46, ano 20, abr./jun. 2009, p. 14-17.

<sup>542</sup> GÖRTZ, Alfredo Erico. CONGRESSO DE JOVENS MOBILA. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 23-24.

<sup>543</sup> 15 ANOS INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 14.

<sup>544</sup> GÖRTZ, Alfredo Erico. CONGRESSO DE JOVENS MOBILA. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 23-24.

Além dos congressos nacionais, os jovens se envolveram em acampamentos regionais, nos quais os membros das igrejas de cada Estado passaram a promover o seu encontro. Nos dias 06 a 10 de fevereiro de 1974 foi realizado o primeiro acampamento de jovens das Igrejas Batistas Independentes Alemãs, envolvendo apenas os jovens das igrejas do Paraná. 130 jovens se inscreveram para participar das programações, mas nos cultos da noite outros jovens se juntavam ao grupo, chegando ao número de 400 participantes em alguns cultos noturnos. O sucesso deste acampamento despertou na liderança das igrejas teuto-russo-suecas o incentivo ao trabalho com esta faixa etária. Foi convidado o seminarista Vilson Wutzke para liderar uma equipe de seminaristas com o objetivo de visitar as igrejas e promover atividades. Em julho de 1975 a equipe<sup>545</sup> *Tempo para Cristo* passou a acompanhar os jovens da CIBILA<sup>546</sup>.

Estes encontros de jovens eram incentivados pela Convenção, mas principalmente pelos membros das igrejas locais. Havia a necessidade deste apoio dos membros, uma vez que a organização destes eventos dependia de ampla estrutura oferecida pela igreja anfitriã e os jovens eram acomodados nas casas destas pessoas. Em seus discursos, os membros afirmavam que era melhor este trabalho para ter os jovens envolvidos em algo saudável<sup>547</sup>. Havia por trás um sentimento de perpetuação da religião familiar, e nada mais propício para isso do que o casamento entre os que gostavam deste tipo de programação. Woortmann percebeu isso em seus estudos sobre os (i)migrantes, dizendo que os eventos na comunidade e a vida religiosa proporcionavam o contato destes jovens, que por meio dos casamenteiros, eram aproximados para o matrimônio<sup>548</sup>.

O primeiro acampamento que envolveu os jovens da Igreja Batista Independente Betel, e conseqüentemente as igrejas teuto-russas do Rio Grande do Sul, foi o realizado entre os dias 18 e 21 de fevereiro de 1993, no Colégio Agrícola Getúlio Vargas, em Três de Maio, tendo a pastora Rosa Maria Valadão como preleitora do evento, que falou sobre o tema *Vida com Deus e crescimento espiritual*. Cerca de 70 jovens participaram deste acampamento que tinha Adimar Fipke como diretor<sup>549</sup>.

Os jovens foram incentivados a se envolverem nos processos de expansão denominacional, pela força que manifestavam nas igrejas da CIBILA e pela continuidade

<sup>545</sup> A EQUIPE TEMPO PARA CRISTO era composta pelos jovens Vilson Wutzke, Aldino Wutzke, Valdir Benke, Erdino Wutzke, Rudi Wutzke, Nelci Wutzke, Mairi Bucholtz, Izoldi Wutzke, Willy Fipke, Nelci Krapp e Armindo Fipke. In. WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 19.

<sup>546</sup> WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 18-19.

<sup>547</sup> 15 ANOS INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 14.

<sup>548</sup> WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo; Brasília: HUNITEC; Edund, 1995, p. 129-214.

<sup>549</sup> FIPKE, Adimar. Acampa 93. **BI**, n. 8, ano 5, jan./jul. 1993, p. 18-19.

temporal assegurada por meio do grupo à Convenção. No seu quarto congresso, em 1995, os jovens por meio de seu Departamento, decidiram apoiar o trabalho missionário da CIBILA. Na assembleia do Departamento definiram que cada regional<sup>550</sup> (do Paraná e do Rio Grande do Sul) contribuiria com um salário mínimo e meio para o sustento do missionário Zeno Ludescher que trabalhava na cidade de Maravilha/SC. Com o passar dos anos, os valores contribuídos pelo Departamento para os campos missionários foram aumentando gradativamente<sup>551</sup> e, para levantar estes recursos, decidiu-se em 1997 pela cobrança da inscrição nos congressos, visando o custeio do trabalho missionário<sup>552</sup>.

As notícias e a divulgação dos eventos foram preocupações constantes deste Departamento. Os jovens, que sempre estiveram à frente em termos de conhecimentos sobre as mídias eletrônicas, foram também precursores na utilização destes recursos para a comunicação entre os pares. Primeiro criaram um informativo, denominada *Informa INTERMOBI* (Mocidade Batista Independente Interestadual), que ao longo de quatro anos publicou 22 edições inicialmente dirigidas aos líderes de jovens e que depois foram distribuídas para todos os jovens participantes das igrejas da CIBILA. Em fevereiro de 2005 a INTERMOBI deixou de produzir o informativo, que foi incorporado pelo jornal oficial da Convenção, o *Boletim Informativo*. É possível que o temor de que houvesse conflitos de interesse permeasse esta decisão pela supressão do jornal dos jovens. É também uma forma de domínio mantê-los publicando no veículo de imprensa oficial, pois desta forma a mensagem repassada é de que pertenciam ao grupo difusor da notícia, evitando alguma possível ameaça de dissensão do grupo maior ao qual estavam vinculados.

No dia 26 de setembro de 2007 a INTERMOBI lançou oficialmente o site do Departamento ([www.intermobi.org](http://www.intermobi.org)) com o objetivo de divulgar as atividades a todos os interessados no assunto, bem como para a comunicação das ações entre os participantes do Departamento<sup>553</sup>. Não é difícil notar o quanto este trabalho continuado entre os jovens foi importante para a estrutura convencional: ele garantiu a sua perpetuação ao longo de gerações.

---

<sup>550</sup> A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COM JOVENS EM REGIONAIS foi uma iniciativa do Departamento de Jovens, tendo em vista as distâncias que separavam as igrejas que compunham a Convenção. Inicialmente foram criadas as regionais dos Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. Mais tarde, foram acrescentadas as regionais dos Estados de Santa Catarina e do Mato Grosso. Em alguns momentos estas regionais foram denominadas de “setores” e organizaram os chamados *encontros setoriais*.

<sup>551</sup> LANGE, Jair. 15 anos de INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 13-14.

<sup>552</sup> LANGE, Jair. 15 anos de INTERMOBI. **BI**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005, p. 15; LANGE, Jair. 20 anos de INTERMOBI. **BI**, n. 46, ano 20, abr./jun. 2009, p. 14-17.

<sup>553</sup> LANGE, Jair. 20 anos de INTERMOBI. **BI**, n. 46, ano 20, abr./jun. 2009, p. 14-17.



Nos últimos anos houve discussões para a divisão desta ala jovem da Convenção em dois grupos: os adolescentes (12 a 18 anos)<sup>554</sup> e os jovens (18 anos ou mais), criando dois departamentos: o *Departamento de Adolescentes* e o *Departamento da Mocidade*. Nas assembleias da Convenção houve apenas discussões sobre a divisão deste Departamento. Na informalidade, ocorreram algumas iniciativas pontuais que atestaram a necessidade desta nova organização. Foi no estado do Paraná que iniciaram os encontros para jovens com idade entre 12 e 18 anos. O *Boletim Informativo* não trouxe informações sobre o primeiro acampamento de adolescentes realizado, mas compartilhou uma reportagem destacando que entre os dias 15 e 17 de novembro de 1996, na Casa de Retiros em Planalto do Oeste, foi realizado o terceiro retiro de adolescentes. Estima-se que os encontros tenham iniciado no ano de 1993<sup>555</sup>.

No Rio Grande do Sul, os acampamentos de adolescentes demoraram uma década para acontecer. Entre os dias 11 e 12 de outubro de 2003, realizou-se o primeiro Retiro de Adolescentes das Igrejas Batistas Independentes do Estado do Rio Grande do Sul, tendo a Igreja Batista Independente Betel como a promotora deste importante evento<sup>556</sup>. A incorporação da programação pelas igrejas do Rio Grande do Sul foi significativa para que a Convenção também se voltasse para esta faixa etária. Na assembleia de 2017 criou-se um grupo para a realização de estudos acerca da criação do Departamento de Adolescentes, entendendo que as necessidades e a linguagem do trabalho para os mais novos deveriam ser diferentes das realizadas até o momento, para um alcance maior e mais precoce<sup>557</sup>.

e) *A União dos Ministros Batistas Independentes de Língua Alemã - UMBILA*: mesmo antes da organização da CIBILA, promovia-se anualmente encontros e retiros dos pastores que acompanhavam as igrejas teuto-russas. Estes eventos eram dirigidos e organizados pelo presidente da DILA e, posteriormente, o da CIBILA. Foi no retiro realizado entre os dias 04 e 07 de setembro de 1992, na cidade de Astorga/PR, que se organizou oficialmente a UMBILA, filiada à UMBI – União dos Ministros Batistas Independentes<sup>558</sup>.

Com a organização da CIBILA, o seu Departamento de pastores cresceu em importância. A partir de 1994, a UMBILA decidiu que faria o processo de ordenação de seus

<sup>554</sup> ADOLESCENTES nas igrejas da CIBILA são identificados pela faixa etária dos 12 aos 18 anos. *In.* RETIRO DE ADOLESCENTES. **BI**, n. 29, ano 15, jul./dez. 2003, p. 3.

<sup>555</sup> ISBRECHT, Fredolino. Acampamento de adolescentes. **BI**, n. 15, ano 8, jul./dez. 1996, p. 18.

<sup>556</sup> O PRIMEIRO RETIRO DE ADOLESCENTES NO SUL teve as atividades coordenadas pelo pastor Irineu Weiss, que no período trabalhava na Igreja Batista Independente Betel. O pastor Erdino Wutzke foi o palestrante. Participaram deste evento 66 adolescentes. *In.* RETIRO DE ADOLESCENTES. **BI**, n. 29, ano 15, jul./dez. 2003, p. 3.

<sup>557</sup> CIBILA. **Livro de Atas 03**. Ata 28, de 06 maio de 2017, p. 56.

<sup>558</sup> A PRIMEIRA DIRETORIA DA UMBILA era composta pelos seguintes pastores: Eduino Ikert como presidente, Alfonso Knispel como secretário, e Valdir Biller como tesoureiro. *In.* WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 20.

obreiros, determinando quem seriam os pastores que conduziriam as igrejas teuto-russas. Somente na assembleia de 1999 é que são apresentados à Convenção os padrões de avaliação dos obreiros interessados no processo de ordenação a pastor batista independente<sup>559</sup>. Pelo seu vínculo com a União nacional, a UMBILA seguiu os mesmos padrões da UMBI e passou a ordenar apenas pessoas que cursaram Teologia. Não se fez mais a ordenação de pessoas que não tivessem ingressado em um curso de Teologia, de preferência num seminário Batista Independente, a partir desta data<sup>560</sup>.

Esta estratégia é uma relação de poder significativa. Embora as igrejas tenham autonomia para convidar, as pessoas que iriam exercer o trabalho pastoral só seriam oficialmente reconhecidos como pastores batistas independentes ao passarem pelo concílio organizado pelos já pastores da CIBILA. Ao exigir o estudo num dos seminários batistas independentes este círculo ministerial se torna ainda mais seletivo. Estudantes que viessem de outras instituições teológicas precisariam passar pelo que foi chamado de *Adaptação Ministerial*, que correspondia a um ano de estudos numa instituição batista independente, visando a formação da identidade convencional no candidato a pastor de uma das comunidades religiosas da Convenção.<sup>561</sup>

*f) Departamento da Melhor Idade:* a origem de alguns departamentos foi muito mais recente, e surgiu diante da situação social existente nas comunidades religiosas. No dia 14 de março de 2009, na Igreja Batista Independente Zoar, em Novo Machado/RS, realizou-se o primeiro encontro do Departamento da Melhor Idade desta igreja<sup>562</sup>. Na mesma data e ano ocorreu um evento semelhante na Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa, envolvendo os idosos das igrejas do Paraná<sup>563</sup>. Já no ano seguinte, em 2010, entre os dias 14 e 16 de maio, foi organizado o primeiro Congresso da Melhor Idade na cidade de Novo Machado/RS, envolvendo todos os idosos da CIBILA num único evento<sup>564</sup>.

Esta visão voltada às pessoas de mais idade é decorrente do aumento da expectativa de vida no Brasil e do número de idosos no país<sup>565</sup>. As igrejas da CIBILA demoraram muito

<sup>559</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata 11, de 15 janeiro de 1999, p. 90.

<sup>560</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ – CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata 6, de 28 de janeiro de 1994, p. 67.

<sup>561</sup> SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA INDEPENDENTE DO SUL. **Cursos**, Esteio, 2016. Disponível em: <https://www.stbisul.com/copia-eventos>. Acesso em: 26 out. 2018.

<sup>562</sup> LITTMANN, Eliane Noemi. Departamento da Melhor Idade. **BI**, n. 46, ano 20, abr./jun. 2009, p. 20.

<sup>563</sup> WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 26.

<sup>564</sup> LITTMANN, Eliane Noemi. 1º Congresso da Melhor Idade. **BI**, n. 50, ano 21, abr./jun. 2010, capa.

<sup>565</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sala de imprensa**: projeção da população do Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia>. Acesso em: 12 out. 2011.

tempo para perceber esta oportunidade de trabalho, deixando de atender os idosos das próprias igrejas e aproveitar as oportunidades de envolvimento na sociedade que cercava as comunidades religiosas. Quando as igrejas da Convenção passaram a ver a importância deste segmento, se voltaram para eles também, realizando programações que tinham identificação com os idosos. Como havia muitas ações nas igrejas que valorizavam a língua alemã, realizar os Congressos para a Melhor Idade neste idioma foi uma estratégia simples e que alcançou a muitos.

Junto com os eventos voltados para os idosos, promoveu-se a página impressa com notícias e estudos na língua alemã. O tradicional jornal da Convenção, o *Boletim Informativo*, trazia então poucas páginas escritas na língua alemã e um periódico somente neste idioma teve público garantido e foi lido por muitos desta faixa etária<sup>566</sup>.

g) *Departamento de Estudo Teológico*: também em decorrência de um movimento social, de âmbito particular, foi que na assembleia de 2009 criou-se oficialmente o Departamento de Educação Teológica. O objetivo deste departamento não foi a criação de um seminário próprio para a formação de novos obreiros, mas de estudos de parceria com instituições de ensino teológico da Convenção, pois muitos membros da CIBILA passaram a estudar em seminários de outras denominações<sup>567</sup>. A partir deste Departamento, o Seminário Teológico Batista Independente de Campinas/SP e o Seminário Teológico Batista Independente do Sul, em Esteio/RS, elaboraram cursos e currículos para atender estes alunos das igrejas teuto-russas, oferecendo polos de estudo em diferentes cidades, visando alcançar estes estudantes com cursos de qualidade e de baixo custo<sup>568</sup>.

É interessante destacar que o incentivo à educação teológica na CIBILA esteve presente desde o surgimento das primeiras comunidades. Além da educação formal, as igrejas teuto-russas se envolveram em empreendimentos relacionados ao campo do ensino teológico, visando à formação de novos obreiros. Em 1920, em assembleia, o pastor Jansson informou a igreja sobre a criação de uma Escola Bíblica para obreiros, que tinha como intuito principal a preparação de jovens entre 14 e 20 anos, além de outras pessoas interessadas<sup>569</sup>. Na menção do pastor ficou evidente o interesse de que mais pessoas estudassem a Bíblia para posterior prática da pregação. O que não fica claro é sobre qual escola bíblica o pastor falava no momento. Ao que tudo indica, Jansson falava da primeira Escola Bíblica para obreiros, iniciada na cidade de

<sup>566</sup> WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 25-26.

<sup>567</sup> OS LÍDERES DO DEPARTAMENTO DE ESTUDO TEOLÓGICO foram os pastores Irineu Weiss, Irineu Pietrowski e Marcos André Schulz. *In*. CIBILA. **Livro de Atas 02**. Ata 20, de 09 de janeiro de 2009, p. 50.

<sup>568</sup> CIBILA. **Livro de Atas 02**. Ata 20, de 09 de janeiro de 2009, p. 50.

<sup>569</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 20 de novembro de 1920, p. 58.

Guarani, em 1921, e que teve como professores Carlos Welander e Carlos Sundbeck. Este foi o início do trabalho educacional Batista Independente<sup>570</sup>.

Não há menção de pessoas que manifestaram interesse no estudo teológico e a prática do ministério neste início nas teuto-russas. Somente em 1953 é que a Igreja Batista Bethel enviou seu primeiro membro para estudar Teologia<sup>571</sup>. Siegfried Kelm foi o primeiro seminarista enviado pela igreja a estudar no Instituto Bíblico<sup>572</sup>, em Ijuí<sup>573 574</sup>. No mesmo ano, a igreja enviou outro jovem, Siegfried Driesner. A Igreja pagou integralmente os estudos destes dois membros<sup>575</sup>.

O Instituto Bíblico de Ijuí se mudou mais tarde para a cidade de Rio Grande/RS e se instalou definitivamente em Campinas/SP, onde se transformou no Seminário Teológico Batista Independente de Campinas, em 1967. O Seminário de Campinas recebeu frequentes doações das igrejas teuto-russas. O primeiro registro de doações é em 05 de julho de 1969, no período de instalação de atividades neste local. Nesta época, a Igreja Batista Bethel destinou mantimentos aos alunos que lá estudavam<sup>576</sup>.

Com o estabelecimento do Seminário em Cachoeirinha e posterior mudança para a cidade de Esteio<sup>577</sup>, a grande maioria dos vocacionados das igrejas da CIBILA se dirigiu a esta instituição de ensino. Com esta aproximação geográfica, cresceu o número de vocacionados e as igrejas teuto-russas estreitaram seus vínculos com o Seminário Teológico Batista

<sup>570</sup> ANGELIN, Nils Magnus. *Predikantutbildningen på Örebromissionens fält i Brasilien*. [s. d.]. Arquivo da família Angelin, Suécia.

<sup>571</sup> O INGRESSO NOS SEMINÁRIOS TEOLÓGICOS depende da aprovação das comunidades. Em assembleia a igreja precisa recomendar o candidato, para que este seja aceito no seminário. É uma forma de seleção para que apenas aqueles que demonstram o interesse pela comunidade e sua manutenção se tornem os futuros líderes destas igrejas. In. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 14 de março de 1953, p. 27.

<sup>572</sup> O INSTITUTO BÍBLICO EM IJUÍ foi idealizado por Nils Magnus Angelin. Ele também foi seu primeiro diretor. O objetivo foi criar um Instituto Bíblico Batista Independente para a preparação de obreiros com a marca denominacional. O Instituto foi criado a partir da decisão tomada no Concílio dos Missionários, em outubro de 1951, tendo como sede a Igreja Batista Salém, em Ijuí. In. ANGELIN, arquivo da família Angelin, Suécia; IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 17 de agosto de 1955, p. 46.

<sup>573</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 14 de março de 1953, p. 27.

<sup>574</sup> O SEMINÁRIO EM IJUÍ recebeu ofertas da igreja também. In. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 16 de abril de 1954, p. 36.

<sup>575</sup> O SUSTENTO AOS SEMINARISTAS ocorre apenas neste momento da história da Igreja Batista Betel. Os dois seminaristas acabaram não se envolvendo em trabalhos das igrejas teuto-russas, o que gerou certo sentimento de decepção e desperdício de recursos nos membros da comunidade. IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 11 de julho de 1953, p. 28.

<sup>576</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 05 de julho de 1969, p. 232.

<sup>577</sup> O SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA INDEPENDENTE DO SUL é uma escola teológica ligada à CIBI e CIBIERGS (Convenção das Igrejas Batistas Independentes do Sul). A sede do Seminário está na cidade de Esteio/RS. Nasceu fruto de uma visão de preparar os vocacionados, com destaque àqueles que moravam no Rio Grande do Sul, incluindo as Igrejas de fala alemã, hoje CIBILA. Inicialmente, no ano de 1982, isto ocorreu na modalidade de extensão do Seminário de Campinas, na cidade de Cachoeirinha, e mais tarde como Seminário independente ligado à Convenção Regional, na cidade de Esteio. In. SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA INDEPENDENTE DO SUL. **Um pouco da nossa história**, 2016, Esteio/RS. Disponível em: <https://www.stbisul.com/nossa-historia>. Acesso em: 05 mar. 2018.

Independente do Sul, passando a cuidar de seus seminaristas nesta instituição. Doações frequentes eram levadas aos internos. As igrejas também passaram a ser um local importante para a prática ministerial dos seminaristas em seus estágios<sup>578</sup>.

O primeiro seminarista formado em uma instituição teológica, membro de uma comunidade Batista Independente de Língua Alemã, e que retornou para trabalhar nas igrejas teuto-russo-suecas após o seu estudo, foi o pastor Dorianio Schulz<sup>579</sup>. O investimento em obreiros vindos das próprias igrejas foi também importante para a manutenção cultural do grupo e perpetuação do trabalho quando o investimento financeiro da missão sueca foi reduzindo ao longo dos anos. Ao mesmo tempo, a formação de obreiros nacionais trouxe mudanças teológicas e comportamentais nas igrejas da Convenção.

Novamente pode-se notar nas iniciativas convencionais a preocupação com a identidade do grupo. Para Hall, a produção de identidades está ligada a locais históricos e institucionais específicos<sup>580</sup>. Os seminários teológicos são para as comunidades batistas os locais de formação de líderes mantenedores, influenciadores e reprodutores de uma identidade pretendida. Nestas instituições, por meio de práticas discursivas e de ações planejadas para este fim, transforma-se o estudante, fazendo-o incorporar uma identidade proposta pela escola, ou então reforça-se a identidade já assimilada pelo ingressante. Percebe-se esta construção na própria definição de identidade do antropólogo, que usa o termo

[...] para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós<sup>581</sup>.

Até aqui pôde-se ver toda a estruturação da CIBILA e sua manifestação mais presente por meio dos departamentos. Muitos destes departamentos surgiram há décadas; outros estão em processo de formação, demonstrando a capacidade de releitura do tempo e da história por esta Convenção.

<sup>578</sup> IGREJA BATISTA INDEPENDENTE BETEL, **Livro de Atas 06**, ata de 28 de abril de 2001, p. 156.

<sup>579</sup> DORIANO SCHULZ sai da Igreja Batista Independente Betel (período da incorporação do nome *Independente* pelas comunidades teuto-russas) no final da década de 60, para estudar inicialmente no Instituto Bíblico Bereano em Mogi das Cruzes/SP. Após dois anos, ingressou no Seminário Teológico Batista Independente em Campinas/SP. Depois de alguns anos como pastor em outras igrejas, ele passou a pastorear algumas igrejas teuto-russas. WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 20.

<sup>580</sup> HALL, S. Quem precisa de identidade? In. SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 111.

<sup>581</sup> HALL. In. SILVA, 2000, p. 111.

A organização e o acompanhamento dos departamentos dependeram de recursos financeiros que viabilizaram as ações e o pagamento dos salários dos responsáveis pelos trabalhos. Pensando nesta necessidade, a CIBILA estipulou em sua primeira assembleia que as igrejas deveriam repassar 10% dos dízimos arrecadados em cada comunidade para a Convenção, acrescidos de 5% do salário mínimo vigente por membro. Metade deste valor repassado ficava na CIBILA e a outra metade era enviada à CIBI<sup>582</sup>. No ano de 1993, fez-se uma mudança nos repasses à Convenção nacional: decidiu-se repassar apenas a metade dos dízimos, mantendo toda a receita advinda do recolhimento de 5% do salário mínimo por membro com a CIBILA<sup>583</sup>. No ano de 2013 retirada e a Convenção passou a ser sustentada apenas pelo dízimo das entradas das igrejas repassadas a ela<sup>584</sup>.

As festas e os encontros das igrejas, as conferências da Convenção e as Conferências de Fé foram as bases de formação da CIBILA e da sua história manifesta. Nas sequências serão analisadas as estratégias convencionais para esta manutenção cultural de grupo religioso e sua perpetuação ao longo das décadas.

---

<sup>582</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata 01, de 13 de janeiro de 1989, p. 10.

<sup>583</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata 02, de 26 de janeiro de 1990, p. 21.

<sup>584</sup> CIBILA. **Livro de Atas 03**. Ata 24, de 03 de maio 2013, p. 20.

## 4 AS AÇÕES RESPONSÁVEIS PELA MANUTENÇÃO DA CIBILA

A dinâmica e a autonomia das comunidades dariam condições para que elas permanecessem isoladas, aumentando o risco de se perderem na história e em meio às correntes culturais de seu entorno. O princípio batista da autonomia da igreja local faz com que elas se bastem e não sejam obrigadas a uma vinculação com outras igrejas. Mas, na história da CIBILA, percebe-se este ajuntamento voluntário que pode ser o originador de condições favoráveis para a sua expansão e manutenção cultural ao longo dos anos. Por exemplo: “por causa de dificuldades linguísticas, mas também com a intenção de cultivar a comunhão entre os irmãos alemães, as igrejas organizaram uma conferência alemã, na Linha Dr. Pederneiras”<sup>585</sup>.

Além desta estruturação, há elementos na composição da organização convencional da CIBILA que auxiliam na sua continuidade histórica e manifestação cultural presente. Será observado neste capítulo que a CIBILA se enquadra tanto no conceito de região cultural como também na perspectiva de zona/faixa de fronteira, o que permitiu seu “fechamento” em questões inegociáveis para a sua continuidade, mas ao mesmo tempo a deixou viva e contemporânea para alcançar mais pessoas.

A abertura para as diferentes manifestações culturais de seu entorno foi necessária e é características pelo período histórico em que ocorrem. A análise do sujeito pós-moderno proposta por Stuart Hall servirá de base para a verificação das mudanças que a CIBILA vivencia em seu processo constituinte, importante para a preservação de seus traços essenciais. O principal mecanismo de imprensa da CIBILA, o *Boletim Informativo*, foi importante elemento para a consolidação e alocação das diferentes heranças culturais dentro do grupo, estabelecendo o que significa ser batista independente. As abordagens do estudioso Antonio Gramsci serão a base para as observações sobre o papel da imprensa na formação deste espaço cultural específico.

### 4.1 A CIBILA como região cultural

Será utilizado o conceito de região cultural para a CIBILA, por ser um elemento identitário do grupo, utilizado pelas igrejas cooperantes e pela Convenção nacional para se reportar às comunidades teuto-russas organizadas em Convenção. Serão usados na pesquisa os conceitos do termo “região” (muitos deles apontando para a delimitação geográfica) para

---

<sup>585</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Wegen Sprachschwierigkeiten, aber auch mit der Absicht die Gemeinschaft unter den deutschen Geschwistern zu pflegen, haben sich die [...] Gemeinden [...] in Linha Dr. Pederneiras zu einer deutschen Konferenz zusammengeschlossen*”. In. DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 2. Tradução do autor.

aplicar a esta demarcação cultural das Igreja Batistas Independentes de Língua Alemã. Não é muito simples a tarefa de se definir o que é uma região, embora a ideia acerca dela seja bem antiga<sup>586</sup>. Ao se olhar para a sua etimologia, pode-se destacar que a expressão “região” deriva da palavra *régio*, que provém da palavra *rex* “a autoridade que, por decreto, podia circunscrever as fronteiras: *regere fines*”<sup>587</sup>.

Nesta perspectiva etimológica, a região não aparece como fruto de uma realidade natural, mas evidencia-se por meio de uma ação de poder que a origina e a torna visível. Nem sempre quem delimita a região segue critérios claros, e diferentes contextos podem ser abarcados na sua constituição arbitrária. A divisão em estados por poderes nacionais nem sempre leva em conta toda a perspectiva econômica e social que envolve as pessoas de determinada região, por exemplo<sup>588</sup>.

A Geografia contribuiu para que o conceito de região fosse expandido e a ideia de espaço natural foi incorporada ao seu escopo. A região passa então a ter conotações de relevo e natureza. Já as outras disciplinas, como a Antropologia, a Economia e a Etnografia, deixaram o espaço físico em segundo plano, “para privilegiar variáveis e relações de tipo humano ou social [nas suas definições regionais], cada uma dentro da sua perspectiva de observação: o custo, para o economista, o dialeto ou os rituais para o etnólogo, as classes para o sociólogo, e assim por diante”<sup>589</sup>.

O interesse de diferentes disciplinas não é fruto do acaso também. Passou-se a perceber a importância da região como unidade política com a necessidade da administração pública, por exemplo, provocando os estudos de economistas; pode-se falar também da contraposição à ideia de nação, acentuando as diferenças, como fomentadora dos estudos da Sociologia<sup>590</sup>. É nítido o crescimento em importância da região que gera para si também o envolvimento de diferentes áreas de estudo, que culminam em maior destaque deste termo.

A importância de se definir a espacialidade da região pode ser percebida por meio da imagem do totem reproduzida por Durkheim e associada por alguns estudiosos ao contexto regional. Para Durkheim, o totem “é uma bandeira; é o signo através do qual cada clã se distingue dos outros, a marca visível de sua personalidade, marca conferida a tudo o que faz

---

<sup>586</sup> MODES, Josemar Valdir. Região e fronteira da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã: um espaço cultural definido, mas em constante mudança. **Revista Batista Pioneira**, v. 6, n. 1, jun. 2017, p. 53-72.

<sup>587</sup> POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In. POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educus, 2003, p. 1.

<sup>588</sup> POZENATO, 2003, p. 1.

<sup>589</sup> POZENATO, 2003, p. 1.

<sup>590</sup> BOURDIEU, 1989, p. 118.



parte do clã: homens, animais ou coisas”<sup>591</sup>. Nesta forma de pensar, a região é parte constituinte do povo, é a marca significativa e significante, que o diferencia diante de todos os demais.

Os aspectos culturais são parte deste processo de identificação cultural. O autor Edmundo A. Heredia faz considerações interessantes nesta direção. Para ele,

La región, em cambio, es un espaço más bien impreciso, que se mueve en función de la vida espontánea de las comunidades y que, en lugar de marcar límites, establece conexiones y vinculaciones [...]. Las regiones pueden ser concebidas también como espacios culturales, y quizá sea ésta una de las más profundas interpretaciones del espaço regional<sup>592</sup>.

Após estas considerações iniciais cabe apresentar a região como “uma unidade que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios”<sup>593</sup>, ou seja, o objeto de estudo, a partir de determinadas características de análise, apresenta traços comuns que pode defini-lo como uma região cultural.

Estes elementos internos que servem para o estudo em questão não são estáticos, e dependendo dos conceitos de análise em voga, as conclusões sobre o espaço regional podem ser diferentes<sup>594</sup>. Como exemplo, pode-se mencionar as igrejas da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã. De forma preliminar e em termos geográficos, estas comunidades religiosas estão localizadas em determinadas regiões mais amplas do que a sua prática religiosa propõe; já em termos culturais, elas se tornam uma região mais restrita inserida no espaço maior do que aquele que as cerca.

Daí que a região também pode ter sua identidade delimitada e definida com base no fato de que nela pode ser percebido um certo padrão de inter-relações entre elementos dentro dos seus limites. Vale dizer, a região também pode ser compreendida como um sistema de movimento interno. Por outro lado, além de ser uma porção do espaço organizada de acordo com um determinado sistema ou identificada através de um padrão, a região quase sempre se insere ou pode se ver inserida em um conjunto mais vasto<sup>595</sup>.

Esta visão acerca da região é ampla, pois verifica a partir de determinados critérios, lógicas internas ou padrões que diferenciam um local ou grupo de outros, inseridos num contexto maior, estabelecendo-os como um grupo específico. Pode-se levar em conta nesta linha de abordagem “critérios econômicos – relativos à produção, circulação ou consumo [...] – critérios culturais – considerar uma região linguística, [...] certos modos de vida e padrões de

<sup>591</sup> DURKHEIM, 1989, p. 218.

<sup>592</sup> HEREDIA, 2007, p. 201.

<sup>593</sup> BARROS, Jorge D’Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v. 10, n. 1, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005, p. 98.

<sup>594</sup> BARROS, 2005, p. 98.

<sup>595</sup> BARROS, 2005, p. 98.

comportamento nas pessoas que o habitam [...] – ou critérios geológicos – [...] tipos de minerais e solos”<sup>596</sup>.

Ciro Flamarion Cardoso, em seus estudos, mostra a realidade regional como uma espécie de superposições de diferentes regiões, a partir da sua perspectiva constituinte. Sob esta ótica a pessoa ou o ambiente podem pertencer a diferentes regiões ao mesmo tempo, dependendo dos pressupostos que se têm em mente ao definir a região. Para ele, é necessário reconhecer as “especialidades diferenciais, de dimensões e significados variados, cujos limites se recortam e se superpõem, de tal maneira que, estando num ponto qualquer, não estaremos dentro de um, e sim de diversos conjuntos espaciais definidos de diferentes maneiras”<sup>597</sup>.

Trabalhar com estas “espacialidades superpostas” leva o pesquisador a considerar as diferenças presentes na sociedade em análise, avaliando a vida do ser humano como ela é na atualidade: uma teia de significados e significantes, não recorrendo a redundâncias comuns nos meios habituais de análise que geralmente eram permeados por recortes administrativos e geográficos que habitualmente aparecem nos mapas.

Cabe destacar ainda que nenhuma fronteira que delimita a região cultural existe por si só. Elas passam a existir a partir de uma seleção ou recorte restrito e, muitas vezes arbitrário – quando parte meramente do olhar de quem faz a seleção – como pode ser também fruto de um estudo com critérios claros, sendo com isso convencional, histórica e circunstancial<sup>598</sup>.

Este espaço regional cultural da CIBILA tende, em muitos momentos a se tornar regionalismo.

O regionalismo centra sua justificação na construção de uma regionalidade que particulariza sua inserção no âmbito nacional. Sua coesão interna necessita da presença de valores simbólicos, da dissimulação de suas diferenças internas e de apresentar-se frente à nação como conjunto integrado para ter força política. Os elementos do poder simbólico, como hábitos, costumes regionais e folclóricos, as vezes um dialeto específico, uma conformação paisagística própria, uma tradição econômica, uma história peculiar e nacional são, em suma, suporte do interesse regional. Como forma particular de reprodução econômica, pode opor-se ao interesse econômico do "centro" da nação. No raciocínio de Bourdieu, "é porque existe [a região] como unidade negativamente definida pela dominação simbólica e econômica que alguns dos que dela participam podem ser levados a lutar ... para alterarem a sua definição, para inverterem o sentido e o valor das características estigmatizadas ... assume a forma de reivindicação regionalista"<sup>599</sup>.

<sup>596</sup> BARROS, 2005, p. 99.

<sup>597</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, escravidão e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1979, p. 47.

<sup>598</sup> LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993, p. 143.

<sup>599</sup> HEIDRICH, Álvaro Luiz. Região e regionalismo: observações acerca dos vínculos entre a sociedade e o território em escala regional. **Associação Brasileira de Geógrafos**, Porto Alegre, jun. 1999, p. 73.

Percebe-se em muitos momentos da história da Convenção e das suas igrejas constituintes uma perspectiva de regionalismo em movimento. Há uma clara proposta de fazer uma diferenciação com o espaço nacional que as cercava, indo inclusive contra a nacionalização vigente no país (1937-1945), tendo a intencionalidade da propagação da cultura “entre os irmãos alemães”<sup>600</sup>.

É interessante notar que estes movimentos regionalistas se apresentam como uma contradição para o evento uniformista imaginado pela globalização. Hall destaca que

a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e 'fechadas' de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas.<sup>601</sup>

Para Hall, esta mundialização que “se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações”<sup>602</sup> deveria, teoricamente, ir contra a formação de identidades nacionais, como também locais, gerando uma homogeneização cultural em nível mundial, devido ao grande fluxo de pessoas e informações circulando entre todos ao mesmo tempo, e ao encurtamento das distâncias. Porém, o que se observa é um efeito que vai em direção oposta e parece que as identidades nacionais ou as locais estão sendo reforçadas pela globalização. Ao invés de desaparecerem por causa dessa situação, elas estão em evidência ou em resistência para sua perpetuação. Para Hall, este fluxo inverso, que vai contra o que se esperava da globalização, ocorre devido aos seguintes fatores: a) a fascinação com o diferente que só é encontrado no local e b) a globalização é mundialmente desigual na sua distribuição, ou seja, não é em todos os lugares do globo que se têm acesso às mesmas informações, sendo que há comunidades que permanecem isoladas de muitas coisas que ocorrem no mundo<sup>603</sup>.

Como já se apresentou num estudo anterior<sup>604</sup>, este princípio também é observável na comunidade em questão. Primeiro porque são comunidades rurais (os imigrantes são associados com a terra)<sup>605</sup> ou então de cidades do interior, teoricamente menos afetadas pelo efeito da globalização. Os recursos midiáticos mais intensos e abrangentes chegaram há pouco a estas

<sup>600</sup> TEXTO ORIGINAL: “*auch mit der Absicht di Gemeinschaft unter den deutschen Geschwistern zu pflegen*”. In. DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 2. Tradução do autor.

<sup>601</sup> HALL, 2003, p. 87.

<sup>602</sup> HALL, 2003, p. 39; 45-47.

<sup>603</sup> HALL, 2003, p. 47.

<sup>604</sup> MODES, dez. 2016, p. 253-273.

<sup>605</sup> *KOLONISTEN* é uma expressão sem tradução exata, mas pelo contexto do Jornal, associa os (i)migrantes ao trabalho rural. In. WUTZKE, Wilson. *Geschichte der Deutschen Konferenz*. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 6.

comunidades e, por isso, não exerceram muita influência sobre elas até o presente momento. A própria linha denominacional adotada ajudou neste processo. Por serem de raiz pentecostal, pode-se verificar em seu meio uma rejeição das *coisas deste mundo*, relegando a segundo plano todo universo cultural que os envolvia e envolve. Como estas questões não são tão rígidas na atualidade, estima-se que será possível verificar mudanças nos próximos anos acerca deste cenário.

Além disso, a valorização do ser diferente tem incentivado a manutenção da cultura do grupo. Em seus discursos percebe-se a tônica em torno de adotar um estilo de vida característico, o que é interessante para aqueles que desejam fugir da globalização e seus efeitos e querem constituir determinada característica social. Há jovens interessados em saber sobre a trajetória do grupo, mantendo as principais festividades e costumes em suas famílias. A perpetuação dos traços característicos parece ser a ênfase do presente.

Nesta multivariada manifestação cultural dentro de um território nacional, com valorização das diferenças e o reconhecimento delas, pode-se notar ainda as ações para a legitimação cultural. Enquanto algumas identidades se valem da tradição – uma busca por sua pureza anterior, numa caminhada de inquirição das ações e vestígios do passado – outras usam a tradução – uma assimilação de valores e realidades comuns – para o seu deslocamento e crescimento<sup>606</sup>.

O regionalismo na CIBILA demarcou seu espaço de influência e fechou a Convenção em si mesma, num movimento de intensificação de seu padrão cultural. A tradição foi a forma utilizada para a sua legitimação cultural, onde pretensos valores e práticas do passado foram incorporados como prática comum. A Convenção surgiu no final da década de 80, destacando valores e objetos advindos da etnia germânica, quando no início deste período as igrejas mais tradicionais que faziam parte do território convencional já advogavam sobre uma nacionalização necessária. Há uma clara “volta ao passado”, tornando legítima uma prática já incomum entre as igrejas. É um fechamento em si própria, como uma resposta à globalização e ao medo de se perderem em meio a outras manifestações à sua volta. Esta

homogeneização cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e a cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade<sup>607</sup>.

<sup>606</sup> LEITE, Cristina Maria Costa. **O lugar e a construção da identidade:** os significados construídos por professores de Geografia do ensino fundamental. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, 2012, p. 45-46.

<sup>607</sup> WOODWARD, Kate. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*. SILVA, 2000, p. 21.

Houve na constituição da Convenção uma evocação de uma tradição antiga e provavelmente idealizada. Nas palavras de Hervieu-Léger, “não há religião sem que se invoque a autoridade de uma tradição em apoio do ato de crer (seja de maneira explícita, semiexplícita, ou totalmente implícita)”<sup>608</sup>. Para ela, é comum às religiões buscarem sua fundamentação nos testemunhos dos antigos. O “essencial a esse respeito não são necessariamente os componentes dessa crença, mas sim, a invenção e produção do vínculo que, através do tempo, consolida a adesão religiosa dos indivíduos, que os integra ao grupo e às convicções partilhadas”<sup>609</sup>.

O testemunho dos antigos se torna para as comunidades religiosas a “memória autorizada ou linhagem de fé” que é mobilizada como a memória coletiva do grupo, transmitida às sucessivas gerações. “Essa perpetuação da memória coletiva das origens criaria uma linhagem religiosa autorizada que constituiria assim a tradição”<sup>610</sup>.

Esta fundamentação a partir da tradição destaca elementos do passado e faz com que as comunidades religiosas se voltem a práticas e pensamentos que já não seriam mais coerentes e correntes em seu meio, como forma de legitimar a sua ação para atestar o seu passado longínquo. Com relação à CIBILA isso se torna manifesto, uma vez que remontam a práticas que nas comunidades individualizadas já não eram mais um consenso. Iniciam, por exemplo, realizando todas as programações e registros oficiais apenas na língua alemã; menos de uma década depois, as atas são traduzidas para o português e a partir de 1999 são escritas apenas nesta língua. Os quadros que falam da história do passado, como “História das Conferências de Fé”<sup>611</sup>, “Para a História das Conferências Alemãs”<sup>612</sup> e “Para a História dos Teuto-russos”<sup>613</sup>, destacados pelo *Boletim Informativo*, constroem um mito fundante em torno da Convenção. O fluxo inverso deste movimento, que busca equilibrar a volta ao passado com a contextualização do presente se manifesta por meio das discussões em torno da elaboração do novo estatuto, no qual a CIBILA deveria deixar de ter em seu nome a expressão de LÍNGUA ALEMÃ. No presente consegue-se notar a demarcação identitária por um movimento de tradução<sup>614</sup>.

A configuração de um espaço regional cultural atribuído à CIBILA não é uma ação arbitrária, uma vez que a própria Convenção nacional designa a CIBILA como uma Convenção

<sup>608</sup> HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religión, hilo de memoria*. Barcelona: Herder, 2005, p. 128.

<sup>609</sup> HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 128.

<sup>610</sup> BARROZO, Victor Breno Farias. Modernidade religiosa como paradoxo: elementos para a construção de uma problemática em perspectiva hervieu-légeriana. *Paralellus*, Recife, v. 5, n. 10, jul./dez. 2014, p. 8-9.

<sup>611</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Geschichte der Deutschen Konferenz*”. In. WUTZKE, Vilson. *Geschichte der Deutschen Konferenz*. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 6.

<sup>612</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Zur Geschichte Unserer Deutschen Konferenz*”. In. DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989, p. 01.

<sup>613</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Zur Geschichte der Russlanddeutschen*”. In. WUTZKE, Vilson. *ZUR GESCHICHTE DER RUSSLANDDEUTSCHEN*. **BI**, n. 4, jan./jul. 1991, p. 20.

<sup>614</sup> CIBILA. *Livro de Atas 02*. Ata 14, de 08 de janeiro de 2003, p. 12.

Regional, e classifica este agrupamento religioso como um espaço regional. É um espaço regional definido e recortado pela identidade cultural própria do grupo, que em seu estabelecimento se apoia na tradição, elencando elementos antigos para a sua designação.

Sua identificação ocorre devido ao uso de códigos culturais diferentes e que, por sua vez, delimitam a sua identidade. Para estabelecer as fronteiras da identidade deve-se, primeiramente, realizar uma diferenciação, com graus de pertencimento. No processo de identificação o principal é a vontade de marcar limites entre eles e nós e, logo, de estabelecer e manter o que chamamos de fronteira”<sup>615</sup>.

O jornal oficial da CIBILA auxiliou no processo de estabelecimento das fronteiras culturais imaginadas. Ele foi o instrumento que anunciou ao grupo e aos demais quem eles eram e no que acreditavam.<sup>616</sup> Esta identidade em muitos momentos foi construída por meio da oposição. Esta oposição era tanto na esfera dos batistas independentes com relação aos batistas tradicionais, meio do qual este grupo saiu, como em relação aos outros grupos, principalmente os católicos que eram predominantes na região de Guarani. As ações de demonstração das diferenças legitimavam o grupo do qual se falava, como também os contrários. Um precisava do outro para existir “pois são interdependentes e a relação de poder que aí se estabelece resulta em estigmatizações e contraestigmatizações, a fim de autolegitimar, superioridade, ‘pureza’, verdade, etc. vis-à-vis a formas de autolegitimação do outro”<sup>617</sup>.

Várias das publicações do *Boletim Informativo* traziam a menção dos motivos da ruptura entre os batistas suecos e os alemães (pentecostais e tradicionais), destacando a questão da ingestão da bebida alcoólica e do uso do tabaco. Nas comunidades teuto-russas, os batistas alemães tradicionais eram chamados de forma pejorativa de “*Fom*”<sup>618</sup> *Baptisten*” (batistas do fumo).<sup>619</sup>

Este fechamento cultural foi positivo para a criação de uma identidade, em meio a tantas correntes culturais presentes em seu contexto, mas tem restringido o crescimento da comunidade no país, o que tem levado seus dirigentes e membros, principalmente líderes nacionais que não são da etnia alemã, a advogarem por uma abertura do grupo, num movimento de tradução cultural e adaptação ao meio. Diante destas intensas trocas culturais no passado e

<sup>615</sup> CUCHE, 2002, p. 200.

<sup>616</sup> ADAMOVICZ, 2008, p. 62.

<sup>617</sup> ROCHA. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos\\_Completos/Marcio\\_Rocha.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Marcio_Rocha.pdf). Acesso em: 17 jan. 2019, p. 9-10, PDF.

<sup>618</sup> A EXPRESSÃO *FOM* não existe na língua alemã. Ela é uma amostra do hibridismo cultural, em que as palavras da língua portuguesa foram incorporadas na língua alemã. *Fom* vem de fumo, e era usado como se fosse uma expressão alemã.

<sup>619</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 3.

também as trocas do presente, pode-se conceituar a CIBILA também como uma fronteira ou zona/faixa de fronteira cultural.

#### 4.2 A CIBILA como fronteira ou faixa/zona de fronteira cultural

Além do conceito de região cultural, é interessante para esta pesquisa abordar o conceito de fronteira ou faixa/zona de fronteira cultural. Não há um consenso sobre a terminologia adequada para os lugares da região que estão em contato com outros.

Um destaque que se dá a esta parte da região que está em contato com outras é de que ela funciona como um espaço de interação<sup>620</sup>. É acentuada a manifestação cultural neste espaço de interações, ao passo que alguns pesquisadores preferem identificá-la não apenas como uma fronteira cultural, que dá a impressão de tratar de algo estático, mas de chamá-la de zona de fronteira cultural<sup>621</sup>. É interessante fazer a distinção entre o conceito de limite e o conceito de fronteira: “a fronteira corresponde a forças centrífugas que indicam uma direção para fora, enquanto os limites estão orientados para dentro, forças centrípetas [...]. Enquanto a fronteira pode ser um fator de integração, [...], o limite é um fator de separação”<sup>622</sup>.

As palavras inglesas utilizadas para descrever a fronteira ajudam a entender a sua dimensão política e social: *border* aponta para a fronteira definida, um espaço com demarcações claras e estabelecidas, como uma divisão política e administrativa; já *frontier* aponta para um espaço em formação e, principalmente, em expansão e movimento constante<sup>623</sup>.

A origem histórica da palavra [fronteira] mostra que seu uso não estava associado a nenhum conceito legal e que não era um conceito essencialmente político ou intelectual. Nasceu como um fenômeno da vida social espontânea, indicando a margem do mundo habitado. Na medida em que os padrões de civilização foram se desenvolvendo acima do nível de subsistência, as fronteiras entre ecúmenos tornaram-se lugares de comunicação e, por conseguinte, adquiriram um caráter político.<sup>624</sup>

O que deve ser destacado ao se olhar a fronteira cultural é que ela está carregada de elementos simbólicos num espaço completamente dinâmico em as trocas sociais, culturais e econômicas são essenciais para a sua manutenção como espaço fronteiriço. “A fronteira é

<sup>620</sup> AYMARD, Maurice. *De la Méditerranée à l'Asie: une comparaison nécessaire (commentaire)*. **Annales HSS**, Paris, n. 1, 2001, p. 47.

<sup>621</sup> HEREDIA, 2007, p. 201-204.

<sup>622</sup> MACHADO, Lia Osório. Estado, territorialidade, redes: cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana. In. SILVEIRA, M. L. (Org.). **Continente em chamas: globalização e territórios na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 249.

<sup>623</sup> FAULHABER, Priscila. A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema. **BIB**, n. 51, 1º semestre de 2001, São Paulo, p. 105-125.

<sup>624</sup> MACHADO, Lia Osório. Limites, Fronteiras, Redes. In. STROHAECKER, Tania Marques; DAMIANI, Anelisa (orgs.). **Fronteiras e Espaço Global**. Porto Alegre: AGB-Seção Porto Alegre, 1998, p. 41.

geralmente percebida como lugar de passagem, porosa e espaço de contatos culturais e trocas simbólicas”<sup>625</sup>.

Esta fronteira tem como característica uma menor ingerência do poder estatal e certa autonomia nas suas relações, a ponto de a cultura nestes lugares ser diferente daquela tida como oficial<sup>626</sup>. Pode-se citar como exemplo os grupos de imigrantes alemães, que evidenciaram e evidenciam maior dificuldade de assimilação pelas culturas oficiais e estatais. Em certo grau, estes grupos assimilaram alguns aspectos da cultura brasileira, mas continuaram manifestando seus sistemas simbólicos, o que destoava do modelo de nacionalização idealizado, a ponto de, na campanha de Nacionalização, estes estrangeiros serem chamados de alienígenas, em oposição aos brasileiros<sup>627</sup>. No contexto da nacionalização forçada, em 1942, o exército realizou uma “campanha” para coibir as práticas culturais de grupos étnicos no Sul, de predominância alemã, mas, apesar disso, estes grupos continuaram mantendo vivas as suas tradições e costumes, como uma espécie de espaço fronteiro, apesar de muitas vezes estarem alojados no interior dos estados nacionais<sup>628</sup>.

A Convenção Batista Independente de Língua Alemã está diretamente ligada a estes imigrantes e carrega traços característicos de uma região cultural; mas ela é composta por muitos elementos que provêm de outros grupos, por meio de trocas culturais e sociais, originando uma espécie de cultura híbrida, o que a coloca no nível de fronteira ou faixa/zona de fronteira cultural. As trocas não cessaram no passado. Mesmo no tempo presente percebe-se alterações claras na forma de pensar e mudanças em sua teologia, como a diminuição de discursos acerca de usos e costumes que são comuns ao meio pentecostal, além de um claro discurso de nacionalização e aproximação do meio batista tradicional em termos de práticas e liturgias.

Precisa-se destacar que os integrantes da CIBILA, ao serem questionados sobre sua nacionalidade, e apesar de já viverem há décadas no Brasil, consideram-se da etnia alemã. Há um nacionalismo presente no grupo que remonta à modernidade tardia e que não é geográfico, mas de etnia<sup>629</sup>. Acerca destas identidades nacionais, Hall escreve destacando que elas são um

---

<sup>625</sup> SCHAFFER, N. O. Globalização e fronteira. In. SCHAFFER, N. O. **Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: UFRGS, 1995, p. 79-91.

<sup>626</sup> HEREDIA, 2007, p. 201-204.

<sup>627</sup> SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In. ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 101-102.

<sup>628</sup> SEYFERTH, 2000, p. 101-102.

<sup>629</sup> ETNIA é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimentos de “lugar” – que são partilhadas por um povo. In. HALL, 2003, p. 62.



“*discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”<sup>630</sup>. Segue o autor:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado, e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “identidade imaginada”.<sup>631</sup>

Ainda é importante verificar que nesta teia de significados que se torna significativa, ocorre o que se chama de “hibridismo cultural”, uma vez que diferentes expressões culturais auxiliaram na construção desta cultura que continua se estabelecendo e sendo transformada pelos seus agentes, como também transforma os que têm contato com ela. Várias questões, quando não todas, continuam existindo como eram no passado, mas com um significado diferente daquele que era o original; ao mesmo tempo, várias questões foram incorporadas com o passar dos anos e tidas como sendo originais ao grupo.

Este hibridismo cultural, como um fenômeno mundial, foi e é essencial para a permanência destas comunidades religiosas. O hibridismo, em primeira análise, poderia parecer o fim das comunidades, mas ele é o fator determinante para a sua permanência. Merece destaque aqui o fato de que, no momento em que a comunidade começa a se abrir e incorporar elementos culturais brasileiros (1989), ela está em meio ao período chamado de Pós-modernidade e existe um receio de que todos os elementos culturais característicos e designatórios presentes até a década de 60 fossem trocados, mas isso não ocorre e a Convenção mantém a base cultural<sup>632</sup>.

Os estudos de Stuart Hall e Antonio Gramsci ajudam a entender este fenômeno experimentado por este grupo específico que foi de fundamental importância na manutenção de sua identidade em pleno século XXI, e não apenas isso, na sua constituição como um grupo organizado que alcança outras pessoas e as insere em sua cultura específica.

Em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall trabalha as “crises de identidade”, decorrentes do descentramento do sujeito<sup>633</sup> numa sociedade marcada pela

---

<sup>630</sup> HALL, 2003, p. 50.

<sup>631</sup> HALL, 2003, p. 51.

<sup>632</sup> As discussões sobre a formação identitária do grupo se basearam até este momento da pesquisa nos conceitos e práticas pertinentes a primeira metade do século XX, sendo o embasamento para os estudos sobre a identidade que será feito no próximo capítulo, no qual a atenção será voltada para a segunda metade do século em estudo.

<sup>633</sup> DESCENTRAMENTO DO SUJEITO - segundo Stuart Hall “cinco teóricos importantes conseguiram perceber essa descentralização do sujeito por meio de suas teorias. A primeira percepção de descentração do indivíduo veio a partir da reinterpretação de Marx, quando seus novos intérpretes na década de 1960 entenderam que os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os ‘autores’ ou agentes da história [...]. A segunda descentralização foi a descoberta do inconsciente freudiano. Para Freud as identidades, a sexualidade e os desejos são formados por processo psíquicos que se encontram no inconsciente, o qual funciona com uma lógica totalmente distinta da razão, e por isso o sujeito não tem domínio sobre elas [...]. Já o terceiro deslocamento veio a partir das descobertas da linguagem realizadas por Ferdinand de Saussure. De acordo com

fluidez das fronteiras geográficas e um deslocamento constante do indivíduo. A crise de identidade na pós-modernidade está relacionada, entre outros fatores, à fragmentação do ser humano, que não se constitui de uma personalidade única. Ele mesmo é uma série de personagens em si, podendo assumir determinada identidade específica de acordo com o contexto no qual está inserido<sup>634</sup>.

A centralidade da linguagem, e em consequência, o descentramento do sujeito, presente nas perspectivas pós-estruturalistas, tornou possível pensar nas formas pelas quais as múltiplas experiências que se vivencia em diferentes contextos constituem quem o ser humano é ou o que pensa que é e, dessa forma, entender, como afirma Hall, que “tal qual como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade”<sup>635</sup>.

Esta visão é importante neste estudo. As pessoas que compõem a comunidade em questão tiveram contato com diferentes vertentes culturais e elas são, ao mesmo tempo, alemãs, russas, com religião tradicional e pentecostal, isso sem contar todas as outras influências advindas dos demais grupos de (i)migrantes com os quais tiveram contato, uma vez que o grupo não era 100% composto por volinianos. A cultura batista independente já é híbrida em sua essência e desde o seu começo.

No desenvolvimento de sua teoria, Stuart Hall estabelece três concepções de sujeito: a) sujeito do Iluminismo – aquele que tinha a sua identidade estabelecida no seu nascimento e a mantinha ao longo de toda a sua vida, sendo completamente unificada; b) sujeito sociológico – aquele que tinha a sua identidade montada na interação com as pessoas, chamada por Hall de “costurada”, mantendo porém o controle sobre ela (esta é a identidade dos imigrantes que colonizaram a região) e c) sujeito pós-moderno – aquele que não possui uma única identidade e “assume identidades diferentes em diferentes momentos”<sup>636</sup>. Para Hall,

---

o pensamento saussuriano o indivíduo não é autor das afirmações que faz ou dos significados que expressa na linguagem. Ele pode até utilizar a língua para se expressar, se posicionar, porém a língua é um sistema social e não individual que preexiste antes do sujeito nascer [...]. O quarto descentramento é encontrado no pensamento do filósofo Michel Foucault com aquilo que ele identificou de ‘poder disciplinar’. O poder disciplinar representa a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana, ou também o controle do indivíduo e do corpo [...]. O quinto deslocamento acometido ao sujeito na Pós-modernidade, de acordo com Stuart Hall, ‘é o impacto do movimento feminista’. Tal movimento se insere juntamente com os movimentos sociais pós-1968. Nesse contexto de agitação o feminismo trouxe novos hábitos para a sociedade e principalmente para o homem, e esses novos comportamentos estão associados à ‘crise de identidade’, que acomete a humanidade nesses tempos.” *In*. PEREIRA, Helder Rodrigues. **A crise da identidade na cultura pós-moderna**. Mental, ano 2, n. 2, Barbacena, jun. 2004, p. 87-98.

<sup>634</sup> HALL, 2003, p. 10.

<sup>635</sup> HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*. SILVA, 2004, p. 103-133.

<sup>636</sup> HALL, 2003, p. 10-12.

uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença<sup>637</sup>.

Ao se olhar para a manutenção da identidade cultural destas comunidades e da CIBILA, este princípio é altamente verificável, uma vez que na atualidade pessoas de diferentes regiões e etnias se juntam ao grupo e assimilam as suas práticas e costumes. Eles passaram a participar ativamente destas comunidades, tornando-se membros por meio da conversão e do batismo. Não descendiam dos imigrantes que vieram da Volínia, mas quem os via nas igrejas da Convenção tinha a impressão de que sempre fizeram parte do grupo.

Em sua maioria estas pessoas que se achegam e achegaram ao grupo vêm de outros lugares, foram e são acolhidas pelos membros da comunidade. O acolhimento faz com que se identifiquem e adotem a identidade do grupo majoritário. Hall também fala sobre esta questão em sua obra. Para ele a pós-modernidade traz como principal característica e consequência o constante deslocamento dos indivíduos que não se veem mais presos a um só lugar e desejam conhecer outras realidades. Esta perspectiva migratória da pós-modernidade faz com que as pessoas estejam em contato com as outras, num ciclo constante de mudanças, convivendo obrigatoriamente com os diferentes e, nas suas palavras, fazendo-os jogar o “jogo de identidades”, que nada mais é do que uma adaptação a um novo contexto no qual se assume uma nova identidade, que pode até mesmo ser contraditória àquela vivenciada anteriormente, e que pode ser rapidamente substituída numa nova mudança de endereço<sup>638</sup>. Aqui também pode-se mencionar os estudos de Bourdieu na questão do “*habitus*” que é imposto e incorporado por alguém que não nasceu com estas dimensões culturais, mas as adota como suas, e não só isso: age como se aquelas características sempre tivessem sido suas.

Hall ainda destaca o surgimento das identidades híbridas como substitutas das identidades nacionais, isso já dentro do período da modernidade tardia. A identidade híbrida é característica das pessoas que tiveram que se deslocar, mas não perderam suas tradições e seus vínculos; ao mesmo tempo, tiveram que se adaptar a um contexto diferente, traduzindo tudo o que estava à sua volta para a sua cultura, negociando “com as novas culturas em que vivem”, sem nunca serem plenamente incorporados a ela<sup>639</sup>. Dentro desta perspectiva duas ou mais identidades são agrupadas num mesmo indivíduo ou grupo.

---

<sup>637</sup> HALL, 2003, p. 21.

<sup>638</sup> HALL, 2003, p. 20-21.

<sup>639</sup> HALL, 2003, p. 47.

A partir das conclusões de Hall, pode-se notar que o grupo manifesta uma identidade híbrida: são alemães que vieram da Rússia com sua religião batista tradicional, mas que tiveram sua experiência religiosa transformada pelo contato com o missionário sueco, com a múltipla variedade de culturas manifestas pelos (i)migrantes do entorno e pelo próprio contexto diverso: o Brasil. Desta forma originaram uma identidade híbrida. Ao mesmo tempo, quando estes saíram de seu lugar de origem no Rio Grande do Sul e fundaram novas comunidades, como aconteceu no estado do Mato Grosso, levaram seus traços característicos e os adaptaram à nova realidade, sem deixar de ser o que eram. O processo migratório espalhou o grupo pelo país sem que perdesse a base de sua essência.

Mas há na CIBILA uma mentalidade de identidade nacional também. Hall propôs que a formação da identidade nacional se dá mediante a *narrativa da nação*<sup>640</sup>. Este aspecto é de suma importância e é identificável nestas comunidades, espalhadas por vários estados do Brasil, por meio da utilização da mídia impressa para a criação do sentimento de pertencimento. Coincidentemente ou não, o jornal oficial da Convenção, que recebeu desde o seu início dois nomes, um em alemão (*Unser Mitteilungsblatt*) e outro em português (*Boletim Informativo*), surgiu no ano de fundação da Convenção, com o claro objetivo de aproximar os distantes, com destaque à língua alemã empregada no periódico e as publicações que visavam unir o grupo, mostrando as suas iniciativas conjuntas, como também o relato da sua própria história a cada edição do jornal. Esta ideia de nacionalidade não é real, pois eles não eram alemães, mas apenas tinham esta forma de falar em comum. O próprio idioma teve palavras acrescidas como resultado do contato com os outros. É um discurso nacionalista em formação que não se reporta diretamente a uma nacionalidade estabelecida e conhecida<sup>641</sup>.

O movimento protestante no mundo está diretamente ligado aos benefícios da invenção da imprensa, que se tornou seu principal meio de propagação de ideias e doutrinas, elementos formadores da opinião e mobilização pública<sup>642</sup>. Com a imprensa viveu-se a democratização do conhecimento, que além de ser amplamente difundido e divulgado, passou a ter preço acessível, permitindo um maior envolvimento de pessoas que antes não tinham acesso a esta informação, desde que alfabetizadas. No final de 1800 as denominações protestantes passaram a usar a imprensa como meio de propagação de suas ideias e para o

---

<sup>640</sup> HALL, 2003, p. 52.

<sup>641</sup> LANGE, Jair. Boletim Informativo completa 20 anos. **BI**, n. 48, out./dez. 2009, texto da capa.

<sup>642</sup> DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989, p. 77.

combate do catolicismo, fazendo com que os veículos condutores de informação impressa se tornassem centros de poder, conduzindo as pessoas de acordo com suas ideologias<sup>643</sup>.

As Convenções batistas, em nível de Brasil, preocuparam-se muito com o estabelecimento dos seus meios de comunicação impressa, que além de não difundirem um discurso neutro, nasciam com uma intencionalidade clara, advinda de seus produtores.

A criação de um jornal de ampla veiculação nacional colaborou para a difusão de um modelo sócio-cultural que os precursores deste movimento religioso desejavam que fosse assimilado pelos membros das comunidades batistas e pela comunidade evangélica brasileira em geral através da internalização de princípios presentes no corpo de crenças do protestantismo, sobre os quais a fé e os modos de vida dos fiéis deveriam se fundamentar. Para além da propagação dos princípios centrais da Reforma em que estavam em concordância com as outras denominações que realizavam os seus trabalhos no Brasil no mesmo período, os missionários batistas se empenharam em apresentar ao público leitor (sobretudo ao longo destes primeiros anos) variados estudos acerca das sistematizações doutrinárias, de sua forma de organização institucional, de suas convicções políticas e de aspectos referentes aos traços culturais herdados da cultura de seu país de origem<sup>644</sup>.

Embora estatutariamente não se possa notar uma dominação das Convenções sobre as comunidades locais, percebe-se por meio da imprensa um controle velado e aceito pelas igrejas constituintes dos organismos convencionais. Os jornais parecem ser os responsáveis pela reprodução de uma forma de pensar e também de um estilo de vida característicos dos países exportadores deste protestantismo que se instala em solo brasileiro. É por meio dos meios de comunicação que a colonização missionária se estabelece.

O lugar de onde se fala é também de destaque para a repercussão social e aceitação do discurso emitido pelos veículos de imprensa. A escolha do local já reflete uma forma de pensar característica e determina o tipo de mensagem que será transmitida. Quando se olha o *Boletim Informativo* percebe-se que seu centro de produção é a cidade de Nova Santa Rosa, local onde está a sede da CIBILA, o centro irradiador da cultura e doutrina Batista Independente Alemã. Ao mesmo tempo, neste estado cidade foram estabelecidas igrejas num novo núcleo de colonização, que já não era tão tradicional quanto as primeiras Colônias, pois foram cedendo espaço para a aceitação de alguns traços nacionais brasileiros a ponto de o jornal ter páginas redigidas na língua portuguesa também.

A imprensa Batista Independente de Língua Alemã foi crucial para a formação de um discurso nacionalista<sup>645</sup>, que fez o grupo divergir da nacionalização brasileira, incorporar

<sup>643</sup> ADAMOVICZ, 2008, p. 9-10.

<sup>644</sup> ADAMOVICZ, 2008, p. 14.

<sup>645</sup> NACIONALISMO é um termo amplo, com muitas possibilidades de uso e compreensões. Neste trabalho utiliza-se o termo no sentido cultural, na perspectiva de um discurso formador de identidade, a partir da abordagem de Stuart Hall, que compreende a nação e seu discurso nacionalista como “principal fonte de identidade cultural na modernidade”. HALL, 2003, p. 47.

elementos de tradições e culturas ao redor, assimilando-as como a sua forma de pensar. Uma reportagem publicada no terceiro número do *Boletim Informativo* traziam o título *Zur Geschichte der Russlanddeutschen* (Sobre a história dos teuto-russos), destacando que a língua do grupo sempre foi o alemão “(umgangssprache war und blieb in diesen geschlossenen Siedlungen immer di Deutsche)”<sup>646</sup> e o grupo na Volínia era considerado constantemente como predecessor dos teuto-russos que nasceram no Brasil<sup>647</sup>.

Roger Chartier, ao abordar a representação, destaca que ela serve como “pedra angular que permite ao historiador articular três modalidades referentes às formas de percepção e atuação de um grupo no ambiente social, através da produção de discursos, estratégias e práticas que visam à legitimação de um ‘projeto reformador’”<sup>648</sup>. Nas palavras do autor, de início

o trabalho de classificação e de recorte produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe<sup>649</sup>.

“A Imprensa concebida como espaço de representação do real (fruto de determinadas formas de percepção do mundo)”<sup>650</sup> por meio de seus escritores elabora amplo material que constitui seu sistema simbólico e determina o padrão de funcionamento de cada uma das comunidades isoladas geograficamente, mas unidas pela forma de pensar única reproduzida pelo jornal convencional.

Além de reproduzir uma forma de pensar característica, a imprensa funciona como um organismo de articulação entre os diversos discursos provenientes do ambiente social, percebendo as diferentes formas de pensar ao seu redor e respondendo a estas percepções com seus discursos. Cabe ao seu porta-voz “a função de exercer o controle social, apresentando e legitimando as regras de conduta, os valores daquilo que define como maneira de ser coletiva. Na busca por coesão e pelo consenso social, coloca-se como defensor dos interesses

<sup>646</sup> TEUTO-RUSSOS DECLARADOS pelo jornal da CIBILA. Reportagens que declaram os organizadores da Convenção como sendo teuto-russos foram frequentes nas primeiras edições. De forma clara e intencional, foram publicadas três reportagens com o mesmo título, nas edições número 3, 4 e 5. WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11-12; WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, n. 4, jan./jul. 1991, p. 20-21; WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, n. 5, jul./dez. 1991, p. 13-14.

<sup>647</sup> WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11-12.

<sup>648</sup> ADAMOVICZ, 2008, p. 27.

<sup>649</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11(5), 1991, p. 181.

<sup>650</sup> ADAMOVICZ, 2008, p. 27.

comuns”<sup>651</sup>, a principal premissa do Jornalismo, mas que no fundo é mais abrangente, uma vez que o jornal é também o veículo legitimador do discurso, ou seja, diz o que é certo para a comunidade para depois dizer que defende aquilo que a comunidade considera como sendo certo. O nome do jornal aponta para a intencionalidade de gerar o sentimento de pertencimento (*Unser Mitteilungsblatt* - Nosso Boletim Informativo, literalmente), como também se posiciona como defensor e propagador dos interesses comuns<sup>652</sup>.

Pode ocorrer também um empréstimo de valores e opiniões do meio, e a partir destes conceitos o jornal pode articular uma nova forma de pensar. Neste aspecto o meio jornalístico “retrata e cria o lugar do outro”<sup>653</sup>, posicionando-se como meio legítimo para a produção da realidade a partir da seleção do que será publicado e de como as notícias serão escritas e distribuídas, tudo para proteger e beneficiar seu público-alvo.

Condicionada pelas especificidades que lhe conferem personalidade própria, a narrativa jornalística opera com a atribuição de sentidos e a criação de valores que funcionam como intermediários das relações de poder na sociedade. Mas para lograr atribuir sentido ao discurso é preciso primeiro levar em consideração as condições de sua produção, o seu contexto. A partir daí, será possível identificar seus protagonistas e distinguir o seu objeto. A maneira como dado discurso estabelece sentidos e provoca efeitos depende da relação entre seus sujeitos, seus interlocutores, e aquilo a que se refere, o seu referente. O jornalismo, neste sentido, é um discurso autoritário em seu modo de funcionamento e em sua ideologia, marcada pela pressuposição da verdade e da neutralidade<sup>654</sup>.

Neste campo de poder ocorre ainda a disputa em torno do “lugar de contador da verdade”, ou seja, o discurso proferido por cada um dos veículos de imprensa carrega consigo a ideia de ser o certo, muitas vezes o único certo. O discurso tem neste propósito papel principal<sup>655</sup>. Neste ato de falar há o “reconhecimento da cultura como produto de uma ação social. Ela seria, assim, como um dado desde sempre adquirido que se impõe aos indivíduos através de seus veículos oficiais<sup>656</sup>.

Este poder de comunicação da verdade assumida pelos meios jornalísticos contribuiu para a criação da consciência em torno da sua importância por parte das comunidades e também para a assimilação de seus valores. No *Boletim Informativo*, a coluna “Uma palavra para o direcionamento”<sup>657</sup> foi especialmente usada para a projeção de uma forma de pensar idealizada

<sup>651</sup> DINIZ, J. Péricles. O papel do jornal na construção social de identidades. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, maio 2008, Salvador: Faculdade de Comunicação, p. 6.

<sup>652</sup> **BI**, n. 1, jan./dez. 1989, capa.

<sup>653</sup> MAMEDE, Maria Amélia. **A construção do Nordeste pela mídia**. Fortaleza: [s.n.], 1996, p. 43.

<sup>654</sup> DINIZ, mai. 2008, p. 7.

<sup>655</sup> MAMEDE, 1996, p. 32.

<sup>656</sup> CRESPI, Franco. **Manual de sociologia da cultura**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p. 85.

<sup>657</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Ein Wort zum Geleit*”. In. WUTZKE, Wilson. *Ein Wort zum Geleit*. **BI**, n. 4, jan./jul. 1991, p. 02;

pela liderança da Convenção. O próprio Jornal pode ter contribuído também para a assimilação crescente da língua portuguesa por estas comunidades teuto-russas, uma vez que seu veículo de imprensa trazia este segundo idioma desde a sua fundação e ao longo dos anos tornou-se crescente o espaço cedido para esta língua como forma oficial de redigir e retratar a realidade<sup>658</sup>.

Gramsci, em seus estudos sobre a imprensa, destaca sua importância na constituição desta identidade cultural. Para ele, a imprensa tem papel fundamental na produção de consenso e dissenso, necessários na formação identitária de um grupo<sup>659</sup>.

O exercício “normal” da hegemonia [...] caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública – jornais e associações<sup>660</sup>.

Gramsci destaca que a sociedade civil tem seus mecanismos de construção da hegemonia, aparelhos que congregam a imprensa, os partidos políticos, os sindicatos, as associações, os movimentos sociais, a escola e a Igreja. Estes agentes carregam a ideologia destas instituições e “funcionam como caixas de ressonância” dos seus pensamentos<sup>661</sup>. No caso da CIBILA, o seu jornal foi de fundamental importância para a manutenção dos vínculos e a propagação da sua história, tentando fazer com que as gerações subsequentes se identificassem com o que foi publicado.

A teoria da hegemonia de Gramsci destaca o papel da imprensa na coesão de grupos, vendo-a como estando num papel privilegiado de propagação de conteúdo, como proposto por Karl Marx, ao dizer que os meios de comunicação “transportam signos; garantem a circulação veloz das informações; movem as ideias; viajam pelos cenários onde as práticas sociais se fazem; recolhem, produzem e distribuem conhecimento e ideologia”<sup>662</sup>.

Bernstein concorda com Gramsci sobre o papel da imprensa e destaca que ela

é variada, por vezes contraditória, e é a composição de influências diversas que acaba por dar ao homem uma cultura política, a qual é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca. Esta adquire-se no clima cultural em que mergulha cada indivíduo pela difusão de temas, de modelos, de normas, de modos de raciocínio que, com a

<sup>658</sup> **BI**, n. 1, jan./dez. 1989, capa.

<sup>659</sup> MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan./jun. 2010, p. 54-55.

<sup>660</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere** – Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 2, p. 95.

<sup>661</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Org. de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 2, p. 119.

<sup>662</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, 1977, v. 3, p. 67.



repetição, acabam por ser interiorizados e que o tornam sensível à recepção de ideias ou à adoção de comportamentos convenientes<sup>663</sup>.

Para Gramsci, a imprensa seria uma “organização material voltada para manter, defender e desenvolver a frente teórica e ideológica”<sup>664</sup>. Na sociedade civil constitui-se o espaço no qual a classe dominante exerce sua hegemonia por meio dos “aparelhos privados”. Assim, neste espaço em que as diferentes visões de mundo (ideologias) disputam entre si uma maior influência sobre os diversos setores da sociedade, o papel desempenhado pelos organismos de cultura, como, por exemplo, o jornal, torna-se de fundamental importância, pois ele lentamente vai auxiliando a comunidade na sua construção cultural<sup>665</sup>.

As modificações no modo de pensar, nas crenças, nas opiniões, não ocorrem mediante “explosões” rápidas, simultâneas e generalizadas, mas sim, quase sempre, através de “combinações sucessivas”, de acordo com “fórmulas de autoridade” variadíssimas e incontroláveis. A ilusão explosiva nasce da ausência de espírito crítico. (...) as transformações culturais (...) são lentas e graduais; e isto porque (...) a cultura é produto de uma complexa elaboração<sup>666</sup>.

A história da Convenção e a sua reprodução estão intimamente ligadas com o seu jornal. Ele é o meio de divulgação das suas notícias e a forma palpável de se selecionar o que é costume dos Batistas Independentes e o que não é. Em suas linhas ficam evidentes os posicionamentos teológicos<sup>667</sup> e as notícias pertinentes às igrejas<sup>668</sup>; são lançadas as campanhas de cooperação<sup>669</sup> e é elaborada a história de cada uma das igrejas<sup>670</sup>. Há uma narrativa vinculada num meio de comunicação de alcance razoável que perpetua o que estas pessoas têm como cultura. Os conteúdos são direcionados e partem de um contexto que visa preservar esta unidade. Eles nunca são neutros e por isso conseguem o efeito que se espera a partir deles, como bem observou John B. Thompson em seu livro *A mídia e a modernidade*, ao escrever: “a comunicação mediada é sempre um fenômeno social contextualizado: é sempre implantada em contextos sociais que se estruturam de diversas maneiras, e que, por sua vez, produzem impacto na comunicação que ocorre”<sup>671</sup>.

<sup>663</sup> BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In. RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 357.

<sup>664</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: O Princípio Educativo**. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b, v. 2, p. 78.

<sup>665</sup> GRAMSCI, 2006b, v. 2, p. 78.

<sup>666</sup> GRAMSCI, 2006b, v. 2, p. 207.

<sup>667</sup> “*Mission, eine Verpflichtung mit der Zeit*” (Missão, uma obrigação com o tempo) foi o tema teológico abordado pelo editorial, mostrando a necessidade da ação missionária da igreja. In. WUTZKE, Vilson. *Ein Wort zum Geleit*. **BI**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991, p. 02.

<sup>668</sup> *CIBILAKONFERENZ in Vila Planalto – PR*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, contracapa.

<sup>669</sup> VAMOS acelerar. **BI**, ano 2, n. 2, jan./jul. 1990, contracapa.

<sup>670</sup> LANGE, Jair. Boletim Informativo completa 20 anos. **BI**, n. 48, out./dez. 2009, texto da capa.

<sup>671</sup> THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 20.

Os trânsitos culturais formaram a CIBILA e seu mecanismo de comunicação oficial foi crucial para a organização deste conglomerado e a legitimação de práticas absorvidas ao longo do tempo. É interessante e importante destacar o quanto esta perspectiva de região cultural e de zona/faixa de fronteira cultural foram importantes para a condensação e organização deste espaço cultural específico. As duas perspectivas criaram a Convenção e auxiliaram na sua manutenção ao longo do tempo, tendo influência no Brasil e também em outros países do globo.

### 4.3 A inserção da CIBILA no campo religioso brasileiro

#### 4.3.1 Os batistas independentes no movimento pentecostal brasileiro

Não se quer retratar aqui o aspecto teológico identitário do pentecostalismo batista independente no cenário brasileiro, mas as projeções alcançadas pelo grupo a partir dos ideais protestantes e pentecostais difundidos no Brasil que ajudaram na inserção e formação deste grupo religioso. O pentecostalismo de Primeira Onda<sup>672</sup> já havia se estabelecido no Brasil, oferecendo um caminho para outros grupos dissidentes. Os batistas independentes se formaram neste cenário alavancador de movimentos e são identificados com ele.

Cabe salientar que o movimento pentecostal no Brasil tem sido dividido de forma diferente por outros estudiosos. Nem todos concebem as Três Ondas do movimento pentecostal<sup>673</sup>. Será utilizada a proposta de Freston que divide o movimento em três ondas porque a denominação estudada surge junto com o movimento pentecostal no Brasil (1910), tendo como critério essencial o recorte da aproximação cronológica. As semelhanças com outras Ondas, na divisão de Freston, ou a caracterização da denominação em estudo com outras divisões subsequentes ou maiores em termos de período cronológico do que o estipulado para

---

<sup>672</sup> O PENTECOSTALISMO DE PRIMEIRA ONDA é assim denominado por Freston, representando os primeiros 40 anos do movimento no Brasil (1910-1950), com a implantação das duas primeiras igrejas (Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus), resultado direto do Avivamento da Rua Azusa. *In*. FRESTON, 1993, p. 64-112.

<sup>673</sup> DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O PENTECOSTALISMO NO BRASIL: alguns estudiosos sugerem que ao invés de Três Ondas, o movimento pentecostal brasileiro seja dividido em duas fases apenas: “A primeira é o Pentecostalismo Salvacionista (PS), iniciado em 1910 e se estendendo até a década de 1960 [...] com ênfase na conversão para a salvação, na importância do batismo com o Espírito Santo e na santidade (holiness) como atitude indissociável de uma vida cristã autêntica [...]; A segunda fase do pentecostalismo brasileiro inicia com as Igrejas do Evangelho da Prosperidade, ou Pentecostalismo da Prosperidade”. *In*. SOUZA, Bertone de Oliveira. O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VIII, n. 22, p. 25-26.

o movimento da Primeira Onda, apenas provam o quanto o movimento pentecostal no Brasil foi multifacetado desde a sua origem<sup>674</sup>.

Antes de trabalhar especificamente o movimento pentecostal, é interessante olhar o movimento protestante no Brasil, no qual o pentecostalismo está inserido, e é parte dele. Em sua obra *Protestantismo tupiniquim*, Alencar destaca o quanto o “jeitinho brasileiro” deu contornos ao protestantismo que se estabeleceu no Brasil, onde a assimilação e o hibridismo cultural foram presentes e frequentes, fruto da realidade social do país que, segundo o autor, “miscigenado desde seu início e com dimensões geográficas continentais, o Brasil é hoje o resultado de uma conjugação cultural imensa”<sup>675</sup>, que deu direcionamento de incorporação de elementos ao protestantismo de imigração, exclusivista em seu início, mas que no decorrer do tempo se tornou aberto e adepto ao “jeitinho brasileiro”.

A miscigenação se deu pela própria visão marcante do protestantismo brasileiro, que em seu início promoveu o

transplante denominacional, e acabou estabelecendo um cenário dentro do protestantismo marcado pela fragmentação e pulverização, estabelecendo as condições para a legitimidade e a necessidade, já que nenhuma denominação poderia se impor como a única, de um formato institucional que implica o fortalecimento do pluralismo religioso e que será adotado mesmo pelas igrejas autóctones pentecostais e mais recentemente pelas chamadas neopentecostais. O chamado “transplante denominacional” se refere ao movimento [...] em que as denominações [...] iniciam seu trabalho missionário com duas principais características: o proselitismo e a montagem de uma estrutura eclesial (denominacional) nos moldes da matriz<sup>676</sup>.

Esta estruturação que remete a uma matriz identitária é vista nas igrejas da CIBILA, uma vez que originam comunidades muito semelhantes às que os seus membros pertenciam inicialmente, com teologia batista tradicional. Eles foram dissidentes destes grupos e reproduziram liturgia e organização semelhante.

O movimento de Nacionalização da era Vargas foi, para a maioria das denominações protestantes, o momento de abertura aos diferentes e de adaptação ao meio social. É claro que esta adaptação cultural não incorporou a todos. Era comum divinizar aspectos culturais norte-americanos e europeus, enquanto que a cultura afro permanecia relegada ao esquecimento, quando não era demonizada<sup>677</sup>. Algumas denominações protestantes permaneceram mais

---

<sup>674</sup> SOUZA, Bertone de Oliveira. O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VIII, n. 22, p. 25-26.

<sup>675</sup> ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim**: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte editorial, 2005, p. 26.

<sup>676</sup> CERVEIRA. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2008/t\\_cerveira.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_cerveira.htm). Acesso em: 07 ago. 2018.

<sup>677</sup> ALENCAR, 2005, p. 20.

fechadas, estabelecendo um padrão cultural próprio e também tendo dificuldade de alcançar uma projeção maior no país.

Alencar destaca a falta de identidade do protestantismo brasileiro, que copia muitas das suas manifestações de outros grupos protestantes e do catolicismo, já instalado no Brasil e que no começo atraía as massas e dificultava a inserção desses protestantes no país. Esta assimilação aponta para a dificuldade que se tem de comprovar um movimento cultural puro em solo brasileiro, o que também se transfere ao cristianismo, até porque este incorpora já em seu surgimento elementos judaicos e helênicos<sup>678</sup>. Quando se olha para a CIBILA nota-se este hibridismo presente desde o início: são alemães, vindos da Rússia, seguidores, em sua maioria, de uma religião batista tradicional, mas que passam a ser pastoreados por um missionário sueco de teologia pentecostal<sup>679</sup>. Neste começo quase todos os elementos incorporados são europeus em detrimento da utilização de elementos que tenham alguma relação com o que acontecia no país, o que foi se alterando pelos contatos estabelecidos e pelo próprio cenário religioso brasileiro.

Este hibridismo torna difícil traçar uma identidade do movimento protestante no Brasil, que pode ser definido como uma área/zona de fronteira, como já dito, e que assimila realidades do seu entorno. Estas identidades não são definidas por um claro pertencimento cultural, mas são

consequência de um processo simbólico de autodesignação de traços culturais (...) que retira sua inspiração de um repertório cultural disponível (próprio ou alheio). (...) a identidade não é mais definida como um modo de ser cuja natureza profunda é preciso revelar, mas como um jogo simbólico no qual a eficácia depende do manejo competente de elementos culturais<sup>680</sup>.

Para Alencar, o “neopentecostalismo é a expressão mais brasileira do protestantismo”<sup>681</sup>, exatamente por incorporar mais elementos, inclusive de cultura africana, e se expressar conforme contornos da miscigenação cultural brasileira. Na sua abordagem evidencia-se que as denominações tradicionais foram as mais fechadas em seus contatos com as múltiplas manifestações culturais brasileiras; já os pentecostais estavam mais abertos, porém não chegavam ao ponto que o neopentecostalismo chegou na sua prática. Na análise da CIBILA vê-se uma denominação que deveria, teoricamente, estar mais aberta por ser considerada pentecostal; mas vê-se uma relutância para assimilar aspectos culturais brasileiros até seu

---

<sup>678</sup> ALENCAR, 2005, p. 81.

<sup>679</sup> WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11-12.

<sup>680</sup> MONTEIRO, P. Globalização, identidade e diferença. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 49, nov. 1997, p. 63.

<sup>681</sup> ALENCAR, 2005, p. 88.

movimento de nacionalização interno, que está em expansão na atualidade. Sua aproximação com o meio tradicional e seu específico modelo de tradicionalismo pentecostal (assunto que será tratado com profundidade no próximo capítulo) fizeram com que ela permanecesse com seus contornos iniciais por mais tempo<sup>682</sup>.

Percebe-se tanto na CIBILA como em outras denominações religiosas protestantes brasileiras uma preocupação em manter a etnicidade de seu grupo, isso porque estas denominações são, em sua maioria, fruto do processo migratório que se viu como contracultura num país diferente, com costumes diferentes, com a pressuposição de ser um modelo cultural superior ao que existia no seu entorno<sup>683</sup>. Estas denominações realizavam o que os antropólogos e missionários chamam de evangelização de colonização, na qual se introduz uma cultura específica num local novo, sacralizando aquela manifestação cultural trazida pelos estrangeiros.

Considerando os batistas independentes dentro do cenário pentecostal brasileiro, deve-se destacar primeiramente a possibilidade de divergir que o movimento apresenta desde o seu início<sup>684</sup>. Se o denominacionalismo presente no protestantismo permitia discordar e ser diferente, o pentecostalismo levou esta característica ao seu extremo. Nota-se nos missionários suecos esta compreensão na fundação da Convenção, não atrelando suas instituições a outros grupos batistas já existentes no Brasil<sup>685</sup>.

Outro fato marcante do pentecostalismo brasileiro é a sua mobilidade e capacidade de mobilização em meio às classes com menor renda, muitas vezes marginalizadas no país.

A pobreza constituiu uma categoria analítica amplamente reconhecida na caracterização dessa prática religiosa. O pentecostalismo assimilou doutrinariamente a exclusão social, legitimando-a mediante estatuto sagrado, construindo uma visão de mundo pautada no extravasamento das dores e das carências pelo emocional, crendo na vigência de outra linguagem, que não a deste mundo, uma língua estranha a todos os códigos linguísticos, o apego a curas e às libertações operadas milagrosamente. Essas manifestações tiveram repercussão social e acabaram sendo rotuladas pelas classes privilegiadas como características de uma religião bizarra. Na concepção dos setores “esclarecidos”, as práticas gestuais e ritualísticas representavam um retrocesso cultural; voltando no tempo para as épocas remotas em que a sociedade estivera presa à natureza e o mundo era concebido segundo interpretações mágicas. A partir deste foco, aliado às condições econômicas dos adeptos, se estabeleceu um grande fosso entre o pentecostalismo inicial e os segmentos favorecidos econômica e politicamente. Na verdade, por ser uma religião voltada para a demanda popular, o pentecostalismo não poderia fugir àquilo que Pierre Bourdieu reconhece como sendo uma situação intermediária entre os apelos internos de uma espiritualidade separada e rara e “as exigências externas, em geral, descritas como comerciais, que levam a oferecer à

<sup>682</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>683</sup> ALENCAR, 2005, p. 43.

<sup>684</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>685</sup> SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?** Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato, 2004, p. 20.

clientela leiga, mas despossuída culturalmente, uma religião ritualista com fortes conotações mágicas”<sup>686</sup>.

O grupo de imigrantes que adere ao pentecostalismo trazido pelos missionários suecos era, em seu início, desprovido de muitos recursos quando comparado aos demais (i)migrantes em solo brasileiro, relegados a serem caracterizados pela pequena propriedade privada. Ser um imigrante estabelecido no interior do noroeste do Rio Grande do Sul, numa área conhecida pelos contraventores que lá viviam, era um fator de exclusão social<sup>687</sup>. Este cenário favoreceu a entrada dos imigrantes no movimento e provavelmente foi fator importante para a não adesão de outros grupos à denominação em formação.

Os colonos que se juntaram aos missionários suecos também estavam em busca de outra possibilidade de culto protestante, em decorrência da não conformidade com a prática religiosa pregada e vivenciada pelo protestantismo tradicional<sup>688</sup>. Como “o pentecostalismo desenvolveu um padrão distinto de religiosidade evangélica, rompendo com o sistema eclesialístico evangelístico/litúrgico/teológico do protestantismo histórico”<sup>689</sup>, a adesão se tornou interessante para um recomeço em termos de prática religiosa do grupo.

A teologia pentecostal também beneficiava um anseio do grupo em seu surgimento: o combate aos vícios<sup>690</sup>. Na sua percepção do ser humano, os pentecostais têm um pensamento teológico descrito pela expressão *tricotomia* (uma doutrina do cristianismo que entende que o homem é formado de três partes distintas: corpo, alma e espírito)<sup>691</sup>, que além de fragmentar o ser humano, dá ênfase às partes imateriais em detrimento da parte física. Vindo o corpo físico em segundo lugar, rechaça-se tudo aquilo que tem como propósito primário promover o bem-estar do corpo, levando-os a um comportamento que se caracteriza assim: “vivem no mundo, mas estão proibidos dos prazeres comuns da vida social, tais como: bailes, cinemas, álcool, fumo e práticas fúteis”<sup>692</sup>. Estas proibições eram o anseio do grupo originador dos batistas independentes. Em lugar destas *coisas mundanas*, atribuía-se valor à espiritualidade, que ia em direção oposta à cultura da sociedade não religiosa, como também das próprias comunidades cristãs do entorno. Há uma dimensão de espiritualidade aprofundada, com ênfase a determinados textos da Bíblia, usados para defender que determinado grupo é melhor do que o outro do qual ele veio. A ênfase na espiritualidade deve ter contribuído para o fechamento do

<sup>686</sup> SOUZA, 2004, p. 23.

<sup>687</sup> BERG, 18 fev. 1960, áudio.

<sup>688</sup> WUTZKE, Vilson. *Pr. Heinrich Koch treu im werk des Herrn*. **BI**, n. 15, ano 8, jul./dez. 1996, p. 5-6.

<sup>689</sup> SOUZA, 2004, p. 24.

<sup>690</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 12 de abril de 1919, p. 20.

<sup>691</sup> RENOVATO, E. Antropologia – A doutrina do homem. In. GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal**, 2.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2008, p. 270.

<sup>692</sup> WILGES, I. **Cultura religiosa**. As religiões do mundo. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 105.

grupo e o rechaço dos elementos nacionais, uma vez que eram tidos como “coisas mundanas”<sup>693</sup>.

Todas estas dimensões ajudam numa localização cultural da CIBILA. Ela segue o hibridismo cultural experimentado pelo protestantismo no Brasil, com dificuldade de estabelecer um culto com contornos culturais de seu meio; que se expande com as possibilidades do Pentecostalismo de Primeira Onda já instalado no país e, embora não seja mencionada como uma das denominações decorrentes deste pentecostalismo clássico, traz muitos dos seus componentes estruturais e estruturantes em sua projeção no cenário brasileiro: o atendimento aos excluídos, uma possibilidade litúrgica diferente, o combate aos vícios e o estabelecimento de um grupo religioso com espiritualidade diferente, possivelmente mais mística e introspectiva do que aquela vivenciada pelos membros anteriormente.

Estas características são encontradas na CIBILA e a tornariam uma denominação pentecostal, o que não pode ser alegado – e por isso ela não é listada no Pentecostalismo de Primeira Onda – pelas divergências com o pentecostalismo clássico que apresentam características deste grupo, que serão estudadas na sequência.

#### **4.3.2 Dados estatísticos sobre os batistas independentes**

O crescimento numérico da CIBILA traz dados interessantes que contribuem para uma leitura de sua influência no cenário religioso brasileiro e na Convenção nacional, a CIBI. Considera-se importante destacar nesta tese as dimensões da Convenção também a nível nacional, porque a denominação batista independente iniciou com as igrejas teuto-russas lideradas pelos missionários suecos, que são objeto desta pesquisa. Em matéria de cultura étnica irá se focar mais na CIBILA; mas em questões de cultura religiosa, a CIBI carrega os traços do tradicionalismo pentecostal, fruto desta junção entre missionários suecos pentecostais e batistas alemães tradicionais.

A começar pela projeção da Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI) – a Convenção nacional – destaca-se alguns números de seu crescimento no decorrer da sua história. Fez-se uma estatística por ocasião das comemorações dos cinquenta anos do trabalho missionário sueco no Brasil, isso no ano de 1962, quando também se comemorou os dez anos da organização da CIEBIB. Nas palavras do presidente da Convenção, Martinho Mendes, havia

(...) 39 igrejas com mais de cinco mil membros comungantes, mais de 60 pastores e missionários, um dos melhores jornais evangélicos do Brasil, revistas para Escola Dominical, uma Casa Editora, instituições de assistência social,

---

<sup>693</sup> SOUZA, 2004, p. 36-37.

educacionais, constituem as colunas fortes na estrutura da universal Igreja de Deus, zelando sem reservas pelas doutrinas bíblicas, pela pureza moral e elevação de espiritualidade cristã<sup>694</sup>.

Nestas estatísticas não foram contabilizadas as igrejas originadoras da denominação batista independente, pois foram feitas num período em que estas deixaram de participar ativamente da organização convencional. Elas não foram desligadas, mas, ao mesmo tempo, não aparecem em nenhuma listagem de membros da CIEBIB.

Dados estatísticos do censo de 2010 apontavam que o movimento missionário batista sueco alcançou pessoas de diferentes etnias, não se restringindo a imigrantes suecos e teuto-russos como foi em seu início. Em números esta influência é descrita por “450 igrejas e aproximadamente 65 mil membros”, espalhados pelos diferentes estados do Brasil.<sup>695</sup> Além destas igrejas, o Censo também mostrou a existência de outras 204 congregações de igrejas e 70 campos missionários<sup>696</sup>.

Quando se analisa estes dados pode-se notar o trabalho de expansão ocorrendo. Mais de 40% das comunidades religiosas batistas independentes no Brasil são trabalhos recentes, iniciados por igrejas ou Convenções, buscando um crescimento denominacional. Também é interessante destacar que os números de membros expostos pelas estatísticas levaram em consideração apenas pessoas oficialmente inscritas e que cumpriram os requisitos necessários para se tornarem membros<sup>697</sup>, não contabilizando as pessoas que frequentam as reuniões, nem os filhos dos membros de forma automática.

A Convenção nacional (CIBI) agrupa algumas igrejas diretamente vinculadas a ela. Mas a maior parte das igrejas batistas independentes está vinculada primeiramente às Convenções Regionais, e estas Convenções são ligadas à CIBI. Estas Convenções Regionais são também chamadas de Convenções Estaduais, mas por causa da CIBILA (que não respeita limites geográficos mas étnicos em sua composição) a linguagem oficial utilizada nos documentos da Convenção é a designação de Convenções Regionais<sup>698</sup>.

<sup>694</sup> MENDES, Martinho. Origem dos Batistas Independentes. **Luz nas Trevas**, 10 fev. 1962. Edição Comemorativa, p. 11.

<sup>695</sup> EKSTRÖM, 2005, p. 19.

<sup>696</sup> MELO, Elton. **Relatório estatístico 2010**. Vitória: CIBI, 2010, p. 4.

<sup>697</sup> PARA SER MEMBRO DE UMA IGREJA BATISTA o pré-requisito essencial é o batismo por imersão, praticado em pessoas consideradas aptas a optarem por ele, geralmente maiores de 7 anos. Em seu modelo de estatuto, repassado às igrejas, a CIBILA menciona, no Artigo 11 de que a admissão na qualidade de membro far-se-á da seguinte maneira: I - pelo batismo em água (na forma de imersão), conforme a Declaração de Fé da Igreja; II - por testemunho, aclamação, quando a pessoa foi batizada por imersão em outra igreja que não seja batista; e III - por carta de transferência de igreja da mesma fé e ordem. *In*. CIBI. Disponível em: <http://www.cibi.org.br/wp-content/uploads/2017/07/MODELO-ESTATUTO-PARA-IGREJAS-CIBI.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2018, p. 2-3.

<sup>698</sup> AS CONVENÇÕES REGIONAIS, criadas em 1963, que integram a estrutura da CIBI, terão as seguintes finalidades: I) coordenar o trabalho missionário nas regiões de suas jurisdições; II) receber, alocar e contabilizar



O total de membros da CIBI será a soma dos membros de cada igreja que compõe as Convenções Regionais vinculadas à Convenção nacional.<sup>699</sup> Como o objeto de estudo deste trabalho é a CIBILA, pode-se notar pelas estatísticas que esta Convenção Regional, com traços étnicos, aparece em 8º lugar na listagem da CIBI, quando se leva em conta o seu número de membros, num universo de 18 Convenções Regionais, sendo um dos grupos de destaque da Convenção (CIBI) apesar dos seus traços étnicos restritivos.

Em suas estatísticas, a CIBI também demonstrou a distribuição das igrejas batistas independentes pelos estados brasileiros<sup>700</sup>. O Estado do Paraná é o que mais tem igrejas desta denominação, somando 110 comunidades. Já os estados brasileiros com menor presença batista independente são o Acre e Sergipe, com uma igreja da denominação em toda a sua extensão territorial. Em termos de presença nos municípios, “observamos a presença das igrejas Batistas Independentes em 413 municípios [...] o que significa que estamos presentes em 7 de cada 100 municípios<sup>701</sup>.

No ano de 2016, as estatísticas da CIBI apontavam para um crescimento da Convenção no Brasil, contando com cerca de 70 mil membros no somatório das Convenções Regionais<sup>702</sup>. Nas comemorações do centenário, por meio do presidente da CIBI, lançou-se o projeto de expansão para o ano de 2020, quando a Convenção quer atingir a cifra de 150 mil membros<sup>703</sup>.

1. CRESCIMENTO DA MEMBRESIA - Crescimento de 10 mil membros por ano até 2016, totalizando 100 mil membros no Brasil; crescimento da membresia a 12.500 membros anuais, de 2016 a 2019, totalizando 150 mil membros em dezembro de 2019 – Na celebração da assembleia de 2020, queremos totalizar esse número de membros;
2. 200 NOVAS IGREJAS - Alcançar todos os estados da Federação até janeiro de 2016 – com igrejas em todas as capitais - implantar igrejas em cidades acima de 100 mil habitantes onde ainda não temos igreja. Chegar a 2019 com 200 novas igrejas organizadas (20 novas igrejas por ano), investimento anual de R\$ 1.500.000,00, a ser feito pela CIBI em parceria com as regionais<sup>704</sup>.

---

recursos provenientes da CIBI destinados a projetos missionários nas regiões que atuam; III) estabelecer acordos de parceria com a CIBI e/ou instituições similares para projetos missionários, sociais e educacionais; IV) supervisionar e sustentar programas de educação teológica regionais; V) criar programas que atuem junto às igrejas jurisdicionadas, visando manter a unidade e a linha doutrinária da CIBI e VI) receber, examinar e encaminhar pedidos à Assembleia Geral de igrejas que desejam a admissão na CIBI. *In*. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Regimento interno da Convenção das Igrejas Batistas Independentes**. Disponível em: <http://www.cibi.org.br/wp-content/downloads/REGIMENTO%20INTERNO%20CIBI.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2018, p. 7.

<sup>699</sup> MELO, 2010, p. 6.

<sup>700</sup> MELO, 2010, p. 7.

<sup>701</sup> MELO, 2010, p. 8.

<sup>702</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DO BRASIL. **Quem somos**. Disponível em: [www.cibi.org.br/quem](http://www.cibi.org.br/quem). Acesso em: 27 jan. 2016.

<sup>703</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Programa Brasil 2010: os Batistas Independentes como opção de igreja para os brasileiros**. Campinas: CIBI, 2012, p. 3-4.

<sup>704</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES, 2012, p. 3-4.

Estatística comparativa<sup>705</sup>:

## ILUSTRAÇÃO 20 – Igrejas Batistas Independentes e membresia por regional

## CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES

1º CENSO DO PROGRAMA BRASIL 2020

TOTAL DE MEMBROS, CLASSIFICADOS POR IGREJAS EMANCIPADAS

Nº	Regional	Igrejas Emancipadas	Congregações	Campos Missionários	Total de Locais de Culto (1)	Total de Membros	Membresia Média (2)
1	CIBIESP	102	12	4	118	10.967	92,9
2	CIBIPAR	48	35	17	100	8.113	81,1
3	CIBIERGS	45	157	7	209	11.195	53,6
4	CIBISBA	29	30	1	60	6.017	100,3
5	CIBI-PB	25	17	2	44	4.254	96,7
6	CIBILA	23	12	4	39	2.860	73,3
7	CIBIESC	23	12	1	36	3.174	88,2
8	CRIBI-BC	21	3	1	25	1.780	71,2
9	CIBIMINAS	20	16	2	38	2.858	75,2
10	CIBINE	16	5	2	23	1.080	47,0
11	CRIBI-BA	15	11	0	26	1.970	75,8
12	CIBIES	14	7	4	25	1.200	48,0
13	CIBIERJ	12	17	4	33	2.081	63,1
14	CIBISA	12	2	0	14	757	54,1
15	CIBIPE	10	13	1	24	1.113	46,4
16	CIBIEG	10	10	5	25	1.600	64,0
17	CIBIAR	10	5	1	16	851	53,2
18	CIBIMAT	5	0	8	13	438	33,7
19	CIBI ACRE (3)	1	38	0	39	5.000	128,2
20	CIBI PARÁ (3)	1	8	0	9	600	66,7
<b>Total da CIBI</b>		<b>442</b>	<b>410</b>	<b>64</b>	<b>916</b>	<b>67.908</b>	<b>74,1</b>

Base de dados: junho/julho de 2012

(1) Local de Culto é a soma dos tipos de igrejas

(2) Membresia média = Número de membros/total de pontos de pregação

(3) Oficialmente estas regionais não existem - estão isolados geograficamente

## CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES

1º CENSO DO PROGRAMA BRASIL 2020

RANKING POR MEMBROS

Nº	Regional	Total de Membros
1	CIBIERGS	11.195
2	CIBIESP	10.967
3	CIBIPAR	8.113
4	CIBISBA	6.017
5	CIBI ACRE	5.000
6	CIBI-PB	4.254
7	CIBIESC	3.174
8	CIBILA	2.860
9	CIBIMINAS	2.858
10	CIBIERJ	2.081
11	CRIBI-BA	1.970
12	CRIBI-BC	1.780
13	CIBIEG	1.600
14	CIBIES	1.200
15	CIBIPE	1.113
16	CIBINE	1.080
17	CIBIAR	851
18	CIBISA	757
19	CIBI PARÁ	600
20	CIBIMAT	438
<b>Total da CIBI</b>		<b>67.908</b>
Média por Regional		3.395

RANKING POR LOCAL DE CULTOS

Nº	Regional	Locais de Cultos
1	CIBIERGS	209
2	CIBIESP	118
3	CIBIPAR	100
4	CIBISBA	60
5	CIBI-PB	44
6	CIBI ACRE	39
7	CIBILA	39
8	CIBIMINAS	38
9	CIBIESC	36
10	CIBIERJ	33
11	CRIBI-BA	26
12	CRIBI-BC	25
13	CIBIES	25
14	CIBIEG	25
15	CIBIPE	24
16	CIBINE	23
17	CIBIAR	16
18	CIBISA	14
19	CIBIMAT	13
20	CIBI PARÁ	9
<b>Total da CIBI</b>		<b>916</b>

RANKING POR MEMBRESIA MÉDIA

Nº	Regional	Membresia Média
1	CIBI ACRE (3)	128,2
2	CIBISBA	100,3
3	CIBI-PB	96,7
4	CIBIESP	92,9
5	CIBIESC	88,2
6	CIBIPAR	81,1
7	CRIBI-BA	75,8
8	CIBIMINAS	75,2
9	CIBILA	73,3
10	CRIBI-BC	71,2
11	CIBI PARÁ (3)	66,7
12	CIBIEG	64,0
13	CIBIERJ	63,1
14	CIBISA	54,1
15	CIBIERGS	53,6
16	CIBIAR	53,2
17	CIBIES	48,0
18	CIBINE	47,0
19	CIBIPE	46,4
20	CIBIMAT	33,7
<b>Média da CIBI</b>		<b>74,1</b>

Fonte: CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. Programa Brasil 2020. Campinas: CIBI, 2012, p. 3-4.

<sup>705</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. Censo CIBI 2012. [S.l.: s.n.], 2012, p. 01.

Tratando-se dos dados da CIBILA, de forma específica no ano de 2018, chegou-se ao número de 2971 membros em 23 igrejas, conforme quadro a seguir<sup>706</sup>:

ILUSTRAÇÃO 21 – Igrejas e membros das igrejas pertencentes à CIBILA em 2018

<b>IGREJA</b>	<b>MEMBROS</b>
Igreja Batista Independente Zoar de Tuparendi	89
Igreja Batista Independente de Porto dos Gaúchos	14
Igreja Batista Independente de Vila Brasiliana	76
Igreja Batista Independente de Ipiranga	194
Igreja Batista Independente de Vila Pratos	82
Igreja Batista Independente Salém de Planalto do Oeste	71
Igreja Batista Independente da Linha 8 de Agosto	211
Igreja Batista Independente Filadélfia	48
Igreja Batista Independente de Alta Floresta	230
II Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon	100
Igreja Batista Independente Betel de Vila Cristal	123
Igreja Batista Independente de Gaúcha do Norte	38
Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva	79
Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa	384
Igreja Batista Zoar	330
Igreja Batista Independente Betel	460
Igreja Batista Independente Filadélfia de Pomerode	50
Igreja Batista Independente de Sinop	75
Igreja Batista Independente de Colíder	63
Igreja Batista Independente Sião	58
Igreja Batista Independente de Imbituva	71
Igreja Batista Independente de Santa Rita do Oeste	95
Igreja Batista Independente de Maravilha	30
<b>TOTAL DE MEMBROS EM 2018</b>	<b>2971</b>

Fonte: tabela elaborada pelo autor a partir das atas da CIBILA

Houve um crescimento da CIBILA ao longo dos anos. Na publicação de 1998, quando a Convenção estava prestes a comemorar seus 10 anos de organização, apresentaram-se alguns dados estatísticos significativos:

a) *Desenvolvimento dos campos missionários*: em 1989, com a organização da Convenção, passou-se a pensar na expansão de igrejas no Estado do Mato Grosso, fruto também do processo migratório de colonos do Rio Grande do Sul e do Paraná. O primeiro campo missionário neste estado foi organizado na cidade de Sinop, em 30 de abril de 1989. No ano de 1990 também se iniciam frentes missionárias no estado de Santa Catarina. A primeira cidade a

<sup>706</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ. **Estatísticas apresentadas na assembleia de 2018**. Nova Santa Rosa: CIBILA, 2018. Folhas avulsas.

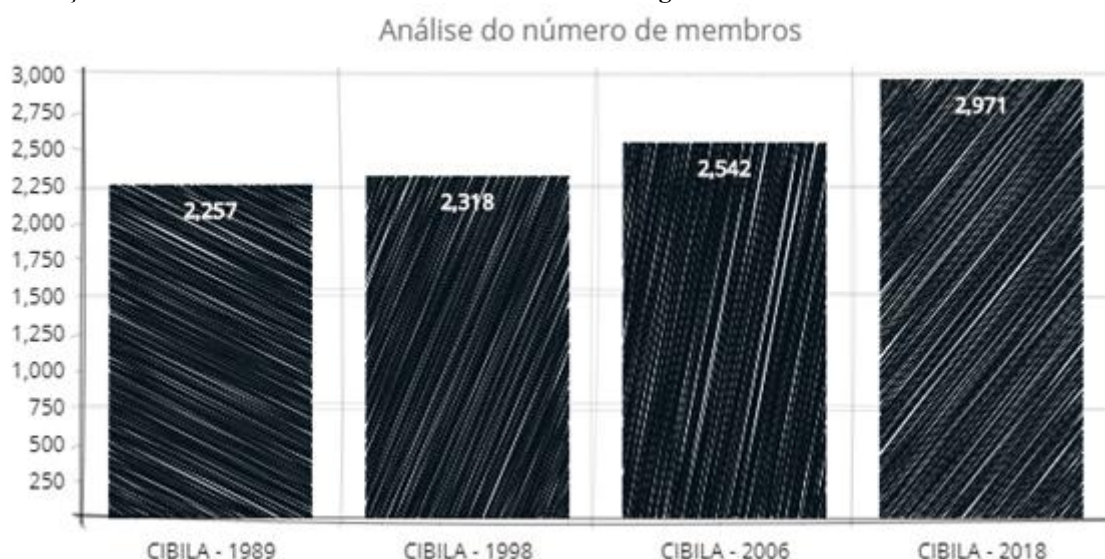
receber uma igreja da CIBILA neste estado foi Jaraguá do Sul. Na primeira década foram estabelecidos 6 novos campos missionários<sup>707</sup>.

b) *Organização de novas igrejas e congregações*: a CIBILA foi organizada com 11 igrejas e depois de uma década praticamente dobrou o número de comunidades. Entre 1989 a 1998 foram organizadas 7 (sete) igrejas e 3 (três) congregações; ao mesmo tempo 2 (duas) igrejas pediram desligamento e 1 (uma) foi dissolvida. Desta forma a CIBILA tinha em 1998 estas 15 igrejas organizadas<sup>708</sup>:

Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva com 90 membros; Igreja Batista Independente Betel, com 365 membros; Igreja Batista Independente da Linha 8 de Agosto, com 170 membros; Igreja Batista Independente Zoar de Novo Machado, com 280 membros; Igreja Batista Independente da Vila Pratos, com 135 membros; Igreja Batista Independente Zoar de Tuparendi, com 68 membros; Igreja Batista Independente de Jaraguá do Sul, com 64 membros; Igreja Batista Independente de Maravilha, com 47 membros; Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa, com 351 membros; Igreja Batista Independente de Vila Cristal, com 158 membros; Igreja Batista Independente de Planalto do Oeste, com 135 membros; Igreja Batista Independente de Santa Rita do Oeste, com 68 membros; Igreja Batista Independente de Brasiliana, com 98 membros; Igreja Batista Independente de Ipiranga, com 202 membros e Igreja Batista Independente de Sinop, com 87 membros, totalizando 2318 membros na Convenção<sup>709</sup>.

Nas atas do ano de 2006, 17 anos depois da organização da CIBILA, pode-se notar a evolução do crescimento também. Foram listados 2542 membros nas igrejas vinculadas à Convenção. O maior salto de crescimento ocorreu nos últimos anos<sup>710</sup>:

#### ILUSTRAÇÃO 22 – Gráfico do crescimento da CIBILA ao longo dos anos



Fonte: gráfico criado pelo autor com base nas Atas da CIBILA

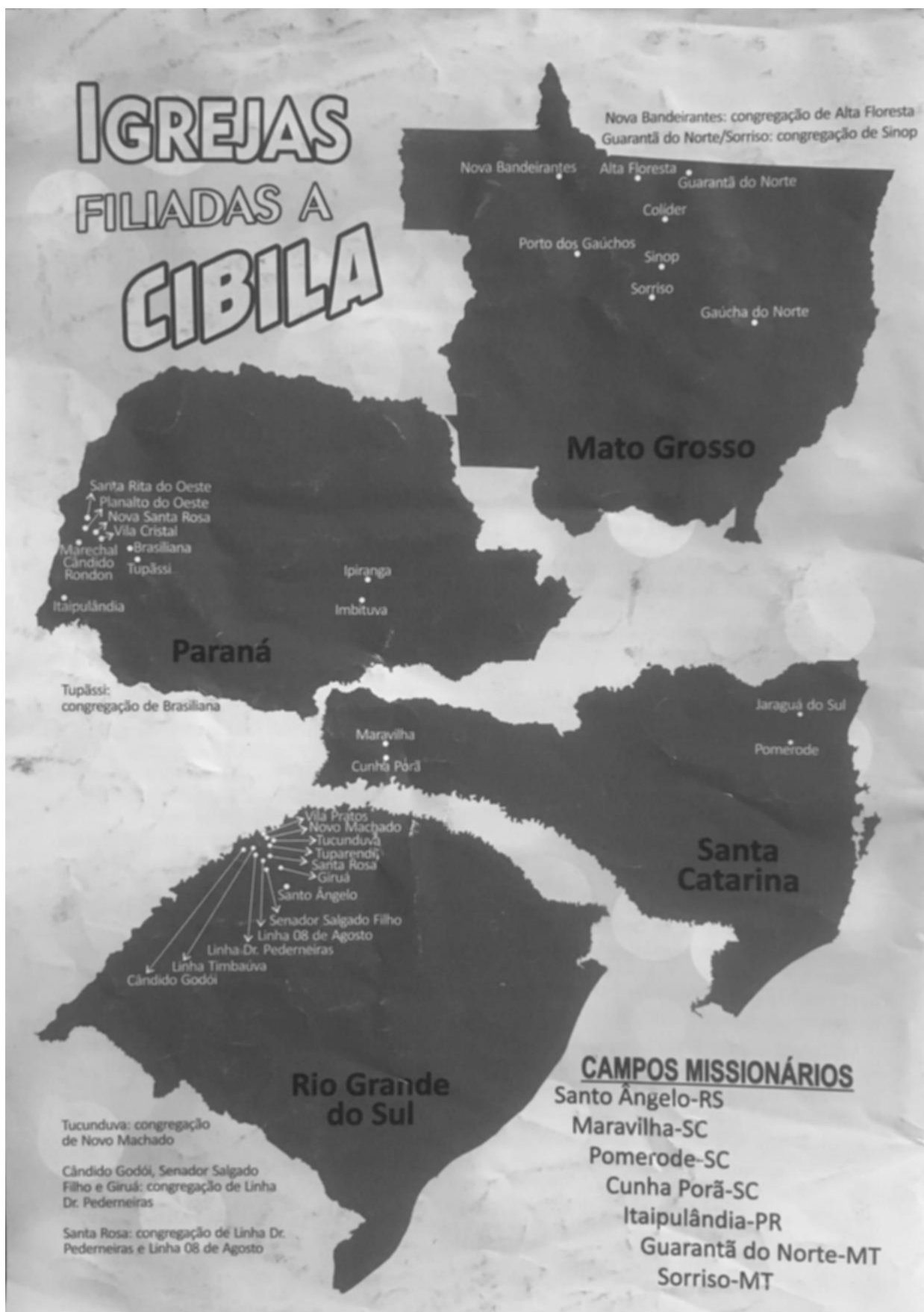
<sup>707</sup> WUTZKE, Vilson. CIBILA – 10 anos. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 5.

<sup>708</sup> WUTZKE, Vilson. CIBILA – 10 anos. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 5.

<sup>709</sup> WUTZKE, Vilson. CIBILA – 10 anos. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 5.

<sup>710</sup> CIBILA. **Livro de Atas 02**. Ata 17, de 06 de janeiro de 2006, p. 34.

ILUSTRAÇÃO 23 – Localização das igrejas filiadas a CIBILA



Fonte: imagem do Boletim Informativo

Além destas estatísticas oficiais sobre a CIBI e a CIBILA, precisa-se mencionar as estatísticas apresentadas pela Aliança Batista Mundial<sup>711</sup>. Estes dados são peculiares, pois a Aliança Batista Mundial reconhece as denominações batistas de teologia tradicional, e em seus dados estatísticos cita a CIBI:

ILUSTRAÇÃO 24 – Membros das igrejas batistas de linhagem tradicional no Brasil

BRASIL		IGREJAS	MEMBROS
Convenção Batista Brasileira	2015	8.392	1.618.663
Convenção de Batistas Independentes (Convenção das Igrejas Batistas Independentes)	2013	805	68.150
Convenção Batista Nacional	2013	2.271	400.000

Fonte: site da Aliança Batista Mundial

Esta citação estatística, além de comparar os batistas em solo brasileiro, traz à discussão a possibilidade de os batistas independentes não serem pentecostais, como são denominados frequentemente – interessante que em seus documentos oficiais eles não usam este termo para si – mas também serem diferentes do movimento batista tradicional, estabelecendo um critério único de avaliação de sua cultura religiosa, que neste trabalho será denominada de *tradicionalismo pentecostal*.

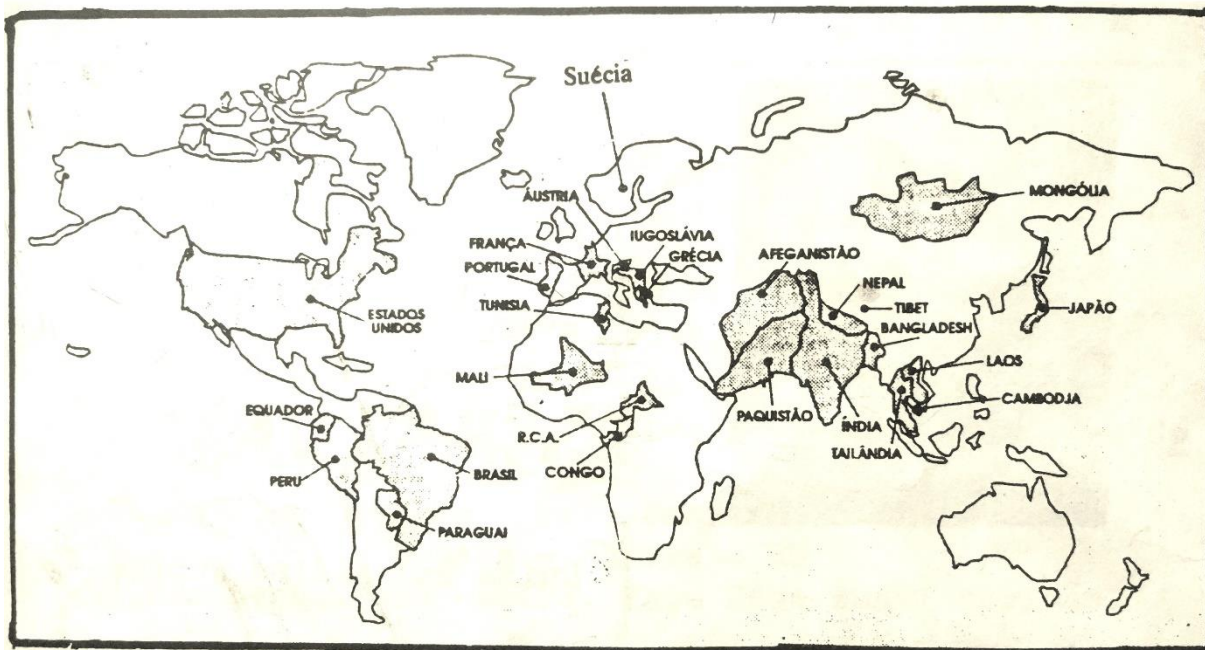
Neste reconhecimento em nível de mundo, é importante citar a influência da CIBI em diferentes países. A Convenção das Igrejas Batistas Independentes está vinculada atualmente à missão sueca<sup>712</sup>, e dessa forma tem igrejas cooperantes nos mais diferentes lugares do mundo.

<sup>711</sup> ALIANÇA BATISTA MUNDIAL. **Estatísticas**. 31 dez. 2015. Disponível em: <https://www.bwanet.org/about-us2/stats#sa>. Acesso em: 22 mai. 2018.

<sup>712</sup> OS BATISTAS INDEPENDENTES NO MUNDO: Numa perspectiva de aumentar a sua abrangência e influência mundial, a missão sueca (Örebromissionen) organizada em 1891, se uniu a outras duas grandes denominações suecas na década de 90, a Helgelseförbundet (Santa Comunhão – também chamada de Aliança de Santidade - de 1887) e os Freibaptister (Batistas Livres, de 1872), gerando um novo meio de cooperação que, em 19 de outubro de 1996, é denominado InterAct. Mais tarde, em 2002, seu nome muda para Evangeliska Frikyrkan (Igreja Evangélica do Espírito Santo). *In*. CIBI. **Ata do Conselho Consultivo da CIBI**, 17 a 20 set. 1996. A Igreja Evangélica do Espírito Santo (EFK) tem as suas raízes na “tradição batista, que na Suécia, durante a segunda metade do século XIX, tomou forma em várias sociedades.” É representada na atualidade por mais de 300 Convenções religiosas que integram entre si mais de 34 mil membros. Sua forma de organização também segue o padrão batista, pois as comunidades decidem voluntariamente cooperar em conjunto para a expansão dos trabalhos denominacionais, sendo a EFK apenas um mecanismo de condensação de forças e canalização deste potencial para o trabalho missionário mundial. Em projeção, a Igreja Evangélica do Espírito Santo alcança 40 países diferentes por meio de suas comunidades locais. A cada dois anos realiza uma assembleia, para a qual são destinados delegados de todas as Convenções nacionais e regionais, que ajudam a decidir onde os esforços financeiros e os trabalhos sociais serão realizados. A estrutura de rede se manifesta na EFK, com a potencialização das contribuições que cada Convenção pode dar individualmente. *In*. EVANGELISKA FRIKYRKAN. **De onde nós viemos?** 16 jun. 2017. Disponível em: <http://efk.se/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

No ano de 1992, em seu jornal oficial, a CIBILA retratou uma imagem na qual localiza os batistas independentes no mundo<sup>713</sup>.

ILUSTRAÇÃO 25 – Batistas Independentes no mundo, segundo estatísticas de 1992



Fonte: Imagem do Boletim Informativo: OS BATISTAS INDEPENDENTES NO MUNDO. **BI**, n. 7, ano 4, jan./jun. 1992, p. 20

O formato convencional aderido e estabelecido pela CIBILA foi importante para a sua manutenção cultural e expansão nos últimos anos, em meio à globalização. Ser uma região cultural e ao mesmo tempo uma zona/faixa de fronteira cultural fez com que a Convenção mantivesse suas bases e incorporasse novas pessoas e estratégias. A própria pós-modernidade, com a sua influência auxiliou na propagação da cultura da Convenção, impulsionada pelo movimento pentecostal e sua mentalidade de ruptura e de ressignificação. A CIBILA difundiu e difunde o tradicionalismo pentecostal pelo momento e contexto histórico em que esteve inserida. É esta cultura vetorizada que será analisada no último capítulo deste trabalho.

<sup>713</sup> OS BATISTAS INDEPENDENTES NO MUNDO. **BI**, n. 7, ano 4, jan./jun. 1992, p. 20.

## 5 A CONVENÇÃO BATISTA INDEPENDENTE E A VETORIZAÇÃO DE SUA CULTURA

A CIBILA tem marcas próprias, vetorizadas com aqueles que entram em contato com a Convenção, que serão destacadas nesta parte do estudo. As primeiras comunidades se aproximaram e geraram os primeiros grupos convencionais (CEBS em 1919, CIEBIB em 1952, CIBI em 1966 e DILA em 1970), culminando na organização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã – CIBILA, em 1989.

Estas igrejas mantêm, como Convenção, características culturais próprias advindas de diferentes vertentes, algumas de difícil associação histórica, mas incorporadas e assimiladas como traços da sua germanidade ou cultura religiosa. Estas características serão analisadas neste capítulo, a começar pela própria germanidade defendida pelos integrantes das primeiras comunidades, elemento cultural estruturante da CIBILA como um todo, sendo o componente de seleção dos aspectos culturais adotados pela Convenção. Os membros eram alemães em sua autodesignação e, a partir dela, os demais elementos foram incorporados, hibridizados e autenticados como constituintes da organização convencional de cultura alemã<sup>714</sup>.

Tanto a seleção e hibridização geraram uma forma própria de ser igreja, a igreja teuto-russo-sueca e fizeram com que o grupo não fosse nem tradicional e nem pentecostal. É uma manifestação única de doutrina e liturgia em solo brasileiro, não estudada ainda. Será utilizada a designação *tradicionalismo pentecostal* para as igrejas que compõem a CIBILA, pelo trânsito de elementos teológicos tradicionais e pentecostais que permeiam as práticas, e também por ser um pentecostalismo muito mais moderado em sua manifestação quando comparado com a Primeira Onda do Pentecostalismo no Brasil<sup>715</sup>.

É importante destacar a centralidade das comunidades religiosas teuto-russo-suecas quando se tem em mente a CIBILA. Elas são igrejas batistas, porém distintas das batistas já instaladas no Brasil, comungando de alguns princípios em comum. Na perspectiva teológica batista a experiência da Convenção é sempre uma ação de identidade e de coletividade. Teoricamente, a Convenção não recebe poder para determinar os rumos das comunidades; são as comunidades que determinam o que a Convenção será. Este pensamento está presente, ou pelo menos deveria estar, em toda a comunidade que se denomina batista.

---

<sup>714</sup> WUTZKE, Wilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11-12.

<sup>715</sup> Sobre a **Primeira Onda do Pentecostalismo** consultar o capítulo 4 da presente Tese.



Destacou-se até aqui as primeiras comunidades, com ênfase à Igreja Batista Bethel. Este destaque tem sua motivação: é a maior e mais antiga comunidade da CIBILA<sup>716</sup>. Nas assembleias convencionais as igrejas enviam delegados de acordo com seu número de membros inscritos em seu rol. Comunidades maiores tinham mais representantes<sup>717</sup>.

A prática das comunidades é que determinou os cursos da Convenção, e é o que se observou na CIBILA. Nos registros de atas (1989-2009) não se observou reuniões para deliberar sobre questões doutrinárias; elas emergiram das bases. A Convenção apenas agrupou igrejas com a mesma prática e forma de pensar, chancelando a marca CIBILA nelas. Recorrer às fontes das comunidades e à sua história foi fundamental para que se conhecesse a CIBILA e o *tradicionalismo pentecostal*.

O capítulo será finalizado destacando o papel da Convenção nesta manutenção cultural, enfatizando a hipótese da nossa tese. O agrupamento foi significativo para as iniciativas de organização de novas igrejas com esta mentalidade, para a aproximação das diferentes igrejas com cultura religiosa parecida e para a criação de mecanismos oficiais de propagação e de verificação cultural da CIBILA<sup>718</sup>. Este agrupamento se deu em meio a pós-modernidade e assumiu contornos multifacetados característicos deste período.

### 5.1 Os filtros determinantes para o tradicionalismo pentecostal

Toda a preparação da última assembleia do Departamento das Igrejas de Língua Alemã (DILA), realizada entre os dias 12 a 17 de janeiro de 1988, e os documentos gerados pela própria CIBILA após a sua organização criaram no imagético o mito fundante a partir de três traços distintivos do grupo: 1) *a Volínia como seu marco geográfico* – esta região é mencionada nos escritos como o ponto de partida dos (i)migrantes: “nossos antepassados, que **vieram da Volhynia** e pertenciam à denominação batista alemã, também fundaram igrejas aqui no Brasil e, assim, continuaram a escrever a história”<sup>719</sup>(tradução e grifo do autor); 2) *a germanidade para a sua vivência social* – seus discursos de prosperidade associavam o lugar de assentamento com a etnicidade do grupo: “**os alemães** chegaram à Volhynia em várias levadas a partir de 1816.

<sup>716</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 4.

<sup>717</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata da organização da CIBILA, 10 de janeiro de 1989, p. 01-12.

<sup>718</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata da organização da CIBILA, 10 de janeiro de 1989, p. 01-12.

<sup>719</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Unsere Vorfahren die von Wolhynien kamen und zu dem deutschen Baptisten gehörten haben auch hier in Brasilein Gemeinden gegründet und somit die Geschichte weiter geschriben.*” In. CIBILA. *Deutsche Baptistengemeinden in Wolhynien*. **BI**, ano 16, n. 31, jul./dez. 2004, p. 03. Tradução do autor.

Dizia-se deles: o alemão é como um salgueiro, onde quer que você o coloque, ele cria raízes”<sup>720</sup> (tradução do autor) e 3) *o trabalho missionário sueco como seu apoio religioso* – “eles se voltaram para o missionário Erik Jansson, que veio da Suécia em 1912, e se juntaram ao seu trabalho”<sup>721</sup>. A idealização da Volínia e a doutrina batista inicial desenvolvida entre os (i)migrantes já foi abordada neste trabalho. Em todos os registros históricos sobre aqueles que se deslocaram ao Brasil há um relato de saga, apontando para seus sofrimentos e desafios. A atenção agora será voltada para a germanidade e a religiosidade pentecostal sueca do grupo.

### 5.1.1 A germanidade imaginada na Convenção

A germanidade imaginada assume para a CIBILA caráter de dogma religioso. Os elementos tidos como germânicos pelo grupo são divinizados, enquanto que aspectos de outros grupos religiosos e étnicos, bem como a cultura brasileira de seu entorno, são intencionalmente rejeitados e demonizados. Esta demonização de traços da cultura não se reproduz de forma teórica na CIBILA. Não há nenhuma proibição oficial sobre o futebol; mas na prática as igrejas filiadas à Convenção não têm campos para a prática do esporte em suas estruturas, mesmo que tenham grandes gramados, isso porque as decisões das comunidades são automaticamente incorporadas pela Convenção<sup>722</sup>.

A hibridização cultural teve como filtro a pretensa manifestação germânica nos elementos traduzidos e incorporados. É importante ressaltar que as origens germânicas do grupo não eram puras, e em suas citações isso transparecia:

os alemães que se estabeleceram na Volhynia a partir de 1816, vieram em diferentes levas do sul da Alemanha, Pomerânia, Mecklenburg [não foi possível encontrar tradução para este lugar], a região da Silésia e de outras áreas da Alemanha, muitos da Polônia, da parte da província da fronteira ocidental do sul da Rússia<sup>723</sup>. (Tradução do autor).

<sup>720</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Die Wolhyniendeutschen kamen nach 1816 in mehreren Schüben... Es hiess von ihnen: ‘Der Deutche is wie Weidenbaum, wo du ihn hinsteckst, schlägt er Wurzeln’*”. In. WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11. Tradução do autor.

<sup>721</sup> TEXTO ORIGINAL: “*wendeten sie sich an Missionar Erik Jansson der im Jahr 1912 aus Schweden gekommen war und schlossen sich an seiner Arbeit an*”. In. WUTZKE, Vilson. *Geschichte der Deutschen Konferenz*. **BI**, ano 10, n. 19, jul./dez. 1998, p. 06. Tradução do autor.

<sup>722</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 12 de outubro de 1970, p. 10; **Livro de Atas 04**, ata de 09 de junho de 1979, p. 83.

<sup>723</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Die Wolhyniendeutschen kamen nach 1816 in mehreren Süben aus Südwestdeutschland, Pomern, Mecklenburg, der Mark aus Schlesien und anderen Gebieten Deutschlans, viele aus aus Polen in das westliche Grenzougouvernement Südrusslands*”. In. WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11.

A maioria dos membros das primeiras comunidades que originam a CIBILA veio da Rússia<sup>724</sup>, local para o qual (i)migraram antes mesmo da organização dos Estados Germânicos na Alemanha em 1870<sup>725</sup>. O principal elemento cultural germânico carregado em todo o processo de (i)migração é a língua,<sup>726</sup> enfatizada em todos os documentos não apenas pela escrita nesta linguagem, mas também pela repetida expressão *deutscher zunge* (língua alemã) em seus escritos oficiais<sup>727</sup>. Embora seja um elemento apenas, foi suficiente para a criação de uma mentalidade nacional que se estendeu até o momento da organização desta Convenção étnica<sup>728</sup>. No surgimento da CIBILA não havia mais nenhum representante vivo que (i)migrou da Volínia para o Brasil. Todos eram brasileiros, mas se autodenominavam alemães<sup>729</sup> e em seus discursos enfatizavam a necessidade de igrejas para este grupo étnico: “Com a intenção de cultivar a comunhão **entre os irmãos alemães**, as comunidades [...] se reuniram para uma conferência [Convenção] alemã”<sup>730</sup> (tradução e grifo do autor).

Esta identidade étnico-cultural foi a grande responsável pela “construção do real” por estas comunidades de (i)migrantes, sendo a fonte de sentido do que faziam, inclusive na esfera religiosa<sup>731</sup>. Os cultos na língua alemã eram tidos como mais “espirituais” do que os que eram realizados na língua nacional, tanto é que os pregadores oficiais escolhidos para as assembleias e conferências eram sempre os que dominavam este idioma<sup>732</sup>. Percebe-se isso no transcórre da história, apresentado pelo veículo de imprensa oficial da CIBILA como resposta positiva dos que gostavam dos cultos na língua alemã, externando a alegria da comunidade ao ter um pastor de fala alemã, Alfredo Winderlich, apelidado carinhosamente de *gritalhão*<sup>733</sup>.

Esta germanidade condutora pode ser notada também na forma como a assembleia organizadora foi registrada em ata: na língua alemã<sup>734</sup>. Além da ata, pode-se notar uma

<sup>724</sup> WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11-12.

<sup>725</sup> CIBILA. *Deutsche Baptistengemeinden in Wolhynien*. **BI**, ano 16, n. 31, jul./dez. 2004, p. 03.

<sup>726</sup> A LÍNGUA ALEMÃ PERMEIA A ASSEMBLEIA DE CRIAÇÃO DA CIBILA. Todos os documentos e falas oficiais foram nesta língua. CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata da organização da CIBILA. 10 de janeiro de 1989, p. 01-12.

<sup>727</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 8.

<sup>728</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 02.

<sup>729</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 de janeiro de 1989, p. 01.

<sup>730</sup> TEXTO ORIGINAL: “Mit der Absicht die Gemeinschaft unter den deutschen Geschwister zu pflegen, haben sich die drei Gemeiden zu einer deutschen Konferenz zusammengeschlossen”. In: WUTZKE, Vilson. *Geschichte der Deutschen Konferenz*. **BI**, ano 10, n. 19, jul./dez. 1998, p. 6. Tradução do autor.

<sup>731</sup> KREUTZ, Lúcio. Identidade étnica e processo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, jul. 1999, p. 79-96.

<sup>732</sup> OS CULTOS OFICIAIS ERAM EM ALEMÃO. Os jovens tinham um culto especial em uma das noites nas assembleias, em língua portuguesa. Ele não atraía o grupo convencional. Os grandes preletores das primeiras assembleias pregavam em alemão. CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 de janeiro de 1989, p. 01-12.

<sup>733</sup> WUTZKE, Vilson. *Pr. Heinrich Koch treu im Werk des Herrn*. **BI**, n. 16, ano 9, jan./jul. 1997, p. 4.

<sup>734</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 de janeiro de 1989, p. 08.

intencionalidade para a valorização do que é tido como germânico na seleção das falas oficiais – todas pronunciadas por um pastor que veio da Alemanha e por outro naturalizado alemão, ambos defensores da etnicidade; o local da realização da organização (a primeira comunidade teuto-russo-sueca da CIBILA, que até o seu centenário mantinha cultos na língua alemã)<sup>735</sup> e o formato da programação: não havia diferença entre as atividades realizada pelas Conferências de Fé, marcadas pela germanidade e com o propósito de sua proliferação, e as assembleias da CIBILA<sup>736</sup>.

Alguns fatores contribuíram para a construção desta identidade germânica repassada por gerações: a organização da Alemanha em nação (1871) se dá muito próxima ao período de deslocamento destes (i)migrantes da Rússia para o Brasil<sup>737</sup>; na Rússia eles preservaram a língua alemã e foram perseguidos por causa dela<sup>738</sup>; praticamente todos eles embarcaram em portos alemães na vinda ao Brasil; a saída da Rússia se deu principalmente por conta da objeção à política de nacionalização russa<sup>739</sup>; o contato com uma cultura nova no Brasil, as distâncias, o isolamento e a vinda em grupo contribuíram para uma resignação cultural e não assimilação completa do meio ao qual estavam ligados no momento<sup>740</sup>.

A identidade germânica manifesta é um construto que emerge dos seguintes elementos:

- a. relações entre os sujeitos e grupos sociais considerando sua língua, seus costumes e tradições, sua religião, suas instituições sociais; b. os múltiplos dados relacionais das práticas sociais a sentimentos de pertencimento a um mesmo povo ou nação em que há ligações definidas pela consanguinidade, pelo convívio em um mesmo lugar geográfico e por um processo histórico constitutivo de relações nos planos econômico, social e político; c. elementos simbólicos e de base material que expressam significados nos processos relacionais compartilhados no âmbito da cultura; d. o engendramento da produção e reprodução cultural considerando a dinâmica mesma de sua operação, levando em conta as interferências, condicionamentos e participações dos sujeitos e grupos sociais<sup>741</sup>.

<sup>735</sup> MODES, 2018, p. 143; IGREJA BATISTA INDEPENDENTE BETEL. **Livro de Atas 05**, ata de 01 de janeiro de 1998, p. 91.

<sup>736</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ (DILA). **Ata da Conferência de Fé da DILA**. Igreja Batista Zoar de Novo Machado, 12 a 17 de janeiro de 1988, p. 1-9.

<sup>737</sup> WACHHOLZ, Wilhelm; HOFFMANN, Patricia; SCHMIDT, Jefferson. Escola e Igreja Teuto-Brasileiras: Germanidade entre preservação e revitalização. **ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH - Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades**. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá, v. V, n. 15, jan. 2013, p. 4.

<sup>738</sup> WUTZKE, Vilson. *Ein Wolhyniendeutscher erzählt eeine Lebensgeschichte*. **BI**, n. 18, ano 10, jan./jun. 1998, p. 3.

<sup>739</sup> WUTZKE, Vilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002, p. 2.

<sup>740</sup> CIBILA. *Deutsche Baptistengemeinden in Wolhynien*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 16, n. 31, jul./dez. 2004, p. 03-05

<sup>741</sup> SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, maio/ago. 2012, p. 538-561.

Com base nos estudos de Seyferth, que analisa o fenômeno da (i)migração para o Brasil, pode-se afirmar que a germanidade (*Deutschtum*) deste grupo que compõe as igrejas da CIBILA se dá na vinda ao país e estabelecimento aqui, pois é no Brasil que este construto se manifesta por meio do convívio, lugar compartilhado, manifestações simbólicas e a reprodução de sua prática<sup>742</sup>. Antes disso não havia a preocupação com esta identificação nacional<sup>743</sup>. Ela só se faz presente no estabelecimento no Noroeste do Rio Grande do Sul e tem como potencializador o contato com as diferentes manifestações culturais brasileiras do momento, originando o germanismo teuto-brasileiro (*Deutschbrasilianertum*) e a insistência das autoridades brasileiras em abrasileirar estes grupos<sup>744</sup>. A construção desta identidade se deu tanto pela liberdade dada aos grupos como também pelas pressões pela adesão à política de nacionalização brasileira<sup>745</sup>. Todos se viam com dupla cidadania, pois para eles

fazer parte de uma organização comunitária [...] não significava desconhecimento da estrutura política estadual e nacional no Brasil. Registros históricos apontam que os imigrantes se percebiam como cidadãos brasileiros. Porém, para eles o exercício da cidadania dava-se mais no âmbito da organização comunitária, portanto, em âmbito mais restrito. Recorrer ao Estado, somente em último caso. Não era de sua tradição esperar ou reivindicar do Estado, mas organizar-se de maneira autônoma. O teuto-brasileiro sentia-se plenamente no exercício da cidadania, mesmo mantendo e cultivando aspectos característicos da sua etnia alemã, fazendo com que se sentissem vinculados ao Estado alemão<sup>746</sup>.

Pode-se perceber claros elementos constituintes e constituídos desta germanidade nas comunidades religiosas que se tornariam a CIBILA, mas que são ressignificados e intencionalmente asseverados quando se organiza o Departamento das Igrejas de Língua Alemã (DILA) e que culmina nesta Convenção étnica: “a imigração e criação de colônias; o progresso de atividades produtivas e a inicial institucionalização da família e da religião”<sup>747</sup>, auxiliados pelos meios de comunicação étnicos, e as respostas dadas pelas comunidades às repressões governamentais<sup>748</sup> foram fatores que criaram esta Convenção que se autodenomina alemã<sup>749</sup>. Foram pilares para a sustentação do *Deutschtum*:

a escola e a igreja. Grande parte das famílias de imigrantes era protestante, para quem a alfabetização é imprescindível para a formação religiosa, que dependia da leitura da Bíblia. O fato do protestantismo se diferenciar da crença da maioria, o catolicismo, e

<sup>742</sup> VOSS, Heinz. *GEMEINDEMITTEILUNGEN* (Compartilhar com as Igrejas). Carta do líder da DILA. Porto Alegre, 03 abr. 1970. O documento está em anexo.

<sup>743</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-02.

<sup>744</sup> SEYFERTH, 1990, p. 24.

<sup>745</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de Atas Perdido*, ata de 09 de maio de 1942, p. 01.

<sup>746</sup> KREUTZ, Lúcio. A Escola teuto-brasileira Católica e a Nacionalização do Ensino. In. MÜLLER, 1994, p. 44.

<sup>747</sup> SANTOS, Ademir Valdir dos. *Zeitgeist ou espírito alemão: etno-história de germanidade e instituição da escola em Santa Catarina*. São Paulo, v. 41, n. 02, abr./jun. 2015, p. 8.

<sup>748</sup> MODES, 2018, p. 75.

<sup>749</sup> SANTOS, v. 41, n. 02, abr./jun. 2015, p. 8-12.

de ser uma religião fundada por um alemão, deu-lhe um poder de integração e identidade cultural, circunscrevendo a própria ideia de “germanidade”<sup>750</sup>.

É interessante notar a centralidade da língua na germanidade teuto-russo-sueca. Muitos dos costumes adotados pelas comunidades não tinham mais ligação com as práticas culturais alemãs, tanto é que os próprios missionários alemães enviados para as primeiras comunidades se sentiram deslocados, mas a língua permaneceu a mesma e era o fator de identificação com a *terra natal*<sup>751</sup>. Em certo sentido a língua resistiu às diferentes mudanças culturais vivenciadas pelo grupo, como destacam Appel e Muysken “...la lengua es el símbolo *par excellence* de la etnicidad”<sup>752</sup>.

A vinculação da religião com a língua foi apenas um dos aspectos do “complexo étnico-religioso”, característico do protestantismo alemão, atrelado também aos conceitos de *deutschum* (germanidade) ou *volkstum* [...]. O resultado da fusão igreja, língua e nacionalismo foi o surgimento da chamada “consciência germânica” nos alemães do Brasil<sup>753</sup>.

Houve neste contexto a apropriação do alemão como língua materna, pelo fato de ter sido a primeira expressão linguística aprendida pelos originadores das comunidades e seus descendentes subsequentes. A ênfase na língua alemã na liturgia e nos documentos da organização da CIBILA foram propositais, pois a nova geração de membros já não considerava a língua alemã como a sua língua materna, o que acabou dando sobrevida ao germanismo presente nas comunidades e na própria Convenção por mais uma década, quando então a língua portuguesa passou a ser assimilada na liturgia e nos documentos, sendo esta atualização inclusive mencionada como necessidade para a continuidade do grupo<sup>754</sup>.

Seyferth, nos seus estudos sobre a imigração, destaca que aqueles que (i)migraram sempre mantiveram algum traço característico de seu país de origem. Para ela houve mudanças nas identidades, que são meras atualizações, uma nova forma de ver. “Critérios anteriores de identificação não seriam mais usados. Apesar de os descendentes não falarem mais a língua, existiria, por exemplo, a perspectiva etnocêntrica da superioridade étnica através do *ethos* do trabalho, em que o alemão mostraria sua eficiência”<sup>755</sup>.

<sup>750</sup> SEYFERTH, Giralda. “A colonização alemã no Brasil”. In. FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp. 1999, p. 66.

<sup>751</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Zum gedenken na die 50 jahre**. Porto Alegre: Esperança, [1988?], p. 01-02.

<sup>752</sup> APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996, p. 26.

<sup>753</sup> SANTANA, Nara Maria Carlos de. **Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito**. **Dimensões**, UFES – Programa de Pós-Graduação em História, v. 25, 2010, p. 242.

<sup>754</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**, ata de 16 de janeiro de 1997, p. 88.

<sup>755</sup> SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. Luteranos de Londrina (PR) e germanidade: interpretações sociológicas sobre a composição religiosa brasileira do início do século XXI. **Anais da XXIV Semana de Ciências Sociais da UEL: "Ciências Sociais: Desafios contemporâneos"**, 2013, p. 7-8.

Contudo, a língua era o fator que determinaria a nacionalidade e que distinguiria de modo categórico os pensamentos e sentimentos da maneira de ser de um povo. Seria também a delimitação abstrata e imaterial das fronteiras (e da existência) culturais. Portanto, sua sobrevivência seria essencial à sobrevivência da germanidade e do grupo étnico teuto-brasileiro. Essa língua, aliás, tem raízes na própria religião, pois Lutero é considerado o criador da relação entre escola, religião e língua, contribuindo para o desenvolvimento de uma língua pura, separada dos dialetos.<sup>756</sup>

Vale destacar que a língua, tão essencial na constituição destas comunidades, também sofreu inúmeras alterações<sup>757</sup>. O norte-americano Benjamin F. Schappelle, em seu trabalho, enumerou vários vocábulos que diferem de colônia para colônia, e que também podem ser encontrados nos discursos entre os membros das comunidades que compõem a CIBILA<sup>758</sup>.

ILUSTRAÇÃO 26 – Transformação de palavras portuguesas em expressões “alemãs”

Português-Brasileiro	Alemão-Brasileiro
Capoeira	<i>Capoeire</i>
Mula	<i>Mule</i>
Roça	<i>Rosse</i>
Capinar	<i>Capinen</i>
Trocar	<i>Trocken</i>
Sertão	<i>Sertong</i>
Algodão	<i>algodong</i>
Jacaré	<i>Schakare</i>
Cachaça	<i>Cachass</i>
Charuto	<i>Charute</i>
Doce	<i>Doss</i>

Fonte: SCHAPPELLE, Benjamin Franklin. *The German Element in Brazil: Colonies and dialect*. **Americana Germanica**, n.26. Philadelphia, Americana Germanica Press, 1917, p. 24.

A mistura da língua não foi resultado exclusivo da convivência religiosa. A historiografia aponta que a influência do meio físico diferenciado e a heterogeneidade da própria comunidade teuta, assim como os contatos entre dialetos, foram também fatores importantes e que tiveram como resultado a criação de novas palavras com recursos de sua língua de origem e a adoção de termos usados por grupos étnicos vizinhos. Outro fator a ser destacado foi a ausência de um idioma padrão que contribuiu para a mistura do linguajar utilizado pelos colonos<sup>759</sup>.

<sup>756</sup> SPIRANDELLI, 2013, p. 9.

<sup>757</sup> CIBILA. *Die Gemeinde in Nova Santa Rosa hat Neuen Pastor*. **BI**, ano 1, n.1, jan./dez. 1989, p. 05.

<sup>758</sup> SCHAPPELLE, Benjamin Franklin. *The German Element in Brazil: Colonies and dialect*. **Americana Germanica**, n. 26. Philadelphia: Americana Germanica Press, 1917, p. 24.

<sup>759</sup> SANTANA, *Dimensões*, v. 25, 2010, p. 242.

A germanidade teuto-russo-sueca da CIBILA acompanhou a mentalidade criativa do germanismo teuto-brasileiro manifesto em outros lugares, sendo semelhante na sua forma de se estruturar, e foi uma criação própria das comunidades teuto-russo-suecas pelo contato que têm entre si e com os outros<sup>760</sup>. Nem todos os costumes manifestos nas comunidades tiveram uma ligação histórica com hábitos e costumes da Alemanha, mas foram atualizados, ressignificados e reproduzidos a partir da realidade brasileira, à parte da cultura oficial, mas chamados de germânicos<sup>761</sup>. Esta identidade corresponde à forma como os “membros se identificam a si mesmos e são identificados pelos outros”<sup>762</sup>. O contraste é importante nesta construção:

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada<sup>763</sup>.

Alguns estudiosos entendem esta formação cultural como uma revitalização da identidade destas pessoas. Tendo em mente a ideia de bagagem cultural (bagagem no seu sentido mais simples possível, como algo que é carregado), compreende-se que cada ser humano tem a sua própria mala, cheia de sentimentos, conhecimentos e, no contexto da (i)migração para e no Brasil, com diversos utensílios e instrumentos, que são aproximados de pessoas que carregam outros elementos, alguns extremamente diferentes. Neste contato, cada pessoa decide usar o que acha que “combina” com o cenário, relegando alguns itens ao esquecimento. Esta nova forma de viver a partir da seleção e aproximação com os outros se torna a sua revitalização identitária<sup>764</sup>.

Precisa-se considerar que os que (i)migraram e também os que estabeleceram a CIBILA vieram de comunidades diferentes, nas quais estavam agrupados a outras pessoas, com diferentes manifestações culturais<sup>765</sup>. Com isso não se pode nem mesmo denominar, no sentido

<sup>760</sup> VOSS, Heinz. *GEMEINDEMITTEILUNGEN* (Compartilhar com as Igrejas). Carta do líder da DILA. Porto Alegre, 03 abr. 1970.

<sup>761</sup> THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13.

<sup>762</sup> LEHMANN-CARPZOV, Ana Rosa. A identidade étnica nas representações simbólicas dos turistas alemães e das garotas de programa brasileiras, no contexto do turismo sexual do Recife. In: Fátima Quintas (Org.). **Mulher Negra**: preconceito, sexualidade e imaginário. Recife, Massangana, 1995. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso>. Acesso em: 11 jul. 2019.

<sup>763</sup> OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade étnica, identificação e manipulação. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/912/1116>. Acesso em: 05 nov. 2008, p. 120.

<sup>764</sup> WACHHOLZ; HOFFMANN; SCHMIDT. **ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH**, v. 5, n. 15, jan. 2013, p. 1-4.

<sup>765</sup> WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, n. 3, jul./dez. 1990, p. 11-12.



estrito do termo, os que vieram ao Brasil como alemães, muito menos considerar a geração legalmente capaz no momento da organização da CIBILA como sendo alemã. Já houve hibridismo cultural na Rússia e muito mais no Brasil<sup>766</sup>. Eles “trouxeram consigo cada qual sua própria compreensão de cultura alemã e espírito alemão, portanto daquilo que normalmente é chamado de germanismo”<sup>767</sup>.

A perspectiva de superioridade assimilada pelo grupo e difundida pelas suas práticas foi importante elemento para a seleção e a imposição da cultura religiosa da CIBILA, pensamento introjetado por gerações e com um preconceito racial internalizado<sup>768</sup>. Desde o início “a dedicação ao trabalho e a autovalorização” dele foram marcas presentes na colonização alemã gerando uma “concepção de superioridade baseada em dois pressupostos: a raça e o trabalho”<sup>769</sup>.

Esta germanidade manifesta pelas igrejas batistas independentes de língua alemã e pela CIBILA tem traços singulares quando comparada com a germanidade manifesta por outros grupos no Brasil, em outros contextos geográficos, sociais e religiosos. Nesta perspectiva a própria germanidade, representada principalmente pela língua e seu uso em documentos e na liturgia, foi elemento cultural vetorizado por este grupo religioso, com o peso da própria religião manifesta e autorizado pela Convenção<sup>770</sup>. Ser alemão implicava estar mais perto da verdade bíblica. Mas além da germanidade, houve outros elementos culturais, relacionados principalmente ao aspecto religioso, que foram difundidos pela CIBILA e que serão estudados na sequência.

### 5.1.2 A idealização do missionário sueco e sua perspectiva teológica

Os jornais da CIBILA pouco falam de John Ongman. O destaque dado a ele esteve relacionado ao envio de Erik Jansson ao Brasil, tido como um herói religioso<sup>771</sup>. Transparece nos escritos uma espécie de dívida de gratidão pelo trabalho realizado por Jansson, mas não houve muitas menções voltadas para a Organização Missionária que sustentou Jansson, nem para seu organizador.

<sup>766</sup> MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades Traduzidas:** cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 36-39.

<sup>767</sup> PRIEN, Hans-Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil.** São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001, p. 28.

<sup>768</sup> CIBILA. *Deutsche Baptistengemeinden In Wolhynien.* **BI**, ano 16, n. 31, jul./dez. 2004, p. 03-05.

<sup>769</sup> SANTANA, **Dimensões**, v. 25, 2010, p. 239.

<sup>770</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-02.

<sup>771</sup> ANNA UND ERIK JANSSON, *UNSERE PIONIERS.* **BI**, n. 14, ano 8, jan./jul. 1996, p. 7.

Três menções são as principais nas décadas de produção do *Boletim Informativo*, sendo uma delas um ensaio do jornal. A primeira mencionou que “Tudo começou com a Organização Missionária de Örebro na Suécia, ao enviar o missionário Erik Jansson ao Brasil”<sup>772</sup>. Na segunda menção, evidenciou-se mais detalhes: “A liderança deste jornal enviou essa solicitação a John Ongman, diretor da Organização Missionária de Örebro. Após a análise deste pedido, a *ÖM* enviou Erik Jansson ao Brasil em 1912”<sup>773</sup>. O relato mais detalhado desta ligação missionária com Örebro e John Ongman<sup>774</sup> está na edição 56 do *Boletim Informativo*:

Os Batistas Independentes no Brasil são originários da Missão de Örebro-Suécia – fundada por John Ongman em 1882, com a finalidade de despertar maior interesse por missões transculturais. Em 1908 foi organizada a Escola Missionária de Örebro e Ongman foi seu líder. A primeira tentativa da Junta Missionária de Örebro para implantar um trabalho no Brasil aconteceu em 1893, quando o imigrante sueco John Asblon enviou uma carta a John Ongman solicitando o envio de um missionário ao Brasil. Adolf Larsson confessou ter um chamado especial para ser missionário no estrangeiro e candidatou-se para vir ao Brasil. No mesmo ano, foi enviado para trabalhar em São Paulo e chegou no Brasil, pelo Rio de Janeiro. Ali permaneceu alguns dias, contraiu febre amarela e faleceu antes de chegar ao seu destino: São Paulo. Após 18 anos, em 1911 aconteceu o segundo apelo. Anders Gustav Andersson, membro da colônia sueca instalada na Vila Guarani [...] escreveu uma carta solicitando um missionário. Esta moveu o coração de John Ongman, presidente da Missão, sendo então enviado o missionário Erik Jansson<sup>775</sup>.

<sup>772</sup> TEXTO ORIGINAL: “*Es begann damit, dass die Örebromission in Schweden, Missionar Erik Jansson nach Brasilien sandte*”. In. DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 02.

<sup>773</sup> WUTZKE, Vilson. *Geschichte der Deutschen Konferenz*. **BI**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998, p. 6.

<sup>774</sup> JOHN ONGMAN nasceu na Suécia em 15 de novembro de 1844. Embora tenha nascido num lar bastante pobre, Ongman herdou de seus pais uma sólida educação religiosa, característica do preceituário luterano. Em 1864, Ongman visitou um velho amigo de infância que era evangélico, e se converteu a fé batista. Após seu batismo, ele se tornou evangelista na igreja em que congregava. Depois ele se mudou para a América do Norte, onde viveu aproximadamente vinte anos, sendo pastor numa comunidade batista. Foi lá que ele recebeu influências pentecostais, dentre elas o avivamento americano e o movimento de santidade. Teve ainda a oportunidade de fazer parte de um curso de Teologia. Na década de 1870 Ongman entrou em contato pela primeira vez com a linha de pensamento representada por Finney (1792 - 1875), que introduziu várias inovações no ministério religioso, tais como a permissão da manifestação das mulheres em cultos para ambos os gêneros, e era também famoso por realizar seus sermões de improviso, e Moody (1837 - 1899), teólogos pentecostais. Quando ele saiu dos EUA para ser pastor em Örebro, levou consigo estas influências, com destaque: aos encontros específicos de avivamento, conferências para edificação e inspiração missionária, escolas bíblicas para aqueles que quisessem fazer parte do trabalho em missões nacionais e internacionais, organizações missionárias ao lado de missões comunitárias e envolvimento de mulheres na proclamação da Bíblia. Estas influências mudaram a denominação batista tradicional na Suécia para um movimento pentecostal. Quando ele retornou à Suécia, encontrou pessoas que comungavam dos seus pensamentos pentecostais. O “falar em línguas” e a “mensagem profética” eram novidades. Muitos jornais cristãos escreveram sobre o movimento. Primeiro empregados, esperando que a nova forma de ser igreja trouxesse renovação a toda a nação; e em um segundo momento mais reservados. O movimento centralizou-se nas igrejas batistas e esteve ligado à sua própria experiência pessoal e vida espiritual e, com seu apoio, cresceu, pela confiança depositada no líder. Ongman foi também o idealizador da organização missionária chamada de *Örebromissionen*. Esse projeto foi iniciado para promover missões, com forte tendência carismática e expandiu esta forma de pensar por meio de seus missionários. In. **E Deus fez crescer**, Campinas: Departamento de Imprensa da Convenção das Igrejas Batistas Independentes; 1977, p. 10-11; MAGNUSSON. 1932, p. 68; SCHMIDT, Emanuel. *Svenska Baptisternas I Amerika Teologiska Seminarium 1871-1921*. Chicago: Conference Press, 1921, p. 28.

<sup>775</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11.

Este “silêncio” acerca da organização sueca e o enaltecimento da Volínia e da etnicidade alemã parecem ter sido intencionais para destacar a germanidade e suprimir o pentecostalismo atribuído ao grupo<sup>776</sup>. Interessante perceber que houve um espaço que se repetia no *Boletim Informativo* sobre os teuto-russos e suas vivências na Volínia, apontada praticamente como um estado germânico<sup>777</sup>; houve relatos de visitas feitas pela liderança da CIBILA à Rússia, reconhecendo as principais igrejas batistas na Volínia<sup>778</sup>; mas houve um silêncio sobre a Suécia e a escola de John Ongman.

Foi a Organização Missionária de Örebro (*Örebromissionen – ÖM*), fundada por John Ongman, pastor da Igreja Filadélfia de Örebro<sup>779</sup>, em 1882, a principal fonte da teologia sueca (pentecostal) incorporada pela CIBILA. A organização missionária surgiu na Suécia em meio a diferentes movimentos, que ajudam a entender as suas perspectivas teológicas: primeiro, a luta contra o alcoolismo, visto pelos membros como um problema social que dificultava o progresso e que precisava ser combatido; segundo, o movimento trabalhista, que lutava por melhores condições de trabalho e salários mais dignos e terceiro, o surgimento das igrejas evangélicas livres, entre elas as igrejas batistas, decorrentes de uma mobilização social denominada de *avivamentos*, originários principalmente do mundo anglo-saxônico, que teve movimentos populares na sua base de formação que originam comunidades distintas. O historiador Gunnar Westin descreveu esse acontecimento dentro do século XIX como “um processo de remodelação da Igreja de grandes proporções”<sup>780</sup>. As igrejas livres, que surgiram da separação das oficiais e reconhecidas pelos estados durante o século XVIII, carregavam em

<sup>776</sup> CIBILA. 100 Anos de Missão Batista Independente. **BI**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, capa.

<sup>777</sup> WUTZKE, Vilson. *ZUR GESCHICHTE DER RUSSLANDDEUTSCHEN*. **BI**, n. 3, jul./dez.1990, p. 11-12; WUTZKE, Vilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002, p. 2.

<sup>778</sup> WUTZKE, Vilson. *Unser Besuch in Ukraine, das Ehemalige Wolhynien*. **BI**, n. 18, ano 10, jan./jun. 1998, p. 05.

<sup>779</sup> A IGREJA FILADÉLFIA DE ÖREBRO foi fundada em 27 de agosto de 1897 com 97 membros. Se tornou a segunda Igreja Batista de Örebro, que teve como marca o trabalho missionário na Suécia, Europa e outros países, sendo a precursora do movimento batista pentecostal.

<sup>780</sup> WESTIN, Gunnar. *Den kristna friförsamlingen i Norden. Frikyrklighetens uppkomst och utveckling*. Stockholm. Westerbergs. 1956, p. 31. In. JANZON, Göran. *Denna avhandling ingår i Studia Missionalia Svecanaserien, som utges av Svenska Institutet för Missionsforskning*. Örebro. Författaren och Libris förlag, Örebro Formgivning: Omforma/Magnus Åkerlund, 2008, p. 61.

si a base teológica proveniente de dois movimentos: o *pietismo*<sup>781</sup> e o *puritanismo*<sup>782</sup>, e que posteriormente foi denominado novo evangelismo, e tiveram influência decisiva sobre o movimento pentecostal sueco, internalizado pela CIBILA<sup>783</sup>.

Quando o movimento das igrejas livres se instalou na Suécia, este Estado era oficialmente luterano desde os tempos do rei Gustavo Vasa, ou Gustavo I (1496-1560). Todos os outros movimentos religiosos não eram vistos com bons olhos e alguns foram duramente perseguidos. Era comum encontrar estes três movimentos suecos – o trabalhista, a luta contra o alcoolismo e as igrejas livres – como interesse compartilhado pelas mesmas pessoas. Este mesmo lugar, a partir de 1907, vivenciou uma nova forma de pensar Teologia: o movimento pentecostal. Foi a Suécia o país irradiador do movimento pentecostal para o mundo, e isso faz mais sentido ainda quando se pensa no Brasil. As duas primeiras denominações vinculadas à Suécia, sendo uma delas vista como iniciadora da Primeira Onda do Pentecostalismo Brasileiro a partir de 1910 – a Assembleia de Deus – e a outra tida como pentecostal, mas ignorada nos registros da Primeira Onda – as Igrejas Batistas Independentes – tiveram ligação com grandes igrejas pentecostais da Suécia e com missionários de lá deslocados<sup>784</sup>. Foi um movimento dissidente que gerou outras fragmentações onde ia se inserindo<sup>785</sup>.

A ÖM teve claras conotações pentecostais e étnicas em um primeiro momento – início do século XX. Por conta desta característica étnica, teve um crescimento mais lento que outras igrejas e organizações pentecostais fundadas na mesma época nos EUA e no País de Gales, reproduzindo outras igrejas étnicas, o que também se observou no Brasil<sup>786</sup>.

<sup>781</sup> PIETISMO: “Movimento de intensificação da fé cristã nascido no seio do luteranismo, na segunda metade do século XVII, liderado por Phillip Jacob Spener (1635-1705) e A. H. Francke (1663-1705). O mais conhecido dos escritos de Spener foi o que acabou dando nome ao pietismo, os *Pia Desideria* (1675). Contra o dogmatismo intelectualista dos teólogos e a ortodoxia doutrinária da Igreja Oficial, o pietismo valorizava uma religiosidade prática de caráter íntimo e fervoroso. Mais que a Teologia, importava a piedade cristã: uma conduta de vida centrada na experiência de fé, sentida mais do que pensada, aliada à mais rigorosa conduta moral”. In. WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva**. Brasília: UNB, 2000, 2009 (reimpressão), p. 287.

<sup>782</sup> PURITANISMO: Pode ser considerado a reforma da reforma protestante na Inglaterra. O sistema presbiteriano de governo foi uma das mentalidades introduzidas pelo puritanismo. In. MENDONÇA, A. G. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: UESP, 1997, p. 59. Mas “mais do que o sistema presbiteriano, o maior legado do puritanismo ao protestantismo foi a sua visão de mundo e a maneira de viver nele. Concordavam com a necessidade de ‘purificação’, de intensificação da vida religiosa e da disciplina – tudo dentro das diversas organizações eclesiais”. In. WACH, J. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 195.

<sup>783</sup> WESTIN, Gunnar. *I den svenska friyrklighetens genombrottstid*. Svensk baptism till 1880-talets slut. Kyrkohistriska uppsatser. Stockholm: Westerbergs. 1963, p. 29, 34, 40 e 41. In. JANZON, 2008, p. 62.

<sup>784</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-12.

<sup>785</sup> EKSTÖM, 2008, p. 18.

<sup>786</sup> EKSTRÖM, 2008, p. 23.

Como instituição missionária, a *ÖM* enviou diversos missionários batistas ao mundo, em decorrência da mentalidade adotada pela agência, que envolvia três eixos básicos: 1. Forte ênfase em missões, sendo este o objetivo principal da cooperação das igrejas que integravam o quadro da Missão; 2. Aceitação do movimento carismático/pentecostal, com incentivo a experiência do “batismo no Espírito Santo” e 3. A abertura para o ministério feminino. Desde a Escola Bíblica, em 1892, e o Seminário fundado em 1908, o espaço feminino estava garantido. Inicialmente as candidatas eram aceitas para o trabalho de evangelismo e missionário; posteriormente, a partir da década de 1960, para a função pastoral<sup>787</sup>.

Além da questão étnica, é importante destacar outros contornos manifestos pelo movimento pentecostal na Suécia, em contraste com os demais surgidos neste período. O pentecostalismo sueco era uma releitura do que ocorreu nos outros lugares, tendo uma perspectiva teológica mais próxima do movimento tradicional e um crescimento mais moderado. As influências do movimento provêm de Azusa Street, da Convenção de Keswick<sup>788</sup> e do País de Gales, que havia vivenciado esta renovação carismática alguns anos antes<sup>789</sup>.

As igrejas livres da Suécia foram as mais impactadas pelo movimento pentecostal. Elas tinham ligação com o deslocamento migratório que levou alguns luteranos suecos, pelo contato além-mar, a questionar a religião tradicional. Estes grupos fizeram uma releitura da história eclesiástica e elaboraram um pensamento de missão que os levou para fora de suas fronteiras. Nasceu com as igrejas livres o interesse pelo alcance do mundo com a mensagem cristã. Esta perspectiva para fora trouxe impacto interno: na década de 1850 a 1869 os batistas haviam acrescentado às suas igrejas mais de 4 mil membros<sup>790</sup>.

Quando o movimento pentecostal alcançou as igrejas livres suecas, ocorreu a primeira hibridização entre a teologia batista tradicional e a pentecostal, isso porque toda a sua teologia inicial estava alicerçada sobre um pensamento tradicional, dominado principalmente pela teologia batista (semelhante, quando não igual, à seguida pelos (i)migrantes teuto-russos da Volínia que originam as primeiras comunidades da CIBILA), que passou a ter outros contornos

---

<sup>787</sup> EKSTRÖM, 2008, p. 23.

<sup>788</sup> “A CONVENÇÃO DE KESWICK “é uma reunião anual de cristãos evangélicos em Keswick, no condado inglês de Cumbria. A Convenção de Keswick começou em 1875 como um catalisador e ponto focal do movimento emergente da Vida Mais Alta no Reino Unido. Foi fundada pelo anglicano T. D. Harford-Battersby e o quaker Robert Wilson. A primeira Convenção de Keswick teve mais de quatrocentas pessoas na assistência.” In. VALÉRIO, Samuel Pereira. **Pentecostalismo de migração: terceira entrada do Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: PUC – Dissertação do Mestrado em Ciências da Religião, 2013, p. 11.

<sup>789</sup> VALÉRIO, 2013, p. 11.

<sup>790</sup> LUNDKVIST, Sven. *Tron och gärningarna. Svekna Missionsförbundets bakgrund och utveckling till omkring 1970*. Studia Missionalia Svecana XVIII. Uppsala: Svenska Institutet för Missionsforskning, 2003, p. 13. In. JANZON, 2008. p. 61.

provenientes do pentecostalismo. Na Suécia, as igrejas batistas vivenciaram um efeito parecido com o experimentado pelos imigrantes teuto-russos no Brasil<sup>791</sup>.

A pentecostalização destas igrejas tradicionais está relacionada aos principais focos de manifestação pentecostal no mundo e, como norma manifesta pelo pentecostalismo, foi diferente em cada lugar. Pode-se destacar os seguintes momentos no cenário religioso mundial, influente sobre o movimento pentecostal que atinge as igrejas na Suécia:

a) *O Movimento de Santidade*, iniciado por John Wesley (1703-1784), trouxe os primeiros tons para esta perspectiva teológica. Surgiu em meio ao Metodismo, carregando leves traços do calvinismo mesclado ao arminianismo, com forte ênfase pietista<sup>792</sup>. Wesley acreditava que a santificação do homem era um passo dado por ele próprio e que, ao ser alcançado, representava uma *segunda bênção*.<sup>793</sup> A expressão “segunda bênção” se tornou peça-chave na teologia pentecostal, que trouxe à sentença a associação ao falar em línguas<sup>794</sup>. Este esforço do ser humano no processo soteriológico deu os contornos arminianos à teologia pentecostal.

b) *O Movimento Holiness* é identificado a partir de um acampamento realizado em 1867. Conversões em massa, aglomeração de pessoas para a pregação da Bíblia e o surgimento das igrejas livres foram as principais características desta manifestação pré-pentecostal. Associados aos elementos tradicionais do pentecostalismo, houve novas manifestações, como “cair no poder”, “tremores”, “riso santo” e “dança do Espírito”<sup>795</sup>. O movimento *holiness* se dividiu internamente, originando diferentes igrejas que assumiram a frente no movimento pentecostal dele decorrente.

c) *Avivamento do País de Gales (novembro de 1904 a abril de 1906)* – Evan Roberts, filho de um mineiro, sem instrução formal, por meio de uma prédica simples e com orações longas de contrição e confissão, foi propagador de um movimento de avivamento no País de

<sup>791</sup> WESTIN, Gunnar. *I den svenska friyrklyhetens genombrottstid*. Svensk baptism till 1880-talets slut. Kyrkohistiska uppsatser. Stockholm: Westerbergs, 1963, p. 232-239.

<sup>792</sup> CALVINISMO, ARMINIANISMO E PIETISMO: a teologia calvinista e a arminiana são sistemas opostos: enquanto o calvinismo prega a absoluta soberania de Deus ao escolher as pessoas para a salvação e a danação eterna, o arminianismo sugere que o ser humano pode cooperar com Deus. No movimento de santidade juntou-se elementos teológicos interessantes: da parte de Deus a salvação é uma garantia (calvinismo) que deve ser buscada pelo ser humano (arminianismo). Para esta busca ser real, precisava-se apelar não apenas à mente, mas também ao coração, com uma mensagem emotiva e piedosa (pietismo).

<sup>793</sup> VALÉRIO, 2013, p. 48.

<sup>794</sup> FALAR EM LÍNGUAS (GLOSSOLALIA) “é o termo usado para manifestação da glossolalia que neste caso seria a manifestação de uma língua espiritual não compreendida pelos homens. Conforme a crença Pentecostal, pode-se interpretar as línguas, e de forma geral, a sua interpretação é uma oração a Deus. In. SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009, p. 45.

<sup>795</sup> “CAIR NO PODER”, “tremores”, “riso santo” e “dança do Espírito” são terminologias utilizadas pelo movimento *holiness*, e posteriormente pelos pentecostais para dar ênfase e nome a suas respectivas experiências espirituais. In. SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático**. São Paulo: Vida, 2009, p. 52.

Gales que levou centenas de pessoas às igrejas (diferentes igrejas e até mesmo casas), onde sem uma liturgia clara, nem uma organização formal, passaram mais de seis horas consecutivas orando. As orações eram intercaladas por músicas e meditações em trechos bíblicos. Não houve menção da manifestação de línguas, mas houve choros, histeria e orações simultâneas como marcas deste movimento<sup>796</sup>.

*d) Movimento Pentecostal em Topeka – Kansas e Azusa Street<sup>797</sup> (1901 e 1906)* – os dois episódios, tidos como o início do pentecostalismo, ocorreram nos EUA. Atribui-se a Charles Fox Parham a primeira escrita explicando o que seria a base da teologia pentecostal, dando a ênfase ao dom de línguas que surgiu neste contexto histórico, decorrente dos movimentos em Topeka e Azusa<sup>798</sup>. É interessante que os propulsores desta nova forma eclesiológica demonstravam a santificação por meio de uma língua estática presente inicialmente em cultos com predominância de negros, mulheres e estrangeiros<sup>799</sup>.

*e) O Movimento Pentecostal na Suécia* – Andrew G. Johnsson foi o responsável pela implantação do pentecostalismo em solo sueco. Ele frequentou, enquanto residia nos EUA, os cultos na Azusa Street, testemunhando as manifestações de glossolalia e também as inúmeras pessoas que caíam *tomadas pelo poder de Deus*. Além de Johnsson, um grande número de suecos participou deste movimento em seu início<sup>800</sup>.

Todos estes movimentos se influenciaram e foram adaptados à realidade sueca, gerando o pensamento predominante na *ÖM*. Johnsson, quando voltou dos EUA para a Suécia, encontrou o país envolto em uma espécie de renovação religiosa, com cultos que tinham muitos participantes<sup>801</sup>, semelhantes aos ocorridos na América do Norte. Não havia ainda todos os elementos do pentecostalismo constituído em solo americano e presente em outros lugares, mas havia claros indícios de aproximação entre os movimentos. *As conferências de edificação*

<sup>796</sup> DEMOSS, Nancy L.; SMITH, Maurice. **O avivamento no País de Gales**. Americana: Impacto, 2016, p. 5-39.

<sup>797</sup> AZUSA COMO BERÇO DO PENTECOSTALISMO – “o que tornou o movimento da Rua Azusa o berço do pentecostalismo contemporâneo não foram propriamente as manifestações de glossolalia, curas e exorcismos, pois não se originaram especificamente nesse episódio. A distinção desse movimento nasce a partir do momento em que as reuniões da Rua Azusa receberam a atenção da imprensa secular em sua primeira semana de programação. Os encontros, que eram liderados pelo Pastor William Seymour, negro, garçom e filho de ex-escravos, começaram a acontecer dia 14 de abril de 1906 e, três dias após, o jornal Los Angeles Daily Times enviou um repórter ao local das reuniões: ‘O Los Angeles Times enviou um repórter a um culto noturno na primeira semana de existência da Missão. O artigo resultante serviu como propaganda gratuita, apesar de seu patente tom aviltante’”. In. ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 605; SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. O Pentecostalismo Clássico brasileiro em vias de midiaticização. **Extraprensa**, v. 11, n. 1, 2017, p. 262.

<sup>798</sup> CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005. p. 104.

<sup>799</sup> VALÉRIO, 2013, p. 48.

<sup>800</sup> SÖDERHOLM, Gustaf Emil. **Den Svenska Pingstväckelsens Historia 1907 – 1927**. Del I. (Andra upplagan. Stockholm, Förlaget Filadelfia, 1929 [1927]), p. 168.

<sup>801</sup> MAGNUSSON, 1932, p. 170-184.

(reproduzidas posteriormente pelas igrejas da CIBILA) forneceram espaço amplo para o desenvolvimento desta forma de pensar. A Escola Bíblia de Örebro, um centro de proliferação do pensamento teológico pentecostal sueco posteriormente, passou a receber grande número de alunos (homens e mulheres)<sup>802</sup>. Antes mesmo de uma pentecostalização oficial, a Escola e as igrejas vivenciaram uma preparação para a inserção do movimento pentecostal em seu meio, e em 01 de fevereiro de 1907, o pentecostalismo passou a se instalar nas igrejas batistas suecas, conforme se registrou:

Um culto maravilhoso aconteceu ontem na Igreja Filadélfia. Multidões curiosas encheram o local e congestionaram todo o local. Pastor Ongman falou sobre os sinais dos tempos (...) Após o culto, houve uma reunião em um salão menor e o Espírito de Deus veio sobre os presentes de forma poderosa. Uma irmã muito conhecida começou a falar em línguas estranhas. De tempo em tempo ela parava e continuava a orar em Sueco. Os presentes na reunião se maravilharam com choro e júbilo. O Espírito de Deus trabalhou de forma tão poderosa que muitos diziam: ‘não sou digno de estar presente aqui’<sup>803</sup>.

Este movimento trazido por Johnsson em 1907 se ateve principalmente às igrejas batistas. Ongman, que ainda não liderava o movimento, via tudo o que acontecia com bons olhos e já manifestava uma forma diferente de pensar da que havia se disseminado nos EUA: “ele não ensinava que falar em línguas estranhas era o sinal de batismo no Espírito Santo, mas um sinal para aqueles que não creem”<sup>804</sup>. Para os religiosos tradicionais este movimento despertava muitas dúvidas, gerando em alguns contextos divisões internas. As reuniões de oração, tidas como momentos especiais de manifestação do falar em línguas, foram proibidas em algumas igrejas<sup>805</sup>.

Diante das discussões acerca do movimento trazido por Johnsson, um pastor de nome Carl Victor Hugo, sem consultar oficialmente a sua igreja, decidiu convidar Ongman (que já era o responsável pela organização missionária na convenção Batista Sueca) para se posicionar acerca do movimento. A ida de Ongman para a comunidade de Carl Victor Hugo em 1907 foi registrada com desconfiança por um jornal local<sup>806</sup>:

O líder da nova direção Batista em Örebro é o pastor John Ongman, emigrou para os EUA nos anos de fome na década de 1860, após algum estudo, se tornou pastor da 1ª Igreja Batista sueca de Saint Paul. Por um chamado retornou em 1890 à Suécia e tornou-se pastor da igreja Batista de Örebro até 1897, quando com noventa e dois fiéis

<sup>802</sup> KAPPAUN, 2012, p. 25.

<sup>803</sup> NÄRKESBLADET, 01 fev. 1907.

<sup>804</sup> VALÉRIO, 2013, p. 73.

<sup>805</sup> VALÉRIO, 2013, p. 75.

<sup>806</sup> LINDERHOLM. In. STÅVARE, Nils-Eije & WASSERMAN, Tommy (Redaktörer). “*Azusa Street i Örebro*”: *Pingstväckelsens intåg i Sverige – rapport från ett symposium på Örebro Teologiska Högskola*, 23 nov. 2008, p. 48-50.



fundou a Igreja Batista Filadélfia (...) diferindo dos costumes Batistas em perspectiva dos costumes ortodoxos como os nossos<sup>807</sup>.

Pode-se notar o reconhecimento da autoridade de Ongman pelas igrejas batistas suecas imergidas no pentecostalismo crescente, pois ele se tornou o balizador para definir o que poderia ser aceito como correto, como a manifestação da glossolalia, por exemplo. Interessante perceber que não houve registros de Ongman falando em línguas estranhas<sup>808</sup>.

Além desta reportagem citada, consegue-se constatar uma disputa entre os jornais que defendiam o movimento, geralmente religiosos, e os jornais locais sem um vínculo religioso direto, que não se agradavam desta nova forma de ser igreja.

Os primeiros relatos sobre o avivamento em Skövde estão em contraste com os seguintes artigos mais críticos sobre o fenômeno no *Wecko-Posten*. Este jornal de Estocolmo tornou-se ao longo do tempo um crítico ferrenho do novo movimento, enquanto os jornais de Örebro, como o *Svenska Tribunen* e o *Närkesbladet*, colocaram-se como defensores. A guerra na mídia que eclodiu precedeu e encorajou as divisões internas que logo nasceram entre os batistas e metodistas sob a influência do avivamento pentecostal<sup>809</sup>.

Os meios de comunicação impressos foram importantes na propagação do pentecostalismo sueco. O *Svenska Tribunen* e o *Närkesbladet* eram os dois principais jornais cristãos do país, recebidos mediante assinatura e que orientavam seus conteúdos pelo avivamento nas igrejas. Este fenômeno norteou as principais publicações destes meios de comunicação.

Embora Ongman fosse adepto da teologia pentecostal emergente, em Örebro este fenômeno ainda era tímido e sem o principal contorno: o falar em línguas estranhas. Ongman se encontrou com Johnsson na cidade de Skövde. Desta aproximação resultou um convite para um trabalho conjunto em Örebro. Johnsson foi visitar a igreja de Ongman entre os dias 19 e 20 de janeiro de 1907 e, por meio dos seus relatos e, principalmente, contatos pessoais após os cultos, disseminou o avivamento por meio do falar em línguas nesta igreja também<sup>810</sup>. Estas manifestações isoladas passaram a se projetar para os cultos e atrair grande número de expectadores. Registrou-se que no culto do dia 03 de fevereiro de 1907 praticamente não havia lugar para mais pessoas no templo e o culto se estendeu até a meia-noite, com o consentimento e vontade dos participantes<sup>811</sup>.

Johnsson registrou este começo em Örebro:

<sup>807</sup> LINDERHOLM. *In*. STÄVARE, 2008, p. 48-50.

<sup>808</sup> WECKO POSTEN, 24 jan. 1907. *In*. STÄVARE, 2008, p. 39.

<sup>809</sup> VALÉRIO, 2013, p. 81.

<sup>810</sup> LINDERHOLM. *In*. STÄVARE, 2008, p. 127-128.

<sup>811</sup> LINDERHOLM. *In*. STÄVARE, 2008, p. 42.

A convite do Pastor Ongman, viajamos para Örebro para testemunhar sobre Jesus. Muita oração e espera diante do Senhor havia preparado nossa visita, orações diante de Deus pela cidade. A cidade parecia aberta ao Espírito, desde o primeiro momento. O povo de Deus espera grandes coisas do Senhor. Foi para os crentes que realizamos as primeiras reuniões na pequena sala da Filadélfia. Depois dos testemunhos, as almas sedentas foram convidadas pelo pastor Ongman. Ele não tinha terminado de perguntar se havia almas sedentas, quando todos se apressaram a ir à frente para receber o batismo no Espírito Santo. Houve oração, júbilo e liberdade nos corações para Deus, e nós sentíamos que Deus estava maravilhosamente próximo. Os cultos de avivamento foram para o salão principal. Multidões chegavam de todas as direções para nos ouvir e ver. Um enorme movimento surgiu na cidade. As pessoas falavam e escreviam extensa e amplamente sobre esse fenômeno. Testemunhos de maravilhas e cânticos no Espírito caíam poderosamente sobre as almas sedentas em cada culto. Uma das primeiras que receberam o batismo no Espírito foi uma irmã da igreja chamada Hanna Lindblom. Ela foi uma grande bênção para as outras almas sedentas através do seu testemunho. O avivamento logo se espalhou para quase toda Närke, e o grito de alegria que era ouvido das cabanas era apenas Aleluia!<sup>812</sup>.

Pode-se listar as seguintes características iniciais do movimento pentecostal sueco nas igrejas batistas tradicionais, a partir do seu principal líder, John Ongman: uso do avivamento para a conversão das massas, advindo da visão do pregador Moody; a importância de se cultivar uma vida de santidade, das ideias de Adoniram Judson Gordon; Albert Benjamin Simpson influenciou o movimento com a visão missionária aos mais diferentes lugares e povos, com o auxílio do trabalho social para a pregação, e compartilhava com Ongman a perspectiva do *Evangelho Quadrangular*: Cristo como Salvador, Santificador, que Cura, e Rei que voltará - talvez o mesmo fundamento que inspirou a fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil<sup>813</sup>; e do teólogo e pregador Finney o movimento recebeu a percepção sobre a necessidade de evangelização a todas as pessoas e a inclusão de mulheres nos trabalhos missionários.

Há claros indícios de hibridização dos elementos batistas tradicionais com o movimento de pentecostalização ocorrido na Suécia, que carregou diferentes perspectivas das manifestações que ocorriam em seu entorno também. Os personagens principais dessa forma de pensar e sua aceitação foram de fundamental importância para a incorporação dos elementos apresentados.

O carisma pessoal de Ongman fazia com que ele ganhasse cada vez mais território entre os batistas suecos. Ele ainda se destacou por trazer para seu país novas músicas traduzidas do inglês para o sueco e a teologia *holiness*, o que acabou fazendo com que ele não tivesse maior resistência para aceitar o novo movimento<sup>814</sup>.

Johnsson também era um líder carismático, tanto no trato com as pessoas quanto na sua teologia. Essas características diminuíram as tensões na implementação do pentecostalismo

<sup>812</sup> JOHNSON-EK, Andrew. *Då elden föll – Av ett ögonvittne*. Mariestad: Eget förlag, 1933, p. 13.

<sup>813</sup> MCGRAW, Gerald. *The Legacy of A. B. Simpson*. **International Bulletin Missionary Research**, v. 16, n. 2 April, p. 69-77. See also Mission Legacies 1994, p 37-47. 1992, p. 70f.

<sup>814</sup> VALÉRIO, 2013, p. 104.

em igrejas tradicionais e permitiram a dominação de uma nova teologia (dominação carismática) sobre o campo teológico tradicional (dominação tradicional). A transmissão “*nunca acontece sem lutas*”<sup>815</sup>, que neste caso se deram no campo das ideias, sendo em alguns momentos opostas. Com o tempo ocorreu o que Weber chamou de “rotinização do carisma”, quando a perspectiva carismática foi incorporada pelas instituições<sup>816</sup>.

Se na gênese do movimento pentecostal, que é um movimento heterogêneo, houve intensa hibridização, tanto mais ela apareceu nas ramificações do pentecostalismo no Brasil que é multifacetado. Refletindo sobre tais questões, podemos nos aproximar de Norbet Elias. Em sua concepção, as múltiplas conexões formam uma espécie de rede, na qual a interdependência é essencial para a sua constituição e propagação – pois embora fossem movimentos separados, todos eram tidos como pentecostais e um auxiliava o outro na sua proliferação – gerando uma estrutura social entrelaçada, na qual se reconhecem as influências, mas não se sabe frisar com exatidão de onde vem estas informações carregadas. É como se fosse uma espécie de jogo coletivo, em que cada indivíduo ou grupo exerceu influência na construção do pentecostalismo total, mas sem ter uma clara linha histórica na construção da teologia pentecostal sueca que foi trazida ao Brasil<sup>817</sup>.

O missionário sueco Erik Jansson foi figura central no desenvolvimento do mito fundante da CIBILA, recebendo destaque a sua teologia hibridizada com a dos (i)migrantes de teuto-russos. Mas a apresentação da teologia de Jansson foi feita de tal forma nos meios de comunicação da CIBILA que a fez parecer ser mais alemã ou voliniana do que sueca. Mas é esta hibridização que tornou a cultura religiosa deste grupo singular, como se verificará na sequência.

## 5.2 A cultura religiosa da CIBILA: o Tradicionalismo Pentecostal

Falar sobre cultura é buscar definir uma expressão complexa. Muitas vezes incorre-se no equívoco de pensar a cultura no singular, com a ideia de que alguns traços definem completamente todas as pessoas que pertencem a determinado grupo. O entrelaçamento de pessoas na sociedade contemporânea exclui um pensamento cultural tão simplista, pois “nossas sociedades se interconectaram globalmente e tornaram-se culturalmente inter-relacionadas”<sup>818</sup>.

---

<sup>815</sup> WEBER, M. **A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 166.

<sup>816</sup> ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911- 2011**. Tese de doutorado. PUC-SP, São Paulo, 2012, p. 61.

<sup>817</sup> ELIAS, 1994, p. 150-15.

<sup>818</sup> CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 19.

A perspectiva de cultura no contexto globalizado também precisa ir além da visão hermeticamente local. Aspectos que estão do outro lado do mundo podem ser incorporados a culturas pouco expressivas num local retirado do globo. “A cultura não pode ser pensada como tendo amarras inevitáveis à localidade, pois significados são gerados por pessoas em movimento e pelo fluxo de conexões entre culturas”<sup>819</sup>. Não se pode ignorar também a tendência de totalizar a cultura a partir de seus sistemas simbólicos que, embora não falemos de todos, exprimem o que está mais presente ou evidente quando se tem determinado grupo e suas características em mente.

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos. No primeiro plano destes sistemas colocam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos estes sistemas buscam exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e mais ainda, as relações que estes dois tipos de realidade estabelecem entre si e que os próprios sistemas simbólicos estabelecem uns com os outros<sup>820</sup>.

Outro equívoco cometido ao se pensar a cultura é compreender na análise apenas aqueles aspectos concernentes às produções intelectuais e artísticas de uma sociedade<sup>821</sup>, quando a manifestação cultural vai além destas categorias e precisa-se percebê-la também por meio da presença do indivíduo em uma comunidade discursiva, com suas diferentes manifestações, na qual interesses são compartilhados, interage-se, pensa-se e as pessoas se comportam de forma semelhante<sup>822</sup>. Também é preciso analisar o contexto no qual se desenvolve determinada prática cultural, pois ela não é meramente “uma simples justaposição de traços culturais, mas uma maneira coerente de combiná-los. De certo modo, cada cultura oferece aos indivíduos um ‘esquema’ inconsciente para as atividades da vida”<sup>823</sup>.

A cultura é o elemento primordial que dá unidade a uma sociedade e se cria com base em relações que fazem sentido nesse contexto. (...) A cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer<sup>824</sup>.

A interação é a base da estruturação cultural de um grupo. É a partir desta visão de aproximação de indivíduos e do compartilhar de suas vivências que se reconhece

O caráter dinâmico da cultura, em constante (re)invenção [...] e propõe sua própria definição. [...] A cultura pode ser compreendida “como um conjunto dinâmico, mais ou menos homogêneo. Os elementos que compõem uma cultura não são jamais integrados uns aos outros pois provêm de fontes diversas no espaço e no tempo” [...].

<sup>819</sup> CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. A. **Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005, p. 18.

<sup>820</sup> *Apud*, CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999, p. 95.

<sup>821</sup> CUCHE, 1999, p. 237.

<sup>822</sup> CUCHE, 1999, p. 243.

<sup>823</sup> CUCHE, 1999, p. 78.

<sup>824</sup> CESNIK; BELTRAME, 2005, p. 4.

A cultura não é, portanto, algo rígido, fechado; os indivíduos possuem liberdade não só para construir como também para “manipular” a cultura<sup>825</sup>.

Segundo estudiosos, há pelo menos três formas de se ver a cultura: a cognitiva, a simbólica e a crítica. Na visão cognitiva é valorizado o comportamento compartilhado; na visão simbólica destacam-se os signos públicos e, diferente da visão cognitiva que é descritiva, passa-se a observar a interpretação desta manifestação cultural; já a perspectiva crítica leva a questionamentos e se exprime pela interação do sujeito, que fala de determinado lugar, com determinada mentalidade, buscando impor a sua expressão como normal e natural, colocando este indivíduo como agente cultural<sup>826</sup>. Esta perspectiva crítica sobre a cultura é perceptível na manifestação cultural da CIBILA, uma vez que seus elementos não são apenas conhecimentos transmitidos ou interpretados, mas organizados intencionalmente por seus agentes culturais, gerando uma identidade de grupo<sup>827</sup>.

Alguns aspectos culturais da CIBILA, que advêm da germanidade nas comunidades e que caracterizam as suas peculiaridades culturais, serão ainda destacados neste estudo<sup>828</sup>, e como foi mencionado acima, eles se misturam aos religiosos, sendo inclusive vistos como sagrados inclusive. Esta dimensão religiosa é o destaque principal dado à cultura manifesta pelo grupo. A partir das igrejas da CIBILA origina-se o que será chamado neste trabalho de *tradicionalismo pentecostal*, identificado por outros autores como *pentecostalismo de imigração*. É uma cultura de berço religioso, mas que não é apenas religiosa.

A justificativa para a utilização do termo *tradicionalismo pentecostal* está no fato destas comunidades terem muito mais aspectos da teologia tradicional em suas práticas e também por elas não se reconhecerem como pentecostais (praticamente se ignora em seus escritos a menção da Suécia, berço do pentecostalismo mundial e de onde vieram seus missionários)<sup>829</sup>. A designação de pentecostais para estes grupos provém das outras comunidades religiosas, das quais estes dissidiram. É um tradicionalismo pentecostal por se caracterizar também a partir de uma perspectiva mais tênue do pentecostalismo, inclusive da versão manifesta pelo Pentecostalismo de Primeira Onda, estabelecido em solo brasileiro a partir de 1910. Pode-se sintetizar o *tradicionalismo pentecostal* com os seguintes traços:

<sup>825</sup> TILIO, Rogério Casanovas. **O livro didático de inglês em uma abordagem sóciodiscursiva: culturas, identidades e pós-modernidade**. Tese de Doutorado em Letras. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006, p. 34.

<sup>826</sup> ROBERTS, Celia; BYRAM, Michael; BARRO, Ana; JORDAN, Shirley; STREET, Brian V. *Language learners as ethnographers*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001, p. 54-55.

<sup>827</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 01-12.

<sup>828</sup> WOORTMANN, 1995, p. 129-214.

<sup>829</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

a) *Emoções moderadas, sem ênfase no dom de línguas*: não há uma desconsideração do dom de línguas dentro do *tradicionalismo pentecostal*, como também não há um enaltecimento desta manifestação mística como uma marca de uma espiritualidade superior. O dom de línguas é considerado dentro da teologia das igrejas que manifestam o tradicionalismo pentecostal como um dom qualquer, recebendo a mesma importância<sup>830</sup>.

Para entender este contraste, é preciso destacar que o movimento pentecostal é marcado pela emoção e êxtase, para se entender este contraste. Dentro do Pentecostalismo de Primeira Onda,

emoção e êxtase são estados psicológicos relativamente dependentes entre si. Ambos poderão ser oriundos da oralidade ou conduzir a ela. Mas parece que ambas estão em um estágio intermediário entre a oralidade produzida pelo outro (o pastor, profeta ou cantor), que “mexe” com as emoções do ouvinte, que por conseguinte se expressa oralmente, obviamente, através da glossolalia, da oração, do cântico, dando glórias<sup>831</sup>.

Não há registros nos documentos da CIBILA deste tipo de manifestação no culto, muito menos apontando a sua obrigatoriedade para o cristão que almeja uma experiência mística superior. Uma menção superficial, feita por Jansson e idealizada pela Convenção, carrega uma tônica extática. O missionário descreve um culto numa das casas, em um lugar chamado Linha Vinte e Três de Julho, no qual afirma que o Espírito de Deus caiu sobre os que lá estavam, o que lhe fez derramar muitas lágrimas de alegria<sup>832</sup>. Não há uma pormenorização do que aconteceu e muito menos um destaque ao falar em línguas estranhas como evidência deste fenômeno, diferente dos discursos publicados sobre o evento na Suécia<sup>833</sup>.

A manifestação da glossolalia é praticamente obrigatória nos cultos do pentecostalismo de Primeira Onda, quando se advoga sobre a presença visível de Deus nestes cultos. “A glossolalia encarna um fenômeno catalisador de uma complexidade de relações simbólicas, portanto culturais, que se processam no interior do Pentecostalismo como uma forma de oração extática reconhecida pelas Igrejas Pentecostais como o ‘dom de línguas’”<sup>834</sup>. É uma manifestação espiritual e emocional intensa, mas que não é desprovida de racionalidade, segundo seus teólogos.

O “transe de inspiração” caracteriza o pentecostalismo, especialmente no que diz respeito à glossolalia [...] no [...] pentecostalismo], o indivíduo conserva sua

<sup>830</sup> CIBI, 2014, p. 21.

<sup>831</sup> POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e pentecostalismo: fatores de crescimento associados à oralidade. *Azusa – Revista de Estudos Pentecostais*, v. 2, n. 1, 2001, p. 28. Disponível em: <http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/8>. Acesso em: 27 ago. 2019.

<sup>832</sup> JANSSON, 1941, p. 129.

<sup>833</sup> JANSSON, 1941, p. 129.

<sup>834</sup> RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. *Cadernos de Campo* (FFLCH/USP), ano 16, jan./dez. 2007, p. 55.

personalidade, mas é cercado [...] pela divindade que, ao dominá-lo, faz dele seu portavoz<sup>835</sup>.

Observa-se que nem todos os pentecostais (inclusive aqueles que são membros nas igrejas do pentecostalismo de Primeira Onda) falam em línguas, e há consenso entre os estudiosos de que a marca essencial do pentecostalismo está relacionada ao movimento que produz a língua extática: as emoções<sup>836</sup>. Elas podem ser dos mais variados níveis e tipos, com expressões “corpóreas altamente emotivas como choro, gritos nos cultos, como múltiplas vozes ecoando como vozerio disforme, orações emotivas, ou até mesmo transe em certos momentos”<sup>837</sup>, sendo um sinal visível da santificação pessoal e a preparação para a manifestação das línguas extáticas. Estas emoções no culto fazem com que ele possa ser designado como culto das emoções ou culto espetáculo<sup>838 839</sup>.

No meio batista tradicional fala-se sobre os dons em geral e, em alguns grupos, o dom de línguas é citado como verificável na igreja ao longo da sua história, mas sem a marca de ser a característica singular de uma espiritualidade superior<sup>840</sup>. Na CIBILA, tanto em documentos oficiais como em sua declaração de fé, este dom não foi nem mesmo citado (o que não significa que não acreditam nele), muito menos lhe deram este ar de destaque. A resignação emocional apresenta-se como marca mais presente, tendo em mente a cultura social do grupo: se denominam alemães<sup>841</sup>. É muito provável que a cultura teuto-russa e a teologia batista tradicional estejam arraigadas e sejam elementos limitadores para um culto mais emotivo, diferente de outras igrejas batistas independentes formadas em meio aos imigrantes suecos<sup>842</sup>.

Se faltou o falar em línguas nas comunidades, sobraram manifestações de cura, marca do pentecostalismo de Primeira Onda. Foram oito menções de milagres vivenciados pelos membros das comunidades relatados nas dez primeiras edições do jornal: a cura de uma menina com pneumonia, de um homem com um problema nos pulmões e pressão arterial, um homem

<sup>835</sup> AUBRÉE, M. Transe: entre libération de l'inconscient et contraentes socioculturelles. In. GODELIER, M. & HASSOUN, J. (orgs.) *Meurte du Père, sacrifice de la sexualité*: approches anthropologiques et psychanalytiques. Paris, Arcanes, 1996, p. 175; MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Bailando com o Senhor”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 maio 2007.

<sup>836</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim F. **Na força do espírito**: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996, p. 60.

<sup>837</sup> ROLIM, Catarxo F. **Pentecostalismo – Brasil e América Latina**. Série VII A Libertação na História. Vozes: Petrópolis, 1995, p. 30.

<sup>838</sup> CAVALCANTI, Robinson. **A igreja, o país e o mundo**: desafios de uma fé engajada. Ultimato, 2001, p. 31-32.

<sup>839</sup> NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: IEPG-ASTE, 1992, p. 27.

<sup>840</sup> CIBI, 2014, p. 20.

<sup>841</sup> CIBI, 2014, p. 20.

<sup>842</sup> CIBI, 2014, p. 20.

com cirrose hepática, uma menina com reumatismo no sangue, um menino com hidrocefalia, uma mulher com tumores, uma grávida que manteve seu bebê durante uma gestação de risco e uma menina que foi atropelada e permaneceu viva. Este espaço para o sobrenatural e a experiência espiritual foi constante nas edições dos jornais<sup>843</sup>.

b) *A ascese moderada*: em alguns momentos as igrejas da CIBILA até enfatizaram algumas *regras de santidade*, mas nada comparado ao movimento pentecostal<sup>844</sup>. Não houve esta ênfase no início das comunidades e não há registros oficiais desta forma de pensar na estruturação teológica da CIBILA, que ao ser organizada segue as regras de fé estabelecidas pela CIBI<sup>845</sup>. De forma geral, o pensamento protestante brasileiro carrega este elemento de ascese moderada.

Dentro do movimento pentecostal de Primeira Onda houve uma rejeição da cultura, chamada por Niehbur de “Cristo contra a Cultura”. Nesta perspectiva, o “conflito do crente não é com a natureza, mas com a cultura, pois é especialmente na cultura que o pecado reside”<sup>846</sup>. Este afastamento do *mundo* foi “o modo que os pentecostais encontraram para competir com uma tradição de longa duração como o catolicismo, [e] diz respeito à produção de uma ‘coletividade da santidade’ ou a ideia de um ‘povo santo’ como uma maneira de diferenciação”<sup>847</sup>.

O templo, no movimento pentecostal, assumia a característica de local de fuga. As mulheres eram as mais afetadas pela ascese, que lhes proibia elementos comuns à sociedade da época.

É possível destacar algumas questões de gênero. Enquanto o homem pentecostal, de posição simples na sociedade tinha seu ego inchado ao vestir seu terno e gravata para ir à igreja (evento raro se a igreja não existisse), a mulher se via distante de tais recompensas. Suas roupas não tinham apelo e sua moda mantinha-se sem graça. Enquanto o homem adquiria posição importante na escala hierárquica da igreja,

<sup>843</sup> CURAS MENCIONADAS NO BOLETIM INFORMATIVO: IKERT, Eduino. *Annie Luize, ein Wunder Gottes*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 11; SCHÖNWALD, Alfredo. *Der Herr hat mich Geheilt*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 14-15; WUTZKE, Aldino. Deus me curou de uma cirrose hepática. **BI**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990, p. 16-18; BILLER, Valdir. *Gott tat ein Wunder in unserem Heim*. **BI**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991, p. 6-7; WIEDERMANN, Alceu. *Unser Zeugnis*. **BI**, ano 8, n. 14, jan./jul. 1996, p. 14; BUCHHOLZ, Germano. Meu testemunho. **BI**, ano 8, n. 14, jan./jul. 1996, p. 15; SCHILLER, Janete Krüger. Meu testemunho. **BI**, ano 9, n. 16, jan./jul. 1997, p. 10; BULLMANN, Rosângela. Testemunho. **BI**, ano 9, n. 17, jul./dez. 1997, p. 08; CIBILA. **BI**, ano 1-6, n. 1-10, jan./dez. 1989-1994, p. 1-12.

<sup>844</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 12 de outubro de 1970, p. 10; **Livro de Atas 04**, ata de 09 de junho de 1979, p. 83.

<sup>845</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 09.

<sup>846</sup> NIEBUHR, Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 75.

<sup>847</sup> MAFRA, Clara. Santidade e sinceridade na formação da pessoa cristã. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, 2014, p. 173-191.



diferente de sua posição na sociedade, a mulher deveria se contentar em apenas poder ajudar. Aqui a submissão adquire tons de repressão<sup>848</sup>.

Este afastamento do *mundo* pode ter sido influenciado pelos incipientes, mas importantes, embates entre as classes e uma aversão ao meio pentecostal – expresso em sua ampla maioria pelas camadas mais pobres da sociedade brasileira, que carregava preconceitos advindos com a modernidade, defendidos e usufruídos pelas classes dominantes. A resistência foi manifesta pelo grupo por meio do isolamento<sup>849</sup>.

Pode-se notar na primeira comunidade da CIBILA que a ascese foi mais praticada entre as décadas de 50 e 60, ocorrendo uma mudança no pensamento teológico decorrente da aproximação com o pentecostalismo brasileiro. Muitas proibições são instituídas pela assembleia, em sua maioria relacionadas a usos e costumes: mulheres foram proibidas de cortar os cabelos, regra que se tornou mais rígida na década de 70, gerando proibições quanto a seguir as tendências da moda do período, como o uso de vestidos curtos, a pintura das unhas e do rosto (regras ratificadas novamente em 1979),<sup>850</sup> e o uso de brincos; os homens não podiam deixar a barba crescer e usar bermudas<sup>851</sup>; os membros não poderiam mais assistir a espetáculos de circo, não poderiam vender cigarros em seus estabelecimentos comerciais, participar de cooperativas (esta decisão foi anulada na assembleia de 1959), nem jogar futebol<sup>852</sup>. Também foi vedada aos membros a colheita nos feriados e domingos<sup>853</sup>, inclusive com a restrição de passeios nestes dias<sup>854</sup>. Os princípios de fé da CIBILA mantêm algumas destas proibições, conforme se cita:

O cristão não necessita de nada que o mundo possa oferecer para estar alegre, porque ele tem a sua alegria e gozo no Senhor [...]; aliás, o povo de Deus tem a alegria como uma característica sua. Mal-humor (sic) não é sinônimo de piedade ou santidade. Os divertimentos públicos ou privados, que atentem contra a moral e os bons costumes devem ser totalmente excluídos da vida do cristão. Jogos de azar, rifas, loterias e apostas não são permitidas ao crente. [...] Esporte e outras formas de lazer são saudáveis [...], todavia, o cristão não deve comprometer-se com qualquer tipo de esporte que se torne um “deus” [...], igualmente, esportes relacionados com o

<sup>848</sup> ALENCAR, Glauber. **Aspectos da cultura pentecostal brasileira: origem, influências e desenvolvimento.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015, p. 35.

<sup>849</sup> PIORE, Mary Del & VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2010, p. 224.

<sup>850</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 12 de outubro de 1970, p. 10; **Livro de Atas 04**, ata de 09 de junho de 1979, p. 83.

<sup>851</sup> FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil.** Curitiba: Prismas, 2017, p. 131.

<sup>852</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 20 de fevereiro de 1954, p. 34; ata de 10 de abril de 1955, p. 43; ata de 25 de junho de 1955, p. 44; ata de 15 de outubro de 1955, p. 46; ata de 01 de dezembro de 1956, p. 57; ata de 30 de abril de 1960, p. 102.

<sup>853</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 04**, ata de 29 de janeiro de 1972, p. 24; ata de 09 de dezembro de 1972, p. 29.

<sup>854</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de Atas 03**, ata de 01 de julho de 1961, p. 123.

misticismo religioso e possível envolvimento com o ocultismo, não devem ter lugar na vida do crente<sup>855</sup>.

Este afastamento da sociedade pode ser explicado pelo novo movimento experimentado pelas igrejas teuto-russas: seus pastores passaram a ser brasileiros e não mais suecos ou alemães, com formação teológica nos seminários batistas independentes, permeados pela teologia pentecostal sueca, sem o filtro da cultura teuto-russa na sua forma de pensar e ser. Como a CIBILA não têm domínio sobre as instituições formais de ensino – os seminários são dirigidos pela CIBI, que tem teologia sueca – suas igrejas acabaram recebendo pastores com formação mais pentecostal, culminando com uma ascese moderada, estabelecida pelas normas vigentes da Convenção Nacional, a CIBI, que aponta alguns aspectos gerais de ascese em seus princípios de fé<sup>856</sup>:

O cristão deve abster-se de tudo que o domina, ou seja, de tudo aquilo sobre o qual ele não pode exercer controle [...]. Neste aspecto, estão inclusos os que poderiam ser considerados pequenos vícios, aparente inofensivos, mas [...] extremamente nocivos ao espírito, assim como prejudiciais à saúde física (1Co 3.16,17) e moral, como os tóxicos em geral, incluindo-se o tão popular cigarro [...]. Os cristãos são conhecidos pela modéstia e discrição, sem para isso precisarem cair num ascetismo doentio [...]. Tanto homens quanto mulheres que querem seguir a Jesus, devem evitar os excessos na maneira de se apresentarem, não dando valor aquilo que é mundano e transitório, mas buscando principalmente o que é eterno, guiando-se pela decência e moderação em tudo<sup>857</sup>.

Já a alienação política em meio ao pentecostalismo é decorrente da pouca importância que os missionários pentecostais davam aos assuntos mundanos. Eles viviam em regiões onde os debates políticos não eram tão presentes e havia uma mentalidade de não envolvimento na esfera pública. Seu engajamento político estava relacionado à igreja<sup>858</sup>. Nesse aspecto a CIBILA manteve um posicionamento moderado: de um lado não houve em seus documentos oficiais uma preocupação constante com a liderança política; ao mesmo tempo, houve pequenas menções visando alertar as igrejas e seus membros sobre as suas obrigações como cidadão, como o artigo publicado em 2004 com o título: “*Vem aí as eleições – o voto deve ser consciente*”, trazendo ao mesmo tempo um subtítulo em direção oposta: “*Pois nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo*”<sup>859</sup>.

Em alguns momentos a perspectiva de classificação entre o sagrado e profano incluía outras denominações cristãs, principalmente o catolicismo. Pela sua ligação com o Estado, o

<sup>855</sup> CIBI, 2014, p. 35.

<sup>856</sup> CIBI, 2014, p. 33,35.

<sup>857</sup> CIBI, 2014, p. 33,35.

<sup>858</sup> ALENCAR, Gedeon Freire. **Assembleias de Deus** – origem, implantação e militância. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 46.

<sup>859</sup> CIBILA. **BI**, ano 16, n. 30, jan./jun. 2004, p. 12.

catolicismo travou intensas batalhas ideológicas com o pentecostalismo<sup>860</sup>. Pode-se notar nas comunidades em que há a manifestação do *tradicionalismo pentecostal* esta aversão ao catolicismo. Na primeira comunidade estabelecida não há registros nas festividades ou outras programações de que houvesse o contato com a Igreja Católica, apesar da ampla manifestação do catolicismo no entorno das igrejas batistas suecas. Também não se encontrou registro de participação formal de ministros católicos ou de membros de uma comunidade católica nos eventos e reuniões da CIBILA, mencionados a partir da sua pertença religiosa<sup>861</sup>.

Foi a ascese que influenciou profundamente a perspectiva sobre a educação formal e a educação teológica, aspectos considerados na sequência. “A ignorância e alienação causadas por um zelo excessivo contra a cultura no período de implementação do pentecostalismo no Brasil contribuiu para formação do *ethos* pentecostal”<sup>862</sup>. “Na falta de sentimento ou da consciência da superioridade da raça, tão salientes nos colonizadores ingleses, o colonizador do Brasil apoiou-se no critério da pureza da fé”<sup>863</sup>. Esta pureza de crença se tornou mais necessária nas igrejas constituintes da CIBILA quando a pureza étnica esteve ameaçada, período em que a segunda geração assumiu a liderança do trabalho, a partir da década de 70. No momento em que a CIBILA, em 1989, foi oficialmente organizada os fatores étnicos foram lembrados e a doutrina da ascese foi minimizada, sem deixar de estar presente<sup>864</sup>.

c) *O estudo da Bíblia, a formação teológica e formal*: a mentalidade de estruturar uma Escola Bíblica Dominical como classe formal de instrução dos fiéis, presente em todas as comunidades e enfatizada pela CIBILA, advém do meio batista tradicional. Estas classes, voltadas principalmente para as crianças, funcionavam aos finais de semana, com o propósito de doutrinação<sup>865</sup> daqueles que tinham vínculo com as igrejas, auxiliando estas pessoas na assimilação das “verdades” eclesiásticas batistas independentes<sup>866</sup>. Esta forma de instrução foi importante para a organização cultural do grupo<sup>867</sup>.

---

<sup>860</sup> ROLIM, 1995, p. 32.

<sup>861</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**, p. 1-104. O protocolo do início das assembleias exigia a saudação das igrejas presentes, bem como de autoridades públicas. Não houve menção da igreja Católica em nenhuma das atas do primeiro livro e, quando alguma autoridade presente era do contexto católico, sua denominação religiosa era ignorada.

<sup>862</sup> ALENCAR, 2015, p. 38.

<sup>863</sup> FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global, 2011, p. 272.

<sup>864</sup> CIBILA. *Zur geschichte der Russlanddeutschen*. **BI**, n. 4, jan./jul. 1991, ano 3, p. 20-22; n. 5, jul./dez. 1991, ano 3, p. 13-14. Estas citações acerca da etnicidade do grupo são constantes nos jornais.

<sup>865</sup> GALBRAITH, John Kennedy. **Anatomia do poder**. Trad. Hilário Torloni. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1989, p. 30, 62.

<sup>866</sup> FREITAG, 1980, p. 46-47.

<sup>867</sup> CUCHE, 1999, p. 77-78.

Junto com a Igreja Batista Bethel surgiu a primeira classe de estudo da Bíblia<sup>868</sup>. Os membros organizadores desta igreja trouxeram a EBD de sua igreja de origem, vinculada ao trabalho batista tradicional<sup>869</sup>. A EBD foi mencionada como um dos trabalhos realizados pelas igrejas constituintes da CIBILA em sua formação. Esta menção se torna determinista em termos de indicar quais os trabalhos desenvolvidos por uma igreja teuto-russa de teologia sueca: Escola Bíblica Dominical, Jovens, Mulheres, Campanhas evangelísticas, cultos e batismos<sup>870</sup>.

Além desta formação teológica voltada para os membros, pode-se perceber nas comunidades com o *tradicionalismo pentecostal* a valorização da formação teológica para seus pastores e obreiros por meio da criação da Escola Bíblica<sup>871</sup>. Esta perspectiva, que visava uma uniformidade de pensamento entre pastores, não esteve presente no pentecostalismo de Primeira Onda no Brasil.

Ao rejeitar a educação teológica e sem as ferramentas da Hermenêutica e da exegese bíblica, os movimentos pentecostais concedem aos seus arautos a livre interpretação do texto bíblico. Assim, surgiram várias novidades doutrinárias, principalmente em relação à música<sup>872</sup>.

O contraste entre o pentecostalismo e o *tradicionalismo pentecostal* se torna evidente pela mentalidade presente na liderança da Assembleia de Deus, por exemplo, que fazia clara oposição ao estudo teológico até 1970<sup>873</sup>. No meio pentecostal

o estudo teológico é pouco valorizado. A massa pentecostal prefere se acomodar ao que aprende nos púlpitos das igrejas e o que recebe da tradição, preferencialmente pela oralidade. Quando há o ensino, ele se dá no sentido de inculcar as doutrinas nos alunos, coibindo o livre pensamento. A maioria das correntes pentecostais brasileiras ensinam suas verdades bíblicas de maneira que não há espaço para o questionamento<sup>874</sup>.

Era comum entre os pentecostais de Primeira Onda o estímulo à leitura da Bíblia, mas sem a preocupação com seu estudo formal. Este desestímulo ao estudo, tanto na esfera social como religiosa, foi também estendido ao seu espectro mais amplo, desestimulando a formação de novos obreiros no formato tradicional. Alguns consideravam a Teologia “como uma intrusão da sabedoria mundana na esfera da revelação”<sup>875</sup>.

<sup>868</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 11.

<sup>869</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 08-09.

<sup>870</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 01-12.

<sup>871</sup> CIBILA. 100 anos de missão Batista Independente. **BI**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, capa e p. 11-13.

<sup>872</sup> NANEZ, Rick. **Pentecostal de coração e mente** – Um chamado ao dom divino do intelecto. São Paulo: Vida, 2007, p. 9.

<sup>873</sup> FRESTON, P. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, 1994, p. 119.

<sup>874</sup> ALENCAR, 2015, p. 27.

<sup>875</sup> NIEBUHR, 1967, p. 138.

A diferente ênfase sobre a educação teológica presente no *tradicionalismo pentecostal* contrastante com o pentecostalismo de Primeira Onda está ligada aos próprios missionários suecos: os que obtiveram formação eram favoráveis<sup>876</sup>, enquanto que os demais líderes suecos, sem formação teológica,

eram contra qualquer seminário, porque eles acreditavam que não havia necessidade de erudição para o pastorado, visto que eles conheciam uma igreja protestante oficial – a luterana – que era muito erudita, mas que na ótica deles havia traído o Evangelho, havia se mesclado com a alta cultura e vendido seu compromisso com o Evangelho<sup>877</sup>.

A pouca ênfase sobre o ensino ia além do aspecto teológico e alcançava a própria percepção sobre a educação formal. O meio pentecostal de Primeira Onda não manifestou claras preocupações com a organização de instituições de ensino. Esta falta de incentivo pode estar associada ao momento e mentalidade em que surgem as escolas públicas, na Terceira República Francesa, visado combater todas as crenças que limitavam as pesquisas e inovações científicas compreendidas como instrumentos para o desenvolvimento do progresso na modernidade. Grande parte dos produtores de conhecimento e fomentadores destas ciências em estruturação eram ateus<sup>878</sup>. “Como a história das ideias demonstra, Deus perde o controle da natureza (expulso por Darwin), perde o controle da história (expulso por Marx), perde o controle da consciência humana (expulso por Freud)”<sup>879</sup>. Esta perspectiva ateuista presente na organização da mentalidade escolar exerceu sua influência no afastamento do pentecostalismo da educação formal.

Outros fatores que influenciaram esta visão negativa do meio pentecostal em relação a educação formal foram: *a escola foi vista como local de fomentação da nação*, onde se ensinava sobre os símbolos, a memória e os principais personagens da constituição e organização nacional, numa perspectiva de afastamento do catolicismo e estabelecimento de uma identidade nacional. Esta visão era profundamente mundana na análise do pentecostalismo. Além deste fator, *o secularismo “empurrou” a dimensão religiosa para a esfera privada*, dando a impressão de que o ambiente público devesse ser tomado pelas explicações racionais que neste momento dirigiam o mundo e eram a melhor alternativa de explicação para os fenômenos correntes. Tudo que é público passou a ser demonizado pelo meio pentecostal. Esta tensão entre

<sup>876</sup> CIBILA. 100 anos de missão Batista Independente. **BI**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, p. 11-13.

<sup>877</sup> FRESTON, Paul. **Pentecostalismo**. Seminário UNIPOP. Belém: Universidade Federal do Pará, 1996, p. 23.

<sup>878</sup> OLIVEIRA, Heli Sabino de. **Educação de Jovens e Adultos e religiosidade**: um estudo sobre as práticas religiosas católicas e pentecostais em espaços escolares. Paideia do curso de pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Belo Horizonte: Universidade Fumec, ano 6, n. 7, jul./dez. 2009, p. 79-80.

<sup>879</sup> MODESTO, Ana Lúcia. Religião, escola e os problemas contemporâneos. In. DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 78.

a laicidade do Estado e a religião professada em ambientes públicos perdura até a atualidade<sup>880</sup>. Há os que defendem que o espaço público deveria ser completamente liberto da manifestação religiosa. Usando como exemplo o espaço escolar, argumentam que

uma pessoa que é membro de uma dada comunidade religiosa – ou que não professa nenhuma religiosidade – pode ficar incomodada com a exposição constante, na sua presença, de símbolos de outra Religião. Além disso, pode ser que, ao ter que se vestir de determinada forma, o estudante passe a ter que cumprir certas regras de vestuário que interfiram no desenvolvimento de certas atividades escolares. Outro argumento utilizado, com muita insistência pelos que defendem leis, como a francesa, que proíbe o uso de qualquer símbolo ou vestuário com conotação religiosa, é o de que nem sempre os jovens e crianças os usam por vontade própria, mas são constrangidos a usá-los, seja pela família, seja por outros membros da comunidade a que pertencem. A proibição legal do uso desses símbolos e vestes seria uma forma de proteção a essas crianças e jovens<sup>881</sup>.

Estas percepções tornaram o ambiente escolar hostil para uma religião que se apega a usos e costumes, gerando expressivo afastamento. Diferente do meio pentecostal e próximo às ideias do contexto protestante tradicional esteve a percepção da criação e difusão de espaços para o ensino formal das crianças no meio batista do *tradicionalismo pentecostal*<sup>882</sup>, tendo inclusive um professor contratado e sustentado pelo auxílio mensal dos membros<sup>883</sup>, com uma estrutura física advinda de doações<sup>884</sup>. O estabelecimento de escolas formais, privadas, com o propósito de propagar ideias religiosas no contexto escolar é característico do meio batista norte-americano, de onde se propagou a teologia batista tradicional<sup>885</sup>.

A preocupação com o ensino formal se perdeu com o afastamento das igrejas teuto-russas das igrejas suecas, mas permaneceu a tônica sobre o ensino da Bíblia em classes informais e a preparação de novos pastores<sup>886</sup>. Este pensamento é fundamental na CIBILA, tanto é que não se concebe em sua estrutura a ordenação ao pastorado de pessoas que não tenham cursado Teologia<sup>887</sup>.

*d) Musicalidade reflexiva e emotiva:* nas igrejas em que se manifesta o *tradicionalismo pentecostal* pode-se notar uma clara hibridização musical, pois elas utilizaram um hinário – no

<sup>880</sup> OLIVEIRA, 2009, p. 80-81.

<sup>881</sup> PERES, Eliane Terezina; PERES, Sebastião. Escola, sociedade e diversidade religiosa. In. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS (SEE/MG). **Coleção Veredas:** formação superior de professores. Belo Horizonte: SEEC MG, 2004. Módulo 6, v. 1, p. 200.

<sup>882</sup> SOBRE AS ESCOLAS RURAIS, Seyferth destaca que elas não surgiram por motivos étnicos apenas, mas, sobretudo, “porque o governo brasileiro não deu atenção à questão do ensino e, o que é mais grave, ao ensino primário, nas regiões povoadas com imigrantes”. In. SEYFERTH, 1990, p. 28.

<sup>883</sup> SVENKA SKOLFÖRENINGEN. **Ata de fundação da Associação**, [s.d.], p. 3.

<sup>884</sup> JANSSON, 1941, p. 51.

<sup>885</sup> SANTOS, Edwiges Rosa. **A implantação e estratégias de expansão do protestantismo presbiteriano no Brasil império**. São Paulo: PUC, 2005, p. 183-191.

<sup>886</sup> CIBI. **UMBI**, 2017. Disponível em: <http://www.cibi.org.br/umbi/>. Acesso em 06 dez. 2019.

<sup>887</sup> CIBILA. *Die Gemeinde in Nova Santa Rosa hat Neuen Pastor*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 5.

início era um hinário advindo do meio batista tradicional, que foi substituído por um hinário pentecostal – como também pequenos cânticos com letras fáceis de decorar, que tinham conotações e contornos pentecostais. O pentecostalismo se valeu desta forma de propagar as suas ideias, percebendo que “a música é um meio de ideias tão poderoso que pode trazer o Pentecostalismo para uma igreja mesmo ela estando solidamente firme contra ele. Conectada às corretas melodias a mensagem pode vir a ficar gravada na mente das pessoas por anos”<sup>888</sup>.

Esta hibridização produziu no início uma série de hinos com letras diferentes do movimento batista tradicional. Surgiu inclusive um hinário específico, com letras pentecostais, mas num formato e melodias tradicionais: o *Pfingst – Jubel* (Celebração Pentecostal)<sup>889</sup>.

A musicalidade do pentecostalismo de Primeira Onda influenciou as igrejas da CIBILA, mescladas com a hinologia protestante, reconhecida como canção evangélica (*gospel song*) popular nas igrejas protestantes norte-americanas e também nos movimentos separatistas ingleses<sup>890</sup>. Pode-se notar que no Brasil a tendência manifesta pelo pentecostalismo foi a substituição dos hinos tradicionais (que tinham uma letra mais longa, com densa teologia e que não eram escritos para serem memorizados) por canções mais curtas e com teologia mais simples<sup>891</sup>. “A tradição de hinos se completa com a introdução de estribilhos e de cânticos curtos no texto sentimental e na música impregnada de folclore nacional”<sup>892</sup>.

Esta forma de cantar, voltada para a “decoreba” e que buscava alcançar as pessoas menos instruídas, geralmente com letras na língua portuguesa, foi chamada de *corinho*. “A expressão ‘corinho’, pelo próprio uso do diminutivo, quer demonstrar que ele é uma simplificação do simples; ou seja, dos coros, das canções mais populares até então usadas pela igreja”<sup>893</sup>. Suas principais características incluíam os seguintes aspectos:

- a) os corinhos têm melodia simples, intuitiva; (b) são, em geral, curtos; (c) as letras usam uma linguagem coloquial; (d) o conteúdo apela mais para o emocional que para o racional; (e) por serem curtos, são facilmente memorizáveis e (f) são mais ritmados, lembrando música popular<sup>894</sup>.

<sup>888</sup> SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Cantai e multiplicai-vos...: estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da Missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970)**. Dissertação de Pós-Graduação em Ciências da Religião – São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011, p. 35.

<sup>889</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**, ata de 22 de janeiro de 1991, p. 24. Na ocasião a assembleia cantou o hino 229 do Pfings Jubel.

<sup>890</sup> MCALISTER, Robert. **Dinheiro: um assunto altamente espiritual**. Rio de Janeiro: Carisma, 1981, p. 23.

<sup>891</sup> FAUSTINI, J. W. **Música e adoração**. São Paulo: Metodista, 1973, p. 12-16.

<sup>892</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 65.

<sup>893</sup> LIMA, É. F. S. “Reflexões sobre a ‘Corinhologia’ brasileira atual”. **Boletim Teológico**, Porto Alegre, Fraternidade Teológica Latino-Americana, n. 5, 1991, p. 54. Disponível em: [www.reocities.com/prgb\\_2000/coro.doc](http://www.reocities.com/prgb_2000/coro.doc). Acesso em: 29 abr. 2014.

<sup>894</sup> LIMA, 1991, p. 54. Disponível em: [www.reocities.com/prgb\\_2000/coro.doc](http://www.reocities.com/prgb_2000/coro.doc). Acesso em: 29 abr. 2014.

A utilização de hinos e corinhos atendia duas demandas necessárias para a implementação da teologia sueca nas igrejas compostas por alemães advindos do movimento batista tradicional: ensinar a doutrina e falar ao coração<sup>895</sup>.

A música, devido à sua fácil difusão e agradável receptividade, foi usada como mecanismo de convencimento dos brasileiros pelo pensamento teológico dos missionários, no que tangia às suas doutrinas e tradições, bem como da forma correta de adoração e louvor a Deus, principalmente na celebração cültica. Tendo em vista o fato de que o cântico foi, e continua sendo, um dos únicos elementos verdadeiramente comunitários do culto, no qual a participação é essencialmente coletiva, a empatia das pessoas com essa prática se tornou inevitável<sup>896</sup>.

Um exemplo de corinho utilizado com frequência nos cultos públicos reporta-se ao céu como um lugar em que os cristãos irão habitar:

*“Denk an die Heimat, die schöne Heimat; Die Heimat droben im Himmel liegt.*

*O lass dein Zagen und all dein Klagen; Denk an die Heimat, vergiss sie nie”<sup>897</sup>.*

Este corinho reflete o pensamento pentecostal, numa linguagem simples, com a perspectiva de ser decorado pelos membros. Carrega consigo um tom elevado de ascese, comum ao meio pentecostal e incorporado pelo *tradicionalismo pentecostal*.

Ao mesmo tempo que carrega traços do pentecostalismo, a musicalidade do *tradicionalismo pentecostal* não se afasta muito do espectro batista tradicional: corais de quatro vozes são comuns nas comunidades e uma realidade em todas as assembleias da CIBILA<sup>898</sup>. Um dos cargos elegíveis nas assembleias da CIBILA é o do(a) regente do Coro Convencional<sup>899</sup>. Junto com os corais vocais, estavam as orquestras de instrumentos de sopro<sup>900</sup>, com direito a cargo elegível em assembleia também<sup>901</sup>. Esta musicalidade tradicional compartilhada foi estimulada por meio da CIBILA pelas publicações feitas acerca dos teuto-russos e suas preferências musicais<sup>902</sup>, como também pelo destaque dado às orquestras com

<sup>895</sup> CIBILA. **Livros de Atas 01**, ata de 25 de janeiro de 1994, p. 61.

<sup>896</sup> SOUZA JUNIOR, 2011, p. 38.

<sup>897</sup> TRADUÇÃO: “Pense na Glória, que bela Glória, celeste Glória, radiante em luz. Deixa teu pranto e o teu lamento, pense na Glória, sem te esquecer.”

<sup>898</sup> CIBILA. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, ano 1, n.1, jan./dez. 1989, p. 1-3.

<sup>899</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 10. Nair Lima foi a primeira regente do Coro da Conferência eleita pela CIBILA.

<sup>900</sup> CIBILA. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 1-3.

<sup>901</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 10. Paul Makus foi primeiro regente da banda de sopro eleito pela CIBILA.

<sup>902</sup> CIBILA. CIBILA – 10 anos. **BI**, ano 10, n. 19, jul./dez. 1998, p. 6.



instrumentos de sopro<sup>903</sup>, com uma publicação na capa do *Boletim Informativo*, pelo presidente da CIBILA, com o título: *Die Posaune ei wichtiges Instrument im Dienst Des Herrn* (O trombone como importante instrumento para o serviço ao Senhor)<sup>904</sup>.

e) *Estrutura eclesiástica*: no formato de governo das igrejas pentecostais pode-se perceber a clara mentalidade de que o pentecostalismo sacraliza a figura do líder. Ele está acima das demais pessoas e as decisões que toma são “divinamente inspiradas” e seguidas pelos fiéis sem maiores questionamentos<sup>905</sup>. Boa parte de seus líderes não tem formação teológica. Além deste fato, há uma clara centralização do poder, uma espécie de “papismo protestante”<sup>906</sup>.

O governo eclesiástico verticalizado, por sua vez, dinamiza o processo decisório, dado que as deliberações dos líderes prescindem da anuência do baixo clero, pago para se incumbir da execução imediata das ordens superiores. Ao não ter de passar por morosos trâmites em diversas instâncias decisórias e deliberativas, próprias de igrejas dirigidas por governos eclesiásticos mais democráticos, as decisões religiosas, administrativas, organizacionais e evangelísticas dos líderes tendem a ser repassadas mais rapidamente aos pastores, obreiros e militantes leigos, agilizando a realização dos trabalhos<sup>907</sup>.

Com uma teologia experiencialista, o pentecostalismo apresenta um Deus que fala e age por meio de pessoas especiais, chamadas de *ungidos*, perspectiva teológica que bate de frente com o movimento protestante, que enfatizava o sacerdócio universal de todos os crentes, não havendo estes mediadores especiais<sup>908</sup>. Estes líderes se valem de uma performance corporal para a propagação de suas ideias. Tanto a forma como o conteúdo são performatizados. O pregador expressa emoções, algumas vezes simulacras, com uso de gestos e imitação de voz. Ao gritar, ele se impõe!<sup>909</sup>

No Pentecostalismo de Primeira Onda os pastores são a representação concreta do poder, recebendo da comunidade e assumindo para si o título de *ungidos de Deus*. Como o poder de decisão está em suas mãos, as igrejas se tornam “pequenos feudos” administrados por

<sup>903</sup> CIBILA. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 1-3; 19; CIBILA. *Zweite Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache - CIBILA*. **BI**, ano 2, n. 2, jan./jul. 1990, p. 4.

<sup>904</sup> CIBILA. *Die Posaune ei wichtiges Instrument im Dienst Des Herrn*. **BI**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1993, capa.

<sup>905</sup> POMMERENING, Azusa – **Revista de Estudos Pentecostais**, v. 2, n. 1, 2001, p. 32. Disponível em: <http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/8>. Acesso em: 27 ago. 2019.

<sup>906</sup> WILLEMS, E. *Followers of the new faith: culture change and rise of protestantism in Brasil and Chile*, Nashville: Vanderbilt University Press, 1967, p. 119.

<sup>907</sup> MARIANO, **Revista de Estudos da Religião**, dez. 2008, p. 73. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf). Acesso em: 27 ago. 2019.

<sup>908</sup> CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal. **Revista de Antropologia da USP**, São Paulo, v. 54, n. 2, 2011, p. 1013-1049.

<sup>909</sup> ALENCAR, 2015, p. 28.

eles que, mediante pretensa orientação divina, entendem que são os únicos detentores do poder e do conhecimento para a condução das suas igrejas<sup>910</sup>.

Ao mesmo tempo que se evidencia uma reverência enorme pelos líderes, admite-se que pessoas da comunidade sem uma preparação formal exerçam esta função de mediadores. No movimento pentecostal vivencia-se

um protestantismo que privilegia uma liderança pastoral fundada, não sobre um diploma de Teologia e o reconhecimento de uma instituição, mas sobre o carisma de uma pessoa, sua capacidade de se comunicar com a divindade e de manifestar a potência divina de maneira eficaz (operando curas, por exemplo)<sup>911</sup>.

Não é esta a estrutura eclesiástica e nem a forma de governo vivenciada no *tradicionalismo pentecostal*. Na sua forma de governo utiliza-se o modelo congregacional<sup>912</sup> (sistema explicado no primeiro capítulo), sem esta divinização do líder, com a perspectiva do sacerdócio universal dos crentes (tema da Reforma) apoiado pela liderança especializada que estuda para exercer o ofício pastoral<sup>913</sup>. A escolha dos pastores, além de levar em consideração seu preparo, dependia diretamente da decisão da assembleia e do voto dos membros, mostrando que eles estavam à mercê da sua comunidade, que poderia a qualquer momento demiti-los do cargo<sup>914</sup>.

A mentalidade de Convenção também não é comum no meio pentecostal. No pentecostalismo a estrutura é sempre piramidal, em que as partes mais importantes e influentes estão no topo. O meio batista tradicional tende a ser um movimento de base, na qual a parte mais importante da estrutura são as comunidades independentes<sup>915</sup>. Nenhuma outra denominação surgida do pentecostalismo manifestou esta perspectiva convencional; já as primeiras comunidades da CIBILA originaram diferentes grupos convencionais, e desde o início manifestaram esta preocupação<sup>916</sup>.

<sup>910</sup> A EXPRESSÃO “NÃO TOQUEIS NOS MEUS UNGIDOS” é o clichê da liderança para legitimar suas ações. In. ALENCAR, G. F. de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2000, p. 99.

<sup>911</sup> *Apud*, GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**. São Paulo: Attar, 2002, p. 343.

<sup>912</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 9; CIBI, 2014, p. 24.

<sup>913</sup> CIBI, 2014, p. 25.

<sup>914</sup> FORMAÇÃO DOS PASTORES: não houve no exercício pastoral pessoas ordenadas sem formação teológica. Já o primeiro pastor das comunidades tinha preparação teológica e esta perspectiva se perpetuou pelas comunidades. In. CIBI, p. 25; IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de atas 01**, ata de 02 de agosto de 1919, p. 30.

<sup>915</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

<sup>916</sup> CIBILA. *Geschichte Der Deutschen Konferenz*. **BI**, ano 10, n. 19, jul./dez. 2011, p. 6-8.

Pode-se notar um traço do pentecostalismo na designação do líder que não era o pastor nas comunidades. Emprega-se com frequência nas atas a designação alemã *Ältester*, que carrega consigo a ideia de alguém experiente primeiramente, mas que comumente é traduzida por *presbítero*<sup>917</sup>. Chamar o líder de presbítero é comum na fala dos pastores e membros das comunidades batistas independentes, o que reforça elementos hibridizados do meio pentecostal<sup>918</sup>.

*f) Liturgia sem regramentos fixos:* o pentecostalismo carrega consigo a marca de cultos longos e espontâneos, imersos em momentos de música e de expressões pessoais. Sua liturgia não tem regras fixas, podendo ser alterada de acordo com a condução e o sentimento do dirigente. No pentecostalismo de Primeira Onda a liturgia exige que as mulheres sentem separadas dos homens, inclusive!<sup>919</sup>

Se por um lado a liturgia foi excludente, afastando mulheres de homens e mantendo-as relegadas a segundo plano, o formato do culto se tornou inclusivo por ter uma linguagem simples permitindo a manifestação de todas as pessoas, trabalhando a autoestima e a identificação dos presentes<sup>920</sup>. Esta prática de permitir que outros falem se manifestou na “pregação improvisada, na sonoridade constante, na oração fervorosa, nos choros, nos gritos, nas palmas, nas línguas estranhas”<sup>921</sup>. Para Rolim,

seu dinamismo está na iniciativa de cada crente. Nenhuma programação ou planejamento antecipadamente traçado. Fica ao sabor das circunstâncias e aos cuidados de cada um. Não vem de cima para baixo. Brota da base. É informal. Em torno de algum crente ou pastor não faz diferença, ela é no começo simples reunião de não crentes, curiosos ou desejosos de conhecerem a Bíblia. Muitas casas de crentes foram a matriz da nucleação. Na moradia simples a leitura da Bíblia atraía os vizinhos. E o interesse despertado levava a um novo encontro. Cânticos, leitura de textos, pregação despertando o sentimento, criando consenso. Aglutinando. O povo simples que na época não tinha ocasião de escutar em sua cultura oral as narrações bíblicas, tinha diante dos olhos o fato novo: gente simples lendo ou contando para ele episódios da Bíblia<sup>922</sup>.

A própria exegese bíblica não segue os contornos formais e afeta a liturgia. “Um dos exemplos que podemos mencionar é um dos modos de orientação que consiste em abrir a Bíblia

<sup>917</sup> CIBILA. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, capa. Merece destaque a capa do primeiro Boletim Informativo, que retrata as mulheres sentadas do lado esquerdo de quem fala e os homens do lado direito.

<sup>918</sup> MÓDES, 2018, p. 199-203; 204-206.

<sup>919</sup> SOUZA, Gláucia Borges Ferreira de. **Um estudo de caso da Congregação Cristã no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião - Goiás: PUC, 2018, p. 39.

<sup>920</sup> SOUZA; MATOS, **Extraprensa**, v. 11, n. 1, 2017, p. 271.

<sup>921</sup> SOUZA, 2018, p. 94.

<sup>922</sup> ROLIM, 1985, p. 46.

aleatoriamente e tomá-la como uma fala divina diante de decisões cotidianas. Há, pois, o que poderíamos chamar de ‘hermenêutica da experiência’<sup>923</sup>.

Não há em nenhum registro da história da CIBILA, nem nas suas comunidades, a menção de utilização de alguma ordem de culto<sup>924</sup>. A expectativa de como a programação será dirigida recaía sobre o pastor ou o líder que estava conduzindo o culto<sup>925</sup>. Se em teoria não houve o exagero da autoridade permitida aos seus líderes, na prática eles conduziram os trabalhos com muita autonomia e liberdade<sup>926</sup>, tanto é que foi o pastor Jansson que estabeleceu o que deveria ser considerado como doutrinariamente correto na primeira comunidade, definindo toda a sua perspectiva de trabalho e quais pessoas seriam aceitas no grupo<sup>927</sup>. Isso também aconteceu na organização da CIBILA: os pastores foram determinantes para aquilo que a Convenção adotaria como prática<sup>928</sup>. O culto e as regras perpassaram a figura do líder, e na liturgia se vê a sua imposição, mas com menor interferência na questão da administração como ocorre em outros grupos pentecostais<sup>929</sup>.

Quando se observa a imagem número 13, da organização da CIBILA (imagem presente no terceiro capítulo deste trabalho), pode-se notar que as mulheres estão sentadas do lado esquerdo e os homens do lado direito de quem fala. Há uma segregação interna. As mulheres separadas dos maridos, à esquerda do pastor, representam uma distinção social. Esta prática é comum no meio pentecostal e aponta para o machismo<sup>930</sup> presente no contexto, disseminado pelo *tradicionalismo pentecostal*<sup>931</sup>.

Um dos momentos litúrgicos no qual mais se manifestava um regramento rígido, além do comum às perspectivas pentecostais norteadoras, eram os cultos de ceia<sup>932</sup>, chamados de

<sup>923</sup> ALENCAR, 2015, p. 14.

<sup>924</sup> ORDEM DE CULTO corresponde a organização litúrgica da programação de uma igreja. Ela estipula as partes, informa quem fará cada coisa e o tempo que terá para desenvolver sua função. As ordens permitem uma visão completa do culto e são geralmente entregues no formato impresso ou on-line para todas as pessoas que tem participação ativa na programação.

<sup>925</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12. Pode-se notar na primeira assembleia que originou a CIBILA que o dirigente conduziu os cultos aos seus moldes e preferências. Cada celebração teve outro pastor dirigente, tendo por isso seus contornos específicos.

<sup>926</sup> CIBI. **Princípios da nossa fé**. 19. ed. Campinas: Batista Independente, 2014, p. 25.

<sup>927</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 03 de junho de 1929, p. 153.

<sup>928</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA, 1989, p. 1-12.

<sup>929</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA, 1989, p. 1-12. As partes administrativas foram relegadas e dadas aos membros. Na primeira diretoria o cargo de tesoureiro coube ao membro Arnaldo Bloch.

<sup>930</sup> MACHISMO VELADO – durante os primeiros 20 anos da organização convencional nenhuma mulher ocupou cargos na diretoria e nem foi ordenada ao ministério pastoral. CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-104.

<sup>931</sup> CIBILA. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, capa; BRAZ, Polyanny L. do Amaral; REESINK, Mísia Lins. A santidade corporificada e a Congregação Cristã no Brasil. **TEMPO DA CIÊNCIA**. Toledo, v. 23. n. 45, jan./jun. 2016, p. 42.

<sup>932</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 7.

*santa ceia*, uma expressão importada do contexto pentecostal<sup>933</sup>. Este culto carregava consigo o ato litúrgico de maior grau, com um ritual fixo incomum, permitindo a participação apenas dos membros que vivenciavam a ascese<sup>934</sup>.

A liturgia do *tradicionalismo pentecostal* é basicamente pentecostal. Não há regramentos fixos quanto ao funcionamento do culto, que é simples em seu formato; mas há regramentos quanto ao lugar de cada um; ao mesmo tempo todos que estão lá, em seus devidos lugares, podem se manifestar da forma que acharem conveniente e segundo a *ação do Espírito*<sup>935</sup>.

Estes itens mencionados (*as emoções, a ascese, o estudo, a musicalidade, a estrutura eclesiástica e a liturgia*), permeados pela etnicidade alemã, constituem a cultura híbrida da CIBILA, manifesta nos mais diferentes lugares, sem uma homogeneidade. Em cada comunidade houve estes principais elementos, mas com as suas próprias adaptações ao meio. Pode-se notar que a manifestação cultural da CIBILA, em sua formação, esteve inserida no contexto da Pós-Modernidade, com compreensões diferentes sobre a formação e manutenção das identidades caracterizadas pela sua fluidez<sup>936</sup>, e, por isso, houve a volta de práticas já ultrapassadas na vivência das próprias comunidades; transitórias<sup>937</sup> – o que explica o abandono de algumas práticas adotadas pela Convenção no início e que em uma década mudaram completamente; e identificáveis<sup>938</sup> – com novas pessoas, sem ligação histórica ou étnica com as comunidades, que se vincularam e vinculam voluntariamente à CIBILA.

### 5.3 A CIBILA no espectro do pentecostalismo brasileiro

Há ainda aqui a necessidade de compreender um pouco mais o movimento pentecostal brasileiro, dividido em diferentes ondas e que traz as suas perspectivas para o trabalho sueco também, principalmente nas décadas anteriores à organização da CIBILA. Estudiosos, como Gedeon Alencar, falam inclusive de um proto-pentecostalismo no Brasil, citando um movimento ocorrido em 1841, no Recife, onde um pregador de nome Agostinho José Pereira, chamado por alguns de “Lutero Negro”, expunha as suas meditações baseadas numa pretensa revelação divina, e com outros negros fundou a Igreja Divino Mestre. Em seus ensinamentos pode-se

<sup>933</sup> BANDINI, Claudirene de Paula. Relações de gênero na Assembleia de Deus: uma análise da trajetória feminina. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. 2015, p. 119.

<sup>934</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. *Livro de atas 01*, ata de 04 de fevereiro de 1922, p. 78.

<sup>935</sup> CIBILA. *Livro de Atas 01*. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

<sup>936</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 12.

<sup>937</sup> MOUFFE, Chantal. Globalização e cidadania democrática. *Revista da Faculdade de Direito da UFPR*, Curitiba, v. 36, 2001, p. 17-25.

<sup>938</sup> HALL, 2003, p. 47.

notar a ênfase na ação direta do Espírito Santo sobre a vida das pessoas. Embora o movimento não tenha tido longa duração, é uma amostra de outras pequenas mobilizações ocorridas em solo brasileiro e que teriam em sua forma de pensar elementos característicos do pentecostalismo posterior<sup>939</sup>.

Freston, em estudo pioneiro, vai classificar o pentecostalismo brasileiro em três ondas, e é interessante perceber a influência da mídia na difusão desta nova forma de estruturar a igreja: a Primeira Onda diz respeito aos 40 anos iniciais (1910-1950), quando se instalam no Brasil a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus, advindas da difusão mundial do evento da Rua Azusa; já a Segunda Onda (anos 50 a 70) “caracteriza-se pelo uso do rádio e pelas cruzadas itinerantes em tendas de circo, teatros, cinemas e estádios, início do evangelismo em massa com ênfase na cura divina”<sup>940</sup> e tem o uso das mídias na propaganda dos eventos como característica peculiar; a Terceira Onda, a partir de 1975, “acompanha novo surto de crescimento nos anos 80”<sup>941</sup> e os meios de comunicação de massa se tornam as principais ferramentas de anúncio da mensagem destas denominações que surgem, com destaque à Universal, à Internacional e à Mundial<sup>942</sup>.

É de interesse neste trabalho refletir sobre as denominações que surgem no Pentecostalismo de Primeira Onda. Nele, além das duas igrejas tradicionais (a *Congregação Cristã no Brasil [CCB]* que chegou ao país em 1910, por meio de Louis Francescon, um imigrante italiano que viveu em Los Angeles, onde teve sua experiência Pentecostal<sup>943</sup>, e a *Igreja Assembleia de Deus*, organizada pelos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren que, devido à sua experiência pentecostal, foram obrigados a sair da Igreja Batista para iniciar na cidade de Belém a Missão Fé Apostólica, em 1911, que em 1918 recebeu o nome de Igreja Assembleia de Deus<sup>944</sup>), precisa-se listar um terceiro grupo, não tão expressivo, mas de pensamento semelhante, representado pelas igrejas batistas independentes, objeto de estudo desta pesquisa.

Nestas duas primeiras igrejas encontram-se os mesmos traços teológicos norteadores: “ambas se caracterizam por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical

---

<sup>939</sup> ALENCAR, 2012, p. 43.

<sup>940</sup> FRESTON, 1993, p. 95.

<sup>941</sup> FRESTON, 1993, p. 95.

<sup>942</sup> FRESTON, 1993, p. 95.

<sup>943</sup> FRESTON, Paul. **Breve História do Pentecostalismo brasileiro.** In. ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios.** Petrópolis: Vozes, 1994, p. 70.

<sup>944</sup> FRESTON, 1994, p. 70-71.

sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior”<sup>945</sup>. Sua teologia teve uma antropologia que privilegiava a imaterialidade (alma ou espírito) em detrimento da matéria (corpo)<sup>946</sup>, o que trouxe implicações sobre a sua vida diária: eles “vivem no mundo, mas estão proibidos dos prazeres comuns da vida social, tais como: bailes, cinemas, álcool, fumo e práticas fúteis”<sup>947</sup>. Já com relação às mulheres, entendiam que “não podem andar de calça comprida e usam cabelos longos. Devem rejeitar como diabólicos a minissaia e o biquíni. Não podem se pintar. Não seguem as modas”<sup>948</sup>. Havia ainda outras proibições: “não podem beber, jogar, dançar (bailes), cantar músicas mundanas, ter rádio ou televisão e nem ir ao cinema”<sup>949</sup>.

Esta atitude repressora sobre o corpo se modificava no momento de culto, quando as expressões passaram a ser importantes no que tange à manifestação visível e autenticada da religião. A prática pentecostal da CCB e da Assembleia de Deus priorizava sobremaneira as manifestações emotivas<sup>950</sup>. Esta ênfase nas emoções em detrimento da racionalidade fez com que apenas na década de 50 se organizasse uma abordagem teológica pentecostal brasileira, refletindo a mentalidade do pentecostalismo de Primeira Onda. Foi neste período também que cresceu o interesse dos pentecostais por classes de estudo da Palavra de Deus, como as Escolas Bíblicas Dominicais<sup>951</sup>. Além disso, é somente na década de 70 que há um investimento maciço na parte da formação teológica dos obreiros pentecostais. Estas perspectivas revelam a mentalidade de que muito estudo acaba com a liberdade do Espírito Santo<sup>952</sup>.

A terceira igreja, considerada com teologia pentecostal no movimento de Primeira Onda, foi a *sueca*, que ao longo dos anos formou as *Igrejas Batistas Independentes*. Há dúvidas sobre a real expressão pentecostal por este grupo, debate trabalhado no decorrer deste capítulo. Em tese, eles receberam a identificação de serem pentecostais. Sua manifestação pentecostal foi em seu início mais étnica, o que restringiu o seu crescimento<sup>953</sup>. Os cultos eram realizados na língua dos (i)migrantes, limitando a manifestação religiosa à cultura das pessoas alcançadas.

<sup>945</sup> MARIANO, R. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2010, p. 29.

<sup>946</sup> ALBANO, F. **Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal**. Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: EST/PPG, 2010, p. 21.

<sup>947</sup> WILGES, 2003, p. 105.

<sup>948</sup> WILGES, 2003, p. 105.

<sup>949</sup> WILGES, 2003, p. 105.

<sup>950</sup> BETTENCOURT, E. T. **Crenças, religiões, igrejas e seitas: quem são?** 2. ed. São Paulo: Mensageiro de Santo Antônio, 1995, p. 47.

<sup>951</sup> PAIXÃO, D. S. A Missão sueca na construção da identidade assembleiana no Brasil. **Azusa – Revista de Estudos Pentecostais**, n. 1. São Paulo: CEEDUC, 2011, p. 24.

<sup>952</sup> MCALISTER, W. **Neopentecostalismo – A história não contada: quem foi Roberto McAlister, conhecido como o pai desse movimento**. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012, p. 130.

<sup>953</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-11.

Este princípio foi importante no estabelecimento das igrejas da CIBILA, uma vez que a etnicidade alemã foi conduzida à religião destes membros<sup>954</sup>.

As igrejas organizadas pelos missionários suecos, que originam as igrejas batistas independentes, tiveram teologia muito similar ao pentecostalismo americano e, conseqüentemente tem aproximações com as outras duas denominações do pentecostalismo de Primeira Onda em solo brasileiro. Pode-se notar estas quatro bases nas pregações de Ongman e Jansson:

1. A salvação – pela graça de Deus, obtida pela morte vicária de Jesus Cristo; 2. O batismo no Espírito Santo – interpretado como uma “segunda experiência”; 3. A saúde divina – como promessa para todos os crentes que se tornaram a comunidade da igreja e receberam oração por imposição de mãos; 4. Uma escatologia apocalíptica – quase sempre pré-milenarista, cujos subtemas costumam ser: a ressurreição, a segunda vinda e o Reino milenar, o juízo e o Reino eterno<sup>955</sup>.

São as práticas que diferem um pouco e trazem peculiaridades para o movimento. Para começar, eles se voltavam para a evangelização dos seus pares, diferente do pentecostalismo norte-americano que visava o alcance do mundo<sup>956</sup>. Uma perspectiva manifesta de Jansson no início de seu trabalho no Brasil destaca esta visão: “Eu queria que tudo fosse o mais sueco possível”<sup>957</sup>. Sobre a CIBI, Valério ressalta:

Os traços suecos são sentidos até hoje dentro da CIBI, e muitos dos projetos sociais ainda são mantidos por parceiros suecos. Essa dependência explícita foi mais evidente até a década de 1970, quando a CIBI começou a se estruturar de forma mais autônoma. Porém, ainda hoje muitos missionários são sustentados financeiramente dentro de uma parceria Brasil/Suécia, CIBI/Interact<sup>958</sup>.

A utilização da educação como meio de propagação teológica também não era comum ao contexto pentecostal, mas as igrejas pentecostais suecas se preocuparam em estabelecer redes de ensino para a difusão da sua forma de pensar. É provável que esta prática esteja ligada ao que as igrejas luteranas faziam na Suécia<sup>959</sup>. Atrelada ao ensino formal está a educação teológica. Enquanto o meio pentecostal tradicional relegou a educação teológica a um segundo plano, no contexto do pentecostalismo que emergiu de Örebro houve uma instituição teológica formando pastores e missionários e também estabelecendo a forma de pensar desde o seu

<sup>954</sup> WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 38, n. 2, 1998, p. 156-172.

<sup>955</sup> BONINO, José Míguez. *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. Tradução de Luis Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 60.

<sup>956</sup> CIBILA. *Anna und Erik Jansson, unsere pioniere*. **BI**, n. 14, ano 8, jan./jul. 1996, p. 07.

<sup>957</sup> JANSSON, 1941, p. 50. Jansson se referiu ao primeiro Natal que passou em terras brasileiras.

<sup>958</sup> VALÉRIO, 2013, p. 107.

<sup>959</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 151.



surgimento<sup>960</sup>. No Brasil, o missionário Jansson organizou, quase junto com a comunidade, a Escola Bíblica<sup>961</sup>. Além destes fatos, o pentecostalismo sueco se voltava para a sociedade. “Os pentecostais suecos abriram um jornal diário nacional, [ofereceram] facilidades bancárias, [trabalharam na] produção de rádio e televisiva”<sup>962</sup>.

É importante fazer a ressalva de que a teologia manifesta pela CIBILA também difere da teologia pentecostal sueca, uma vez que carrega traços fortes da teologia tradicional batista advinda dos seus primeiros membros, como também difere das ondas do pentecostalismo brasileiro. A própria ênfase dada pelo jornal da CIBILA sobre o trabalho batista na Rússia advoga a favor de uma teologia tradicional<sup>963</sup>. Os elementos pentecostais presentes na Convenção vieram depois pela influência das escolas batistas independentes com teologia pentecostal sueca<sup>964</sup>. É por estas nuances próprias que ela não é considerada dentro das ondas do pentecostalismo brasileiro e é citada pela Aliança Batista Mundial como uma denominação tradicional. A não citação da CIBILA nas ondas do pentecostalismo é prova também de que não se trata de um movimento pentecostal em sua essência<sup>965</sup>.

É importante destacar que houve certa abertura, por parte dos missionários suecos, às percepções teológicas provenientes de seus membros, moldando a sua teologia à da comunidade que estava em constante mudança, desde que estas percepções estivessem próximas das que eles tinham<sup>966</sup>. Daun ao refletir sobre a cultura sueca, explica esta assimilação como elemento cultural deste país: “o evitamento de conflitos e a subordinação ritual” são marcas culturais indelévels no imagético sueco. Nas suas pesquisas, ele destaca que os suecos evitam ao máximo os conflitos e aceitam com certa naturalidade questões e situações que lhes são impostas<sup>967</sup>.

Houve nas igrejas teuto-russas de teologia sueca (igrejas da CIBILA) um fechamento em si mesmas e uma volta ao passado em termos teológicos e práticos, fazendo-as diferirem do movimento pentecostal<sup>968</sup>. Esta postura de um tradicionalismo extremado não é estranha no

<sup>960</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-11.

<sup>961</sup> CIBILA. 100 Anos de Missão Batista Independente. **Boletim Informativo**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, capa e p. 11-26.

<sup>962</sup> PICOLOTTO, Mariana Reinisch. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Contraponto**, v. 3, n. 1, 2016, p. 8. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741>. Acesso em: 11 mar. 2020.

<sup>963</sup> CIBILA. *Deutsche Baptistengemeinden In Wolhynien*. **BI**, ano 16, n. 31, jul./dez. 2004, p. 03-05.

<sup>964</sup> CIBI. **Princípios da nossa fé**. 19. ed. Campinas: Batista Independente, 2014, p. 1-40.

<sup>965</sup> FRESTON, Paul. *Pentecostalism in Brazil: a brief history*. **Religion**, Abingdon: Taylor & Francis, n. 2, v. 25, 1995; ALVARSSON, Jan-Åke B. *Research on Pentecostalism in Sweden*. **Approaching Religion**, Finlândia, n. 1, v. 5, 2015, p. 16-30. Disponível em: <https://ojs.abo.fi/index.php/ar/article/view/857>. Acesso em: 15 jun. 2016; DIAS, Zwinglio Mota. Um século de religiosidade Pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno Pentecostal. **Horizonte**, Belo Horizonte, n. 22, v. 9, 2011, p. 377-382.

<sup>966</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 15 de dezembro de 1918, p. 1-11.

<sup>967</sup> DAUN, Ake. *Swedish Mentality*. University Park: State University Press, 2004, p. 20-48.

<sup>968</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-11.

cenário religioso internacional ao mostrar que “os movimentos conservadores, ortodoxos ou tradicionalistas estão crescendo em quase toda parte. Esses movimentos são justamente aqueles que rejeitaram o *aggiornamento* à modernidade tal como é definida pelos intelectuais progressistas”<sup>969</sup>.

Esta volta ao passado, às percepções dos pais e avós, carrega consigo a impressão de garantia nos movimentos e “a busca acentuada de valores tradicionais parece prometer a recuperação de toda aquela segurança que se perdeu”<sup>970</sup>. Em decorrência disso,

comportam-se conforme padrões bem definidos e, como consequência, [creem] que a vida era mais estável, tranquila e viável no passado. Comparada com a realidade presente, marcada pelo pluralismo cultural e ético, aquela época manifesta-se agora para eles como um ideal a ser restaurado<sup>971</sup>.

É neste processo de hibridização que emergiu o *tradicionalismo pentecostal*. Sua construção se deu desde a organização da Igreja Batista Betel, em 1918, culminando com a organização da CIBILA em 1989, a partir de uma idealização de seu passado distante<sup>972</sup>. Além de diferir dos elementos teológicos e práticas pentecostais do pentecostalismo de Primeira Onda, as igrejas da CIBILA mantêm na atualidade uma aproximação com o pentecostalismo de imigração manifesto pelas igrejas batistas suecas em solo brasileiro no seu início, cujas características foram perdidas ao longo do tempo por estas comunidades religiosas<sup>973</sup>. A cultura religiosa que a CIBILA manifesta é a que mais se aproxima dos ideais teológicos da organização missionária de Örebro, mantendo traços da cultura social sueca, mesclados com a teologia tradicional e uma cultura teuto-russa.

Este *tradicionalismo pentecostal* constitui a identidade deste grupo. A identidade define “o que você tem em comum com algumas pessoas e o que o torna diferente de outras”<sup>974</sup> e expressa a forma “como a pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída ao longo do tempo e do espaço, e como a pessoa entende possibilidades para o futuro”<sup>975</sup>. Esta identidade, por ser uma manifestação cultural proveniente das relações sociais

<sup>969</sup> BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, n. 21, 2001, p. 13.

<sup>970</sup> BLANK, Renold. O fundamentalismo questionado pelos fundamentos teológicos nos quais quer se fundamentar. **Vida Pastoral**. São Paulo, n. 176, maio/jun. 1994, p. 12.

<sup>971</sup> ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio**. Uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1996, p. 118.

<sup>972</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1989?], p. 1-11.

<sup>973</sup> CIBILA. 100 Anos de Missão Batista Independente. **Boletim Informativo**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, capa e p. 11-26.

<sup>974</sup> WEEKS, J. The value of difference. In. RUTHERFORD, J. (Ed.). **Identity: community, culture, difference**. London: Lawrence & Wishart, 1990, p. 88.

<sup>975</sup> NORTON, B. **Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change**. London: Pearson Education, 2000, p. 5.

e internalizada a partir de um recorte intencional, pode ser descrita a partir desta percepção de Bradley:

a identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provêm das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam<sup>976</sup>.

A identidade da CIBILA não foi e nem mesmo é estática. É um processo de construção alicerçado no elemento simbólico, manifesto principalmente pela prática discursiva por meio do princípio da alteridade<sup>977</sup>: as falas manifestas dependem da forma como se vê o outro<sup>978</sup>. Esta perspectiva de identidade não se preocupa primeiramente com o *ser*, mas com o *estar*, ou em palavra mais exatas, o *representar*<sup>979</sup>. Não se está resgatando uma identidade, mas criando uma na construção da Convenção<sup>980</sup>.

A identidade é sempre uma relação: o que eu sou só se define pelo que não sou; a definição de minha identidade é sempre dependente da identidade do Outro. Além disso, a identidade não é coisa da natureza; ela é definida num processo de significação; é preciso que socialmente lhe seja atribuído um significado. Não existe identidade sem significação<sup>981</sup>.

A religião foi crucial para o desenvolvimento e a manutenção desta germanidade nos membros que participavam destas comunidades religiosas, bem como para seu estabelecimento cultural e identitário<sup>982</sup>, contrastante com outras comunidades étnicas alemãs nas quais a escola era o principal local mantenedor da cultura e, principalmente, como contraste entre a CIBILA e as demais convenções estaduais e regionais de igrejas batistas independentes e da própria convenção nacional, a CIBI. Nas palavras de Sarup, em sua análise da cultura mundial na pós-modernidade, a religião é considerada uma identidade construída pelas interações: “a identidade é, de certa forma, um efeito das instituições sociais. (...) Todas as identidades, sejam baseadas em classe social, etnia, religião ou nação, são construtos sociais”<sup>983</sup>.

<sup>976</sup> BRADLEY, H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996, p. 24.

<sup>977</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 2.

<sup>978</sup> SARUP, M. **Identity, culture and the postmodern world**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996, p. 28, 48.

<sup>979</sup> GÖRTZ, Alfredo E. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 1-3.

<sup>980</sup> TILIO, 2006, p. 39.

<sup>981</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 106.

<sup>982</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 2-11.

<sup>983</sup> SARUP, 1996, p. 48.

As comunidades foram essenciais na projeção cultural em seus membros, que viram a organização convencional como um meio para preservar o que consideravam como verdade<sup>984</sup>. Dentro do contexto do protestantismo, a entrada no grupo se dá por meio de um processo chamado de *conversão*<sup>985</sup>. Esta mudança que gera a “admissão no grupo pode vir a exigir completo rompimento com as atividades comuns da vida e radical mudança nos relacionamentos sociais e religiosos. Vínculos de família, de parentesco e lealdades de vários tipos são pelo menos temporariamente afrouxados ou mitigados”<sup>986</sup>. As comunidades se tornam essenciais na vida das pessoas e exercem papel de dominação pelo discurso, declarando a vigilância constante de Deus e estabelecendo o acompanhamento de seus membros entre os seus pares<sup>987</sup>. Quando se tem a Convenção, usa-se esta instituição para designar o que é correto e divino para as comunidades onde as pessoas estão inseridas<sup>988</sup>. A CIBILA se torna a organização legitimadora das práticas exigidas pelos líderes das comunidades a seus membros<sup>989</sup>. Weber, em sua obra *Economia e Sociedade*, fala sobre a importância da congregação religiosa para a prática cultural coesa, afirmando que a comunidade religiosa que se reúne em determinado lugar “é indispensável ao sistema de dominação vigente na religião, pois somente a manutenção das pessoas dentro de um grupo, ocupando posições nele, permite seu controle, domesticação e disciplina”<sup>990</sup>.

Entendendo que a realidade social é construída, e não algo dado (como se fosse natural), “o homem produz valores e verifica que se sente culpado quando os transgride”<sup>991</sup>, pode-se notar uma submissão voluntária, aderindo aos costumes apresentados, contrariando as próprias vontades e desejos e permitindo um cerceamento das expressões voluntárias para a manutenção da identidade<sup>992</sup>. “Ser segregado da sociedade expõe o indivíduo a uma porção de perigos que ele é incapaz de enfrentar sozinho; num caso extremo ao perigo de extinção iminente”<sup>993</sup>. Nas comunidades isoladas os teuto-russos aprenderam a ser batistas

---

<sup>984</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 2-11.

<sup>985</sup> WUTZKE, Aldino. *Gemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 7.

<sup>986</sup> WACH, 1990, p. 169.

<sup>987</sup> WUTZKE, Aldino. *Gemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 7.

<sup>988</sup> GÖRTZ, Alfredo E. *Zweite Konferenz der Unabhängigen Baptistengemeinden Deutscher Sprache – CIBILA*. **BI**, n. 2, ano 2, jan./jul. 1990, p. 3.

<sup>989</sup> WUTZKE, Wilson. *Ein Wort zum Geleit*. **BI**, n. 3, ano 2, jul./dez. 1990, p. 3.

<sup>990</sup> CAMPOS, *Estudos de Religião*, v. 30, n. 2, maio-ago. 2016, p. 155.

<sup>991</sup> BERGER, 1985, p. 23-24.

<sup>992</sup> CIBILA. *Livro de atas 01*. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

<sup>993</sup> BERGER, 1985, p. 35.

independentes; na organização convencional estes aspectos característicos identitários essenciais foram reafirmados<sup>994</sup> e receberam o peso da organização maior<sup>995</sup>.

Foram as igrejas isoladas primeiramente (comunidades organizadas a partir de 1912 no noroeste do Rio Grande do Sul) e depois os grupos convencionais (o primeiro em 1919), culminando no mais contundente deles, a CIBILA (1989), os centros mantenedores desta germanidade<sup>996</sup> e propagadores da teologia batista independente em elucidação<sup>997</sup>. Apesar das comunidades batistas independentes estabelecerem uma escola no início, aos moldes de outras comunidades teutas, seus centros de ensino formal não tiveram expressão no cenário educacional brasileiro, provavelmente tendo a sua visão limitada pelo surgimento tardio e os lugares em que as igrejas foram organizadas inicialmente, não exercendo grande influência na forma de pensar sua cultura religiosa<sup>998</sup>. No meio luterano foi diferente, a ponto de pesquisadores atestarem que “na preservação do caráter germânico de uma comunidade, a Igreja com seus cultos em língua alemã eram relativamente sem importância; decisiva era a unidade em que os imigrantes eram assentados e, além disso, seu relacionamento com o ambiente”<sup>999</sup> dando destaque à escola. Não foi este o caso das comunidades teuto-russas, e se elas tivessem dependido das suas escolas, sua cultura teria sucumbido<sup>1000</sup>.

A ênfase à cultura religiosa também se faz necessária neste estudo porque muitos dos traços germânicos listados como *comuns* entre os (i)migrantes não estão presentes nas comunidades originadoras da CIBILA e, conseqüentemente, não são manifestados pelas Convenções. Como traços germânicos geralmente se cita:

Uma história comum (passado migratório); **origem (a Alemanha natal dos ancestrais)**; língua (os dialetos germânicos que ainda falam ou que são ainda falados por algum membro da família em associação com a fluência do português nas gerações mais novas); costumes (hábitos alimentares específicos, etc.); **ritos de celebração (ex.: participação em festas tradicionais germânicas como Kerb, mas também participação em festas nacionais nas gerações mais novas)**; **cultura (danças folclóricas, grupos associativos)**, escrita (mídia, literatura étnica, etc.); religião; aparência física (predominância, mas não exclusividade principalmente após

<sup>994</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA, 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12; GÖRTZ, Alfredo E. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 1-3.

<sup>995</sup> BERGER, 1985, p. 35.

<sup>996</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>997</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 1-11.

<sup>998</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 29 de novembro de 1919, p. 33-34.

<sup>999</sup> DREHER, 1984, p. 61.

<sup>1000</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

miscigenação, de indivíduos de pele e olhos claros) [grifo do autor indicando elementos étnicos não presentes nas igrejas da CIBILA]<sup>1001</sup>.

A designação de pentecostais que receberam nunca foi oficialmente assimilada e nem admitida pelas comunidades e muito menos pela Convenção<sup>1002</sup>. As igrejas tiveram um missionário pentecostal no início, que não conseguiu introduzir todas as suas perspectivas na nova igreja fundada por ele, e no momento em que a CIBILA foi organizada esta ligação com a Suécia era muito mais formal do que prática. Os pastores que foram os fomentadores da teologia teuto-russa na CIBILA provêm, em sua maioria, de seus próprios seminários e com uma teologia própria muito semelhante (quando não igual) à designada aqui de *Tradicionalismo Pentecostal*<sup>1003</sup>. A designação de pentecostais no início do movimento no interior do Rio Grande do Sul tinha como propósito gerar a desconfiança das demais pessoas a partir do discurso dos estabelecidos, permanecendo como marca de desconfiança até a atualidade na Convenção. A publicação de Elias e Scotson sobre *Os Estabelecidos e os Outsiders* mostra este discurso difamatório em uso e pode ser aplicada à realidade da constituição da CIBILA<sup>1004</sup>.

O discurso negativo acerca do grupo entre os estabelecidos foi uma forma de buscar desprestigiar os *outsiders*<sup>1005</sup>. Irá se utilizar o pensamento de Norbert Elias a partir da sua análise de comunidades que se dividem, para falar da saída do grupo de batistas tradicionais para a organização de um novo grupo liderado por um missionário sueco. Houve um claro embate entre os estabelecidos e os dissidentes que caminha na linha de pensamento de Elias. Pode-se ver nas discussões dos estabelecidos da comunidade batista tradicional a preocupação com os dissidentes e a perspectiva negativa de denominá-los como sendo pentecostais ou pentecostalizados. A Assembleia das Igrejas Batistas Alemãs do Rio Grande do Sul se preocupou em fazer esta identificação ao grupo dissidente, originador das igrejas teuto-russo-

<sup>1001</sup> MIRANDA, Joana de Paula Cidade. **Deutschtum no Brasil: imigração, identidade e mídia étnica alemã**. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2008, p. 27-28.

<sup>1002</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA, 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12; GÖRTZ, Alfredo E. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 1-3.

<sup>1003</sup> KRAUSE, Armindo. *Timbauva – Begrüßungsgottesdients*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 4; WEISS, Ervino. *Die Gemaeinde in Nova Santa Rosa hat neuen Pastor*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989, p. 5.

<sup>1004</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 27.

<sup>1005</sup> “AS PALAVRAS ESTABLISHMENT E ESTABLISHED são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma ‘boa sociedade’. (...) a ‘minoridade dos melhores’ nos mundos sociais mais diversos: os guardiães do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs, dos distintos hábitos burgueses, (...). Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social.” *In*. ELIAS, 2000, p. 7.

suecas<sup>1006</sup>. Algumas citações oficiais entre os batistas tradicionais, na década de 30, demonstravam a clara insatisfação contra os alemães que haviam se juntado aos missionários suecos. Falava-se nas atas sobre uma espécie de concorrência, chamada de “*Störenfried*” (perturbação da paz), pois a Missão Sueca estava organizando comunidades religiosas em vários locais onde já existiam igrejas da Convenção Batista Alemã e também via-se o trabalho sueco como uma invasão, com manifestações de insatisfação dirigidas ao pastor Winderlich, que teria decepcionado o grupo por nada fazer para combater este novo movimento. Tinha-se medo da situação piorar. Até discussões sobre a ingestão de bebida alcoólica foram levantadas entre os batistas tradicionais<sup>1007</sup>. A citação mais contundente desta rivalidade foi expressa na assembleia de 1935, entre os batistas tradicionais:

A que tem causado mais problemas é a Missão Sueca. Motivo principal: eles jogam com cartas falsas e se fazem passar por batistas, mas são falsos pentecostais. É decidido publicar uma declaração no *Missionsbote* de que não temos nada em comum com esse grupo. Também é deliberado colocar o presidente da Aliança Batista Mundial a par do que está ocorrendo com essa missão<sup>1008</sup>.

Como os dissidentes não se submetiam ao grupo de estabelecidos, nas falas eram menosprezados e diminuídos, pois “a participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é, por assim dizer, a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo”<sup>1009</sup>. É provável que esta retaliação fosse fruto do medo de que o outro grupo se estabelecesse e se tornasse tão expressivo quanto o seu grupo de origem. Elias ressalta que, ao retratar um grupo discordante daquele que tem domínio sobre a região, os estabelecidos “sempre que possível, tentam evitar que um grupo vizinho alcance um potencial maior do que o próprio”<sup>1010</sup>.

O “medo” é identificado como um fator importante na geração dos conflitos entre grupos e indivíduos, tanto que o medo de uma ameaça, vinda de outro grupo, pode gerar um ataque contra o outsider antes mesmo de a suposta ofensa concretizar-se de fato. Ele põe em destaque a busca pela autoestima de grupo como um modo de fortalecimento e de integração entre seus membros. Procura mostrar que, até certo ponto, grupos com mais autoestima (seguros de seu próprio valor) tendem para a moderação e a tolerância nas relações com os outsiders, mas o mesmo não ocorre nas seções de grupos estabelecidos cujos membros são mais inseguros, ou seja, estes

<sup>1006</sup> ATA da 7ª Assembleia das Igrejas Batistas Alemãs do RS. Porto Alegre, 14 a 16 de maio de 1916.

<sup>1007</sup> ATA da 21ª Assembleia da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do RS. Ijuí, 19 a 21 de fevereiro de 1932.

<sup>1008</sup> ATA da 24ª Assembleia da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do RS. Guarany, 13 e 14 de fevereiro de 1935.

<sup>1009</sup> ELIAS, 2000, p. 40.

<sup>1010</sup> ELIAS, 2000, p. 210.

estigmatizam mais (e com maior frequência) e hostilizam os que são vistos como “os de fora”<sup>1011</sup>.

A forma encontrada pelo novo grupo de amenizar o discurso negativo a ele dirigido foi por meio da elaboração e manifestação de uma tradição cultural própria. A organização em igreja e, principalmente, o estabelecimento da CIBILA muito depois, em 1989<sup>1012</sup>, foram armas importantes para a elucidação de um discurso homogêneo por meio das instituições e de seus documentos oficiais, bem como a criação de seu mito fundante que remetia ao passado idealizado, fazendo com que os *outsiders* passassem ao status de estabelecidos<sup>1013</sup>. O discurso projetante do mito fundante só foi uma realidade a partir da organização da Convenção, que passou a veicular um jornal próprio que retratava o passado longínquo e imaginado, além de outros materiais impressos com o propósito de galvanizar a história idealizada<sup>1014</sup>.

A germanidade teuto-russa foi essencial para a determinação dos aspectos culturais a serem assimilados, ressignificados, adaptados e reproduzidos pelas comunidades<sup>1015</sup>. Se não fosse assim a sua cultura religiosa seria pentecostal, em decorrência dos missionários suecos que acompanharam as igrejas em seu início oficial. O contexto no qual a CIBILA se forma, na transição entre a modernidade e a pós-modernidade, contribuiu significativamente para a sua formação e estabelecimento. A subjetividade dos indivíduos que compuseram a Convenção foi constituída por meio de “mediações sociais, o que exige necessariamente um outro que se faz presente pela linguagem. É nessa troca permanente que a subjetividade se constrói na interação entre interno e externo, individual e social, no compartilhar dos significados”<sup>1016</sup>.

Evidencia-se neste construto social da CIBILA e suas comunidades as mesmas percepções defendidas por Bourdieu nas suas concepções acerca da antinomia indivíduo/sociedade dentro da sociologia estruturalista, designada por ele de *habitus* (conceito trabalhado no primeiro capítulo desta pesquisa). Tal conceito foi ampliado em sua projeção por

<sup>1011</sup> *Apud*, LIMA, M. A. Relações de poder entre os estabelecidos e os outsiders. **HOLOS**, Ano 31, v. 6, 2015, p. 552-553.

<sup>1012</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>1013</sup> ELIAS, 2000, p. 20.

<sup>1014</sup> IMPRESSOS PARA A CRIAÇÃO DO MITO FUNDANTE: a terceira edição do *Boletim Informativo* trouxe relatos sobre a forma como os teuto-russos (i)migraram para o Brasil, retratando todo o seu passado de dor. *In*. CIBILA. *Zur Geschichte de Russlanddeutschen*. **BI**, n. 3, ano 2, jul./dez. 1990, p. 11. Além deste, o Departamento das Igrejas de Língua Alemã (DILA) criou um material em 1988, antes da organização da DILA em CIBILA, retratando todo o passado, as primeiras igrejas e a história selecionada deste grupo de comunidades. O registro é emotivo e apelativo, sendo lançado pouco antes da organização da CIBILA. Cf. DILA. *Zum Gedenken an die 50 Jahre*. Nova Santa Rosa, 1988, p. 1-14.

<sup>1015</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>1016</sup> MOTTA, Flávia Miller Naethe. **As crianças e o exercício de práticas de autoridade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: PUC, 2007, p. 40.



Norbet Elias que, diferente de Bourdieu, associou a capacidade de livre escolha do indivíduo na construção deste *habitus*, que vai além da imposição social<sup>1017 1018</sup>.

Para Elias, este *habitus* está em constante mudança, devido aos rotineiros contatos e movimentos da própria sociedade, alterando as percepções antigas que são remodeladas pelas novas experiências sempre com certa dosagem de tensão, que permanece dentro dos agrupamentos sociais por períodos prolongados de tempo, gerando as suas marcas e desdobramentos<sup>1019</sup>. Pode-se notar que o *habitus* “implica sempre uma noção de equilíbrio na balança eu-nós no interior das tensões emocionais e configuracionais das redes de interdependência e de novas conformações que se dão nos processos de continuidade, conformidade e mudança”<sup>1020</sup>.

O discurso foi a principal ferramenta utilizada para a construção das comunidades batistas independentes alemãs e, principalmente para a organização da CIBILA. O contato com o missionário e com diferentes vertentes culturais no período de seu estabelecimento no Brasil em 1912<sup>1021</sup>, bem como interesses próprios de alguns líderes dentro do contexto batista tradicional, geraram tensões, um afastamento e recriação de um novo modo de ser igreja a partir de 1918, que gera algumas estruturas convencionais embrionárias – CEBS em 1919, CIEBIB em 1952, CIBI em 1966 e DILA em 1970 – culminando na organização da CIBILA em 1989<sup>1022</sup>. O pensamento batista tradicional que acompanhou os (i)migrantes que vieram da Rússia, e as perspectivas teológicas pentecostais dos missionários suecos tiveram influência sobre a teologia asseverada como correta pela CIBILA. A Convenção transita entre estes dois meios teológicos.

A teologia batista tradicional esteve ligada ao próprio aspecto germânico do grupo e presente no movimento (i)migratório<sup>1023</sup>. Já a teologia pentecostal foi incorporada posteriormente e hibridizada com os elementos tradicionais já presentes nas comunidades<sup>1024</sup>. Nota-se com clareza que esta identidade batista independente está fragmentada. Em alguns momentos oscila-se mais para a teologia tradicional e em outros, para o pentecostalismo<sup>1025</sup>.

<sup>1017</sup> HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Bauru: EDUSC, 2001, p. 131.

<sup>1018</sup> ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 30-31.

<sup>1019</sup> KOURY, M. G. P. Emoções e sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, jul./dez. 2013, p. 88-92.

<sup>1020</sup> KOURY, **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, jul./dez. 2013, p. 90.

<sup>1021</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-02.

<sup>1022</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>1023</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-11.

<sup>1024</sup> PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>1025</sup> LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 51.

Além da fragmentação, há ainda a dimensão da contradição presente no que pode ser chamado de cultura da CIBILA. Ela é tradicional, mas tem elementos pentecostais; é pentecostal e tem características claras da teologia tradicional; se denominam alemães, mas são brasileiros descendentes de russos; estão numa comunidade que foi liderada por pastores suecos<sup>1026</sup>, com requintes de adaptação brasileira e com elementos dos outros grupos (i)migrantes, mas que no momento da organização em Convenção tem basicamente pastores que estudaram em seminários brasileiros, na língua portuguesa, mas que insistem pela tradição imposta a pregarem em alemão<sup>1027</sup>. Esta perspectiva de organização da CIBILA é completamente pós-moderna, pois há descentramento, deslocamento, fragmentação e contradição, conforme Hall alerta sobre o sujeito pós-moderno: “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente<sup>1028</sup>”.

Os traços do pentecostalismo, como um movimento multifacetado, contribuíram para a organização da CIBILA no contexto pós-moderno. Pode-se notar a fragmentação no movimento pentecostal desde a sua gênese, em 1890, em especial nos líderes e organizadores da agência missionária que enviou pastores ao Brasil e moldou a forma de pensar da CIBILA<sup>1029</sup>. Embora internamente a Convenção negue ser pentecostal<sup>1030</sup>, foi este um dos principais movimentos que dirigiram as mudanças incorporadas pelo novo grupo.

#### **5.4 A centralidade da organização convencional para a difusão cultural**

A CIBILA não apenas manifestou e continua apresentando uma etnicidade e cultura própria, mas ela, como Convenção, se constitui de uma representação cultural. Esta Convenção e as estruturas convencionais anteriores criadas pelas igrejas do grupo foram os principais mecanismos de organização da bagagem cultural criada, ressignificada e transmitida pela CIBILA, que são a representação do *tradicionalismo pentecostal*. A identidade híbrida presente na Convenção é fruto das pessoas que tiveram que se deslocar, mas não perderam completamente suas tradições e seus vínculos<sup>1031</sup>; ao mesmo tempo tiveram que se adaptar a um contexto diferente, traduzindo o que está à sua volta para a sua cultura, negociando “com

<sup>1026</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-11.

<sup>1027</sup> TILIO, 2006, p. 42.

<sup>1028</sup> HALL, 2003, p. 13.

<sup>1029</sup> LINDERHOLM. In. STÄVARE; WASSERMAN, 23 nov. 2008, p. 48-50.

<sup>1030</sup> CIBILA. **Livro de atas 01**. Ata de organização da CIBILA, 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

<sup>1031</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 10-11.

as novas culturas em que vivem”, sem nunca serem plenamente incorporados a ela<sup>1032</sup>. Além disso, quando deixaram o Rio Grande do Sul e fundaram novas comunidades, como aconteceu nos estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso, levaram seus traços característicos e os adaptaram à nova realidade, sem deixar de ser o que eram<sup>1033</sup>. A organização da CIBILA estimulou a criação de novas igrejas nestes lugares aos quais se deslocaram muitos dos membros das primeiras comunidades do estado do Rio Grande do Sul<sup>1034</sup>.

É importante notar que estas interpretações foram e são constantemente ressignificadas, dando sentido à vida das pessoas e fornecendo as explicações necessárias. A CIBILA, a partir dos estudos sobre a Sociologia da religião feitos por Berger, pode ser descrita como um “empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado”<sup>1035</sup>, em um contexto específico, mas que transcende este contexto, permitindo experiências e manifestando valores sociais importantes para a unidade simbólica entre os membros participantes deste fenômeno religioso<sup>1036</sup>. É um espaço em construção constante<sup>1037</sup>.

O estabelecimento convencional, como identidade de grupo, surge a partir da sua identidade social e se constitui de uma relação de poder<sup>1038</sup>. “O indivíduo, com sua identidade e características, é o produto das relações de poder às quais está sujeito”<sup>1039</sup>. Para Castells, há três formas essenciais de construção das identidades: a *identidade legitimadora*, que se estabelece pelo uso do poder por meio das suas instituições; a *identidade de resistência*, que resiste à identidade legitimadora; e a *identidade de projeto*, que além de resistir à dominação, estabelece uma nova forma de ser e estar. É dentro deste processo de formação de identidade de projeto que a CIBILA se origina<sup>1040</sup>.

Esta identidade social forja as características do grupo convencional, distingue os membros deste grupo dos demais e a sua categorização parte da diferença cultural manifesta pelas identidades culturais incorporadas e projetadas pelos indivíduos em seu convívio coletivo,

---

<sup>1032</sup> HALL, 2003, p. 47.

<sup>1033</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1988?], p. 01-12.

<sup>1034</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 8-9. Já na primeira assembleia a CIBILA foi organizada possuindo um trabalho missionário, que visava a propagação da sua forma de pensar.

<sup>1035</sup> BERGER, 1985, p. 38.

<sup>1036</sup> VOSS, Heinz. **GEMEINDEMITTEILUNGEN** (Compartilhar com as Igrejas). Carta do líder da DILA. Porto Alegre, 03 abr. 1970, p. 01-02.

<sup>1037</sup> FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 82-83.

<sup>1038</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 8-9.

<sup>1039</sup> SARUP, 1996, p. 69.

<sup>1040</sup> CASTELLS, 1999, p. 24; CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

sendo assimiladas neste contato<sup>1041</sup>. Enquanto a cultura se projeta de forma inconsciente, a identidade cultural “remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”<sup>1042</sup>. Com a estruturação da identidade cultural é que se viabiliza uma vetorização de uma cultura consideravelmente homogênea e com os elementos balizadores para a sua identificação, bem como os mecanismos e órgãos de avaliação. É a CIBILA que diz qual igreja é CIBILA<sup>1043</sup>.

Este hibridismo cultural pode ter diversas causas, como “assimilação forçada, autorrejeição internalizada, cooptação política, conformismo social, mimetismo cultural e transcendência criativa”<sup>1044</sup>, sendo esta última uma nova forma de se olhar para o sincretismo religioso, em que diferentes manifestações culturais, pelo contato e por perspectivas anteriores ao contato, se modificam com o tempo<sup>1045</sup>. Na primeira comunidade, a Igreja Batista Bethel, organizada em 1918 na Linha Doutor Pederneiras/RS, percebe-se interesses de alteração cultural presentes nos líderes da comunidade batista tradicional, antes da organização desta comunidade teuto-russa que, ao entrar em contato com o missionário sueco, mudam oficialmente a sua forma de pensar, gerando o hibridismo por meio da transcendência criativa<sup>1046</sup>.

Numa perspectiva cultural ainda, pode-se usar para este grupo de (i)migrantes um conceito expresso pelo pesquisador Néstor Garcia Canclini, quando ele fala sobre *desterritorialização e reterritorialização*. Segundo ele, a visão que se deve ter destas culturas é que elas não se enquadram mais na visão tradicional, na qual definir cultura era o exercício de afirmar seus limites e o que caberia ou não nela. Diante das mudanças e viagens da população mundial, as pessoas entram em contato umas com as outras e acabam aprendendo com e aprendendo dos outros, influenciando-se mutuamente. Desta forma a cultura vai de um lugar a outro, como também entra em lugares onde é absorvida<sup>1047</sup>. Esta é a caracterização do hibridismo cultural e é este trânsito o constituinte da bagagem cultural<sup>1048</sup>.

A Convenção em sua forma inicial e oficial se tornou instrumento de aproximação dos membros das diferentes igrejas de (i)migrantes que estavam em trânsito, com o propósito de gerar conhecimento e troca de experiências, bem como para formação e manutenção da

<sup>1041</sup> CIBILA. Bruder Reinhard Fipke 93 Jahre. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 12-14. Histórias de membros das comunidades são contadas como um exemplo de vida de um teuto-russo-sueco.

<sup>1042</sup> CUCHE, 1999, p. 176.

<sup>1043</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 8-9.

<sup>1044</sup> LOOMBA, Ania. *Colonialism/Postcolonialism*. London: Routledge, 1998, p. 178.

<sup>1045</sup> MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 144.

<sup>1046</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989, p. 1-3.

<sup>1047</sup> OLIVEN, 2006, p. 201-202.

<sup>1048</sup> BURKE, 2006, p. 34-50.

identidade cultural do grupo<sup>1049</sup>. Esta aproximação foi necessária devido ao grande fluxo migratório no país, que espalhou os semelhantes e poderia torná-los insignificantes em termos de expressão cultural. Em geral, os habitantes do Rio Grande do Sul migraram e ainda migram para outros estados, buscando novas fronteiras agrícolas<sup>1050</sup>. A pequena propriedade rural, idealizada pelo governo no processo de assentamento dos imigrantes no estado, não conseguiu reter os filhos destes pequenos agricultores. O ideal por trás da imigração estava centrado na colonização das terras do governo por famílias brancas, que reproduzissem pequenas propriedades agrícolas, aos moldes dos pequenos produtores capitalistas norte-americanos (*farmer*)<sup>1051</sup>.

Para que se tenha noção deste processo migratório, pode-se mencionar os dados do censo de 2004, que indicam que no ano 2000 cerca de 1.012.590 sul-rio-grandenses estavam vivendo em outros estados, com destaque a Santa Catarina e Paraná. Este número equivale a quase 10% da população do período residente no estado do Rio Grande do Sul<sup>1052</sup>.

Por mais que pareça normal esta organização e agrupamento em Convenção na experiência batista, ela teve um efeito expressivo no sentido de manutenção cultural. A pesquisadora Ellen F. Woortmann, ao falar sobre a colonização alemã e a sua manutenção cultural, mostra a importância da comunidade religiosa para que os iguais se encontrem e permaneçam juntos. Como estes imigrantes se espalharam pelo Brasil, auxiliar no encontro destes que estavam isolados faria com que novas comunidades fossem estabelecidas<sup>1053</sup>. A autora mostra que na tradição alemã um dos filhos geralmente era escolhido para ser o principal herdeiro (nem sempre era o primogênito, recebendo muitas vezes destaque o último filho gerado), que cuidaria dos pais na sua velhice. Os demais se dedicavam aos estudos, ao sacerdócio ou ainda eram “empurrados” para as novas colônias com o propósito de não diminuir a herança que o filho escolhido receberia no futuro, depreciando o nome da família. De início havia um grande contato entre a colônia nova, para a qual estes filhos migravam, e a velha, na qual os pais moravam. Este contato se dava principalmente por meio das festividades nas comunidades religiosas. Quando os mais velhos morriam, as novas colônias passavam a adquirir identidade própria e não eram mais tão dependentes destes laços. Embora adquirissem

<sup>1049</sup> CIBILA. *50 Jahriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache Und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989. Reportagem da capa do jornal.

<sup>1050</sup> SEYFERTH, 2000, p. 81-109.

<sup>1051</sup> SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 81-109.

<sup>1052</sup> OLIVEN, 2006, p. 136.

<sup>1053</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989, p. 1-3.

esta autonomia, estas colônias novas reproduziam uma prática cultural muito semelhante, quando não igual, à existente nas colônias velhas<sup>1054</sup>.

As Conferências de Fé e a CIBILA ilustram muito bem esta aproximação das diferentes colônias e buscam uma experiência religiosa em comum com aqueles que estavam distantes<sup>1055</sup>. Como o contato entre os antigos núcleos de colonização e os novos já não era mais tão regular, as assembleias da Convenção seriam organizadas em comunidades da velha colônia e no próximo, em uma comunidade da nova colônia. Esta forma de pensar foi positiva e não gerou um sentimento de superioridade das velhas colônias sobre as novas<sup>1056</sup>.

Os eventos na comunidade e a vida religiosa proporcionavam o contato destes jovens das diferentes colônias que, por meio dos casamenteiros, eram aproximados para o matrimônio.<sup>1057</sup> A essência para um bom casamento residia em quem a pessoa era, e não no sentimento. O casamento se constituía numa espécie de negócio, em que se levava em conta os bens que cada parte possuía e a ascendência dos candidatos. As qualificações do(a) candidato(a) residiam em seu *Kheim*, que pode ser traduzido como princípio germinativo e aponta para aquilo que a pessoa será, uma vez que o *Kheim* reportava-se principalmente às características morais e sociais do indivíduo, relegando a um segundo plano o aspecto físico. A ênfase no *Kheim* era importante no que se refere ao casamento e à escolha da pessoa com a qual se iria casar. Se ela ou ele tinham um *Kheim* ruim, iria-se constituir uma família com estas características. Em decorrência disso, destacava-se a necessidade de conhecer quem era a família com a qual se estava estabelecendo matrimônio, passado do indivíduo com o qual se iria casar. Por exemplo, a atitude de se afastar da família era considerado como algo negativo para o *Kheim* da pessoa<sup>1058</sup>.

Foram comuns nas edições do jornal as publicações sobre comemorações sobre 25, 50, 60 ou mais anos de matrimônio, apontando para a felicidade do casal. Nas dez primeiras edições foram publicados 15 aniversários de casamento, enfatizando a família e a longevidade do núcleo familiar a partir da sua pertença religiosa.<sup>1059</sup> Além das publicações relativas ao matrimônio,

<sup>1054</sup> WOORTMANN, 1995, p. 129-214.

<sup>1055</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989, p. 1-3.

<sup>1056</sup> CIBILA. *Livro de Atas 01*. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

<sup>1057</sup> CIBILA. *Timbaúva - Begrüssungsgottesdienst*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 4.

<sup>1058</sup> WOORTMANN, 1995, p. 129-214.

<sup>1059</sup> IKERT, Eduino. *Goldene Hochzeit*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 10; IKERT, Eduino. *Silberne Hochzeit*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 11; WUTZKE, Aldino. *Goldene Hochzeit in Vila Planalto PR*. **BI**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991, p. 05; WALL, Luiz Adalberto. *Goldene Hochzeit in Linha Arapongas Toledo PR*. **BI**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991, p. 06; WUTZKE, Vilson. *Adolf und Auguste Fiedler 69 Jahre Verheiratet*. **BI**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991, p. 10; KRÜGER, Helvin. *Diamantene Hochzeit*. **BI**, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991, p. 07-08; BILLER, Valdir. *Goldene Hochzeit in Nova Santa Rosa PR*. **BI**, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991, p. 08-09; WUTZKE, Vilson. *Silberne Hochzeit in Vila Cristal PR*. **BI**, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991, p. 09; GÖRTZ, Alfredo E. *Goldene*

houve inúmeras destacando quatro, e às vezes até cinco, gerações de homens ou de mulheres da mesma família. Estas gerações apontam para um *Kheim* que tem longevidade e sequência familiar<sup>1060</sup>.

Pode-se notar que os casamentos com pessoas de fora da comunidade eram “punidos”<sup>1061</sup> com o desligamento da membresia do grupo. Era um processo automático e trazia implicações: a pessoa não seria mais enterrada no cemitério da comunidade e era tratada como pagã, afastada dos aspectos morais da igreja. O *Kheim* perfeito estava associado à pertença eclesiástica<sup>1062</sup>.

Toda esta herança cultural enfatizada pela religião fazia com que os casamentos ocorressem dentro das próprias comunidades, originando outras com costumes e manifestações parecidos em outros lugares<sup>1063</sup>. Os desdobramentos familiares, a (i)migração e as comunidades religiosas fizeram com que a CIBILA se manifestasse na atualidade num grupo de 20 (vinte) regiões, espalhadas em 4 (quatro) estados diferentes<sup>1064</sup>: Rio Grande do Sul - Igreja Batista Independente Betel; Igreja Batista Independente da Linha Oito de Agosto; Igreja Batista Independente da Linha Timbaúva; Igreja Batista Zoar de Novo Machado; Igreja Batista Independente Zoar de Tuparendi e Igreja Batista Independente de Vila Pratos; Santa Catarina - Igreja Batista Independente Maranatha e Igreja Batista da Barra; Paraná - Igreja Batista Independente de Ipiranga; Igreja Batista Independente de Marechal Cândido Rondon; Igreja Batista Independente de Imbituva; Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa; Igreja Batista Independente Salém; Igreja Batista Independente de Santa Rita do Oeste; Igreja Batista Independente de Tupãssi; Igreja Batista Independente de Vila Brasileira; Igreja Batista Independente de Vila Cristal e Igreja Batista Independente Betel de Itaipulândia; Mato Grosso - Igreja Batista Independente de Alta Floresta e Igreja Batista Independente de Sinop<sup>1065</sup>.

A perspectiva de agrupamento foi a solução para a perpetuação das características culturais e sociais vivenciadas pelos (i)migrantes em suas primeiras comunidades, e para dar

---

*Hochzeit in L. Dr. Pederneiras RS. BI*, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991, p. 11; GÖRTZ, Alfredo E. *Diamantene Hochzeit in Linha Dr. Pederneiras. BI*, ano 4, n. 6, jan./jul. 1992, p. 06; WUTZKE, Mairi. *Diamantene Hochzeit in Vila Pratos, RS. BI*, ano 4, n. 6, jan./jul. 1992, p. 07; HENSCHERL, Bertold. *Diamantene Hochzeit in Timbaúva, RS. BI*, ano 5, n. 8, jan./jul. 1993, p. 06; IKERT, Eduino. *Goldene Hochzeit in Nova Santa Rosa, PR. BI*, ano 5, n.9, jul./dez. 1993, p. 02; GÖRTZ, Alfredo Erico. *Silberne Hochzeit. BI*, ano 5, n. 9, jul./dez. 1993, p. 09; HEIN, Armindo Edigar. *Diamantene Hochzeit in Novo Machado. BI*, ano 6, n. 10, jan./jul. 1994, p. 03; HEIN, Armindo Edigar. *Goldene Hochzeit in Novo Machado, RS. BI*, ano 6, n. 10, jan./jul. 1994, p. 05.

<sup>1060</sup> CIBILA. Vier Generationen. **BI**, ano 5, n. 8, jan./jul. 1993, p. 11.

<sup>1061</sup> IGREJA BATISTA BETHEL. **Livro de atas 01**, ata de 08 de abril de 1922, p. 82; ata de 09 de setembro de 1922, p. 85.

<sup>1062</sup> MODES, 2018, p. 92.

<sup>1063</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989?, p. 1-14.

<sup>1064</sup> CIBILA. 100 anos de missão Batista Independente. **BI**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>1065</sup> IGREJAS. Disponível em: <http://cibila.org/a-cibila/igrejas/>. Acesso em: 28 jun. 2017.

seguimento a esta manifestação cultural<sup>1066</sup>. Em todos os momentos eles buscaram se agrupar! Pode-se notar esta mentalidade numa retrospectiva dos diferentes agrupamentos originados, motivados pela preocupação com a manutenção e o estabelecimento cultural<sup>1067</sup>. De início as primeiras igrejas da CIBILA (a Igreja Batista de Linha Timbaúva, a Igreja Batista Bethel e a Igreja Batista de Novo Machado) ajudaram a organizar a Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense<sup>1068</sup>. Esta Convenção foi fundada logo no início do trabalho Batista Independente no país, mais especificamente em 1919, com o objetivo de organizar as igrejas fundadas. Era uma iniciativa para manter vínculos com igrejas semelhantes. Mas, por causa da língua, que era predominantemente alemã, estas três igrejas se reuniram em 29 de janeiro de 1939 para a realização da primeira Conferência de Fé (*Glaubenskonferenz*)<sup>1069</sup>, um protótipo das Conferências da CIBILA<sup>1070</sup>.

As Conferências Anuais (*Konferenzen*) iniciadas em 1939, realizadas geralmente no início de cada ano, eram sediadas pelas próprias igrejas num sistema de rodízio. Nelas eram realizados estudos bíblicos, apresentados relatórios das igrejas e à noite os cultos, nos moldes do que acontece ainda nas assembleias da CIBILA, que continuam sendo chamadas de *Konferenzen*<sup>1071</sup>. A participação nestas Conferências não foi motivo de reclusão ou de não participação na Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense. As igrejas continuavam a participar ativamente nos dois grupos, a saber, nas Conferências Anuais, compostas essencialmente por imigrantes teuto-russos, e nas Assembleias da Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense (CEBS), com expressão estadual e marcada pelo grupo sueco<sup>1072</sup>. Mais tarde, em 1952, quando foi organizada a Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI), com uma abrangência nacional, estes que participavam da Convenção Evangélica migraram para esta organização, que estava acima da anterior<sup>1073</sup>.

No ano de 1970 foi organizado o Departamento das Igrejas Batistas de Língua Alemã, uma seção da Convenção das Igrejas Batistas Independentes, oferecendo espaço de organização e ação destas igrejas de cultura teuto-russa, que já se reuniam nas Conferências Anuais<sup>1074</sup>. A

<sup>1066</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1989?], p. 1-14.

<sup>1067</sup> CIBILA. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 01-03.

<sup>1068</sup> CIBILA. *Geschichte Der Deutschen Konferenz*. **BI**, ano 10, n. 19, jul./dez. 2011, p. 6-8.

<sup>1069</sup> CIBILA. 100 anos de missão Batista Independente. **BI**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>1070</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, 1989, p. 1.

<sup>1071</sup> WUTZKE, Vilson. *As igrejas de língua alemã*. In: KAPPAUN, Marciano (org.). *Da Suécia ao Brasil: uma história missionária*. Campinas: Batista Independente, 2012, p. 85.

<sup>1072</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1989?], p. 1-14.

<sup>1073</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1989?], p. 2.

<sup>1074</sup> DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ, [1989?], p. 2.



criação deste departamento reconheceu a questão particular deste grupo: embora fizesse parte do trabalho nacional, tinha características próprias. Esta iniciativa contribuiu muito para a posterior organização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã<sup>1075</sup> (CIBILA)<sup>1076</sup>, o que aconteceu durante a quinquagésima Conferência de Fé das igrejas teuto-russas, na Igreja Batista Independente Betel, entre os dias 10 e 15 de janeiro de 1989, enquanto se comemorava o aniversário de 70 anos desta igreja, com o tema “*FRUCHT BRINGEN – DAZU SIND WIR BERUFEN*” (Produzir Frutos – para isso fomos chamados)<sup>1077</sup>.

Estes mecanismos convencionais proporcionaram iniciativas próprias de investimento na propagação da maneira de pensar destas comunidades. Na organização da CIBILA fica evidente o pensamento intencional pela criação de diferentes instrumentos oficiais de propagação e na elaboração de documentos escritos sobre a forma oficial de pensar da CIBILA. Um destes instrumentos foi o *Boletim Informativo*<sup>1078</sup>, que passou a ser distribuído em todas as igrejas da Convenção. Também foi a partir da organização convencional e do seu reconhecimento oficial que as igrejas passaram a recorrer à CIBILA em suas dúvidas sobre as decisões a serem tomadas em suas comunidades acerca da forma de ser batista independente<sup>1079</sup>. As distâncias foram diminuídas pelos mecanismos de comunicação, como destaca Stollow em sua pesquisa sobre religião e mídia:

Religião e mídia pertencem uma à outra porque o próprio ato da comunicação mediada implica questões fundamentais sobre os limites da experiência humana – os nossos corpos frágeis, nossas memórias falhas, a dificuldade de manter contato com outros distantes – e o sonho da comunhão desencarnada e transcendente<sup>1080</sup>.

A organização em Convenção, além de oportunizar meios de comunicação social, deu também à CIBILA a legitimidade dos discursos de poder, alguns deles redigidos nos seus documentos oficiais, como estatutos e declarações de fé, e também pela palavra manifesta pelos seus representantes<sup>1081</sup>.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados

<sup>1075</sup> CIBILA é a Convenção organizada com 11 igreja filiadas.

<sup>1076</sup> WUTZKE, Wilson. **As igrejas de língua alemã**. In. SCHULZ, 2012, p. 85.

<sup>1077</sup> *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **BI**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989. Reportagem da capa do jornal.

<sup>1078</sup> CIBILA. *10 Jahre Mitteilungsblatt*. **BI**, ano 11, n. 20, jan./jul. 1999, p. 12.

<sup>1079</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

<sup>1080</sup> STOLLOW, Jeremy. **Religião e Mídia**: Notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade, 2014, p. 150.

<sup>1081</sup> CIBILA. **Livro de Atas 01**. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro<sup>1082</sup>.

Foucault, em sua análise sobre o poder, destaca que os discursos manifestos nos documentos oficiais “contribuem tanto para a reprodução desta sociedade como para a sua transformação”<sup>1083</sup>.

Os discursos legitimadores estão presentes em dois lugares na CIBILA: em suas assembleias e no seu jornal. Estes dois mecanismos seguem um padrão de reprodução cultural desde a sua criação. A disposição dos textos, os conteúdos e destaques dados, são iguais na primeira década de trabalho. A primeira assembleia, que organizou a CIBILA, seguiu este padrão de redação: menção das igrejas que eram parte da Convenção, com relatórios minuciosos sobre as suas finanças, trabalhos desenvolvidos com diferentes grupos, eleições e cultos na língua alemã<sup>1084</sup>; dez anos depois, os mesmos conteúdos foram apresentados e discutidos<sup>1085</sup>.

Este mesmo fenômeno de repetições acontece no jornal *Boletim Informativo*. Na primeira edição (que consta nos anexos), mostra-se o trabalho das igrejas, a estrutura das comunidades, os diferentes grupos atendidos (jovens, mulheres e crianças), casamentos, celebração de bodas, aniversários, batismos, grupos musicais, testemunhos pessoais (destaque às curas), lembrança da história e o trabalho da CIBILA em seus departamentos<sup>1086</sup>; dez anos depois as publicações seguiam o mesmo padrão, com o acréscimo apenas do obituário e das fotos de famílias com quatro ou mais representantes de diferentes gerações do mesmo sexo numa unidade familiar<sup>1087</sup>. A repetição é significativa: ela mostra o que é fazer parte de uma comunidade batista independente de língua alemã. É a CIBILA que provoca isso como Convenção organizada<sup>1088</sup>.

Considerando que “o homem é um produto da sociedade” e que “toda biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade, que a precede e lhe sobrevive”, pode-se notar que a organização convencional é também uma forma de traduzir em linguagem teológica a compreensão de cultura popular brasileira presente e vivenciada por este grupo. Ele trouxe a possibilidade de organização, manifestação e expressão desta prática cultural<sup>1089</sup>. O

<sup>1082</sup> FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 12.

<sup>1083</sup> FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992, p. 65.

<sup>1084</sup> CIBILA. *Livro de Atas 01*. Ata de organização da CIBILA. 10 a 15 de janeiro de 1989, p. 1-12.

<sup>1085</sup> CIBILA. *Livro de Atas 01*. Ata da assembleia geral da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã. Novo Machado: Igreja Batista Zoar, 1998, p. 101-104.

<sup>1086</sup> CIBILA. **BI**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, p. 1-12.

<sup>1087</sup> CIBILA. **BI**, ano 10, n. 19, jul./dez. 1998, p. 1-12.

<sup>1088</sup> CIBILA. 100 Anos de Missão Batista Independente. **BI**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011, p. 11-26.

<sup>1089</sup> BERGER, 1985, p. 15.

viés religioso pode ter sido a condição para a sua manifestação de mundo. Nas palavras de Geertz, a religião funciona

[...] dizendo-nos tanto o que é o mundo quanto como devemos agir nele. Os símbolos religiosos nos asseguram que o mundo é ordenado e, por conseguinte, satisfazem uma necessidade fundamental de escapar dos acasos de um universo absurdo e irracional. Há um significado oculto na perda, no sofrimento, na injustiça e na morte. Em suma, símbolos sagrados constroem um mundo que faz sentido, e ao compreender o mundo aprendemos a nos conduzir.<sup>1090</sup>

É difícil conceber a expressão cultural destas comunidades teuto-russas sem a organização em CIBILA, um processo prolongado e de incorporação de elementos múltiplos, que se galvanizaram ao longo do tempo, dando os contornos básicos de uma Convenção que está em constante mudança. A CIBILA é a *cola* e a *marca* que uniu estas diferentes gerações e lhes deu um propósito e identidade em comum. As comunidades isoladas não conseguiriam ter a expressão que têm juntas, em Convenção<sup>1091</sup>.

---

<sup>1090</sup> *Apud*, KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: Edusc, 2002, p. 135.

<sup>1091</sup> CIBILA. CIBILA – 10 anos. **BI**, ano 10, n. 19, jul./dez. 1998, p. 02-04.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CIBILA - Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã - é uma imagem, um acontecimento por si só como representação e não uma mera reprodução de outros sistemas. Se não fosse a estrutura convencional não seria possível conhecer esta manifestação cultural denominada neste trabalho de *tradicionalismo pentecostal*. Ao mesmo tempo que esta cultura religiosa encontra paralelos em outras manifestações no Brasil, ela se torna peculiar por agrupar e ressignificar elementos conhecidos, traduzindo como estrutura estruturada na Convenção.

Houve a necessidade de um retorno significativo no tempo, para o reconhecimento de peculiaridades do grupo na sua constituição na Rússia e também pelos seus traços teológicos relacionados ao movimento pentecostal na Suécia. Foram dois eventos históricos distintos incorporados e reproduzidos pelos seus participantes e hibridizados nas comunidades constituintes da CIBILA pela imposição do processo de (i)migração. Estas pessoas passaram a conviver em um pequeno espaço territorial, distribuído às famílias num sistema de assentamento que visava torná-los pequenos agricultores na Colônia Guarany, na região Noroeste do Rio Grande do Sul, em 1912.

A história da primeira comunidade teuto-russa-sueca constituída a partir do missionário Erik Jansson precisou ser destacada, pois esta igreja se tornou a protagonista nas iniciativas convencionais e também foi o modelo de reprodução da prática eclesiástica adotada pelas igrejas subsequentes. As decisões tomadas pela Igreja Batista Bethel, organizada em 15 de dezembro de 1918 e chamada posteriormente de Igreja Batista Independente Betel, serviram de base para a organização estrutural e ideológica defendida pela Convenção. Interessante perceber que a CIBILA não menciona em nenhum de seus documentos a sua prática eclesiástica, nem mesmo a doutrina defendida pela Convenção. Todas estas perspectivas estavam presentes nas comunidades e por isso não precisaram ser expostas novamente.

Não é estranha esta falta de orientação da CIBILA para com as igrejas, uma vez que a estrutura convencional não foi vista como sendo superior às igrejas. A Convenção apenas é um mecanismo de potencialização da capacidade de comunidades que têm práticas e mentalidades semelhantes. Neste aspecto, as comunidades eram batistas independentes antes de se tornarem CIBILA.

Ao mesmo tempo, a estrutura convencional adquire importância singular na perpetuação e seleção da cultura teuto-russa-sueca. A partir da organização da CIBILA é que se tem uma designação específica de quem faz parte desta manifestação cultural e quem está à

margem do movimento. A organização da Convenção ocorreu em um momento histórico oportuno caracterizado pela pós-modernidade e globalização, que tiveram como efeito inesperado o recrudescimento cultural e a valorização de minorias. Até a organização da CIBILA ser batista independente não tinha a importância que passou a ter e nem mesmo era tão específico e restritivo. Em pleno século XX, as comunidades voltam, inclusive, a reenfatar o uso da língua alemã, principal traço da germanidade do grupo.

A germanidade foi o elemento cultural balizador para todas as outras práticas incorporadas. Era necessário ser alemão (ou pelo menos ser considerado como sendo alemão) para então também receber o aval de dogma religioso oficial da CIBILA. Esta etnicidade foi muito subjetiva, num discurso nacional elaborado sobre o mito fundante de uma designação étnica incorporada pelo grupo de forma arbitrária, em certo sentido, pois a Alemanha como nação não existia quando o grupo migrou para a Rússia e os que vieram para o Brasil eram russos e não alemães em sua nacionalidade, sem contar que na organização da CIBILA todos os presentes eram brasileiros.

Chama a atenção a falta de menção nos veículos oficiais de comunicação da Convenção de aspectos doutrinários, históricos e culturais da Suécia, de onde as comunidades herdaram boa parte de sua bagagem teológica. Se não fossem os missionários suecos estas comunidades continuariam sendo de linhagem batista tradicional. A ruptura se dá pelo contato com o missionário Jansson, pois a partir dele se estabelece uma nova mentalidade de ser igreja, permeada pela cultura teuto-russa-sueca. É muito provável que a intenção redacional tenha se voltado para a não identificação com o movimento pentecostal – algo que os (i)migrantes teuto-russos não desejavam – gerando um silêncio redacional, envolvido por inúmeras histórias sobre as sagas na Rússia, mais especificamente na Volínia, pelos (i)migrantes alemães. Pela leitura dos documentos poderia se chegar à conclusão de que a participação sueca na constituição das comunidades batistas independentes foi apenas no sentido de encorajar e auxiliar no estabelecimento das primeiras igrejas, o que não se sustenta, pois a teologia da Convenção não é nem tradicional e muito menos pentecostal. Estas comunidades estabeleceram uma forma única de ser: o *tradicionalismo pentecostal*.

O *tradicionalismo pentecostal* foi manifesto de diferentes formas, mas retratado significativamente nestes itens: *as emoções, a ascese, o estudo, a musicalidade, a estrutura eclesiástica e a liturgia* presentes nas comunidades e consequentemente atestadas pela CIBILA. Na questão das emoções as comunidades da CIBILA estão mais para o movimento batista tradicional, provavelmente influenciados pela própria identidade étnica: teuto-russos. Eram menos receptivos e menos expressivos. Por outro lado, se tornam mais pentecostais pela ascese

ênfase no estudo e a estrutura eclesiástica batista se aproximam mais do movimento batista tradicional, já que têm escolas, incentivam o estudo e se organizam numa estrutura de governo congregacional e convencional. Em compensação, a musicalidade e a liturgia evocam o sentimentalismo, a liberdade e a participação de todos, características presentes no movimento pentecostal.

Mesmo nas aproximações há diferenças quando se compara a prática batista independente das igrejas teuto-russas do movimento batista tradicional e do Pentecostalismo de Primeira Onda. Esta tradução da forma de pensar presente na CIBILA é que a tornou única em termos de manifestação cultural.

A CIBILA foi uma representação que lutou para se apresentar. A estruturação convencional é o *ethos* que se impõe para a designação do que é ser batista independente de língua alemã. Foi uma guerra ideológica que necessitava de uma apresentação clara e designatória para se perpetuar em meio a correntes similares. Ser Convenção foi uma forma de estabelecer-se no cenário religioso brasileiro, marcado pela pluralidade de movimentos e pelo “protestantismo” (no qual a divergência é marca característica constituinte).

Esta luta para se estabelecer foi conduzida pelo principal veículo de comunicação da Convenção: o *Boletim Informativo*. Este jornal passou a reproduzir, de forma indireta e às vezes direta, aquilo que a liderança convencional estabelecia como padrão a ser imitado pelas comunidades. Boa parte dos artigos publicados que se reportavam ao passado longínquo na Volínia, às comemorações da CIBILA e suas decisões partiram do redator principal e também presidente da Convenção. O *Boletim Informativo* foi um discurso intencional para o estabelecimento e criação da mentalidade convencional. Seus discursos nunca contradisseram as iniciativas da Convenção, muito menos criticaram as decisões de sua liderança. Foi sempre o jornal “da situação”, enaltecendo seus representantes e a representatividade da CIBILA na sociedade brasileira.

O Ser CIBILA não garante uma manifestação cultural interna homogênea, apenas sugere uma aproximação cultural. Esta cultura aproximada é decorrente da teia de significados estabelecida, interpretada de forma singular por cada comunidade e mais particular ainda por cada membro destas comunidades que, a partir da sua vivência e contato com os outros, estabelecem o que é pertencer e praticar a cultura teuto-russo-sueca.

Com a pesquisa foi possível atestar a tese proposta, mostrando uma organização religiosa como vetor de uma cultura específica, com traços entrelaçados entre ser germânico com dimensões russas e suecas, além de outras contribuições adicionadas pelo grupo ao longo

da história e da sua trajetória. *A Convenção Batista Independente de Língua Alemã, fundada em 1989, foi propagadora de uma cultura específica oriunda do entrelaçamento das culturas alemã, russa e sueca, com requintes de adaptação à realidade brasileira, cultura esta que foi elemento constituinte da Convenção e que já foi manifesta pelas igrejas fundadoras inclusive no período em que a Convenção não existia de forma oficial, mas se fazia presente pela integração voluntária de igrejas com práticas e ideologias semelhantes.*

## FONTES

15 anos INTERMOBI. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005.

ANGELIN, Nils Magnus. **Predikantutbildningen på Örebro missionens fält i Brasilien**. [s. d.]. Arquivo da família Angelin, Suécia.

*ANNA und Erik Jansson, unsere Pioniere*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 14, ano 8, janeiro a julho de 1996.

**ATA da 7ª Assembleia das Igrejas Batistas Alemãs do RS**, Porto Alegre, 14 a 16 mai. 1916.

**ATA da 21ª Assembleia da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do RS**, Ijuí, 19 a 21 fev. 1932.

**ATA da 24ª Assembleia da Convenção das Igrejas Batistas Alemãs do RS**, Guarany, 13 e 14 fev. 1935.

ATA da reunião dos representantes das Igrejas de Língua Alemã. **Livro de atas do Departamento das Igrejas de Língua Alemã – DILA**. Documento avulso, sem numeração de página.

BERG, Olavo. **Entrevista com Henrique Koch e participação especial de Lisa e Alfredo Winderlich**. Pelotas, 18 de fev. de 1960. 9ª Assembleia das Igrejas Batistas Independentes do Brasil. Áudio.

BILLER, Valdir. *Goldene Hochzeit in Nova Santa Rosa PR*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991.

BILLER, Valdir. *Gott tat ein Wunder in unserem Heim*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991.

BIRK, Fabio Luciano. Novo campo missionário: Guarani das Missões/RS. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 45, ano 19, jan./mar. 2009.

BUCHHOLZ, Germano. Meu testemunho. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 8, n. 14, jan./jul. 1996.

BULLMANN, Rosangela. Testemunho. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 9, n.17, jul./dez. 1997.

CIBI. **Ata do Conselho Consultivo da CIBI**, 17 a 20 set. 1996.

CIBI. Disponível em: <<http://www.cibi.org.br/wp-content/downloads/MODELO%20ESTATUTO%20PARA%20IGREJAS%20CIBI.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2018.

CIBI. **Princípios da nossa fé**. 19.ed. Campinas: Editora Batista Independente, 2014.

CIBI. **UMBI**, 2017. Disponível em: <<http://www.cibi.org.br/umbi/>>. Acesso em: 06 dez. 2019.

CIBILA. *50 Jähriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.

CIBILA. 100 Anos de Missão Batista Independente. **Boletim Informativo**, ano 22, n. 56, out./dez. 2011.



- CIBILA. Alterações no Boletim Informativo. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 40, ano 18, set./dez. 2007.
- CIBILA. *Anna und Erik Jansson, unsere Pioniere*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 14, ano 8, jan./jul. 1996.
- CIBILA. *Bruder Reinhard Fipke 93 Jahre*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.
- CIBILA. CIBILA – 10 anos. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 10, n. 19, jul./dez. 1998.
- CIBILA. *Deutsche Baptistengemeinden in Wolhynien*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 16, n. 31, jul./dez. 2004.
- CIBILA. *Die Gemeinde in Nova Santa Rosa hat Neuen Pastor*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.
- CIBILA. *Die Posaune ei wichtiges Instrument im Dienst Des Herrn*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1993.
- CIBILA. **Estatuto da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã**. Nova Santa Rosa, 04 mai. 2018.
- CIBILA. *Geschichte Der Deutschen Konferenz*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 10, n. 19, jul./dez. 2011.
- CIBILA. *Timbaúva - Begrüssungsgottesdienst*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.
- CIBILA. Três edições ao ano. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005.
- CIBILA. *Vier Generationen*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 5, n. 8, jan./jul. 1993.
- CIBILA. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 4, jan./jul. 1991.
- CIBILA. *Zweite Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache - CIBILA*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 2, n. 2, jan./jul. 1990.
- CIBILAKONFERENZ in Vila Planalto – PR. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989, contracapa.
- CINQUENTA anos de Missão no Brasil (...) e dez anos de Evangelização Pátria (...). **Luz nas Trevas**. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa.
- CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <[http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15&Itemid=15&showall=1](http://www.batistas.com/portal-antigo/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15&showall=1)>. Acesso em: 27 jun. 2018.
- CONVENÇÃO BAPTISTA RIOGRANDENSE. **Ata da sessão da Diretoria**, Ijuí, mar. 1926.
- CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Censo CIBI 2012**. [S.l.: s.n.], 2012.
- CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Programa Brasil 2010**: os Batistas Independentes como opção de igreja para os brasileiros. Campinas: CIBI, 2012.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DO BRASIL. **Quem somos**. Disponível em: <[www.cibi.org.br/quem](http://www.cibi.org.br/quem)>. Acesso em: 27 jan. 2016.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Regimento interno da Convenção das Igrejas Batistas Independentes**. Disponível em: <<http://www.cibi.org.br/wp-content/downloads/REGIMENTO%20INTERNO%20CIBI.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DA BAHIA (CIBIBA). **Quem somos**, 2018. Disponível em: <<http://cibiba.org/quem-somos/>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ - CIBILA. **Estatísticas apresentadas na assembleia de 2018**. Nova Santa Rosa: CIBILA, 2018. Folhas avulsas.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ - CIBILA. **Livro de atas 01**. Nova Santa Rosa/PR, janeiro de 1989 a janeiro de 2008. Acervo da CIBILA.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ - CIBILA. **Livro de atas 02**. Nova Santa Rosa/PR, janeiro de 2005 a janeiro de 2007. Acervo da CIBILA.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ - CIBILA. **Livro de atas 03**. Nova Santa Rosa/PR, janeiro de 2009 até data atual. Acervo da CIBILA.

CORAL acompanhado com violino e violões. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 36, ano 17, mai./ago. 2006.

DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ (DILA). **Ata da Conferência de Fé da DILA**. Igreja Batista Zoar de Novo Machado, 12 a 17 jan. 1988.

DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Baptistengemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras - RS**. Porto Alegre: Esperança, 1989.

DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Zur Geschichte Unserer Deutschen Konferenz**. Porto Alegre: Esperança, 1989.

DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. **Zum gedenken na die 50 jahre**. Porto Alegre: Esperança, 1988.

**E Deus fez crescer**: Jubileu de Prata da Convenção das Igrejas Batistas Independentes. Campinas: Departamento de Imprensa da Convenção das Igrejas Batistas Independentes, 1977.

ESCOLA Bíblica Dominical: um programa eficiente e eficaz. **O Jornal Batista**, Ano CXIV, ed.16, domingo, 20 abr. 2014.

FALCÃO, Pedro. Como foi a primeira Assembleia Geral da CIEBIB. **Luz nas Trevas**. Santa Maria, n. 12, Ano XXXV, dezembro de 1961. Edição Comemorativa.

FIPKE, Adimar. Acampa 93. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 8, ano 5, jan./jul. 1993.

GÖRTZ, Alfredo Erico. Die Gemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras feierte ihr 75 Jähriges Jubiläum. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 9, ano 5, jul./dez 1993.

- GÖRTZ, Alfredo E. *50 Jahriges Jubiläum der Konferenz der Unabhängigen Baptisten Deutscher Sprache und 70 Jähriges Jubiläum der Baptistengemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989.
- GÖRTZ, Alfredo Erico. Congresso de Jovens MOBILA. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989.
- GÖRTZ, Alfredo E. *Diamantene Hochzeit in Linha Dr. Pederneiras. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 4, n. 6, jan./jul. 1992.
- GÖRTZ, Alfredo E. *Goldene Hochzeit in L. Dr. Pederneiras RS. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991.
- GÖRTZ, Alfredo Erico. *Silberne Hochzeit. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 5, n. 9, jul./dez. 1993.
- GÖRTZ, Alzira L. *“Jesus betet für uns” – Schwesternkongress in Ipiranga, PR. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989.
- HARTFEIL, Alfredo. Serenata de Páscoa. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 62, ano 24, abr./jun. 2013.
- HEIN, Armindo Edegar. *Diamantene Hochzeit in Novo Machado. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 6, n. 10, jan./jul. 1994.
- HEIN, Armindo Edegar. *Goldene Hochzeit in Novo Machado, RS. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 6, n. 10, jan./jul. 1994.
- HENSCHEL, Bertold. *Diamantene Hochzeit in Timbaúva, RS. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 5, n. 8, jan./jul. 1993.
- IGREJA BATISTA ALEMÃ BETHEL, **Livro de atas 01**. Linha Doutor Pederneiras/RS, dezembro de 1918 a abril de 1940. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de Atas 02**. Linha Doutor Pederneiras/RS, maio de 1940 a dezembro de 1941. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de Atas 03**. Linha Doutor Pederneiras/RS, janeiro de 1950 a dezembro de 1985. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de Atas 04**. Linha Doutor Pederneiras/RS, janeiro de 1986 a dezembro de 2003. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de Atas 05**. Linha Doutor Pederneiras/RS, janeiro de 1970 a dezembro de 1989. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de Atas 06**. Linha Doutor Pederneiras/RS, janeiro de 1990 a junho de 1999. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de Atas 07**. Linha Doutor Pederneiras/RS, março de 1998 a novembro de 2015. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IGREJA BATISTA BETHEL, **Livro de Atas Perdido**. Linha Doutor Pederneiras/RS, maio de 1942 a dezembro de 1949. Acervo da Igreja Batista Independente Betel.
- IKERT, Eduino. *Annie Luize, ein Wunder Gottes. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.
- IKERT, Eduino. *Goldene Hochzeit. Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo*, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.

IKERT, Eduino. *Goldene Hochzeit in Nova Santa Rosa, PR*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 5, n. 9, jul./dez. 1993.

IKERT, Eduino. *Maravilha/SC – Neues Missionsfeld der CIBILA*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 8, ano 5, jan./jul. 1993.

IKERT, Eduino. *Silberne Hochzeit*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.

ISBRECHT, Fredolino. Acampamento de adolescentes. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 15, ano 8, jul./dez. 1996.

JESKE, Nadir. 80 Jahre Gemeinde Bethel in Linha Dr. Pederneiras – RS. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 20, ano 11, jan./jun. 1999.

**JORNAL Missionsbote**, n. 1, jan. 1963, ano 37.

KRAUSE, Armindo. *Timbauva – Begrüßungsgottesdiens*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989.

KRÜGER, Helvin. *Diamantene Hochzeit*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991.

KRÜGER, Valdemiro. Missões em Alta Floresta/MT é realidade. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 14, ano 8, jan./jul. 1996.

LANGE, Jair. 15 anos de INTERMOBI. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 32, ano 16, jan./abr. 2005.

LANGE, Jair. 20 anos de INTERMOBI. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 46, ano 20, abr./jun. 2009.

LANGE, Jair. Boletim Informativo completa 20 anos. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 48, ano 20, out./dez. 2009.

LANGE, Efrom. Nossa história. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 53, ano 22, jan./mar. 2011.

LITTMANN, Eliane Noemi. Departamento da Melhor Idade. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 46, ano 20, abr./jun. 2009.

LITTMANN, Eliane Noemi. 1º Congresso da Melhor Idade. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 50, ano 21, abr./jun. 2010.

MELO, Elton. **Relatório estatístico 2010**. Vitória: CIBI, 2010.

MENDES, Martinho. Origem dos Batistas Independentes. **Luz nas Trevas**, 10 fev. 1962. Edição Comemorativa.

NÄRKESBLADET 01 fev. 1907.

OS BATISTAS INDEPENDENTES NO MUNDO. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 7, ano 4, jan./jun. 1992.

PERSSON, Alfredo M. Papai me disse que naquele tempo era assim. **Luz nas Trevas**. Santa Maria, Ano XXXV, n. 12, dez. 1961. Edição Comemorativa.

PRIMÓRDIOS: Suécia e Brasil. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011.

REGISTRO HISTÓRICO. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 43, ano 19, jul./set. 2008.

RETIRO DE ADOLESCENTES. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 29, ano 15, jul./dez. 2003.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA INDEPENDENTE DO SUL. **Cursos**. Esteio/RS, 2016. Disponível em: <<https://www.stbisul.com/copia-eventos>>. Acesso em: 26 out. 2018.

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA INDEPENDENTE DO SUL. **Um pouco da nossa história**, 2016, Esteio/RS. Disponível em: <<https://www.stbisul.com/nossa-historia>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

SCHILLER, Janete Krüger. Meu testemunho. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 9, n. 16, jan./jul. 1997.

SCHÖNWALD, Alfredo. *Der Herr hat mich Geheilt*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 1, n. 1, jan./dez. 1989.

SCHÖNWALD, Edemar. Centenário da CIBI. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 45, ano 23, jan./mar. 2012.

SCHÖNWALD, Edemar. *Gemeinde Bethel in L. Dr. Pederneiras Unter Gottes Segen*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 26, ano 14, jan./jun. 2002.

SCHULZ, Dorian. Encontro de Bandas. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 52, ano 21, out./dez. 2010.

SVENKA SKOLFÖRENINGEN. **Ata de fundação da Associação**, [s.d.].

SVENSKA TRIBUNEN, 29 mar. 1911. Acessada no ArkivCentrum Örebro län, em 20 maio 2012.

VAMOS acelerar. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 2, n. 2, jan./jul. 1990, contracapa.

VOSS, Heinz. **GEMEINDEMITTEILUNGEN** (Compartilhar com as Igrejas). Carta do líder da DILA. Porto Alegre, 03 abr. 1970.

WALL, Luiz Adalberto. *Goldene Hochzeit in Linha Arapongas Toledo PR*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991.

WEISS, Ervino. *Die Gemeinde in Nova Santa Rosa hat neuen Pastor*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989.

WELKE, Margarida. I Congresso Nacional Feminino Batista Independente. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 15, ano 8, jul./dez. 1996.

WIEDERMANN, Alceu. *Unser Zeugnis*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 8, n. 14, jan./jul. 1996

WUTZKE, Aldino. Deus me curou de uma cirrose hepática. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990.

WUTZKE, Aldino. *Gemeinde Betehel in La. Dr. Pederneiras*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989.

WUTZKE, Aldino. *Goldene Hochzeit in Vila Planalto PR*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991.

WUTZKE, Maidi. *Diamantene Hochzeit in Vila Pratos, RS*. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 4, n. 6, jan./jul. 1992.

WUTZKE, Vilson; LANGE, Jair. **100 anos da Igreja Batista Independente de Linha Timbaúva.** [S.l.]: DEPARTAMENTO DE IMPRENSA DA CIBILA, 2015. DVD.

WUTZKE, Vilson. *Adolf und Auguste Fiedler 69 Jahre Verheiratet.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991.

WUTZKE, Vilson. Boletim Informativo completa 20 anos. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 48, ano 20, out./dez. 2009.

WUTZKE, Vilson. Campo de missões em Sinop/MT. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 1, ano 1, jan./dez. 1989.

WUTZKE, Vilson. CIBILA – 10 anos. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998.

WUTZKE, Wilson. *Deutsche Baptistengemeinden in Wolhynien.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004.

WUTZKE, Vilson. *Ein Wolhyniendeutscher erzählt seine Lebensgeschichte.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 18, ano 10, jan./jun. 1998.

WUTZKE, Vilson. *Ein Wort zum Geleit.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 2, n. 2, jan. a jul. 1990

WUTZKE, Vilson. *Fünfzehn Jahre Mitteilungsblatt.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n.31, ano 16, jul./dez. 2004.

WUTZKE, Vilson. *Geschichte der Deutschen Konferenz.* **Unser Mitteilungsblatt – Boltim Informativo**, n. 19, ano 10, jul./dez. 1998.

WUTZKE, Wilson. “Há 40 anos os missionários Gregor e Marie Allerth chegaram ao Brasil.” **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 31, ano 16, jul./dez. 2004.

WUTZKE, Vilson. *Heinz Voss Missionar in Brasilien.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 17, ano 9, jul./dez. 1997.

WUTZKE, Vilson. *Jaraguá do Sul – Neues Missionsfeld der CIBILA.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 2, ano 2, jan./jul. 1990.

WUTZKE, Vilson. Nossa história. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 34, ano 16, set./dez. 2005.

WUTZKE, Vilson. Pr. Heinrich Koch treu im werk des Herrn. **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 16, ano 9, jan./jul. 1997.

WUTZKE, Vilson. *Pastor Ernst Gerstberger bis in hohen alter treu im Werk des Herrn.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, n. 18, ano 10, jan./jun. 1998.

WUTZKE, Vilson. *Silberne Hochzeit in Vila Cristal PR.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 5, jul./dez. 1991.

WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 2, n. 3, jul./dez. 1990.

WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n. 4, jan./jul. 1991.

WUTZKE, Vilson. *Zur Geschichte der Russlanddeutschen.* **Unser Mitteilungsblatt – Boletim Informativo**, ano 3, n.5, jul. a dez. 1991.

WUTZKE, Wilson. *Wolhynien und die Wolhyniendeutschen*. Nova Santa Rosa: Jair e Seli Lange, 2002.

## REFERÊNCIAS

- ADAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa Protestante na Primeira República: Evangelismo, informação e produção cultural.** O Jornal Batista (1901-1922). Tese - Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade de São Paulo, 2008.
- ALBANO, Fernando. **Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal.** Dissertação de Mestrado em Teologia, São Leopoldo, EST/PPG, 2010.
- ALENCAR, Gedeon Freire. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus.** Assembléia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946). 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2000.
- ALENCAR, Gedeon Freire. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira.** São Paulo: Arte editorial, 2005.
- ALENCAR, Gedeon Freire. **Assembleias de Deus – origem, implantação e militância.** São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALENCAR, Gedeon Freire. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911- 2011.** Tese de doutorado. PUC-SP, São Paulo, 2012.
- ALENCAR, Glauber. **Aspectos da cultura pentecostal brasileira: origem, influências e desenvolvimento.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
- ALEMÃES à procura de uma nova pátria no Brasil**, 15 out. 2012. Disponível em: <<http://marusasaki.blogspot.com.br/search/label/Hist%C3%B3rico%20da%20Alemanha>>. Acesso em: 11 dez. 2017.
- ALIANÇA BATISTA MUNDIAL. **Estatísticas.** 31 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.bwanet.org/about-us2/stats#sa>>. Acesso em: 22 mai. 2018.
- ALVARSSON, Jan-Åke B. Research on Pentecostalism in Sweden. **Approaching Religion**, Finlândia, n. 1, v.5, 2015, p. 16-30. Disponível em: <https://ojs.abo.fi/index.php/ar/article/view/857>>. Acesso em: 15 jun. 2016.
- ALVES, Ana; ALVES, Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. **IV Seminário CETROS.** Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, Fortaleza, 29 a 31 mai. 2013.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre el origen y la difusión del nacionalismo.** Colección popular 498. Mexico: Fondo de cultura económica, 1993.
- ANTONIAZZI, Alberto. **Nem anjos nem demônios.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Bilinguismo y contacto de lenguas.** Barcelona: Ariel, 1996.
- ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- AVELLO, Adriano Sequeira. A Colônia do Pinhal (1850-57) - os imigrantes. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial, 2014.
- AYMARD, Maurice. De la Méditerranée à l'Asie: une comparaison nécessaire (commentaire). **Annales HSS**, Paris, n. 1, 2001.



AZEVEDO, Israel Belo. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

BANDINI, Claudirene de Paula. Relações de gênero na Assembleia de Deus: uma análise de trajetória feminina. **Ciências da Religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. 2015.

BARROS, Jorge D'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, v.10, n.1, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.

BARROZO, Victor Breno Farias. Modernidade religiosa como paradoxo: elementos para a construção de uma problemática em perspectiva herveieu-légeriana. **Paralellus**, Recife, v. 5, n. 10, jul./dez. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Cortez, 1980.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro, n.21 (1), 2001.

BETTENCOURT, Estêvão Tavares. **Crenças, religiões, igrejas e seitas: quem são? 2.ed.** São Paulo: Mensageiro de Santo Antônio, 1995.

BLANK, Renold. O fundamentalismo questionado pelos fundamentos teológicos nos quais quer se fundamentar. **Vida Pastoral.** São Paulo, n.176, mai./jun. 1994.

BONINO, José Miguez. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano.** Tradução de Luis Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Zouk, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa e Rio de Janeiro: Difel e Bertrand Brasil, 1989.

BRADLEY, Harriet. **Fractured identities.** Cambridge: Polity Press, 1996.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música sacra evangélica no Brasil - contribuição à sua história.** Porto Alegre: Kosmos, s/d.

BRASIL. **Decreto-lei n.º 406 de 4 de maio de 1938.** LEX: Coletânea de legislação com notas coordenadas e índices sistemáticos, organizada pelo plano de autoria do advogado Dr. Pedro Vicente Bobbio. Legislação Federal. São Paulo: Lex, Ano II, p. 172, 1938. Seção 1.

BRAZ, Polyanny L. do Amaral; REESINK, Mísia Lins. A santidade corporificada e a Congregação Cristã no Brasil. **TEMPO DA CIÊNCIA**, Toledo, v. 23. n. 45, jan./jun. 2016.

BRUM NETO, Helena. **Região cultural: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BUBLITZ, Juliana. História ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul: o avanço na mata, o significado da floresta e as mudanças no ecossistema. **Tempos Históricos**, v. 15, 2º Semestre de 2011.

- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- BUSSE, Valdino. **A práxis pastoral entre os imigrantes alemães e seus descendentes na região noroeste do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: EST, 2009, Dissertação de Mestrado.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Agricultura, escravidão e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier, **Diálogos**, v. 9, n. 1, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. O canto que encanta: o ideal batista de identidade doutrinária. **Via Teológica**, Curitiba, Vol. 13, n.26, Curitiba, dez. 2012.
- CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, setembro/novembro 2005.
- CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim F. **Na força do Espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.
- CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. O profeta, a palavra e a circulação do carisma pentecostal. **Revista de Antropologia da USP**, São Paulo, v. 54, n. 2, 2011.
- CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (org.). **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre: CORAG, 2011.
- CAVALCANTI, Robinson. **A igreja, o país e o mundo: desafios de uma fé engajada**. Ultimato, 2001.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CERVEIRA, Sandro Amadeu. Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos da Religião – REVER**. mar. 2008, p. 41. Disponível em: <[https://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2008/t\\_cerveira.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_cerveira.htm)>. Acesso em: 07 ago. 2018.
- CESNIK, Fabio de Sa; BELTRAME, Priscila Akemi. **Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta; Margareth Afêche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CLAUSS, Romualdo J. **Evolução Histórico-Geográfica de Tucunduva**. Tucunduva: s.e., 1982.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990a.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990b.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 11(5), 1991.

- CONVENÇÃO BATISTA PIONEIRA DO SUL DO BRASIL. **Os pioneiros: 1910-2010:** 100 anos de história da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Curitiba: Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, 2010.
- CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. **Princípios da nossa fé.** 19.ed. Campinas: Batista Independente, 2014.
- CORACINI, Maria J. R. F. **Identidade e discurso:** (des)construindo subjetividades. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos Universitária, 2003.
- CORCINIO JÚNIOR, Givaldo Ferreira. **Festa religiosa, sujeito e imagem:** a construção de um imaginário. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, dissertação de Mestrado em Comunicação, 2014.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CRESPI, Franco. **Manual de sociologia da cultura.** Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- CUCHE, Denys. **La noción de cultura em Las ciências sociales.** Tradução: Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 1999.
- CUNHA, Jorge Luiz (Org.). **Cultura Alemã 180 anos.** Porto Alegre: Bilíngue, 2004.
- CUNHA, Jorge Luiz da. **Os colonos alemães de Santa Cruz e a fomicultura:** Santa Cruz do Sul; Rio Grande do Sul, 1849-1881. Dissertação de Mestrado. Curitiba, 1988.
- DALL'ALBA, João Leonir. **O Vale do Braço do Norte.** Coleção Museu do Imigrante, 1973.
- D'ALMEIDA, Solange Cardoso de Abreu. Um pouco da história da Escola Dominical no Brasil. **O Jornal Batista**, Ano CXIV, ed.17, domingo, 26 abr. 2015.
- DAUN, Ake. **Swedish Mentality.** University Park, PA: State University Press, 2004.
- DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- DELUMEAU, Jean. **Nascimento e afirmação da Reforma.** São Paulo: Pioneira, 1989.
- DEMOSS, Nancy L.; SMITH, Maurice. **O avivamento no País de Gales.** Americana: Impacto, 2016.
- DIAS, Zwinglio Mota. Um século de religiosidade pentecostal: algumas notas sobre a irrupção, problemas e desafios do fenômeno pentecostal. **Horizonte**, Belo Horizonte, n. 22, v. 9, 2011.
- DINIZ, José Péricles. O papel do jornal na construção social de identidades. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** Faculdade de Comunicação, Salvador, mai. 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14430.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2020.
- DREHER, Martin. **Igreja e germanidade.** São Leopoldo: Sinodal, 1984.
- DREHER, Martin N. (org.). **Migrações:** mobilidade social e espacial. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- DREYFUS, François. **História Universal:** o tempo das revoluções - 1787-1870. Lisboa: D. Quixote, 1981.
- DROOGERS, André. **Religiosidade Popular Luterana.** São Leopoldo: Sinodal, 1984.

- DUNNING, Elias. **A busca de excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. O sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.
- EKSTRÖM, Leif Arthur. **Bön, Sinnrock & Kaffekvarn** (A oração, a roca e o moedor de café): os vikings descobrem a América do Sul. Monografia (Centro de Linguagem e Comunicação) Faculdade de Jornalismo – PUCCAMP, Campinas, 2005.
- EKSTRÖM, Leif. **Estudo sobre a História dos Batistas Independentes**. Campinas: Batista Independente, 2008.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELWELL, Walter A. (edit.). **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. São Paulo, Vida Nova, 1988.
- EVANGELISKA FRIKYRKAN. **De onde nós viemos?** 16 jun. 2017. Disponível em: <<http://efk.se/>>. Acesso em: 30 jul. 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil**. Curitiba: Prismas, 2017.
- FAULHABER, Priscila. **A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema**. **BIB**, n.51, São Paulo, 1º semestre de 2001.
- FAUSTINI, João Wilson. **Música e adoração**. São Paulo: Metodista, 1973.
- FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América – a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 1999.
- FERREIRA, Lorene Dutra Moreira e. **Festas religiosas: uma manifestação cultural de Mariana**. Ouro Preto: ETFOP, 2009.
- FLODELL, Sven Arne. **Verano Eterno: sueño de inmigrante**. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2004.
- FLORES, Hilda. **A canção dos imigrantes**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.
- FLORES, Moacyr. **Cultura Sul-Riograndense**. Porto Alegre: Instituto Cultural Português, 1981.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global, 2011.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FRESTON, Paul C. **Evangélicos e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Campinas. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Mimeo, 1993.

- FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. 1993. 307f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1993.
- FRESTON, Paul. **Pentecostalismo**. Seminário UNIPOP. Belém: Universidade Federal do Pará, 1996.
- FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 16, n.3, 1994.
- FRESTON, Paul. Pentecostalism in Brazil: a brief history. **Religion**, Abingdon: Taylor & Francis, n. 2, v. 25, 2011.
- FRIBORG, Göran, **Brasiliensvenskarna**, Emigrantinstitutets Skriftserie, n. 5, 1988.
- FRIDMAN, Luis Carlos. **Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GADINI, Sérgio Luiz; WOLTOWICZ, Karina Janz (orgs.). **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007.
- GALBRAITH, John Kennedy. **Anatomia do poder**. Trad. Hilário Torloni. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1989.
- GARDOLINSKI, Edmund. **Escolas e colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1977.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1991.
- GILBERTO, Antonio (ed.). **Teologia Sistemática Pentecostal**. 2.ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2008.
- GINSBURG, Salomão L. **Um judeu errante no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.
- GIORIGIS, Luiz Eniani Caminha. **O Tratado de Madri**, de 1750. Disponível em: <[http://www.terragaucha.com.br/tratdo\\_de\\_madri.htm](http://www.terragaucha.com.br/tratdo_de_madri.htm)> Acesso em: 07 jul. 2009.
- GIRON, Loraine Slomp; HEREDIA, Vania. **História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.
- GIUMBELLI, Emerson. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 1, v. 21, 2001.
- GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**. São Paulo: Attar, 2002.
- GODELIER, Maurice; HASSOUN, Jacques. (orgs.) **Meurte du Père, sacrifice de la sexualité: approches anthropologiques et psychanalytiques**. Paris, Arcanes, 1996.
- GOLIN, Tau. **A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina**. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Org. de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, v. 2.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere – os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 2.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: O Princípio Educativo.** Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006b, v. 2.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere – Maquiavel.** Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. v.2

GREGORY, Valdir. Imigração alemã no Brasil. **Cadernos ADENAUER XIV**, edição especial, 2013.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial:** migrações e identidades no Oeste do Paraná. Cascavel: Edunioeste, 2002.

GUIMARÃES, Anete Rosane Krebs; KREBS, Holdi (org.). **Caminhos percorridos pelos alemães da Rússia:** na Colônia Guarani/Santa Rosa. Santa Rosa: Fundo Municipal de Cultura, 2015.

HAESBAERT, Rogério. A noção de rede regional a partir da migração gaúcha no Brasil. **Território**, ano 3, n. 4, jan.-jun., 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALLIDAY, Tereza Lúcia (Org.). **Atos retóricos:** mensagens estratégicas de políticos e igrejas. São Paulo: Summus, 1988.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Região e regionalismo: observações acerca dos vínculos entre a sociedade e o território em escala regional. **Associação Brasileira de Geógrafos**, Porto Alegre, jun. 1999.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias.** Bauru: EDUSC, 2001.

HEREDIA, Edmundo. Cono Sur: el fin de las regiones de fronteira. **Cadernos do CHDD**, Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, ano 6, edição especial, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo - A Configuração da Memória. Tradução de Maria Ruth de Souza Alves. **Revista de Estudos da Religião – REVER.** Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/t\\_leger.htm](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_leger.htm)>. Acesso em: 10 ago. 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La religión, hilo de memoria.** Barcelona: Herder, 2005.

IGREJA METODISTA. **Atas e Documentos do Concílio regional da Terceira Região Eclesiástica**, 1974.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sala de imprensa:** projeção da população do Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia>. Acesso em: 12 out. 2011.

JANSSON, Erik. **Under Söderns Kors I.** Örebro. Örebro Missionsförenings Förlag, 1941.

JANZON, Göran. **Denna avhandling ingår i Studia Missionalia Svecanaserien, som utges av Svenska Institutet för Missionsforskning.** Örebro. Författaren och Libris förlag, Örebro Formgivning: Omforma/Magnus Åkerlund, 2008.

JOHNSON-EK, Andrew. **Då elden föll –** Av ett ögonvittne. Mariestad: Eget förlag, 1933.

JONSSON, Lars-Erik; LIMA, José Tomaz R.; ORESTE, Mário A.; SCHIERZ, Ulrich; BLOCH, Cleo Harison. **História dos Batistas Independentes.** Esteio: STBISUL, 2018.

KAPPAUN, Marciano. **A práxis social da Igreja:** análise das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade

Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2007.

KAPPAUN, Marciano (org.). **Da Suécia ao Brasil: uma história missionária**. Campinas: Batista Independente, 2012.

KERN, Alvarez (org.). **Sociedades ibero-americanas**. Reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções e sociedade: um passeio na obra de Norbert Elias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 59, jul./dez. 2013.

KREUTZ, Lúcio. Identidade étnica e processo escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, jul. 1999.

KUNZ, Claiton André (org.). **Manual de capacitação ministerial**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2015.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: Edusc, 2002.

LANDERS, John. **Teologia dos princípios batistas**. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 5. ed. Revista e atualizada. Porto Alegre: Sulina, 1986.

LAZZAROTTO, Danilo. **História de Ijuí**. Ijuí: Unijuí, 2002.

LEITE, Cristina Maria Costa. **O lugar e a construção da identidade: os significados construídos por professores de Geografia do Ensino Fundamental**. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, 2012.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LIMA, Éber F. S. "Reflexões sobre a 'Corinhologia' brasileira atual". *Boletim Teológico*, Porto Alegre, Fraternidade Teológica Latino-Americana, n.5, 1991, p. 54. Disponível em: <[www.reocities.com/prgb\\_2000/coro.doc](http://www.reocities.com/prgb_2000/coro.doc)>. Acesso em: 29 abr. 2014.

LIMA, Marco Aurélio. Relações de poder entre os estabelecidos e os outsiders. **HOLOS**, Ano 31, v.6, 2015.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. London: Routledge, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Alzira. **Basta de violência contra as mulheres**. São Leopoldo: Ceb, 2016.

MACIEL, Pollyanne Rachel Fernandes. **Relações de gênero no espaço religioso pentecostal paraibano: comparação entre a Assembleia de Deus e a Bola de Neve Church, em Campina Grande – PB**. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais). Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

MAFRA, Clara. Santidade e sinceridade na formação da pessoa cristã. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, 2014.

MAGNUSSON, John. **John Ongman, en levnadsteckning**. Örebro Missionsförenings Förlag, Örebro. 1932.

MAMEDE, Maria Amélia. **A construção do Nordeste pela mídia**. Fortaleza: [s.n.], 1996.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, dez. 2008, p. 73. Disponível em: <[https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MARINHO, Diane Marcy de Brito. **Atuação de mulheres em ministérios pastorais: realidade presente em textos bíblicos**. Goiânia: PUC Goiânia, Departamento de Filosofia e Teologia, 2004.

MARINHO, Maykon dos Santos; REIS, Luciana Araújo dos. O panoptismo como dispositivo de controle social: um breve estudo à luz do pensamento de Michel Foucault. **Pergaminho**, Centro Universitário de Patos de Minas, dez. 2014.

MARTINS, Clerton (org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, v. 3, 1977.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Bailando com o Senhor”: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012003000100001&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 mai. 2007.

MCGRAW, Gerald. *The Legacy of A. B. Simpson*. **International Bulletin Missionary Research**, v.16, n.2 April, s 69-77. See Mission Legacies 1994, s 37-47. 1992.

MCALISTER, Robert. **Dinheiro: um assunto altamente espiritual**. Rio de Janeiro: Carisma, 1981.

MCALISTER, Walter. **Neopentecostalismo – A história não contada: quem foi Roberto McAlister, conhecido como o pai desse movimento**. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MEYER, Dagmar E. Estermann. **Identidades Traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: Sinodal, 2000.

MILLER, Donald N. **The German Baptist Movement in Volhynia**. Disponível em: <[www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf](http://www.volhynia.org/articles/germanbaptistmovement.pdf)>. Acesso em: 08 mai. 2018. Artigo em PDF.

MIRANDA, Joana de Paula Cidade. **Deutschum no Brasil: imigração, identidade e mídia étnica alemã**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008.

MODES, Josemar Valdir. Hegemonia cultural batista independente e mídia: contribuições contextuais e midiáticas para a formação da hegemonia cultural. **Revista Batista Pioneira**, v. 5, n. 2, dezembro/2016.

MODES, Josemar Valdir. **Da Volínia para Guarany: a saga dos imigrantes alemães vindos da Rússia para o Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul**. III Semana do Conhecimento promovida pela UPF, 2016.



- MODES, Josemar Valdir. Região e fronteira da Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã: um espaço cultural definido, mas em constante mudança. **Revista Batista Pioneira**, v. 6, n. 1, junho/2017.
- MODES, Josemar Valdir. **Igreja Batista Independente Betel – 1918-2018: a casa de Deus para aqueles que buscam abrigo**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018.
- MOMBACH, Clarissa. O governo Vargas e suas implicações na produção literária teuto-brasileira. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo** – Dossiê n. 10, set. 2012.
- MONTEIRO, Paula. Globalização, identidade e diferença. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.49, nov. 1997.
- MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, jan./jun. 2010.
- MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, n.14, v.2, 2007.
- MOSTRA Comemorativa do 83º Aniversário de Ijuí**. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1973.
- MOTTA, Flávia Miller Naethe. **As crianças e o exercício de práticas de autoridade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio de Janeiro: PUC, 2007.
- MOUFFE, Chantal. Globalização e cidadania democrática. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, Curitiba, v.36, 2001.
- MÜLLER, Telmo Lauro. **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.
- NANEZ, Rick. **Pentecostal de coração e mente – Um chamado ao dom divino do intelecto**. São Paulo: Vida, 2007.
- NASCIMENTO, Mayk Andreele do. Indivíduo e cultura: perspectivas da antropologia contemporânea. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n.7, set. 2004.
- NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- NIEBUHR, H. Richard. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: IEPG-ASTE, 1992.
- NORTON, Bonny. **Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change**. London: Pearson Education, 2000.
- NUNES, Maria José Rosado. Gênero e Religião. **Estudos Feministas**, Santa Catarina, v.13, n.2, 2005.
- OLIVEIRA, Heli Sabino de. **Educação de Jovens e Adultos e religiosidade: um estudo sobre as práticas religiosas católicas e pentecostais em espaços escolares**. Paideia do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fumec, Belo Horizonte, ano 6, n.7, jul./dez. 2009.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade étnica, identificação e manipulação. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/912/1116>. Acesso em: 05 nov. 2008.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Imposição de mãos... mulheres pastoras?** Recife: STBNB, 2001.
- OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

- ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio**. Uma análise sociológica do fundamentalismo. São Paulo: Paulus, 1996.
- PACHECO, Alexandre. **As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de *habitus* e campo em Pierre Bourdieu**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.
- PAIXÃO, Daniel dos Santos. A Missão sueca na construção da identidade assembleiana no Brasil. **Azusa – Revista de Estudos Pentecostais**, n. 1, CEEDUC, São Paulo, 2011.
- PERSON, Vilmar, 07 jan. 2012. **Imigração Sueca em Guarani das Missões, Região Noroeste do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://vilmarperson.blogspot.com.br/2012/01/100-anos-da-igreja-batista-independente.html>. Acesso em: 10 abr. 2018.
- PEREIRA, Helder Rodrigues. **A crise da identidade na cultura pós-moderna**. Mental, ano 2, n.2, Barbacena, jun. 2004.
- PEREIRA, José Reis. **Breve história dos batistas**. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.
- PEREIRA, Talita Vidal. Currículo como teia de significados. **Revista Teias**, v. 13, n. 27, p. 161-176, jan./abr. 2012.
- PETRONE, Maria Theresa. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- PICOLOTTO, Mariana Reinisch. O pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações. **Contraponto**, v.3, n.1, 2016, p. 8. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741>. Acesso em: 11 mar. 2020.
- PINHEIRO, Jorge; SANTOS, Marcelo (Orgs.). **Os batistas: controvérsias e vocação para a intransigência**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PINTO, Suely Lima de Assis. A cultura e as diferentes concepções apreendidas nas determinações históricas. **Revista de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás**, v.1, n.3, jan./jul. 2007.
- PIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. **Uma Breve História do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2010.
- POMMERENING, Claiton Ivan. Pentecostalidade e pentecostalismo: fatores de crescimento associados à oralidade. **Azusa – Revista de Estudos Pentecostais**, v.2, n.1, 2001, p. 28. Disponível em: <<http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/8>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- PRIEN, Hans-Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.
- QUINTAS, Fátima (Org.). **Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário**. Recife, Massangana, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso>>. Acesso em: 11 jul. 2019.
- ROBERTS, Celia; BYRAM, Michael; BARRO, Ana; JORDAN, Shirley; STREET, Brian V. **Language learners as ethnographers**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- ROCHA, Calvino. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RADÜNZ, Roberto. **Do poder de Deus depende:** pregação religiosa e constituição de um modo de vida nas colônias alemãs da vila Germânica e Picada Ferraz (1850-1920). Dissertação de Mestrado: Porto Alegre: PUC, 1994.

RADÜNZ, Roberto. **Do poder de Deus depende.** Santa Cruz: UNISC, 1996.

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. **Cadernos de Campo** (FFLCH/USP), ano 16, jan./dez. 2007.

RIoux, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural.** Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

RIPPEL, Ricardo. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná:** uma análise de 1950 a 2000. Campinas: [s.n.], 2005.

RIVERA, Paulo Barrera. Estruturas e teias de significado: “Habitus” e “cultura” nas Ciências da Religião, **Estudos de Religião**, v. 28, n. 1, jan./jun. 2014.

ROCHA, Márcio José de Oliveira. Identidade batista, poder e interdependência social. **Anais do XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores.** 2007. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos\\_Completos/Marcio\\_Rocha.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Marcio_Rocha.pdf). Acesso em: 17 jan. 2019.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil:** uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo – Brasil e América Latina.** Série VII - A Libertação na História. Vozes: Petrópolis, 1995.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

ROSSI, Pe. Agnelo. O Protestantismo no momento atual brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 5, fasc.1, mar. 1945.

RUTHERFORD, Jonathan (Ed.). **Identity: community, culture, difference.** London: Lawrence & Wishart, 1990.

SANCHES, Mário Antonio (Org.) Mulher, sociedade e religião. **Congresso de Teologia da PUCPR.** Curitiba, n. 9, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congresso-teologia/2009/139>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões**, UFES – Programa de Pós-Graduação em História, v. 25, 2010.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e colonização no Brasil: as escolas étnicas alemãs. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, maio/ago. 2012.

SANTOS, Ademir Valdir dos. **Zeitgeist ou espírito alemão:** etno-história de germanidade e instituição da escola em Santa Catarina. São Paulo, v. 41, n. 02, abr./jun. 2015.

SANTOS, Edwiges Rosa. **A implantação e estratégias de expansão do protestantismo presbiteriano no Brasil império.** São Paulo: PUC, 2005.

SARUP, Madan. **Identity, culture and the postmodern world.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SCHAPPELLE, Benjamin Franklin. *The German Element in Brazil: Colonies and dialect. Americana Germanica*, n.26. Philadelphia, Americana Germanica Press, 1917.

SCHAFFER, Neiva Otero. **Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SCHMIDT, Emanuel. **Svenska Baptisternas I Amerika Teologiska Seminarium 1871-1921**. Chicago: Conference Press, 1921.

SCOTTI, Zelinda Rosa. *Imigrantes alemães: por uma contextualização para internamentos no Hospício São Pedro. Historiæ*, Rio Grande, 2011.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS (SEE MG). **Coleção Veredas: formação superior de professores**. Belo Horizonte: SEEC/MG, 2004. Módulo 6, v. 1.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ano 22, n.44, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Continente em chamas: globalização e territórios na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SLODKOWSKI, Aline Carlise. A cultura polonesa em Guarani das Missões/RS: uma proposta para a práxis educacional interativa em sala de aula. **Revista Percursos**. Maringá, v. 3, n. 1, 2011.

SLODKOWSKI, Aline Carlise; HEIDRICH, Álvaro Luiz. Territorialidade polonesa em Guarani das Missões/RS. **GEOMAE**, Campo Mourão, v.2, n.1, 2ºSem. 2011.

SÖDERHOLM. Gustaf Emil. **Den Svenska Pingstväckelsens Historia 1907 – 1927**, Del I. (Andra upplagan. Stockholm, Förlaget Filadelfia, 1929 [1927]).

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai? Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira**. Viçosa: Ultimato, 2004.

SOUZA, Bertone de Oliveira. O Pentecostalismo na história brasileira: problemas de periodização e enfoques teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano VIII, n. 22.

SOUZA, Catiane Rocha Passos de; MATOS, Rita de Cássia Aragão. O pentecostalismo clássico brasileiro em vias de midiaticização. **Extraprensa**, v. 11, n. 1, 2017.

SOUZA, Eliézer Corrêa de. **Os batistas independentes: uma trajetória missionária**. Londrina: s.n., 1998.

SOUZA, Gláucia Borges Ferreira de. **Um estudo de caso da Congregação Cristã no Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Goiás: PUC, 2018.

SOUZA JUNIOR, Milton Rodrigues de. **Cantai e multiplicai-vos...: estudo da Harpa Cristã como instrumento de expansão da Missão no pentecostalismo no Brasil (1910-1970)**.

Dissertação de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2011.

SOUZA, Sócrates Oliveira de (org.). **Pacto e comunhão**: documentos batistas. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. Luteranos de Londrina (PR) e germanidade: interpretações sociológicas sobre a composição religiosa brasileira do início do século XXI. **Anais da XXIV Semana de Ciências Sociais da UEL**: "Ciências Sociais: Desafios contemporâneos", 2013.

STÄVARE, Nils-Eije & WASSERMAN, Tommy (Redaktörer). *“Azusa Street i Örebro”*: *Pingstväckelsens intåg i Sverige – rapport från ett symposium på Örebro Teologiska Högskola*, den 23 november 2008.

STOLOW, Jeremy. **Religião e Mídia**: Notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 2014.

STORTO, Letícia Jovelina. **Discurso religioso midiático**: argumentação e língua falada em pregações evangélicas. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, 2015.

STROHAECKER, Tania Marques; DAMIANI, Anelisa (orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB-Seção Porto Alegre, 1998.

SYNAN, Vinson. **O século do Espírito Santo**: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático. São Paulo: Vida, 2009.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, v. 40, n. 1, Rio de Janeiro, jan./fev. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s0034-76122006000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0034-76122006000100003). Acesso em: 10 abr. 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 2.ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TILIO, Rogério Casanovas. **O livro didático de inglês em uma abordagem sócio-discursiva**: culturas, identidades e pós-modernidade. Tese Doutorado em Letras. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

VALÉRIO, Samuel Pereira. **Pentecostalismo de migração**: terceira entrada do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: PUC – Dissertação do Mestrado em Ciências da Religião, 2013.

VALÉRIO, Samuel Pereira. **Pentecostalismo brasileiro de migração**: contexto, cotidiano e institucionalização da Convenção das Igrejas Batistas Independentes. Tese Doutorado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

VANDERLINDE, Tarcísio. Imigração alemã e campesinato no sul do Brasil: uma discussão preambular. **Varia Scientia**, v. 5, n. 9, 2005.

VERLANG, William. **Colônia Santo Ângelo – 1857-1890**. Santa Maria: [s.n.], 1991.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

- WACHHOLZ, Wilhelm; HOFFMANN, Patricia; SCHMIDT, Jefferson. Escola e Igreja Teuto-Brasileiras: Germanidade entre preservação e revitalização. **ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH** - Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá, v. V, n. 15, jan. 2013.
- WEBER, Max. *Die drei reinen Typen der legitimen Herrschaft*. **Wirtschaft und Gesellschaft**. 4.ed. organizada e revista por Johannes Winkelmann. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1956, v. 2.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UNB, 2009.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEIBEL, Leo. *Die Europäische Kolonization Südbrasilien*, Bonn: Ferd. Dümlers Verlag, 1955.
- WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Montanhas que furam as nuvens: imigração polonesa em Áurea – RS - (1910-1945)**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- WESTIN, Gunnar. **Den kristna friförsamlingen i Norden. Frikyrkighetens uppkomst och utveckling**. Stockholm. Westerbergs. 1956.
- WESTIN, Gunnar. **I den svenska frikyrkighetens genombrottstid**. Svensk baptism till 1880-talets slut. Kyrkohistiska uppsatser. Stockholm: Westerbergs, 1963.
- WILGES, Irineu. **Cultura religiosa**. As religiões do mundo. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- WILLEMS, Emilio. **Followers of the new faith: culture change and rise of protestantism in Brasil and Chile**, Nashville: Vanderbilt University Press, 1967.
- WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 38, n. 2, 1998.
- WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e Colonização**. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- WOLF, Eric. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- WOODHEAD, Linda. Mulheres e gênero: uma estrutura teórica. **Revista de Estudos da Religião – Rever**, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 1-11, 2002. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/outronum.htm>. Acesso em: 24 jun. 2016.
- WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste**. São Paulo; Brasília: HUNITEC; Edund, 1995.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horizontes antropológicos**, v.6, n.14, Porto Alegre, nov. 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832000001400009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832000001400009). Acesso em: 27 mar. 2018.
- ZANELLA, Andréa Vieira; PRADO FILHO, Kléber; ABELLA, Sandra Iris Sobrera. Relações sociais e poder em um contexto grupal: reflexões a partir de uma atividade específica. **Estudos de Psicologia**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- ZANOTTO, Gizele. **Tradição, família e propriedade (TFP): as idiosincrasias de um movimento católico (1960-1995)**. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

ZARUR, George de Cerqueira Leite (org.). **Região e nação na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ZIMMER, Marco Vinício. **O panóptico está superado?** Estudo etnográfico sobre a vigilância eletrônica. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

## **ANEXOS**



## **ANEXO A – PRIMEIRO ESTATUTO DA CONVENÇÃO<sup>1092</sup>**

Ensaio de estatuto da Conferência Batista do Oeste no Rio Grande do Sul

§ 1º - A Conferência terá como nome Conferência das Igrejas Batistas do Oeste no Rio Grande do Sul.

§ 2º - Participarão desta Conferência as seguintes igrejas: a) as que são reconhecidas como igrejas batistas; b) as que creem na inspiração de toda a Bíblia e na Trindade divina: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; c) as que são orientadas e disciplinadas pela Escritura Sagrada; as que não permitem o uso do álcool e do tabaco e não tem aproximação destes itens; d) igrejas batistas de todas as nacionalidades.

§ 3º - A Conferência trabalhará para: a) melhorar a vida espiritual de todas as igrejas da Conferência; b) observar que nenhuma igreja siga falsas doutrinas e nem mesmo os pregadores aceitem estas doutrinas; c) pregar o Evangelho em todos os lugares que estiver e houver necessidade; d) que todas as igrejas trabalhem em cooperação; e) dar conselhos e se for possível ajudar a igreja pela perspectiva determinada pela Conferência.

§ 4º - As igrejas ajudaram anualmente com uma ou mais ofertas para as despesas da Conferência.

§ 5º - A Conferência se reunirá em Ijuí ou Guarani, anualmente, conforme determinação da Conferência.

§ 6º - As igrejas terão o direito de participarem das Conferências Anuais com um representante para cada dez membros da igreja, até dez representantes, não mais.

§ 7º - A diretoria será constituída por dois membros de cada igreja. Os missionários da Missão Batista Sueca terão direito a participação e ao voto em todas as seções da diretoria. As seções da diretoria poderão ser realizadas quando a maioria dos membros estiver presente, sem contar os missionários da Missão Batista Sueca. O primeiro presidente e o primeiro secretário deverão ser eleitos entre os missionários da Missão Batista Sueca: a) a diretoria deverá trabalhar após o encerramento da Conferência; b) a diretoria é responsável pelo caixa, e a cada ano deverá apresentar o relatório financeiro por escrito. Os revisores são eleitos pela Conferência.

---

<sup>1092</sup> Estatuto traduzido do alemão para o português por Josemar Valdir Modes.

§ 8º - Quando surgirem problemas ou alguma igreja precisar de ajuda, deverá procurar a diretoria ou o secretário da Conferência. Cada igreja enviará anualmente uma estatística no mês de janeiro.

§ 9º - A Igreja que não seguir este estatuto perderá sua membresia na Conferência, mas apenas quando a questão for investigada e quando dois terços dos membros da Conferência o desejarem.

§ 10º - Cada igreja deverá cuidar para não realizar uma Conferência com uma outra igreja, seja ela da Conferência ou não.

§ 11º - A Conferência se encontra subordinada aos missionários da Missão Batista Sueca.

§ 12º - Mudanças no estatuto serão possíveis mediante sugestões dirigidas à diretoria três meses antes da seção da Conferência. Mudanças podem ser feitas; mas elas só entrarão em vigor após a segunda ou próxima Conferência.<sup>1093</sup>

---

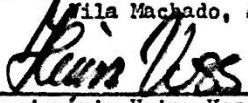
<sup>1093</sup> IGREJA BATISTA BETHEL EM GUARANY. Ata da assembleia ordinária realizada no dia 6 de março de 1920. Livro 01, p. 43-45.

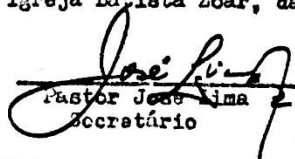
## ANEXO B - ATAS DA ORGANIZAÇÃO DA DILA

### ATA DA REUNIÃO DOS REPRESENTANTES DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ Em VILA MACHADO, TUCUMBUVA, RGS.

Aos treze (13) dias de março de 1970, em Vila Machado, Tucumbuva, Estado do Rio Grande do Sul, no horário das 15,30 horas, reuniram-se os representantes das Igrejas de Língua alemã, pertencentes a convenção das Igrejas Batistas Independentes, presentes ainda: Pastor Pedro Mendes, Presidente da CIBI, Ernesto Gerstberger, José Lima, Heinz Voss e Gerhard Rosenbaum. As Igrejas representantes eram: Igreja Batista Zoar, Vila Machado, Igreja Batista de Timbauva, Igreja Batista Bethol, Linha Dr. Iderneiras e Oito de Agosto, todas no Estado do Rio Grande do Sul, - Igreja Batista de --- Planalto, Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa, Estado do Paraná. Dando abertura aos trabalhos, o pastor Gerhard Rosenbaum saúda os presentes, lendo o salmo 133 e convida à oração. A seguir, o pastor Rosenbaum faz uma explanação sobre o trabalho entre as Igrejas de Língua Alemã, suas necessidades, enfim, seus problemas e responsabilidades. Em linhas gerais, dois (2) pontos cardoais deveriam dar forma à nova orientação para o nosso trabalho: a) reforçar o vínculo entre as nossas Igrejas de língua alemã e a Convenção. b.) consolidar o trabalho das Igrejas de língua alemã entre si, dentro de suas necessidades específicas. Tendo diversos oradores usado da palavra, foram tomadas as seguintes deliberações, em perfeita consonância com o presidente da CIBI, Rev. Pedro Mendes.: A) DO NOME: Visto que existe a Convenção das Igrejas Batistas Independentes, entidade com personalidade jurídica, e à qual vinculadas as nossas Igrejas de língua alemã, estas, por sua vez tomarão o nome de: DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ (DILA) - Com referência à tradicional reunião dessas Igrejas que se realiza anualmente, tomará o nome de: ENCONTRO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ. B) NOSSO TRABALHO: (de língua alemã) será desenvolvido em perfeita consonância com a diretoria de da CIBI, na perseguição de seus alvos, isto é, nossas Igrejas, com todas as demais integrantes de nossa Denominação, estão sujeitas as deliberações da Convenção Geral. Sobre tudo fica assentada que, igualmente, nossas Igrejas de língua alemã tem o compromisso de contribuir para a Tesouraria da CIBI, deverão enviar o disimo de suas entradas, o que corresponde à contribuição normal, da parte da Igreja, para a Convenção. C) DA LIDERANÇA: Ficou assentado, por outro lado, que a liderança do trabalho em língua alemã deverá constituir-se de três (3) irmãos: Um (1) MISSIONÁRIO; sempre que possível, um (1) PASTOR e um (1) LEIGO. A liderança, isto é, líderes deveram ser escolhidos e eleitos na Assembleia Geral da CIBI, anualmente como se procede com os demais departamentos. Nessa ocasião, os representantes das Igrejas de língua alemã terão direito especial de apresentar suas sugestões, no que se refere à eleição desses líderes. Para entregar a primeira liderança, o Presidente Rev. Pedro Mendes nomeia os seguintes irmãos: Missionário Heinz Voss - Líder, Pastor José Lima - Secretário, Bertoldo Henschel - Leigo. A seguir, o líder recém-nomeado lê uma palavra de Ezequiel 36,26-27, convidando os presentes para alguns minutos de oração. Tomando a palavra o pastor Rosenbaum, faz leitura de uma carta-convide, na qual a Igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa, Paraná, convida para que se realize o próximo encontro das Igrejas de língua alemã junto aquela Igreja. - Este convite foi aceito por unanimidade, ficando a determinação a data a cargo da liderança, em consonância com a Igreja hospedeira. Nada mais havendo tratar, a presente reunião foi encerrada com oração dirigida pelo irmão Jonathan Wutzke. E, por ser verdade, eu, José Lima, Secretário, -- lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e pelo Missionário Heinz Voss, líder do DEPARTAMENTO DAS IGREJAS DE LÍNGUA ALEMÃ.

Vila Machado, santuário da Igreja Batista Zoar, data supra.

  
Missionário Heinz Voss  
L í d e r

  
Pastor José Lima  
Secretário

CONVENÇÃO das IGREJAS BATISTAS  
- DEPARTAMENTO -  
DEPARTAMENTO DAS IGREJAS  
DE LÍNGUA ALEMÃ

# ANEXO C – CARTA DO LÍDER DA DILA

## GEMEINDEMITTEILUNGEN

Porto Alegre, den 3. 4. 1970

Liebe Geschwister, Gemeindeführungen und Boten unserer deutschsprechenden Gemeinden!

Die Tage unseres gemeinsamen Treffens in Machado sind vorüber. Es waren Tage des Segens, des gemeinsamen Grüßens mit lieben alten Bekannten und Verwandten. Die Gemeinde Zoar hat sich vorbildlich in der Sorge für ihre Gäste gezeigt. Wir danken deshalb nochmals Prediger und Gemeinde am Ort noch recht herzlich für alle Mühe. Wir beteten in den Tagen unseres Gemeindetreffens auf Machado um neue geistliche Segnungen. Möge der treue Herr über alle unsere Gemeinden kommen damit noch viele Seelen gerettet werden können und wir selber auf rechtem Wege bleiben.

### Zur Lage:

Wie schon alle wissen, haben wir wieder einen: DEUTSCHEN ZWEIG einrichten können und hoffen damit, dass wir als solche Gemeinden mehr zusammenhalten. In wenigen Tagen werden auch die Protokolle versandt werden können an alle Gemeinden. Wir warten noch auf die neuen Stempel. Wir hoffen, dass sich alle mit uns freuen, dass wir wieder als: Deutscher Zweig innerhalb unserer Konferenz mit unseren jährlichen GEMEINDETREFFEN arbeiten können. Kritischen Stimmen sollte gesagt werden, dass wir nicht müde werden wollen neue Wege zu finden für eine gute Zusammenarbeit. Denn wir müssen beiden Seiten gerecht werden, einmal unsere Konferenz zu der wir gehören und bei der wir Schutz finden und zum anderen die Zusammenarbeit unserer deutschsprechenden Gemeinden. Gehören wir zu einem Körper, dann müssen wir auch als Glieder funktionieren. Darum wurden die Wege so gesucht, dass der Körper keinen Schaden leidet. Sollten Probleme entstehen, können wir darüber auf unserem nächsten Gemeindetreffen betend beraten.

### Gemeindeabgeordnete:

Für die Entsendung der Gemeindeabgeordneten zu unserem nächsten Gemeindetreffen werden wir bei den alten Normen bleiben. Jede Gemeinde hat das Recht auf je 100 Mitglieder 10 Abgeordnete zu entsenden. Und für jede vollendete weitere 100 je 1. Hat eine Gemeinde aber noch keine 100 Mitglieder, dann sendet sie auf 10 Mitglieder einen Abgeordneten.

### Bruderrat:

Auf unserem nächsten Gemeindetreffen wählen wir wieder einen Bruderrat der mithilft unsere gemeinsamen Probleme und Nöte zu beraten. Von jeder Gemeinde werden von den vertretenden Abgeordneten zwei Brüder in den Bruderrat gewählt. Von diesen zwei Brüdern gehört der Älteste von jeder Gemeinde automatisch zum Bruderrat.

### Missionskasse:

Als Gemeindevertreter unserer neuen Leitung ist Bruder Berthold Henschel auch unser Kassierer. Wir bitten unsere Gemeinden, dass sie freiwillige Gaben an unseren Kassenverwalter entsenden möchten. Wie jeder weiss, muss auch eine Abteilung eine Kasse haben wenn alles funktionieren soll. Bruder Henschel wird für jede Gabe eine Quittung an den Geber übermitteln. Die Gaben sollen in diesem Jahre freiwillig sein. Es wäre gut, wenn wir bis zum nächsten Gemeindetreffen über eine schöne Summe verfügen könnten. Wir bitten darum um Eure Aufmerksamkeit.

## II

Reisegelder:

Die Reiseauslagen für dienende Brüder soll in diesem Jahre noch nicht von der gemeinsamen Kasse bestritten werden. Jede Gemeinde versucht ihren gerufenen Boten noch selbst zu unterstützen. Auf dem nächsten Gemeindetreffen können bessere Lösungen gemeinsam gesucht werden.

Adressen für unsere Kassierer:

Konferenzkassierer: Amisoto Werra, Caixa Postal 14,  
Rua Sete de Setembro, 27  
P E L O T A S RS

Kasserverwalter des: Deutschen Zweiges

Bertholdo Henschel  
Vila Machado Mun. TUCUIDUVA RS

Probleme:

Wie jeder weiss, haben sich einige Brüder von der Gemeinde Timbauva an die Konferenzleitung gewandt mit der Bitte, dass man für sie dort Verständnis habe. Über dieses Problem wurde in den Tagen auf Machado viel gebetet und berieten. Unser Konferenzpräsident hat sich viel Mühe gegeben.

Bitte lasst uns alle für unsere Gemeinde Timbauva mit ihren Problemen beten damit der Herr segne.

Nach nochmaligen Versuchen der Gruppe konnten keine positiven Ergebnisse erzielt werden. Sie wollen noch weiter, so wurde gesagt.

Am Sonntag nach dem Gemeindetreffen konnte auf Timbauva eine Tauffeier stattfinden. 14 junge Seelen konnten in dem Tod Jesu getauft werden.

Der Geist des Herrn führt immer zusammen, nicht auseinander!

Frohnacherde Mitteilungen:

Nach erhaltenen Mitteilungen, konnten am Sonntag den 15.3.70 eine Gruppe von gläubig gewordenen Seelen aus verschiedenen Gemeinden Paraná in Nova Santa Rosa getauft werden. Nach letzten Informationen 41. - Wir freuen uns mit den Geschwistern in Paraná.

Weiter dürfen wir froh notieren, dass neben der Gemeinde Bethel auf Linha oito de Agosto auch die Gemeinde Zcar zu L. Arapongas-PR. in ihr neuerbautes Gotteshaus eingezogen ist. Unsere Gemeinde zu Pratos wird demnächst ein schönes neues Gotteshaus bekommen. Auch auf Machado dürfen wir gute tauflche Veränderungen vorfinden. Die Gemeinde zu Nova Santa Rosa begann mit dem Bau eines Wohnhauses für ihren zukünftigen Boten. Der Herr segne alle Bauvorhaben.

Hier mag nun zunächst Schluss gemacht werden mit unseren Mitteilungen. Wir werden versuchen bald wieder zu schreiben und unsere Gemeinden informieren über unsere gemeinsame Arbeit.

Für etwaige Informationen wende man sich an unten angegebene Adresse. Seid alle recht herzlich begrüsst im Namen unseres Herrn JESUS CHRISTUS!

Heinz Voss  
Caixa Postal 638  
Porto Alegre RS

*Heinz Voss*

## ANEXO D – ATA DE ORGANIZAÇÃO DA CIBILA

Pastor: Wilson Wutzke

PREPARO DA CONFERÊNCIA DE BAPTISTAS DEPENDENTES DAS IGREJAS BAPTISTAS INDEPENDENTES  
DENTRO DO CIBI - CONVENÇÃO DAS IGREJAS BAPTISTAS INDEPENDENTES

TAGUNGSORT: BAPTISTEN GEMEINDE BETHEL zu L. Dr. Pederneiras - Giruá -RS  
Datum: 10-15 Januar 1989 - 70 Jahre Bethel Gemeinde und 50 Jähriges  
bestehen der Deutschen Abteilung.

BEGRÜSSUNGSGOTTESDIENST: Der Begrüßungsgottesdienst wurde am 10 Januar  
um 21:00 Uhr begonnen, geleitet vom Ortsprediger Pastor Aldino Wutzke.  
Der Konferenz Posaunenchor lobte Gott mit schöner Musik.  
Im Namen der Konferenz begrüßte Pastor Wilson Wutzke die Anwesenden  
und brachte die Einleitung an Hand von Ps. 100.  
Missionar Gregor Allerth brachte die Botschaft an Hand von dem Thema:  
FRUCHT BRINGEN = DAZU SIND WIR BERUFEN Joh. 15:8.

DEN 11 JANUAR: Um 9.00 Uhr versammelte sich die ganze Konferenz zu  
einer Bibeltunde mit Pastor Gregor Allerth die Einleitung wurde  
gebracht von Fr. Wilson Wutzke. Das Studium folgt unter dem Thema:  
Wir sollen immer auf Frucht warten. Die Versammlung wird geschlossen  
nach einer Gebetsgemeinschaft die um 9.55 Uhr beginnt unter großer  
beteiligung.

NACHMITTAG: Die Sitzung wurde begonnen mit Lob und Danklieder geleitet  
von Fr. José T. R. Lima um 14:00 Uhr.

Die erste Sitzung beginnt um 14:00 Uhr unter der Leitung vom  
Konferenzleiter Fr. Wilson Wutzke.

Es folgen die Grüße der verschiedenen Gemeinden.

GRÜSSE: Fr. Wilson übermittelt Grüße von Fr. Gerhard Rosenbaum aus  
Deutschland der mite im Jahr Brasilien besuchen will.

Dann folgen grüsse von: den Gemeinden zu: Katuite, Brasiliana, V. Larijá,  
Tupinambá, Naranjal, Ipiranga, V. Planalto, V. Machado, V. Cristal,  
Binop, Sta Rosa del Monday und im besonderem von Fr. Reda aus Canada.

BEISITZENDE: V. Planalto: Pastor Valdir Rudi und Iloni (Fidler) Littmann,  
Glieder: Hilton Werner, Reginaldo Schewe, Alberto Tiederke, Anoldo Bloch,  
Waldemar Arndt, Samuel Tehlend, Gilmar Bloch, Etan Jeske, Erni Arndt,  
Wilma Schewe, Hilda Bloch,

IPIRANGA: Fr. Nancy e Tania (Medeiros) Wutzke, Glieder: David Pipke,  
Ruth Pipke, Rudi Gerstberger, Hilma Berstberger, Otto Neumann, Erica  
Neumann, Edwin Krapp, Martah Krapp, Gustavo Lagner, Vilma Magger,  
Edelei Ikert.

V. Brasiliana: Fr. Alfredo Erico e Alsira (Littmann) Görz Glieder:  
Edwin Wutzki, Eli Wutzke, Eldor Schulz, Lori (Asenheimer) Schulz

V. Machado: Fr. Wilson e Mayde (Buchholz) Wutzke, Glieder: Ewald  
Pipke, Oswin Fritze, Willi Bertberger, Albino Meier, Karl Krause,  
Waldi König, Edwin Seidler, Elmiro Seidler, Alfredo Must, Edimar Pipke,  
Ewald Sipert, Artur Welke, Eldor Schl.

N. Sta Rosa: Glieder: Alfredo Böni und Frau, Germano Buchholz, und  
Frau, Alfredo Wutzke und Frau, Efron Lange und Frau, Leopoldo Jakobson  
und Frau, Valdi Lange und Frau, Erich Buchholz und Frau.

V. Cristal: Fr. Edvino Ikert, Glieder: Helmuth Hari Hein, Armindo Eger  
Hein, Edith Hein, Ilcaine Weber, Waldemar Sichelöt, Werner Weber, Soldi  
Weber, Ernesto Ellertth, Lori Sichelöt, Willi Ellertth.

L. Dr. Pederneiras: Fr. Aldino und Luiza Wutzke Glieder: Erico Eugenio  
Heinrich, Edwin Voltmann, Ewald Lenz, Ewald Frank, Teodoro Tonn, Edwin  
Fischer, Alfredo Sollen, Reinhold Tehlen, Robert Arnd, Arlindo Boller,  
Gustav Boller, Selvino Boller, Edwin Dorfschmidt, Nadir Jocke, Edith  
Wogel

NARANJAL - AURORA Pr. Ari Fipke & Miriam Zimmermann Fipke  
Sta Rosa del Monday: - e Formosa - Pr. Edemar e ~~Alice~~ Just Glieder:  
 Paulo Bubens, Valdemar Weiss, Paulo Buchholz, Alvino Frank, Milton  
 Duchhölz, Edwin Frank, Alvino Pudell, Ivoni Weiss, Hilda Bubens.  
Tupinambá: Pr. Willi e Eli Schmith, Glieder: Evald Schulz.  
Timbauva: Helmuth Arndt, Donaldso Caiton, Augusto Tinter, Elzira Arndt,  
 Valdi Giese, Renilda Giese, Ervino Krause, Lucilda Krause, Armindo Krause.  
N. Sarandi und Maripá: Sigward Driesner und Elsira Driesner.  
Sinop: M. T. Pr. Armindo e Maria Jeske, Glieder: Rudi Gerke, Eleine  
 Gerke.

Katuite: Pr. Fredolino und Irene (Friedrich) Isbrecht, Miss. Alicé  
 Friedrich.

GÄSTE DIE ANWESEND SIND: Es wird beschlossen das die Gäste die Anwesend  
 sind aus anderen Gemeinden und auch die nicht abgeordneten aus unseren  
 Gemeinden anwesend bleiben dürfen doch ohne Stimrecht.

BESICHTIGE: Igreja Batista Independente de Ipiranga Pr. Pastor:  
 Nancy Wutzke Cx. Postal 007 - 84450 - Ipiranga - PR Fone: 0422-421346  
Glieder Zahl 1987: 135 1988 131  
 Hat eine Kapele, eine Sonntagschule, ein Jugendverein, ein Schwestern  
 Verein.

Hatte im vergangenen Jahr eine Evangelisation im Mai mit Pr. José Lima  
 und Miss. Gregor Allerth und ine andere Evangelisation im September mit  
 Pr. Wilson Wutzke.

Besonderes: Im Januar hatt die Seminaristen Schwester Edelci Ikert mitt-  
 geholfen in der Gemeindefarbeit.

Am 18 Dezember konnten wir mit grosser Freude unser Prediger Haus einwei-  
 hen. Pr. Wilson Wutzke hat uns besucht zu diesem besonderen Tag.

Auch durften wir im Mai die grosse Freude haben unseren neuen Pastor  
 zu begrüssen.

Kassenbestand	Einnahme: Cz\$ 6.437,255,00
	Für Gemeinde " 5.825.613,00
	Für Mission " 611.640,00

TIMBAUVA: Igreja Batista Independente de Timbauva - Linha Timbauva  
 Candido Godoy - R.S. Pastor in 1988- Eldor Sakfiel.  
Gliederzahl in 1987 101 1988 106  
 Die Gemeinde hat eine Kapele eine Sonntagschule, ein Jugendverein, ein  
 Schwesternverein. Sie Hatten zwei Evangelisationen, eine Taufe mit  
 vierzehn (14) Glieder.

Tottale Einnahme: Cz\$ 1.906.027.95.

V; BRASILIANA: Igreja Batista Independente de V. Brasiliana Cx. Postal  
 741 85932 - Tupãssi - PR Fone: 0449-44 1311 - Pastor Alfredo Erico Görz  
Gliederzahl 1987: 91 1988: 77

Die Gemeinde hat eine Kapele, eine Sonntagschule mit vier Klassen,  
 ein Jugendverein, einen Schwesternverein.

Evangelisationen: Im Jaunuar wurde eine Ferienbibelschule durchgeführt  
 mit der Hilfe von Schwester Ursula Buchholtz.

Vom 08-12 Junn wurde eine Evangelisat on in Portugisisch durchgeführt  
 mit Pr. Jocildo und Eva Maximino von Rio de Janeiro, die Tage waren vom  
 grossen Segen und mehrere Entscheidungen und Aussprachen waren der Erfolg.

3

Eine weitere Evangelisation war geplant von 11-16 Oktober mit Fr. Domingo Schulz aber wegen dem Tod von seinen Eltern und Bruder konnte er nur an zwei Abenden uns dienen so am 11 und 12 Oktober.

Gemeindeferien: am 20 September hatten wir den Besuch von Fr. Wilson Kutzke der die Missionswoche durchführte in Turunã.

Etwas besonderes: Mit Trauer haben wir am 13 November unseren Gemeindeführer mit Familie und Jugendleiter, Edwin Kutzke und Arno Kutzke verabschiedet die nach Ipiranga gezogen sind. Mit Schmerzen sehen wir das Abwandern von Gläubigen und das dadurch unsere Gemeinde immer verkleinert

Kassenbericht:	Einnahme	Cz\$ 1.789.240,00
	für die Gemeinde	Cz\$ 1.581.502,00
	für mission	Cz\$ 207.746,00

N. STA ROSA: Igreja Batista Independente de N. Sta Rosa Cx. Postal 23 85910 - N. Sta Rosa PR. Fone. 0452 52 1203.

Pastor Eduino Ikert. Cx. Postal 26.

Gliederzahl 1987: 331 1988: 331

Die Gemeinde hat eine Kapelle, eine Sonntagschule, ein Jugendverein, einen Schwesternverein.

Es wurden vier Evangelisationen durchgeführt:

Auch die Begrüßung von der Prediger Freizeit der DILA.

Der Besuch von einer Gruppe des Janz Team von Gramado RS. Missions-

Woche wurde durchgeführt mit Fr. Irma, Der Abschied von Geschwister

Allerth mit der Mithilfe der Gemeinden der Gegend wurde durchgeführt.

Auch der Besuch von Fr. Raimundo de Oliveira hatte einen guten Eindruck

gelassen.

Besonderes: Die Gemeinde hatte keinen Prediger und wurde ausgeholfen von Fr. Eduino Ikert. Aber sie hat jetzt denselben Beruf als ihren Prediger der schon im Prediger Haus wohnt, Dasselbe Haus wurde erneuert.

Ein Ehepaar wurde zum Seminar überwiesen. Verschiedene Chöre sind aktiv. Die Unterstützung des Missionars Raimundo de Oliveira wird weiter

vorgesetzt.

Es sind etliche durch Zeugnis und Taufe zur Gemeinde hinzugehen aber wieder andere Gestorben und ausgeschlossen auch überwiesen worden so steht die Glieder Zahl auf der selben Zahl.

N. SARANDI und V. MARIPIÁ: Fr. Sigward Driesner grüßt persönlich die Konferenz, er sagt das der Stationsleiter Fr. Ademar Zimmermann ist in V. Maripá. Er erwähnt von einer Evangelisation mit Fr. Armino Jecko Auch hat Fr. Eduino Ikert ausgeholfen einmal im Monat um das Mahl des Herrn auszuteilen, weil sie keinen Prediger hatten.

V. CRISTAL: Igreja Batista Independente de V. Cristal Cx. Postal 26 85910 - N. Sta Rosa - PR

Gliederzahl in 1987 159 1988 158

Die Gemeinde hat zwei Kapellen eine Sonntagschule, ein Jugendverein,

Evangelisationen: mit Fr. Alvino Knispel und Fr. Ari Fipke.

Der Missionsabend wurde durchgeführt mit Fr. José Lima.

Hatten den Besuch von Fr. Wilson Kutzke in Februar, danach auch in

September. Auch noch Besuch von verschiedenen anderen Prediger der

Umgebung. So haben wir als Gemeinde auch Teilgenommen am Abschied von Geschwister Gregor und Marie Allerth in N. Sta Rosa. Geschwister Allerth waren auch an einen Sonntag bei uns.

Verschiedenes: Der Bau an der Kapelle geht weiter und es macht Freude den ein jeder beweist seine Liebe daran. So haben wir sie so weit das wir ohne weiteres die Versammlungen abhalten können und kommen so langsam näher an der vollendung des Baus.

Die Gemeinde hat vier verschiedene Chöre.



4

V; PLANALTO und Sta RITA DO OESTE: Igreja Batista Independente Sclén  
de V. Planalto Prediger Valdir Rudi Littmann Cz. Postal 007  
85910 Nova Sta Rosa. Pr. Fone: 0452-53 1169.

Gliederzahl 1987: 210 1988 194

Die Gemeinde hat drei Kapellen zwei Stationen zwei Sonntagschulen, zwei Jugendvereine und zwei Schwesternvereine.

Evangelisationen: Hatten zwei in V. Planalto die zum grossen Segen waren eine mit Fr. Aldino Wutzke und eine mit Pastor Almir Schulz. Dann hatten wir auch zwei in Sta Rita, eine mit Fr. Alfredo und Alsira Görz und die andere mit Fr. Ehrfried Krüger. Auch in Alto Alegre in der Stationsarbeit hatten wir zwei Abende mit Fr. Alfredo und Alsira Görz. Es gab besondere Früchte. Und wo sich 15 Personen für Jesus entschieden haben.

Taufen: Hatten wir eine am 18/12/88 wo 15 Seelen das öffentliche Zeugnis gegeben haben.

Im Besonderen ist zu bemerken das es eine grosse Auswanderung gegeben hat und viele Glieder vortgezogen sind. Fünf sind auch im Tode in die Ewigkeit gegangen auch ein Kind das der Gemeinde am meisten geschmerzt hat und das alle sich vorzubereiten haben, klein und Gross für die Ewigkeit.

Kassenbestand	Einnahme für die Gemeinde	Cz\$ 2.933.412,15
	für die Gemeinde	Cz\$ 2.718.697,85
	Für Mission	Cz\$ 214.715,00

L; DR. PEDERNEIRAS - 8. DE AGOSTO Igreja Batista Indep. Bethel  
de L. Dr. Pederneiros. Pastor Aldino Wutzke Cz. Postal 305 98900-  
Sta Rosa - R.S.

Gliederzahl 1987: 500 1988: 506

Die Gemeinde hat vier Kapellen, drei Stationen, vier Sonntagschulen, zwei Jugendvereine und zwei Schwesternvereine.

Evangelisation: In Pederneiros: mit Fr. Wilson Wutzke in ersten Semester und im zweiten mit Fr. Elomar Schulz auch eine Musik Woche in L. 8 de Agosto mit Seminarist Valdir Biller. In L. 7 der Setembro eine Woche mit Ortsprediger auch Besuch von Fr. Wilson und Eduino Ikert. Resultat alle evangelisationen war eine Taufe von 25 Seelen.

Besuch von Fr. José Aldair Taborda und auch vom Presiden der CIBI Fr. Antonio Duarte.

Die Gemeinde hat einen Posaunenchor und drei Gemischte Chöre.

Die Gemeinde ist froh das die finanzielle Schwierigkeiten überwunden sind und die Kasse durfte positiv zumachen.

Totale Einnahme:	Cz\$ 5.453.000,00
Für Gemeinde	- Cz\$ 4.757.100,00
Für Mission	Cz\$ 695.900,00

Es ist der Gedanke eine Neue Kapelle zu Bauen auch einen Saal.

Taufe: 25 Glieder Überweisungsschein 9, Tod: 6. Entlassen 5

Ausgeschlossen 3 Abnahme 23 Aufnahme 4 + Taufe = 29

GEBET: Es wird ein Gebet eingeschaltet für Fr. Edwin Tonn der in Krankenhaus liegt wegen seinem Herzanfahl und steht in Lebensgefahr.

#### BERICHTE:

V; MACHADO - V. PRATOS - TUPERANDI.

IGREJA BATISTA ZOAR DE V. MACHADO - Tucunduva.

Prediger Wilson Wutzke - V. Machado - 98930 - Tucunduva - R. S.

Gliederzahl 1987: 363 1988: 402

Die Gemeinde hat drei Kapellen zwei Stationen drei Sonntagschulen drei Jugendvereine und zwei Schwesternvereine.

**Evangelisation:** Von 15 bis 20 März durfte eine gesegnete Evangelisation durchgeführt werden mit Pr. Edmar Ikert in V. Machado.

Vom 14-17 April eine Gesegnete Evangelisation in Tuperandi mit Pr. Dorianio, von 7-10 Juli eine Evangelisation mit Willi Schmith in V. Pratos, vom 29 September bis 02 Oktober evangelisation mit Pr. Alvaro Schulz in V. Machado, 24 - 27 November noch eine Evangelisation in V. Pratos mit Pr. Dorianio Schulz.

**Missionsgottesdienst:** Am 7 Juni ein besonderer Missionsgottesdienst in V. Machado, Am 11 Juni in V. Pratos am 12 Juni Abends in Tuperandi, Am 12 Juni Abschluss der Missionswoche in V. Machado. Redner war Pr. Willi Schmith.

**Andere Veranstaltungen:** vom 24 bis 27 März eine Gesang Woche in V. Pratos, vom 19 -24 Juli Jugendkonferenz in V. Machado, Vom 18 - 21 August Schwesternkongress in V. Machado.

**Taufen:** Während des Jahres durften 02 Taufen vollzogen werden. Am 07 Februar mit 05 Täuflinge in V. Pratos und am 04 Dezember mit 12 Täuflinge in V. Machado.

**Besonderes:** Am 03 April durfte die Gemeinde eine Station in Tuperandi mit 34 Glieder gründen, Bald durfte ein Landstück gekauft werden und ein Versammlungssaal gebaut werden, der am 02 Oktober eingeweiht wurde. Pr. Elmar Schulz und die Stationsgemeinde zu V. Pratos haben eine neue Arbeit in Mauricio Cardoso angefangen.

**STA ROSA DEL MONDAY:** Igreja Batista I d. de Sata Rosa del Monday e Formosa. Pastor Edemar Just Cx. Postal 285 85890 - Foz de Iguaçu - PR  
Gliederzahl 1987: 151 1988: 167

Die Gemeinde hat zwei Kapellen, zwei Sonntagschulen, zwei Jugendvereine. Evangelisationen: eine wurde durchgeführt mit Pr. Fredolino Isbrecht.

Ein Taufest wurde gemacht mit Pr. Alvaro Knispel von 06 Täuflinge.

**Besonderes:** Die Gemeinde hatte die Freude ihr Prediger Ehepaar zu begrüßen am 21 Februar die uns zum großen Segen ist. Auch freuen wir für den Dienst den Br. Ari Pipke getan hat und jetzt nach Naranjal gegangen ist. Die Gemeinde hat auch einen neuen Motor für das Fahrzeug gekauft, die Kapelle gestrichen, einen Zaun um die Kapelle und Haus gemacht, ein Grundstück für Formosa gekauft, auch ist schon Material gekauft.

Kassenbericht Einnahme der Gemeinde Cz\$ 6.258.762  
Für Mission 2.203  
Für die Gemeinde Cz\$ 4.554.000

**NARANJAL - AURORA** Igreja Batista Independente de Naranjal -Paraguay  
Pastor Ari Pipke Cx. Postal 285 - 85890 - Foz de Iguaçu - PR.  
Gliederzahl 1987: 79 1988: 78

Die Gemeinde hat eine Kapelle eine Station, zwei Sonntagschulen, zwei Jugendvereine,.

**Evangelisationen:** es waren drei in vergangenen Jahr, vom 20-24 April mit Pr. Valdir Rudi Lüttmann aus V. Planalto, diese nur in Naranjal.

Vom 26-30 Oktober hatten wir die zweite Evangelisation in Naranjal mit Pr. Edemar Just aus Sta Rosa del Monday und Pr. Alvaro Knispel aus Foz de Iguaçu. Von 17-21 August hatten wir eine Evangelisation in

V. Aurora mit Pr. Willi Schmith, Es waren gesegnete Tage an denen Gottes Wort ausgesät wurde und hoffen dass es auch Frucht bringen wird. Anfangs September hatten wir auch den Besuch von Rosa Iria Valadão und Jonathan die auch eine schöne Arbeit taten. Am 4 September hatten wir auch ein Jugendtreffen. der sehr schön war.

Tufen waren keine aber im dem Jahr 1909 gedanken wir zu Anfang aus zu haben den es sind Taufkandidaten . . .

**Besonderes:** A. G. Lenz durfte die Gemeinde die Kirche bauen und zu begründen das die der Gemeinde dienen sollte und am 07 August wurde eine neue Begründung gemacht jetzt mit seiner Kirche. Mit der Hilfe des Herrn durfte die Gemeinde auch den Prediger Hans Damm, es ist noch nicht ganz fertig aber es geht schon zu wehen und man hofft es in dem Jahr 09 fertig zu machen. Bis jetzt hat die Gemeinde keine Hilfe gehabt aber Dr. Valentin Herzog hat sein Auto in dem Dienst der Gemeinde gegeben, welches ein grosses Segen ist und auch eine grosse Freude, die Anzahl der Bawler Gottes reichen Segen und viel Freude.

**TUPINGAÍ:** Igreja Batista Independente do Tupingá C. Postal 345 86720. - Antorga. - BR - Pastor Willi Schmith.

Gliederzahl 1907: 60 1908: 63

Die Gemeinde hat eine Kapelle, eine Sonntagsschule, ein Jugendverein, einen Lehrerseverien.

Jungelisationen: hatten wir eine mit Fr. Luise Malinowski von Curitiba. Taufzeit war ein mit vier Kandidaten.

Menschenbericht	Kotale Einnahmen:	Cr\$ 256.000,00
	für Mission:	Cr\$ 10.000,00
	Für die Gemeinde:	Cr\$ 246.000,00

**ARBEITSBERICHT DER OLGA KÖNIGSBERG GEMEINSCHAFT VON LEITE PR: WILSON MURKIE**

Wieder haben wir ein Arbeitsjahr mit seinen Erfolgen und Siegen, mit seinen Reichen und Freuden, mit seinen erfüllten Wünschen und vielleicht auch enttäuschten Hoffnungen hinter uns. Über alles durften wir den Beistand des Geistes erfahren, der uns die Kraft gab unsere Aufgaben im vergangenen Jahr zu erfüllen.

**Gemeindebesuch:** Die meisten Gemeinden und Stationen durften wir während des Jahres besuchen und an verschiedenen Kongregationen der Gemeinde teilnehmen. Es ist eine Freude zu sehen wie alle Gemeinden aktiv in der Arbeit stehen.

**Missionswochen:** Drei Missionswochen wurden während des Jahres in unsere Gemeinden durchgeführt. Die erste wurde im Mai Monat unter den Gemeinden in Paraguay durchgeführt. Die zweite wurde von 7-12 Juni unter den Gemeinden zu Rio Grande do Sul gemacht, wo Fr. Willi Schmith als Redner diente, und die dritte fand von 20-25 September unter den Gemeinden in Paraná statt, wo Pastore José Lima und Wilson Murkie als Redner dienten. In allen Versammlungen wurden Opfer für unsere Mission eingebracht. Man durfte vernehmen dass der Missionsinteresse in den Gemeinden wächst.

**Jugendjubiliäum-Konferenz:** Vom 19-24 Juli durften wir der 50. Jubiläum des Bestehens von unserer Jugendbund der Deutschen Unabhängigen Christengemeinschaft in V. Lechado feiern. Über 200 Jugendliche haben an dieser Konferenz teilgenommen. Eine besondere Freude war es, eine schöne Gruppe von Jugendlichen aus Brasilien und Paraguay zu begrüßen. Auf dieser Jugendkonferenz stand der Gedanke unter der Jugend, die gemeinsame Jugendkonferenz zwischen Paraná und Rio Grande do Sul zu veranstalten.

**Schweizerkongress:** Vom 18 bis zum 21 August durfte der 2. Schweizer Kongress unter dem Motto: "Wie kann ich eine fruchtbarere Mission in V. Lechado durchführen werden." am Friedhof unter der Leitung des Segneter Bischofs unter den anwesenden Schweizern gehalten werden. Auch auf dem Schweizerkongress war eine schöne Gruppe von Delegierten aus Paraná vertreten.

**Predigerfreizeit:** Von 19 - 25 Oktober fand eine Predigerfreizeit in V. Lechado statt. Während dieser Tage erlebten wir eine gute Gemeindearbeit unter den Folgen und Gottes reichen Segen.

Es war nicht leicht als Pastor in einem Vollständigen Dienst einer Gemeinde zu stehen und in der Leitung der Konferenz. Aber durch Gottes Geist und durch Gebete war es möglich auch diese Arbeit zu tun. Er dankt alle die Liebenden hinter uns gestanden haben, in Herrn vorhuden - Fr. Wilson Wutzke.

Mit Gebet von Fr. Arminio Jenke wurde die Sitzung geschlossen.

**ABENDVERSAMMLUNG:** Beginnt um 20.00 Uhr unter der Leitung von Fr. Deriano Schulz. Die Einleitung wird gebracht von Fr. Oswin Weiss. Die Predigt wird gebracht von Fr. José T. R. Lima unter dem Text von 1. Mose 3:8-10 Thema: Gott redet und der Mensch kann seine Stimme vor ihm hören. Es wurden auch Grussworte gebracht von Fr. Oswin Leucus, und auch von Fr. José Aldoir Taborda.

### 12.00 JANUAR

Bibelstunde um 9.00 Uhr wird begonnen mit Lob und Gesang. Das Bibelstudium wird gebracht von Fr. José T. R. Lima und anschliessend wird eine Gebetsgemeinschaft gemacht.

**NACHMITTAGSGOTTESDIENST:** Die Zweite Sitzung wird aufgeschoben und um 16:00 Uhr versammelt sich die Konferenz nebst Gemeinde am Ort auch Familienangehörige zur Beerdigung von Fr. Edwin Tonn. Der Konferenzchor singt zwei Lieder auch die Familie Eldor Sackviel. Fr. Adino Wutzke bringt die Botschaft den Leitenden, es folgen auch Trost Worte von Fr. Eldor Sackviel und Wilson Wutzke.

**ABENDVERSAMMLUNG:** Um 20.30 Uhr versammelt sich die ganze Konferenz zur Abendversammlung. Die Leitung hatte Fr. Eduino Ikert, die Einleitung bringt Fr. Elemer Schulz. Es folgen grüsse von Fr. Egard Tetzlaff. Der Konferenzchor singt etliche Lieder unter der Leitung von Schwester Nair Lima. Auch eine Gruppe Seminaristen singt etliche Lieder. Redner: Miss. Gregor Allerth Text Joh. 15.4.5 Thema: Das Geheimnis und Hindernisse der Fruchttragung.

### 13. JANUAR

Bibelstunde beginnt um 9.00 Uhr mit Lob und Gesang. Anschliessend wird eine Botschaft gebracht von Miss. Gregor Allerth und es folgt der **ABENDMISSESGOTTESDIENST UNTER** grösser Beteiligung geleitet von Fr. José T. R. Lima. Es wurde für Kranke gebetet die auch gesalbt wurden.

### NACHMITTAGSVERSAMMLUNG:

**2. SITZUNG:** Beginnt um 14:00 Uhr mit Lob und Gesang. Die Einleitung gebracht von Fr. Willi Schmith unter dem Text Joh. 13:34,35 Das Protokoll der vorigen Sitzung wird vorgelesen und für richtig angenommen.

### BERICHT:

**SINOP . L.T.** Fr. Arminio Jenke berichtet von der Arbeit in Sinop. Er sagt das sie gleich ein Haus gemietet haben und in dem selben die ersten Andachten hatten. Er spricht das Gott's viele Wunder tut. Es sind schon 40 Personen in der Sonntagschule, 20 Jugendliche, auch bestehen ein Chor der schon eine Kassette gemacht hat und ein Posaunenchor. Er dankt für jeden Bruder und Schwester der Gemeinden die für ihre Arbeit gegeben und gebetet hat. Er spricht von Befreiung von Mächten des Teufels. Die Gemeinde hat jeden Sonntagabend eine Vigilie. Die Gemeinde hat schon zwei Plätze bekommen nachdem sie einen Plan gemacht hatten zur Bauweise. Danneben. Gr. 1-238.475,27 Zinsen. Gr. 60.900.00: Es sind gegenwärtig 60 Glieder

**KATUITE:** Iglosia Bautista Detel Cr. Postal 298 - Guaira PR  
 Fr. Fredolino Isbrecht. Gliederzahl 1988: 44 Hat eine Kapelle  
 eine Sonntagsschule, ein Jugendverein, und einen Schwesternverein.  
 Evangelisationen: Es waren etliche mit Fr. Leonard Jabes aus Arapongas .  
 PR auch mit Rosa Maria Valadão und Jonathan.  
 Eine Gemeindefeiere wurde durchgeführt mit Fr. Willi Schmith.  
 Die Gemeinde hat das Wohnhaus soweit fertig auch von den Plätzen ist die  
 Vorschrift gemacht.

**KASSIENBERICHT:** Totale einnahme bis zur Konferenz Cz\$ 2.472.024,59  
 Ausgaben cz\$ 1.827.988,00 Gut in der Kasse. Cz\$ 644.036,59. Jan 89.  
 Als Kassenrevisoren wurden gewählt Fr. Artur Welke und Fr. Aldino Kutzke.

**UMWANDLUNG VON DILA IN CIBILA - Organisation der Konferenz.**  
 Es wird beschlossen die Abteilung der Deutschsprechenden Unabhängigen  
 Baptisten Gemeinden in eine Konferenz umzuwandeln die dan von jetzt heisst  
 CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ - BIBILA.  
 Konferenz der Unabhängigen Baptistengemeinden Deutscher Zunge.  
 Der Satzungsentwurf für die Statuten der neuen Konferenz wird vorgelegt  
 und angenommen wie folgt:

**SATZUNGEN (STATUTEN) DER KONFERENZ DER UNABHÄNGIGEN BAPTISTEN GEMEIN-  
 DEN DEUTSCHER ZUNGE;**

#### Kap. I

Namen, Wesen, Sitz, Zielsetzung, usw.

- Art. 1<sup>o</sup>. Die Konferenz der Unabhängigen Baptistengemeinden Deutscher Zunge ist eine religiöse Gemeinschaft und hat keine Gewinnbringende Zwecke. Ihr rechtlicher Name ist "Convenção das Igrejas Batistas Independentes de Língua Alemã (Zu Deutsch: Konferenz der Unabhängigen Baptistengemeinden deutscher Zunge), und setzt sich zusammen aus einzelnen Gemeinden.
- Art. 2<sup>o</sup> Die Konferenz hat ihren Sitz in Rua Boa Vista 301 Esq. Superandi N. Sta Rosa - PR. Die Plenarversammlung kann jedoch in irgendwelcher Stadt unseres Landes stattfinden. Ort und Datum darf aber nicht mit der Jährlichen Tagung der CIBI zusammenfallen.
- Art. 3<sup>o</sup> Die Konferenz hat folgende Zielsetzung:  
 A) Die Brüderlichkeit unter den gemeinden zu fördern.  
 B) Entwurf und Durchführung von Missionarischen Tätigkeiten.  
 C) Die Mitarbeit und das Interesse unter den angeschlossenen Gemeinden für die Missionsprojekte der CIBI zu fördern.  
 D) Beschlüsse über Neugründung von Departamenten und Ausschüssen zur Erfüllung ihrer Aufgaben.
- Art. 4<sup>o</sup> Die Konferenz ist an der Mütter-konferenz CIBI angeschlossen. Die CIBI hat zwar kein Bestimmungsrecht über die (deutsche) Konferenz ihr stehen aber folgende Befugnisse zu:  
 A) Bestätigung des Beschlusses zur Auflösung der "deutschen" Konferenz.  
 B) Prüfung, bzw. Entgegennahme der Arbeitsplanung in der missionarischen Zusammenarbeit.  
 C) Wahl des Vorstandes der Konferenz zu bestätigen.

### Kap. III. ORGANISATION UND VERWALTUNG

- Art. 5<sup>a</sup> Die ordnungsgemäße Plenarsitzung ist einmal im Jahr durchzuführen; eine ausserordentliche Plenarsitzung je nach Notwendigkeit, und in beiden Fällen hat die Einberufung durch den Vorsitzenden bzw. zweiten Vorsitzenden zu erfolgen.
- § 2<sup>a</sup> Beglaubigungsform und Vertretungsart von den Einzelgemeinden auf der Konferenz werden von der Plenarsitzung bestimmt. Beschlüsse diesbezüglich werden in dem Gründungsprotokoll stehen.
- § 3<sup>a</sup> Die Aufnahme der einzelnen Gemeinden in die Konferenz untersteht folgenden Bedingungen:
- A) Eine schriftliche Bitte um Aufnahme.
  - B) Die Erklärung, dass die Heilige Schrift ihre Richtschnur ist in der Sache des Glaubens und der Praxis. Darüber hinaus soll jede um Aufnahme suchende Gemeinde in christlicher Harmonie zu den Schwestergemeinden stehen.
  - C) Zustimmung zur vorliegenden Satzung.
  - D) Bereitschaft zur Mitarbeit mit der Mutter-Konferenz.
- Art. 7<sup>a</sup> Die Konferenz wird von einem Vorstand verwaltet, welcher sich zusammensetzt wie folgt: 1<sup>a</sup> Vorsitzenden, 1<sup>a</sup> Vice Vorsitzenden; 2<sup>a</sup> Vice Vorsitzenden; 1<sup>a</sup> Sekretär (Schriftführer), 2<sup>a</sup> Sekretär; 1<sup>a</sup> Kassierer; 2<sup>a</sup> Kassierer. Der Vorstand wird jährlich gewählt. Die Wiederwahl steht allen Mitgliedern frei.
- Art. 8<sup>a</sup> Der Bruderrat setzt sich zusammen aus folgenden Mitgliedern:
- A) dem Konferenzvorstand
  - B) den Gemeindepastoren und einem Mitglied aus dem Vorstand jeder Gemeinde.
- Art. 9<sup>a</sup> Die Aufgaben des Bruderrates sind wie folgt:
- A) Dem Konferenzvorstand beizustehen auf Einladung des Vorsitzenden.
  - B) Behandlung der Ordinationsfragen bei den Gemeinden.

### Kap. IV - ALLGEMEINE VERFUGUNGEN

- Art. 12 - Die Zeitung "Luz nas Trevas", offizielles Monatsblatt der CIBI wird auch von der deutschen Konferenz als offizielles Blatt anerkannt. Die "deutsche" Konferenz kann aber jeder Zeit ihr eigenes Blatt zur internen Verteilung drucken lassen.
- Art. 15 Die Auflösung der Konferenz:  
Zur Auflösung der CIBILA müssen zwei aufeinander folgende Plenarsitzungen stattfinden mit der Zustimmung von 2/3 der in der Sitzung eingetragenen Gemeindevertreter, unter Berücksichtigung von Art. 4<sup>a</sup>, "A".
- § 2<sup>a</sup> Im Falle einer Auflösung, fällt das Vermögen an der CIBI.
- Art. 16. Die vorliegende Satzung kann verändert werden mit der Zustimmung von 3/5 der in der Plenarsitzung eingetragenen Mitglieder, unter Bestätigung der CIBI.
- Art. 17. Alle in dieser vorliegenden Satzung nicht vorgesehenen Fälle werden von dem Bruderrat behandelt.

### WAHL

Als Provisorischer Leiter wird Pr. José T. R. Lima gewählt.  
Der Vorstand wird gewählt wie folgt: 1<sup>a</sup> Leiter : Pr. Wilson Wutzke  
1<sup>a</sup> Vice Leiter: Pr. Eduino Ikert; 2<sup>a</sup> Vice Leiter: Pr. Aldino Wutzke  
1<sup>a</sup> Sekretär: Pr. Alfredo Erico Görz 2<sup>a</sup> Sekretär: Pr. Willi Schmith  
1<sup>a</sup> Kassierer: Pr. Arnaldo Bloch 2<sup>a</sup> Kassierer: Pr. Evaldo Pipke,  
Der Vorstand wird mit einem Gebet von Pr. José Lima eingeführt.

## 10

**MITGLIEDER IM BRÜDERRAT:** ITIRANGA: David Fipke; TUPINHÁ: Armando Schulz; MARSHALLIA: Sigfried Schulz; N.Sta. ROSA: Alfredo BONI; N. CARANDI: Egon Welke; V. CRISTAL: Werner Weber; V. PLANALTO: Milton Werner; L. ARAPONGAS: Heinrich Makus; L.DR. PEDERNEIRAS | Erich Heinrich; V. LACILDO: Oswin Fritz; TIMBAUVA: Helmut Arnät; Sta ROSA DEL MONDAY: Waldemar Leise; NARANJAL: Waldi Madar; KATUITE: Menno Schilert. SINOP: Rudi Gerke.

**MISSIONSPROJEKT FÜR SINOP:** Wir halten unsere Unterstützung weiter für Sinop.

**MISSIONSPROJEKT FÜR GANDIDI GODOY:** Da müssen noch Verhandlungen gemacht werden mit der Gemeinde zu Timbauva bis jetzt ist nichts.

**MISSIONSWOCHEN:** Paraguay : Koordinator Fr. Alvaro Knispel mit den Pastoren am Ort und soll stattfinden im Monat MAI

**PARANÁ:** Koordinator Fr. Valdir Rudi Littmann; Redner: Fr. Wilson Wutzke und Fr. Willi Schmith im Monat SEPTEMBER.

**Rio Grande do Sul:** Koordinator: Fr. Aldino Wutzke; Redner Fr. José T. B. Lima und soll stattfinden im Monat Juni.

**VORSTAND VON DEM SCHWESTERDEPARTMENT:** wird bestätigt den Vorstand der vorher unter den Schwestern gewählten wie folgt:

Leiterin: Alstira Littmann Görz ; Vice Leiterin: Mayde B. Wutzke  
Schreiberin: Rosalina Welke; Kassiererinnen: Darcila Schulz und Beisitzende: Erica Neumann.

Es wird abgestimmt das jeder Departament einen Bericht machen soll.

**REDAKTÖR FÜR "Luz nas Trevas":** Fr. Alfredo Erico Görz.

**NÄCHSTE KONFERENZ:** Die Gemeinde zu V. Planalto bestätigt ihre Einladung mit einem Brief und so soll die nächste Konferenz in V. Planalto stattfinden im Jahr 1990.

**KONFERENZREDNER:** wird gewählt Fr. Doriano Schulz. für die Bibelstunden an den Morgen und an den Abenden sollen die verschiedenen Pastoren dienen die es in ihrer Predigerfreizeit koordinieren.

**KONFERENZCHORLEITERIN:** Schwester Nair Lima.

**KONFERENZPOSAUNENCHOR LEITER:** Wahrscheinlich Br. Paul Makus oder wenn dieser nicht dann die Leiter am Ort.

**BRIEF VON SINOP:** Die Stationsgemeinde zu Sinop MT. kommt mit der Bitte die Farbe für ihr Prediger Haus zu erbitten von der Konferenz. Der Bruderrat schlägt vor eine Summe Farbenlatten zu spenden, und dieses wird auch in der Plenarsitzung beschlossen und es wird abgestimmt 30 Latten Farbe von 3.600 ml. zu spenden für das Haus in Sinop.

**BEITRAG:** Eine Frage wird hervorgehoben ob der Beitrag über der Gesamten Gliederzahl der Gemeinde eingezahlt werden soll oder über die es zahlen. Es wird erklärt das es über der Gesamten Gliederzahl jeder Gemeinde geschehen soll. Es bleibt weiter 5% vom Hohen Mindestlohn pro Jahr auf's Glied. In der Zukunft wird sich gerichtet werden nach den Beschlüssen der CIBI Konferenz und was diese bestimmt. Es wird empfohlen das man es nicht bis ende des Jahres lassen sollte mit dem einzahlen.

**MITHILFE FÜR DIE REISE VON PASTOR ARMINDO JESKE:** Es wird beschlossen dem Pastor die Onibusfahrt zu zahlen und wird die Summe festgelegt von Cz\$ 100.000,00 zu zahlen. (heute bez\$ 100,00)

**DANK:** An der Gemeinde zu Dr. Pederneras wird ein Dank ausgesprochen für die gute Herberge, Aufnahme und Beköstigung.

## 11

**LAUSCHPRECHER ANLAGE:** Es wird beschlossen dem Pr. Alfredo Erico Görz Cz\$ 100.000,00 (heute NCz\$ 100.00) zu geben für die Reisespähen mit dem Auto um die Aparate herzubringen, davon zahlt die Ortsgemeinde die Hälfte NCz\$ 50.00.

**14. JANUAR - JUGENDGOTTESDIENST.** Um 20.30 Uhr beginnt unter der Leitung von Pr. Nancy Wutzke. Es folgt Gesang von etliche Chorusse unter der Leitung von Pr. Alfredo E. Gör und Pr. José Lima. Die Jugend lobt Gott. Eine Gruppe Seminaristen von der Filiale zu Cachoeirinha singt ein Lied so auch eine Gruppe von SINOP M.T.  
Miss. Gregor Allerth bringt die Botschaft und mit einem Appel wird die Versammlung beschlossen nachdem etliche Jugendliche sich entscheiden für Jesus.

**15 JANUAR - GRUNDUNGSGOTTESDIENST UND FESTGOTTESDIENST.** Beginnt um 9.00 Uhr mit Lob und Gesang von Pr. Jose Lima geleitet. Die Leitung hatt Pr. Wilson Wutzke. Der Konferenzchor singt: Jesus ist alles alles mir. Pr. Waldir R. Littmann macht die Einleitung. Schwester Berta Pudell wird begrüsst als die einzige Gründerin der Bethel Gemeinde zu L. Dr. Pederneiras die anwesend ist den es ist nur noch sie und Schwester Schulz (die in Paraná ist und nicht gesund) die noch am Leben sind. Pr. Elomar Schulz singt ein Lied. Pr. Aldino Wutzke gibt einen kurzen Bericht ausgenommen aus der Geschichte dieser Gemeinde. Miss. Gregor Allerth bringt einen Gruss als Ehemaliger Prediger auch übermittelt er Grüsse vom Missionsleiter aus Schweden Pr. Jöram Sturva. Im Namen der Mission bedankt er sich das die Deutschen Gemeinden immer Selbstständig sind. Auch spricht Pr. Gregor von der Geschichte der Gemeinde. Pr. Eldor Sackviel bringt auch ein Grusswort als Ehemaliger Prediger und singt ein Lied mit Frau und Sohn. Pr. Wilson Wutzke bringt einen Geschichtlichen Bericht über die Arbeit der Gemeinden und den Deutschen Zweig von den Anfangsjahren bis heute. Der Konferenz Chor singt ein Lied. Wen Morgens in den Tag ich geh. Ein Lied wird mit der Versammlung gesungen und das Opfer gehoben. Es folgt ein Grusswort von Pr. Heinrich Goderium von der Gemeinde Christi. Die KONFERENZ DER UNABHÄNGIGEN BAPTISTEN DEUTSCHER ZUNGE WIRD OFFIZIEL ins Leben gerufen, der Vorstand wird eingeseget mit einem Gebet von Pr. José T. R. Lima.

Es folgt die Botsaft gebracht von Miss. Gregor Allerth an hand von Joh. 12:24 unter dem Thema: FRUCHT BRINGEN DAZU SIND WIR BERUFEN; Der Konferenachor singt: Gib Gott die Ehre. Pr. Aldino Wutzke gibt etliche Bekanntmachungen, so auch Pr. Wilson Wutzke, E. übermittelt auch im Namen der ganzen Konferenz Grüsse an Schwester Dorötea Voss durch ihre Söhne die dieses auf Video gravieren. Schwester Berta Pudell die einzige Bethel Gemeinde Gründerin(zugegen) schliesst die Versammlung mit einem Gebet das gefolgt wird von einem Gebet von Pr. Wilson Wutzke.

**ABSCHLUSSGOTTESDIENST - NACHMITTAG. - 14.00 Uhr.**

Der Posaunenchor beginnt die Versammlung mit etlichen Musikstücken. Pr. Edemar Just hat die Leitung. Die Versammlung singt :Lass die Horzen immer fröhlich. Pr. Fredolino Isbrecht macht die Einleitung. Es wird das Wort abgegeben an verschiedenen Gemeindefeiler.

Bruder Ewald Fipke, Bertold Henschel, Werner Weber bringen das Wort



## 12

Miss. Gregor Allerth bring die Botschaft und der Konferenz Chor oder besser Posaunenchor spielt etliche Lieder.

Pr. Wilson Wutzke spricht einen Dank an alle aus. Er dankt dem Herrn, auch der Gemeinde für die gute Herberge, und Beköstigung.

Es werden auch grüsse übermittelt an den Gemeinden in Schweden, an der CIBI Konferenz die in S. Leopoldo stattfinden soll gleich die nächste Woche.

Auch grüsse werden übermittelt an alle Gemeinden und im besonderen an Schwester Mary Allerth. in Schweden.

Pr. Aldino Wutzke dankt auch der ganzen Konferenz.

Pr. Eduino Ikert dankt im Namen der ganzen Konferenz dem Leiter Pr. Wilson Wutzke.

### 3<sup>a</sup> SITZUNG

Es wird noch schnell eine Spalte hineingeschoben und etliche Fragen zu klären und das Protokol vorzulesen.

Die Plenarsitzung muss abstimmen wie es wird mit den Abgeordneten für den nächsten Konferenzen. Es wird beschlossen das jede Gemeinde darft 10 Abgeordnete schicken bis 100 Glieder also einen für jede 10 Glieder Die Gemeinde die mehr wie 100 Glieder habe schicken noch einen für jede 100 Glieder.

Es wird beschlossen ein Blatt heraus zu geben einmal im Jahr oder halbjährlich. und dieses dem Pr. Wilson zu überlassen.

KASSENREVIEWSORE BERICHT: Sie Haben die Kasse untersucht und haben alles richtig angetroffen.

Das Protokol wird vorgelesen und für richtig angenommen.

Ich als erster Schreiber habe dieses Protokol geschrieben das von mir unterschrieben wird.

*Alfredo Erico Görz*

---

Alfredo Erico Görz  
 Cx. Postal 741  
 85932 - Tupãssi - PR  
 Fone: 0449-441311

## ANEXO E – PRIMEIRO BOLETIM INFORMATIVO

UNSER MITTEILUNGSBLATT

BOLETIM INFORMATIVO

Convenção das Igrejas Batistas Independentes  
de Língua Alemã (CIBILA)

Nr. 1 Januar bis Dezember 1989 1. Jahrgang

50JÄHRIGES JUBILÄUM DER KONFERENZ DER UNABHÄNGIGEN  
BAPTISTEN DEUTSCHER SPRACHE UND 70JÄHRIGES JUBILÄUM  
DER BAPTISTENGEMEINDE BETHEL IN La. DR. PEDERNEIRAS



"FRUCHT BRINGEN -DAZU 1989 in La. Dr. Pedernei-  
SIND WIR BERUFEN" lautete ras - Giruá RS zusammen  
das Thema der Deutschen mit dem 70. Jubiläum der Ge-  
Konferenz, die vom 10-15-1. meinde Bethel durchgeführt

### EIN WORT ZUM GELEIT

Seit längerer Zeit haben wir uns mit dem Gedanken beschäftigt, ein Mitteilungsblatt im Auftrag unserer Deutschen Konferenz heraus zu geben, in deutscher und portugiesischer Sprache. Nun hat sich dieser Gedanke verwirklichen lassen, und unsere Absicht ist dadurch den Gemeinden zu dienen mit Information und Erbauung. Nicht zuletzt soll damit auch das Gefühl der Zusammengehörigkeit gestärkt werden.

In dieser ersten Nummer finden wir Verschiedenes von dem was im Laufe des Jahres 1989 in den Gemeinden geschehen ist. Wir wünschen allen Lesern Gottes reichsten Segen.

Pr. Vilson Wutzke

wurde.

Mit der Begrüßungsversammlung am Dienstag, den 10. Januar wurde vom Leiter Pr. Vilson Wutzke die Konferenz eröffnet. Konferenzredner waren Pr. Gregor Allerth aus Schweden und Pr. José Lima. Sie dienten mit Bibelstunden an den vormittagen und Erweckungsbotschaften an den Abendversammlungen.

Am Donnerstag, wurde die Konferenz nachmittag unterbrochen um mit Leid Bruder Edwin Tonn zu bestaten, der heimgegangen war. Er war einige Jahre

Leiter der Gemeinde Bethel und zur Zeit Glied im Vorstand. Am Begrüßungsabend war er noch dabei und half mit bei der Organisation des Festes. Es gefiel dem Herrn über Leben und Tod ihn zu sich zu nehmen, nach einem längeren Herzleiden. Pastor Aldino Wutzke brachte die Botschaft; Pr. Eldor Sakvil, ehemaliger Gemeindeprediger und Pr. Vilson Wutzke sprachen der trauernden Familie Worte des Trostes zu. Auch der Konferenzchor unter der Leitung vom Pr. Alfredo Erico

3

Görz wirkte mit.

Am Freitag vormitag wurde die viel segensbringende Abendmahlfeier auch mit Gebet für die Kranken gehalten.

Der Posaunenchor, wie es schon Tradition geworden ist, spielte an einigen Abenden und beendete die Konferenz mit seiner Musik am Sonntag nachmittag, unter der Leitung von Br. Willi Busse. Auch der Konferenzchor ist immer ein Segen, der aus freiwilligen Sängern besteht. Geleitet von Schwester Nair Lima, beteiligte sich der Chor an einem Abend und am Festgottesdienst am Sonntag vormitag. Auch kleinere Gesangsgruppen haben sich beteiligt.

Am Freitag nachmittag wurde die Konferenz gegründet, die sich jetzt als CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DE LÍNGUA ALEMÃ (CIBILA) nennt. Die Statuten wurden angenommen und auch die erste Leitung gewählt, die aus folgenden Brüdern besteht: Leiter Pr. Vilson Wutzke; 1<sup>o</sup> Vizeleiter Pr. Eduino Ikert; 2<sup>o</sup> Vizeleiter

Pr. Aldino Wutzke; 1<sup>o</sup> Schreiber Pr. Alfredo E. Görz; 2<sup>o</sup> Schreiber Pr. Willi Schmid; 1<sup>o</sup> Kassierer Br. Arnaldo Bloch; 2<sup>o</sup> Kassierer Br. Evaldo Fipke.

Am Sonntag morgen, dem 15. Januar, wurde ein Festgottesdienst aus Dankbarkeit für das 50. Jubiläum der Deutschen Konferenz und für das 70. Jubiläum der Gemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras gehalten. In diesem Gottesdienst wurde offiziell bekanntgegeben, dass die neue Konferenz gegründet worden ist und durch Gebet von Pr. José Lima, wurde der neue Vorstand eingesetzt.

Pr. Aldino Wutzke als Ortsprediger gab einen kurzen Überblick von der Geschichte der Gemeinde Bethel und Miss. Gregor brachte die Botschaft. Schwester Berta Pudell im Alter von 86 Jahren durfte zugegen sein, die einzige Gründerin die noch am Leben ist.

Am Nachmittag kam die Konferenz zu ihrem Abschluss.

Pr. Alfredo E. Görz.

4

#### TIMBAUVA - BEGRÜSSUNGSGOTTESDIENST



Mit grosser Freude durfte die Gemeinde in Timbauva am 24. März 1989 ihre Boten Br. Bertold Henschel und seine Frau begrüßen. Pr. Vilson Wutzke, Vorsitzender der Deutschen Konferenz, leitete den Begrüssungsgottesdienst. Pr. Aldino Wutzke von der Gemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras, auch Geschwister von der Gemeinde Zoar in Vila Machado und viele Besucher aus verschiedenen Gemeinden waren zu-

gegen, so dass die Kapelle vollbesetzt war. Gott hat uns reichlich gesegnet.

Br. Bertold war 13 Jahre lang Älteste der Gemeinde Zoar in V. Machado, wo er einen guten Dienst tun durfte. Die letzten 6 Jahre wohnte er in Altamira, Pará, und auch dort war er in der Gemeindegemeinschaft tätig. Gott es nun so geführt, dass er jetzt in vollem Dienst der Gemeinde in Timbauva steht.

Bruder Bertold durfte schon einen gesegneten Dienst in der Gemeinde tun. Gott gebrauchte ihn durch Verkündigung, Hausbesuche und Evangelisationen, da sich auch Seelen für Jesus entschieden haben. Wir denken auch bald eine Taufe zu haben. Auch sonstige Dienste, wie Trauung und Beerdigung hat er vollziehen können.

Wir als Gemeinde danken Gott, dass er Geschwister Henschel nach Timbauva geschickt hat, und wir hoffen, dass der Herr uns noch viele gesegnete Jahre mit ihnen schenken wird.

Armino Krause  
Schreiber

5  
DIE GEMEINDE IN NOVA SANTA ROSA HAT NEUEN PASTOR

Fr. Eduino Ikert mit seiner Familie verabschiedeten sich am 1. Januar 1989 von der Gemeinde in Vila Cristal PR, die er von Mai 1981 bis Januar 1989 als Gemeindeprediger betreute, um das Predigeramt in der Gemeinde in Nova Santa Rosa zu übernehmen. Der Einführungsgottesdienst geschah am 19. Februar mit der Mitwirkung von den Pastoren Vilson Wutzke, Vorsitzender der CIBILA, Jonathan Strassburg von der Igreja Batista Pioneira in Nova Santa Rosa und Waldir Littmann von Vila Planalto. Zugegen waren auch der Prefäkt João Modes und Vizeprefäkt Daniel Wutzke (Mitglied der Gemeinde in Nova Santa Rosa) und viele Besucher aus verschiedenen Gemeinden. Pastor Vilson leitete den Gottesdienst; und besondere Grussworte vom Schwesternverein, Jugendverein, Sonntagschule und Chöre wurden an die Predigerfamilie gerichtet. Auch die Pastoren Waldir Littmann und Jonathan Strassburg, und der Prefäkt sprachen Grussworte aus. Zum Schluss sprach Pastor Eduino über das Thema: "Dein Wille Geschehe" anhand des Bibelworts Matthäus 6.10.

Die Gemeinde ist Gott dankbar für den neuen Pastor, der im Laufe des Jahres schon einen guten Dienst in der Gemeinde getan hatte.

Ervino Weiss-Schreiber



6  
"JESUS BETET FÜR UNS"  
SCHWESTERNKONGRESS IN IPIRANGA, PR



Mit dem hohenpriesterlichen Gebet Jesu als Grundgedanke, laut Joh. 17, fand der dritte Schwesternkongress vom 17-20 August in Ipiranga im Rahmen der deutschsprachigen unabhängigen Baptistengemeinden statt.

Die gastgebende Gemeinde scheute nicht die Mühe um die vielen Schwestern aufzunehmen, die von Rio Grande do Sul mit einem Buss kamen und ein anderer Buss vom Westparaná.

Jeden Tag wurden zwei Mahlzeiten in der Küche der Kapelle vorbereitet und **nachts** konnten al-

le Gäste in den Heimen der Geschwister am Ort untergebracht werden.

Siebzehn Vereine waren vertreten, die sich am Programm mit Liedern, Zeugnissen und Gedichten beteiligten. Viel Gesang und Musik gehörte zum Programm, unter der Leitung von Schw. Tania M. Wutzke.

Eines der Höhepunkte waren die Botschaften von Pr. Dorian Schulz. Er sprach über das hohepriesterliche Gebet Jesu. Niemand hatte gedacht, dass aus diesem Gebet soviel auszuschöpfen war. (Alsira L. Görz)

## GEMEINDE BETHEL IN La. DR. PEDERNEIRAS

Im Namen der Gemeinde in La. Dr. Pederneiras, danken wir allen Gästen die an der Jubiläumskonferenz teilgenommen haben. Für uns war es eine Freude das 70jährige Bestehen der Gemeinde gleichzeitig mit dem 50jährigen Bestehen der Konferenz feiern zu dürfen.

Im Laufe des Jahres hatten wir mehrere Evangelisationen, mit den Pastoren Valdir Littmann, Valdi Schmidt und Edemar Just. Auch Pr. Eduino Ikert besuchte uns mit dem Conjunto Maranatha. Bei allen Evangelisationen gab es Entscheidungen für Christus. Am 17. Dezember gedenken wir eine Taufe zu haben. Wir hatten auch die Freude mehrere Geschwister in die Gemeinde wieder aufzunehmen.

Die Verkündigung über die Bedeutung und den Wert des Abendmahls hat viel Segen gebracht. Jugend bemühte sich, mehr für den Herrn zu tun. Pr. Aldino mit Frau haben einen Kursus für die Sonntagschullehrer durchgeführt. Die



Schwesternvereine waren aktiv in der Arbeit, besonders mit dem Besuchsdienst bei Kranken und älteren Geschwistern. Der Posaunen- und Gitarenchor sind aktiv.

Während des Jahres sind einige Geschwister heim gegangen. Br. Edwin Tonn, der einige Jahre als Leiter der Gemeindegemeinde diente, starb während der Konferenz. Auch Schwester Frida Buchholz, Br. Albert Zimmermann und der dreijährige Marcelo Kelm.

Gott sei Dank für allen Segen. Wir rechnen im nächsten Jahr mit weiterem Segen.

Pr. Aldino Wutzke

8

## 25. JUBILÄUM DES SCHWESTERNVEREINS - VILA MACHADO



Am 19. März 1989 durfte der Schwesternverein der Zoar Baptistengemeinde in Vila Machado das 25. Jubiläum feiern.

Zu dieser Feier wurde Schwester Nair Lima eingeladen, die den Schwesternverein ins Leben gerufen hat, als Pr. José Lima damals der Gemeindegemeinde diente. Sie hat wichtige Erinnerungen von dem Anfang der Schwesternarbeit wachgerufen und diente mit dem Wort. Auch die Nach-

barngemeinden mit ihren Schwesternvereinen beteiligten sich am Jubiläumsgottesdienst.

25 Jahre lang segnete Gott diesen Dienst in dem die Schwestern immer aktiv standen und viel für die Mission tun durften.

Wir danken dem Herrn für alles was er während dieser Jahre getan hat und wissen, dass diese Arbeit auch weiterhin ein Segen sein wird.

Maidi B. Wutzke

9

### UNHABHÄNGIGE BAPTISTENGEMEINDE IN V. BRASILIANA

Durch Höhen und Tiefen ging die Gemeindegemeinschaft in V. Brasiliana im Jahr 1989. Ende 1988 verlor die Gemeinde ihren langjährigen Ältesten Bruder Edwin Wutzke, der mit seiner Familie nach Ipiranga zog. Aber der Herr hat die Lücke wieder ausgefüllt mit Br. Sigfried Schulz.

Die Gemeinde hat verschiedene Chöre: Gesangschor, Gitarrenchor, Schwes-ternchor, Jugendchor und auch Sonntagschulchor. Jede Gruppe hat sich am Werke beteiligt.

Die Sonntagschule hat zu Muttertag ein Programm vorgetragen und die Väter überraschten die Mütter mit einem guten Spiessbraten. Die Mütter ihrerseits gaben es zurück indem sie den Vätern an ihrem Tag einen Kaffee mit Kuchen und Torten machten.

Verschiedene Evangelisationen und Gemeindegemeinschaften wurden durchgeführt. Im Juni hatten wir drei Programme mit Pr. Jorge Conçalves von Cascavel. Vom 2-6 August hatten wir eine Ge-

meindegemeinschaft mit einem Prediger aus Blumenau, Fr Ernesto Janzen, der über die Gaben des Geistes sprach und die Gemeinde zur Erweckung aufrief. Im September vom 6-10 hatten wir noch eine Evangelisation mit Pr. Alvin Knispel.

Die Gemeinde hat im letzten Jahr sehr abgenommen an der Gliederzahl, aber man ist erstaunt über den Missionssinn der immer noch da ist. So durfte im Mai Monat ein Erntedankfest gefeiert werden. Ein Teil des Opfers soll für die Anschaffung von Baumaterial verwendet werden, damit in nächster Zukunft eine Eshalle gebaut werden kann.

Am 15. Oktober hatten die Schwestern ein Programm wo viele Besucher von den Gemeinden der Region sich beteiligt haben. Angefertigte Sachen und ein Lunch wurden verkauft.

Möge auch der Herr weiterhin Erweckung schenken damit die Mächte der Finsternis nicht siegen können. Der Herr allein ist Sieger.  
Pr. Alfredo E. Görz.

10

### PASTOR ERNST GERSTBERGER 92 JAHRE

Am 16. Juli 1989 feierte Pastor Ernst Gerstberger seinen 92-jährigen Geburtstag. Wir danken Gott für die vielen Jahre im Reiche des Herrn. Durch seine Wortverkündigung wurden viele Kinder Gottes gesegnet und viele fanden Jesus als ihren Erlöser.

Im Namen unseres deutschen Werkes gratulieren wir dem Jubilanten nachträglich zum Geburtstag und danken für den gesegneten Dienst in den Gemeinden und wünschen ihm weiterhin Gottes reichsten Segen in seinem Ruhestand.

Pr. Vilson Wutzke



### GOLDENE HOCHZEIT

Am 18. Februar hatten Olga und Albert Ikert das Vorrecht ihre goldene Hochzeit im Rahmen ihres Familien- und Freundeskreises zu feiern. Mit einem besonderen Dankgottesdienst, geleitet von Pastor Vilson Wutzke wurde die Feier begangen.

Wir danken dem Herrn für die 50 gesegneten Jahre im Eheleben und wünschen, dass der Herr unsere Eltern weiterhin segnen und sie noch viele Jahre erhalten möchte.

Pr. Eduino Ikert.



11



## SILBERNE HOCHZEIT

Im Juli Monat durfte Pr. Gerhard Rosenbaum mit seiner Familie eine Besuchsreise nach Brasilien und Paraguai machen, da sie auch die Gemeinde Zoar in V. Machado besuchen durften. Eine besondere Freude war es für

die Gemeinde am 29. Juli 1989 die Silberne Hochzeit der Geschwister Rosi und Gerhard feiern zu dürfen. Um 15 Uhr wurde ein Dankgottesdienst für die 25 Jahre ihrer Ehe gehalten, da auch besonders für die Gesundheit der Schwester Rosi gedankt wurde. Nach dem Gottesdienst hat die Gemeinde eine Mahlzeit zubereitet, an der die ganze Gemeinde teilnehmen durfte.

## ANNIE LUIZE, EIN WUNDER GOTTES

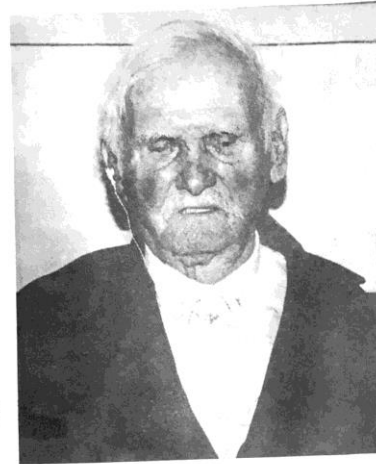
Gott beschenkte unser Heim mit einem Töchterlein, Annie Luize, die am 25. März, vorzeitig, mit Fieber und Lungenentzündung geboren wurde. Der Arzt gab gleich die Hoffnung auf, diesem Kind helfen zu können. Aber viele Geschwister halfen uns im Gebet und es geschah ein Wunder: Jesus heilte das Kind. Der Arzt selbst bezeugte, dass dieses Kind durch ein Wunder geheilt wurde. Wir danken Gott, dass er unsere Gebete erhörte und auch all die uns im Gebet halfen. Heute ist die kleine Annie Luize gesund, hat eine normale Entwicklung und macht viel Freude in unserem Heim.



Pr. Eduino Ikert.

12

## BRUDER REINHARD FIPKE 93 JAHRE



Bruder Reinhard Fipke wurde am 13. Oktober 1896 in Wolynien, Russland geboren. 1912 mit 16 Jahren kam er mit seinen Eltern nach Brasilien. Am 13. Oktober 1989 feierte er sein 93jähriges Geburtstag. Er ist einer von den wenigen Ausländern in unseren Gemeinden. Am seinem Geburtstag hielten wir ein Interview mit ihm, dass wir gerne weiter geben möchten, denn die Geschichte unseres Bruders hat viel Ähnliches mit dem Schicksal unserer Vorfahren.

F. Wie waren die Verhältnisse damals in Russland,

hatten deine Eltern ihr eigenes Land?

A. Es gab damals die Gutbeitzer (wie man sie nannte), die hatten viel Land, aber meine Eltern, so wie auch unsere Nachbarn hatten kein Land, sie bekamen Pachtland, dass sie pflanzen durften.

F. Aus welchem Grund sind deine Eltern aus Russland ausgewandert?

A. Weil da ja keine Möglichkeit bestand zu Land zu kommen und ein Agent von Bremen in Deutschland schickte Propaganda mit Photos von Brasilien, wie dort alles gut wächst und dass man da zu Land kommen könnte. Als meine Eltern und auch unsere Nachbarn das hörten, entschlossen sie sich gleich zur Auswanderung nach Brasilien.

F. Kannst du dich noch erinnern wieviele Familien es waren und deren Namen?

A. Ungefähr 10 Familien. Es waren die Familien: Arnd, Lenz, Wutzke, Rutke, Fipke und Eichel, die kamen alle mit dem selben Schiff.

F. Wie seid ihr nach Bra-

13

silien gereist und wie lange dauerte diese Reise?

A. Von Russland bis Bremerhafen in Deutschland sind wir mit dem Zug gefahren und von dort aus mit dem Schiff. Die Schiffsreise dauerte fast 2 Monate.

F. Im welchem Hafen Brasiliens kamt ihr an?

A. Erstens kamen wir bis Rio de Janeiro, von dort aus bis auf der Blumeninsel wo wir einige Tage warten mussten und dann stiegen wir in ein brasilianisches Schiff ein und kamen nach Porto Alegre an.

F. Wie ging eure Reise weiter in Brasilien bis ihr zum Ziel gekommen seid?

A. Von Porto Alegre sind wir mit dem Zug gefahren. Von dieser Reise möchte ich erst eine Erfahrung erzählen. An einem Morgen kam die Anweisung, dass wir heute weiter reisen dürfen. als wir die Reise antreten wollten, wurde uns mitgeteilt, dass es für heute nicht möglich sei zu reisen. Dann gaben wir uns nächsten Tag auf die Reise und als wir an einen grossen Fluss kamen, sahen wir, dass der Zug mit dem wir zuerst rei-

sen sollten, entgleist war und im Fluss fiel. Waren wir mit dem Zug gefahren, hätten wir alle sterben können, aber Gott lies es nicht zu. Unsere Reise ging weiter bis Ijuí und von da weiter sind wir mit Pferdewagen bis Guarany gefahren. Dort blieben die Mütter mit den Kindern bis die Väter Land fanden; dann ging es weiter bis Silva Jardim und von dort weiter gab es keine Wege mehr. So gingen wir zu Fuss durch den Urwald auf den "Picadas" bis Dois Louros. Da konnten wir in einem "Baracão" wohnen. Die Väter sind dann bis Timbauva gegangen, haben Land angenommen, Wald gehauen und Hütten gebaut. So kamen wir bis Timbauva wo wir unsere Heimstätte gefunden haben.

F. Wie wurden die ersten Hütten gebaut?

A. Mit gespaltenen Palmen wurden die Wände gestellt und mit Palmzweige gedeckt.

F. Gab es denn schon in der Nähe auch ein Geschäft wo ihr Lebensmittel kaufen konntet?

14

A. Das nächstliegende Geschäft war in Ubritama, 13 km. entfernt; und was man dort nicht bekam, das musste man sich in Guarany besorgen. Diesen 40 km langen Weg musste man zu Fuss gehen.

F. Kannst du dich noch erinnern wie die Gemeinde in Timbauva entstanden ist?

A. Es kamen ja Familien von Russland, die Gläubig waren. Die Brüder Adam und Heinrich Koch und Oswald besuchten uns. Die ersten Gottesdienste wurden bei einem gewissen Arndt gehalten. Ich kann noch denken wie es einmal sehr geregnet hat und das Wasser durch die Hütte gelau-

fen ist, dann wurden gespaltene Palmen hingelegt und da haben wir uns hin gekniet zum Gebet. Später wurde die Gemeinde bei Julius Eichelt gegründet.

F. Hättest du noch etwas zu sagen?

A. Wenn es damals auch nicht so gut war und wir so manches durchmachen mussten, so warn wir doch immer froh, glücklich und zufrieden im Urwald. Die Nachbarn waren sich immer einig, und einer konnte dem andern helfen.

Pr. Vilson Wutzke.

#### DER HERR HAT MICH GEHEILT



Als Dankbarkeit für alles was der Herr in meinem Leben getan hat, möchte ich ein Zeugnis geben. Mit 21 Jahren übergab ich mein Leben Jesus und wurde Mitglied der Gemeinde Bethel in La. Dr. Pederneiras. Bald wurde ich als Sonntagsschullehrer gewählt, aber ich konnte nicht lesen und mit dem Wort dienen.

Dann betete ich und der Herr half mir, so, dass ich lesen lernte.

Nach einigen Jahren erkrankte ich an der Lunge und Blutdruck, die Ärzte konnten mir nicht helfen. Ein Bruder sagte, es gebe ein Mann zu dem man nur ein Hemd schiken brauchte, dann bekommt man Medizin und wird gesund. Ich sagte, dann will ich lieber sterben als auf diese Art ge-



15

sund zu werden. In diesem Augenblick nahm mir Gott die Schmerzen weg und nach einer Zeit durch viel Gebet wurde ich geheilt.

Nach mehreren Jahren stellte sich die Zuckerkrankheit bei mir ein und im letztem Jahr wurde es immer schlechter. Der Arzt sagte, er könne mir nicht helfen, er wird mich nach Porto Alegre zu einem Spezialarzt schicken. Aber ich dachte, wir haben doch einen besseren Arzt welcher ist Jesus. Ich bat Pr. Aldino und die Gemeinde für mich zu beten. Bei einer Abendmahlsfeier betete die Gemeinde beson-

ders für mich. Nach dieser Abendmahlsfeier gab Pr. Aldino auch mir das Abendmahl auf meinem Krankenlager und betete. Gott erhörte uns und nahm die Schmerzen, der Zucker ist normal und die Wunde bald heil. Jetzt darf ich wieder nach einem langen Krankenlager das Abendmahl mit der Gemeinde feiern. Manche, wenn sie krank sind, suchen woanders die Heilung und oft auf falsche Weise. Aber ich möchte dir sagen, wenn du krank bist, so sag es deiner Gemeinde und deinem Pastor; sie werden für dich beten und du wirst gesund werden.

Alfredo Schönwald.

#### GEDANKEN

Willst du die Früchte der Sünde nicht schmecken, musst du den Obstgarten des Teufels meiden.

Willst du andere aufheben, musst du stärker sein als sie.

Wer Gott am Morgen davonläuft, läuft Gefahr, ihm tagsüber überhaupt nicht mehr zu begegnen.

Das Barometer zeigt das Wetter an, die Freigebigkeit die Liebe zu Gott und den Menschen.

Wenn sie versucht sind, andere Menschen an ihre Vergangenheit zu erinnern, dann bitten Sie Gott, er möge Ihnen ihre eignen Sünden ins Gedächtnis rufen.

(Aus Brot Zum Leben)

16

#### VERSCHIEDENES IN SCHLAGZEILEN

VILA CRISTAL: Mit grosser Freude erwartet die Gemeinde Bethel in Vila Cristal ihren neuen Boten Valdir Bieler und seine Familie. Der Begrüssungsgottesdienst soll am 24. Dezember stattfinden.

SINOP: Pastor Alvino Knispel und Familie werden anfangs 1990 nach Sinop MT gehen um dort den Dienst der Gemeinde zu übernehmen. Im Namen der CIBILA danken wir Pr. Alvino für den guten Dienst in den Gemeinden in Paraguai und wünschen ihm Gottes reichsten Segen in der neuen Arbeit.

GUAJORY: Am 4. Juni wurde die Gemeinde Bautista Betel in Guajory, Paraguai, gegründet und die neue Kapelle eingeweiht. Wir wünschen der neuen Gemeinde Gottes Segen und einen guten Zuwachs.

JARAGUÁ DO SUL: Pastor Eduino Ikert und der Missionssekretär Pr. José Taborda, besuchten mehrere Geschwister in Jaraguá

do Sul SC, die den Wunsch haben dort eine neue Arbeit ins Leben zu rufen.

GEBURTSTAG: Am 16 September feierte Pr. Gregor Allerth seinen 50. Geburtstag. Im Auftrag unserer CIBILA möchten wir dem Jubilanten nachträglich herzlich gratulieren. Bruder Allerth ist zur Zeit in Schweden, wo er einen Gemeindedienst tut.

PREDIGERTREFFEN: Vom 4-8 Oktober konnte das Predigertreffen der CIBILA in V. Pratos stattfinden. Miss. Stig Levin diente als Redner. An den Abenden durften gesegnete Gottesdienste gehalten werden. Wir danken den Geschwistern in V. Pratos für die gute Aufnahme der Pastoren.

TAUFE: Am 03. Dezember hatte die Gemeinde Zoar in Vila Machado, die Freude eine Taufe zu vollziehen mit 15 Täuflingen. 6 waren von Vila Machado, 4 von Vila Pratos und 5 von Tuparendi.

17

## KAPELLENEINWEIHUNG IN TUPINAMBÁ PR.



Mit grosser Freude durfte die Gemeinde in Tupinambá - PR, am 18. Juni ihre neue Kapelle einweihen. Mehrere Pastoren wirkten an dieser Feier mit. Miss. Nils Skare wurde als Redner eingeladen.

Die alte Kapelle lag etwas entfernt von dem Hauptort, die neue wurde auf einem sehr geeigneten

Platz in Tupinambá gebaut. Wir danken unserem Herrn für die Möglichkeiten, die er uns gab dieses Gottes Haus bauen zu können und hoffen, dass die Gemeinde einen guten Zuwachs erleben wird, denn die Gottesdienste sind immer gut besucht.

Pr. Willi Schmidt.

18

## CAMPO DE MISSÕES EM SINOP MT



Com alegria queremos relatar sobre nosso campo de Missões na cidade de Sinop, MT, onde o Pr. Armindo Jeske está trabalhando. Durante os dias 27-30 de abril de 1989 tivemos a oportunidade de visitar aquele campo juntamente com o Pr. Alvino Knispel. Podíamos ver a operação de Deus e sentir de perto as necessidades daquele trabalho.

De quinta-feira a sábado tivemos cultos evangelísticos. No dia 30 de abril, domingo a tarde,

foi realizado um batismo com 7 novos irmãos e à noite, num clima muito abençoado, foi organizada a Igreja Batista Independente de Sinop com 75 membros.

A igreja de Sinop é muito animada, onde não falta música e louvor. Ela tem um bom coral regido pelo irmão Ademar Tietz e uma banda de sopro regida pelo irmão Darci Weber.

Em setembro de 1989 recebemos o seguinte relatório do Pr. Armindo. "No dia 19 de agosto com muita alegria foi inaugurado o novo

19



templo. Foi um dia de festa com a participação de várias igrejas da cidade e de um grupo de irmãos da congregação de Lucas do Rio Verde. O templo foi construído pela fé, no dia da inauguração estava tudo pago.

A igreja de Sinop já mantém uma congregação em Lucas do Rio Verde. A prefeitura daquela cidade doou 2 terrenos para a construção de um templo. Logo iremos iniciar a construção e em 60 dias queremos inaugura-la. Tivemos uma campanha evangelística com a participação do coral



e da banda de Sinop. O prefeito com seus secretários também se fizeram presentes. Precisamos de um obreiro para o ano que vem em Lucas do Rio Verde para continuar com este trabalho tão próspero.

Os irmãos de Sorriso estão clamando para iniciar um novo trabalho. Em Santa Helena, a 100 km de Sinop, também há irmãos pedindo auxílio. Em Guarantã, para onde se mudaram três famílias da igreja de Cuiabá, desejam que comecemos um trabalho naquela cidade. As necessidades realmente são muito grandes aqui." Até aqui o relatório do Pr. Jeske.

Com imensa satisfação podemos dizer que no início de 1990 o Pr. Alvin Knispel com sua família vai mudar-se para Sinop e assumir o pastorado da igreja. Pastor Armino vai continuar como evangelista do campo para iniciar novos trabalhos. A ida

20

do Pastor Alvin com suas experiências vai fortalecer o trabalho, mas precisamos de mais um obreiro em Lucas do Rio Verde, como já foi mencionado acima. Vamos continuar orando e contribuindo para o

campo na região de Sinop, pois é um grande desafio para as igrejas da CIBILA e para a Convenção Batista Independente. "Vamos trabalhar enquanto que é dia eis que vem a noite quando ninguém mais pode trabalhar."

Pr. Wilson Wutzke.

#### IGREJA BATISTA BETEL DE SANTA ROSA DEL MONDAY



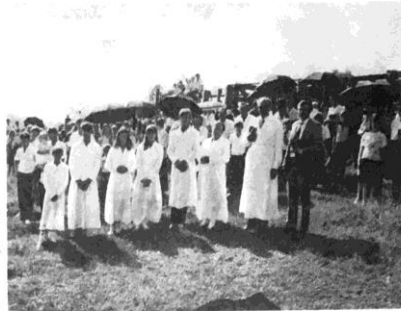
Agradecemos a Deus pelo tempo da Graça, quando podemos ver vidas aceitando Jesus como seu Salvador, que se prontificam a segui-lo. Foi assim que comecemos o ano de 1989 realizando um batismo com 6 novos irmãos convertidos, que per-

manecem firmes no Senhor.

No dia 12 de março a igreja com alegria pôde realizar o culto de ordenação ao Santo Ministério da Palavra do irmão Edemar Just, que já estava servindo há mais de um ano. Participaram do culto de

21

ordenação os pastores do Paraguai, Alvino Knispel, presidente do Trabalho no Paraguai; Fredolino Isbrecht, Arneldo Wrubel, Ari Fipke, Idalino Lopes, Ismael Miranda, evangelista Felipe e Pastor Vilson Wutzke, presidente da CI-BILA que entregou a mensagem de Deus.



Durante o ano tivemos várias campanhas evangelísticas. A primeira, no mês de abril, com o Pastor Waldir Littmann. A segunda, no mês de agosto em Curupaity com o Pastor Aldino Wutzke; e a última em setembro, em Santa Rosa del Monday, com o Pastor Eduino Ikert. Todas estas campanhas foram abençoadas, e houve salvação de almas.

No mês de julho a igreja teve o privilégio de receber a Escola Bíblica em Santa Rosa del Monday, que antes sempre se realizava em Coronel Oviedo. Serviram como professores; Mis. Stig Levin, de Porto Alegre - RS, e Pr. Arneldo Wrubel, de Coronel Oviedo. Foram dias abençoados na presença de Deus.

No dia 17 de setembro, com muito louvor e oração, a igreja de Curupaity pôde realizar o ato solene de lançamento da pedra fundamental do novo templo. Foi um dia importante para a igreja onde todos unidos em oração colocaram esta obra nas mãos de Deus. Participaram deste culto o Pr. Alvino Knispel, Pr. Eduino Ikert, que entregou a mensagem do Senhor, Pr. Ari Fipke e um grande número de irmãos da igreja e de visitantes. Hoje o templo já está levantado e com a ajuda de Deus logo queremos concluir esta obra.

Agradecemos a Deus pelo ano de 1989 e podemos dizer que Deus nos tem abençoado grandemente.

Pr. Edemar Just.

22

## IGREJA BATISTA BETEL DE NARANJAL



Tivemos um ano abençoado, Também houve problemas e dificuldades, mas as bênçãos e vitórias foram maiores.

Pela graça de Deus foi possível realizar quatro campanhas de evangelização. A primeira em Naranjal, com o Pr. Dorian Schulz durante os dias 25-30 de abril. A segunda, no ponto de pregação em V. Aurora com o Pr. Alvino Knispel, durante os dias 14-18 de junho. A terceira, também em V. Aurora, com Pr. Edemar Just, nos dias 6-10 de setembro; e a quarta, nos dias 24-29 de outubro em Naranjal com o Pr. Eldor Sakvil. Todas estas campanhas foram abençoadas e serviram de edificação e re-

novo para a igreja. Houve salvação de almas e muitos foram renovados.

Também foi possível realizar dois batismos durante o ano. O primeiro, no dia 24 de março em Naranjal com oito irmãos, sendo o oficiante o Pr. Alvino Knispel. O segundo, no dia 1 de outubro em V. Aurora, com 5 irmãos, oficiado pelo Pastor Ari Fipke. Temos mais um grupo de decididos, e se for possível, teremos mais um batismo neste ano.

Deus também abençoou a igreja materialmente. Uma grande bênção foi a construção da casa pastoral no ano passado, embora não tenha sido concluída, já foi possível ser ocupada pela família pastoral. Outra bênção foi a doação, feita por um irmão, de um carro para a igreja, que facilitou muito o trabalho.

Agradecemos ao Senhor pelas bênçãos recebidas durante o ano de 1989.

Pr. Ari Fipke.

CONGRESSO DE JOVENS MOBILA

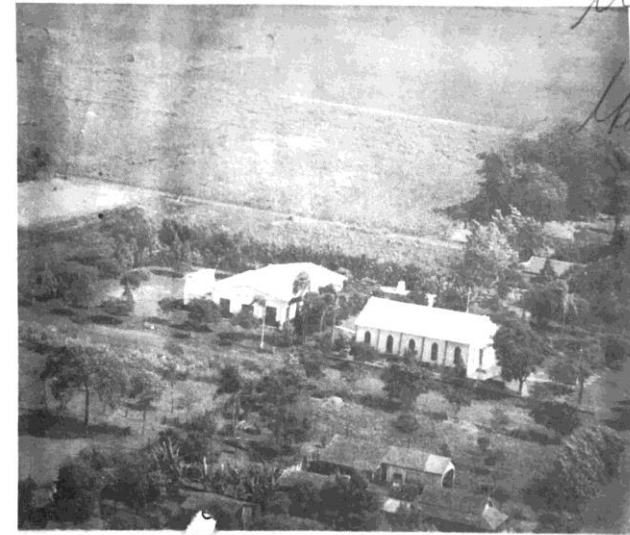


Entre os dias 18 e 23 de julho, a igreja Batista Independente de Nova Santa Rosa, PR, hospedou o Congresso Nacional de jovens das igrejas de língua alemã. Este congresso foi um marco no trabalho entre os jovens da Cibila, pois nasceu o desejo de um congresso desta natureza a cada dois anos, que será realizado alternadamente entre os Estados do Rio Grande do Sul e Paraná. Elegu-se uma diretoria para coordenar o Congresso Bienal, tendo a sua frente o Pastor Eduino Ikert.

Congresso de mocidade entre as igrejas de língua alemã é acontecimento que teve seu início há 52 anos no Estado do Rio Grande do Sul. Durante esse tempo os batistas independentes que se reúnem nessas igrejas se espalham por toda a região Sul, Mato Grosso e Paraguai. Para os trabalhos deste ano vieram jovens dos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul e também do Paraguai. Deus visitou os jovens reunidos, as palestras,

estudos bíblicos e o louvor foram verdadeiros momentos de grande enlevo espiritual. Foi coordenador do congresso o Pr. Vilson Wutzke, tendo como conferencista o secretário de missões da CIBI, Pr. José Aldoir Taborda, falando sobre o tema geral: Batalha espiritual. Pr. Alfredo E. Görz. (Transcrito do Luz Nas Trevas)

*Transcrito*  
CIBILAKONFERENZ IN VILA PLANALTO-PR.



*Wald*  
*Wald*  
*Wald*  
er  
Die Gemeinde Salem in Vila Planalto, bereitet sich **vor**um die Deutsche Konferenz aufzunehmen, die vom 23-28 Januar 1990 in Vila Planalto Pr. stattfinden wird. Leitthema: "DIE HEILIGKEIT GOTES". Konferenzredner: Pastor Dorian Schulz.

Wir erwarten, dass viele Teilnehmer zur Konferenz kommen und dass wir eine gesegnete Konferenz haben werden.

## ANEXO F – PASTORES E MISSIONÁRIOS DA CIBILA

Pastores e Missionários envolvidos com os trabalhos da CIBILA		
NOMES	ANO	TRABALHOS
Erik e Anna Jansson	1912	Missionário sueco que deu início dos trabalhos entre os suecos e alemães.
Henrique Koch	1933	Agricultor austríaco que auxiliou Jansson no atendimento aos novos convertidos e que mais tarde se torna pastor das igrejas.
Johann Konrad	1915	Colono alemão que recebeu auxílio da missão para realizar o trabalho de evangelista entre os imigrantes.
Hieronimus Krapp	1920	Agricultor e pastor que auxiliou a cuidar das primeiras igrejas plantadas.
Alfredo e Emma Winderlich	1926	Missionários alemães enviados pela missão sueca para auxiliar nos trabalhos das igrejas em surgimento no Brasil
Ernesto Gerstberger	1931	Agricultor que foi ordenado como pastor para cuidar das primeiras igrejas surgidas pelo processo migratório.
Gunnar e Anna Sjöberg	1930	Missionários suecos que trabalharam em Ijuí, mas atendiam esporadicamente as igrejas alemãs.
Roberto Busch	1952	Atuou como evangelista por muitos anos, recebendo convite para pastorear a igreja da Linha Timbaúva em 52.
Heinz e Dorotéia Voss	1958	Missionário alemão enviado pela missão sueca para pastorear as igrejas alemãs.
José e Nahyr Lima	1961	Trabalhou inicialmente em Ijuí e depois nas igrejas alemãs. Foi importante elo entre as igrejas batistas independentes alemãs e as demais espalhadas pelo Brasil.
Gregor e Marie Allerth	1964	Missionários enviados para o Brasil pela missão sueca para o trabalho entre as igrejas.
Gerhard e Rosi Rosenbaum	1966	Missionários alemães que trabalharam entre as igrejas no Brasil e no Paraguai, onde fundaram a creche e o seminário. Junto com o missionário Heinz Voss e o pastor José Lima, viajou pelo Brasil com o trio Vozes da Salvação.
Samuel e Karolin Högberg	196?	Missionários finlandeses que trabalharam nas igrejas alemãs e participaram de um grupo musical que lançou um LP denominado “Vem Cantar Conosco”.

<p>Carlos Welander, Carlos e Esther Sundbeck, Nils Angelin, Runne Sodeberg, John Sjöberg, Olavo e Stina Berg, Alcides e Annie Orrigo, Roberto Wilnerzon e Nils Sköre</p>	<p>-</p>	<p>Misionários que trabalharam em igrejas e campos missionários Batistas Independentes e que contribuíram de forma esporádica com trabalhos entre os alemães, auxiliando de alguma forma as igrejas por eles constituídos.<sup>1094</sup></p>
--	----------	---

---

<sup>1094</sup> WUTZKE, Vilson. Primórdios: Suécia e Brasil. **BI**, n. 56, ano 22, out./dez. 2011, p. 12-18.